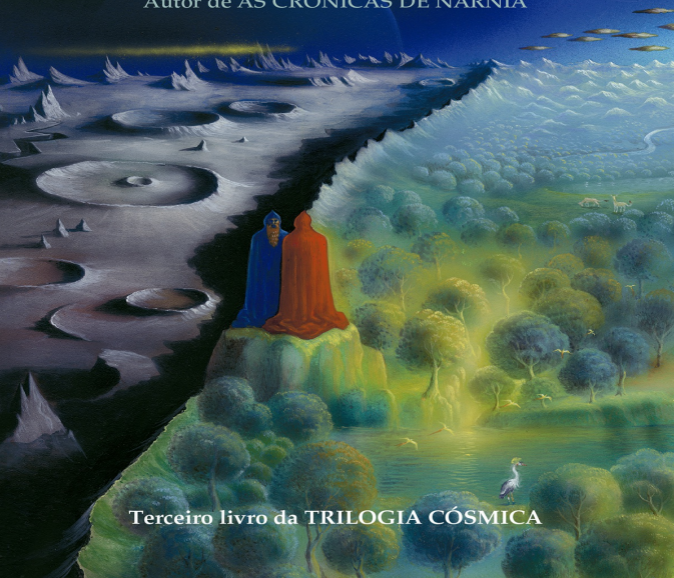


# UMA FORÇA MEDONHA

C.S. LEWIS

Autor de AS CRÔNICAS DE NÁRNIA



Terceiro livro da TRILOGIA CÔSMICA

**UMA FORÇA MEDONHA**  
Um conto de fadas moderno para adultos

C. S. Lewis

Tradução de  
Waldéa Barcellos



*wmf* **martinsfontes**

SÃO PAULO 2013

“A Sombra de uma força medonha  
com quase dez quilômetros de extensão.”

SIR DAVID LINDSAY: de *Ane Dialog*  
(descrevendo a Torre de Babel)

PARA  
J. McNEILL

## Sumário

### *Prefácio*

1. Venda de propriedade da faculdade
2. Jantar com o subdiretor
3. Belbury e St. Anne's on the Hill
4. A liquidação de anacronismos
5. Elasticidade
6. Nevoeiro
7. O Líder Supremo
8. Luar sobre Belbury
9. A cabeça do sarraceno
10. A cidade conquistada
11. Início da batalha
12. Noite de vento e chuva
13. Fizeram a Imensidão dos Céus desabar sobre a própria cabeça
14. “A vida real é o encontro”
15. A descida dos deuses
16. Banquete em Belbury
17. Vênus em St. Anne's

## Prefácio

Chamei este livro de conto de fadas na esperança de que aqueles que não gostam de fantasia não sejam persuadidos a continuar sua leitura, pelos dois primeiros capítulos, para depois virem queixar-se decepcionados. Se me perguntarem por quê, se eu pretendia escrever sobre magos, demônios, animais treinados e anjos planetários, ainda assim começo com cenas e pessoas tão enfadonhas, respondo que estou seguindo a tradição dos contos de fadas. Nem sempre percebemos seu método, porque os chalés, castelos, lenhadores e reizes com que um conto de fadas tem início se tornaram para nós tão remotos quanto as bruxas e os ogros que nele são descritos, embora não fossem de modo algum remotos para os homens que criaram e inicialmente apreciaram os contos. Com efeito, eles eram mais realistas e corriqueiros do que a Faculdade de Bracton é para mim: pois muitos camponeses alemães de fato conheceram madrastras cruéis, ao passo que nunca, em nenhuma universidade, deparei com uma faculdade como Bracton. Esta é uma história incrível sobre a perversidade, não obstante subjacente a ela exista um “ponto” sério que tentei esclarecer em minha *A abolição do homem*<sup>1</sup>. Na história, era preciso mostrar os limites dessa perversidade tocando a vida de algumas pessoas de profissão normal e respeitável. Escolhi minha própria profissão, não por acreditar que pesquisadores de faculdade tenham maior probabilidade de se deixar corromper do que qualquer outra pessoa, e sim porque a minha profissão é a única que conheço suficientemente bem para poder escrever sobre ela. Foi imaginada uma universidade muito pequena porque ela proporciona certas conveniências para a ficção. Além de seu tamanho, Edgestow não tem nenhuma semelhança com Durham – universidade com a qual minha ligação foi sempre agradável.

Acredito que uma das ideias centrais desta história surgiu na minha cabeça a partir de conversas que tive com um colega da área científica, algum tempo antes de encontrar uma sugestão bastante similar na obra do senhor Olaf Stapledon. Se eu estiver equivocado, o senhor Stapledon é tão rico em criatividade que bem poderia se dar ao luxo de me emprestar alguma, e eu admiro tanto sua criatividade (se bem que não sua filosofia) que não sentiria nenhuma vergonha de tomá-la por empréstimo.

Quem quiser aprender mais sobre Numinor<sup>2</sup> e o Ocidente Verdadeiro deverá (infelizmente!) aguardar a publicação de grande parte do que ainda existe apenas

em manuscrito de meu amigo, o professor J. R. R. Tolkien.

O período em que esta história se situa é alguma época “depois da guerra”. Ela conclui a trilogia da qual *Além do planeta silencioso* foi o primeiro volume, e *Perelandra*<sup>3</sup> o segundo, mas pode ser lida isoladamente.

C. S. LEWIS  
Magdalen College,  
Oxford.  
Véspera do Natal, 1943.



## Venda de propriedade da faculdade

“O matrimônio foi instituído, em terceiro lugar”, disse Jane Studdocka si mesma, “pelo companheirismo, ajuda e conforto mútuos que um cônjuge deveria receber do outro.” Ela não ia à igreja desde o tempo de escola, até seis meses antes, quando entrou em uma para se casar. E as palavras da cerimônia não lhe saíam da cabeça.

Pela porta aberta, ela via a cozinha minúscula do apartamento e ouvia o tique-taque alto, indelicado, do relógio. Acabava de sair da cozinha e sabia como estava limpa. Tinha lavado a louça do café da manhã; estendido os panos de prato acima do fogão; limpado o chão com um pano úmido. As camas estavam feitas e os cômodos, “arrumados”. Acabara de voltar das únicas compras que precisava fazer naquele dia, e ainda faltava um minuto para as onze. A não ser pelo preparo do seu almoço e chá, não havia nada a fazer até as seis da tarde, mesmo supondo que Mark realmente viesse jantar em casa. Mas hoje havia uma reunião do corpo docente. Era quase certo que ele iria ligar por volta da hora do chá para dizer que a reunião iria se prolongar mais do que o esperado e que teria de jantar na faculdade. As horas à sua frente estavam tão vazias quanto o apartamento. O sol brilhava, e o relógio tiquetaqueava.

– Companheirismo, ajuda e conforto mútuos – disse Jane, com amargor. Na realidade, o casamento se revelara uma porta de saída de um mundo de trabalho, camaradagem, risos e milhões de coisas para fazer, e uma porta de entrada em algo que se assemelhava a uma cela solitária. Em todos esses anos, ela nunca desfrutara tão pouco da companhia de Mark como nos seis últimos meses. Mesmo quando estava em casa, ele praticamente não conversava. Sempre estava com sono ou absorto em questões intelectuais. Enquanto eram amigos, e mais tarde quando se tornaram amantes, a vida parecia curta demais para tudo o que tinham a dizer um ao outro. Mas agora... por que ele tinha se casado com ela? Será que ainda estava apaixonado? Se fosse assim, “estar apaixonado” devia significar coisas totalmente diferentes para homens e mulheres. Será que todas as conversas intermináveis que, antes do casamento, lhe pareciam o meio de comunicação do amor nunca foram para ele mais do que preliminares?



– Aqui estou eu, começando a desperdiçar mais uma manhã no mundo da lua – disse Jane a si mesma, rispida. – *Preciso* trabalhar um pouco.

Por trabalho, ela queria dizer sua tese de doutorado sobre Donne. Sua intenção sempre fora dar continuidade à sua carreira acadêmica depois de casada. Esse era um dos motivos para não terem filhos, pelo menos não por um bom tempo. Talvez Jane não fosse uma pensadora muito original; e seu plano consistia em dar grande realce à “triumfal defesa do corpo” por Donne. Ela ainda acreditava que, se apanhasse todos os seus cadernos e edições e realmente se dedicasse, poderia se forçar a sentir novamente o entusiasmo perdido pelo tema. Mas antes de fazer isso – talvez para postergar o momento de iniciar –, ela virou um jornal que estava em cima da mesa e olhou de relance para uma fotografia na última página.

No instante em que viu a fotografia, ela se lembrou do sonho. Não só do sonho como do período indefinido de tempo, depois que saiu de mansinho da cama e ficou sentada à espera do primeiro sinal da manhã, com medo de acender a luz e Mark acordar e reclamar, mas de todo modo se sentindo ofendida pelo som de sua respiração regular. Mark dormia muito bem. Somente uma coisa parecia ser capaz de mantê-lo acordado depois que ele estava na cama, e mesmo assim não por muito tempo.

O terror desse sonho, como o terror da maioria dos sonhos, dissolve-se com o relato, porém é necessário registrá-lo por conta do que aconteceu mais tarde.

Ela começou sonhando simplesmente com um rosto. Era um rosto de aparência estrangeira, com barba, e bastante amarelado, nariz adunco. Sua expressão era assustadora porque o rosto estava assustado. Ele estava de queixo caído, os olhos fixos, como Jane tinha visto os olhos de outros homens, fixos por um segundo ou dois, diante de um choque repentino. Mas esse rosto parecia enfrentar um choque que já durava algumas horas. E então, aos poucos, ela começou a perceber mais detalhes. O rosto pertencia a um homem que estava sentado encolhido num canto de um quartinho quadrado de paredes caiadas, à espera, pensou ela, de que aqueles que comandavam sua vida entrassem e fizessem algo horrível. Por fim, a porta se abriu, e um homem de boa aparência, com uma barba grisalha pontuda, entrou. O prisioneiro pareceu reconhecê-lo, e os dois se sentaram juntos e começaram a conversar. Em todos os sonhos que Jane tivera até então, ou se entendia o que as pessoas diziam, ou não se ouvia nada. Nesse sonho, contudo – e isso contribuiu para seu realismo extraordinário –, a conversa era em francês, e Jane entendia partes dela, mas não tudo, exatamente como teria acontecido na vida real. O visitante estava dizendo ao

prisioneiro alguma coisa que aparentemente deveria soar como uma boa notícia. De início o prisioneiro olhou para cima com um relance de esperança nos olhos e disse “*Tiens... ah..., ça marche*” [Veja (isso)... ah..., funciona]; entretanto titubeou e mudou de ideia. O visitante continuou a defender seu ponto de vista, com voz baixa e fluente. Era um homem de boa aparência, dono de um estilo bastante frio, mas usava pincenê, e as lentes não paravam de refletir a luz de um modo que tornava seus olhos invisíveis. Isso, associado à perfeição quase artificial de seus dentes, transmitiu a Jane uma impressão desagradável. E essa impressão foi agravada pela aflição crescente e, por fim, pelo terror do prisioneiro. Ela não conseguiu discernir o que exatamente o visitante estava propondo, mas descobriu, sim, que o prisioneiro estava condenado à morte. Qualquer que fosse a oferta feita pelo visitante, era algo que o apavorava mais do que a morte. A essa altura, o sonho abandonou toda a falsa aparência de realismo e se tornou um pesadelo comum. O visitante, ajeitando seu pincenê e ainda dando um sorriso frio, segurou a cabeça do prisioneiro entre as mãos. Ele a girou com força, exatamente como Jane tinha visto no último verão uns homens girarem com brusquidão o capacete na cabeça de um mergulhador. O visitante desatarraxou a cabeça do prisioneiro e a levou embora. Depois tudo se tornou confuso. A cabeça ainda era o centro do sonho, mas era totalmente diferente: uma cabeça com uma longa barba branca toda coberta de terra. Ela pertencia a um velho que algumas pessoas desenterravam numa espécie de cemitério de igreja, um tipo de homem britânico antigo, druidico, usando um longo manto. De início Jane não se incomodou muito com isso porque achou que se tratava de um cadáver. E então, de repente, ela percebeu que aquela coisa antiga estava voltando à vida. “Cuidado!”, gritou ela no sonho. “Ele está vivo. Parem! Parem! Vocês vão acordá-lo.” Mas eles não pararam. O velho enterrado se sentou e começou a falar em alguma língua vagamente semelhante ao espanhol. E por algum motivo isso deixou Jane tão assustada que ela acordou.

Esse foi o sonho – não pior, embora também não melhor, que muitos outros pesadelos. No entanto, não foi a mera lembrança de um pesadelo que fez a sala de estar do apartamento balançar diante dos olhos de Jane e que a levou a se sentar depressa com medo de cair. O problema estava em outra parte. Lá, na última página do jornal, via-se a cabeça que estivera presente no seu pesadelo: a primeira cabeça (se é que houvera duas), a cabeça do Prisioneiro. Com extrema relutância, ela pegou o jornal. EXECUÇÃO DE ALCASAN era a manchete, e abaixo dela se lia: CIENTISTA BARBA-AZUL VAI PARA A GUILHOTINA. Ela se lembrou de ter acompanhado o caso sem muito interesse. Alcasan era um

radiologista ilustre de um país vizinho, descendente de árabes, diziam, que tinha encerrado precocemente uma carreira brilhante sob outros aspectos, ao envenenar a mulher. Era essa então a origem do sonho. Ela devia ter visto a foto no jornal – o homem sem dúvida tinha um rosto muito desagradável – antes de ir dormir. Mas não, não podia ser. O jornal que Jane segurava era o daquela manhã. É claro que havia alguma fotografia anterior que ela viu e da qual se esqueceu. Provavelmente de semanas atrás, quando o processo começou. Era bobagem permitir que aquilo a abalasse tanto. E agora, Donne. Vejamos, onde estávamos? O trecho ambíguo no final de *Alquimia do amor*

*Não esperes inteligência nas mulheres; em sua maior graça e doçura, elas não passam de múmias animadas.*

“Não esperes inteligência nas mulheres.” Algum homem realmente *queria* inteligência nas mulheres? Essa não era a questão.

– *Preciso* recuperar minha capacidade de concentração. – disse Jane, e então... – Será que houve uma foto anterior de Alcasan? Supondo...

Cinco minutos mais tarde, ela tirou todos os livros da sua frente, foi até o espelho, pôs o chapéu e saiu. Não sabia ao certo aonde estava indo. A qualquer lugar, para sair daquela sala, daquele apartamento, daquele prédio inteiro.



Enquanto isso, Mark estava seguindo até a Faculdade de Bracton, pensando num assunto muito diferente. Ele não percebia a beleza matutina da pequena rua que o conduzia do subúrbio na encosta do morro arenoso onde ele e Jane moravam até a parte acadêmica no centro de Edgestow.

Embora eu seja cria de Oxford e goste muito de Cambridge, para mim Edgestow é mais bonita que as duas. Para começar, é uma cidade muito pequena. Nenhum fabricante de automóveis, de salsichas ou de geleias chegou aqui para industrializar a cidadezinha que sedia a universidade, e a universidade em si é minúscula. Além de Bracton e da faculdade feminina do século XIX, do outro lado da ferrovia, há somente duas faculdades: Northumberland, situada abaixo de Bracton à margem do rio Wynd, e Duke, de frente para a abadia. Bracton não tem curso de graduação. Ela foi fundada em 1300 para subsidiar dez eruditos cujos deveres consistiam em orar pela alma de Henrique de Bracton e

estudar as leis da Inglaterra. O número de pesquisadores aumentou gradativamente para quarenta, dos quais somente seis (exceto o detentor da cátedra de Bacon) estudam Direito, e é possível que nenhum deles ore pela alma de Bracton. Mark Studdock era sociólogo e tinha sido escolhido para uma bolsa de pesquisas nessa área cinco anos antes. Ele estava começando a se ajustar ao novo ambiente. Se tivesse tido a menor dúvida a esse respeito (o que não era o caso), ela teria sido deixada de lado quando por acaso ele topou com Curry bem em frente à agência dos Correios e viu como este achou natural que ambos fossem andando juntos até a faculdade, conversando sobre a pauta da reunião. Curry era o subdiretor de Bracton.

– É – disse Curry –, vai ser demoradíssima. É provável que continue depois do jantar. Nós vamos ter todos os obstrucionistas se esforçando muito para perder tempo. Felizmente, isso é o pior que eles podem fazer.

Pelo tom da resposta de Studdock, ninguém teria imaginado o prazer intenso que ele extraiu do uso por parte de Curry do pronome “nós”. Ainda muito recentemente, ele era alguém “de fora”, que observava com espanto e pouco entendimento as atividades do que costumava chamar de “Curry e sua turma”, e nas reuniões do corpo docente fazia discursos curtos, nervosos, que nunca influenciavam o curso dos acontecimentos. Agora ele estava incluído; e “Curry e sua turma” tinham se tornado “nós” ou o “Elemento Progressista na Faculdade”. Tudo tinha acontecido muito de repente e ainda lhe dava um gostinho especial.

– Então, você acha que vai passar? – disse Studdock.

– Com toda certeza – disse Curry. – Temos o diretor, o tesoureiro e todo o pessoal de Química e Bioquímica pra começar. Sondei Pelham e Ted, e eles são confiáveis. Conseguí fazer Sancho acreditar que entendeu a questão e que é a favor dela. É provável que Bill Nevasca aja de modo bastante devastador, mas ele deve apoiar nosso lado, se for preciso votar. Além disso, eu ainda não lhe disse. Dick estará presente. Ele chegou a tempo para o jantar ontem à noite e logo começou a trabalhar.

A mente de Studdock rodava, na aflição de buscar um modo seguro para ocultar o fato de que ele não sabia quem era Dick. Na hora H, ele se lembrou de um colega muito pouco conhecido, cujo nome de batismo era Richard.

– Telford? – disse Studdock, intrigado. Ele sabia muito bem que Telford não podia ser o Dick a quem Curry se referia e, por isso, deu um tom ligeiramente cômico e irônico à pergunta.

– Meu Deus! Telford!! – disse Curry, com uma risada. – Não. Estou falando

de lorde Feverstone: Dick Devine, como era conhecido antes.

– Fiquei um pouco *desconcertado* com a ideia de Telford – disse Studdock, rindo junto. – É bom que Feverstone venha. Eu não o conheço pessoalmente, sabe?

– Ah, mas você precisa conhecê-lo – disse Curry. – Olhe, venha jantar em meus aposentos hoje à noite. Eu o convidei também.

– Seria um grande prazer – disse Studdock, com sinceridade. E então, depois de uma pausa: – Por sinal, suponho que a posição de Feverstone esteja bem assegurada.

– Como assim? – perguntou Curry.

– Bem, não sei se você se lembra, mas houve questionamentos ao fato de que alguém que passava tanto tempo longe pudesse continuar com uma bolsa de pesquisa.

– Ah, você está falando de Glossop e toda aquela balbúrdia. Aquilo não vai dar em nada. Você não achou que era pura balela?

– Cá entre nós, sim. Mas confesso que, se me mandassem explicar *em público* exatamente por que um homem que está quase sempre em Londres deveria continuar como pesquisador em Bracton, eu não consideraria a tarefa de fácil execução. Os verdadeiros motivos são do tipo que Watson chamaria de “imponderáveis”.

– Não concordo. Eu não faria a menor objeção de explicar em público os verdadeiros motivos. Não é importante para uma faculdade como esta ter contatos influentes com o mundo exterior? É bem provável que Dick faça parte do próximo ministério. Mesmo agora, Dick em Londres já foi muito mais útil para a faculdade do que Glossop e meia dúzia de outros como ele, que estão sentados parados aqui a vida inteira.

– É. É claro, essa é a questão. Mas seria um pouco difícil apresentá-la dessa forma numa reunião do corpo docente da faculdade.

– Há um detalhe – disse Curry, num tom levemente menos íntimo – que você talvez devesse saber a respeito de Dick.

– E qual seria?

– Foi ele quem conseguiu a sua bolsa de pesquisa aqui.

Mark calou-se. Não gostava de coisas que o lembrassem de que no passado estivera fora do Elemento Progressista – fora até mesmo do corpo docente. Ele não gostava muito de Curry. Seu prazer em estar com ele não era esse tipo de

prazer.

– É – disse Curry. – Denniston era seu principal concorrente. Cá entre nós, muita gente gostou mais das dissertações dele que das suas. Foi Dick que insistiu o tempo todo que você era o tipo de homem que queríamos de verdade. Ele foi até a Duke e desencavou tudo a seu respeito. Para ele a única coisa que devíamos era ter em mente o tipo de homem de que precisamos. Para o inferno com as qualificações da produção acadêmica. E devo dizer que, com efeito, ele estava com a razão.

– Muita gentileza sua – disse Studdock, com uma pequena reverência irônica. Estava surpreso com o rumo que a conversa tinha tomado. Era uma norma antiga em Bracton, como supostamente na maioria das faculdades, que jamais se mencionassem, na presença de um homem, as circunstâncias que o levaram a ser escolhido para um posto, e Studdock até aquele momento não tinha percebido que essa era também uma das tradições que o Elemento Progressista estava preparado para descartar. Nunca lhe ocorrera que sua eleição tivesse dependido de outro fator que não fosse a excelente qualidade de seu trabalho nos exames para a bolsa. Menos ainda que tivesse sido por uma margem tão estreita. Àquela altura já estava tão acostumado a sua posição que esse pensamento lhe causou a mesma sensação curiosa que um homem tem ao descobrir que seu pai no passado quase se casou com outra mulher.

– É verdade – continuou Curry, seguindo outra linha de pensamento. – É óbvio que Denniston não teria servido. Decididamente não. Uma cabeça brilhante na época, é claro, mas parece que ele saiu totalmente dos trilhos, com todo o seu distributivismo e sabe se lá o quê. Dizem que é bem provável que ele acabe num mosteiro.

– Mesmo assim, o homem não é nenhum tolo – disse Studdock

– Fico feliz por você vir conhecer Dick – disse Curry. – Agora não temos tempo, mas há uma questão sobre ele que quero comentar com você.

Studdock olhou para ele com ar de indagação.

– James e eu, e mais um ou dois – disse Curry, com a voz um pouco mais baixa –, estivemos pensando que ele deveria ser o novo diretor. Chegamos.

– Ainda não é meio-dia – disse Studdock – E se entrássemos um instante no Bristol para beber alguma coisa?

Em no Bristol eles entraram. Não teria sido fácil preservar a atmosfera na qual o Elemento Progressista operava sem uma boa quantidade dessas pequenas cortesias. Isso pesava mais no bolso de Studdock que no de Curry, que não era

casado e cuja remuneração era de subdiretor. Mas o Bristol era um local muito agradável. Studdock trouxe um uísque duplo para o colega e um caneco de cerveja para si mesmo.



A única vez em que estive em Bracton como convidado, consegui convencer meu anfitrião a me deixar entrar no Bosque e me deixar lá sozinho por uma hora. Ele se desculpou por me trancar lá dentro.

Pouquíssimas pessoas tinham acesso ao Bosque de Bragdon. O portão era de Inigo Jones e era a única entrada: um muro alto cercava o Bosque, que talvez tivesse uns quatrocentos metros de largura e um quilômetro e meio de leste a oeste. Quem vem da rua e passa por dentro da faculdade para chegar ao Bosque é tomado por um a sensação muito forte de entrada gradual num santuário. Primeiro, atravessa-se o quadrilátero de Newton, que é seco, com piso de cascalho, rebuscado, porém bellissimo. Prédios gregorianos debruçam-se sobre ele. Em seguida, entra-se por um corredor frio, semelhante a um túnel, quase escuro ao meio-dia, a menos que esteja aberta a porta que dá para o saguão à direita ou a meia-porta da despensa à sua esquerda, proporcionando um vislumbre de luz interior batendo em lambris e um leve aroma de pão fresco. Assim que sai do túnel, o visitante vai se encontrar na faculdade medieval: no claustro do quadrilátero muito menor chamado de República. A grama aqui parece mais verde depois da aridez de Newton, e até a pedra dos arcobotantes que sobem dali dá a impressão de ser macia e ter vida. A capela não fica longe: o ruído pesado e rouco das engrenagens de um relógio antigo e enorme chega aos ouvidos de algum lugar mais alto. Segue-se pelo claustro, por lajes, urnas e bustos que homenageiam bractonianos falecidos. Desce-se então por degraus suaves para a plena luz do dia do quadrilátero chamado Lady Alice. Os prédios à direita e à esquerda são do século XVII: humildes, quase de aparência doméstica, com águas-furtadas, cheias de musgo e telhas cinzentas. Está-se num agradável mundo protestante. Talvez o visitante se flagre pensando em Bunyan ou em *Vidas*, de Walton. Não haveria prédios em frente, no quarto lado de Lady Alice: apenas uma fileira de olmos e um muro. E aqui pela primeira vez percebem-se o som de água corrente e o arrulhar de pombos-torcazes. A rua estaria tão distante a essa altura que não haveria nenhum outro ruído. No muro haveria uma porta. Ela o levaria por uma galeria coberta perfurada por janelas estreitas de cada lado.

Olhando lá para fora através delas, o passante descobre estar atravessando uma ponte, e que o Wynd marrom-escuro e ondulado passa ali por baixo. Agora o visitante está bem perto de seu destino. Uma cancela na outra extremidade da ponte o conduz ao campo de boliche dos pesquisadores, e do outro lado dele se vê o muro alto do Bosque. E, através do portão de Inigo Jones, tem-se um vislumbre de verdes ensolarados e sombras profundas.

Suponho que o mero fato de ser murado conferia ao Bosque sua qualidade peculiar, pois, quando algo está cercado, a mente não costuma considerá-lo comum. Enquanto eu avançava pisando na relva silenciosa, fui tomado pela sensação de estar sendo bem recebido. As árvores eram separadas entre si pela distância exata para que de longe dessem a impressão de folhagem ininterrupta, mas o lugar onde se estava sempre parecia ser uma clareira. Cercado por um mundo de sombras, caminhava-se sob um sol ameno. A não ser pelos carneiros, cujas mordiscadas mantinham a grama rente, e que às vezes erguiam a cara comprida e boba para olhar para mim, eu estava totalmente só. E a sensação de solidão era mais parecida com a de um aposento enorme numa casa abandonada do que com qualquer solidão normal ao ar livre. Lembro-me de pensar: “Este é o tipo de lugar do qual, quando criança, qualquer um teria sentido bastante medo ou então do qual teria gostado muito mesmo.” Um instante depois, pensei: “Mas, quando está sozinho, sozinho de verdade, todo mundo é criança... ou ninguém é?” A juventude e a velhice tocam apenas a superfície da nossa vida.

Oitocentos metros são uma pequena caminhada. Entretanto, pareceu passar muito tempo até eu chegar ao centro do Bosque. Eu sabia que era o centro porque ali estava o que eu fora ver. Era um poço: um poço com uma escada que descia até ele e os restos de um calçamento antigo ao redor. Agora tudo estava muito imperfeito. Não pisei no calçamento, mas deitei-me na grama e o toquei com os dedos. Pois este era o coração de Bracton ou do Bosque de Bragdon: a partir dali surgiram todas as lendas, e dele, suspeitava eu, a própria existência da faculdade dependera originalmente. Os arqueólogos estavam de acordo quanto ao período em que a obra fora construída: romano-britânico tardio, às vésperas da invasão dos anglo-saxões. Como Bragdon, o bosque, estava ligado a Bracton, o jurista, era um mistério, mas eu imagino que a família Bracton tenha tirado proveito de uma semelhança acidental entre os nomes para acreditar, ou fazer acreditar, que de alguma maneira eles estavam relacionados ao Bosque. Decerto, se tudo o que se disse for verdade, ou mesmo a metade da verdade, o Bosque era mais antigo que a família Bracton. Suponho que hoje ninguém daria muita importância a *Balachton* de Strabo, embora ele tenha levado um diretor da



faculdade, no século XVI, a dizer que “pelos relatos mais antigos, não temos conhecimento de nenhuma Britânia sem Bragdon”. Mas a canção medieval nos leva de volta ao século XIV.

*Na ponte de Bragdon ao fim do dia  
Ouvi dizer que Merlin ali jazia  
Entre cantos de dor e melancolia.*

É prova suficiente de que o poço com o calçamento romano-britânico era de fato o “Poço de Merlin”, se bem que o nome somente seja encontrado no reinado da rainha Elisabete, quando o bom diretor Shovel cercou o Bosque com um muro “para eliminar todas as superstições profanas e pagãs e para desencorajar o aspecto vulgar de todas as vigílias, jogos da primavera, danças, apresentações de mímica e fornadas de pão de Morgana, costumeiros até essa data, em torno da fonte chamada, por pura vaidade, de Poço de Merlin, a serem totalmente abandonados e abominados como mixórdia de papismo, paganismo, lubricidade e loucura ensandecida”. Não que a faculdade tivesse por esse ato renunciado a seu interesse pelo local. O velho doutor Shovel, que quase chegou aos 100 anos de idade, mal estava frio na sepultura quando um dos generais de divisão de Cromwell, considerando ser sua missão destruir “arvoredos e lugares venerados”, despachou alguns soldados com poder para arrebancar o povo do interior para essa obra piedosa. O esquema não deu em nada; mas houve uma escaramuça entre o corpo docente e os soldados no centro do Bosque de Bragdon, e o fabulosamente erudito e santo Richard Crowe foi morto com um tiro de mosquetão bem na escada do poço. Seria preciso ter coragem para acusar Crowe fosse de papismo, fosse de paganismo. Entretanto, diz a história que suas últimas palavras foram: “Ora, senhores, se Merlin, que era o próprio filho do Demônio, foi mais leal a seu rei que qualquer homem que veio ao mundo, não é uma vergonha que vocês, que não passam de filhos de cadelas, venham a ser rebeldes e regicidas?”. E sempre, ao longo de todas as mudanças, todo diretor de Bracton, no dia de sua eleição, cumpria a cerimônia de beber um gole da água do Poço de Merlin, na enorme taça que, tanto por sua antiguidade como por sua beleza, era o maior dos tesouros de Bracton.

Em tudo isso pensei, deitado junto do Poço de Merlin, ao lado do poço que deve sem dúvida remontar ao tempo de Merlin, se é que algum dia existiu um Merlin de verdade. Deitado onde sir Kenelm Digby passou uma noite inteira de verão e viu uma estranha aparição; onde Collins, o poeta, se deitou; e onde Jorge

III chorou; onde o brilhante e muito amado Nathaniel Fox compôs o famoso poema três semanas antes de ser morto na França. O ar estava tão parado e as nuvens de folhagem tão pesadas acima de mim que adormeci. Despertei com meu amigo gritando por mim de muito longe.



O assunto mais polêmico a ser tratado na reunião do corpo docente era a questão da venda do Bosque de Bragdon. O comprador era o Instituto Nacional de Experimentos Coordenados (Inec). Eles queriam um local para o prédio que abrigaria condignamente essa notável organização. O Inec era o primeiro fruto daquela fusão construtiva entre o Estado e a Ciência, na qual tanta gente pensante baseia suas esperanças de um mundo melhor. Ele estaria isento de quase todas as restrições maçantes – “burocracia” era a palavra usada por seus defensores – que até o momento tinham prejudicado o avanço da pesquisa neste país. Também estava em grande parte livre de restrições econômicas, pois, como se alegava, uma nação que pode gastar tantos milhões por dia numa guerra sem dúvida pode arcar com alguns milhões por mês em pesquisa produtiva em tempos de paz. O prédio proposto para o Instituto representaria um acréscimo bastante notável até mesmo ao perfil de Nova York, a equipe deveria ser enorme; e seus salários, principescos. Uma pressão insistente e uma diplomacia sem limites por parte da Prefeitura de Edgestow atraíram o novo Instituto, evitando que ele fosse para Oxford, Cambridge ou Londres. O Instituto tinha pensado em cada um desses lugares como cenário possível para suas atividades. Por vezes, o Elemento Progressista em Edgestow quase perdera a esperança. Mas agora o sucesso estava praticamente garantido. Se conseguisse a área necessária, o Inec viria para Edgestow. E quando viesse, como era a impressão de todos, as coisas finalmente começariam a progredir. Curry tinha chegado a expressar uma dúvida quanto à possibilidade de Oxford e Cambridge se manterem como universidades de renome com o passar do tempo.

Três anos antes, se Mark Studdock tivesse comparecido a uma reunião do corpo docente durante a qual uma questão dessas estivesse para ser decidida, ele teria esperado ouvir teorias de sentimento *versus* progresso e de beleza *versus* utilidade debatidas abertamente. Hoje, ao assumir seu lugar no Soler, a longa sala superior ao sul de Lady Alice, ele não esperava nada disso. Agora Markestava ciente de que não era assim que se faziam as coisas.

O Elemento Progressista realmente cuidava muito bem dos seus assuntos. Ao entrar no Soler, a maioria dos pesquisadores não sabia que havia qualquer possibilidade de o Bosque ser vendido. Naturalmente, eles viram na ordem do dia que o item 15 era “Venda de Terreno da Faculdade”; mas, como isso aparecia em quase todas as reuniões do corpo docente, não se interessaram muito. Por outro lado, eles viram, sim, que o item 1 era “Questões referentes ao Bosque de Bragdon”, as quais não diziam respeito à venda. Curry, que, como subdiretor, se levantou para apresentá-las, tinha algumas cartas a ler para o corpo docente. A primeira era de uma sociedade dedicada à preservação de monumentos antigos. Na minha opinião, essa sociedade foi imprudente ao fazer duas queixas numa única carta. Teria sido mais sensato se tivessem se restringido a chamar a atenção da faculdade para o péssimo estado do muro em torno do Bosque. Quando passaram a insistir na conveniência de construir algum tipo de proteção sobre o poço, e até mesmo a ressaltar que já tinham feito essa recomendação, o corpo docente começou a se irritar. E quando, como se tivessem pensado melhor, eles expressaram o desejo de que a faculdade tivesse um pouco mais de boa vontade para com estudiosos sérios de antiguidades que quisessem examinar o poço, o corpo docente se enfureceu. Eu não gostaria de acusar um homem na posição de Curry de interpretar mal uma carta, mas sua leitura sem dúvida não amenizou nenhum defeito no tom da composição original. Antes que ele se sentasse, quase todos na sala tinham um forte desejo de fazer que o mundo lá fora compreendesse que o Bosque de Bragdon era propriedade particular da Faculdade de Bracton e que seria melhor que o mundo lá fora cuidasse da própria vida. Ele então se levantou para ler outra carta, enviada por uma sociedade de espíritas que queria permissão para investigar os “fenômenos relatados” no Bosque – uma carta “relacionada”, como disse Curry, com a carta seguinte que, “com a permissão do diretor, eu agora lerei para vocês”. Esta era de uma empresa que tinha ouvido falar da proposta dos espíritas e queria autorização para fazer um filme, não sobre os fenômenos em si, mas sobre os espíritas em busca dos fenômenos. Curry foi instruído a escrever recusas sucintas para todas as três cartas.

E então, de um lugar bem diferente do Soler veio uma voz. Lorde Feverstone tinha se levantado. Ele concordou plenamente com a decisão do corpo docente quanto àquelas cartas impertinentes de diversos enxeridos lá de fora. Mas, afinal de contas, não era verdade que o muro do Bosque *estava* mesmo numa condição muito insatisfatória? Uma boa quantidade de pesquisadores – entre os quais Studdock não se encontrava – imaginou estar assistindo a uma revolta de

Feverstone contra “Curry e sua turma”, e começou a se interessar muito. Quase de imediato o tesoureiro, James Busby, pôs-se de pé. Ele acolheu bem a pergunta de lorde Feverstone. Na qualidade de tesoureiro, coube a ele procurar recentemente consultoria especializada a respeito do muro do Bosque. Busby lamentava dizer que “insatisfatório” era um termo delicado demais para descrever a condição em que ele se encontrava. Nada menos que um muro completamente novo resolveria a situação. Com enorme dificuldade foi possível extrair dele o custo provável dessa construção; e, quando ouviu o valor, o corpo docente espantou-se. Lorde Feverstone indagou com frieza se o tesoureiro estava falando sério ao propor que a faculdade arcasse com uma despesa daquele porte. Busby (um ex-clérigo de tamanho avantajado e com uma vasta barba preta) respondeu, com alguma irritação, que não tinha proposto nada; que, se *fosse* fazer alguma sugestão, seria a de que não se poderia tratar da questão isoladamente, sem levar em conta algumas importantes considerações financeiras que caberia a ele expor ao corpo docente ainda naquele dia. Houve uma pausa depois dessa declaração ameaçadora, até que aos poucos, um a um, os “de fora” e os “obstrucionistas”, os que não pertenciam ao Elemento Progressista, começaram a entrar no debate. Em sua maioria, eles achavam difícil acreditar que algo diferente de um muro novo inteiro adiantaria. O Elemento Progressista deixou que falassem por quase dez minutos. Teve-se então a impressão de que lorde Feverstone estava de fato liderando os “de fora”. Ele queria saber se o tesoureiro e o Comitê de Conservação realmente não tinham conseguido encontrar uma alternativa entre construir um muro novo e deixar que o Bosque de Bragdon se deteriorasse, passando a ser área pública. Ele fez pressão por uma resposta. Alguns dos “de fora” até começaram a achar que ele estava sendo grosseiro demais com o tesoureiro. Por fim, o tesoureiro respondeu em voz baixa que, apenas por especulação, ele *tinha* obtido alguns fatos sobre possíveis alternativas. Uma cerca de arame farpado... mas o resto da frase desapareceu diante de uma gritaria de desaprovação, durante a qual se ouviu o velho cônego Jewel dizer que preferia ver todas as árvores derrubadas a ver o Bosque enjaulado em arame farpado. Finalmente, a questão foi transferida para a reunião seguinte.

O próximo item era um daqueles que a maioria dos pesquisadores não conseguia entender. Envolveria a recapitulação (por Curry) de uma longa correspondência entre a faculdade e a Prefeitura da Universidade a respeito da proposta de incorporação do Inec à Universidade de Edgestow. A expressão “comprometer-se a” não parou de se repetir no debate que se seguiu. “Aparentemente”, disse Watson, “como faculdade, nós nos comprometemos a

dar o maior apoio possível ao novo Instituto.” “Parece”, disse Feverstone, “que estamos de pés e mãos atados; e que demos carta branca à universidade.” O que tudo isso realmente significava jamais ficou claro para qualquer um dos “de fora”. Eles se lembravam de, numa reunião anterior, terem lutado muito contra o Inec e todas as suas atividades e de terem sido derrotados. Mas todos os esforços empreendidos para descobrir o que sua derrota tinha representado, embora respondidos com enorme clareza por Curry, serviram apenas para enredá-los ainda mais nos labirintos impenetráveis da constituição da universidade e no mistério ainda mais sombrio das relações entre a universidade e a faculdade. O resultado da discussão acabou por deixá-los com a impressão de que a honra da faculdade não estava envolvida no estabelecimento do Inec em Edgestow.

Durante o exame desse ponto, os pensamentos de mais de um pesquisador tinham se voltado para o almoço, e a atenção tinha se dispersado. Mas, quando Curry se levantou faltando cinco minutos para uma hora para apresentar o item 3, houve uma nítida renovação do interesse. Seu título era “Retificação de uma anomalia no Estipêndio dos Pesquisadores Juniores”. Eu não gostaria de revelar o que a maioria dos pesquisadores juniores de Bracton estava recebendo nessa época, mas creio que mal cobria as despesas de sua residência na faculdade, que era compulsória. Studdock, que apenas recentemente tinha deixado essa classe, sabia muito bem o que eles estavam sentindo. Ele compreendia a expressão no rosto de todos. A retificação, se fosse aprovada, significaria roupas, férias, carne no almoço e uma oportunidade para comprar metade, em vez de um quinto, dos livros de que precisavam. Todos os olhos fixaram-se no tesoureiro, quando ele se levantou para responder às propostas de Curry. Ele esperava que ninguém imaginasse que ele aprovava a anomalia que tinha, em 1910, excluído a classe mais baixa dos pesquisadores das novas cláusulas no parágrafo 18.º do Estatuto 17. Ele tinha certeza de que todos os presentes haveriam de *desejar* que ela fosse retificada, mas era seu dever, como tesoureiro, salientar que essa era a segunda proposta que envolvia pesadíssimos desembolsos que lhes tinha sido apresentada naquela manhã. Sobre isso ele apenas podia dizer, como já tinha dito a respeito da proposta anterior, que ela não podia ser isolada do problema total da presente posição financeira da faculdade, que ele esperava expor a todos durante os trabalhos daquela tarde. Muito mais do que isso foi dito, mas nenhuma resposta foi dada ao tesoureiro, e a questão, adiada. Faltando quinze para as duas, quando os pesquisadores saíram em bando do Soler para almoçar, famintos, com dor de cabeça e loucos para fumar, cada pesquisador júnior tinha bem fixo na mente que um muro novo para o Bosque e um aumento na sua remuneração eram

alternativas rigorosamente excludentes. “Essa droga de Bosque nos atrapalhou a manhã inteira”, disse um. “E nós ainda não nos livramos dele”, respondeu outro.

Com essa disposição de espírito, o corpo docente voltou ao Soler depois do almoço para examinar suas finanças. Busby, o tesoureiro, foi naturalmente o orador principal. Faz muito calor no Soler numa tarde de sol; e a fluência tranquila da exposição do tesoureiro, e até mesmo o faiscar de seus dentes brancos e bem alinhados acima da barba (ele tinha ótimos dentes) exerciam uma espécie de poder hipnótico. Os pesquisadores nem sempre consideram fácil entender questões financeiras. E, se entendessem, é provável que não seriam o tipo de pessoa que se torna pesquisador numa faculdade. Eles captaram que a situação estava ruim, na verdade péssima. Alguns membros mais jovens e mais inexperientes pararam de se perguntar se iam conseguir um muro novo ou um aumento na remuneração; e começaram a pensar se a própria faculdade continuaria a funcionar. Os tempos, como o tesoureiro disse com tanta veemência, eram extremamente difíceis. Os membros mais velhos ouviram muitas vezes falar desse tipo de dificuldade, de dezenas de tesoureiros anteriores, e ficaram menos perturbados. Nem por um instante estou sugerindo que o tesoureiro de Bracton estivesse de alguma forma apresentando a situação de maneira incorreta. É muito raro que os assuntos de uma grande corporação, vagamente dedicada a promover o estudo, possam ser descritos como satisfatórios num sentido desprovido de ambiguidade. Seu discurso foi excelente. Cada frase era um modelo de lucidez e, se seus ouvintes consideraram a essência de todo o seu pronunciamento menos clara que as partes, isso pode ter sido por incapacidade deles mesmos. Alguns pequenos cortes de despesas e reinvestimentos que ele sugeriu foram aprovados por unanimidade, e as atividades foram suspensas para o chá, com o corpo docente numa disposição de ânimo mais branda. Studdock ligou para Jane e lhe disse que não iria jantar em casa.

Só depois das seis da tarde é que todas as linhas convergentes de pensamento e sentimento despertadas pelos itens anteriores afluíram para a questão da venda do Bosque de Bragdon. O título do item não era “a venda do Bosque de Bragdon”. O tesoureiro chamou-o de “venda da área colorida de rosa na planta que, com a permissão do diretor, passarei agora a todos”. Ele ressaltou com perfeita franqueza que isso envolvia a perda de *parte* do Bosque. Na realidade, o local proposto para o Inec ainda deixava para a faculdade uma faixa de cerca de cinco metros de largura ao longo da parte mais distante no lado sul, mas não houve trapaça, uma vez que os pesquisadores tinham a planta diante de si para

olhar com os próprios olhos. Ela era em pequena escala, e talvez não fosse perfeitamente precisa, destinada apenas a dar uma ideia geral. Em resposta a perguntas, ele admitiu que infelizmente, ou talvez felizmente, o poço estava na área que o Inec queria. Os direitos de acesso da faculdade seriam, naturalmente, garantidos; e o poço e seu calçamento seriam conservados pelo Instituto de um modo que satisfaria todos os arqueólogos do mundo. Ele se absteve de dar qualquer conselho e apenas mencionou o valor totalmente espantoso que o Inec estava oferecendo. Depois disso, a reunião ficou animada. As vantagens da venda revelaram-se uma a uma, como frutos maduros que caem na mão. Ela resolvia o problema do muro; resolvia o problema de proteção a monumentos antigos; resolvia o problema financeiro; parecia resolver o problema do estipêndio dos pesquisadores juniores. Parecia ainda que o Inec considerava esse o único local possível em Edgestow. Se por algum acaso Bracton se recusasse a vender, todo o esquema cairia por terra, e o Instituto sem dúvida iria para Cambridge. Chegou a ser possível extrair do tesoureiro, por meio de muito questionamento, a informação de que ele sabia de uma faculdade de Cambridge com muita vontade de vender.

Os poucos reacionários presentes, para quem o Bosque de Bragdon era quase um pressuposto básico da vida, mal chegaram a perceber o que estava acontecendo. Quando conseguiram falar, sua voz pareceu dissonante em meio ao burburinho geral de comentários entusiásticos. As manobras dos oponentes fizeram que eles dessem a impressão de desejar ver o Bosque de Bragdon cercado com arame farpado. Quando por fim o velho Jewel, cego, trêmulo e quase chorando, se pôs de pé, sua voz quase não se ouvia. Homens voltaram-se para olhar, e alguns para admirar o rosto definido, meio infantil, e o cabelo branco que se tornara mais visível à medida que a longa sala ficava mais escura. Mas somente os mais próximos conseguiram ouvir o que ele dizia. Nesse momento, lorde Feverstone levantou-se de um salto, cruzou os braços e, encarando o velhote, falou com a voz bem alta e clara.

– Se o cônego Jewel *não* quer que ouçamos suas opiniões, sugiro que seria mais fácil atingir esse objetivo com o silêncio.

Jewel já era velho nos tempos anteriores à Primeira Guerra, quando os velhos eram tratados com cortesia, e jamais tinha conseguido se acostumar ao mundo moderno. Por um instante, enquanto permaneceu em pé, com a cabeça esticada para a frente, as pessoas acharam que ele ia responder. E então, de repente, ele abriu as mãos num gesto de desamparo, encolheu-se e começou com esforço a retomar seu assento.

A moção passou.



Depois de sair do apartamento naquela manhã, Jane também tinha ido a Edgestow, onde comprou um chapéu. Até então ela sentia certo desprezo pelo tipo de mulher que compra chapéus, do mesmo modo que um homem compra bebidas, como um estimulante e um lenitivo. Não lhe ocorreu que ela mesma estava fazendo isso nessa ocasião. Jane gostava que suas roupas fossem bem fechadas e em cores que fossem neutras, adequadas segundo sérios critérios estéticos. Roupas que deixariam claro para todos que ela era uma adulta inteligente, não uma mulher do tipo bonequinha. E, por conta dessa preferência, ela não sabia nem mesmo que sentia interesse por roupas. Por isso ficou um pouco contrariada quando a senhora Dimble deparou com ela saindo da loja Sparrow.

– Olá, querida! Andou comprando um chapéu? Venha almoçar lá em casa, que eu quero vê-lo. Cecil está com o carro logo ali na esquina.

Cecil Dimble, um pesquisador de Northumberland, fora orientador de Jane durante seu último ano na graduação, e a senhora Dimble (havia uma tendência a chamá-la de Mamãe Dimble) tinha sido uma espécie de tia informal para todas as garotas daquele ano. Uma afeição pelas alunas do marido talvez não seja tão comum como se poderia desejar entre as mulheres de professores universitários, mas a senhora Dimble parecia gostar de todos os alunos do doutor Dimble, de ambos os sexos, e a casa do casal, do outro lado do rio, parecia ser um tipo de ruidoso salão literário durante todo o período letivo. Ela gostava especialmente de Jane, com aquele tipo de afeto que uma mulher bem-humorada, tranquila e sem filhos às vezes sente por uma garota a quem considera bonita e bastante desmiolada. Havia cerca de um ano que Jane deixara de procurar o casal Dimble, e ela sentia certa culpa por isso. Por essa razão, aceitou o convite para almoçar.

Atravessaram a ponte para chegar à parte norte de Bracton, seguiram então para o sul ao longo da margem do Wynd, passando pelos chalés, viraram para a esquerda e para o leste na igreja normanda e caminharam pela estrada reta com choupos de um lado e o muro do Bosque de Bragdon do outro, para finalmente chegar à porta da frente da casa dos Dimbles.

– Como está lindo – disse Jane, com total sinceridade ao saltar do carro. O



jardim dos Dimbles era famoso.

– Melhor você aproveitar e dar uma boa olhada – disse o doutor Dimble.

– Como assim? – disse Jane.

– Você não contou para ela? – perguntou o doutor Dimble à mulher.

– Não consegui reunir coragem ainda – disse a senhora Dimble. – Além do mais, coitadinha, o marido é um dos vilões da peça. Seja como for, imagino que ela saiba.

– Não faço ideia do que vocês estão falando – disse Jane.

– Sua faculdade está sendo tão desagradável, querida. Estão nos despejando. Não querem renovar o aluguel.

– Ai, senhora Dimble! – exclamou Jane. – E eu nem sabia que essa propriedade pertencia a Bracton.

– Viu só? – disse a senhora Dimble. – Metade do mundo não sabe como a outra metade vive. Cá estava eu imaginando que você estava usando toda a sua influência com o senhor Studdock para tentar nos salvar, quando na realidade...

– Mark nunca fala comigo sobre assuntos da faculdade.

– Os bons maridos nunca falam – disse o doutor Dimble. – No mínimo, comentam os assuntos das faculdades alheias. É por isso que Margaret sabe tudo a respeito de Bracton e nada a respeito de Northumberland. Ninguém vai entrar para almoçar?

Dimble supunha que Bracton ia vender o Bosque e tudo o mais que possuía daquele lado do rio. Toda a região agora lhe parecia ainda mais paradisíaca do que quando ele chegou para morar ali, vinte e cinco anos antes. E o assunto o deixava abalado demais para querer conversar a respeito diante da mulher de um dos homens de Bracton.

– Você vai ter de esperar que eu veja o chapéu novo de Jane para poder almoçar – disse Mamãe Dimble, e com isso fez Jane subir depressa ao andar superior. Seguiram-se alguns minutos de conversa rigorosamente feminina, no sentido antiquado. Jane, embora mantivesse certo senso de superioridade, considerou-a reconfortante de um modo indefinível, e, apesar de a senhora Dimble realmente ter um ponto de vista equivocado sobre essas coisas, não havia como negar que a única pequena alteração sugerida por ela acertou em cheio. Quando o chapéu estava sendo guardado de novo, a senhora Dimble falou:

– Não há nada de errado, certo?

– Errado? – disse Jane. – Por quê? Deveria haver alguma coisa?

– Você está diferente.

– Ah, está tudo bem comigo – disse Jane, em voz alta. Mas mentalmente acrescentou: “Ela está louca para saber se vou ter neném. Esse tipo de mulher sempre quer saber.”

– Você detesta ser beijada? – disse a senhora Dimble, inesperadamente.

“Eu detesto ser beijada?”, pensou Jane consigo mesma. “Essa é de fato a questão. Eu detesto ser beijada? Não espereis pela inteligência nas mulheres...” Sua intenção era responder “É claro que não”, mas inexplicavelmente, e para sua enorme contrariedade, ela se descobriu chorando. E então, por um instante, a senhora Dimble tornou-se simplesmente gente grande, como as pessoas eram gente grande, quando ela era criancinha: objetos grandes, macios, aconchegantes, para quem se corria com joelhos machucados ou brinquedos quebrados. Quando pensava em sua infância, Jane costumava se lembrar daquelas ocasiões em que o volumoso abraço da Babá ou de Mamãe tinha sido inconveniente e rechaçado como um insulto à maturidade. Agora, por enquanto, ela estava de volta àquelas ocasiões esquecidas, embora não frequentes, em que o medo ou a aflição induziam uma entrega voluntária, e essa entrega era reconfortante. Não detestar ser afagada e acarinhada era uma atitude contrária a toda a sua teoria de vida. Contudo, antes de descerem, ela disse à senhora Dimble que não ia ganhar neném, mas que estava meio deprimida por ficar muito tempo sozinha e por conta de um pesadelo.

Durante o almoço, o doutor Dimble falou sobre a lenda arturiana.

– É realmente maravilhoso – disse ele – como tudo se encaixa perfeitamente, mesmo numa versão tardia como a de Malory. Você percebeu que existem dois conjuntos de personagens? Temos Guinevere e Lancelote e todas aquelas pessoas no centro: todos muito requintados, sem nada de especialmente britânico. Mas a verdade é que no plano de fundo, por assim dizer, do outro lado de Artur, estão todas aquelas pessoas *misteriosas*, como é o caso de Morgana e Morgawse, que são de fato muito britânicas e mais ou menos hostis, apesar de serem todos parentes. Envolvidas com magia. Você se lembra daquela frase fantástica, de como a rainha Morgana “incendiou o país inteiro com damas que eram feiticeiras”. Merlin também é britânico, é claro, embora não fosse hostil. Não é tudo muito parecido com uma imagem da Britânia como ela devia ter sido às vésperas da invasão?

– Como assim, doutor Dimble? – disse Jane.

– Bem, não teria havido um setor da sociedade que era quase puramente

romano? Pessoas que usavam togas e falavam um latim celticizado, uma língua que para nós seria bastante parecida com o espanhol, e totalmente cristãs. No entanto, mais para o interior do país, nos cantos mais remotos, isolados pelas florestas, haveria pequenas cortes regidas por verdadeiros reizes britânicos, falando algo parecido com o galês e praticando até certo ponto a religião druídica.

– E como teria sido Artur? – disse Jane. Era uma tolice que seu coração tivesse tido um sobressalto com as palavras “bastante parecida com o espanhol”.

– Essa é a questão – disse o doutor Dimble. – Pode-se imaginar um homem da velha linhagem britânica, mas também um cristão e um general perfeitamente treinado nas técnicas romanas, tentando organizar toda essa sociedade e quase conseguindo. Sua própria família britânica sentiria inveja, e o setor romanizado, os Lancelotes e Lionéis, encararia os britânicos com desprezo. Talvez seja por isso que Kay é sempre representado como um grosseirão. Ele faz parte da cepa nativa. E sempre por baixo, aquele puxão, aquele recuo de volta ao druidismo.

– E onde Merlin se encaixaria?

– É... Ele é a figura realmente interessante. Será que tudo deu errado porque ele morreu cedo demais? Já lhe ocorreu a criação estranha que Merlin é? Ele não é do mal; contudo, é um mago. É óbvio que é um druida; mas ele sabe tudo a respeito do Graal. Ele é “o filho do demônio”; porém na realidade Layamon faz um esforço extremo para lhe dizer que o tipo de criatura que gerou Merlin não precisava necessariamente ser do mal. Você se lembra, “Existem no céu muitos tipos de seres. Alguns são bons; e alguns fazem o mal.”

– É *mesmo* bastante curioso. Não tinha pensado nisso antes.

– Eu costumo me perguntar – disse o doutor Dimble – se Merlin não representa o último vestígio de alguma coisa da qual a tradição posterior se esqueceu totalmente... alguma coisa que se tornou impossível quando as únicas pessoas em contato com o sobrenatural passaram a ser ou da luz ou das trevas, sacerdotes ou feiticeiros.

– Que ideia horrível – disse a senhora Dimble, que tinha percebido que Jane parecia estar distraída. – Seja como for, Merlin viveu faz muito tempo, se é que ele realmente viveu, e agora está bem morto e enterrado no Bosque de Bragdon, como todos nós sabemos.

– Enterrado, mas *não* morto, segundo a lenda – corrigiu o doutor Dimble.

– Ui! – exclamou Jane, involuntariamente, mas o doutor Dimble estava

refletindo em voz alta.

– Eu me pergunto o que vão *encontrar* se começarem a cavoucar aquele lugar para fazer as fundações do Inec – disse ele.

– Primeiro lama, depois água – respondeu a senhora Dimble. – É por isso que na verdade eles não podem construir o prédio lá.

– Seria de pensar – disse o marido. – E, nesse caso, por que eles haveriam de querer vir para cá, para começo de conversa? Não é provável que um londrininho como Jules se deixe influenciar por qualquer fantasia poética sobre o manto de Merlin ter caído sobre seus ombros!

– O manto de Merlin, uma ova! – disse a senhora Dimble.

– É – disse o doutor –, é uma ideia estranha. Eu diria que alguns do seu grupo bem que gostariam de recuperar o manto. Agora, se eles vão ter tamanho suficiente para usá-lo, é outra história! Acho que não iam gostar se o velho em pessoa voltasse à vida junto com o manto.

– Essa menina vai desmaiar – disse a senhora Dimble, pondo-se em pé de repente.

– Ei! O que houve? – disse o doutor Dimble, olhando com espanto para o rosto de Jane. – A sala está muito quente para você?

– Ai, é ridículo demais – disse Jane.

– Vamos para a sala de visitas – disse o doutor Dimble. – Aqui. Apoie-se no meu braço.

Pouco depois, na sala de visitas, sentada junto de uma janela que dava para o gramado, agora salpicado de folhas de um amarelo vivo, Jane tentou explicar seu comportamento absurdo, narrando a história do seu sonho.

– Acho que me expus tremendamente – disse ela. – Vocês dois podem começar a fazer minha psicanálise agora.

Pela expressão do doutor Dimble, Jane poderia de fato ter concluído que seu sonho o deixara extremamente chocado.

– Extraordinário... muito extraordinário – ele não parava de resmungar. – *Dois* cabeças. E uma delas de Alcasan. Ora, será uma pista falsa...?

– Não comece, Cecil – disse a senhora Dimble.

– Vocês acham que eu deveria ser analisada? – perguntou Jane.

– Analisada? – disse o doutor Dimble, olhando para ela como se não tivesse entendido direito. – Ah, entendi. Você quer dizer ir procurar Brizeacre ou alguém do ramo dele? – Jane percebeu que sua pergunta o tinha afastado de alguma linha

de pensamento totalmente diferente e que, de modo desconcertante, até mesmo o problema da sua saúde fora posto de lado. O relato do sonho despertara algum outro problema, embora ela não conseguisse nem imaginar qual era.

O doutor Dimble olhou para o exterior através da janela.

– Lá está meu aluno mais obtuso tocando a campainha – disse ele. – Preciso ir para o escritório, para ouvir um ensaio sobre Swift que começa com “Swift nasceu”. Ainda por cima, preciso tentar manter meu pensamento voltado para ele, o que não vai ser fácil. – Ele se levantou e ficou um instante parado com a mão no ombro de Jane. – Não vou lhe dar nenhum conselho. Mas, se você resolver procurar alguém para falar desse sonho, eu gostaria que *primeiro* você pensasse em ver alguém cujo endereço Margery ou eu lhe daremos.

– Você não acredita no senhor Brizeacre? – perguntou Jane.

– Não posso explicar – disse o doutor Dimble. – Não agora. Tudo é tão complicado. Procure não se incomodar com isso. Mas, caso você se *incomode*, só nos avise primeiro. Até a vista.

Quase imediatamente depois de sua saída, chegaram mais visitas, de modo que não houve oportunidade para outra conversa em particular entre Jane e sua anfitriã. Ela saiu da residência do casal Dimble cerca de meia hora depois e foi para casa andando, não pela estrada dos choupos, mas pela trilha que atravessava o campo público, passando pelos burros e gansos, com as torres e campanários de Edgestow à sua esquerda e o velho moinho de vento no horizonte à sua direita.



## Jantar com o subdiretor

– É um golpe! – disse Curry, em pé diante da lareira, em seus magníficos aposentos cuja vista dava para Newton. A sua localização era a melhor da faculdade.

– Alguma coisa do N.O.? – perguntou James Busby. Ele, lorde Feverstone e Markestavam todos bebendo xerez antes do jantar com Curry. N.O., que significava Non-Olet<sup>4</sup>, era o apelido de Charles Place, o diretor de Bracton. Sua eleição para esse posto, cerca de quinze anos antes, tinha sido uma das vitórias iniciais do Elemento Progressista. Com a alegação de que a faculdade precisava de “sangue novo” e devia ser sacudida para sair da “rotina acadêmica”, eles conseguiram trazer de fora um funcionário público idoso, que sem dúvida não fora contaminado por fraquezas acadêmicas desde que deixara sua faculdade bastante obscura em Cambridge no século anterior, mas tinha escrito um trabalho grandioso sobre o saneamento nacional. Se não houvesse outro motivo, o tema tinha sido uma boa recomendação dele para o Elemento Progressista. Eles o consideraram um tapa na cara dos diletantes e dos reacionários, que reagiram batizando seu novo diretor de Non-Olet. Mas aos poucos até mesmo os que apoiavam Place adotaram o nome. Place não atendeu às expectativas: revelou-se um dispéptico, que gostava de filatelia e cuja voz era ouvida tão raramente que alguns dos pesquisadores juniores não sabiam como ela era.

– É, o infeliz – disse Curry – quer me ver para tratar de alguma questão importante, assim que seja conveniente eu lhe fazer uma visita depois do jantar.

– Isso significa – disse o tesoureiro – que Jewel e companhia já o importunaram, querendo descobrir algum modo de voltar atrás nessa história toda.

– Não ligo a mínima para isso – disse Curry. – Como se pode voltar atrás numa resolução? Não é isso. Mas é o suficiente para estragar a noite inteira.

– Só a *sua* noite – disse Feverstone. – Não se esqueça de deixar à disposição aquele seu conhaque especialíssimo antes de sair.

– Jewel! Meu Deus! – disse Busby, enterrando a mão esquerda na barba.

– Até fiquei com pena do velho Jewel – disse Mark. Seus motivos para dizer isso eram conflitantes. Para fazer-lhe justiça, é preciso que se diga que a brutalidade totalmente inesperada e aparentemente desnecessária do comportamento de Feverstone para com o velho tinha lhe causado nojo. E, ainda por cima, ele vinha remoendo o dia inteiro toda a ideia de sua dívida para com Feverstone no caso de sua bolsa de pesquisa. Quem era esse tal de Feverstone? Paradoxalmente, porém, mesmo achando que tinha chegado a hora de afirmar sua independência e demonstrar que não deveria ser tomada como líquida e certa sua concordância com todos os métodos do Elemento Progressista, ele também achava que um pouco de independência o alçaria a uma posição mais elevada dentro daquele grupo. Se a ideia “Feverstone o terá em conta mais alta por mostrar os dentes” tivesse lhe ocorrido de modo tão explícito, era provável que ele a descartasse por ser servil, mas ela não lhe ocorreu.

– Com pena de Jewel? – perguntou Curry, girando nos calcanhares. – Você não diria isso se soubesse como ele era quando estava em plena forma.

– Concordo com você – disse Feverstone a Mark –, mas a realidade é que adoto a visão de Clausewitz. A guerra total é mais humanitária no longo prazo. Eu o calei instantaneamente. Agora que ele já se recuperou do choque, está aproveitando tudo isso, porque eu confirmei plenamente tudo o que ele vem dizendo sobre a Geração Mais Jovem, nos últimos quarenta anos. Qual era a alternativa? Deixar que ele continuasse com suas baboseiras até conseguir uma crise de tosse ou um ataque cardíaco, e ainda por cima dar-lhe a decepção de descobrir que estava sendo tratado com cortesia?

– É um ponto de vista, sem a menor dúvida – disse Mark.

– Ora, que vá tudo para o inferno! – continuou Feverstone. – Não existe homem que goste de ver as coisas necessárias para o desempenho de sua profissão lhe serem retiradas. O que o coitado do nosso Curry faria se os reacionários um dia se recusassem a agir como reacionários? A função de Otelo desapareceria.

– O jantar está servido, senhor – disse o “lançador” de Curry, pois é assim que se designa um criado da faculdade em Bracton.

– Baboseira, Dick – disse Curry, quando eles se sentaram. – Não há nada que me agradaria mais do que ver o fim de todos esses reacionários e obstrucionistas, para poder continuar com a tarefa. Você acha que eu realmente *gosto* de passar todo o meu tempo apenas desimpedindo o caminho? – Mark percebeu que seu anfitrião estava um pouco desgostoso com a brincadeira de lordes Feverstone.

Este último tinha uma risada extremamente viril e contagiante. Mark teve a impressão de estar começando a gostar dele.

– E a tarefa seria...? – disse Feverstone, não exatamente olhando de relance, muito menos piscando um olho, para Mark, mas fazendo que ele se sentisse incluído na brincadeira.

– Bem, alguns de nós têm o que fazer – respondeu Curry, baixando a voz para dar-lhe um tom mais sério, quase como algumas pessoas baixam a voz para falar de questões médicas ou religiosas.

– Eu nunca soube que você era *esse* tipo de pessoa – disse Feverstone.

– Essa é a pior parte de todo o sistema – disse Curry. – Num lugar como este, ou você precisa se contentar em ver que tudo está caindo em pedaços, quer dizer que tudo está se estagnando, ou você sacrifica sua carreira acadêmica para se dedicar a toda essa política infernal da faculdade. Um dia desses, vou *mesmo* abandonar esse lado e me dedicar ao meu livro. O material está todo pronto, sabe, Feverstone. Bastam umas férias longas, e eu acredito que poderia realmente organizá-lo.

Mark, que nunca tinha visto Curry morder uma isca, estava começando a se divertir.

– Entendo – disse Feverstone. – Para manter a instituição nos trilhos, como uma sociedade acadêmica, todos os melhores cérebros que nela atuam precisarão desistir de ter qualquer coisa que ver com a erudição.

– Exatamente! – disse Curry. – Isso é simplesmente... – E então parou, sem ter certeza de estar sendo levado a sério. Feverstone caiu na risada. O tesoureiro, que até o momento estivera ocupado comendo, limpou com cuidado a barba e falou, em tom severo.

– Tudo isso está muito bem na teoria – disse ele –, mas creio que Curry está com a razão. Vamos supor que ele renunciasse ao cargo de subdiretor e se recolhesse à sua caverna; ele poderia nos dar um livro estrondosamente bom sobre economia...

– Economia? – disse Feverstone, levantando as sobrancelhas.

– Acontece que sou especialista em história militar, James – disse Curry. Era frequente que ele se irritasse um pouco com a dificuldade que seus colegas pareciam ter para se lembrar do ramo de pesquisas específico para o qual ele tinha sido escolhido.

– É claro que eu quis dizer história militar – disse Busby. – Como eu estava dizendo, ele poderia nos dar um livro estrondosamente bom sobre história militar.



Mas o livro estaria ultrapassado em vinte anos. Ao passo que o trabalho que ele está realmente fazendo pela faculdade vai beneficiá-la por séculos. Toda essa história, agora, de trazer o Inec para Edgestow. O que você acha de uma coisa dessas, Feverstone? Não estou falando apenas do lado financeiro, apesar de, como tesoureiro, eu naturalmente dar grande valor a esse aspecto. Mas pense na vida nova, no despertar de uma nova visão, no estímulo a impulsos latentes. O que qualquer livro sobre economia...

– História militar – disse Feverstone com delicadeza, mas dessa vez Busby não o ouviu.

– O que qualquer livro sobre economia poderia significar em comparação com uma coisa dessas? – prosseguiu ele. – Eu o considero o maior triunfo do idealismo prático que este século já presenciou.

O bom vinho estava começando a surtir efeito. Todos nós conhecemos o tipo de religioso que tem a tendência a se esquecer do colarinho de padre depois do terceiro copo, mas o hábito de Busby era ao contrário. Era depois do terceiro copo que ele começava a se lembrar do sacerdócio. À medida que o vinho e a luz de velas soltavam sua língua, o pároco ainda latente nele depois de trinta anos de apostasia começava a despertar para uma vida estranha e vigorosa.

– Como vocês sabem, rapazes – disse ele –, não faço questão alguma de ser ortodoxo. Mas, se a religião for compreendida em seu sentido mais profundo, não tenho nenhuma hesitação em dizer que Curry, ao trazer o Inec para Edgestow, fez mais por ela em um ano do que Jewel em sua vida inteira.

– Bem – disse Curry, com modéstia –, esse é o tipo de coisa que se esperava. Eu talvez não usasse exatamente as mesmas palavras que você, James...

– Não, não – disse o tesoureiro –, é claro que não. Todos nós temos nossas línguas diferentes; mas todos nós queremos dizer a mesma coisa.

– Alguém já descobriu – perguntou Feverstone – exatamente o que o Inec é, ou o que ele pretende realizar?

Curry olhou para ele com uma expressão ligeiramente surpresa.

– Estranho ouvir isso de você, Dick – disse ele. – Pensei que você estivesse por dentro.

– Não é um pouco ingênuo – disse Feverstone – supor que estar “por dentro” de alguma coisa envolva algum conhecimento específico de seu programa oficial?

– Ah, bem, se você quis dizer *detalhes* – disse Curry, e então parou.

– Sem dúvida, Feverstone – disse Busby –, você está fazendo um enorme

mistério a respeito de nada. Eu teria imaginado que os objetivos do Inec estavam bastante claros. Trata-se da primeira tentativa de levar a ciência aplicada a sério do ponto de vista nacional. A diferença em escala entre ele e qualquer coisa que tenhamos tido antes representa uma diferença de natureza. Pense só nos prédios, pense só no aparato! Pense no que ele já fez pela indústria. Em como vai mobilizar todo o talento do país; e não apenas o talento científico no sentido mais estrito. Quinze diretores de departamento a quinze mil por ano, cada um! Seu próprio departamento jurídico! Sua própria polícia, pelo que ouvi dizer! Sua própria equipe permanente de arquitetos, agrimensores, engenheiros! A coisa é estupenda!

– Carreiras para nossos filhos – disse Feverstone. – Entendo.

– O que você quer dizer com isso, lorde Feverstone? – perguntou Busby, pousando seu copo.

– Meu Deus! – disse Feverstone, rindo com os olhos. – Que mancada. Tinha me esquecido totalmente de que você tinha família, James.

– Concordo com James – disse Curry, que vinha esperando com alguma impaciência para falar. – O Inec assinala o início de uma nova era: a era *verdadeiramente* científica. Até agora, tudo era aleatório. Isso vai proporcionar uma base científica à própria ciência. Deverá haver quarenta comissões interligadas que se reunirão todos os dias; e eles dispõem de um aparelho maravilhoso... Eles me mostraram o modelo na última vez que fui à cidade... através do qual as conclusões de cada comissão se imprimem automaticamente no seu pequeno espaço no Quadro Analítico de Avisos, de meia em meia hora. Então esse relatório desliza sozinho para sua posição certa, da qual é ligado por setinhas a todas as partes pertinentes dos outros relatórios. Uma olhada no Quadro de Avisos mostra os planos de ação de todo o Instituto ganhando forma debaixo dos seus próprios olhos. Haverá uma equipe de no mínimo vinte especialistas no alto do prédio, operando esse Quadro de Avisos, numa sala bastante parecida com as salas de controle do metrô. É um dispositivo maravilhoso. Os diferentes tipos de atividade aparecem no quadro em luzes de cores diferentes. Ele deve ter custado meio milhão. Chamam-no de pragmatômetro.

– E aí – disse Busby –, pode-se ver novamente o que o Instituto já está fazendo pelo país. A pragmatometria vai ser uma coisa importante. Centenas de pessoas estão apostando nela. Ora, é provável que esse Quadro Analítico de Avisos já esteja ultrapassado antes que o prédio fique pronto!

– É, por Júpiter – disse Feverstone –, e N.O. em pessoa me disse hoje de

manhã que o saneamento do Instituto ia ser algo totalmente extraordinário.

– É verdade – disse Busby, com vigor. – Não vejo por que se deveria considerar esse aspecto insignificante.

– E o que você acha disso, Studdock? – perguntou Feverstone.

– Creio – disse Mark – que James tocou no ponto mais importante quando disse que o Instituto teria seu próprio departamento jurídico e sua própria polícia. Não dou o menor valor a pragmatômetros e a sistemas sanitários de luxo. A verdade é que desta vez vamos ver a ciência aplicada a problemas sociais e com o apoio da força total do Estado, exatamente como no passado a guerra teve o apoio da força total do Estado. Espera-se, naturalmente, que ela faça mais descobertas do que a velha ciência desvinculada; mas o que é certo é que ela poderá *fazer* mais.

– Droga – disse Curry, olhando para o seu relógio. – Preciso ir falar com N.O. agora. Se vocês quiserem conhaque, quando terminarem o vinho, ele está naquele armário. Os copos, vocês encontrarão na prateleira do alto. Volto assim que puder. Você não vai agora, James, vai?

– Vou – disse o tesoureiro. – Vou dormir cedo hoje. Não interrompam a noite por minha causa. Estive em pé quase o dia inteiro, sabem? Só um tonto para aceitar um cargo administrativo nesta faculdade. Uma ansiedade sem-fim. Responsabilidade esmagadora. E depois ainda vem gente sugerir que todos aqueles besourinhos pesquisadores que nunca tiram o nariz das bibliotecas e dos laboratórios são os que trabalham pra valer! Gostaria de ver Glossop ou qualquer um daquele bando enfrentar o tipo de trabalho que me tomou o dia inteiro hoje. Curry, meu rapaz, você teria tido uma vida mais fácil se não tivesse largado a economia.

– Já lhe disse antes – começou Curry, mas o tesoureiro, já em pé, estava se curvando sobre lorde Feverstone para lhe contar uma história engraçada.

Assim que os dois homens saíram da sala, lorde Feverstone olhou firmemente para Mark por alguns segundos com uma expressão enigmática. Depois reprimiu um risinho. E então o risinho transformou-se numa risada. Ele jogou o corpo esguio e musculoso para trás na poltrona e riu cada vez mais alto. Seu riso era muito contagiante, e Mark se descobriu rindo também, com total franqueza e até mesmo sem conseguir se conter, como uma criança.

– Pragmatômetros, sanitários palacianos, idealismo prático – exclamou Feverstone, sem fôlego. Foi um momento de liberação extraordinária para Mark. À sua mente voltaram todos os tipos de detalhes sobre Curry e Busby que até

então ele não tinha percebido, ou que, tendo percebido, deixara passar em sua reverência pelo Elemento Progressista. Ele se perguntou como pôde ser tão cego para esse lado engraçado deles.

– É realmente de arrasar – disse Feverstone, quando tinha se recuperado um pouco – que as pessoas às quais precisamos recorrer para que as coisas sejam feitas acabem dizendo tanta baboseira quando lhes perguntamos sobre as coisas em si.

– E em certo sentido eles *são* o cérebro de Bracton – disse Mark

– Deus do Céu, não! Glossop, Bill Nevasca e até mesmo o velho Jewel têm dez vezes mais inteligência que eles.

– Eu não sabia que essa era sua opinião.

– Acho que Glossop e sua turma estão totalmente equivocados. Para mim, a ideia de cultura que eles têm, de conhecimento e de tudo o mais não é realista. Creio que ela não se encaixa no mundo em que vivemos. Ela não passa de fantasia. Mas é uma ideia clara, e eles a executam com coerência. Eles sabem o que querem. Mas os coitados desses dois nossos amigos, embora possam ser persuadidos a pegar o trem certo, ou até mesmo a conduzi-lo, não têm a mais remota noção de para onde ele vai, ou por quê. Eles darão o sangue para trazer o Inec para Edgestow: é por isso que são indispensáveis. Mas qual é o sentido do Inec, qual é o sentido de qualquer coisa... não lhes pergunte isso. Pragmatometria! Quinze subdiretores!

– Bem, talvez eu esteja no mesmo barco que eles.

– De jeito nenhum. Você viu o sentido de imediato. Eu sabia que você veria. Li tudo o que você escreveu desde que se candidatou para a bolsa de pesquisa. É sobre isso que eu queria falar com você.

Mark permaneceu calado. A sensação vertiginosa de ser de repente sugado de um nível de sigilo para outro, associada ao efeito crescente do excelente vinho do Porto de Curry, não o deixou falar.

– Quero que você venha para o Instituto – disse Feverstone.

– Você quer dizer... sair de Bracton?

– Não faz diferença. Seja como for, creio que não há nada que você queira aqui. Nós faríamos Curry diretor quando N.O. se aposentar e...

– Andaram falando em eleger  *você*  diretor.

– Meu Deus! – disse Feverstone com um olhar de espanto. Mark deu-se conta de que, do ponto de vista de Feverstone, isso era como sugerir que ele se tornasse

o diretor de uma pequena escola de idiotas, e agradeceu aos céus por seu comentário não ter sido emitido num tom que o tornasse obviamente sério. E então os dois voltaram a rir.

– Seria total desperdício designar  *você*  – disse Feverstone – como diretor. Esse é um trabalho para Curry. Ele o desempenhará muito bem. O que se quer é um homem que goste de negócios e de manobras por trás dos bastidores em si, sem se perguntar de verdade do que se trata. Caso perguntasse, ele começaria a trazer as próprias, bem, suponhamos que ele as chame de “ideias”. Na verdade, nós só precisamos dizer a ele que ele acha que fulano de tal é um homem de que a faculdade precisa, e ele acaba concordando. Depois disso, ele não descansará enquanto fulano de tal não conseguir uma bolsa de pesquisa. É para isso que queremos a faculdade: uma rede de arrasto, um escritório de recrutamento de pessoal.

– Um escritório de recrutamento para o Inec, certo?

– Sim, para começar. Mas é só parte do contexto geral.

– Não sei se estou entendendo o que você quer dizer.

– Logo entenderá. A equipe da casa, e tudo o mais, você sabe! Fica muito parecido com o estilo de Busby dizer que a humanidade está numa encruzilhada. Mas essa é a principal questão no momento: de que lado se está... do obscurantismo ou da ordem. Parece que agora temos o poder de fato para nos estabelecermos como espécie por um tempo realmente espantoso, assumirmos o controle de nosso destino. Se for dada liberdade à ciência, ela poderá dominar a espécie humana e recondicioná-la: tornar o homem um animal realmente eficiente. Se ela não conseguir, bem, estaremos acabados.

– Prossiga.

– Existem três problemas principais. Em primeiro lugar, o problema interplanetário...

– O que você quer dizer com isso?

– Bem, na realidade não importa. Não podemos fazer nada a respeito no momento. O único homem que poderia ajudar era Weston.

– Ele foi morto num ataque-relâmpago, não foi?

– Ele foi assassinado.

– Assassinado?

– Estou bem certo disso, e tenho uma boa ideia de quem foi o assassino.

– Meu Deus! Não se pode fazer nada?

– Não há provas. O assassino é um respeitável professor de Cambridge de vista fraca, manco de uma perna, e com a barba clara. Ele já jantou nesta faculdade.

– Por que Weston foi assassinado?

– Por estar do nosso lado. O assassino pertence ao inimigo.

– Você não está querendo dizer que ele o assassinou por esse motivo?

– Estou – disse Feverstone, batendo a mão na mesa com violência. – Essa é a questão. Você vai ouvir gente como Curry ou James tagarelando à vontade sobre a “guerra” contra os reacionários. Nunca passa pela cabeça deles que se trata de uma guerra verdadeira, com baixas verdadeiras. Eles acham que a resistência violenta por parte do outro lado terminou com a perseguição a Galileu e tudo o mais. Mas não acredite. Na realidade, ela está apenas começando. Eles agora sabem que finalmente temos poderes *reais*: que a questão do que a humanidade vai ser será decidida nos próximos sessenta anos. Eles vão lutar para conquistar cada centímetro. Nada os deterá.

– Eles não podem vencer – disse Mark

– Esperemos que não – disse lorde Feverstone. – Acho que não podem. É por isso que é de importância tão imensa para cada um de nós a escolha do lado certo. Se você tentar ser neutro, vai tornar-se simplesmente um peão.

– Ah, eu não tenho dúvida quanto a qual seja o *meu* lado – disse Mark – Pondo tudo na balança, a preservação da espécie humana é uma obrigação bastante fundamental.

– Bem, por mim – disse Feverstone –, não estou me entregando a nenhum “busbyismo” a esse respeito. É um pouco fantástico basear nossos atos numa suposta preocupação com o que vai acontecer daqui a milhões de anos. E você precisa se lembrar de que o outro lado também alegaria estar em busca da preservação da humanidade. Os dois podem ter uma explicação psicanalítica, se adotarem essa linha. A questão prática é que você e eu não gostamos de ser peões, e que gostamos de lutar, principalmente no lado que vencer.

– E qual é o primeiro passo em termos práticos?

– É, essa é a verdadeira questão. Como eu disse, o problema interplanetário deverá ser deixado de lado por enquanto. O segundo problema são nossos adversários neste planeta. Não estou falando apenas de insetos e bactérias. Existe um enorme excesso de vida de todos os tipos, animal e vegetal. Na realidade, ainda não limpamos o lugar. De início não podíamos; depois tivemos escrúpulos de ordem estética e humanitária; e ainda não eliminamos a questão do equilíbrio

da natureza. Tudo isso precisa ser examinado. O terceiro problema é o próprio homem.

– Prossiga. Isso me interessa muito.

– O homem precisa se encarregar do homem. Isso significa, lembre-se, que alguns homens precisam se encarregar dos demais, que é mais um motivo para entrarmos nisso o mais cedo possível. Você e eu queremos ser as pessoas que se encarregam, não as pessoas das quais outros se encarregam. Certo?

– Que tipo de coisa vocês têm em mente?

– Coisas perfeitamente simples e óbvias: de início, esterilização dos inaptos, extermínio de raças atrasadas (não queremos pesos mortos), reprodução seletiva. Depois educação de verdade, incluindo a pré-natal. Por educação de verdade, estou me referindo a uma educação que não tenha nenhuma tolice do tipo “pegar ou largar”. Uma educação de verdade torna o paciente infalivelmente o que ela quer: não importa o que o paciente ou seus pais tentem fazer a respeito. É claro que a princípio ela será sobretudo psicológica. Mas nós chegaremos ao condicionamento bioquímico e à manipulação direta do cérebro...

– Mas isso é estupendo, Feverstone.

– É finalmente o que tem de ser. Um novo tipo de homem: e são pessoas como você que precisam começar a criá-lo.

– É esse meu problema. Não pense que é falsa modéstia, mas ainda não percebi como posso contribuir.

– Não, mas *nós* percebemos. Você é o que precisamos: um sociólogo formado, com uma visão radicalmente realista, sem medo da responsabilidade. Além disso, um sociólogo que sabe escrever.

– Você não está dizendo que quer que eu escreva enaltecendo tudo isso?

– Não. Nós queremos que você escreva *atenuando*... camuflando. Somente por enquanto, é claro. Assim que a coisa entrar nos eixos, não precisaremos nos importar com o grande coração do público britânico. Faremos desse grande coração o que quisermos que ele seja. Enquanto isso, porém, *faz* diferença, sim, o modo como as coisas são apresentadas. Por exemplo, se houvesse apenas rumores de que o Inec queria poderes para fazer experimentos em criminosos, todos os idosos de ambos os sexos pegariam em armas e dariam ganidos sobre a humanidade. Chame a isso reeducação dos desajustados, e todos ficam babando de prazer, porque a era brutal da punição vingativa terminou. O estranho é que a palavra “experimento” não é bem aceita, entretanto o mesmo não ocorre com a palavra “experimental”. Não se podem fazer experimentos com crianças; mas

ofereça às queridas criancinhas educação gratuita numa escola experimental anexa ao Inec... e tudo bem!

– Você não quer dizer que esse lado... hã... jornalístico seria meu trabalho principal?

– Nada que ver com jornalismo. Seus leitores em primeira instância seriam os membros dos Comitês da Câmara dos Comuns, não o público. Mas isso seria apenas uma atividade subsidiária. Quanto ao emprego em si, ora, é impossível dizer como ele poderia se desenvolver. Conversando com um homem como você, não saliento o aspecto financeiro. Você começaria com uma remuneração bastante modesta, digamos, cerca de mil e quinhentas libras por ano.

– Eu não estava pensando nisso – disse Mark, corando de pura empolgação.

– Naturalmente – disse Feverstone –, devo avisá-lo do perigo. Talvez, não por enquanto. Mas quando as coisas realmente começarem a crescer, é possível prever que vão tentar derrubá-lo, como o coitado do velho Weston.

– Acho que também não estava pensando nisso – disse Mark.

– Veja bem – disse Feverstone. – Deixe-me levá-lo amanhã para ver John Wither. Ele me disse para levá-lo para passar o fim de semana lá, se você se interessasse. Você vai conhecer todas as pessoas importantes lá, o que lhe dará subsídios para se decidir.

– Como Wither entra nisso? Achei que Jules era o chefe do Inec. – Jules era um romancista ilustre e popularizador da ciência, cujo nome sempre aparecia para o público relacionado com o novo Instituto.

– Jules! Deus me livre! – disse Feverstone. – Você não pensa de verdade que aquele mascotinho tenha alguma coisa que ver com o que realmente acontece? Ele dá certo para vender o Instituto para o grande público britânico nos jornais de domingo e tem um salário arrasador. Mas não serve para o trabalho. Não há nada naquela cabeça além de um pouco de material socialista do século XIX e papo-furado sobre os direitos do homem. Parece que ele só chegou mais ou menos até Darwin!

– Ah, bom – disse Mark – Sempre me intrigou o fato de ele estar envolvido. Sabe de uma coisa, já que você está sendo tão gentil, acho melhor aceitar seu convite e ir à casa de Wither, para o fim de semana. A que horas você vai sair?

– Por volta de quinze para as onze. Ouvi dizer que você mora para os lados de Sandown. Eu poderia ligar e ir apanhá-lo.

– Muito obrigado. Agora fale-me de Wither.

– John Wither – começou Feverstone, mas de repente parou. – Droga! – disse



ele. – Curry está vindo. Agora teremos de ouvir tudo o que N.O. disse e de que modo maravilhoso nosso arquipolítico lidou com ele. Não saia correndo. Vou precisar de apoio moral.



O último ônibus já tinha passado, muito antes que Mark saísse da faculdade, e ele foi para casa caminhando morro acima sob o clarão da lua. Alguma coisa muito incomum aconteceu com ele no instante em que entrou no apartamento. Ele se descobriu, já no capacho da porta, abraçado por uma Jane assustada, aos soluços, até mesmo humilde.

– Ai, Mark – dizia ela. – Senti tanto medo.

Havia uma qualidade nos músculos do corpo da mulher que o pegou de surpresa. Uma indefinível atitude defensiva a abandonara momentaneamente. Ele já presenciara ocasiões semelhantes, mas elas eram raras. Já estavam se tornando mais raras. E, por sua experiência, elas costumavam ser acompanhadas no dia seguinte por brigas inexplicáveis. Isso o deixava enormemente intrigado, embora ele nunca tivesse posto em palavras sua perplexidade.

É duvidoso que ele pudesse ter compreendido os sentimentos dela, mesmo que ela os tivesse explicado; e, fosse como fosse, Jane não poderia tê-los explicado. Ela estava num estado de extrema confusão. Mas os motivos para seu comportamento incomum naquela noite específica eram bastante simples. Jane tinha voltado da casa dos Dimble por volta das quatro e meia, sentindo-se muito animada, e faminta, por causa da caminhada, com a total certeza de que suas experiências na noite anterior e durante o almoço estavam encerradas. Fora preciso acender as luzes e fechar as cortinas antes de terminar o chá, pois os dias estavam ficando curtos. Enquanto fazia isso, ocorreu-lhe o pensamento de que seu pavor diante do sonho e da mera menção de um manto, de um velho, de um velho enterrado porém não morto e de uma língua parecida com o espanhol tinha de fato sido tão irracional quanto o medo que uma criança tem do escuro. Isso a levou a lembrar momentos em que temera o escuro durante sua infância. Talvez ela tivesse se permitido lembrá-los por muito tempo. De qualquer forma, quando se sentou para tomar a última xícara de chá, a noite já estava prejudicada. E nunca se recuperou. De início, ela encontrou grande dificuldade para manter a mente concentrada no livro. Depois, quando admitiu essa dificuldade, descobriu que era difícil se fixar em qualquer livro. Percebeu afinal que estava irrequieta.

De irrequieta, passou a se sentir nervosa. Seguiu-se então um bom tempo em que ela não estava com medo, mas sabia que ficaria realmente apavorada se não se controlasse. Na sequência veio uma curiosa relutância em entrar na cozinha para preparar um lanche e uma dificuldade – na realidade uma impossibilidade – de comer qualquer coisa depois que ela o preparou. E agora não havia como disfarçar o fato de que estava apavorada. Em desespero, ligou para os Dimble.

– Acho que eu irei à pessoa que vocês sugeriram, afinal – disse ela. Após uma pausa curta e curiosa, ouviu-se a voz da senhora Dimble dando-lhe o endereço. O nome era Ironwood. Senhorita Ironwood, aparentemente. Jane tinha suposto que seria um homem e sentiu bastante aversão. A senhorita Ironwood não morava ali, mas em St. Anne's on the Hill. Jane perguntou se ela deveria marcar hora.

– Não – disse a senhora Dimble –, eles vão estar... Você não precisa marcar hora. – Jane encompridou a conversa ao máximo. Tinha ligado não para pegar o endereço, mas principalmente para ouvir a voz de Mamãe Dimble. Em segredo, fora tomada pela louca esperança de que Mamãe Dimble reconhecesse a aflição na sua voz e dissesse de imediato “Estou indo agora mesmo para aí de carro.” Em vez disso, ela conseguiu apenas a informação e um boa-noite apressado. Jane teve a impressão de que havia algo de esquisito na voz da senhora Dimble. Ela sentiu que, com seu telefonema, havia interrompido uma conversa sobre ela própria – ou não –, não sobre si mesma, mas sobre alguma outra coisa mais importante, com a qual tinha algum tipo de ligação. E o que a senhora Dimble quis dizer com “eles vão estar...”? “Eles vão estar esperando por você?” Visões horríveis, infantis, típicas de quarto de criança, desses *Eles*, a esperar por ela, passaram por sua cabeça. Ela viu a senhorita Ironwood, toda vestida de preto, sentada com as mãos cruzadas sobre os joelhos e então alguém que a levava à presença da senhorita Ironwood e dizia “Ela chegou” e a largava lá.

– Que se danem os Dimble! – disse Jane para si mesma e depois desdisse, mais com medo que com remorso. E agora que a corda salva-vidas tinha sido usada sem trazer nenhum alívio, o terror, como que ofendido por sua vã tentativa de escapar dele, voltou a investir contra ela, sem nenhuma possibilidade de disfarce; depois disso ela não conseguia mais se lembrar se o velho horrível e o manto tinham de fato lhe aparecido num sonho ou se ela simplesmente tinha ficado ali sentada, encolhida, de olhos arregalados, desejando, desejando, desejando (até mesmo rezando, apesar de não acreditar em ninguém para quem pudesse rezar) que eles não aparecessem.

Foi por isso que Mark encontrou uma Jane tão inesperada à soleira da porta.

Era uma pena, pensou ele, que isso tivesse acontecido numa noite em que ele chegou tão tarde, tão cansado e, para dizer a verdade, não totalmente sóbrio.



– Você está se sentindo bem hoje? – disse Mark

– Estou, obrigada – respondeu Jane, seca.

Mark estava na cama, tomando uma xícara de chá. Jane estava sentada à penteadeira, parcialmente vestida e arrumando o cabelo. Os olhos de Mark pousavam nela com um prazer preguiçoso, de início de manhã. Se ele suspeitava muito pouco do desajuste entre eles, isso em parte se devia ao incurável hábito de projeção de nossa espécie. Consideramos o cordeiro delicado porque sua lã é macia às nossas mãos. Os homens chamam uma mulher de sensual quando ela desperta neles sentimentos sensuais. O corpo de Jane, macio porém firme, esguio porém arredondado, era tão exatamente ao gosto de Mark que era quase impossível para ele não atribuir a ela as mesmas sensações que ela despertava nele.

– Tem mesmo certeza de que você está bem? – perguntou, novamente.

– Tenho – disse Jane, ainda mais seca.

Jane achava que estava irritada porque seu cabelo não estava ficando do jeito que ela queria, e porque Mark estava demonstrando excesso de preocupação. Ela também sabia, naturalmente, que estava com muita raiva de si mesma pelo descontrole que a traíra na noite anterior, transformando-a no que ela mais detestava – a mulherzinha trêmula e chorosa da ficção sentimental, que corre em busca de consolo nos braços masculinos. Mas ela achava que essa raiva estava apenas no fundo da sua mente, sem levemente suspeitar que ela estava pulsando por todas as suas veias, produzindo naquele exato instante a falta de destreza com os dedos que fazia seu cabelo parecer tão intratável.

– Porque – continuou Mark – se você estiver sentindo o menor desconforto que seja, eu *poderia* adiar minha ida para ver esse tal de Wither.

Jane não disse nada.

– Se eu for mesmo – disse Mark –, sem dúvida precisarei passar lá a noite, talvez duas.

Jane cerrou os lábios com um pouco mais de firmeza e permaneceu em silêncio.

– Supondo que eu vá – disse Mark –, você não cogitaria convidar Myrtle para ficar aqui com você?

– Não, obrigada – disse Jane, categórica. – Estou perfeitamente acostumada a ficar sozinha.

– Eu sei – disse Mark, com a voz num tom bastante defensivo. – É terrível como as coisas estão na faculdade agora. Esse é um dos principais motivos para eu estar pensando em outro emprego.

Jane ainda estava calada.

– Olhe aqui, minha querida – disse Mark, sentando-se de repente e lançando as pernas para fora da cama. – Não adianta falar com rodeios. Não me sinto bem saindo de casa quando você está nesse estado.

– Que estado? – disse Jane, girando e encarando-o pela primeira vez.

– Bem... quer dizer... só um pouco nervosa... como qualquer um pode se sentir temporariamente.

– Só porque aconteceu de eu estar no meio de um pesadelo, quando você chegou em casa ontem de noite, ou melhor, hoje de madrugada, não há necessidade de falar como se eu fosse uma neurastênica. – Isso não era nem de longe o que Jane tinha pretendido ou esperado dizer.

– Ora, de nada adianta falar desse jeito... – começou Mark

– De que jeito? – disse Jane, gélida, e então, antes que ele tivesse tempo de responder, prosseguiu. – Se você já decidiu que eu estou enlouquecendo, é melhor chamar Brizeacre para vir aqui me diagnosticar. Seria conveniente fazer isso, enquanto você estiver fora. Eles poderiam me despachar, enquanto você estiver na casa do senhor Wither, sem nenhum alvoroço. Vou tratar do café da manhã agora. Se você não fizer a barba e se vestir depressa, não estará pronto quando lordes Feverstone chegar.

O resultado foi que Mark fez um corte feio ao se barbear (e de imediato viu uma cena de si mesmo conversando com o importantíssimo Wither com um enorme chumaço de algodão no lábio superior) enquanto Jane resolvia, por uma combinação de motivos, preparar para Mark um café da manhã extraordinariamente rebuscado – do qual ela preferiria morrer a comer um bocadinho que fosse –, e isso ela fez com a veloz eficiência de uma mulher com raiva, só para virar tudo no fogão novo no último instante. Eles ainda estavam à mesa, os dois fingindo ler jornais, quando lordes Feverstone chegou. Por extrema infelicidade, a senhora Maggs chegou ao mesmo tempo. A senhora Maggs era aquele elemento na economia de Jane representado pela expressão “tenho uma

mulher que vem duas vezes por semana”. Vinte anos antes, a mãe de Jane teria se dirigido a uma funcionária desse tipo chamando-a de “Maggs” e teria sido chamada por ela de “patroa”. Mas Jane e sua “mulher que vinha” tratavam-se por senhora Maggs e senhora Studdock. Elas eram mais ou menos da mesma idade e, aos olhos de um solteirão, não havia diferença perceptível nas roupas que usavam. Portanto, talvez não tenha sido indesculpável que, quando Mark tentou apresentar Feverstone à sua mulher, este tivesse dado um aperto de mãos na senhora Maggs; sem dúvida isso não tornou mais agradáveis os últimos minutos antes da partida dos dois homens.

Quase imediatamente Jane deixou o apartamento sob o pretexto de fazer compras. “Hoje eu realmente não conseguiria aguentar a senhora Maggs”, disse ela para si mesma. “Ela fala pelos cotovelos.” Quer dizer que esse era lord Feverstone: um homem de riso alto, forçado, a boca de um tubarão, e nada de boas maneiras. Aparentemente um perfeito pateta, também! Que vantagem Mark poderia obter ao andar com um homem como aquele? Jane não tinha confiado no seu rosto. Ela sempre podia ver: havia alguma coisa de escorregadia nele. Era provável que estivesse fazendo Mark de bobo. Era tão fácil enganá-lo. Se ao menos ele não estivesse em Bracton! Era uma faculdade horrível. O que Mark via em pessoas como o senhor Curry e o clérigo de barba, velho e detestável? E nesse meio-tempo, como seriam o dia que a aguardava, e a noite, e a noite seguinte, e depois dela? Pois quando os homens dizem que podem se ausentar por duas noites, isso quer dizer duas noites no mínimo e que eles esperam estar fora por uma semana inteira. Um telegrama (nunca uma ligação interurbana) resolve tudo, no que lhes diga respeito.

Ela precisava fazer alguma coisa. Chegou a pensar em seguir o conselho de Mark e chamar Myrtle para ficar com ela. Mas Myrtle era sua cunhada, irmã gêmea de Mark, e mantinha uma atitude de adoração exagerada pelo irmão brilhante. Ela falava da saúde de Mark, de suas camisas e meias, com um constante tom subjacente de espanto mudo, porém inconfundível, pela sorte de Jane em casar-se com ele. Não, com certeza Myrtle não. Pensou então em procurar o doutor Brizeacre como paciente. Ele era de Bracton e provavelmente não lhe cobraria nada. Mas quando lhe ocorreu responder, logo a Brizeacre, ao tipo de pergunta que Brizeacre decerto lhe faria, isso se revelou impossível. Ela precisava fazer alguma coisa. Por fim, um pouco para sua própria surpresa, descobriu que decidira ir a St. Anne’s para ver a senhorita Ironwood. Considerou-se uma tola por fazer isso.



Um observador à altitude adequada acima de Edgestow naquele dia poderia ter visto à distância mais para o sul um ponto em movimento numa estrada principal e, mais tarde, para o leste, muito mais perto do fio prateado do Wynd, e com um movimento muito mais vagaroso, a fumaça de um trem.

O ponto teria sido o carro que estava levando Mark Studdock na direção do Escritório de Transfusão de Sangue em Belbury, onde o núcleo do Inec tinha fixado residência provisória. O tamanho e o estilo do automóvel lhe causaram uma impressão favorável no momento em que o viu. O estofamento era de tão boa qualidade que dava a impressão de ser comestível. E que bela energia masculina (Mark naquele momento estava farto das mulheres) se revelava nos gestos com que Feverstone se instalou à direção e pôs o cotovelo na buzina, segurando firme o cachimbo com os dentes! A velocidade do carro, mesmo nas ruas estreitas de Edgestow, era impressionante, tanto quanto as críticas lacônicas de Feverstone a outros motoristas e pedestres. Assim que cruzaram a passagem de nível e deixaram para trás a faculdade onde Jane tinha estudado (St. Elizabeth), Feverstone começou a mostrar do que seu carro era capaz. Sua velocidade era tal que, mesmo numa estrada bastante vazia, os motoristas indesculpavelmente inaptos, os homens com cavalos e os pedestres evidentemente abobalhados, a galinha que eles de fato atropelaram, bem como os cachorros e galinhas que Feverstone declarou “sortudos”, pareciam vir uns atrás dos outros quase sem intervalo. Os postes do telégrafo passavam velozes, pontes rugiam acima deles, lugarejos corriam para trás para se juntar à paisagem já devorada; e Mark, inebriado com tanto ar e sentindo ao mesmo tempo fascínio e aversão pela insolência do jeito de dirigir de Feverstone, ficou ali sentado, dizendo “É” e “Certo” e “A culpa foi *deles*” enquanto relanceava um olhar de soslaio para o companheiro. Sem dúvida, ele era uma mudança em comparação com a empáfia alvoroçada de Curry e do tesoureiro! O nariz longo e reto, os dentes cerrados, a estrutura dura e ossuda por trás do rosto, seu próprio estilo de portar a roupa, tudo falava de um grande homem, dirigindo um grande carro, indo a algum lugar onde encontrariam coisas importantes em curso. E ele, Mark, estaria envolvido nisso tudo. Em uma ocasião ou duas, quando seu coração quase saiu pela boca, ele se perguntou se a habilidade de lordes Feverstone ao volante chegava a justificar sua velocidade.

– Nunca se leva a sério uma encruzilhada desse tipo – berrou Feverstone,

enquanto seguiam em disparada depois de escapar por um triz.

– Certo – gritou Mark – Não adianta dar muita importância a elas!

– E você, dirige muito? – perguntou Feverstone.

– Costumava dirigir bastante – respondeu Mark.

A fumaça que nosso observador imaginário poderia ter visto a leste de Edgestow teria indicado o trem no qual Jane Studdock avançava lentamente na direção do lugarejo de St. Anne's. Edgestow em si, para quem ali chegasse vindo de Londres, tinha toda a aparência de uma estação terminal; mas, se você olhasse ao redor, talvez acabasse por ver, numa plataforma sem saída, um trenzinho de dois ou três vagões e uma locomotiva tênder: um trem que espirrava e cuspiam vapor por baixo dos estribos e no qual a maioria dos passageiros parecia se conhecer. Em alguns dias, em vez do terceiro vagão, talvez houvesse um vagão de transporte de cavalos; e na plataforma haveria cestos com coelhos abatidos ou aves vivas; e homens de chapéu-coco marrom e botinas, talvez com um *terrier* ou um cão pastor que aparentava estar acostumado a viajar. Nesse trem, que partiu à uma e meia, Jane sacolejou e chocalhou ao longo de um barranco de onde olhou do alto, através de alguns galhos nus e alguns galhos salpicados com folhas vermelhas e amarelas, para o Bosque de Bragdon; e a partir daí, transpôs o corte e a passagem de nível no Campo de Bragdon e ao longo da borda de Brawl Park (a grande mansão ficou apenas visível a certa altura), continuando até a primeira parada em Duke's Eaton. Ali, como em Woolham, Cure Hardy e Fourstones, o trem se reacomodou quando parou, com um pequeno solavanco e algo parecido com um suspiro. E então viria um barulho de latões de leite e de botas grosseiras pisando forte na plataforma; e depois disso um silêncio que pareceu demorar muito, período durante o qual o sol de outono aquecia a vidraça da janela e cheiros de bosques e campos de mais além da estação minúscula adentravam e pareciam reivindicar a ferrovia como parte da terra. A cada parada, passageiros entravam e desciam do seu vagão, homens de rosto corado, mulheres com botas com elástico na lateral e frutas artificiais no chapéu e estudantes. Jane mal os percebia: pois, embora na teoria fosse uma democrata extrema, nenhuma classe social, além da sua própria, havia se tornado uma realidade para ela em qualquer lugar que não fosse nas páginas impressas. E entre as estações as coisas passavam efêmeras, tão isoladas do contexto que cada uma parecia prometer alguma felicidade paradisíaca, se ao menos fosse possível saltar do trem naquele exato momento para agarrá-la: uma casa que tinha como pano de fundo um grupo de montes de feno e vastos campos marrons ao redor; dois cavalos velhos em pé, cada um com a cabeça voltada

para a cauda do outro; um pequeno pomar com roupas secando no varal; e, olhando para o trem, um coelho cujos olhos pareciam ser os pontos, e as orelhas, o traço vertical de um duplo ponto de exclamação. Às duas e quinze, ela chegou a St. Anne's, que era a verdadeira estação terminal, e o fim de tudo. O ar pareceu frio e revigorante quando Jane saiu da estação.

Embora o trem tivesse subido o morro tossindo e arfando durante a segunda metade da viagem, ainda havia uma subida a cumprir a pé, pois St. Anne's é um daqueles lugarejos empoleirados no alto de um morro que são mais comuns na Irlanda que na Inglaterra, e a estação fica a certa distância do povoado. Uma estrada sinuosa entre barrancos altos conduziu Jane até lá. Assim que passou pela igreja, ela virou à esquerda na Cruz Celta, como tinha sido instruída. Não havia casas à sua esquerda: apenas uma fileira de faias e campos aráveis sem cercas que se estendiam em queda íngreme. Para além deles, a planície central arborizada espalhava-se até onde ela conseguia ver, tornando-se azul ao longe. Ela estava no terreno mais alto de toda aquela região. Logo, alcançou um muro alto à direita que parecia se prolongar por uma enorme distância: nele havia uma porta e, ao lado da porta, um velho puxador de sino de ferro. Uma espécie de desânimo abateu-se sobre ela. Tinha certeza de ter vindo ali à toa. Mesmo assim, tocou o sino. Quando o som das batidas terminou, seguiu-se um silêncio tão longo e, naquele lugar alto, tão gelado, que Jane começou a se perguntar se a casa era habitada. E, bem quando estava pensando em tocar outra vez ou ir embora, ouviu o ruído de pés que se aproximavam apressados do lado de dentro do muro.

Enquanto isso, havia muito tempo, o carro de lorde Feverstone tinha chegado a Belbury – uma rebuscada mansão eduardiana construída para um milionário que admirava Versalhes. De suas laterais, parecia ter brotado uma excrescência de prédios de concreto mais recentes, que abrigavam o Escritório de Transfusão de Sangue.





### Belbury e St. Anne's on the Hill

Enquanto subia a escadaria larga, Mark viu a si mesmo e a seu companheiro num espelho. Como sempre, Feverstone parecia no controle do seu traje, do seu rosto e da situação como um todo. O algodão no lábio superior de Mark tinha saído do lugar com o vento da viagem, de modo que dava a impressão de ser uma metade de um bigode falso violentamente virado para cima, revelando um trecho de sangue seco por baixo. Um momento depois, ele se descobriu numa sala de janelas grandes, com uma lareira chamejante, onde foi apresentado ao senhor John Wither, vice-diretor do Inec.

Wither era um senhor de cabelos brancos, de maneiras refinadas. Seu rosto estava bem barbeado e era realmente muito grande, com olhos azuis aguados e algo de bastante vago e caótico na expressão. Parecia que ele não estava dedicando a eles toda a sua atenção; e creio que essa impressão devia decorrer dos olhos, pois suas palavras e gestos eram corteses a ponto de serem efusivos. Ele disse que era um imenso, imenso prazer acolher o senhor Studdock entre eles. Era algo que se somava às profundas obrigações que ele já devia a lordes Feverstone. Ele esperava que tivessem feito uma viagem agradável. O senhor Wither parecia ter a impressão de que eles teriam vindo por via aérea e, quando essa impressão foi corrigida, de que teriam vindo de Londres de trem. Ele então começou a perguntar se os aposentos do senhor Studdock eram perfeitamente confortáveis e precisou que lhe recordassem que os dois tinham chegado naquele exato instante. “Suponho”, pensou Mark, “que o velhote esteja tentando me deixar à vontade.” Na realidade, a conversa do senhor Wither estava surtindo o efeito exatamente contrário. Mark desejou que o velhote lhe oferecesse um cigarro. Era extremamente constrangedora sua crescente convicção de que o homem nada sabia a seu respeito e até mesmo de que todos os sólidos esquemas e promessas de Feverstone estavam naquele momento se dissolvendo em alguma espécie de nevoeiro. Por fim, ele reuniu toda a coragem possível e tentou levar o senhor Wither direto ao ponto, dizendo que ainda não tinha percebido com total clareza de que modo poderia ser útil ao Instituto.

– Posso lhe garantir, senhor Studdock – disse o vice-diretor, com uma

expressão extraordinariamente distante no olhar –, que não há necessidade de prever a menor... a menor dificuldade a esse respeito. Jamais houve nenhuma ideia de limitar suas atividades nem sua influência geral em questões de procedimentos, muito menos seu relacionamento com seus colegas, e o que eu poderia chamar, no todo, de termos de referência que regeriam sua colaboração conosco, sem o exame mais amplo possível das suas opiniões e, na realidade, das suas recomendações. O senhor vai descobrir, senhor Studdock, se posso me expressar desse modo, que somos uma família muito feliz.

– Ah, não me compreenda mal, senhor – disse Mark – Não foi isso absolutamente o que eu quis dizer. Apenas disse que gostaria de ter alguma ideia do que eu faria exatamente se viesse para cá.

– Bem, ora, quando o senhor fala de vir para cá – disse o vice-diretor –, isso levanta uma questão sobre a qual espero que não haja nenhum equívoco. Creio que todos concordamos quanto a não haver necessidade de cogitar residência, quer dizer, neste estágio. Nós achamos, todos nós achamos, que o senhor deveria ter total liberdade para realizar seu trabalho onde seja do seu agrado. Se preferir morar em Londres ou em Cambridge...

– Edgestow – disse lorde Feverstone.

– Ah, sim, Edgestow. – Aqui o vice-diretor virou-se e dirigiu a palavra a Feverstone. – Eu estava só explicando ao senhor... hã... Studdock, e tenho certeza de que você está de pleno acordo comigo, que nada estava mais distante da intenção do Comitê do que ditar, ou mesmo aconselhar, onde o senhor... onde seu amigo deveria morar. É claro que, não importa onde ele more, naturalmente deveríamos pôr à sua disposição transporte aéreo e rodoviário. Lorde Feverstone, suponho que já tenha lhe explicado que todas as questões desse tipo acabarão se ajustando sem a menor dificuldade.

– Na realidade, senhor – disse Mark –, eu não estava pensando exatamente nisso. Eu não tenho... quer dizer, eu não deveria ter a menor objeção em morar em qualquer lugar. Eu apenas...

O vice-diretor interrompeu-o, se é que algo tão delicado quanto a voz de Wither pudesse ser chamado de interrupção.

– Mas eu lhe garanto, senhor... hã..., eu lhe garanto, senhor, que não existe a menor objeção a que o senhor resida onde quer que considere conveniente. Em nenhuma etapa, jamais houve a menor sugestão...

Mas aqui Mark, quase em desespero, arriscou-se ele mesmo a fazer uma interrupção.

– É a exata natureza do trabalho – disse ele – e de minhas qualificações para ele que eu queria esclarecer.

– Meu caro amigo – disse o vice-diretor –, nesse sentido não precisa ter a menor inquietação. Como já lhe disse, o senhor descobrirá que somos uma família muito feliz. E pode ficar totalmente tranquilo, pois nenhum questionamento quanto à sua perfeita adequação perturbou a mente de qualquer um de nós. Eu não lhe ofereceria uma posição entre nós se houvesse o menor perigo de o senhor não ser bem acolhido por todos, ou se houvesse a mais leve suspeita de que suas qualidades valiosíssimas não fossem do agrado geral. O senhor está... está entre *amigos* aqui, senhor Studdock. Eu seria a última pessoa a aconselhá-lo a ligar-se a qualquer organização em que corresse o risco de ser exposto... hã... a contatos pessoais desagradáveis.

Mark não voltou a perguntar explicitamente o que o Inec queria que ele fizesse; em parte porque começou a recear que se supunha que isso já fosse do seu conhecimento, e em parte porque uma pergunta totalmente direta teria parecido uma grosseria naquela sala – uma grosseria que talvez de repente o excluísse da atmosfera aconchegante e quase anestesiada de confidências vagas, embora de grande peso e importância, na qual ele aos poucos estava sendo envolvido.

– Muita gentileza sua – disse ele. – A única coisa que eu gostaria de esclarecer só mais um pouco é... bem... a abrangência exata da nomeação.

– Bem – disse o senhor Wither numa voz tão baixa e tão profunda que era quase um suspiro –, alegra-me muito que o senhor tenha tocado nesse assunto agora, de maneira totalmente informal. É óbvio que nem o senhor nem eu desejaríamos firmar um compromisso agora, nesta sala, em nenhum sentido que fosse lesivo aos poderes do Comitê. Entendo muito bem seus motivos e... hum... os respeito. É claro que não estamos falando de uma nomeação no sentido quase técnico do termo. Fazer isso não seria correto para nenhum de nós dois (embora o senhor bem possa me lembrar, de modos diferentes), ou pelo menos poderia levar a certos inconvenientes. Mas creio que posso lhe assegurar com a máxima franqueza que ninguém quer engessá-lo nem forçá-lo a caber num leito de Procusto. Entre nós, na verdade não pensamos em termos de funções rigorosamente demarcadas, é claro. Bem, para ser franco, considero difícil que homens como o senhor e eu tenhamos o hábito de usar conceitos desse tipo. Todos no Instituto acham que seu trabalho não é tanto uma contribuição departamental para um objetivo já definido, quanto um momento, ou etapa, na progressiva autodefinição de um todo orgânico.

E Mark respondeu... Que Deus o perdoasse, pois ele era jovem, encabulado, vaidoso e tímido, tudo ao mesmo tempo.

– Para mim isso é realmente importante. A elasticidade da sua organização é um dos aspectos que me atraem.

Depois disso, ele não teve outra oportunidade de levar o vice-diretor ao ponto desejado; e, sempre que a voz lenta e delicada se calava, Mark descobria que respondia no mesmo estilo, parecendo não conseguir agir de modo diferente apesar da repetição torturante da pergunta “*A respeito do que mesmo estamos conversando?*”. Bem no final da entrevista, houve um instante de clareza. O senhor Wither supôs que ele, Mark, acharia conveniente entrar para o clube do Inec: mesmo durante os dias seguintes, ele teria mais liberdade como sócio do que como convidado. Mark concordou e depois ficou vermelho como um menininho ao saber que o jeito mais fácil era tornar-se membro vitalício pelo custo de duzentas libras. Ele não possuía essa quantia no banco. É claro que, se tivesse conseguido o novo emprego, com suas mil e quinhentas libras por ano, tudo daria certo. Mas ele tinha conseguido o emprego? Será que existia um emprego?

– Que bobagem a minha – disse ele, em voz alta. – Não estou com meu talão de cheques.

Daí a instantes, ele se descobriu na escadaria com Feverstone.

– E então? – perguntou Mark, ansioso. Pareceu que Feverstone não o ouviu. – E então? – repetiu Mark – Quando vou saber meu destino? Quer dizer, eu consegui o emprego?

– Ei, cara! – gritou Feverstone de repente para um homem no saguão lá embaixo. No instante seguinte, ele desceu até o pé da escadaria, segurou a mão do amigo com afeto e desapareceu. Mark, acompanhando-o mais devagar, descobriu-se no saguão, calado, sozinho e constrangido, entre os grupos e pares de homens tagarelas, que estavam todos atravessando o aposento na direção das grandes portas dobráveis à sua esquerda.



Pareceu durar muito tempo esse postar-se, sem saber o que fazer, esse esforço de parecer natural e de não olhar nos olhos de desconhecidos. O ruído e os aromas agradáveis que emanavam das portas dobráveis deixavam evidente

que as pessoas estavam indo almoçar. Mark hesitou, inseguro quanto a sua própria condição. Por fim, decidiu que não conseguia mais ficar ali parado como um pateta, e entrou.

Sua expectativa era de que houvesse várias mesas pequenas a uma das quais ele poderia ter se sentado sozinho. Mas havia uma única mesa comprida, já quase tão cheia que, depois de procurar em vão por Feverstone, ele precisou se sentar ao lado de um desconhecido.

– Suponho que cada um sente onde quiser – murmurou ele enquanto se sentava; mas o desconhecido pareceu não ouvir. Era um homem alvoroçado que comia muito depressa e falava ao mesmo tempo com seu vizinho do outro lado.

– É exatamente essa a questão – dizia ele. – Como eu disse a ele, para mim não faz diferença de que jeito eles vão resolver o assunto. Não faço a menor objeção a que o pessoal do IJP assumam toda essa história, se for isso o que o VD quer; mas o que não me agrada é que um homem seja responsável por isso, se metade do trabalho está sendo feito por outra pessoa. Como eu disse a ele, você agora tem três chefes batendo a cabeça uns nos outros por alguma tarefa que realmente poderia ser realizada por um escriturário. Está se tornando ridículo. Veja o que aconteceu hoje de manhã.

Esse estilo de conversa continuou durante a refeição inteira.

Embora a comida e a bebida fossem de excelente qualidade, foi um alívio para Mark quando as pessoas começaram a deixar a mesa. Seguindo o movimento geral, ele atravessou novamente o saguão e entrou numa sala espaçosa, mobiliada como uma sala de estar, onde estava sendo servido café. Ali, por fim, ele viu Feverstone. De fato, teria sido difícil não vê-lo porque ele era o centro de um grupo e dava risadas prodigiosas. Mark teve vontade de se aproximar dele, ao menos para descobrir se deveria passar a noite ali e, se fosse esse o caso, se havia um quarto designado para ele. Mas o grupo de homens em torno de Feverstone era daquele tipo reservado ao qual é difícil alguém se unir. Ele foi se aproximando de uma das muitas mesas e começou a folhear as páginas brilhosas de uma revista semanal ilustrada. De alguns em alguns segundos, erguia os olhos para ver se havia alguma chance de trocar uma palavra a sós com Feverstone. A quinta vez em que fez isso, descobriu-se olhando bem na cara de um dos seus colegas de faculdade, um pesquisador de Bracton chamado William Hingest. O Elemento Progressista o chamava, se bem que não na sua presença, de Bill Nevasca.

Hingest não havia comparecido à reunião do corpo docente, embora Curry

tivesse imaginado que iria, e praticamente não se dava com lorde Feverstone. Mark percebeu com certa reverência que aquele era um homem *diretamente* em contato com o Inec – alguém que começava, por assim dizer, num ponto além de Feverstone. Hingest, que era especialista em físico-química, era um dos dois cientistas em Bracton que tinha reputação fora da Inglaterra. Espero que o leitor não tenha sido induzido a supor que os pesquisadores de Bracton fossem um corpo especialmente ilustre. Decerto não era intenção do Elemento Progressista eger medíocres para bolsas de pesquisa, mas sua determinação de optar por “homens sólidos” limitava violentamente seu campo de escolha; e, como Busby dissera uma vez, “Não se pode ter tudo”. Bill Nevasca possuía um antiquado bigode encaracolado no qual o branco tinha quase, mas não totalmente, triunfado sobre o louro, o nariz grande semelhante a um bico e a cabeça careca.

– Este é um prazer inesperado – disse Mark com um toque de formalidade. Ele sempre sentira um pouco de medo de Hingest.

– Hum? – resmungou Bill. – Hem? Ah, é você, Studdock? Não sabia que tinham contratado seus serviços aqui.

– Senti sua falta ontem na reunião do corpo docente – disse Mark

Era mentira. O Elemento Progressista sempre considerava a presença de Hingest embaraçosa. Como cientista – e o único cientista realmente em inente que tinham –, ele era legítima propriedade deles. Era, porém, aquela anomalia odiosa, o tipo errado de cientista. Glossop, que era um clássico, era seu maior amigo na faculdade. Ele tinha o ar (“a afetação”, como Curry dizia) de quem não dava menos importância às próprias descobertas revolucionárias na química, e muito mais ao fato de ser um Hingest: a família era de uma antiguidade quase mítica, “jamais contaminada”, como disse seu historiador do século XIX, “por traidor, funcionário público ou título de baronete”. Ele tinha sido particularmente ofensivo por ocasião da visita de Broglie a Edgestow. O francês tinha passado seu tempo livre exclusivamente na companhia de Bill Nevasca, mas, quando um pesquisador júnior fez uma insinuação sobre o opulento banquete de ciência que os dois sábios deviam ter compartilhado, Bill Nevasca pareceu procurar na memória por um instante e então respondeu que achava que eles não tinham chegado a esse assunto. “Todo aquele papo-furado do *Almanaque de Gota*, suponho”, tinha sido o comentário de Curry, se bem que não na presença de Hingest.

– Hem? Que foi? Reunião do Corpo Docente? – disse Nevasca. – O que foi discutido?

- A venda do Bosque de Bragdon.
- Uma bobajada – resmungou Nevasca.
- Espero que você concorde com a decisão à qual chegamos.
- Não faria diferença a decisão à qual vocês chegassem.
- Ah! – disse Mark, com certa surpresa.

– Nada disso tem sentido. O Inec teria ficado com o bosque, qualquer que fosse o caso. Eles têm poderes para forçar a venda.

– Mas é extraordinário! Deram-me a entender que eles iriam para Cambridge se nós não o vendêssemos.

Hingest fungou ruidosamente.

– Não há nem uma gota de verdade nisso. Quanto a ser extraordinário, depende do que você quer dizer. Não há nada de extraordinário no fato de os pesquisadores de Bracton debaterem uma tarde inteira sobre uma questão irreal. E não há nada de extraordinário no fato de o Inec desejar, se possível, transferir para Bracton a ignomínia de transformar o coração da Inglaterra num cruzamento entre um hotel americano falido e um gasômetro embelezado. O único enigma verdadeiro é o motivo pelo qual o Inec ia querer aquele pedaço de terra.

– Suponho que descobriremos com o avanço das atividades.

– Você, talvez. Eu não.

– É mesmo? – disse Mark, com uma indagação.

– Para mim, chega – disse Hingest, baixando a voz. – Vou embora hoje à noite. Não sei o que você estava fazendo em Bracton; mas, se tinha algum valor, eu o aconselharia a voltar e persistir.

– Verdade?! – disse Mark – Por que diz isso?

– Não faz diferença para um velho como eu – disse Hingest –, mas eles poderiam acabar com *ocê*. Naturalmente tudo depende daquilo de que um homem gosta.

– Por sinal – disse Mark –, eu ainda não me decidi. – Ele tinha sido ensinado a encarar Hingest como um reacionário pervertido. – Nem mesmo sei qual seria meu trabalho se eu resolvesse ficar.

– Qual é sua matéria?

– Sociologia.

– Hum – disse Hingest. – Nesse caso, posso logo lhe indicar o homem a quem você se reportaria. Um cara chamado Steele. Daquele lado, junto da janela, está

vendo?

– Talvez você pudesse me apresentar.

– Então você está decidido a ficar?

– Bem, acho que pelo menos eu devia conhecê-lo.

– Tudo bem – disse Hingest. – Não é da minha conta. – E então acrescentou, com a voz mais alta: – Steele.

Steele virou-se. Era um homem alto, de expressão séria, com aquele tipo de rosto que, embora comprido e semelhante a uma cara de cavalo, tem ainda assim lábios bastante grossos e protuberantes.

– Esse aqui é Studdock – disse Hingest –, o novo homem para seu departamento. – E com isso deu-lhes as costas e foi embora.

– Ah – disse Steele. E então, depois de um intervalo: – Ele disse *meu* departamento?

– Foi o que ele *disse* – respondeu Mark, com um sorriso hesitante –, mas talvez tenha compreendido errado. É que sou sociólogo... se isso ajudar a esclarecer.

– Eu sou mesmo o chefe do departamento de Sociologia – disse Steele –, mas esta é a primeira vez que ouço falar de você. Quem lhe disse que você deveria ir para lá?

– Bem, na realidade – disse Mark –, tudo está muito indefinido. Eu acabei de ter uma conversa com o vice-diretor, mas nós não chegamos a entrar em detalhes.

– Como você conseguiu chegar a *ele*?

– Lorde Feverstone me apresentou.

Steele assobiou.

– E aí, Cosser – gritou ele para um homem de rosto sardento que ia passando –, escute só essa. Feverstone acabou de descarregar esse cara no nosso departamento. Levou direto ao VD sem me dizer uma palavra. O que você acha disso?

– Bem, não dá para acreditar! – disse Cosser, praticamente sem olhar para Mark, mas olhando muito fixo para Steele.

– Sinto muito – disse Mark, com a voz um pouco mais alta e com uma atitude um pouco mais rígida do que demonstrara até então. – Não se alarmem. Parece que me puseram numa posição embaraçosa. Deve ter havido algum equívoco. Para ser franco, estou neste instante apenas dando uma olhada por aí. Seja qual



for o caso, não tenho nenhuma certeza de que pretendo ficar.

Nenhum dos outros dois prestou a menor atenção a essa última sugestão.

– Isso é típico de Feverstone – disse Cosser a Steele.

Steele voltou-se para Mark.

– Eu deveria aconselhá-lo a não dar muita atenção ao que lordes Feverstone diz aqui – observou ele. – Isso aqui não lhe diz respeito de modo algum.

– Só faço objeção – disse Mark, desejando poder impedir seu rosto de ficar vermelho – a ser posto numa posição embaraçosa. Vim aqui apenas a título de experiência. Para mim é indiferente se assumo um trabalho no Inec ou não.

– Veja bem – disse Steele a Cosser –, na realidade não há lugar para um homem na nossa área. Principalmente para alguém que não conhece o trabalho. A menos que o ponham na UL...

– É verdade – disse Cosser.

– Senhor Studdock, creio eu – disse outra voz junto do cotovelo de Mark, uma voz aguda que parecia desproporcional para a montanha de homem que ele viu ao virar a cabeça. Ele reconheceu o interlocutor de imediato. O rosto liso e moreno e o cabelo preto eram inconfundíveis, da mesma forma que seu sotaque estrangeiro. Tratava-se do professor Filostrato, o célebre fisiologista, ao lado de quem Mark tinha se sentado num jantar cerca de dois anos antes. Ele era gordo a um ponto que é cômico no palco, mas o efeito não era engraçado na vida real. Mark ficou encantado por um homem daqueles ter se lembrado dele.

– Alegra-me que você tenha vindo se unir a nós – disse Filostrato, segurando o braço de Marke conduzindo-o delicadamente para longe de Steele e Cosser.

– Para ser franco – disse Mark –, não tenho certeza se vim. Quem me trouxe foi Feverstone, mas ele desapareceu, e Steele... supostamente é para o departamento dele que eu entraria... parece não saber nada a meu respeito.

– Ora! Steele! – disse o professor. – Tudo isso é insignificante. Esse parece que tem o rei na barriga. Um dia desses vai ser posto no devido lugar. Pode ser que seja você quem se encarregará disso. Li toda a sua obra, *si si*. Não o leve em consideração.

– Faça forte objeção a ser posto em situação embaraçosa... – começou Mark

– Escute, meu amigo – interrompeu-o Filostrato –, você precisa tirar todas essas ideias da sua cabeça. A primeira coisa a levar em conta é que o Inec é sério. Não é nada menos que a existência da espécie humana que depende do

nosso trabalho: do nosso *verdadeiro* trabalho, compreende? Você há de encontrar atritos e impertinências entre essa *canaglia*, essa ralé. Eles não devem receber atenção, da mesma forma que não se dá atenção a uma antipatia por um companheiro de tropa quando a batalha está no auge.

– Desde que me deem alguma coisa para fazer que valha a pena – disse Mark –, eu não permitiria que nada dessa natureza interferisse no meu trabalho.

– É, é, é verdade. O trabalho é mais importante do que você poderá entender por enquanto. Você vai ver. Esses Steeles e Feverstones... eles não têm a menor importância. Desde que você esteja nas boas graças do vice-diretor, não precisa dar a mínima para eles. Você não precisa dar ouvidos a ninguém a não ser a ele, entendeu? Ah... e tem mais uma coisa. Não faça inimizade com a Fada. Quanto aos demais, ria de todos.

– A Fada?

– Sim. Ela, que eles chamam de Fada. Ai, meu Deus, uma *Inglesaccia* terrível! Ela é a chefe da nossa polícia, a polícia Institucional. *Ecco*, aí vem ela. Vou apresentá-los. Senhorita Hardcastle, permita-me apresentar-lhe o senhor Studdock

Mark descobriu-se lutando para soltar a mão do aperto de foguista ou de carroceiro de uma mulher grande, de uniforme preto de saia curta. Apesar de um busto que teria feito jus a uma atendente de bar vitoriana, ela era mais de compleição forte do que gorda; e seu cabelo cinza como o ferro era cortado bem curto. Seu rosto era quadrado, sério e pálido; e sua voz, grave. Um borrão de batom aplicado com uma violenta desatenção à verdadeira forma da sua boca era sua única concessão à moda; e ela rolava ou mascava um longo charuto preto, apagado, entre os dentes. Enquanto falava, costumava remover o charuto, olhando atentamente para a mistura de batom e saliva na sua ponta mutilada, para depois recolocá-lo no lugar ainda com mais firmeza do que antes. Ela se sentou imediatamente numa poltrona perto de onde Mark estava parado, lançou a perna direita por cima de um dos braços, e fixou nele um olhar de fria intimidade.



Clique-claque, bem nítidos, no silêncio em que Jane aguardava em pé, vieram os passos da pessoa do outro lado do muro. A porta abriu-se então, e Jane se descobriu encarando uma mulher alta mais ou menos da sua idade. Essa

pessoa olhou para ela com olhos penetrantes, impassíveis.

– Aqui mora uma senhorita Ironwood? – disse Jane.

– Mora – disse a outra moça, sem abrir mais a porta nem se afastando para ela passar.

– Por favor, eu gostaria de vê-la – disse Jane.

– Você tem hora marcada? – perguntou a mulher alta.

– Bem, não exatamente – disse Jane. – Quem me encaminhou foi o doutor Dimble, que conhece a senhorita Ironwood. Ele disse que eu não precisaria de hora marcada.

– Ah, se você vem do doutor Dimble, tudo fica diferente – disse a mulher. – Entre. Agora espere um instante enquanto eu cuido dessa fechadura. Pronto. Agora está tudo bem. Não há espaço para duas neste caminho e eu lhe peço que me dê licença de ir à frente.

A mulher conduziu-a por um caminho de tijolos ao lado de um muro no qual cresciam árvores frutíferas, e então para a esquerda por uma trilha musgosa com groselheiras de cada lado. Depois veio um pequeno gramado com uma gangorra no centro, e mais adiante uma estufa. Ali elas se encontraram no tipo de aglomerado que às vezes ocorre nos limites de um grande jardim: andando por uma ruela que tinha de um lado um celeiro e um estábulo; e, do outro, uma segunda estufa, um galpão de envasamento e uma pocilga – habitada, como os grunhidos e o cheiro não totalmente agradável lhe informavam. Depois havia caminhos estreitos através de uma horta, que parecia estar numa encosta bastante íngreme; e em seguida roseiras, todas duras e espinhentas, com seu traje de inverno. A certa altura, elas foram por um caminho feito apenas de tábuas. Isso fez que Jane se lembrasse de alguma coisa. Era um jardim muito grande. Era como... como... isso mesmo, agora ela se lembrava: *Peter Rabbit*. Ou era como o jardim no *Romance da Rosa*? Não, nem um pouco parecido, na verdade. Ou como o jardim de Klingsor? Ou o jardim de *Alice*? Ou ainda como o jardim no alto de algum zigurate na Mesopotâmia que tinha provavelmente ensejado toda a lenda do Paraíso? Ou simplesmente como todos os jardins murados? Freud disse que gostávamos de jardins porque eram símbolos do corpo feminino. Mas esse deve ser o ponto de vista de um homem. É presumível que os jardins tivessem um significado diferente nos sonhos das mulheres. Ou não? Será que tanto os homens como as mulheres sentiam um interesse equivalente pelo corpo feminino e até, embora parecesse ridículo, quase do mesmo modo? Uma frase surgiu na sua memória. “A beleza da fêmea é fonte de alegria para a fêmea

tanto quanto para o macho, e não é por acaso que a deusa do Amor é mais velha e mais forte que o deus.” Onde será que ela teria lido isso? E, por sinal, que tolíce horrorosa ela vinha pensando mais ou menos no último minuto! Ela descartou todas essas ideias sobre jardins e se decidiu a recuperar o controle. Uma sensação curiosa de que agora estava em território hostil, ou no mínimo desconhecido, levou-a a manter-se alerta. Nesse instante, elas saíram repentinamente do caminho entre moitas de azaleias e loureiros e se descobriram diante de uma pequena porta lateral, com uma pipa d’água ao lado, na longa parede de uma grande casa. Exatamente quando chegaram ali, uma janela fechou-se ruidosamente no andar superior.

Dali a um minuto ou dois, Jane estava sentada esperando numa sala espaçosa, escassamente mobiliada, com um fogão para aquecer o ambiente. A maior parte do piso estava descoberta e as paredes, acima dos lambris que chegavam à altura da cintura, eram de um reboco branco-acinzentado, tanto que o efeito geral era ligeiramente austero e monástico. O passo da mulher alta sumiu nos corredores, e com isso a sala foi tomada por um forte silêncio. Ouvia-se eventualmente o grasnado de galhas. “Agora não tem mais volta”, pensou Jane. “Vou ter de contar aquele sonho a essa mulher, e ela vai fazer todo tipo de pergunta.” Em geral, ela se considerava uma pessoa moderna, que podia conversar sem constrangimento sobre qualquer assunto, mas, enquanto estava sentada naquela sala, as coisas começaram a parecer diferentes. Todos os tipos de reservas secretas em seu programa de franqueza, coisas que, agora ela percebia, tinham sido rotuladas para nunca serem contadas, voltavam sorrateiras para sua consciência. Era surpreendente que pouquíssimas delas estivessem relacionadas com o sexo.

– Os dentistas – disse Jane – pelo menos deixam jornais ilustrados na sala de espera. – Ela se levantou e abriu o único livro que estava em cima da mesa no meio da sala. Instantaneamente, os olhos bateram nas seguintes palavras: “A beleza da fêmea é fonte de alegria para a fêmea tanto quanto para o macho, e não é por acaso que a deusa do Amor é mais velha e mais forte que o deus. Desejar o desejo da própria beleza é a vaidade de Lilith, mas desejar a apreciação da própria beleza é a obediência de Eva, e, para ambas, é no amante que a amada prova seu encanto. Como a obediência é o caminho do prazer, a humildade é a...”

Naquele instante, a porta abriu-se de repente. Jane ficou vermelha ao fechar o livro e erguer os olhos. Parecia que a mesma moça que a recebera acabava de abrir a porta e ainda estava em pé no umbral. Jane agora sentiu por ela aquela

admiração quase apaixonada que as mulheres, com maior frequência do que se supõe, sentem por outras mulheres cuja beleza não é do seu próprio tipo. Seria bom, pensou Jane, ser daquele jeito – tão empertigada, tão franca, tão valente, tão perfeita para montar a cavalo e tão divinamente alta.

– A senhorita Ironwood está? – disse Jane.

– A senhora é a senhora Studdock? – perguntou a moça.

– Sou – disse Jane.

– Vou levá-la até ela agora mesmo – disse a outra. – Estamos esperando pela senhora. Meu nome é Camilla, Camilla Denniston.

Jane a acompanhou. Pela largura estreita e pela simplicidade dos corredores, avaliou que ainda se encontravam nos fundos da casa e que, se isso se confirmasse, ela devia ser realmente uma casa muito grande. As duas andaram muito até Camilla bater a uma porta e se postar de lado para Jane entrar, depois de dizer em voz baixa e clara (“como uma criada,” pensou Jane) “Ela chegou”. E Jane entrou; e lá estava a senhorita Ironwood, toda vestida de preto, sentada com as mãos cruzadas sobre os joelhos, exatamente como Jane a tinha visto no sonho, se é que ela estava sonhando, na noite anterior no apartamento.

– Sente-se, minha jovem – disse a senhorita Ironwood.

As mãos que estavam cruzadas sobre os joelhos eram muito grandes e ossudas, embora não sugerissem rudeza; e, mesmo sentada, a senhorita Ironwood era extremamente alta. Tudo nela era grande: o nariz, os lábios que não sorriam e os olhos cinzentos. Talvez estivesse mais perto dos sessenta que dos cinquenta. Havia na sala uma atmosfera que Jane achou desagradável.

– Como você se chama, minha jovem? – perguntou a senhorita Ironwood, pegando um lápis e um caderno.

– Jane Studdock

– Você é casada?

– Sou.

– Seu marido sabe que você veio nos procurar?

– Não.

– E sua idade, por favor?

– Vinte e três.

– E agora – disse a senhorita Ironwood –, o que tem a me dizer?

Jane respirou fundo.

– Ultimamente venho tendo uns sonhos desagradáveis e me sentindo

deprimida – disse ela.

– Como são os sonhos? – perguntou a senhorita Ironwood.

A narrativa de Jane – que não foi muito benfeita – demorou algum tempo. Enquanto falava, ela mantinha os olhos fixos nas mãos grandes da senhorita Ironwood, na sua saia preta, no lápis e no caderno. E foi por esse motivo que ela de repente parou. Pois, enquanto falava, viu que a mão da senhorita Ironwood parara de escrever e que os dedos se enroscaram no lápis. Pareciam ser dedos imensamente fortes. E a cada instante eles apertavam mais, até que os nós ficaram brancos e as veias saltadas no dorso das mãos; e finalmente, como que sob a influência de alguma emoção sufocada, eles partiram o lápis em dois. Foi aí que Jane parou assustada e olhou para o rosto da senhorita Ironwood. Os grandes olhos cinzentos ainda estavam fixos nela sem nenhuma mudança de expressão.

– Por favor, continue, minha jovem – disse a senhorita Ironwood.

Jane retomou sua história. Quando terminou, a senhorita Ironwood fez uma série de perguntas. Depois, ficou tanto tempo em silêncio que Jane indagou:

– A senhora acha que estou com algum problema sério?

– Não há nada de errado com você – respondeu a senhorita Ironwood.

– Quer dizer que vai passar?

– Não tenho como saber. Eu diria que provavelmente não.

A decepção sombreou o rosto de Jane.

– Então, não se pode fazer nada? Eram sonhos horríveis. De uma nitidez horrível, nem um pouco como sonhos.

– Isso eu posso entender perfeitamente.

– É alguma coisa que não tem cura?

– O motivo pelo qual você não pode se curar é que você não está doente.

– Mas alguma coisa deve estar errada. Sem dúvida não é natural ter sonhos desse tipo.

Fez-se uma pausa.

– Acho melhor – disse a senhorita Ironwood – eu lhe contar toda a verdade.

– Sim, por favor – disse Jane com a voz tensa. As palavras da outra a assustavam.

– E começarei dizendo o seguinte – continuou a senhorita Ironwood: – você é mais importante do que imagina.

Jane nada disse, mas pensou consigo mesma “Ela está sendo condescendente

comigo. Acha que sou louca.”

– Qual era seu nome de solteira? – perguntou a senhorita Ironwood.

– Tudor – disse Jane. Em qualquer outro momento, ela teria dito isso com bastante constrangimento, já que fazia questão de que ninguém a supusesse vaidosa de seus antepassados.

– O ramo de Warwickshire da família?

– Sim.

– Você já leu um livrinho, de apenas quarenta páginas, escrito por um antepassado seu sobre a batalha de Worcester?

– Não. Meu pai tinha um exemplar... O único, acho que ele disse. Mas eu nunca o li. Perdeu-se quando a casa foi desmanchada depois que ele morreu.

– Seu pai estava enganado ao pensar que aquele era o único exemplar. Existem pelo menos outros dois: um está nos Estados Unidos, e o outro está nesta casa.

– E?

– Seu antepassado forneceu um relato correto e completo da batalha, que ele diz ter concluído no mesmo dia em que ela foi travada. Mas ele não estava lá. Na ocasião, ele estava em York.

Jane, que realmente não estava acompanhando o que a senhorita Ironwood dizia, olhou para ela.

– Se ele estava dizendo a verdade – disse a senhorita Ironwood –, e nós acreditamos que estava, ele sonhou. Está entendendo?

– Sonhou com a batalha?

– Sim. Mas sonhou certo. Ele viu no sonho a batalha verdadeira.

– Não vejo a ligação entre uma coisa e outra.

– A vidência, o poder de sonhar a realidade, é às vezes hereditária – disse a senhorita Ironwood.

Alguma coisa pareceu atrapalhar a respiração de Jane. Ela estava começando a se sentir ofendida. Esse era exatamente o tipo de coisa que ela detestava: um evento do passado, alguma coisa irracional e totalmente inconveniente, que saía do seu covil para vir se intrometer na sua vida.

– Isso pode ser provado? – perguntou ela. – Quer dizer, só temos a palavra dele.

– Temos os seus sonhos – disse a senhorita Ironwood. Sua voz, sempre séria, tinha se tornado severa. Um pensamento fantástico passou pela cabeça de Jane.

Poderia aquela velha nutrir alguma ideia de que não se deve chamar de mentirosos nem mesmo nossos antepassados mais remotos?

– Meus sonhos? – disse ela, com um pouco de aspereza.

– Sim – disse a senhorita Ironwood.

– Como assim?

– Na minha opinião, você viu coisas reais nos seus sonhos. Você viu Alcasan realmente sentado na cela de condenado e viu uma visita que ele de fato recebeu.

– Mas... mas... ora, isso é ridículo – disse Jane. – *Essa* parte foi mera coincidência. O resto foi apenas um pesadelo. Era tudo impossível. Ele desatarraxou a cabeça, é o que lhe digo. E eles desenterraram o velho horroroso. Fizeram que voltasse à vida.

– Sem dúvida, há alguma confusão aí. Mas na minha opinião existem fatos mesmo por trás desses episódios.

– Receio não acreditar nesse tipo de coisa – disse Jane com frieza.

– Por sua formação, é natural que não acredite – respondeu a senhorita Ironwood. – A menos que você tenha descoberto por si mesma, é claro, que tem uma tendência a sonhar fatos reais.

Jane pensou no livro sobre a mesa, do qual ela parecia ter se lembrado antes de vê-lo; e depois havia a aparência da senhorita Ironwood... que ela também tinha visto antes de conhecê-la. Mas devia ser tolice sua.

– Então a senhora não pode fazer nada por mim?

– Posso lhe dizer a verdade – disse a senhorita Ironwood. – Foi o que tentei fazer.

– Quer dizer, a senhora não tem como fazer isso parar? Como me curar?

– A vidência não é uma doença.

– Mas eu não *quero* ter isso – disse Jane, veemente. – Preciso impedir que aconteça. Odeio esse tipo de coisa. – A senhorita Ironwood nada disse. – A senhora não conhece ninguém que possa acabar com isso? – perguntou Jane. – Não pode me recomendar ninguém?

– Se você procurar um psicoterapeuta comum – disse a senhorita Ironwood –, ele partirá do pressuposto de que os sonhos meramente refletem seu subconsciente. Ele tentaria tratá-la. Não sei quais seriam os resultados de um tratamento com base nessa premissa. Receio que possam ser muito sérios. E... com certeza o tratamento não acabaria com os sonhos.



– Mas afinal do que se trata? – disse Jane. – Quero levar uma vida normal. Quero fazer meu trabalho. Tudo isso é insuportável! Por que eu deveria ser escolhida para essa coisa horrível?

– A resposta a isso é conhecida somente por autoridades muito superiores a mim.

Houve um breve silêncio. Jane fez um movimento indefinível.

– Bem, se a senhora não pode fazer nada por mim – disse ela, bastante contrariada –, talvez seja melhor eu ir embora. – E então, de repente, acrescentou: – Mas como é possível que a senhora *saiba* tudo isso? Quer dizer, de que fatos a senhora está falando?

– Creio – disse a senhorita Ironwood – que você provavelmente tem mais motivos para supor a veracidade dos seus sonhos do que me contou. Se não tiver, logo terá. Nesse meio-tempo, responderei à sua pergunta. Nós sabemos que seus sonhos são em parte verdadeiros porque eles se encaixam em informações que já possuímos. Foi por enxergar sua importância que o doutor Dimble a encaminhou para nós.

– Quer dizer que ele me mandou vir aqui não para ser curada, mas para dar informações? – disse Jane. A ideia se ajustava a certas coisas que Jane tinha observado na postura do doutor Dimble, quando ela lhe fez os relatos de seus sonhos.

– Exatamente.

– Quem dera eu tivesse sabido disso um pouco antes – disse Jane com frieza, levantando-se definitivamente para sair. – Receio que tenha sido um mal-entendido. Eu imaginava que o doutor Dimble estivesse tentando me ajudar.

– E ele estava. Mas também estava tentando fazer alguma coisa mais importante ao mesmo tempo.

– Imagino que eu deveria ser grata por chegar a ser alvo de consideração – disse Jane, áspera. – E exatamente de que modo eu haveria de ser ajudada por todo esse tipo de coisa? – A tentativa de um desdém irônico fracassou, quando ela disse essas últimas palavras; e uma raiva rubra, sem disfarces, invadiu seu rosto. Sob certos aspectos, ela era muito jovem.

– Minha jovem – disse a senhorita Ironwood –, você não está se dando conta da gravidade dessa questão. As cenas que você viu dizem respeito a algo em comparação com o qual a felicidade, ou mesmo a vida, sua ou minha, não têm importância *alguma*. Devo implorar que você encare a situação. Você não pode se livrar do seu dom. Pode tentar reprimi-lo, mas fracassará e ficará

terrivelmente amedrontada. Por outro lado, você pode pô-lo à nossa disposição. Se o fizer, sentirá muito menos medo no longo prazo e ajudará a salvar a espécie humana de uma enorme catástrofe. Ou, em terceiro lugar, você pode falar dele a mais alguém. Se o fizer, tenho de avisá-la da possibilidade quase certa de que cairá nas mãos de outras pessoas, as quais estarão pelo menos tão ansiosas quanto nós para fazer uso dessa sua faculdade, e que não se importarão com sua vida e sua felicidade mais do que se importariam com as de uma mosca. As pessoas que você viu nos seus sonhos são pessoas de verdade. Não é de todo improvável que já saibam que você, involuntariamente, as andou espionando. E, se for esse o caso, não descansarão enquanto não puserem as mãos em você. Eu a aconselharia, para seu próprio bem, a se unir a nós.

– A senhora não para de falar em *nós* e *nosso*. Vocês são algum tipo de companhia?

– Sim. Você pode chamá-la de companhia.

Durante os últimos minutos, Jane estivera em pé e quase tinha acreditado no que ouvia. E então, de repente, toda a sua repugnância a dominou: toda a vaidade ferida, o ressentimento pela confusão sem sentido na qual ela parecia ter sido apanhada e sua aversão geral pelo misterioso e pelo desconhecido. Naquele momento, nada lhe pareceu mais importante que sair daquela sala e se afastar da voz grave, serena, da senhorita Ironwood. “Ela já piorou meu estado”, pensou Jane, ainda se considerando uma paciente.

– Agora preciso ir para casa – disse ela, em voz alta. – Não sei do que a senhora está falando. Não quero ter nada que ver com isso.



Mark acabou descobrindo que se esperava que ele ficasse pelo menos uma noite; e, quando subiu para se vestir para o jantar, estava se sentindo mais animado. Isso se devia em parte a um uísque com soda que tinha tomado com a Fada Hardcastle imediatamente antes de subir; e em parte ao fato de que, com uma olhada no espelho, ele percebeu que já podia arrancar o desagradável chumaço de algodão do seu lábio. O quarto, com a lareira acesa e o banheiro privativo, tinha também algo que ver com seu estado de ânimo. Ainda bem que ele tinha permitido que Jane o convencesse a comprar aquele novo *smoking*! Estava com ótima aparência ali estendido na cama; e ele agora se dava conta de que o velho realmente não teria servido. Mas o que lhe tinha dado mais

segurança foi sua conversa com a Fada.

Seria um equívoco dizer que ele gostava dela. Com efeito, ela despertara nele toda a repulsa que um jovem sente ao se encontrar perto de uma criatura cuja sexualidade é grosseira, até mesmo insolente, e ao mesmo tempo totalmente desprovida de atrativos. E alguma coisa no seu olhar frio denunciara a Mark que ela tinha perfeita consciência dessa reação e que a considerava divertida. Ela lhe contara uma boa quantidade de piadas indecentes. Muitas vezes até aquele momento, Mark estremecia diante dos esforços desajeitados da fêmea emancipada para se entregar a esse tipo de humor, mas seus estremecimentos sempre tinham se reconfortado com uma noção de superioridade. Desta vez, porém, sua impressão era a de que *ele* era o alvo. Aquela mulher estava exasperando o puritanismo masculino para sua diversão. Mais adiante, ela resvalou para reminiscências da polícia. Apesar de algum ceticismo inicial, Mark aos poucos se horrorizou com sua suposição de que cerca de trinta por cento de todos os nossos julgamentos de homicídio se encerravam com o enforcamento de um inocente. Houve também detalhes sobre o galpão da execução que não tinham ocorrido a Mark até então.

Tudo isso era desagradável. Mas era compensado pela natureza deliciosamente confidencial da conversa. Diversas vezes naquele dia, tinha lhe sido imposta a sensação de que ele era alguém de fora. Essa sensação desapareceu por completo enquanto a senhorita Hardcastle conversava com ele. Ele tinha a noção de que estava *por dentro*. Parecia que a senhorita Hardcastle tinha levado uma vida emocionante. Em ocasiões diferentes, fora uma sufragista, uma pacifista e uma fascista britânica. Tinha sido carregada à força pela polícia e encarcerada. Por outro lado, conhecera primeiros-ministros, ditadores e famosos astros do cinema. Toda a sua história era secreta. Por ter estado dos dois lados, ela sabia o que uma força policial podia fazer e o que não podia; e era da opinião de que havia pouquíssimas coisas que não podia fazer.

– Especialmente agora – disse ela. – Aqui no Instituto, estamos apoiando a cruzada contra a burocracia.

Mark concluiu que, para a Fada, o lado policial do Instituto era o lado de real importância. Ele existia para aliviar o executivo normal do que poderia ser chamado de casos de saneamento, categoria que abrangia desde a vacinação até acusações de perversões antinaturais – a partir das quais, como ela salientou, era só um passo para incluir todos os casos de chantagem. No que diz respeito ao crime, em geral, já tinha sido divulgada na imprensa a ideia de que o Instituto deveria ter permissão para realizar experimentos bastante amplos, na esperança

de descobrir até que ponto o tratamento humanitário, corretivo, poderia substituir a antiga noção de punição por “represália” ou “vingança”. Era aí que o excesso de burocracia jurídica prejudicava seu avanço.

– Mas só restam dois jornais que nós não controlamos – disse a Fada. – E nós os esmagaremos. É preciso que o homem comum fique num estado em que diga automaticamente “sadismo”, ao ouvir a palavra “punição”. E então teríamos carta branca. – Mark não compreendeu isso de imediato. Mas a Fada ressaltou que o que tinha prejudicado todas as forças policiais até o presente era exatamente a ideia de punição merecida. Pois o merecimento sempre era finito: podia-se castigar o criminoso até certo ponto e não mais. O tratamento corretivo, por outro lado, não precisava ter limite fixo: podia continuar até ter efetuado uma cura, e os encarregados dele é que decidiriam quando *isso* ocorreria. E se a cura era humanitária e desejável, a prevenção não seria muito mais? Em breve, qualquer um que tivesse chegado a estar nas mãos da polícia estaria sob o controle do Inec. No final das contas, todo cidadão. – E é aí que você e eu entramos, filhinho – acrescentou a Fada, cutucando o peito de Mark com o indicador. – No longo prazo não há distinção entre o trabalho da polícia e a sociologia. Você e eu precisamos trabalhar juntos.

Isso reacendera em Mark suas dúvidas a respeito de um emprego lhe estar sendo oferecido ou não e, em caso positivo, qual ele era. A Fada lhe avisara que Steele era um homem perigoso.

– Há duas pessoas com quem você vai precisar ter muita cautela – disse ela. – Uma é Frost, e a outra é o velho Wither. – Mas em geral ela riu dos seus medos. – Você já está conosco, filhinho – disse ela. – Só não seja exigente demais sobre o que exatamente vai ter de fazer. Vai descobrir à medida que prosseguir. Wither não gosta que as pessoas tentem forçá-lo a se definir. De nada adianta dizer que você veio aqui para fazer *isso* e que se recusa a fazer *aquilo*. Tudo está acontecendo depressa demais neste exato momento para esse tipo de atitude. Você precisa demonstrar que é útil. E não acredite em tudo o que lhe disserem.

No jantar, Mark descobriu-se sentado ao lado de Hingest.

– Bem – disse Hingest –, eles acabaram conseguindo laçá-lo, hein?

– Acredito que sim – disse Mark

– Porque – disse Hingest –, se você tivesse mudado de ideia, vou voltar de carro hoje à noite e poderia lhe dar uma carona.

– Você ainda não me disse por que mesmo está nos deixando – disse Mark

– Ah, bem, tudo depende do que se gosta. Se você aprecia a companhia

daquele eunuco italiano, do pastor maluco e daquela tal de Hardcastle... a avó dela teria lhe dado uns bons tabefes, se estivesse viva... naturalmente não há mais o que dizer.

– Suponho que não se possa julgar a questão em termos meramente sociais. Quer dizer, isso aqui é mais do que um clube.

– Hem? Julgar? Nunca julguei nada na minha vida, ao que eu saiba, exceto numa exposição de flores. É só uma questão de gosto. Vim aqui porque achei que haveria alguma relação com a ciência. Agora que descobri que se assemelha mais a uma conspiração política, vou embora para casa. Estou velho demais para esse tipo de coisa; e, se eu quisesse participar de alguma conspiração, esta aqui não seria a que eu escolheria.

– Suponho que você esteja querendo dizer que o elemento de planejamento social não é do seu agrado. Entendo perfeitamente que ele não se encaixa no seu trabalho como se encaixa em ciências como a Sociologia, mas...

– Não *existem* ciências como a Sociologia. E, se eu descobrisse que a Química começava a se encaixar numa polícia secreta sob o comando de uma megera de meia-idade que não usa espartilho e num esquema para tirar de cada cidadão inglês suas terras, sua loja e seus filhos, eu deixaria a Química ir para o inferno e retomaria a jardinagem.

– Acho que compreendo, *sim*, o sentimento que ainda está vinculado ao homem do povo; mas, quando se chega a estudar a realidade, como é minha obrigação...

– Eu teria vontade de destroçá-la e pôr alguma outra coisa no lugar. É claro. É isso o que acontece quando estudamos os homens: nossas descobertas são ilusórias. Eu, por mim, acredito ser impossível estudar os homens. Só se pode chegar a conhecê-los, o que é algo totalmente diferente. Só porque você os estuda, vai querer fazer que as classes inferiores governem o país e ouçam música clássica, o que é uma asneira. Você também vai querer tirar deles tudo o que faz a vida valer a pena; e não apenas deles, mas de todas as outras pessoas, exceto um punhado de pedantes e professores universitários.

– Bill! – disse a Fada Hardcastle de repente, da outra ponta da mesa, numa voz tão alta que até mesmo Hingest não pôde ignorar. Ele fixou os olhos nela, e seu rosto ficou vermelho-escuro.

– É verdade – berrou a Fada – que você vai sair de carro imediatamente depois do jantar?

– É, senhorita Hardcastle, é verdade.

– Eu estava me perguntando se você poderia me dar uma carona.

– Seria um prazer – disse Hingest, numa voz sem nenhuma intenção de fingimento –, se nós formos na mesma direção.

– Para onde você vai?

– Vou para Edgestow.

– Vai passar por Brenstock?

– Não. Saio do anel rodoviário na encruzilhada logo depois do portão da frente da propriedade de lorde Holy wood e desço pela via que costumavam chamar de Potter's Lane.

– Ah, droga! Não adianta para mim. Melhor eu esperar amanhecer.

Depois disso, Mark descobriu-se ocupado com seu vizinho da esquerda e só foi ver Bill Nevasca outra vez quando o encontrou no saguão após o jantar. Ele estava de sobretudo e pronto para ir para o carro.

Ele começou a falar enquanto abria a porta, e por essa razão Mark foi levado a acompanhá-lo pela grande área de cascalho, até onde o carro estava estacionado.

– Aceite meu conselho, Studdock – disse ele. – Ou pelo menos reflita. Eu por mim não acredito na Sociologia, mas você tem uma carreira razoável pela frente se ficar em Bracton. Não lhe será benéfico envolver-se com o Inec... e, por Deus, tampouco será benéfico para alguém.

– Suponho que haja duas opiniões sobre tudo – disse Mark

– Quê? Duas opiniões? Há dezenas de opiniões sobre todas as coisas até que se saiba a resposta. Daí em diante, nunca há mais de uma. Mas não é da minha conta. Boa noite.

– Boa noite, Hingest – disse Mark. O outro deu a partida e saiu com o carro.

Havia um toque de frio no ar. O ombro de Órion, embora Mark desconhecesse até mesmo essa constelação importante, chamejava para ele acima do topo das árvores. Ele sentiu alguma hesitação em voltar a entrar na casa. Poderia significar mais conversa com pessoas interessantes e influentes; mas também poderia significar mais uma vez a sensação de ser alguém de fora, à toa por ali, assistindo a conversas das quais não podia participar. De todo modo, estava cansado. Caminhando pela frente da casa, ele por fim chegou a outra porta menor, pela qual calculou que poderia entrar, sem passar pelo saguão ou pelos salões abertos ao público. Entrou e imediatamente subiu para o andar superior onde iria passar a noite.



Camilla Denniston acompanhou Jane à saída, não pela pequena porta no muro pela qual tinha entrado, mas pelo portão principal que dava para a mesma rua cerca de cem metros mais adiante. Uma luz amarela a partir de um rasgo no céu cinza, lá para os lados do oeste, derramava um brilho efêmero e gelado sobre toda a paisagem. Jane tinha se sentido envergonhada de deixar transparecer raiva ou ansiedade diante de Camilla. Como resultado, quando ela se despediu, as duas se sentiam tolhidas. No entanto, permanecia uma aversão arraigada pelo que ela chamava de “toda essa bobagem”. Ela, na verdade, não tinha certeza se era bobagem, mas já tinha resolvido que trataria a situação como se fosse. Não acabaria “enrolada nela”, não se deixaria ser atraída. Era preciso viver a própria vida. Evitar vínculos e interferências era, desde muito tempo, um dos seus princípios primordiais. Mesmo quando tinha descoberto que se casaria com Mark se ele pedisse, o pensamento “mas eu ainda preciso manter minha própria vida” surgira de imediato e nunca estivera ausente da sua mente por mais do que alguns minutos corridos. Restava algum ressentimento contra o amor em si, e portanto contra Mark, por ter invadido sua vida dessa forma. Ela pelo menos tinha uma consciência muito clara de tudo a que uma mulher renuncia ao se casar. Parecia-lhe que Mark tinha uma noção insuficiente desse aspecto. Embora ela não formulasse a ideia, esse medo de ser invadida e enredada era a razão mais profunda da sua determinação de não ter um filho... ou pelo menos não por um bom tempo. Tinha-se a própria vida a viver.

Quase no instante em que chegou de volta ao apartamento, o telefone tocou.

– É você, Jane? – disse uma voz. – Sou eu, Margaret Dimble. Aconteceu uma coisa tão terrível. Eu lhe conto quando chegar aí. Estou com raiva demais para falar agora. Você por acaso tem uma cama de hóspedes? Como? O senhor Studdock não está? Nem um pouco, se *você* não se importar. Mande Cecil dormir na faculdade. Você tem certeza de que não vou atrapalhar? Muito, muito obrigada. Chego aí em meia hora.



## A liquidação de anacronismos

Quase antes de Jane terminar de pôr lençóis limpos na cama de Mark, a senhora Dimble chegou, com uma enorme quantidade de embrulhos.

– Você é um anjo por me abrigar esta noite – disse ela. – Acho que tentamos todos os hotéis em Edgestow. Este lugar vai se tornar insuportável. A mesma resposta por toda parte! Todos lotados com os agregados e vivendeiros desse Inec detestável. Secretárias, aqui; datilógrafas, acolá; “empreiteiros de obras”. É uma afronta. Se Cecil não tivesse conseguido um quarto na faculdade, acredito que ele teria sido forçado a dormir na sala de espera da estação. Só espero que o homem na faculdade tenha arejado a cama.

– Mas, afinal de contas, o que aconteceu? – perguntou Jane.

– Despejados, minha cara!

– Mas não é possível, senhora Dimble. Quer dizer, isso não pode ser permitido por lei.

– Foi isso que Cecil disse... Imagine só, Jane. A primeira coisa que vimos, quando abrimos a janela hoje de manhã, foi um caminhão na entrada de carros com as rodas traseiras no meio do canteiro de rosas, descarregando um pequeno exército do que pareciam ser criminosos, com pás e picaretas. No nosso próprio jardim! Havia um homenzinho odioso usando quepe, que falou com Cecil com um cigarro na boca. Pelo menos, não estava dentro da boca, mas grudado no lábio superior, sabe, e adivinhe o que ele disse? Ele disse que eles não faziam nenhuma objeção a que nós continuássemos de posse (da *casa*, veja bem, não do jardim) até as oito horas da manhã de amanhã. Nenhuma objeção!

– Mas sem dúvida, sem dúvida, deve ser algum engano.

– Naturalmente, Cecil ligou para o tesoureiro. E, naturalmente, o tesoureiro tinha saído. Isso levou quase a manhã inteira, ligando e ligando de novo. E àquela altura, aquela grande faia de que você gostava tanto tinha sido derrubada, assim como todas as ameixeiras. Se eu não estivesse sentindo tanta raiva, teria me sentado ali e chorado até não poder mais. Essa era minha vontade. Por fim, Cecil conseguiu falar com o senhor Busby, que foi totalmente inútil. Disse que devia



estar ocorrendo algum equívoco, mas que estava fora da sua competência agora e que seria melhor nós entrarmos em contato com o Inec em Belbury. É claro que se revelou totalmente impossível entrar em contato com *eles*. Mas, já na hora do almoço, vimos que simplesmente *não podíamos* passar a noite lá, não importava o que acontecesse.

– Por que não?

– Minha querida, você não tem a menor noção de como estava a situação. Caminhões e tratores enormes passando barulhentos o tempo todo, e um guindaste em cima de uma espécie de vagão ferroviário. Ora, nossos entregadores não conseguiram passar. O leite só foi chegar às onze. A carne não conseguiu chegar. Eles ligaram de tarde para dizer que o pessoal da entrega não tinha conseguido chegar à nossa casa nem por uma rua nem pela outra. Nós mesmos tivemos a maior dificuldade para chegar à cidade. Levamos meia hora da nossa casa até a ponte. Foi como um pesadelo. Luzes de sinalização e barulho por todos os cantos, a estrada praticamente destruída e uma espécie de enorme acampamento de zinco já sendo armado no Campo Público. E as pessoas! Homens tão horrendos. Eu não sabia que *tínhamos* trabalhadores desse tipo na Inglaterra. Ai, horrível, horrível! – A senhora Dimble abanou-se com o chapéu que acabava de tirar.

– E o que vocês vão fazer? – perguntou Jane.

– Só Deus sabe! – disse a senhora Dimble. – Por enquanto, fechamos a casa, e Cecil foi procurar Rumbold, o advogado, para ver se pelo menos poderíamos lacrá-la e deixá-la fechada até conseguirmos tirar nossas coisas de lá. Parece que Rumbold não sabe por onde começar. Ele não para de dizer que o Inec está numa posição muito peculiar em termos legais. Depois disso, tenho certeza de que não sei de nada. Até onde eu posso ver, não haverá casa alguma em Edgestow. Já não há cogitação de tentar morar do outro lado do rio, mesmo que eles permitissem. O que você disse? Ai, indescritível. Todos os choupos estão sendo derrubados. Todos aqueles chalezinhos simpáticos junto da igreja estão sendo demolidos. Encontrei a coitada da Ivy... é a sua senhora Maggs, sabe... se debulhando em lágrimas. Coitadas! Elas ficam medonhas quando choram por cima do pó de arroz. Ela também está sendo despejada. Coitadinha. Já teve problemas suficientes na vida sem isso. Fiquei feliz de sair de lá. Os homens eram tão horríveis... Três brutamontes vieram à porta dos fundos pedindo água quente e bradaram tanto que deixaram Martha louca de medo, e Cecil precisou falar com eles. Achei que fossem agredir Cecil, achei, sim. Foi horrivelmente desagradável. Mas um tipo de policial especial os fez ir embora. Quê? Há

dezenas do que parecem ser policiais por toda parte, e eu também não gostei da cara *deles*. Brandindo alguma espécie de cassetete, como se veria num filme americano. Sabe, Jane, Cecil e eu pensamos a mesma coisa: pensamos que era quase como se tivéssemos perdido a guerra. Ai, minha menina, chá! Exatamente o que eu queria.

– A senhora deve ficar aqui o tempo que quiser, senhora Dimble – disse Jane. – Mark terá de dormir na faculdade.

– Bem, na realidade – disse Mamãe Dimble –, neste instante acho que nenhum membro do corpo docente de Bracton deveria ter permissão para dormir em parte alguma! Mas eu abriria uma exceção no caso do senhor Studdock. Por sinal, não precisarei me comportar como a espada de Siegfried... e, cá entre nós, uma bela espada gorda e atarracada eu seria! Mas todo esse aspecto está resolvido. Cecil e eu vamos para o Solar em St. Anne's. Atualmente temos precisado estar lá com alguma frequência, sabe?

– Ah – disse Jane, prolongando involuntariamente a exclamação, à medida que toda a sua história voltava a fluir em sua mente.

– Puxa, como estou sendo egoísta – disse Mamãe Dimble. – Cá estou eu falando sem parar dos meus problemas, totalmente esquecida de que você esteve lá e está cheia de notícias para me dar. Você viu Grace? Gostou dela?

– “Grace” é a senhorita Ironwood? – perguntou Jane.

– Sim.

– Eu a vi. Não sei se gostei ou não dela. Mas não quero falar sobre tudo aquilo. Não consigo pensar em nada a não ser nessa sua história abominável. É a senhora que é a verdadeira mártir, não eu.

– Não, minha querida – disse a senhora Dimble –, não sou uma mártir. Sou apenas uma velhota zangada, cujos pés estão me matando e que está com uma dor de cabeça lancinante (mas que está começando a passar) e está tentando falar até melhorar de humor. Afinal de contas, Cecil e eu não perdemos nosso meio de vida como a pobre Ivy Maggs. *No fundo* não importa sair da velha casa. Sabe, o prazer de morar ali era de certo modo um prazer melancólico. (Eu me pergunto, a propósito, se os seres humanos realmente *gostam* de ser felizes.) Um pouco de melancolia, sim. Todos aqueles quartos espaçosos no andar superior, que achávamos que queríamos porque acreditávamos que teríamos um monte de filhos, e depois nunca tivemos. Talvez eu estivesse gostando demais de ficar devaneando a respeito deles nas tardes compridas, quando Cecil não estava em casa. Sentindo pena de mim mesma. Eu diria que estarei melhor longe dela. Eu

poderia ter acabado como aquela mulher apavorante de Ibsen, que estava sempre divagando sobre bonecas. Realmente é pior para Cecil. Ele adorava tanto receber todos os alunos por lá. Jane, essa é a terceira vez que você boceja. Você está caindo de sono, e eu a estou incomodando com essa conversa sem-fim. É nisso que dá ficar casada trinta anos. Os maridos foram feitos para nós falarmos com eles. Parece que isso os ajuda a concentrar a mente no que estão lendo, como o som da água numa represa. Pronto! Você está bocejando de novo.

Jane achou embaraçoso dividir um quarto com Mamãe Dimble porque ela rezava. Era totalmente extraordinário, pensou Jane, como isso a perturbou. Ela não sabia para onde olhar; e foi muito difícil voltar a conversar naturalmente por alguns minutos depois que a senhora Dimble tinha se levantado da posição de joelhos.



– Você está acordada, agora? – disse a voz da senhora Dimble, baixinho, no meio da noite.

– Estou – disse Jane. – Desculpe. Eu a acordei? Eu estava gritando?

– Sim. Estava gritando sobre alguém levar um golpe na cabeça.

– Eu os vi matando um homem... um homem num carro grande que vinha dirigindo por uma estrada vicinal. Depois ele chegou a uma encruzilhada e seguiu para a direita passando por algumas árvores; e havia alguém em pé no meio da estrada, acenando com uma lanterna para que ele parasse. Não pude ouvir o que disseram. Eu estava longe demais. Eles devem tê-lo convencido a saltar do carro, e lá estava ele conversando com um deles. A luz batia direto no seu rosto. Não era o mesmo velho que eu vi no outro sonho. Ele não tinha barba, só bigode. E tinha uma postura muito ágil, ativa. Ele não gostou do que o homem lhe disse e logo levantou os punhos e o derrubou no chão. Outro homem por trás dele tentou atingi-lo na cabeça com alguma coisa, mas ele foi muito rápido e se virou a tempo. Então foi bastante horrível, mas também admirável. Eram três a atacá-lo, e ele lutou contra todos os três. Já li sobre esse tipo de coisa em livros, mas nunca me dei conta de qual seria a sensação de presenciar o fato. É claro que acabaram por apanhá-lo. Espancaram sua cabeça com violência, com as coisas que brandiam. Estavam perfeitamente tranquilos com a história e se abaixaram para examiná-lo e se certificar de que realmente tinha morrido. A luz da lanterna parecia esquisita. Dava a impressão de fazer longas tiras verticais de luz, como

barras, em torno do lugar inteiro. Mas talvez a essa hora eu já estivesse despertando. Não, obrigada, estou bem. Foi horrível, mas na verdade não estou assustada. Não como teria ficado antes. Sinto mais pena do velho.

– E acha que vai poder voltar a dormir?

– Ah, sim! Sua dor de cabeça melhorou, senhora Dimble?

– Desapareceu totalmente, obrigada. Boa noite.



– Sem a menor dúvida – pensou Mark –, esse deve ser o pastor maluco de quem Bill Nevasca estava falando. – O Comitê em Belbury ia se reunir somente às dez e meia; e desde o café da manhã ele estava andando no jardim com o reverendo Straik, apesar do tempo enevoadado e desagradável. No exato instante em que o homem o deteve para conversar pela primeira vez, as roupas gastas e as botas desajeitadas, a gola puída de padre, o rosto trágico, magro e sombrio, mal barbeado e marcado com rugas e cicatrizes, bem como a sinceridade amarga de sua atitude, fizeram soar uma nota dissonante. Aquele não era um tipo que Mark tinha esperado encontrar no Inec.

– Não imagine – disse o senhor Straik – que eu me entregue a quaisquer sonhos de executar nosso programa sem violência. Haverá resistência. Eles vão morder a língua, e não vão se arrepender. Nós não recuaremos. Enfrentaremos essas perturbações com uma firmeza que levará os caluniadores a dizer que nós as desejamos. Que digam. Em certo sentido, desejamos, sim. Não faz parte de nossa fé preservar esse sistema de pecado organizado que se chama sociedade. Para essa organização, a mensagem que temos a transmitir é uma mensagem de desespero absoluto.

– Agora é isso que eu queria dizer – disse Mark –, quando afirmei que o seu ponto de vista e o meu deverão, no longo prazo, ser incompatíveis. A preservação da sociedade, o que envolve um planejamento meticuloso, é exatamente o fim que tenho em mente. Não creio que haja ou que possa haver qualquer outro fim. Para você, o problema é totalmente diferente, porque você tem a expectativa de alguma coisa a mais, algo melhor que a sociedade humana, em algum outro mundo.

– Com cada pensamento, cada vibração do meu coração, cada gota do meu sangue – disse o senhor Straik –, eu repudio essa doutrina condenável. É

exatamente esse o subterfúgio pelo qual o mundo, a organização e corpo da morte, desviou e emasculou os ensinamentos de Jesus, e transformou em sacerdotalismo e misticismo a simples conclamação do Senhor por integridade e discernimento aqui e agora. O Reino de Deus deve se tornar realidade aqui... neste mundo. E haverá de se tornar. Ao ouvir o nome de Jesus, todos se ajoelharão. Por esse nome, eu me dissocio inteiramente de toda religião organizada que já se viu neste mundo.

E, ao ouvir o nome de Jesus, Mark, que teria palestrado sem pestanejar sobre o aborto ou perversões para uma plateia de moças, se sentiu tão embaraçado que soube que suas bochechas estavam enrubescendo levemente. E ficou tão zangado consigo mesmo e com o senhor Straik por essa descoberta, que elas enrubesceram de verdade. Era exatamente esse o tipo de conversa que ele não conseguia suportar; e, desde a aflição bem lembrada das aulas sobre a Bíblia na escola, ele nunca tinha se sentido tão pouco à vontade. Resmungou alguma coisa sobre seu desconhecimento da teologia.

– Teologia! – disse o senhor Straik, com profundo desdém. – Não é de teologia que estou falando, meu rapaz, mas do Senhor Jesus. A teologia é conversa fiada, papo-furado, um engodo, uma brincadeira para os ricos. Não foi em salas de conferência que descobri o Senhor Jesus. Foi nas minas de carvão, ao lado do caixão da minha filha. Se eles imaginam que a teologia é algum tipo de acolchoamento que os manterá em segurança no dia mais importante e terrível, hão de descobrir que erraram. Pois ouça o que digo, isso vai acontecer. O Reino vai chegar, a este mundo, a este país. Os poderes da ciência são um instrumento. Um instrumento irresistível, como sabemos todos nós no Inec. E por que eles são um instrumento irresistível?

– Porque a ciência se baseia na observação – sugeriu Mark

– São um instrumento irresistível – gritou Straik – porque são um instrumento na mão d'Ele. Um instrumento de julgamento tanto quanto de cura. Foi isso o que não consegui que nenhuma das Igrejas enxergasse. Elas estão cegas. Cegas por seus farrapos imundos de humanismo, sua cultura, humanitarismo e liberalismo, e também por seus pecados, ou pelo que acham que são seus pecados, muito embora eles sejam o que elas têm de menos pecaminoso. Foi por isso que acabei isolado: um homem pobre, fraco, indigno, mas o único profeta restante. Eu sabia que Ele voltaria com poder. E, portanto, onde vemos o poder, vemos o sinal da vinda d'Ele. E é por isso que me descubro me aliando a comunistas, materialistas e a qualquer outra pessoa que esteja realmente disposta a facilitar a vinda. A mais frágil dessas pessoas aqui tem o trágico sentido da vida, a impiedade, a

dedicação total, a disposição de sacrificar todos os valores meramente humanos, que não consegui encontrar em meio a toda a hipocrisia enjoativa das religiões organizadas.

– Você está querendo dizer – perguntou Mark – que, no que diz respeito à prática imediata, sua cooperação com o programa não tem limites?

– Abandone toda ideia de cooperação! – disse o outro. – Por acaso, o barro *coopera* com o oleiro? *Ciro cooperou* com o Senhor? Essas pessoas serão usadas. Eu também serei usado. Instrumentos. Veículos. Mas eis o ponto que lhe diz respeito, meu rapaz. Você não tem escolha se vai ser usado ou não. Depois que você puser a mão no arado, não terá como voltar. Ninguém *sai* do Inec. Os que tentarem voltar atrás perecerão no deserto. Mas a questão é se você se contentará em ser um dos instrumentos que serão descartados quando tiverem cumprido Sua vontade: um que, tendo executado a sentença em outros, estará ele próprio reservado para ser julgado... Ou você estará entre aqueles que receberão a herança? Pois é tudo verdade, sabia? São os santos que herdarão a Terra. Aqui na Inglaterra, talvez dentro dos próximos doze meses. Os santos, e mais ninguém. Você não sabe, então, que julgaremos anjos? – Depois, baixando de repente a voz, Straik acrescentou: – A verdadeira ressurreição está agora mesmo ocorrendo. A verdadeira vida eterna. Aqui neste mundo. Você vai ver.

– Ouça – disse Mark –, já são quase dez e vinte. Não deveríamos nos encaminhar para o Comitê?

Straik deu meia-volta com ele em silêncio. Em parte para evitar mais conversa da mesma natureza e em parte porque realmente queria saber a verdade, Mark acabou fazendo a pergunta.

– Aconteceu uma coisa muito irritante. Perdi minha carteira. Não havia muito dinheiro nela... só umas três libras. Mas havia cartas e outras coisas, e é uma amolação. Eu deveria falar com alguém sobre isso?

– Você poderia falar com o administrador – disse Straik



O Comitê ficou reunido por cerca de duas horas, e o vice-diretor presidiu a reunião. Seu método de conduzir os procedimentos era vagaroso e atento; e, para Mark, com sua experiência em Bracton para orientá-lo, logo ficou óbvio que o verdadeiro trabalho do Inec devia ocorrer em algum outro lugar. De fato, isso era

o que ele tinha imaginado; e ele era sensato demais para supor que, naquele estágio inicial, fosse se encontrar no Círculo Mais Fechado ou o que quer que fosse que em Belbury correspondia ao Elemento Progressista em Bracton. Mas ele tinha esperança de que não ficaria marcando passo em comitês fantasmas por muito tempo. Naquela manhã, o assunto consistia sobretudo nos detalhes da obra que já tinha começado em Edgestow. Aparentemente o Inec obtivera algum tipo de vitória que lhe deu o direito de demolir a igreja normanda na esquina.

– As objeções de costume foram, naturalmente, arquivadas – disse Wither. Mark, que não se interessava por arquitetura nem conhecia a outra margem do Wynd tão bem quanto sua mulher, deixou sua atenção divagar. Foi somente no final da reunião que Wither abordou um tema muito mais sensacional. Ele acreditava que a maioria dos ali presentes já tinha ouvido (“Por que os presidentes de reuniões sempre começavam falando desse jeito?”, pensou Mark) a notícia muito consternadora que, mesmo assim, era seu dever comunicar-lhes em caráter semiformal. Naturalmente, ele estava se referindo ao assassinato de William Hingest. Até onde Mark pôde descobrir, a partir da narrativa tortuosa e cheia de alusões do presidente da reunião, Bill Nevasca tinha sido encontrado com a cabeça afundada por algum instrumento grosseiro, caído perto do carro em Potter’s Lane por volta das quatro da manhã daquele dia. Ele já estava morto havia horas. O senhor Wither ousou sugerir que talvez fosse um prazer melancólico para o Comitê saber que a polícia do Inec já estava na cena do crime antes das cinco, e que nem as autoridades locais nem a Scotland Yard estavam fazendo nenhuma restrição à sua total colaboração. Wither comentava que, se a ocasião fosse mais adequada, ele teria considerado bem-vinda uma moção favorável a alguma expressão de gratidão que todos deveriam sentir pela senhorita Hardcastle e possivelmente de congratulações a ela pela perfeita interação entre suas próprias forças e as do Estado. Essa era uma característica extremamente gratificante do triste episódio e, sugeriu ele, um bom prenúncio para o futuro. Com isso, um aplauso decorosamente discreto fez a volta da mesa. O senhor Wither passou então a falar mais extensamente sobre o morto. Todos tinham lamentado profundamente a decisão do senhor Hingest de se retirar do Inec, apesar de compreender plenamente seus motivos. Todos acreditavam que aquele rompimento oficial não afetaria de modo algum as relações cordiais que existiam entre o falecido e quase todos – ele achava que até mesmo podia dizer todos sem exceção – os seus ex-colegas do Instituto. O obituário (na bela expressão de Raleigh) era um instrumento que se adequava bem aos talentos do vice-diretor, e ele falou muito. E concluiu sugerindo que todos deveriam se postar

em silêncio durante um minuto em sinal de respeito pela memória de William Hingest.

Foi o que fizeram – um minuto sem-fim no qual se tornaram audíveis respirações e rangidos estranhos; e por trás da máscara de cada rosto vidrado e de lábios cerrados, pensamentos tímidos, absurdos, sobre isso e sobre aquilo surgiam sorrateiros como aves e camundongos voltam a sair sorrateiros para uma clareira num bosque quando participantes de algum piquenique se foram; e cada um em silêncio se reconfortava dizendo que ele, pelo menos, não estava sendo mórbido nem pensando na morte.

E então houve uma movimentação e um rebuliço, e a reunião se encerrou.



Para Jane, todo o processo de se levantar e cumprir as tarefas da manhã foi mais animado porque ela estava com a senhora Dimble. Mark costumava ajudar, mas, como ele sempre era da opinião – e Jane sentia, mesmo que ele não colocasse em palavras – de que “qualquer coisa está bem”, que Jane criava muito trabalho desnecessário e que os homens podiam cuidar da casa com uma fração das queixas e da trabalhadeira que as mulheres atribuíam à tarefa, a ajuda do marido era uma das causas mais comuns das brigas entre eles. Já com a senhora Dimble, tudo se ajustava melhor. Era uma bela manhã ensolarada e, quando elas se sentaram para o desjejum na cozinha, Jane também se sentia luminosa. Durante a noite, sua cabeça tinha desenvolvido uma confortável teoria de que o mero fato de ter visto a senhorita Ironwood e de ter posto “tudo para fora” provavelmente pararia de vez com os sonhos. O episódio se encerraria. E agora havia toda a expectativa da possibilidade empolgante do novo emprego de Mark. Ela começou a imaginar cenas.

A senhora Dimble estava louca para saber o que tinha acontecido com Jane em St. Anne’s e quando ela ia voltar lá. A primeira pergunta Jane respondeu com evasivas, e a senhora Dimble era cortês demais para insistir. Quanto à segunda, Jane achava que não voltaria a “importunar” a senhorita Ironwood, ou que não se “preocuparia” mais com os sonhos. Disse que tinha sido “boba”, porém tinha certeza de que agora ficaria bem. Ela olhou de relance para o relógio e se perguntou por que a senhora Maggs ainda não tinha aparecido.

– Minha querida, receio que você tenha perdido Ivy Maggs – disse a senhora Dimble. – Eu não lhe disse que tiraram a casa dela também? Achei que você



tinha entendido que ela não viria mais trabalhar para você. Veja bem, não há mais lugar para ela morar em Edgestow.

– Droga! – disse Jane, acrescentando, sem muito interesse na resposta. – E o que ela está fazendo, a senhora sabe?

– Ela foi para St. Anne’s.

– Ela tem amigos lá?

– Ela foi para o Solar, como Cecil e eu vamos.

– A senhora quer dizer que ela tem um emprego lá?

– Bem, sim, suponho que seja um emprego.

A senhora Dimble foi embora por volta das onze horas. Ao que parece, ela também ia para St. Anne’s, mas antes deveria se encontrar com o marido para almoçar em Northumberland. Jane desceu até a cidade com ela para fazer algumas comprinhas, e as duas se separaram no início de Market Street. Foi logo depois disso que Jane deparou com o senhor Curry.

– Já soube da notícia, senhora Studdock? – perguntou Curry. Sua atitude era sempre autoritária, e seu tom vagamente sigiloso; mas naquela manhã isso estava mais acentuado do que de costume.

– Não. O que houve? – disse Jane. Ela considerava o senhor Curry um pateta cheio de si, e Mark um tolo por se deixar impressionar por ele. Mas, assim que Curry começou a falar, o rosto dela demonstrou todo o assombro e consternação que ele poderia ter desejado. Dessa vez não houve o menor fingimento. Ele lhe contou que o senhor Hingest tinha sido assassinado, em alguma hora durante a noite, ou no início da madrugada. O corpo fora encontrado caído ao lado do automóvel, em Potter’s Lane, com graves contusões na cabeça. Na hora, ele estava seguindo de Belbury para Edgestow. Naquele instante Curry estava voltando apressado para a faculdade para conversar com o diretor sobre o assunto. Tinha acabado de sair da delegacia. Via-se que o assassinato já tinha se tornado propriedade de Curry. A questão, em algum sentido indefinível, “estava nas suas mãos”, e era pesada sua responsabilidade. Em outra ocasião, Jane teria achado isso divertido. Ela escapou dele o mais rápido possível e entrou no Blackie’s para tomar um café. Sentia que precisava se sentar.

Para ela, a morte de Hingest em si não significava nada. Encontrara-se com ele apenas uma vez e acatara a opinião de Mark de que era um velho desagradável e bastante esnobe. No entanto, a certeza de que, no seu sonho, ela mesma tinha testemunhado um assassinato verdadeiro destroçou de uma vez todo o falso consolo com que iniciara a manhã. Ocorreu-lhe com uma clareza

repugnante que o caso dos seus sonhos, longe de estar encerrado, estava apenas começando. A vidinha clara e estreita que ela tinha se proposto viver estava sendo irremediavelmente invadida. De todos os lados abriam-se janelas que davam para paisagens imensas, escuras, e ela não tinha forças para fechá-las. Achou que enlouqueceria se enfrentasse a situação sozinha. A alternativa era recorrer novamente à senhorita Ironwood. Mas isso parecia não ser mais do que uma forma de se embrenhar mais em toda aquela escuridão. Aquele Solar em St. Anne's, aquele "tipo de companhia" estavam envolvidos naquilo. Ela não queria ser aliciada. Era injusto. Não que ela tivesse pedido muito da vida. Tudo o que queria era ser deixada em paz. E a história era ridícula! O tipo de coisa que, de acordo com todas as autoridades que até então ela aceitara, na realidade não poderia acontecer.



Cosser – o homem sardento com um fiapo de bigode preto – abordou Mark quando ele estava saindo da reunião do Comitê.

– Você e eu temos um trabalho a fazer – disse ele. – Precisamos preparar um relatório sobre Cure Hardy.

Mark sentiu grande alívio ao ouvir falar de um trabalho. Mas retraiu-se um pouco, por não ter gostado muito de Cosser quando o conhecera, no dia anterior.

– Isso quer dizer – respondeu ele – que *vou mesmo* entrar para o departamento de Steele?

– Isso mesmo – disse Cosser.

– O motivo para eu perguntar – disse Mark – é que nem ele nem você pareceram muito animados com minha entrada. Não quero me impor a ninguém, sabe? Não preciso ficar no Inec de modo algum se for para isso.

– Bem, não vamos começar a falar nisso aqui – disse Cosser. – Suba comigo.

Eles estavam conversando no saguão, e Mark percebeu Wither se aproximando, pensativo.

– Não seria melhor falar com *ele* e esclarecer toda essa história? – sugeriu ele. Mas, depois de chegar a uns três metros dos dois homens, o vice-diretor mudou de direção. Ele estava cantarolando baixinho e parecia tão imerso em si mesmo que Mark considerou o momento inadequado para uma entrevista. Cosser, apesar de não dizer nada, pareceu ter a mesma ideia, e Mark subiu com

ele para um escritório no terceiro andar.

– Trata-se do lugarejo de Cure Hardy – disse Cosser, quando eles se sentaram. – Veja só, toda aquela área do Bosque de Bragdon vai ser pouco mais que um charco quando eles começarem a trabalhar. Por que cargas-d’água quisemos ir para lá, eu não sei. Seja como for, o plano mais recente é desviar o Wynd: represar totalmente o velho canal que atravessa Edgestow. Olhe. Aqui fica Shillingbridge, uns quinze quilômetros ao norte da cidade. É ali que o curso será desviado para seguir por um canal artificial... aqui, a leste, onde está a linha azul, para voltar ao leito antigo aqui embaixo.

– Dificilmente a universidade vai concordar com isso – disse Mark – O que seria de Edgestow sem o rio?

– A universidade está totalmente nas nossas mãos – disse Cosser. – Com isso você não precisa se preocupar. Seja como for, não é sua função. A questão é que o novo Wynd deverá passar direto através de Cure Hardy. Agora dê uma olhada nas curvas de nível. Cure Hardy fica nesse valezinho estreito. Hein? Ah, você já esteve lá, não esteve? Isso facilita tudo. Eu mesmo não conheço esta região. Bem, a ideia é fechar o vale na extremidade sul e fazer ali um grande lago. Vocês vão precisar de uma nova fonte para abastecimento de água agora que Edgestow vai se tornar a segunda cidade do país.

– Mas o que acontece com Cure Hardy?

– Essa é mais uma vantagem. Vamos construir um novo lugarejo-modelo, a ser chamado de Jules Hardy ou Wither Hardy, a uns seis quilômetros de distância. Mais para este lado, junto da ferrovia.

– Ouça o que lhe digo, essa história vai feder. Cure Hardy é famosa. É um ponto pitoresco. Há os asilos do século XVI para indigentes, uma igreja normanda e tudo o mais.

– Exatamente. É aí que entramos você e eu. Nós precisamos escrever um relatório sobre Cure Hardy. Vamos sair e dar uma olhada por lá amanhã, mas podemos escrever a maior parte do relatório hoje. Deve ser bastante fácil. Se é um local pitoresco, pode apostar que é insalubre. Esse é o primeiro ponto a ressaltar. Depois precisamos colher alguns fatos acerca da população. Creio que você vai descobrir que ela é composta quase inteiramente dos elementos mais indesejáveis: os que vivem de pequenas rendas e os trabalhadores rurais.

– Quanto aos que vivem de pequenas rendas serem um elemento nocivo, concordo – disse Mark – Suponho que, no que diz respeito ao trabalhador rural, seja mais controvertido.

– O Instituto não aprova esse tipo. Trata-se de um elemento recalcitrante numa comunidade planejada, e ele é sempre retrógrado. Não nos interessamos pela agricultura inglesa. Então, tudo o que temos a fazer é comprovar alguns fatos. Sob outros aspectos, o relatório se escreve sozinho.

Mark ficou em silêncio por um instante ou dois.

– É bastante fácil – disse ele. – Mas antes de pôr a mão na massa, eu gostaria de ter uma noção um pouco mais clara da minha posição. Eu não deveria ver Steele? Não me agrada a ideia de começar a trabalhar neste departamento se ele não me quiser.

– Eu não faria isso – disse Cosser.

– Por que não?

– Bem, por um lado, Steele não poderá impedi-lo se o VD o apoiar, como ele parece estar fazendo no momento. Por outro lado, Steele é um homem bastante perigoso. Se você cumprir suas tarefas discretamente, ele até pode acabar se acostumando com você; mas, se você for vê-lo, a conversa poderia levar a um confronto. E ainda tem mais uma coisa. – Cosser parou de falar, coçou o nariz, pensativo, e prosseguiu. – Cá entre nós, creio que as coisas neste departamento não irão continuar indefinidamente como estão agora.

A excelente formação que Mark tinha tido em Bracton permitiu que ele compreendesse a frase. Cosser tinha esperança de conseguir que Steele saísse de uma vez do departamento. Ele acreditou enxergar a situação como um todo. Steele era perigoso enquanto permanecesse no cargo, mas talvez não permanecesse nele.

– Ontem eu tive a impressão – disse Mark – de que você e Steele se davam bastante bem.

– O melhor aqui – disse Cosser – é nunca brigar com ninguém. Eu detesto brigas. Posso me dar com qualquer um, desde que o trabalho seja feito.

– É claro – disse Mark – Por sinal, se formos amanhã a Cure Hardy, eu bem que podia dar uma corrida até Edgestow para passar a noite em casa.

Para Mark muita coisa dependia da resposta a essa pergunta. Ele poderia descobrir se realmente estava sob as ordens de Cosser. Se ele dissesse “Você não pode fazer isso”, pelo menos Mark saberia a quantas andava. Se Cosser dissesse que não havia como liberá-lo, isso seria ainda melhor. Ou poderia responder ainda que era melhor consultar o VD. Isso também o teria deixado com mais certeza da sua posição. Mas Cosser apenas fez “Ah”, deixando Mark na dúvida se era necessário ter permissão para se ausentar, ou se ele ainda não estava

suficientemente instalado no Instituto para sua ausência ter a menor importância. E então os dois começaram a trabalhar no relatório.

Gastaram nisso o resto do dia, tanto que Cosser e ele chegaram para jantar atrasados e sem se trocar. Isso provocou em Mark uma sensação extremamente agradável. E ele gostou também da refeição. Embora estivesse entre estranhos, nos primeiros cinco minutos já tinha a impressão de que conhecia todo mundo e já participava naturalmente da conversa. Estava aprendendo a conversar com eles sobre os assuntos profissionais.

– Que manhã agradável! – disse Mark para si mesmo na manhã do dia seguinte quando o carro deixou a estrada principal em Duke's Eaton e começou a descer pelo caminho pequeno e irregular que entrava no longo vale onde ficava Cure Hardy. Em geral, Mark não era muito sensível à beleza, mas Jane e seu amor por ela já o tinham despertado um pouco para esse aspecto. Talvez o sol da manhã de inverno o tivesse afetado ainda mais porque ele nunca aprendera a vê-lo como algo de beleza especial; e, portanto, ele atuava nos seus sentidos sem interferência. A terra e o céu davam a impressão de terem sido recém-lavados. Os campos pardos chegavam a parecer apetitosos, e os cobertos de capim realçavam as curvas dos pequenos montes como o pelo bem tosado realça as formas de um cavalo.

O céu parecia estar ainda mais distante do que de costume, mas também mais límpido, tanto que as longas raias esguias de nuvens (de uma cor escura de ardósia em contraste com o azul lavado) apresentavam um contorno nítido, como se tivesse sido recortado em papelão. Cada pequeno bosque estava negro e eriçado como uma escova de cabelo; e, quando o carro parou em Cure Hardy, o silêncio que se seguiu ao desligar do motor estava repleto do barulho de gralhas que pareciam gritar “Acordem! Acordem!”.

– Barulheira danada que essas aves fazem – disse Cosser. – Trouxe seu mapa? Agora... – Ele mergulhou direto no trabalho.

Eles caminharam pelo lugarejo por cerca de duas horas e viram com os próprios olhos todos os abusos e anacronismos que iriam destruir. Viram o trabalhador recalcitrante e retrógrado, e ouviram suas opiniões sobre o clima. Conheceram o pobre sustentado perdulariamente, na pessoa de um velho que arrastava os pés para atravessar o pátio do asilo de indigentes para encher uma chaleira, bem como a idosa que vivia de rendas (para piorar a situação, ela estava com um cachorro gordo e velho) numa conversa séria com o carteiro. Mark teve a impressão de que estava de férias, pois só durante as férias é que perambulava por um lugarejo inglês. Por esse motivo, sentia prazer. Não lhe

escapou que o rosto do trabalhador retrógrado era bem mais interessante que o de Cosser, e que sua voz era muito mais agradável ao ouvido. A semelhança entre a idosa que vivia de rendas e tia Gilly – quando tinha pensado *nela* pela última vez? Deus do céu, como isso trazia de volta o passado – fez que entendesse como era possível gostar daquele tipo de pessoa. Nada disso influenciava suas convicções sociológicas. Mesmo que não tivesse nenhum compromisso com Belbury e fosse totalmente desprovido de ambição, isso não poderia ter acontecido, pois sua formação tivera o curioso efeito de tornar mais reais as coisas que ele lia e escrevia do que as coisas que ele via. Estatísticas sobre trabalhadores agrícolas eram a substância; qualquer cavador de valas, lavrador ou peão era a sombra. Embora nunca tivesse percebido por si mesmo, Mark tinha enorme relutância, nos seus trabalhos, em usar palavras como “homem” ou “mulher”. Ele preferia escrever sobre “grupos vocacionais”, “elementos”, “classes” e “populações”. Pois, a seu modo, com a mesma firmeza de qualquer místico, ele acreditava na realidade superior das coisas que não são vistas.

E, no entanto, ele não conseguia deixar de gostar bastante daquele lugarejo.

Quando, à uma hora, ele persuadiu Cosser a entrar no Dois Sinos, chegou até a dizer isso. Os dois haviam levado sanduíches, mas Mark achou que gostaria de tomar uma cerveja. No interior do Dois Sinos, estava muito quente e escuro, porque a janela era pequena. Dois trabalhadores (sem dúvida recalitrantes e retrógrados) estavam sentados com canecos de cerâmica junto dos cotovelos, mastigando sanduíches muito grossos, e um terceiro estava em pé junto do balcão, conversando com o estalajadeiro.

– Cerveja para mim, não, obrigado – disse Cosser –, e não vamos querer perder muito tempo aqui. O que você estava dizendo?

– Eu estava dizendo que, numa bela manhã, há algo de encantador num lugar como este, apesar de todos os seus óbvios absurdos.

– É, é mesmo uma bela manhã. Faz uma diferença de verdade para a saúde da gente, um pouco de sol.

– Eu estava pensando no lugar.

– Você está se referindo a *isto aqui*? – disse Cosser, relanceando o olhar pela sala. – Eu teria imaginado que esse era exatamente o tipo de coisa de que queríamos nos livrar. Sem sol, sem ventilação. Eu mesmo não vejo muita graça em beber (li o Relatório Miller), mas, se as pessoas precisam ter seus estimulantes, eu gostaria de vê-los administrados de um modo mais higiênico.

– Não sei se os estimulantes são realmente o caso – disse Mark, olhando para

a cerveja. Toda a cena estava fazendo que se lembrasse de bebidas e conversas de muito tempo atrás: de risos e discussões nos tempos de faculdade. De algum modo, naquela época era mais fácil fazer amigos. Ele se perguntou o que teria acontecido com toda aquela turma... Carey, Wadsden e Denniston, que quase tinha conseguido sua própria bolsa de pesquisa.

– Não sei, tenho certeza – disse Cosser, em resposta ao seu último comentário. – A nutrição não é minha matéria. Você vai precisar perguntar a Stock sobre isso.

– O que estou pensando realmente – disse Mark – não é neste bar, mas no lugarejo inteiro. É claro que você está com toda a razão: esse tipo de coisa tem de acabar. Mas tinha seu lado agradável. Vamos precisar ter cuidado para que, não importa o que venhamos a construir no lugar, realmente consiga ser melhor sob todos os aspectos, não apenas na eficiência.

– Ah, a arquitetura e tudo o mais – disse Cosser. – Bem, essa não é minha especialidade, sabe? É mais para alguém como Wither. Você já terminou?

De imediato ocorreu a Mark que aquele homenzinho era um tremendo dum chato, e no mesmo instante ele sentiu total repugnância pelo Inec. Mas ele se lembrou de que não podia esperar estar no grupo interessante logo de cara. Haveria coisas melhores mais para a frente. Em todo caso, Mark não tinha eliminado a possibilidade de voltar atrás. Talvez desistisse da história toda e voltasse para Bracton dentro de um dia ou dois. Porém não de imediato. Seria sensato ficar ali um pouco para ver como as coisas se desenrolavam.

No caminho de volta, Cosser deixou-o perto da estação de Edgestow; e, enquanto ia a pé para casa, Mark começou a pensar no que diria a Jane acerca de Belbury. Você estaria muito enganado se pensasse que Mark tinha consciência de estar inventando uma mentira. Quase involuntariamente, quando surgiu na cabeça dele a imagem de si mesmo entrando no apartamento, e do rosto questionador de Jane, surgiu também a imaginação da sua própria voz respondendo a ela, descrevendo em detalhes as características importantes de Belbury em frases divertidas, confiantes. Aquele discurso imaginário expulsou da sua mente as verdadeiras experiências pelas quais tinha passado. Aquelas experiências reais de dúvidas e constrangimento aceleraram seu desejo de fazer boa figura aos olhos da mulher. Quase sem perceber, ele decidiu não mencionar o caso de Cure Hardy. Jane gostava de prédios antigos e todo esse tipo de coisa. Resultado: quando Jane, que naquele instante estava abrindo as cortinas, ouviu a porta abrir, olhou para trás e deu-se conta da chegada do marido, o que ela viu foi um Mark bastante animado e alegre. Sim, ele tinha quase certeza de ter

conseguido o emprego. O salário não estava totalmente definido, mas ele ia entrar no assunto no dia seguinte. Era um lugar muito engraçado: tudo isso ele explicaria depois. No entanto, já tinha conhecido as pessoas importantes por lá. Wither e a senhorita Hardcastle eram as pessoas que importavam.

– *Preciso* lhe falar dessa tal Hardcastle – disse ele. – Ela é incrível.

Jane teve de decidir o que contar a Mark muito mais rápido do que ele decidiu o que dizer a ela. E ela resolveu não dizer nada sobre os sonhos ou sobre St. Anne's. Os homens detestavam as mulheres que tinham qualquer problema, principalmente problemas raros, esquisitos. Foi fácil cumprir sua resolução, pois Mark, envolvido com sua própria história, não lhe fez perguntas. Talvez ela não estivesse totalmente convencida a respeito do que ele dizia. Todos os detalhes eram meio vagos.

Bem cedo na conversa, ela fez uma pergunta com uma voz aguda, assustada (ela não fazia ideia de como aquela voz o desagradava).

– Mark, você não renunciou à bolsa de pesquisa em Bracton?

– Não, é claro que não – disse ele e continuou a falar. Ela escutava somente com metade da atenção. Sabia que ele costumava ter ideias de grandeza, e alguma coisa no seu rosto fez que ela supusesse que durante sua ausência ele teria bebido muito mais do que de costume. E assim, até a hora de dormir, o pássaro macho exibiu sua plumagem, e a fêmea representou seu papel, fez perguntas, riu e simulou mais interesse do que sentia. Ambos eram jovens; e, se nenhum dos dois tinha muito amor pelo outro, cada um ainda estava ansioso por ser admirado.



Naquela noite o corpo docente de Bracton estava sentado na sala de refeições com o vinho e a sobremesa. O hábito de usar traje a rigor para jantar fora abandonado como medida de economia durante a guerra, e a prática ainda não tinha sido retomada, portanto os paletós esporte e os cardigãs pareciam contrastar com os escuros lambris da época de Jaime I, com a luz de velas e a prataria de muitos períodos diferentes. Feverstone e Curry estavam sentados juntos. Até aquela noite, por cerca de trezentos anos, aquela sala de refeições tinha sido um dos lugares tranquilos e agradáveis da Inglaterra. Ficava em Lady Alice, no térreo abaixo do Soler, e as janelas na extremidade leste davam para o rio e para o Bosque de Bragdon, do outro lado de um pequeno terraço onde o corpo docente



tinha o hábito de saborear a sobremesa nas noites de verão. Àquela hora e na estação em que estavam, é claro que as janelas estavam fechadas e protegidas por cortinas. E de lá de fora vinham ruídos que nunca tinham sido ouvidos antes naquela sala: gritos e xingamentos, o barulho de caminhões passando pesados ou mudando de marcha com violência, o chocalhar de correntes, o zunido de perfuradeiras mecânicas, o clangor do ferro, apitos, baques surdos e uma vibração que a tudo invadia. *Saeva sonare verbera, tum stridor ferri tractaeque catenae* [soam os cruéis açoites, o estridor do ferro e as correntes arrastadas], como Glossop, sentado do outro lado da lareira, tinha comentado com Jewel. É que do lado de fora daquelas janelas, a não mais que trinta metros de distância, na outra margem do Wynd, já estava se realizando a passo acelerado a conversão de um antigo bosque num inferno de lama, barulho, aço e concreto. Alguns membros até mesmo do Elemento Progressista, aqueles cujos aposentos se situavam naquele lado da faculdade, já haviam se queixado. O próprio Curry ficara um pouco surpreso com a forma que seu sonho assumira agora que tinha se tornado realidade, mas ele estava fazendo o possível para enfrentar a situação sem demonstrar constrangimento, e, apesar de sua conversa com Feverstone precisar ser conduzida a plenos pulmões, ele não fez alusão a esse inconveniente.

– Então está decidido – berrou ele – que o jovem Studdock não volta para cá?

– Ah, totalmente – gritou Feverstone. – Ele mandou uma mensagem através de um alto funcionário para me pedir que transmitisse a informação à faculdade.

– Quando ele vai enviar um pedido formal de demissão?

– Não tenho a menor ideia! Como todos esses jovens, ele é muito despreocupado com essas coisas. Por sinal, quanto mais ele demorar, melhor.

– Você quer dizer que o atraso nos dá a oportunidade de dar uma boa olhada por aí?

– Exatamente. Veja bem, nada precisa chegar ao conhecimento da faculdade enquanto ele não escrever. O que se quer é ter toda a questão do sucessor resolvida *antes*.

– É óbvio. É importantíssimo. Uma vez que se apresente uma questão aberta a toda essa gente que não compreende o campo e não conhece o próprio pensamento, qualquer coisa pode acontecer.

– Exato. É isso o que queremos evitar. A única forma de administrar um lugar como este é apresentar seu candidato, tirar o coelho da cartola, dois minutos depois de anunciar a vaga.

– Precisamos começar a pensar nisso de uma vez.

– O sucessor precisa ser um sociólogo? Quer dizer, a bolsa de pesquisa está vinculada à matéria?

– Ah, de modo algum. É uma daquelas bolsas Paston. Por quê? Você tinha em mente alguma disciplina?

– Faz muito tempo que não temos ninguém em política.

– Hum, é verdade. Ainda existe um preconceito considerável contra a política como disciplina acadêmica. Veja bem, Feverstone, não deveríamos dar um apoio a essa nova disciplina?

– Qual nova disciplina?

– A pragmatometria.

– Ora, ora, engraçado você dizer isso, porque o homem em quem eu estava começando a pensar é um político que também vem se interessando muito pela pragmatometria. Podemos chamá-la de bolsa de pragmatometria social, ou alguma coisa parecida.

– Quem é o homem?

– Laird, de Leicester, Cambridge.

Foi uma reação automática de Curry parecer muito pensativo, se bem que nunca tivesse ouvido falar de Laird.

– Ah, Laird – disse ele. – Só me repasse alguns detalhes da carreira acadêmica dele.

– Bem – disse Feverstone –, como você se lembra, ele não estava bem de saúde por ocasião dos exames finais e saiu-se muito mal. A aplicação de exames em Cambridge está tão horrível hoje em dia que dificilmente essa nota é levada em conta. Todos sabiam que ele foi um dos mais brilhantes do seu ano. Foi presidente de The Sphinxes e editava *The Adult* [O Adulto]. David Laird, sabe?

– É. Claro. David Laird. Mas ouça o que digo, Dick...

– ... Sim?

– Não me agrada muito essa nota baixa. É claro que, tanto quanto você, não atribuo nenhum valor supersticioso a resultados de exames. Mesmo assim, recentemente fizemos uma ou duas escolhas infelizes. – Ao dizer isso, quase involuntariamente Curry olhou de relance para o outro lado da sala, onde Pelham estava sentado. Pelham, com sua boquinha semelhante a um botão e sua cara de lua. Pelham era um homem confiável; mas até mesmo Curry tinha dificuldade para se lembrar de qualquer coisa que Pelham tivesse feito ou dito.

– É, eu sei – disse Feverstone –, mas mesmo nossas piores escolhas não são

tão obtusas quanto as que a faculdade faz quando a deixamos à vontade.

Talvez porque o barulho insuportável tivesse lhe dado nos nervos, Curry sentiu uma dúvida momentânea sobre a “obtusidade” daqueles intrusos. Recentemente tinha jantado em Northumberland e encontrara Telford lá na mesma noite. O contraste entre o Telford alerta e espirituoso que todos em Northumberland pareciam conhecer, a quem todos davam ouvidos, e o Telford “obtusos” na sala de refeições de Bracton o deixara perplexo. Seria possível que os silêncios de todos aqueles “intrusos” na faculdade, suas respostas monossilábicas quando ele lhes dirigia a palavra com ar de superioridade e seus rostos inexpressivos quando ele adotava seu tom confidencial tinham uma explicação que nunca lhe ocorrera? A fantástica sugestão de que ele, Curry, talvez fosse um chato passou por sua cabeça tão velozmente que daí a um segundo ele já a esquecera para sempre. A sugestão muito menos dolorosa de que aqueles tradicionalistas e ratos de biblioteca ousavam menosprezá-lo foi mantida. Feverstone estava gritando novamente para ele.

– Vou a Cambridge na semana que vem – disse ele. – Na realidade, vou dar um jantar. Eu preferia que isso não fosse mencionado aqui, porque pode ser que o primeiro-ministro compareça, e um ou dois representantes dos grandes jornais, assim como Tony Dew. Como? Ah, é claro que você conhece Tony. Aquele moreninho do banco. Laird estará lá. Parece que ele é primo do primeiro-ministro. Eu estava me perguntando se você poderia vir jantar conosco. Sei que David está louco para conhecê-lo. Ouviu falar muito de você por intermédio de algum sujeito que assistia às suas aulas. Não consigo me lembrar do nome.

– Bem, seria muito difícil. Vai depender de quando será o enterro do velho Bill. É claro que eu precisaria estar aqui para o enterro. Houve alguma coisa sobre a investigação no noticiário das seis horas?

– Não ouvi. Mas é claro que isso levanta uma segunda questão. Agora que o Nevasca foi soprar num mundo melhor, temos *dois* lugares vagos.

– Não estou ouvindo – berrou Curry. – O barulho está mais forte? Ou sou eu que estou ficando surdo?

– Ouça, subdiretor – gritou Brizeacre, do outro lado de Feverstone –, o que seus amigos estão aprontando lá fora?

– Eles não conseguem trabalhar sem gritar? – perguntou outra pessoa.

– Para mim, não está parecendo trabalho de modo algum – disse um terceiro.

– Prestem atenção! – disse Glossop, de repente. – Não estão trabalhando.

Ouçam os passos. É mais como um jogo de rúgbi.

– Está piorando a cada instante – disse Raynor.

No momento seguinte, quase todos na sala estavam de pé.

– Que foi isso? – gritou um deles.

– Estão assassinando alguém – disse Glossop. – Só existe um jeito de fazer um som desses sair da garganta de um homem.

– Aonde você está indo? – perguntou Curry.

– Vou ver o que está acontecendo – disse Glossop. – Curry, vá reunir todos os da faculdade que souberem atirar. Alguém ligue para a polícia.

– Se eu fosse você, não sairia – disse Feverstone, que tinha permanecido sentado e estava se servindo de mais um copo de vinho. – Parece que a polícia, ou coisa semelhante, já está lá.

– Como assim?

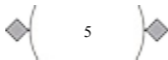
– Escute. Ai!

– Achei que isso fosse a maldita britadeira.

– Escute!

– Meu Deus... você acha mesmo que é uma metralhadora?

– Cuidado! Cuidado! – disseram umas dez vezes de uma vez, quando se tornou audível um estilhaçamento de vidro, e uma saraivada de pedras caiu no assoalho da sala de refeições. Dali a um instante, alguns professores correram para as janelas para fechar as folhas de madeira. E então todos ficaram parados olhando assustados uns para os outros, em silêncio a não ser pela respiração pesada. Glossop estava com um corte na testa, e no chão estavam os fragmentos daquela famosa janela para o leste na qual Henrieta Maria um dia gravara seu nome com um diamante.



## Elasticidade

Na manhã seguinte, Mark voltou para Belbury de trem. Tinha prometido à mulher esclarecer uma série de pontos acerca do salário e do local de residência, e a lembrança de todas essas promessas criava uma pequena nuvem de ansiedade na sua mente, mas no todo estava bem animado. Esse retorno a Belbury – só entrar despreocupado, pendurar o chapéu e pedir um drinque – era um agradável contraste com sua primeira visita. O criado que lhe trouxe o drinque o conhecia. Filostrato cumprimentou-o com um gesto de cabeça. Naturalmente as mulheres se queixariam, no entanto estava claro que este era o mundo real. Depois do drinque, ele subiu despreocupado para o escritório de Cosser. Ficou ali apenas cinco minutos; e, quando saiu, seu estado de espírito estava totalmente transformado.

Steele e Cosser estavam lá, e os dois olharam com o ar de homens que foram interrompidos por um total desconhecido. Nenhum dos dois falou.

– Ah, bom dia – disse Mark, constrangido.

Steele terminou de fazer uma anotação a lápis em algum grande documento que estava aberto diante dele.

– Que foi, senhor Studdock? – disse ele, sem levantar os olhos do papel.

– Vim ver Cosser – disse Mark, e então dirigiu-se a este. – Estive pensando sobre a penúltima seção daquele relatório.

– De que relatório se trata? – perguntou Steele a Cosser.

– Bem, achei – respondeu Cosser, com um sorrisinho torto num canto da boca –, que seria bom criar um relatório sobre Cure Hardy no meu tempo livre; e, como não havia nada específico para fazer ontem, eu o redigi. O senhor Studdock me ajudou.

– Bem, podem deixar isso de lado agora – disse Steele. – Vai poder falar com o senhor Cosser em alguma outra hora, senhor Studdock. Sinto muito, mas o senhor Cosser está ocupado no momento.

– Vejam bem – disse Mark –, creio que seria melhor que nos entendêssemos. Devo deduzir que esse relatório era simplesmente um passatempo pessoal de

Cosser? E se for essa a verdade, eu gostaria de ter tomado conhecimento disso antes de dedicar oito horas de trabalho a ele. E estou trabalhando sob as ordens de quem?

Steele, brincando com o lápis, olhou para Cosser.

– Eu lhe fiz uma pergunta sobre minha posição, senhor Steele – disse Mark.

– Não tenho tempo para esse tipo de coisa – disse Steele. – Se você não tem o que fazer, eu tenho. Não sei de nada a respeito da sua posição.

Mark pensou, por um instante, em se voltar para Cosser; mas o rosto liso e sardento e os olhos evasivos de Cosser de repente o encararam com tanto desdém que ele deu meia-volta e saiu da sala, batendo a porta atrás de si. Ia ver o vice-diretor.

À porta da sala de Wither, ele hesitou por um momento, porque ouviu vozes lá dentro. Mas estava com raiva demais para esperar. Bateu e entrou sem perceber se tinha havido resposta para sua batida.

– Meu caro – disse o vice-diretor, levantando os olhos, mas sem fixar o olhar no rosto de Mark – É um enorme prazer vê-lo. – Quando ouviu essas palavras, Mark percebeu que havia uma terceira pessoa na sala. Era um homem chamado Stone que ele tinha conhecido no jantar dois dias antes. Stone estava parado diante da mesa de Wither, enrolando e desenrolando nos dedos um pedaço de papel mata-borrão. Estava de boca aberta, com os olhos fixos no vice-diretor.

– Prazer enorme em vê-lo – repetiu Wither. – Ainda mais porque o senhor... hum... me interrompeu no que receio ter de chamar de entrevista bastante difícil. Como eu estava mesmo dizendo ao pobre senhor Stone quando o senhor entrou, nada me interessa mais que o desejo de que este grande Instituto trabalhe todo junto, como uma família... a maior unicidade de determinação e propósito, senhor Stone, a máxima confiança mútua... É isso o que espero de meus colegas de trabalho. Mas, na realidade, como o senhor pode me lembrar, senhor... hum... Studdock, mesmo na vida em família, podem ocorrer tensões, atritos e mal-entendidos. E é por esse motivo, meu caro, que no momento não estou totalmente livre... Não vá, senhor Stone. Tenho muito mais a lhe dizer.

– Talvez fosse melhor eu voltar depois? – perguntou Mark.

– Bem, talvez em todas as circunstâncias, são os *seus* sentimentos que estou levando em consideração, senhor Stone... talvez... o método habitual para vir me ver, senhor Studdock, é dirigir-se ao meu secretário e marcar uma hora. Entenda que não tenho o menor desejo de insistir em nenhum tipo de formalidade, ou que possa não me agradecer vê-lo sempre que der uma passadinha por aqui. É o

desperdício do *seu* tempo que estou ansioso por evitar.

– Obrigado, senhor – disse Mark – Vou procurar seu secretário.

O escritório do secretário era na porta ao lado. Quando se entrava ali, não se encontrava o secretário em pessoa, mas uma quantidade de subordinados, que eram isolados dos visitantes por ficarem atrás de uma espécie de balcão. Mark marcou uma hora para as dez da manhã no dia seguinte, que era o mais cedo que puderam lhe oferecer. Quando saiu, quase trombou com a Fada Hardcastle.

– Olá, Studdock – disse a Fada. – À toa perto do escritório do VD? Isso não dá bons resultados, você sabe.

– Resolvi – disse Mark – que ou eu consigo que definam de uma vez qual é minha posição, ou saio do Instituto.

Ela olhou para ele com uma expressão ambígua na qual o divertimento parecia predominar. E então, de repente, enfiou o braço no dele.

– Olhe, filhinho – disse ela –, trate de deixar tudo isso de lado, está bem? Não vai lhe fazer bem algum. Venha conversar comigo.

– No fundo, não temos sobre o que falar, senhorita Hardcastle – disse Mark – Está tudo perfeitamente claro na minha cabeça. Ou eu consigo uma função de verdade aqui, ou volto para Bracton. É bastante simples: na verdade eu não me importo muito com a escolha, desde que eu saiba qual é ela.

A isso, a Fada não deu resposta, e a pressão constante do seu braço forçava Mark a acompanhá-la pelo corredor, a menos que ele se dispusesse a lutar com ela. A intimidade e a autoridade de seu jeito de segurá-lo eram de uma ambiguidade ridícula e quase teriam se adequado igualmente à relação de policial e prisioneiro, mulher e amante, babá e criança. Mark achou que daria a impressão de bobo caso eles deparassem com alguém.

Ela o levou aos seus escritórios, que se localizavam no segundo andar. A antessala estava cheia do que ele já tinha aprendido a chamar de Fiafs, as moças da Força Institucional Auxiliar Feminina. Os homens da polícia, embora muito mais numerosos, não eram vistos dentro do prédio com tanta frequência, mas as Fiafs sim, constantemente, saltitando para lá e para cá, onde quer que a senhorita Hardcastle aparecesse. Longe de compartilhar as características masculinas de sua chefe, elas eram (como Feverstone disse uma vez) “femininas ao ponto da imbecilidade”, pequenas, esbeltas, fofas e cheias de risinhos. A senhorita Hardcastle comportava-se com elas como se fosse um homem e se dirigia a elas em tons de galanteio meio jovial, meio feroz.

– Coquetéis, Dolly – gritou ela, quando eles entraram na antessala. Quando

chegaram ao escritório propriamente, ela fez Mark se sentar, mas permaneceu em pé, de costas para o fogo, com as pernas bem afastadas. Dolly trouxe as bebidas e se retirou, fechando a porta depois de passar. Queixoso, Mark tinha lhe contado seu aborrecimento no caminho.

– Pode parar com isso tudo, Studdock – disse a senhorita Hardcastle. – E não importa o que faça, trate de não importunar o VD. Já lhe disse que você não precisa se preocupar com toda essa gatinha do terceiro andar, desde que ele esteja do seu lado. O que ele está no momento. Mas você não o terá do seu lado, se não parar de procurá-lo com reclamações.

– Esse poderia ser um conselho muito bom, senhorita Hardcastle – disse Mark –, se eu tivesse assumido o compromisso de ficar aqui. Mas não assumi. E, pelo que andei vendo, o lugar não me agrada. Praticamente já me decidi a voltar para casa. Só achei que antes deveria ter uma conversa com ele, para esclarecer tudo.

– Esclarecer tudo é a única coisa que o VD não tolera – respondeu a senhorita Hardcastle. – Não é esse seu estilo de administrar. E, preste atenção, ele sabe o que faz. As coisas funcionam, filhinho. Você não faz ideia de como tudo funciona. Quanto a ir embora... você não é supersticioso, é? Eu sou, querido. Acho que não dá sorte sair do Inec. Não precisa se importunar com todos os Steeles e Cossers. Faz parte do aprendizado. Você está passando por ele no momento, mas, se aguentar firme, acabará acima deles. Tudo o que precisa fazer é ficar quieto no seu lugar. Nenhum deles vai restar quando começarmos pra valer.

– Foi exatamente esse tipo de posição que Cosser adotou em relação a Steele – disse Mark –, e pareceu que não me adiantou muito, na hora H.

– Sabe, Studdock – disse a senhorita Hardcastle –, eu me afeiçoei a você. E até que foi bom. Porque, se eu não tivesse me afeiçoado, ficaria inclinada a me ressentir com esse seu último comentário.

– Não tive intenção de ofender – disse Mark – Mas, que inferno! Tente olhar pelo meu ponto de vista.

– Não adianta, queridinho – disse a senhorita Hardcastle, abanando a cabeça. – Você ainda não conhece os fatos o suficiente para seu ponto de vista valer mais que um vintém. Você ainda não percebeu aquilo de que vai participar. Estão lhe oferecendo uma oportunidade de algo muito mais importante que um posto de ministro no governo. E só há duas alternativas, sabe? Ou você está no Inec, ou está fora dele. E eu, mais do que você, sei onde será melhor estar.

– Eu entendo, *sim* – disse Mark – Mas qualquer coisa é melhor do que estar



nominalmente na Instituição e não ter nada a fazer. Deem-me um posto verdadeiro no departamento de Sociologia, e eu...

– Bobagem! Esse departamento inteiro vai ser eliminado. Ele precisou existir no início para fins de propaganda política. Mas todos eles vão ser descartados.

– Mas que garantia tenho eu de que vou ser um dos sucessores?

– Você não vai. Eles não vão ter sucessores. O verdadeiro trabalho não tem nada que ver com todos esses departamentos. O tipo de Sociologia em que estamos interessados será feito pelo meu pessoal: a polícia.

– E então onde é que eu entro nisso?

– Se você confiar em mim – disse a Fada, pondo na mesa o copo vazio e sacando um charuto –, posso lhe dar uma pista de nosso verdadeiro trabalho, aquilo para que de fato o trouxeram aqui.

– E qual é esse trabalho?

– Alcasan – disse a senhorita Hardcastle, baixinho. Tinha começado a mascar interminavelmente um charuto apagado. E então, olhando de relance para Mark com um toque de desdém, perguntou: – Você sabe de quem eu estou falando, não sabe?

– Você se refere ao radiologista... o homem que foi morto na guilhotina? – perguntou Mark, totalmente perplexo. A Fada fez que sim.

– Ele vai ser reabilitado – disse ela. – Aos poucos. Tenho todos os fatos no dossiê. Você começa com um artiguinho discreto, sem questionar sua culpa, não de início, apenas insinuando que naturalmente ele *era* membro do governo traidor e que havia preconceito contra ele. Diga que não duvida da justiça do veredicto, mas que é inquietante perceber que quase com certeza teria sido igual, mesmo que ele tivesse sido considerado inocente. Depois, dentro de um dia ou dois, você daria seguimento com um artigo de um tipo totalmente diferente. Uma explicação popular do valor da sua obra. Você pode pesquisar os fatos para *esse tipo* de artigo numa tarde. Depois, uma carta bastante indignada, para o jornal que publicou o primeiro artigo, e aprofundando muito mais. A execução *foi* uma decisão injusta. A essa altura...

– Afinal, qual é o sentido de tudo isso?

– É o que estou lhe dizendo, Studdock. Alcasan deve ser reabilitado.

Transformado num mártir. Uma perda irreparável para a espécie humana.

– Mas para quê?

– Aí vem você de novo! Você se queixa de não lhe darem nada para fazer; e,

assim que eu sugiro um pouco de trabalho de verdade, você espera que todo o plano de campanha lhe seja passado antes de fazer o trabalho. Não faz sentido. Não é assim que se avança por aqui. O principal é fazer o que lhe mandam. Se você se revelar de valor, logo vai entender o que está acontecendo. Mas precisa começar pelo trabalho. Parece que não se dá conta do que somos. Nós somos um exército.

– Seja como for – disse Mark –, não sou jornalista. Não vim aqui para escrever artigos para jornais. Tentei deixar isso claro para Feverstone desde o início.

– Quanto mais cedo você abandonar esse papo sobre o que veio fazer aqui, melhor vai ser seu progresso. Estou falando para seu próprio bem, Studdock. Você *sabe* escrever. Essa é uma das coisas pelas quais querem sua presença aqui.

– Então vim para cá sob o efeito de um mal-entendido – disse Mark. O agrado à sua vaidade literária, naquele momento da sua carreira, de modo algum compensava a implicação de que sua Sociologia não tinha importância alguma. – Não tenho intenção de passar minha vida escrevendo artigos para jornais – disse ele. – E, se tivesse, gostaria de saber muito mais sobre a política do Inec antes de me dedicar a esse tipo de coisa.

– Não lhe disseram que o Inec é rigorosamente apolítico?

– Me disseram tanta coisa que me sinto totalmente desorientado – disse Mark. – Mas não vejo como se possa iniciar uma jogada jornalística (que mais ou menos é no que isso acaba se transformando) sem ser político. Vão ser jornais de esquerda ou de direita que publicarão toda essa bobagem a respeito de Alcasan?

– Os de esquerda e os de direita, querido – disse a senhorita Hardcastle. – Será que você não entende *nada*? Não é absolutamente essencial manter uma esquerda feroz e uma direita feroz, as duas em alerta e cada uma apavorada com a outra? É assim que se conseguem fazer as coisas. Qualquer oposição ao Inec é apresentada como manobra da esquerda nos jornais de direita, e como manobra da direita nos jornais de esquerda. Se for feito da forma adequada, o resultado é cada um dos lados tentando superar o outro no apoio a nós – para refutar as calúnias do inimigo. *É claro* que nós somos apolíticos. Todo o verdadeiro poder sempre é.

– Não acredito que vocês possam fazer isso – disse Mark. – Não com os jornais que são lidos por pessoas instruídas.

– Isso demonstra que você ainda está no jardim de infância, amorzinho – disse a senhorita Hardcastle. – Você ainda não percebeu que é exatamente o

contrário?

– Como assim?

– Ora, seu bobo, é o leitor instruído que *pode* ser engabelado. Toda a nossa dificuldade vem com os outros. Quando você conheceu um operário que acredita nos jornais? Ele parte do pressuposto de que todos eles são propaganda política e passa direto pelos artigos principais. Ele compra o jornal para ver os resultados do futebol e os pequenos parágrafos sobre garotas que caem de janelas e cadáveres encontrados em apartamentos de Mayfair. Ele é nosso problema. Precisamos refazer seu condicionamento. Mas o público instruído, as pessoas que leem as revistas semanais de elite, não precisa de novo condicionamento. Esses já estão como têm de ser. Acreditam em qualquer coisa.

– Como integrante da classe que você menciona – disse Mark, com um sorriso –, eu simplesmente não acredito.

– Meu bom Deus! – disse a Fada. – Onde estão seus olhos? Lembre-se de tudo o que as publicações semanais fizeram impunemente! Olhe para o *Weekly Question*. Isso é que é jornal. Quando o inglês básico surgiu, como invenção de um professor de Cambridge livre-pensador, não faltaram elogios. Assim que a ideia foi abraçada por um primeiro-ministro conservador, ela se tornou uma ameaça à pureza do nosso idioma. E a monarquia não foi um absurdo dispendioso por dez anos? E então, quando o duque de Windsor abdicou, o *Question* não se tornou todo monarquista e legitimista por mais ou menos quinze dias? Eles perderam um leitor que fosse? Você não enxerga que o leitor instruído não *consegue* parar de ler os semanários de elite, não importa o que façam? Ele não consegue. Está condicionado.

– Bem – disse Mark –, tudo isso é muito interessante, senhorita Hardcastle, mas não tem nada que ver comigo. Para começar, não quero me tornar jornalista. E, se quisesse, gostaria de ser um jornalista honesto.

– Muito bem – disse a senhorita Hardcastle. – Tudo o que você vai fazer é ajudar a arruinar este país, e talvez toda a espécie humana. Além de destruir sua carreira.

O tom confidencial no qual ela estivera falando até o momento desapareceu, e surgiu uma peremptoriedade ameaçadora na sua voz. O cidadão e homem honesto, que tinham sido despertados em Mark pela conversa, se intimidaram um pouco. Seu outro eu, mais forte, o eu que ansiava, a qualquer preço, por não ser classificado entre os excluídos, deu um salto, totalmente alarmado.

– Não estou querendo dizer – disse ele – que não vejo aonde você quer

chegar. Eu estava apenas me perguntando...

– Não faz diferença para mim, Studdock – disse a senhorita Hardcastle, sentando-se por fim à mesa. – Se você não gosta do trabalho, é claro que isso é assunto seu. Vá se acertar com o VD. Ele não *gosta* que as pessoas se demitam, mas é claro que você pode se demitir. Ele terá algo a dizer a Feverstone por trazê-lo aqui. Nós supúnhamos que você compreendesse.

A menção a Feverstone mostrou nitidamente para Mark como uma realidade o plano, que até aquele momento parecia ligeiramente irreal, de voltar para Edgestow e se satisfazer com a carreira de pesquisador de Bracton. Em que termos ele voltaria? Ele ainda seria membro do grupo mais fechado mesmo em Bracton? Descobrir-se excluído da confiança do Elemento Progressista, empurrado para se misturar com os Telfords e Jewels, lhe parecia insuportável. E o salário de um mero professor universitário parecia uma ninharia depois dos sonhos que ele vinha tendo naqueles últimos dias. A vida de casado já estava se revelando mais dispendiosa do que ele havia calculado. Sentiu então a fígada de uma dúvida acerca das duzentas libras para associar-se ao clube do Inec. Mas não... isso era absurdo. Era impossível que lhe cobrassem o valor.

– Bem, está evidente – disse ele, com a voz indecisa – que a primeira coisa a fazer é ver o VD.

– Agora que você vai sair – continuou a Fada –, há uma coisa que preciso dizer. Pus todas as cartas na mesa. Se algum dia lhe der na telha que seria divertido repetir qualquer parte desta conversa no mundo lá fora, ouça meu conselho e não faça isso. Não seria de modo algum saudável para sua carreira futura.

– Ah, sim, mas é claro – começou Mark.

– Melhor você ir de uma vez – disse a senhorita Hardcastle. – Tenha uma boa conversa com o VD. Cuidado para não irritar o velho. Ele odeia demissões.

Mark fez uma tentativa de prolongar a entrevista, mas a Fada não permitiu, e em poucos segundos ele já tinha saído pela porta.

O resto do dia, ele passou bastante infeliz, evitando as pessoas o máximo possível, para que sua falta de ocupação não fosse notada. Antes do almoço, saiu para uma daquelas caminhadas curtas, insatisfatórias, que um homem faz num lugar desconhecido, quando não trouxe consigo nem roupas velhas nem uma bengala. Depois do almoço, ele explorou o terreno. Mas o terreno não era do tipo em que qualquer um pudesse caminhar por prazer. O milionário eduardiano que construiu Belbury tinha cercado oito hectares com um muro baixo de tijolos,

encimado por uma grade de ferro, e organizado tudo no que seu empregado chamou de áreas ornamentais de lazer. Havia árvores salpicadas aleatoriamente, e caminhos sinuosos cobertos com uma camada tão grossa de seixos brancos redondos que mal se conseguia andar sobre eles. Havia canteiros imensos, alguns em forma de retângulo, alguns de losango e alguns, de meia-lua. Havia plantações – faixas quase seria um termo melhor – daquele tipo de louro que dá a impressão de ser feito de metal pintado e envernizado com habilidade. Sólidos bancos cobertos, pintados num verde vivo, estavam dispostos a intervalos regulares ao longo do caminho. Todo o efeito era semelhante ao de um cemitério municipal. Entretanto, por menos atraente que fosse, ele o procurou mais uma vez depois do chá, fumando, apesar de o vento soprar a parte acesa de volta pelo lado do cigarro e sua língua já estar ardendo. Dessa vez, ele foi perambulando para os fundos da casa, onde as construções mais novas e mais baixas se juntavam à edificação. Ali ele foi surpreendido por um cheiro semelhante ao de um estábulo e por uma mistura de rosnados, grunhidos e gemidos – na realidade, todos os sinais de um zoológico considerável. De início, ele não compreendeu, mas logo se lembrou de que um extenso programa de vivissecção, isento por fim da burocracia e da economia mesquinha, era um dos planos do Inec. Ele não tinha sentido interesse especial pelo assunto e tinha uma vaga noção de ratos, coelhos e um ou outro cachorro. A confusão de ruídos provenientes dali de dentro sugeria algo muito diferente. Enquanto estava parado ali, ouviu-se um longo uivo melancólico e então, como se esse uivo tivesse dado o tom, todos os tipos de barridos, latidos, gritos, até mesmo risos, que se estremeciam e protestavam por um instante e depois se extinguíam em resmungos e ganidos. Mark não tinha nenhum escrúpulo quanto à vivissecção. O que o barulho representou para ele foi a grandeza e a grandiosidade do empreendimento como um todo, do qual parecia ser provável que ele viesse a ser excluído. Havia todos os tipos de criatura lá dentro: o equivalente a milhares de libras de animais vivos, que o Instituto tinha condições financeiras de recortar como papel, com base na mera probabilidade de alguma descoberta interessante. Ele *precisava* ficar com esse emprego. De algum modo, tinha de resolver o problema com Steele. Mas o barulho era desagradável, e ele se afastou dali.



Mark acordou na manhã seguinte com a sensação de que haveria sem dúvida

um obstáculo, talvez dois, a transpor durante o dia. O primeiro era sua conversa com o vice-diretor. A menos que conseguisse uma garantia bastante definida acerca de um cargo e salário, ele cortaria sua ligação com o Instituto. E então, quando estivesse em casa, o segundo obstáculo seria sua explicação para Jane de como todo aquele sonho tinha se desvanecido.

O primeiro nevoeiro de verdade do outono caíra sobre Belbury naquela manhã. Mark tomou o café sob luz artificial; nem a correspondência nem os jornais tinham chegado. Era uma sexta-feira, e um funcionário lhe entregou a conta devida pela parte de uma semana que ele tinha passado no Instituto. Ele a enfiou no bolso, depois de um rápido olhar de relance, tomando a decisão de que, fosse como fosse, aquele valor jamais deveria chegar ao conhecimento de Jane. Nem o total nem os itens eram do tipo que qualquer esposa entenderia com facilidade. Ele mesmo se perguntou se não tinha ocorrido algum erro, mas ainda estava naquela idade em que um homem prefere ser esfolado até o último centavo a questionar uma conta. Mark então terminou sua segunda xícara de chá, apalpou-se à procura de cigarros, não encontrou nenhum e pediu um novo maço.

A meia hora e tanto que ele esperou antes de se apresentar para o horário que marcara com o vice-diretor passou devagar. Ninguém falou com ele. Parecia que todos os outros estavam se afastando às pressas com algum objetivo importante e bem definido. Durante parte desse tempo, ele permaneceu sozinho no salão e tinha a impressão de que os funcionários olhavam para ele como se ele não devesse estar lá. Ficou feliz quando pôde subir para bater na porta de Wither.

Foi admitido de imediato, mas não foi fácil começar a conversa, porque Wither não disse nada; e, embora tivesse levantado os olhos assim que Mark entrou, com uma expressão de cortesia sonhadora, ele não estava olhando direto para Mark, nem o convidou a se sentar. Como de costume, a sala estava extremamente quente, e Mark, dividido entre o desejo de esclarecer que estava totalmente decidido a não mais ser deixado sem ter o que fazer e o desejo igualmente forte de não perder o emprego, se houvesse algum emprego de verdade em oferta, talvez não tivesse se expressado muito bem. De qualquer modo, o vice-diretor deixou-o esgotar-se: passar para repetições desconexas e delas para um silêncio total. Esse silêncio durou algum tempo. Wither estava sentado, com os lábios em beicinho e ligeiramente abertos, como se estivesse cantarolando uma melodia.

– Então, senhor, acho que seria melhor eu partir – disse Mark por fim, com uma vaga referência ao que estivera relatando.

– O senhor é Studdock, creio eu? – disse Wither hesitante, depois de mais um silêncio prolongado.

– Sim – respondeu Mark, impaciente. – Vim visitá-lo com lorde Feverstone há alguns dias. O senhor deu a entender que estava me oferecendo uma posição no setor sociológico do Inec. Mas, como eu estava dizendo...

– Um momento, senhor Studdock – interrompeu o vice-diretor. – É importantíssimo deixar perfeitamente claro o que estamos fazendo. O senhor sem dúvida tem consciência de que, em certos sentidos das palavras, seria de uma enorme infelicidade falar de meu oferecimento a qualquer pessoa de um posto no Instituto. O senhor não deve imaginar, por um instante que seja, que eu detenha qualquer tipo de posição autocrática; nem, por outro lado, que a relação entre minha própria esfera de influência e os poderes... entenda que estou me referindo a poderes temporários... do Comitê Permanente ou os do próprio diretor estejam definidos por algum sistema inflexível do que... hum... se poderia chamar de um caráter constitucional, ou mesmo constitutivo. Por exemplo...

– Então, será que o senhor pode me dizer se alguém me ofereceu um cargo; e, se sim, quem?

– Ah – disse Wither, de repente, mudando tanto de posição como de tom, como se tivesse lhe ocorrido uma nova ideia. – Nunca houve a menor questão dessa natureza. Sempre ficou implícito que sua cooperação com o Instituto seria inteiramente aceitável... seria do maior valor.

– Bem, eu posso, quer dizer, nós não deveríamos discutir os detalhes? Quer dizer, o salário, por exemplo, e a quem eu deveria me subordinar?

– Meu caro amigo – disse Wither, com um sorriso –, não prevejo a menor dificuldade quanto ao... hum... aspecto financeiro da questão. Quanto a...

– O senhor poderia me dizer qual seria o salário? – insistiu Mark

– Bem, aí o senhor está tocando num ponto que dificilmente caberia a mim decidir. Creio que membros na posição que tínhamos visualizado para o senhor ocupar costumam ganhar por volta de mil e quinhentas libras por ano, permitindo-se flutuações calculadas em termos muitos liberais. O senhor vai descobrir que todas as questões dessa natureza vão se ajustar com a maior facilidade.

– Mas quando eu deveria saber, senhor? Quem eu deveria procurar para isso?

– Senhor Studdock, o senhor não deve supor que, quando digo mil e quinhentas libras, eu estou de algum modo excluindo a possibilidade de uma quantia mais

alta. Creio que nenhum de nós aqui permitiria um desacordo por esse motivo.

– Eu estaria perfeitamente satisfeito com mil e quinhentas libras – disse Mark – Eu não estava absolutamente pensando nisso. Mas... mas... – A expressão do vice-diretor tornou-se mais cortês e confidencial à medida que Mark gaguejava, de modo que, quando por fim conseguiu dizer – Eu supus que haveria um contrato ou algum documento desse tipo –, Mark sentiu que tinha cometido uma grosseria impronunciável.

– Bem – disse o vice-diretor, fixando os olhos no teto e baixando sua voz até um sussurro, como se sua sensação de embaraço fosse profunda demais –, esse não é exatamente o tipo de procedimento... sem dúvida, seria possível...

– E esse não é o ponto principal, senhor – disse Mark, com o rosto vermelho. – Há a questão da minha posição. Devo me subordinar ao senhor Steele?

– Tenho aqui um formulário – disse Wither, abrindo uma gaveta – que, creio eu, nunca chegou a ser usado, mas que foi elaborado para esse tipo de contrato. Talvez o senhor queira examiná-lo quando lhe for conveniente; e, se ele for satisfatório, poderíamos firmá-lo a qualquer momento.

– Mas e o senhor Steele?

Nesse instante, um secretário entrou e pôs algumas cartas na mesa do vice-diretor.

– Ah, a correspondência, finalmente! – disse Wither. – Talvez, senhor Studdock, hum, o senhor tenha suas próprias cartas a dar atenção. O senhor é casado, não é mesmo? – Um sorriso de indulgência paterna espalhou-se sobre seu rosto, enquanto ele pronunciava essas palavras.

– Lamento tomar seu tempo, senhor – disse Mark –, mas e o senhor Steele? De nada adianta eu examinar o formulário do contrato enquanto essa questão não estiver acertada. Eu me sentiria forçado a recusar qualquer posição que envolva trabalhar como subordinado do senhor Steele.

– Isso levanta uma questão muito interessante sobre a qual eu gostaria de ter um bate-papo totalmente informal e confidencial com o senhor em alguma ocasião futura – disse Wither. – Por ora, senhor Studdock, não considerarei definitivo nada que o senhor disse. Se quiser vir me ver amanhã... – Ele se deixou mergulhar na carta que tinha aberto, e Mark, sentindo que tinha conseguido o suficiente para uma entrevista, deixou a sala. Parecia que eles realmente o queriam no Inec e estavam dispostos a pagar bem por sua colaboração. O assunto de Steele teria de ser resolvido mais tarde. Enquanto isso, estudaria o formulário do contrato.



Ele voltou a descer e encontrou a seguinte carta à sua espera.

Faculdade de Bracton,  
Edgestow,  
20 de outubro de 19\_\_

Meu caro Mark,

Sentimos muito ao saber por Dick que você está renunciando à sua bolsa de pesquisa, mas temos plena certeza de que você tomou a decisão correta no que diz respeito à sua carreira. Assim que o Inec estiver instalado aqui, espero vê-lo quase tanto quanto antes. Se você ainda não enviou uma renúncia formal a N.O., eu não me apressaria a fazê-lo. Se você escrevesse no início do próximo semestre, a vaga seria mencionada na reunião de fevereiro, e nós teríamos tempo para preparar um candidato adequado para ser seu sucessor. Você tem alguma ideia sobre o assunto? Estive conversando com James e Dick numa noite dessas sobre David Laird (James nunca ouviu falar dele.) Sem dúvida, você conhece seu trabalho. Você poderia me enviar algumas linhas sobre ele e sobre suas qualificações em termos mais gerais? Estarei com ele na semana que vem, quando farei uma visita a Cambridge para jantar com o primeiro-ministro e mais uma ou duas pessoas; e creio que seria possível levar Dick a convidar Laird também. Deve ter chegado ao seu conhecimento que nós tivemos um tumulto por aqui na outra noite. Parece que houve algum tipo de rixa entre os novos trabalhadores e os moradores locais. A polícia do Inec, que parece ser formada por um pessoal meio nervoso, cometeu o erro de dar uns tiros acima das cabeças da multidão. Ficamos com a janela de Henrieta Maria estilhaçada, e algumas pedras caíram dentro da sala de refeições. Glossop perdeu o controle e quis sair para passar um sermão na turba, mas eu consegui acalmá-lo. Estou contando isso em sigilo total. Existe muita gente disposta a capitalizar nisso aqui e insuflar uma gritaria contra nós por vender o bosque. Estou com pressa. Preciso sair correndo para tomar providências para o funeral de Hingest.

Cordialmente,

G. C. CURRY.

Às primeiras palavras dessa carta, uma fígada de medo percorreu Mark. Ele tentou se tranquilizar. Uma explicação do mal-entendido – que ele escreveria e poria no correio imediatamente – sem dúvida corrigiria tudo. Eles não podiam tirar uma bolsa de pesquisa de um homem simplesmente com base numa

palavra fortuita dita por lordes Feverstone na sala de refeições. Ocorreu-lhe com um estalo infeliz que aquilo que ele chamava de “palavra fortuita” era exatamente o que, no Elemento Progressista, tinha aprendido a descrever como “resolução de assuntos reais em particular” ou “eliminação de burocracia”, mas tentou expulsar isso da sua mente. Mark se lembrou de que o pobre Conington perdera o emprego de forma bastante semelhante a essa, porém explicou a si mesmo que as circunstâncias foram totalmente diferentes. Conington era alguém de fora. Mark era de dentro, até mais de dentro do que o próprio Curry. Mas será que era? Se não fosse “de dentro” em Belbury (e começava a parecer que não era), ele faria jus às confidências de Feverstone? Se precisasse voltar para Bracton, descobriria que ainda retinha seu antigo *status* lá? Ele *podia* voltar para Bracton? Claro que sim. Precisava escrever uma carta de imediato, explicando que não tinha renunciado, nem queria renunciar, à sua bolsa de pesquisa. Ele se sentou a uma mesa na sala de escrita e sacou sua caneta. E então outro pensamento o atingiu. Uma carta a Curry, com a declaração explícita de que pretendia continuar em Bracton, seria mostrada a Feverstone. Feverstone falaria com Wither. Uma carta desse teor poderia ser considerada uma rejeição a qualquer posição em Belbury. Bem, que fosse assim! Ele desistiria desse seu breve sonho e voltaria para a bolsa de pesquisa. Contudo, e se isso fosse impossível? Toda aquela história poderia ter sido organizada simplesmente para fazer que ele fracassasse pela própria vacilação: expulso de Belbury porque estava retendo a bolsa de pesquisa de Bracton e expulso de Bracton porque supostamente estava assumindo um emprego em Belbury. E assim ele e Jane seriam deixados à própria sorte, sem um *centavo* sequer, talvez com Feverstone exercendo sua influência contra ele quando tentasse obter outro emprego. E onde é que *estava* Feverstone?

Era óbvio que ele precisaria agir com muita habilidade e cuidado. Tocou a campainha e pediu um uísque duplo. Em casa, ele não teria bebido antes do meio-dia e, mesmo assim, teria bebido somente cerveja. Mas agora... e de qualquer modo, ele estava sentindo um frio estranho. De nada adiantaria pegar um resfriado, além de todos os seus outros problemas.

Decidiu que escreveria uma carta muito cuidadosa e bastante evasiva. Considerou que seu primeiro rascunho não estava suficientemente vago: poderia ser usado como prova de que tinha abandonado toda e qualquer ideia de um cargo em Belbury. Precisava torná-la mais vaga. Mas, na realidade, se ela fosse vaga demais, não surtiria nenhum efeito. Ai, inferno, inferno, um inferno tudo aquilo. A taxa de adesão de duzentas libras, a conta da sua primeira semana e

fragmentos de esforços imaginados para fazer Jane ver todo o episódio da perspectiva correta não paravam de se intrometer entre ele e sua tarefa. Por fim, com o auxílio do uísque e de uma enorme quantidade de cigarros, ele produziu a seguinte carta:

Instituto Nacional de  
Experimentos Coordenados, Belbury.  
21 de outubro de 19\_\_

Meu prezado Curry,

Feverstone deve ter me entendido mal. Jamais fiz a menor insinuação de renunciar à minha bolsa de pesquisa e não desejo de modo algum fazê-lo. A propósito, já estou quase decidido a não aceitar um trabalho em tempo integral no Inec e espero estar de volta à faculdade dentro de um dia ou dois. Para começar, estou bastante preocupado com a saúde de minha mulher e não me agrada assumir o compromisso de me ausentar muito neste momento. Em segundo lugar, embora todos aqui tenham sido extremamente lisonjeiros e insistam para eu ficar, o tipo de atividade para a qual eles me querem lida mais com o aspecto administrativo e de publicidade e é menos científico do que eu tinha imaginado. Portanto, você pode certamente desmentir, se ouvir de qualquer pessoa que estou pensando em deixar Edgestow. Espero que aproveite bem seu passeio a Cambridge: que círculos você frequenta!

Cordialmente,

Mark G. Studdock

P.S. Laird não teria servido, de qualquer modo. Seu desempenho acadêmico foi fraco, e o único trabalho publicado que ele empreendeu foi tratado como piada por críticos sérios. Especificamente, ele não tem a menor capacidade *crítica*. Sempre se pode contar com ele para admirar qualquer coisa que seja totalmente espúria.

O alívio por ter terminado a carta foi apenas momentâneo; pois, quase no mesmo instante em que a fechou, ressurgiu o problema de como passar o resto daquele dia. Resolveu ir para seu quarto. Mas, quando subiu, descobriu que a cama estava desfeita e havia um aspirador de pó no meio do assoalho. Parecia que não se esperava que os membros estivessem em seus quartos àquela hora do

dia. Ele desceu e experimentou a sala de estar, que estava sendo arrumada por criados. Deu uma olhada na biblioteca. Estava vazia a não ser por dois homens que conversavam, as cabeças bem juntas. Eles pararam e levantaram o olhar assim que ele entrou, evidentemente esperando que fosse embora. Ele fingiu ter entrado para apanhar um livro e se retirou. No *hall*, viu Steele em pé junto do quadro de avisos, conversando com um homem de barba pontuda. Nenhum dos dois olhou para Mark; mas, quando ele passou, eles se calaram. Ele atravessou o *hall* sem pressa e fingiu examinar o barômetro. Aonde quer que fosse, ouvia portas que se abriam e se fechavam, o som de passos apressados, o eventual toque de telefones: todos os sinais de uma instituição ativa, levando uma vida vigorosa, da qual ele estava excluído. Ele abriu a porta da frente e olhou para fora: o neveiro estava espesso, úmido e frio.

Há um sentido segundo o qual todas as narrativas são falsas. Elas não se atrevem a tentar exprimir, mesmo que isso fosse possível, o verdadeiro movimento do tempo. Esse dia foi tão longo para Mark que um relato fiel dele seria impossível de ler. Às vezes ele se sentava lá em cima, pois finalmente tinham terminado de arrumar seu quarto; às vezes saía para o neveiro; às vezes ficava à toa nos salões abertos ao público. De quando em quando, sem explicação, eles se enchiam de multidões em conversa e, por alguns minutos, o esforço de procurar não parecer desocupado, não parecer infeliz e embaraçado, lhe era imposto. E então, de repente, como se tivessem sido convocadas para seu próximo compromisso, todas as pessoas saíam dali às pressas.

Algum tempo depois do almoço, ele encontrou Stone num dos corredores. Mark não pensava nele desde a manhã do dia anterior, mas agora, olhando para a expressão no seu rosto e alguma coisa furtiva em toda a sua atitude, se deu conta de que ali, pelo menos, estava alguém que se sentia tão pouco à vontade quanto ele. Stone tinha o ar que Mark vira com frequência em garotos malquistos ou novos na escola, nos que ficavam “excluídos” em Bracton – o ar que era para Mark o símbolo de todos os seus piores temores, pois ser alguém que precisava expor aquele ar era, na sua escala de valores, o pior dos males. Seu instinto era o de não falar com Stone. Sabia por experiência como era perigoso fazer amizade com um homem que afunda ou até mesmo ser visto com ele: não se tem como mantê-lo à tona, e ele ainda pode puxá-lo para o fundo. Entretanto, como seu desejo de companhia estava exacerbado, mesmo contrariando seu lado mais racional, ele lhe lançou um sorriso amarelo.

– Olá! – disse Mark

Stone teve um sobressalto, como se o fato de alguém lhe dirigir a palavra

fosse quase uma experiência assustadora.

– Boa tarde – disse ele, nervoso, fazendo menção de seguir adiante.

– Vamos conversar em algum lugar, se você não estiver ocupado – disse Mark

– Estou... quer dizer... não sei quanto tempo livre me resta – disse Stone.

– Fale-me deste lugar – disse Mark – Parece-me uma perfeita catástrofe, mas ainda não me decidi. Vamos aos meus aposentos.

– Essa não é minha opinião de modo algum. De modo algum. Quem disse que eu achava isso? – perguntou Stone, muito depressa. E Mark não respondeu porque naquele instante viu que o vice-diretor se aproximava deles. Durante as semanas seguintes, ele haveria de descobrir que nenhum corredor e nenhum dos salões destinados ao uso público em Belbury jamais estava seguro, fora do alcance das prolongadas caminhadas internas do vice-diretor. Elas não poderiam ser consideradas uma forma de espionagem, pois o rangido das botas de Wither e a musiquinha melancólica que ele quase sempre cantarolava teriam derrubado qualquer propósito dessa natureza. Era possível ouvi-lo de bem longe. Com frequência também era possível vê-lo de bem longe, porque ele era alto (sem sua postura encurvada, teria sido um homem realmente muito alto) e muitas vezes, mesmo numa multidão, víamos aquele rosto a alguma distância, olhando fixo, mas sem expressão definida, para nós. No entanto, essa era a primeira experiência de Mark com tal ubiquidade, e ele teve a sensação de que o VD não poderia ter aparecido em um momento mais infeliz. Muito devagar ele veio na direção dos dois, olhou para ambos, embora sua expressão não deixasse claro se os reconhecia ou não, e passou adiante. Nenhum dos dois homens mais jovens tentou retomar a conversa.

Na hora do chá, Mark viu Feverstone e foi logo se sentar ao lado dele. Sabia que a pior coisa que um homem na sua posição podia fazer era tentar impor sua presença a qualquer pessoa, mas estava se sentindo desesperado.

– Olá, Feverstone – começou ele, em tom alegre –, estou em busca de informação – e ficou aliviado ao vê-lo sorrir em resposta. – É – disse Mark –, não tive exatamente o que se poderia chamar de uma recepção calorosa da parte de Steele. Mas o VD não quer que eu vá embora. E parece que a Fada quer que eu escreva artigos para jornais. Afinal de contas, o que eu *deveria* estar fazendo aqui?

Feverstone riu muito e alto.

– Por que – concluiu Mark –, diabos me levem se eu consigo descobrir. Já

tentei atacar o velho direto.

– Meu Deus! – disse Feverstone, rindo ainda mais alto.

– Será que não se consegue *nunca* tirar nada dele?

– Não o que  *você*  quer – disse Feverstone, com um risinho.

– Bem, de que modo então vou descobrir o que querem que eu faça, se ninguém fornece nenhuma informação?

– Exatamente.

– Ah, e por sinal isso me lembrou outra coisa. Como foi que ocorreu a Curry a ideia de que eu estou renunciando à minha bolsa de pesquisa?

– Você não está?

– Nunca tive a menor intenção de renunciar a ela.

– É mesmo? A Fada me disse com perfeita clareza que você não voltaria.

– Você supõe mesmo que, se eu fosse renunciar, eu o faria através dela?

O sorriso de Feverstone tornou-se mais largo e mais luminoso.

– Não faz diferença nenhuma, sabia? – disse ele. – Se o Inec quiser que você tenha um emprego só para constar, em algum lugar fora de Belbury, você o terá. E se eles não quiserem, você não o terá. Só isso.

– O Inec que vá para o inferno. Estou apenas tentando manter a bolsa de pesquisa que eu já tinha, o que não é da conta deles. Ninguém quer ficar nessa indefinição.

– Ninguém  *quer*  mesmo.

– O que quer dizer?

– Siga meu conselho e trate de voltar às boas graças de Wither, assim que puder. Dei-lhe uma boa vantagem inicial, mas parece que você conseguiu irritá-lo. A atitude dele mudou desde hoje de manhã. É preciso não contrariá-lo, sabe? E, cá entre nós, eu não ficaria muito amigo da Fada: não vai ser nem um pouco bom para você em algum posto mais alto. As relações de influência aqui são muito complexas.

– Enquanto isso – disse Mark –, escrevi a Curry para explicar a bobagem que é essa história uma renúncia da minha parte.

– Nenhum problema, se lhe agrada – disse Feverstone, ainda sorrindo.

– Bem, suponho que a faculdade não vá querer me expulsar simplesmente porque Curry entendeu mal alguma coisa que a senhorita Hardcastle disse para você.

– Não podem privá-lo de uma bolsa de pesquisa por nenhum regulamento que eu conheça, salvo por algum ato de grave imoralidade.

– Não, é claro que não. Não foi isso o que eu quis dizer. Estava me referindo a não ser reeleito, quando for minha vez de ser reeleito no próximo semestre.

– Ah. Entendi.

– E é por isso que preciso contar com você para tirar essa ideia da cabeça de Curry.

Feverstone nada disse.

– Certifique-se – insistiu Mark, contra sua própria opinião racional – de deixar bem claro para ele que toda a história foi um mal-entendido.

– Você não conhece Curry? Ele já estará com todas as suas maquinações dedicadas a encontrar seu sucessor.

– É por isso que estou contando com você para detê-lo.

– Comigo?

– É.

– Por que eu?

– Ora, Feverstone, que droga! Foi você quem pôs essa ideia na cabeça dele, para começar.

– Você sabe? – disse Feverstone, servindo-se de um pãozinho. – Estou achando o estilo da sua conversa bastante difícil. Você será candidato a uma reeleição daqui a alguns meses. O corpo docente pode decidir reelegê-lo; ou, é claro, pode ser que não. Até onde posso depreender, neste momento você está tentando garantir meu voto antecipadamente. A resposta correta para essa atitude é a que lhe dou agora: vá para o inferno!

– Você sabe perfeitamente bem que não havia a menor dúvida quanto a minha reeleição até você dizer o que disse a Curry.

Feverstone encarou o pãozinho com ar crítico.

– Você está me deixando bastante cansado – disse ele. – Se não sabe como conduzir seu próprio barco num lugar como Bracton, por que vem me atormentar? Não sou nenhuma droga de babá. E, para seu próprio bem, eu o aconselharia, ao conversar com as pessoas aqui, a adotar uma atitude mais agradável do que a que está adotando agora. Caso contrário, sua vida pode se tornar, nas célebres palavras, “desagradável, pobre, brutal e curta”!

– Curta? – disse Mark – Isso é uma ameaça? Está falando da minha vida em Bracton ou no Inec?

– Eu não realçaria demais essa distinção, se fosse você – disse Feverstone.

– Vou me lembrar disso – disse Mark, levantando-se da cadeira. Quando ia começar a se afastar, ele não pôde deixar de se voltar mais uma vez para aquele homem sorridente e dizer: – Foi você quem me trouxe para cá. Achei que pelo menos você fosse meu amigo.

– Um romântico incorrigível! – disse lorde Feverstone, alargando a boca num sorriso ainda mais largo e de repente pondo o pãozinho inteiro nela.

Foi assim que Mark soube que, se perdesse o emprego em Belbury, perderia também a bolsa de pesquisa em Bracton.



Durante esse período, Jane passou o mínimo de tempo possível no apartamento e se mantinha acordada lendo na cama, tanto quanto aguentasse, todas as noites. O sono tinha se tornado seu inimigo. Durante o dia, ela continuava a ir a Edgestow – focada na tentativa de encontrar outra “mulher que viesse duas vezes por semana”, no lugar da senhora Maggs. Numa dessas ocasiões, ficou encantada ao ser abordada de repente por Camilla Denniston. Camilla tinha acabado de saltar de um carro e em seguida lhe apresentou, como seu marido, um homem alto e moreno. Jane viu de imediato que os Dennistons eram o tipo de pessoa de que ela gostava. Ela sabia que o senhor Denniston tinha sido amigo de Mark, mas nunca fora apresentada a ele. E seu primeiro pensamento foi o de se perguntar, como já tinha se perguntado antes, por que os amigos atuais de Mark eram tão inferiores aos que ele tivera antes. Carey, Wadsden e os Taylors, que faziam parte do grupo no qual ela o tinha conhecido, eram todos mais agradáveis que Curry e Busby, isso sem falar naquele tal de Feverstone – e esse senhor Denniston era obviamente muito mais agradável, sem a menor dúvida.

– Nós estávamos mesmo indo visitá-la – disse Camilla. – Olhe só, trouxemos um lanche. Vamos de carro até os bosques depois de Sandown e todos podemos comer juntos no carro. Temos muito a conversar.

– Ou o que vocês acham de vir ao meu apartamento para almoçar comigo? – disse Jane, perguntando-se intimamente como poderia dar conta disso. – O tempo não está dos melhores para um piquenique.

– Isso só vai significar mais louça para você lavar – disse Camilla. – Não seria melhor irmos a algum lugar na cidade, Frank? Se a senhora Studdock achar



que está muito frio e enevoado.

– Dificilmente um restaurante seria adequado, senhora Studdock – disse Denniston. – Queremos um pouco de privacidade. – O uso do “nós” representando evidentemente “nós três” estabeleceu de imediato uma unidade agradável e prática entre eles. – Além disso – continuou ele, – não lhe agrada um dia bastante enevoado num bosque no outono? A senhora descobrirá que o frio não nos atingirá dentro do carro.

Jane disse que nunca tinha ouvido falar de alguém que gostasse de nevoeiros, mas não se importava de experimentar. Todos os três entraram.

– Foi por isso que Camilla e eu nos casamos – disse Denniston enquanto saíam com o carro. – Nós dois gostamos do Tempo. Não desse ou daquele tipo de tempo, mas simplesmente do Tempo. É um gosto útil para quem mora na Inglaterra.

– Como foi que o senhor aprendeu isso, senhor Denniston? – disse Jane. – Acho que eu nunca haveria de aprender a gostar da chuva e da neve.

– É exatamente o contrário – disse Denniston. – Todos começam, quando crianças, gostando do Tempo. Aprende-se a arte de não gostar à medida que se cresce. Você nunca percebeu isso num dia de neve? Os adultos ficam de um lado para o outro com ar entristecido; mas olhe só para as crianças... e os cachorros? *Eles* sabem para que serve a neve.

– Tenho certeza de que detestava dias de chuva quando era criança – disse Jane.

– Isso porque os adultos a mantinham dentro de casa – disse Camilla. – Qualquer criança adora a chuva, se lhe permitirem sair para brincar na água.

Logo, eles deixaram a estrada sem cercas que seguia para além de Sandown e foram aos trancos pelo capim e entre as árvores até, por fim, pararem numa espécie de pequena baixada de relva com um bosque de abetos de um lado e um grupo de faias do outro. Havia teias de aranha molhadas e um profundo cheiro de outono em toda a volta. Então, todos os três se sentaram no banco traseiro do carro. Cestas foram abertas e surgiram sanduíches, um pequeno frasco de xerez e por fim café quente e cigarros. Jane estava começando a gostar.

– Agora! – disse Camilla.

– Bem – disse Denniston, – acho melhor eu começar. Naturalmente a senhora sabe de onde nós viemos, não sabe, senhora Studdock?

– Da casa da senhorita Ironwood – disse Jane.

– Bem, da mesma casa. Mas nós não nos subordinamos a Grace Ironwood.

Ela e nós dois nos subordinamos a outra pessoa.

– Sim? – disse Jane.

– Nossa pequena residência, companhia, sociedade, ou como quer que a senhora prefira chamá-la, está sob o comando do senhor Fisher-King. Pelo menos, foi esse o nome que ele adotou recentemente. A senhora pode conhecer ou não seu nome original se eu lhe dissesse. Ele é um grande viajante, mas agora está inválido. Sofreu, em sua última viagem, um ferimento no pé que se recusa a sarar.

– Como ele acabou mudando de nome?

– Ele tinha uma irmã casada na Índia, uma senhora Fisher-King. Ela acaba de falecer e lhe deixou uma grande fortuna, sob a condição de que ele adotasse seu sobrenome. A seu modo, ela era uma mulher extraordinária, uma amiga do grande místico cristão nativo, de quem a senhora pode ter ouvido falar: o Sura. E é essa a questão. O Sura tinha, ou achava que tinha, motivos para acreditar que um enorme perigo pairava sobre a espécie humana. E pouco antes do fim, imediatamente antes de desaparecer, ele se convenceu de que esse perigo irromperia nesta ilha. E depois que ele se foi...

– Ele morreu? – perguntou Jane.

– Isso não sabemos – respondeu Denniston. – Alguns acreditam que ele está vivo; outros não. Seja como for, ele desapareceu. E a senhora Fisher-King mais ou menos passou o problema para o irmão, nosso líder. Foi na realidade por isso que ela lhe deu o dinheiro. Ele deveria reunir em torno de si uma companhia que se mantivesse alerta para esse perigo e que atacasse quando ele surgisse.

– Não foi bem assim, Arthur – disse Camilla. – Ele foi informado de que uma companhia se formaria em torno dele, e que ele seria o Chefe.

– Creio que não precisamos entrar nessa questão – disse Arthur. – Mas concordo. E agora, senhora Studdock, é aqui que a senhora entra.

Jane esperou.

– O Sura disse que, quando chegasse a hora, nós conseguiríamos o que ele chamou de uma vidente: uma pessoa com visão profética.

– Não foi que *conseguiríamos* uma vidente, Arthur – disse Camilla –, mas que uma vidente apareceria. Ou nós conseguiríamos ficar com ela; ou o outro lado.

– E parece – disse Denniston a Jane – que a senhora é a vidente.

– Ora, por favor – disse Jane, com um sorriso –, não quero ser nada tão empolgante assim.

– Não – disse Denniston. – Não é uma sorte invejável. – No seu tom, havia exatamente a quantidade certa de compaixão.

– Soube por Grace Ironwood – disse Camilla, voltando-se para Jane – que você não estava totalmente convencida de *ser* uma vidente. Quer dizer, você achava que eram apenas sonhos comuns. Ainda acha isso?

– É tudo tão estranho e... *desagradável* – disse Jane. Ela gostava daquelas pessoas, mas sua vozinha interna de costume estava cochichando: “Cuidado. Não se deixe levar. Não se comprometa com nada. Você tem sua própria vida pela frente.” E então um impulso de franqueza a forçou a acrescentar: – Por sinal, tive mais um sonho desde aquele dia. E ele acabou se revelando verdadeiro. Vi o assassinato. O assassinato do senhor Hingest.

– Isso mesmo – disse Camilla. – Ai, senhora Studdock, a senhora *precisa* participar. Precisa. Precisa. Isso quer dizer que nós estamos bem perto agora. A senhora não entende? Estivemos nos perguntando todo esse tempo exatamente onde os problemas começariam, e agora seu sonho nos dá uma pista. A senhora viu alguma coisa num raio de poucos quilômetros de Edgestow. Na realidade, parece que já estamos bem no meio dos problemas... quaisquer que eles sejam. E não podemos dar um passo sem sua ajuda. A senhora é nosso serviço secreto, nossos olhos. Tudo já estava preparado muito antes de nascermos. Não estrague tudo. Junte-se a nós, sim.

– Não, Cam, não – disse Denniston. – O líder supremo, quer dizer, o diretor, não gostaria que fizéssemos isso. A senhora Studdock deve entrar por sua livre vontade.

– Mas – disse Jane –, não tenho nenhum conhecimento de tudo isso. Tenho? Não quero tomar partido numa história que não entendo.

– Mas a senhora não vê – interrompeu Camilla – que não pode se manter neutra? Se a senhora não se entregar a nós, o inimigo irá usá-la.

As palavras “se entregar a nós” foram uma péssima escolha. Os músculos do corpo de Jane se retesaram. Se quem as proferiu tivesse sido alguém que a agradasse menos que Camilla, ela teria adotado a rigidez da pedra diante de qualquer outro apelo. Denniston pôs a mão no braço da mulher.

– Você deve ver a situação do ponto de vista da senhora Studdock, querida – disse ele. – Você se esquece de que ela praticamente não sabe de nada a nosso respeito. E aí está a verdadeira dificuldade. Não podemos lhe dizer muita coisa enquanto ela não se unir a nós. Na realidade, estamos pedindo que ela dê um salto no escuro. – Ele se voltou para Jane, com um sorriso ligeiramente irônico no

rosto, que, não obstante, estava sério. – É que é assim: como casar, entrar para a Marinha ainda menino, tornar-se monge ou experimentar alguma comida nova. Não dá para saber como vai ser enquanto não se mergulhar. – Talvez ele não soubesse (ou então talvez soubesse) dos complexos ressentimentos e resistências que sua escolha de exemplos despertou em Jane. Nem ela mesma podia analisá-los. Ela apenas respondeu num tom mais frio do que tinha usado até então.

– Nesse caso, é bastante difícil entender por que alguém se lançaria nisso.

– Com franqueza, admito – disse Denniston –, que só se pode dar esse mergulho em confiança. Na realidade, tudo depende, suponho, da impressão que os Dimbles, Grace e nós dois causamos na senhora. E, é claro, a do próprio chefe, quando a senhora conhecê-lo.

Jane voltou a relaxar.

– Vocês estão pedindo que eu faça exatamente o quê? – perguntou ela.

– Primeiro, que venha conhecer nosso líder. E depois, bem, que se junte a nós. Isso envolveria fazer-lhe algumas promessas. Ele é realmente um chefe, sabe? Todos nós concordamos em obedecer a suas ordens. Ah, tem mais uma coisa. Que opinião Mark teria de tudo isso? Ele e eu somos velhos amigos, a senhora sabe?

– Eu me pergunto – disse Camilla – se precisamos enveredar por esse assunto no momento.

– Mais cedo ou mais tarde vai acabar sendo aventado – disse o marido.

Fez-se um breve silêncio.

– Mark? – disse Jane. – De que modo ele entra nessa história? Não posso imaginar o que ele diria acerca disso tudo. É provável que ache que todos nós perdemos o juízo.

– Mas ele faria objeção? – disse Denniston. – Quer dizer, ele faria objeção a que a senhora se unisse a nós?

– Se ele estivesse em casa, imagino que ficaria bastante surpreso se eu anunciasse que ia ficar em St. Anne's por um tempo indefinido. “Unir-se a vocês” significa isso?

– Mark não está em casa? – perguntou Denniston, com alguma surpresa.

– Não – disse Jane. – Ele está em Belbury. Acho que vai conseguir um emprego no Inec. – Ficou bastante satisfeita em poder dizer isso pois estava bem consciente da distinção implícita. Se Denniston ficou impressionado, não demonstrou.

– Creio – disse ele – que “unir-se a nós” não significaria, no momento, vir morar em St. Anne’s, especialmente no caso de uma mulher casada. A menos que o velho Mark realmente se interessasse e viesse ele mesmo.

– Isso está totalmente fora de cogitação – disse Jane.

(“Ele não conhece Mark” pensou ela.)

– Seja como for – continuou Denniston –, no momento, essa dificilmente seria a verdadeira questão. Ele faria objeção a que a senhora se unisse a nós, se colocasse sob as ordens do chefe, fizesse votos e tudo o mais?

– Se ele faria objeção? – perguntou Jane. – Afinal de contas, o que ele teria que ver com isso?

– Bem – disse Denniston, hesitando um pouco –, o chefe, ou as autoridades às quais ele obedece, têm ideias bastante antiquadas. Ele não gostaria que uma mulher casada entrasse, se isso pudesse ser evitado, sem que seu marido... sem consultar...

– Está querendo dizer que eu devo pedir a *permissão* de Mark? – disse Jane, com um risinho forçado. O ressentimento que vinha avançando e recuando, mas a cada vez avançando um pouco mais do que recuava, já havia alguns minutos, agora transbordava. Toda essa conversa de promessas e obediência a um senhor Fisher-King desconhecido já lhe causara alguma aversão. Mas a ideia de que essa mesma pessoa a mandasse de volta para obter a permissão de Mark, como se ela fosse uma criança pedindo autorização para ir a uma festa, foi demais. Por um instante, ela contemplou o senhor Denniston com verdadeira antipatia. Ela o viu, bem como a Mark, ao tal de Fisher-King e ao ridículo faquir indiano, simplesmente como Homens: figuras complacentes, patriarcais, tomando providências em nome das mulheres como se elas fossem crianças ou usando-as como moeda de troca, como gado. (“E assim o rei prometeu que, se alguém matasse o dragão, ele lhe *daria* sua filha em casamento.”) Ela ficou com muita raiva.

– Arthur – disse Camilla –, estou vendo uma luz para aquele lado. Você acha que é uma fogueira?

– É, eu diria que é.

– Estou com muito frio nos pés. Vamos dar uma pequena caminhada para olhar o fogo. Ah se tivéssemos trazido castanhas!

– Ah, vamos sim – disse Jane.

Eles saíram. Estava mais quente ao ar livre do que dentro do carro àquela altura. Quente e impregnado de cheiros de folhagem, umidade e do barulhinho

de ramos gotejantes. A fogueira era grande e já tinha atingido seu apogeu: uma encosta fumegante de folhas de um lado, e enormes cavernas e penhascos de um vermelho fulgurante do outro. Eles se postaram em volta, tagarelando por algum tempo sobre questões neutras.

– Vou lhes dizer o que farei – disse Jane, dali a algum tempo. – Não vou me unir a seu... a sua... seja lá o que for. Mas prometo mantê-los informados, se eu tiver mais qualquer sonho dessa natureza.

– Ótimo – disse Denniston. – E para mim isso é o máximo que tínhamos direito de esperar. Entendo perfeitamente seu ponto de vista. Posso lhe pedir uma promessa a mais?

– Qual seria ela?

– Não fale de nós para ninguém.

– Ah, é claro.

Mais tarde, quando eles já estavam no carro, no caminho de volta, o senhor Denniston falou.

– Espero que os sonhos agora não a *preocupem* muito, senhora Studdock. Não, não estou dizendo que espero que parem. E também não acredito que vão parar. Mas agora que a senhora sabe que eles não são algo interno seu, e sim apenas coisas que acontecem no mundo lá fora (desagradáveis, sem dúvida, mas não piores que muito do que se lê nos jornais), creio que vai considerá-los perfeitamente toleráveis. Quanto menos pensar neles como *seus sonhos* e quanto mais vê-los... bem... como notícias, melhor a senhora vai se sentir a respeito deles.



## Nevoeiro

Uma noite (de pouco sono) e mais meio dia passaram se arrastando até Mark poder ver o vice-diretor outra vez. Ele foi procurá-lo com uma disposição de espírito abrandada, ansioso para garantir o emprego praticamente sob quaisquer condições.

– Trouxe de volta o formulário, senhor – disse ele.

– Que formulário? – perguntou o vice-diretor. Mark descobriu que estava falando com um Wither novo e diferente. A distração ainda estava lá, mas a cortesia tinha sumido. O homem olhava para ele como se estivesse dentro de um sonho, separado dele por uma distância imensa, porém com uma espécie de repulsa sonhadora que talvez se transformasse em ódio atuante, se algum dia aquela distância fosse reduzida. Ele ainda sorria, no entanto havia algo de felino no sorriso; uma ocasional alteração das rugas em torno da boca que chegava a sugerir um rosnado. Nas suas mãos, Mark era como um camundongo. Em Bracton, o Elemento Progressista, tendo de enfrentar apenas acadêmicos, dava a impressão de ser composto de camaradas muito experientes, contudo ali em Belbury a sensação era muito diferente. Wither disse ter entendido que Mark recusara o emprego. Ele não podia, fosse como fosse, renovar o oferecimento. De modo vago e alarmante, ele falou de tensões e atritos, de comportamento impensado, do perigo de fazer inimizades, da impossibilidade de o Inec acolher uma pessoa que parecia ter se desentendido com todos os seus integrantes na primeira semana. Num tom ainda mais vago e alarmante, falou de conversas que mantivera com “seus colegas em Bracton”, que confirmavam totalmente essa opinião. Ele duvidava que Mark realmente pudesse se adequar a uma carreira acadêmica, mas negou a menor intenção de dar conselhos. Somente depois de, por meio de insinuações e sussurros, tê-lo arrasado a um estado de abatimento suficiente, ele lhe atirou, como um osso a um cachorro, a sugestão de uma nomeação por um período de experiência a seiscentas libras por ano (aproximadamente; ele não podia se comprometer pelo Instituto). E Mark aceitou. Mesmo nessa hora ele tentou obter respostas para algumas das suas perguntas. De quem ele receberia ordens? Ele deveria residir em Belbury?

– Creio, senhor Studdock – respondeu Wither –, que já mencionamos a elasticidade como a principal característica do Instituto. Se não estiver disposto a tratar sua participação como, hum... uma vocação, e não como um mero cargo, eu em sã consciência não poderia aconselhá-lo a vir se unir a nós. Não há compartimentos estanques. Receio que eu não conseguiria convencer o Comitê a inventar, para sua comodidade, alguma posição predefinida, na qual o senhor cumpriria deveres artificialmente limitados e, fora deles, consideraria seu tempo exclusivamente seu. Por favor, permita que eu termine, senhor Studdock. Somos, como eu disse antes, mais como uma família, ou talvez, até mesmo, como uma personalidade única. Não pode haver cogitação de “receber ordens”, como (de modo bastante infeliz) o senhor sugere receber de alguma autoridade específica e se considerar livre para adotar uma atitude intransigente para com seus outros colegas. (Devo lhe pedir que não me interrompa, por favor.) Não é com essa disposição que eu desejaria que o senhor encarasse seus deveres. O senhor precisa demonstrar que pode ajudar, senhor Studdock, ajudar em geral. Creio que o Instituto não poderia permitir que permanecesse aqui ninguém que demonstrasse uma disposição para defender seus direitos: alguém que encarasse de má vontade esse ou aquele serviço porque ele estaria fora de alguma função que ele teria decidido circunscrever por uma definição rígida. Por outro lado, seria igualmente desastroso, (estou querendo dizer desastroso para o senhor, senhor Studdock o tempo todo estou pensando nos seus próprios interesses), seria igualmente desastroso se o senhor se permitisse desviar a atenção do seu verdadeiro trabalho para uma colaboração não autorizada, ou, pior ainda, para uma interferência no trabalho de outros integrantes. Não permita que sugestões informais o distraiam ou dissipem suas energias. Concentração, senhor Studdock, concentração. E o livre espírito de concessões mútuas. Se o senhor evitar os dois erros que mencionei, ah, acho que não preciso perder a esperança de corrigir para seu bem certas impressões infelizes que (devemos admitir) o senhor já causou. Não, senhor Studdock, não posso lhe conceder mais nenhum minuto. Meu tempo já está totalmente ocupado. Não posso ser continuamente molestado por conversas desse tipo. O senhor precisa encontrar sua própria posição, senhor Studdock Bom-dia, senhor Studdock bom-dia. Lembre-se do que eu lhe disse. Estou tentando fazer o possível pelo senhor. Bom dia.

Mark compensou a humilhação dessa entrevista com a reflexão de que, se não fosse casado, não teria tolerado um instante daquela conversa. Pareceu-lhe (embora ele não pusesse a ideia em palavras) que isso transferia a culpa para Jane. Ela também o liberava para pensar em todas as coisas que teria dito a



Wither se não tivesse que se preocupar com Jane – e ainda haveria de dizer se um dia tivesse a oportunidade. Isso o manteve numa espécie de felicidade indefinida por alguns minutos; e, quando foi tomar chá, ele descobriu que a recompensa por sua submissão já tinha começado. A Fada fez um sinal para ele vir se sentar ao lado dela.

– Você ainda não fez nada acerca de Alcasan? – perguntou ela.

– Não – disse Mark –, porque eu realmente não tinha me decidido a ficar, não até esta manhã. Eu poderia subir e dar uma olhada no seu material hoje de tarde. Pelo menos, ao que eu saiba, pois realmente ainda não descobri o que se espera que eu faça.

– Elasticidade, filhinho, elasticidade – disse a senhorita Hardcastle. – Você nunca descobrirá. O procedimento é fazer não importa o que lhe digam para fazer e, acima de tudo, não incomodar o velho.



Durante os dias seguintes, alguns processos, que mais tarde vieram a parecer importantes, iam avançando com firmeza.

O nevoeiro, que cobriu tanto Edgestow como Belbury, continuou e se adensou. Em Edgestow, ele dava a impressão de “vir subindo do rio”, mas na realidade se espalhava sobre todo o centro da Inglaterra. Como uma manta, cobria a cidade inteira, de modo que as paredes gotejavam e era possível escrever o nome na umidade sobre as mesas; e os homens trabalhavam à luz artificial ao meio-dia. As obras, onde um dia fora o Bosque de Bragdon, pararam de ofender os olhos conservadores e se tornaram meros clangores, baques, vaías, gritos, maldições e berros metálicos num mundo invisível.

Alguns apreciaram que a obscenidade ficasse assim coberta, pois tudo na outra margem do Wynd era agora uma abominação. As garras do Inec estavam se apertando sobre Edgestow. O rio, antes de um verde amarronzado, da cor de âmbar e de uma pele lisa de prata, repuxando seus juncos e brincando com as raízes vermelhas, fluía opaco, grosso por causa da lama, navegado por frotas intermináveis de latas vazias, folhas de papel, guimbas de cigarro e fragmentos de madeira, às vezes se alternando com o arco-íris de manchas de óleo. E então, a invasão de fato o atravessou. O Instituto tinha comprado o terreno mais para a esquerda ou para a margem oriental. Mas Busby estava sendo convocado para se reunir com Feverstone e um professor Frost, como representantes do Inec, e foi

informado pela primeira vez que o Wynd seria desviado do curso. Não haveria rio em Edgestow. Isso ainda era rigorosamente confidencial, mas o Instituto já tinha poderes para forçar sua execução. Assim, uma nova correção dos limites entre o Instituto e a faculdade era nitidamente necessária. Busby ficou de queixo caído quando se deu conta de que o Instituto queria chegar direto aos muros da faculdade. Naturalmente ele não aceitou. E foi então que ouviu pela primeira vez uma sugestão de desapropriação. A faculdade podia vender hoje, e o Instituto oferecia um bom preço. Se não vendesse, uma desapropriação compulsória com indenização apenas simbólica os aguardava. Durante esse encontro, as relações entre Feverstone e o tesoureiro se deterioraram. Uma reunião extraordinária do corpo docente precisou ser convocada, e Busby teve de apresentar a situação a seus colegas a uma luz mais favorável. Foi quase físico seu choque com a tempestade de ódio com que foi recebido. Em vão, ele salientou que os que agora o vilipendiavam tinham votado a favor da venda do bosque; mas igualmente em vão eles o insultavam. A faculdade estava presa na teia da necessidade. Eles venderam a pequena faixa do seu lado do Wynd, que tanto significava para eles. Não era mais do que um terraço entre os muros do lado leste e a água. Vinte e quatro horas depois, o Inec cobriu com tábuas o Wynd condenado e converteu o terraço num depósito de lixo. O dia inteiro, trabalhadores cruzavam as tábuas com cargas pesadas que atiravam de encontro às paredes de Bracton até a pilha cobrir o buraco fechado por tapume que tinha sido a janela de Henrieta Maria e quase atingir a janela leste da capela.

Foi nesse período que muitos membros do Elemento Progressista o abandonaram para se juntar à oposição. Os que restaram ficaram ainda mais unidos pela impopularidade que precisavam enfrentar. E apesar de a faculdade estar nitidamente dividida por dentro, ainda assim, exatamente pela mesma razão, ela também assumia uma nova unicidade forçada em suas relações com o mundo lá fora. Bracton como um todo era culpada pela ideia de trazer o Inec para Edgestow. Isso era injusto, pois muitas altas autoridades da universidade tinham aprovado totalmente a atuação de Bracton ao fazê-lo, mas, agora que o resultado estava aparente, as pessoas se negavam a lembrar esse fato. Busby, embora tivesse ouvido a insinuação de desapropriação em sigilo, não perdeu tempo para disseminá-la pelas salas de professores e de estudantes de Edgestow.

– De nada teria adiantado se tivéssemos nos recusado a vender – dizia ele. Mas ninguém acreditava que tinha sido por esse motivo que Bracton fizera a venda, e a impopularidade daquela faculdade crescia a cada dia. Os alunos da graduação captaram o sentimento no ar e pararam de comparecer às aulas

dadas pelos professores de Bracton. Busby e até mesmo o diretor, totalmente inocente, eram cercados com agressividade nas ruas.

A cidadezinha, que geralmente não compartilhava as opiniões da universidade, também estava numa condição inquietante. A perturbação durante a qual as janelas de Bracton tinham sido quebradas praticamente não foi alvo de atenção nos jornais londrinos, nem mesmo no *Edgestow Telegraph*. Mas a esse incidente seguiram-se outros. Houve um atentado ao pudor numa das vielas perto da estação. Houve dois “espancamentos” num bar. Eram crescentes as queixas de comportamento ameaçador ou desordeiro por parte dos operários do Inec. Entretanto, essas queixas nunca apareciam nos jornais. Quem tinha de fato presenciado incidentes feios ficava surpreso ao ler, no *Telegraph*, que o novo Instituto estava se estabelecendo sem tropeços em Edgestow, e que relações de extrema cordialidade estavam se estabelecendo entre o Instituto e os nativos. Quem não os tinha presenciado, mas somente ouvira falar deles, ao não encontrar nada no *Telegraph*, descartava as histórias como rumores ou exageros. Quem os presenciara escrevia cartas ao jornal, porém ele não as publicava.

Contudo, se podia haver dúvidas quanto aos incidentes, ninguém podia questionar o fato de quase todos os hotéis da cidade terem passado para as mãos do Instituto, de modo que um homem já não podia beber com um amigo no seu bar de costume; que lojas conhecidas estavam invadidas por desconhecidos que pareciam ter muito dinheiro; e que os preços estavam mais altos; que havia fila para qualquer ônibus; e uma dificuldade para conseguir entrar em todos os cinemas. Casas tranquilas que davam para ruas tranquilas eram sacudidas o dia inteiro por um trânsito pesado e inusitado. Aonde quer que se fosse, deparava com as cotoveladas de uma multidão de desconhecidos. Para uma pequena cidade interiorana como Edgestow, mesmo visitantes provenientes do outro lado do condado eram classificados como forasteiros. Agora, o clamor permanente de gritos, assobios, canções, vozes nortistas, galesas e até mesmo irlandesas, bem como os rostos desregrados passando no nevoeiro, eram totalmente detestáveis. “Vai haver encrenca por aqui” era o comentário de muitos cidadãos. E daí a alguns dias, “Seria de pensar que eles estão *procurando* encrenca.” Não se tem registro de quem disse pela primeira vez “Precisamos de mais policiamento.” E então, por fim, o *Edgestow Telegraph* deu atenção ao assunto. Um artigo pequeno, tímido – uma mancha não maior que a mão de um homem –, apareceu, com a sugestão de que a polícia local era totalmente incapacitada para lidar com a nova população.

Em todas essas coisas, Jane reparou muito pouco. Durante esse período, ela

estava apenas “aguardando”. Talvez Marka chamasse para Belbury. Talvez ele desistisse de toda aquela história de Belbury e voltasse para casa – suas cartas eram vagas e pouco satisfatórias. Talvez ela fosse até St. Anne’s para visitar os Dennistons. Os sonhos continuavam. Mas o senhor Denniston estava certo: era melhor quando se aceitava encará-los como “notícias”. Se não tivesse sido assim, ela mal poderia ter suportado as noites. Havia um sonho recorrente no qual não acontecia nada que pudesse definir. Na realidade, parecia que ela estava deitada na própria cama. Mas havia alguém ao seu lado: alguém que aparentemente tinha puxado uma cadeira para perto da cama e depois se sentado para vigiá-la. Ele estava com um caderno no qual de vez em quando fazia uma anotação. Afora isso, ele permanecia perfeitamente imóvel e atento, cheio de paciência, como um médico. Ela já conhecia seu rosto e veio a conhecê-lo infinitamente bem: o pincenê, os traços bem definidos, bastante brancos, e a pequena barba pontuda. E, presumivelmente, se ele podia vê-la, àquela altura conhecia o rosto dela igualmente bem: sem dúvida era ela que ele parecia estar examinando. Jane não escreveu a esse respeito para os Dennistons da primeira vez que aconteceu. Mesmo depois da segunda vez, ela protelou até ser tarde demais para enviar a carta no mesmo dia. Tinha uma espécie de esperança de que, quanto mais tempo se mantivesse em silêncio, mais provável seria que eles viessem vê-la outra vez. Ela queria ser reconfortada; mas, se possível, preferia não ter de ir até St. Anne’s, não ter de conhecer aquele tal de Fisher-King e ser atraída para sua órbita.

Enquanto isso, Mark estava trabalhando na reabilitação de Alcasan. Ele nunca tinha visto um dossiê policial e o considerava difícil de entender. Apesar de seus esforços para esconder sua ignorância, a Fada logo descobriu.

– Vou pô-lo em contato com o capitão – disse ela. – Ele vai lhe ensinar o caminho das pedras. – Foi assim que Mark passou a maior parte do expediente com o imediato dela, o capitão O’Hara, um homem grande de cabelos brancos e rosto bonito, que falava com o que os ingleses chamavam de sotaque do sul da Irlanda, e os irlandeses, “um sotaque de Dublin tão carregado que se poderia cortar com uma faca”. Ele afirmava pertencer a uma família antiga e ter um lugar em Castlemortle. Mark não entendia realmente suas explicações do dossiê, o Registro Q, o sistema de arquivo móvel e o que o capitão chamava de “capina”. Mas sentia vergonha de admitir isso, e acabou que toda a seleção dos fatos permaneceu com efeito nas mãos de O’Hara, enquanto Mark se descobria trabalhando meramente como redator. Ele se esforçou ao máximo para esconder esse fato de O’Hara e para dar a impressão de que os dois estavam trabalhando juntos. Naturalmente, isso tornou impossível que ele repetisse seus protestos

originais contra ser tratado como um simples jornalista. Ele possuía, sim, um estilo cativante (o que tinha ajudado sua carreira acadêmica muito mais do que ele teria gostado de reconhecer), e seu jornalismo foi um sucesso. Seus artigos e cartas a respeito de Alcasan foram publicados em jornais aos quais ele jamais teria tido acesso com sua própria assinatura: jornais lidos por milhões. Ele não pôde deixar de sentir um leve arrepio de agradável empolgação.

Ele também confidenciou ao capitão O'Hara suas pequenas ansiedades financeiras. Quando se recebia? E, enquanto isso, ele estava com pouco dinheiro para pequenas despesas. Tinha perdido a carteira exatamente na primeira noite passada em Belbury, e ela não chegou a ser recuperada. O'Hara deu uma sonora gargalhada.

– É claro que você pode ter o dinheiro que quiser se pedir ao ecônomo.

– Quer dizer então que o valor é deduzido do próximo contracheque? – perguntou Mark

– Meu caro – disse o capitão –, uma vez que você esteja no Instituto, que Deus o abençoe, você não precisará perturbar sua cabeça com isso. Nós não vamos assumir toda a questão da moeda? Somos nós que *fazemos* o dinheiro.

– O que você está querendo dizer? – disse Mark, surpreso, e depois parou e acrescentou: – Mas eles lhe cobriam o valor total, se você fosse embora.

– Afinal de contas, por que você insiste em falar em ir embora? – disse O'Hara. – Ninguém deixa o Instituto. Pelo menos, o único de que ouvi falar foi o velho Hingest.

Por volta dessa ocasião, o inquérito sobre a morte de Hingest chegou ao fim com um veredicto de assassinato por uma pessoa desconhecida, ou mais de uma. O serviço fúnebre realizou-se na capela da faculdade em Bracton.

Era o terceiro e o mais forte dia de nevoeiro, que agora estava tão denso e branco que os olhos dos homens ardiam de olhar para ele, e todos os sons distantes eram anulados. Somente o gotejar dos beirais e das árvores e os gritos dos operários do lado de fora da capela eram audíveis dentro da faculdade. No interior da capela, as velas queimavam com chamas retas, cada chama o centro de um globo de luminosidade untuosa, e lançavam quase luz nenhuma sobre o prédio como um todo. Se não fosse pelas tossidas e pelo arrastar de pés, não se teria sabido que os bancos estavam repletos. Curry, de terno preto e beca preta, parecendo extraordinariamente agigantado, ia de um lado para outro na extremidade oeste da capela, sussurrando e espiando, ansioso com medo de que o nevoeiro pudesse atrasar a chegada do que ele chamava de Restos Mortais, e

consciente, não sem certo prazer, da pressão sobre seus ombros exercida pela sua responsabilidade por toda a cerimônia. Curry era muito importante nos funerais da faculdade. Nele não havia nenhum resquício do papa-defunto. Era o amigo contido, viril, atingido por um golpe pesado, porém ainda consciente de ser (em algum sentido não definido) a figura paterna da faculdade; e consciente de que, em meio a todos os golpes da mutabilidade, pelo menos ele não deveria sucumbir. Desconhecidos que tinham estado presentes em ocasiões semelhantes costumavam comentar uns com os outros, à medida que partiam de carro:

– Dava para ver que aquele subdiretor sentiu o golpe, apesar de não querer demonstrar.

Nisso não havia a menor hipocrisia. Curry estava tão acostumado a dirigir a vida dos colegas que lhe ocorria com naturalidade dirigir-lhes também a morte. E possivelmente, se tivesse sido dono uma mente analítica, ele talvez tivesse descoberto em si mesmo uma vaga sensação de que sua influência, sua capacidade para facilitar caminhos e exercer certas pressões adequadas não poderia cessar de todo uma vez que o alento tivesse deixado o corpo.

O órgão começou a tocar e suplantou tanto as tossidas ali dentro quanto os ruídos mais ásperos lá fora: as vozes monotonamente raivosas, o estrépito do ferro e os choques vibrantes com que cargas eram lançadas de tempos em tempos de encontro à parede da capela. Mas, como Curry temia, o nevoeiro tinha atrasado a chegada do ataúde; e o organista já tocava havia meia hora quando se ouviu uma movimentação perto da porta e os membros da família, os Hingests enlutados, de ambos os sexos, com suas costas eretas e rostos de campônios, começaram a ser encaminhados aos bancos reservados para eles. Vieram então os maceiros, bedéis e censores, além do grão-reitor de Edgestow. Então, cantando, veio o coro; e por fim o ataúde: uma ilha de flores, deslizando vagamente através do nevoeiro, que parecia ter se derramado pela capela adentro, mais denso, mais frio e mais úmido, com a abertura da porta. Os serviços fúnebres começaram.

O cônego Storey assumiu os serviços. Sua voz ainda era bela, e havia beleza também em seu isolamento em relação a toda aquela gente reunida. Ele estava isolado tanto por sua crença como por sua surdez. Não sentia o menor escrúpulo quanto à adequação das palavras que lia sobre o corpo do velho altivo e descrente, pois nunca suspeitara de sua descrença. E estava totalmente inconsciente da estranha antífona entre sua própria voz lendo e as outras vozes lá de fora. Glossop talvez se encolhesse, quando ouvisse um grito desses, impossível de ignorar no silêncio da capela.

– Tira essa droga desse pé dessa janela ou eu vou deixar todo esse monte cair em cima dele.

No entanto, Storey, imperturbável e distraído, respondeu:

– Tolo, o que seijas não será vivificado enquanto não morrer.

– Vou é te dar um tapa no meio dessa cara. Você vai ver se não dou – disse a mesma voz.

– Semeia-se como um corpo natural. Eleva-se como um corpo espiritual – disse Storey.

– É abominável, abominável – resmungou Curry para o tesoureiro, que estava sentado ao seu lado. Mas alguns dos pesquisadores juniores viram, como disseram, o aspecto engraçado daquilo tudo e imaginaram como Feverstone (que não conseguira comparecer) gostaria de ouvir a história.



A recompensa mais agradável que coube a Mark por sua obediência foi a admissão à biblioteca. Pouco depois da sua breve entrada nela naquela terrível manhã, ele tinha descoberto que aquele recinto, embora supostamente público, na prática era reservado para os que na escola ele tinha aprendido a chamar de “elite” e, em Bracton, de “Elemento Progressista”. Era diante da lareira da biblioteca, entre dez e meia-noite, que se realizavam as conversas importantes e confidenciais; e foi por esse motivo que, quando Feverstone uma noite se aproximou de Mark na sala de estar e perguntou o que ele achava de ir tomar um drinque na biblioteca, Mark sorriu e aceitou, sem abrigar nenhum ressentimento pela última conversa que mantivera com ele. Sentiu um pouco de desprezo por si mesmo por agir assim, reprimiu o sentimento e o deixou de lado: esse tipo de coisa era infantil e irrealista.

Geralmente o círculo na biblioteca era composto por Feverstone, a Fada, Filostrato e – o que era mais surpreendente – Straik. Era um bálsamo para as mágoas de Mark descobrir que Steele nunca aparecia lá. Parecia que ele tinha entrado mais além, ou mais atrás, de Steele, como lhe tinham prometido. Tudo estava funcionando de acordo com o programado. A única pessoa cuja frequente aparição na biblioteca Mark não entendia era a do homem calado, de pincenê e barba pontuda, o professor Frost. O vice-diretor ou VD, como Mark agora o chamava, ou o Velho, costumava estar lá, mas numa atitude peculiar. Era seu

hábito entrar à toa e percorrer a sala displicentemente, rangendo e cantarolando como de costume. Às vezes, ele se aproximava da roda junto da lareira, escutava e os contemplava com uma expressão levemente paternal no rosto; mas era raro que dissesse alguma coisa, e ele nunca se juntava ao grupo. Ele voltava a se afastar, sem rumo, e talvez uma hora mais tarde retornasse, mais uma vez zanzando pelos espaços vazios do recinto e mais uma vez indo embora. Nunca mais tinha falado com Mark desde a entrevista humilhante no seu escritório, e Marksoube pela Fada que ainda estava em desgraça.

– O Velho vai se abrandar com o tempo – disse ela. – Mas eu lhe avisei que ele não gostava que as pessoas falassem em ir embora.

O membro menos satisfatório do círculo, aos olhos de Mark, era Straik. Este não fazia o menor esforço para se adaptar ao tom irreverente e realista em que seus colegas falavam. Ele nunca bebia nem fumava. Costumava ficar sentado em silêncio, afagando um joelho puido com a mão magra e virando os olhos grandes e infelizes de um interlocutor para outro, sem tentar combatê-los nem participar da piada quando eles riam. Depois, podia acontecer de apenas uma vez na noite inteira, alguma palavra dita o disparava: geralmente alguma coisa sobre a oposição de reacionários no mundo lá fora e as medidas que o Inec tomaria para lidar com ela. Em momentos como esse, ele irrompia numa fala veemente e prolongada, ameaçando, denunciando, profetizando. O estranho era que os outros nem o interrompiam nem riam. Havia alguma integração mais profunda entre esse homem insólito e eles que parecia refrear a óbvia falta de afinidade, mas o que era, Mark não descobriu. Às vezes, Straik dirigia-se especificamente a ele, para grande constrangimento e perplexidade de Mark, falando sobre a ressurreição.

– Nem fato histórico nem fábula, meu rapaz – disse ele –, mas uma profecia. Todos os milagres... visões do que está por vir. Livrem-se da falsa espiritualidade. Tudo há de acontecer, aqui neste mundo, no único mundo que existe. O que o Mestre nos ensinou? Curai os enfermos, expeli os demônios, ressuscitai os mortos. Nós o faremos. O Filho do Homem, ou seja, o próprio homem, em seu apogeu, tem o poder de julgar o mundo, de distribuir vida sem-fim e punição sem-fim. Você verá. Aqui e agora. – Era tudo muito desagradável.

Foi no dia seguinte ao funeral de Hingest que Mark se aventurou a entrar na biblioteca sozinho pela primeira vez. Até então ele sempre tinha sido acompanhado por Feverstone ou Filostrato. Ficou um pouco inseguro quanto à sua recepção, e ainda assim receando que, se não fizesse valer logo seu direito de acesso, sua modéstia lhe fosse prejudicial. Ele sabia que, nessas questões, o erro



para um lado ou para o outro é igualmente fatal. É preciso adivinhar e correr o risco.

Foi um sucesso brilhante. O círculo estava todo lá; e, antes que ele fechasse a porta atrás de si, todos tinham voltado para ele rostos acolhedores, e Filostrato dissera “*Ecco*”, e a Fada, “É esse o cara.” Um calor de puro prazer percorreu o corpo inteiro de Mark. Nunca o fogo tinha parecido tão luminoso, nem o aroma dos drinques mais sedutor. Estavam de fato esperando por ele. Precisavam dele.

– Com que rapidez você consegue escrever dois editoriais, Mark? – perguntou Feverstone.

– Você pode trabalhar a noite inteira? – perguntou a senhorita Hardcastle.

– Já fiz isso – disse Mark – Do que se trata?

– Vocês concordam – perguntou Filostrato – em que “as perturbações” avancem de imediato, certo?

– É isso que é engraçado – disse Feverstone. – Ela cumpriu seu papel bem demais. Não leu seu Ovídio. *Ad metam properate simul* [Apressai-vos juntos para a mesma meta].

– Não poderíamos atrasar mais, mesmo que quiséssemos – disse Straik

– Do que estamos falando? – disse Mark

– Das perturbações em Edgestow – respondeu Feverstone.

– Ah... não as tenho acompanhado muito. Elas estão se tornando sérias?

– Elas vão se tornar sérias, filhinho – disse a Fada. – E essa é a questão. O verdadeiro tumulto estava planejado para a semana que vem. Todas essas pequenas confusões eram só para preparar o terreno. Mas tudo tem dado certo demais, droga! A encrenca terá de começar amanhã, ou depois de amanhã, o mais tardar.

Mark perplexo, olhou do rosto dela para o de Feverstone. Este último dobrou-se ao meio de tanto rir, e Mark, quase automaticamente, conferiu um aspecto jocoso à sua própria perplexidade.

– Acho que a ficha não caiu, Fada – disse ele.

– Você decerto não imaginou – perguntou Feverstone, abrindo um sorriso – que a Fada deixou a iniciativa nas mãos dos nativos?

– Você está querendo dizer que ela própria é a Perturbação? – disse Mark

– Isso mesmo – disse Filostrato, com os olhinhos cintilando acima das bochechas gordas.

– Está tudo conforme o planejado – disse a senhorita Hardcastle. – Não se

podem pôr algumas centenas de milhares de operários importados...

– Não do tipo que você contratou! – interveio Feverstone.

– ... num buraco como Edgestow – prosseguiu a senhorita Hardcastle – sem que haja problemas. Quer dizer, haveria problemas de qualquer modo. Como se revelou, creio que meus rapazes não precisavam ter feito nada. Mas, já que era mais que provável que ocorressem problemas, não havia mal nenhum em fazer que eles surgissem no momento certo.

– Quer dizer que vocês *planejaram* os distúrbios? – disse Mark. Para lhe fazer justiça, sua mente estava chocada com essa nova revelação. Nem estava ele consciente de nenhuma decisão de ocultar esse seu estado de espírito: no aconchego e intimidade daquele círculo, ele descobria que seus músculos faciais e sua voz, sem nenhuma volição consciente, assumiam o tom dos seus colegas.

– Essa é uma forma tosca de descrever a situação – disse Feverstone.

– Não faz a menor diferença – disse Filostrato. – É assim que as coisas têm de ser conduzidas.

– Certo – disse a senhorita Hardcastle. – É o que sempre se faz. Qualquer um que conheça o trabalho da polícia vai lhe dizer o mesmo. E, como eu disse, a coisa de verdade, o grande tumulto, deverá ocorrer dentro das próximas quarenta e oito horas.

– É bom receber essas informações direto da fonte! – disse Mark – Mas bem que eu queria ter tirado minha mulher da cidade antes.

– Onde é que ela mora? – disse a Fada.

– Para os lados de Sandown.

– Ah. Dificilmente vai afetá-la. Enquanto isso, você e eu precisamos tratar de produzir o relato dos tumultos.

– Mas para que tudo isso?

– Dispositivos de emergência – disse Feverstone. – Jamais conseguiremos os poderes que queremos em Edgestow enquanto o governo não declarar que o lugarejo está em estado de emergência.

– Exato – disse Filostrato. – É loucura falar em revoluções pacíficas. Não que a ralé sempre resista. Muitas vezes ela precisa ser instigada a entrar. Mas enquanto não houver perturbações da ordem, tiros, barricadas, ninguém consegue poderes para agir efetivamente. É como se o barco não tivesse peso suficiente para ser conduzido.

– E o material precisa estar todo pronto para sair nos jornais no primeiro dia

seguinte aos tumultos – disse a senhorita Hardcastle. – Isso significa que ele precisa ser entregue ao VD em pessoa às seis horas da manhã de amanhã, o mais tardar.

– Mas como temos de escrever o texto hoje, se a coisa só vai acontecer amanhã, se é que tão cedo?

Todos caíram na risada.

– Você nunca vai manobrar a publicidade desse jeito, Mark – disse Feverstone. – Sem dúvida não é preciso esperar que algo aconteça para poder relatar a história!

– Bem, admito – disse Mark, com a expressão risonha – que tive um leve preconceito diante disso, já que não vivo no tipo de tempo do senhor Dunne, nem no país do espelho.

– Não adianta, filhinho – disse a senhorita Hardcastle. – Precisamos pôr a mão na massa imediatamente. Temos tempo para mais um drinque, e será melhor que você e eu subamos para começar. Vamos pedir que nos tragam costeletas picantes e café às três.

Essa era a primeira coisa que pediam para Mark fazer, que ele mesmo, antes de fazer, reconhecia com clareza ser um crime. Mas o instante em que consentiu quase lhe passou despercebido. Sem dúvida, não houve conflito, nenhuma sensação de ultrapassar um ponto crítico. Pode ter havido uma época na história mundial em que momentos semelhantes revelaram plenamente sua gravidade, com bruxas fazendo profecias numa charneca murcha ou com rubicões visíveis a serem atravessados. Para ele, no entanto, tudo passou sem tropeços, numa cascata de riso, daquele riso íntimo entre colegas de trabalho, que de todos os poderes terrenos é o mais forte para forçar homens a fazer coisas muito maléficas antes que eles, individualmente, já tenham se tornado pessoas muito maléficas. Dali a alguns instantes, ele estava subindo veloz, com a Fada. No caminho, passaram por Cosser, e Mark, em conversa animada com sua companheira, viu com o canto do olho que Cosser os observava. E pensar que ele um dia tinha sentido medo de Cosser!

– Quem tem a missão de despertar o VD às seis? – perguntou Mark

– É provável que não seja necessário – disse a Fada. – Suponho que o velho durma em algum momento. Mas nunca descobri quando isso acontece.



Às quatro, Mark estava sentado no escritório da Fada, relendo o último dos dois artigos que tinha escrito – um para o mais respeitável dos nossos jornais; o outro, para uma publicação mais popular. Essa foi a única parte do trabalho daquela noite que teve alguma coisa que agradasse sua vaidade literária. As primeiras horas foram passadas no trabalho mais grave de inventar as notícias em si. Esses dois editoriais tinham sido reservados para o final, e a tinta ainda não estava seca. O primeiro era como se segue:

Embora seja prematuro tecer qualquer comentário definitivo sobre os tumultos de ontem à noite em Edgestow, duas conclusões parecem brotar dos primeiros relatos (que publicamos em outro espaço), com uma nitidez improvável de ser abalada por desdobramentos subsequentes. Em primeiro lugar, todo o episódio representará um duro golpe em qualquer complacência que ainda possa restar entre nós quanto às luzes de nossa própria civilização. É preciso que se admita, naturalmente, que a transformação de uma pequena cidade universitária num centro nacional de pesquisas não pode ser realizada sem algum atrito e alguns casos de contratempos para os moradores do local. Entretanto, o inglês sempre teve seu jeito tranquilo e bem-humorado de lidar com atritos e, quando a questão lhe é proposta corretamente, nunca se mostrou avesso a fazer sacrifícios muito maiores que aquelas pequenas alterações de hábitos e sentimento que o progresso exige do povo de Edgestow. É um prazer observar que não há a menor sugestão por parte de nenhuma fonte oficial de que o Inec tenha de algum modo excedido seus poderes ou deixado de demonstrar aquela consideração e cortesia que eram esperadas dele. E há pouca dúvida de que o verdadeiro cerne dos tumultos tenha sido alguma briga, provavelmente num bar, entre um dos operários do Inec e algum sabe-tudo do local. Contudo, como disse o estagirita muito tempo atrás, desordens que têm motivos triviais possuem causas mais profundas, e parece haver pouca dúvida de que esse pequeno tumulto não tenha sido insuflado, se não explorado, por interesses setoriais ou por preconceito disseminado.

É inquietante ser forçado a suspeitar que a antiga desconfiança diante da eficiência planejada e a antiga inveja daquilo que é chamado ambigualmente de “burocracia” possam ser reavivadas com tanta facilidade (por pouco tempo, esperamos), embora, concomitantemente, essa mesma suspeita, ao revelar as lacunas e fraquezas em nosso nível de instrução nacional, ressalte uma das próprias enfermidades para a cura das quais o Instituto Nacional veio a existir. Que ele há de curá-la, não precisamos ter a menor dúvida. A vontade da nação

está por trás desse magnífico “esforço de paz”, como o senhor Jules acertadamente descreveu o Instituto, e esperamos que qualquer oposição desinformada que ouse entrar em conflito com ela seja recebida com uma resistência delicada, porém firme.

A segunda moral a ser extraída dos eventos da noite de ontem é mais animadora. A proposta original de prover o Inec com o que é chamado enganosamente de sua própria “força policial” era vista com desconfiança em muitos setores. Nossos leitores devem se lembrar de que, ainda que não compartilhássemos daquela desconfiança, nós a recebíamos com certa compreensão. Mesmo os falsos medos dos que amam a liberdade deveriam ser respeitados, como respeitamos até as ansiedades infundadas de uma mãe. Ao mesmo tempo, insistimos em que a complexidade da sociedade moderna tornou um anacronismo limitar a verdadeira execução da vontade da sociedade a um grupo de homens, cuja função real era a prevenção e a detecção do crime: que mais cedo ou mais tarde a polícia deve ser liberada daquela quantidade crescente de funções coercitivas que não se encaixam corretamente na sua esfera. Que esse problema tenha sido resolvido por outros países de uma forma que se revelou fatal para a liberdade e a justiça, com a criação de um verdadeiro *imperium in imperio* [uma ordem em uma ordem], é um fato que provavelmente ninguém esquece. A chamada “Polícia” do Inec – que deveria, sim, ser chamada de seu “Executivo de Saneamento” – é a solução caracteristicamente inglesa. Sua relação com a Polícia Nacional talvez não possa ser definida com perfeita precisão lógica; mas, como nação, nós nunca fomos muito apaixonados pela lógica. O executivo do Inec não tem a menor ligação com a política. E, se algum dia entrar em relação com a justiça criminal, ele o fará no papel misericordioso de um salvador – um salvador que pode retirar o criminoso da dura esfera da punição para a do tratamento corretivo. Se restava qualquer dúvida quanto ao valor de uma força dessas, ela foi amplamente resolvida pelos episódios em Edgestow. As melhores relações parecem ter sido mantidas o tempo todo entre os oficiais do Instituto e a Polícia Nacional, que, se não fosse pelo auxílio do Instituto, teria se descoberto diante de uma situação impossível. Como um eminente oficial da polícia observou para um dos nossos representantes na manhã de hoje, “Se não fosse a Polícia do Inec, as coisas poderiam ter tomado um rumo bastante diferente.” Se, à luz desses acontecimentos, descobrir-se a conveniência de pôr toda a área de Edgestow sob o exclusivo controle da “polícia” institucional por algum período limitado, acreditamos que o povo britânico – sempre no fundo tão realista – não tenha a menor objeção. Um tributo

especial deve ser feito às integrantes femininas da força, que parecem ter agido o tempo todo com aquela mistura de coragem e senso comum que os últimos anos nos ensinaram a esperar das mulheres inglesas quase como algo líquido e certo. Os rumores inconsequentes, em circulação em Londres nesta manhã, de uso de metralhadoras nas ruas e de centenas de feridos, ainda estão por ser confirmados. Provavelmente, quando estiverem disponíveis detalhes exatos, descobrir-se-á (nas palavras de um recente primeiro-ministro) que “o sangue derramado geralmente era do nariz”.

O segundo dizia o seguinte:

O que está acontecendo em Edgestow?

Essa é a pergunta que o cidadão quer que seja respondida. O Instituto que se instalou em Edgestow é um *Instituto Nacional*. Isso significa que ele é seu e meu. Nós não somos cientistas e não fingimos saber o que estão pensando os cérebros do Instituto. Mas sabemos, sim, o que cada homem ou mulher espera dele. Nós esperamos uma solução para o problema do desemprego, o problema do câncer, o problema da habitação, os problemas da moeda, da guerra, da educação. Esperamos dele uma vida mais brilhante, mais limpa e mais plena para nossos filhos, na qual nós e eles possamos avançar sempre e sempre; e desenvolver o total impulso da vida que Deus deu a cada um de nós. O Inec é o instrumento do povo para realizar todas as coisas pelas quais lutamos.

Enquanto isso, o que está acontecendo em Edgestow?

Você acredita que esse tumulto surgiu simplesmente porque a dona Mariquinha ou o seu Fulaninho descobriram que o proprietário vendeu sua loja ou o terreno de sua horta para o Inec? A dona Mariquinha e o seu Fulaninho sabem o que é melhor para eles. Eles sabem que o Instituto representa mais comércio em Edgestow, mais comodidade para o público, uma população maior, uma explosão de prosperidade jamais imaginada. Para mim, esses distúrbios foram ENGENDRADOS.

Essa acusação pode parecer estranha, mas é verdadeira. Por isso, pergunto ainda mais uma vez: o que está acontecendo em Edgestow?

Há traidores à solta. Não tenho medo de dizer isso, não importa quem eles sejam. Eles podem ser o que se chama de gente religiosa. Podem ser os interesses financeiros. Podem ser os velhos professores e filósofos tecedores de intrigas da própria Universidade de Edgestow. Podem ser judeus. Podem ser

advogados. Não me importa quem eles sejam, mas tenho alguma coisa a lhes dizer. Cuidado! O povo da Inglaterra não vai tolerar isso. Não vamos permitir que o Instituto seja alvo de sabotagem.

O que se deve fazer em Edgestow?

Porham a cidade inteira sob o controle da Polícia Institucional, é o que digo. Alguns de vocês podem já ter ido a Edgestow num feriado. Se foram, vocês sabem tanto quanto eu como ela é: uma cidadezinha interiorana, sonolenta, com meia dúzia de policiais que não fazem nada há dez anos a não ser parar ciclistas porque o farol está queimado. Não faz sentido esperar que esses pobres policiais consigam lidar com um TUMULTO ENGENDRADO. Na noite de ontem, a polícia do Inec demonstrou que consegue. O que digo então é “parabéns” para a senhorita Hardcastle e seus valentes rapazes, sim, e suas valentes moças, também. Deem-lhes carta branca e deixem que continuem com o serviço. Eliminem a burocracia.

Tenho um pequeno conselho. Se vocês ouvirem alguém falando mal da polícia do Inec, mandem-no passear. Se ouvirem alguém os comparando com a Gestapo ou com a GPU, digam que essa vocês já conhecem. Se ouvirem alguém falar das liberdades da Inglaterra (com o que eles querem se referir às liberdades dos obscurantistas, dos tacanhos e conservadores, dos bispos e dos capitalistas), vigiem esse homem. Ele é o inimigo. Digam-lhe em meu nome que o Inec é a luva de boxe no punho da democracia; e, se ele não gostar, é melhor sair da frente.

Enquanto isso – OBSERVEM EDGESTOW.

Talvez se suponha que, depois de apreciar esses artigos no calor da composição, a razão de Mark despertasse e, com ela, a repulsa, ao ler o produto final. Infelizmente, o processo tinha sido quase o oposto. Quanto mais ele trabalhava neles, tanto mais se conciliava com a tarefa.

A conciliação total ocorreu quando ele passou a limpo os dois artigos. Quando um homem acabou de dar os últimos retoques num texto e gosta do trabalho que fez, ele não quer ver a obra jogada no cesto de lixo. Quanto mais Mark relia os artigos, mais gostava deles. E, de qualquer modo, aquilo era uma espécie de brincadeira. Ele visualizava uma imagem de si mesmo, velho e rico (provavelmente com um título de par do reino, decerto muito ilustre), quando tudo isso – todo esse aspecto desagradável do Inec – tivesse terminado, deliciando os mais jovens com histórias loucas, incríveis do tempo atual. (“Ah... era tudo

muito estranho naqueles primeiros tempos. Eu me lembro de que uma vez...” E ainda por cima, para um homem cujos textos até então tinham aparecido somente em publicações eruditas ou na melhor das hipóteses em livros que somente outros professores universitários leriam, havia uma atração praticamente irresistível na ideia da imprensa diária: editores aguardando textos, leitores em todos os cantos da Europa, alguma coisa realmente dependendo de suas palavras. A ideia do imenso dinamismo, que tinha sido posto à sua disposição por enquanto, repercutia no seu corpo inteiro. Afinal de contas, não fazia tanto tempo que ele tinha se sentido empolgado com a entrada para o Elemento Progressista em Bracton. Mas o que era o Elemento Progressista em comparação com isso? Não era como se ele próprio se deixasse enganar pelos artigos. Estava escrevendo, com ar de troça: uma expressão que de algum modo o reconfortava, ao fazer toda aquela história parecer uma brincadeira. E, fosse como fosse, se ele não o fizesse, alguma outra pessoa o faria. E todo o tempo a criança em seu interior sussurrava como era esplêndido e como era triunfalmente adulto estar sentado assim, tão cheio de álcool, sem estar embriagado, escrevendo (com ar de troça) artigos para jornais importantes, lutando contra a passagem do tempo, “com o mensageiro do tipógrafo” esperando à porta e todos os integrantes do círculo mais fechado do Inec dependendo dele; e ninguém nunca mais tendo o menor direito de considerá-lo inexistente ou apenas mais um número.



Jane estendeu a mão na escuridão, mas não sentiu a mesa que deveria estar ali à sua cabeceira. Depois, com um choque de surpresa, ela descobriu que não estava na cama, mas, sim, em pé. A escuridão era total a sua volta, e o frio era intenso. Tateando, ela tocou no que pareciam ser superfícies irregulares de pedra. Também o ar tinha algum aspecto estranho: de ar morto, ar preso, ao que parecia. Em algum lugar distante, possivelmente acima dela, havia barulhos que lhe chegavam abafados e trêmulos como que através da terra. Quer dizer que tinha acontecido o pior: uma bomba tinha caído na casa, e ela estava soterrada viva. Porém, antes de ter tempo para sentir o impacto total dessa noção, ela se lembrou de que a guerra estava terminada... ah, e todos os tipos de coisa tinham acontecido desde aquela época... ela se casara com Mark... vira Alcasan em sua cela... conhecera Camilla. Então, com um alívio imenso e súbito, ela pensou “É um dos meus sonhos. É uma notícia. Logo vai parar. Não há nada de que ter



medo.”

O lugar, qualquer que fosse, não parecia ser muito grande. Ela foi apalpando ao longo de uma das paredes ásperas e então, virando no canto, bateu com o pé em alguma coisa dura. Ela se abaixou e apalçou. Era uma espécie de plataforma elevada ou mesa de pedra, com certa de noventa centímetros. E em cima dela? Ela se atreveria a examinar? Mas seria pior não fazê-lo. Ela começou a explorar a superfície da mesa com a mão, e no instante seguinte mordeu o lábio para evitar dar um grito, pois tinha tocado num pé humano. Era um pé descalço e morto, a julgar pela temperatura fria. Continuar apalpando parecia a coisa mais difícil que ela jamais tinha feito, contudo ela se sentiu coagida a isso. O cadáver estava vestido com algum tecido muito grosseiro, que era também irregular, como se tivesse bordados pesados, e era muito volumoso. Deve ser um homem muito grande, pensou ela, ainda apalpando mais para cima na direção da cabeça. No peito, a textura de repente se alterava, como se a pele de algum animal peludo tivesse sido disposta sobre a túnica tosca. Foi o que ela pensou de início. Depois, ela se deu conta de que o cabelo de fato pertencia a uma barba. Ela hesitou diante da ideia de tocar no rosto. Temia que o homem se mexesse, despertasse ou falasse se ela tocasse no seu rosto. Por isso, ficou imóvel por um instante. Era só um sonho; ela podia aguentar. Mas era tão lúgubre e tudo parecia ter acontecido havia tanto tempo, como se Jane tivesse escorregado por alguma fenda no presente, descendo para alguma cova fria e sombria no passado remoto. Ela esperava que não a deixassem ali por muito tempo. Se ao menos alguém viesse rápido para soltá-la! E imediatamente ela viu a imagem de alguém, alguém com barba, mas também divinamente jovem (o que era estranho), alguém todo dourado, forte e caloroso, que vinha entrando com um passo poderoso, de fazer tremer a terra, naquele lugar negro. O sonho tornou-se caótico a partir desse ponto. Jane teve a impressão de que deveria fazer uma mesura diante dessa pessoa (que na realidade nunca chegou, se bem que a impressão dele ficou gravada fundo e com nitidez na sua mente), e sentiu enorme consternação ao perceber que algumas lembranças apagadas de aulas de dança na escola não eram suficientes para lhe mostrar como se fazia isso. Foi a essa altura que ela acordou.

Ela foi ao centro de Edgestow imediatamente depois do café da manhã, para caçar, como agora caçava todos os dias, alguém que substituísse a senhora Maggs. No alto de Market Street, aconteceu algo que determinou por fim que ela fosse a St. Anne's naquele mesmo dia e no trem das dez e vinte e três. Ela chegou a um lugar em que um carro grande estava parado ao longo da calçada, um

carro do Inec. Bem na hora em que ela se aproximou dele, um homem saiu de uma loja, atravessou seu caminho para falar com o motorista do carro e depois entrou. Ele estava tão perto dela que, apesar do nevoeiro, ela o viu com clareza, isoladamente em relação a todos os outros objetos. O pano de fundo era só nevoeiro cinzento, pés que passavam e os sons ásperos do trânsito inusitado, que agora jamais cessava em Edgestow. Ela o teria reconhecido em qualquer lugar. Nem o rosto de Mark, nem o dela mesma num espelho, era agora mais familiar do que aquele. Ela viu a barba pontuda, o pincênê, o rosto que de algum modo fazia que ela pensasse num rosto de cera. Não teve necessidade de pensar no que haveria de fazer. Seu corpo, passando depressa, pareceu decidir por si mesmo que estava se dirigindo para a estação e de lá para St. Anne's. Foi alguma coisa diferente do medo (embora ela estivesse apavorada também, a ponto de sentir náuseas) que a fez avançar de modo tão certo. Era uma rejeição total, ou uma repulsa por aquele homem, em todos os níveis do seu ser ao mesmo tempo. Os sonhos afundavam na insignificância em comparação com a realidade ofuscante da presença do homem. Ela estremeceu ao pensar que suas mãos poderiam ter se tocado quando ela passou por ele.

Ainda bem que o trem estava aquecido; a cabine, vazia; o fato de estar sentada, delicioso. A viagem lenta através do nevoeiro quase a fez adormecer. Ela só foi pensar em St. Anne's quando se descobriu lá. Mesmo enquanto subia a ladeira íngreme, Jane não fazia planos, não ensaiava nada do que pretendia dizer, mas só pensava em Camilla e na senhora Dimble. As camadas infantis, o subsolo da mente, tinham sido reviradas. Ela queria estar com pessoas bondosas, longe de gente malvada: essa distinção da tenra infância no momento parecia mais importante do que quaisquer categorias mais tardias do Bem e do Mal, ou de amigo e inimigo.

Foi despertada desse estado ao perceber que estava mais claro. Olhou mais adiante: sem dúvida aquela curva na estrada estava mais visível do que deveria estar num nevoeiro daqueles. Ou o motivo era somente que um nevoeiro no interior era diferente do nevoeiro numa cidade? Decerto o que tinha sido cinzento estava se tornando branco, de um branco quase deslumbrante. Alguns metros mais adiante e um azul luminoso aparecia lá no alto, e as árvores lançavam sombras (fazia dias que ela não via uma sombra); e então, de forma totalmente repentina, os enormes espaços do céu tinham se tornado visíveis, com o sol de um dourado pálido. E, olhando para trás, ao fazer a curva para o Solar, Jane viu que estava parada à margem de uma pequena ilha verde e ensolarada, contemplando mais abaixo um mar de nevoeiro branco, sulcado e vincado,

embora plano no todo, que se espalhava até onde ela conseguia enxergar. Havia outras ilhas também. Aquela escura para o lado do oeste eram os montes cobertos de mata acima de Sandown, onde os Dennistons e ela tinham feito o piquenique. E a ilha muito maior e mais brilhante para o norte eram os montes – quase se poderia chamá-los de montanhas – providos de muitas cavernas, nos quais o Wynd tinha sua origem. Ela respirou fundo. Era o *tamanho* desse mundo acima do nevoeiro que a impressionava. Lá embaixo, em Edgestow, todos esses dias viviam-se, mesmo quando se estava ao ar livre, como que entre quatro paredes, pois somente eram visíveis os objetos mais à mão. Ela sentiu que quase tinha chegado a se esquecer de como o céu é grande, como o horizonte é distante.



## O Líder Supremo

Antes de chegar à porta no muro, Jane encontrou o senhor Denniston, que a conduziu para o interior do Solar, não por aquela porta, mas pelo portão principal, que dava para a mesma rua, algumas centenas de metros mais adiante. Enquanto caminhavam, ela lhe contou sua história. Na sua companhia, Jane tinha aquela sensação curiosa, que a maioria das pessoas casadas conhece, de estar com alguém com quem (pela razão decisiva, mas totalmente misteriosa) nunca poderia ter se casado, mas que, ainda assim, pertence mais ao nosso próprio mundo que a pessoa com quem de fato nos casamos. Quando entraram na casa, eles encontraram a senhora Maggs.

– Quê? Senhora Studdock! Imagine! – disse a senhora Maggs.

– É, Ivy – disse Denniston –, e ela nos traz ótimas notícias. As coisas estão começando a se mexer. Precisamos ver Grace imediatamente. E MacPhee está por aí?

– Está por aí na jardinagem há horas – disse a senhora Maggs. – E o doutor Dimble foi à faculdade. E Camilla está na cozinha. Quer que eu diga para ela vir?

– Quero, sim. E se você puder impedir o senhor Bultitude de se intrometer...

– Certo. Vou mantê-lo longe de qualquer travessura. Aceita uma xícara de chá, senhora Studdock? Por ter vindo de trem e tudo o mais?

Alguns minutos depois, Jane encontrou-se mais uma vez na sala de Grace Ironwood. A senhorita Ironwood e os Dennistons estavam todos sentados de frente para ela, de maneira que ela teve a sensação de ser a candidata num exame oral. E, quando trouxe o chá, Ivy Maggs não foi embora; ela se sentou como se também fizesse parte da banca de examinadores.

– Agora! – disse Camilla, com as narinas e os olhos dilatados com uma espécie de vigorosa fome mental: era concentrada demais para ser chamada de empolgação.

Jane olhou ao redor.

– Não precisa se preocupar com Ivy, minha jovem – disse a senhorita Ironwood. – Ela faz parte do nosso grupo. – Fez-se silêncio. – Recebemos sua

carta do dia 10 – prosseguiu a senhorita Ironwood – em que descrevia seu sonho com o homem da barba pontuda, sentado, fazendo anotações no seu quarto. Talvez eu deva lhe dizer que ele não estava realmente lá. Pelo menos, o diretor não considera possível. Mas ele estava realmente examinando *você*. Ele estava obtendo informações sobre você de alguma outra fonte que, infelizmente, não lhe estava visível no sonho.

– Quer nos contar, se não se importa – disse o senhor Denniston –, o que estava me dizendo enquanto vínhamos para cá?

Jane contou-lhes o sonho com o cadáver (se é que era um cadáver) no lugar escuro, e como naquela manhã tinha deparado com o homem da barba na Market Street; e de imediato ela se deu conta de ter gerado forte interesse.

– Imagine! – disse Ivy Maggs.

– Quer dizer que estávamos certos quanto ao Bosque de Bragdon! – disse Camilla.

– É Belbury de fato – disse seu marido. – Mas, nesse caso, onde Alcasan se encaixa?

– Com licença – disse a senhorita Ironwood com sua voz neutra, e os outros se calaram no mesmo instante. – Não devemos discutir a questão aqui. A senhora Studdock ainda não se uniu a nós.

– Não posso ser informada de nada? – perguntou Jane.

– Minha jovem – disse a senhorita Ironwood –, peço que me desculpe. No momento, não seria prudente. Na realidade, não estou autorizada a fazê-lo. Permite-me que lhe faça mais duas perguntas?

– Se quiser – disse Jane, um pouco emburrada, mas só muito pouco. A presença de Camilla e do marido de Camilla de algum modo a induzia ao seu melhor comportamento.

A senhorita Ironwood tinha aberto uma gaveta, e por alguns instantes houve um silêncio, enquanto ela procurava ali alguma coisa. Então ela entregou uma fotografia a Jane.

– Reconhece essa pessoa? – perguntou ela.

– Sim – disse Jane, em voz baixa. – Esse é o homem com quem eu sonhei e é o homem que vi hoje de manhã em Edgestow.

Era uma boa fotografia, e abaixo dela lia-se o nome Augustus Frost, com mais alguns detalhes, que Jane não captou no momento.

– Em segundo lugar – continuou a senhorita Ironwood, estendendo a mão

para que Jane lhe devolvesse a fotografia –, você está preparada para ver o diretor... *agora?*

– Bem, sim, se for conveniente.

– Nesse caso, Arthur – disse a senhorita Ironwood a Denniston –, seria melhor você descobrir se ele está se sentindo bem o suficiente para conhecer a senhora Studdock

Denniston levantou-se imediatamente.

– Enquanto isso – disse a senhorita Ironwood –, eu gostaria de ter uma palavrinha com a senhora Studdock a sós. – Com isso, os outros também se levantaram e saíram da sala antes de Denniston. Um gato muito grande que Jane não havia percebido antes deu um salto e ocupou a cadeira que Ivy Maggs tinha acabado de deixar vaga.

– Tenho quase certeza – disse a senhorita Ironwood – de que o diretor vai recebê-la.

Jane nada disse.

– E nessa entrevista – continuou a outra –, suponho que lhe seja pedido que tome uma decisão final.

Jane deu uma tossidinha que não teve nenhum outro objetivo a não ser o de desfazer um ar de solenidade indesejada que pareceu ter se abatido sobre a sala assim que ela e a senhorita Ironwood foram deixadas a sós.

– Há também certas coisas – disse a senhorita Ironwood – que deveria saber sobre o diretor antes de vê-lo. Ele lhe parecerá ser um homem muito jovem, senhora Studdock mais jovem que a senhora. Queira, por favor, entender que esse não é o caso. Ele está mais perto dos cinquenta que dos quarenta anos. É um homem de enorme experiência, que já viajou a lugares para os quais nenhum outro ser humano jamais viajou e esteve em contato com sociedades das quais a senhora e eu não temos a menor ideia.

– Isso é muito interessante – disse Jane, embora não demonstrasse nenhum interesse.

– E em terceiro lugar – disse a senhorita Ironwood –, devo pedir-lhe que se lembre de que ele costuma sentir dores fortíssimas. Qualquer que seja a decisão que a senhora tomar, espero que não diga nem faça nada que represente uma tensão desnecessária para ele.

– Se o senhor Fisher-King não estiver se sentindo bem o suficiente para receber visitas... – disse Jane, num tom vago.

– Peço-lhe que me desculpe – disse a senhorita Ironwood – por reforçar esses pontos para a senhora. Sou médica, e sou o único médico no nosso grupo. Sou, portanto, responsável por protegê-lo até onde for possível. Se quiser me acompanhar agora, eu a encaminharei à Sala Azul.

Ela se levantou e segurou a porta aberta para Jane. Elas passaram para o corredor estreito e simples; e dali subiram por uma escada de degraus baixos para chegar a um grande hall de entrada, a partir de onde uma bela escadaria georgiana conduzia aos andares superiores. A casa, maior do que Jane tinha suposto de início, era aconchegante e muito silenciosa; e depois de tantos dias passados no nevoeiro, o sol de outono, batendo em tapetes macios e em paredes, parecia dourado e brilhante. No primeiro andar, mas elevado seis degraus acima do piso, elas encontraram um pequeno ambiente quadrado com colunas brancas, onde Camilla, quieta e alerta, esperava por elas, sentada. Havia uma porta atrás dela.

– Ele vai recebê-la – disse ela à senhorita Ironwood, levantando-se.

– Ele está sentindo muita dor hoje?

– Não está constante. É um dos seus bons dias.

Quando a senhorita Ironwood ergueu a mão para bater na porta, Jane pensou “Cuidado. Não se deixe levar. Todos esses corredores longos e essas vozes baixas vão levá-la a se comportar como uma boba, se você não prestar atenção. Você vai se tornar mais uma das adoradoras desse homem.” No instante seguinte, ela se descobriu entrando. O ambiente era claro – parecia ser só janelas. E era aquecido: o fogo estava aceso na lareira. E o azul era a cor predominante. Antes que seus olhos captassem tudo, ela se sentiu irritada e, de certo modo, envergonhada, de ver que a senhorita Ironwood estava fazendo uma mesura. “Eu me recuso” brigava na cabeça de Jane com “eu não consigo”, pois no seu sonho a verdade era que ela não conseguia.

– Esta é a jovem, senhor – disse a senhorita Ironwood.

Jane olhou; e no mesmo instante seu mundo se desfez.

Num sofá diante dela, com um pé envolto em ataduras, como se ele tivesse um ferimento, estava deitado o que parecia ser um rapaz de vinte anos de idade.

Uma gralha mansa andava para lá e para cá num longo peitoril de janela. A luz do fogo, com seu reflexo fraco, e a luz do sol, com seu reflexo mais forte, competiam no teto. Mas toda a claridade no aposento parecia correr na direção do cabelo dourado e da barba dourada do homem ferido.

Estava claro que ele não era um garoto... como ela podia ter imaginado isso?

A pele jovem na testa e nas bochechas e, acima de tudo, nas mãos tinha sugerido a ideia. Mas nenhum garoto poderia ter uma barba tão cheia. E nenhum garoto poderia ser tão forte. Jane tinha esperado ver um inválido. Estava evidente que seria impossível escapar do aperto daquelas mãos, e a imaginação sugeria que aqueles braços e ombros poderiam sustentar a casa inteira. A senhorita Ironwood ao lado de Jane dava a impressão de ser uma velhinha, enrugada e pálida – algo que um sopro poderia ter afastado dali.

O sofá estava colocado numa espécie de tablado, separado do resto da sala por um degrau. Ela teve a impressão de que havia um aglomerado de cortinas azuis – que mais tarde viu ser apenas um biombo – por trás do homem, arranjado de tal modo que o efeito era o de uma sala do trono. Jane teria considerado o ambiente disparatado se, em vez de vê-lo, tivesse ouvido sua descrição feita por outra pessoa. Pela janela, ela não via nem árvores, montes, nem as formas de outras casas: somente o piso plano do nevoeiro, como se aquele homem e ela estivessem empoleirados numa torre azul por cima do mundo.

No rosto dele, a dor ia e vinha: pontadas súbitas de uma dor ardente, insuportável. Mas, como os relâmpagos atravessam a escuridão, e a escuridão volta a se fechar, sem deixar traços, assim também a tranquilidade do seu semblante engolia cada choque da tortura. Como ela poderia ter achado que ele era jovem? Ou mesmo velho? Ocorreu-lhe, com uma rápida sensação de medo, que aquele rosto não tinha absolutamente nenhuma idade. Ela não gostava (ou acreditava não gostar) de rostos com barba, com exceção de velhos de cabelos brancos. Mas isso era porque fazia muito tempo que ela se esquecera do Artur imaginado da sua infância – e também do Salomão imaginado. Salomão – pela primeira vez em muitos anos, a luminosa mistura solar de rei, amante e mago, que paira em torno desse nome, voltou sorradeira à sua mente. Pela primeira vez em todos aqueles anos, ela saboreava a palavra “rei” em si, com todas as suas associações de batalha, matrimônio, sacerdócio, misericórdia e poder. Naquele momento, quando seus olhos pousaram no rosto dele, Jane se esqueceu de quem era e de onde estava, de seu leve rancor para com Grace Ironwood, e de seu rancor mais obscuro para com Mark, sua infância e a casa do seu pai. Naturalmente, foi somente um lampejo. No instante seguinte, ela era outra vez a Jane social de costume, envergonhada e confusa por descobrir que tinha estado com os olhos fixos, grosseiramente (pelo menos, ela esperava que a grosseria fosse a principal impressão causada), num perfeito desconhecido. Mas seu mundo estava desfeito; isso ela sabia. Qualquer coisa poderia acontecer agora.

– Obrigado, Grace – estava o homem dizendo. – Essa é a senhora Studdock?



E também a voz parecia ser de sol e ouro. Como ouro, não apenas como o ouro é belo, mas como é pesado. Como o sol, não apenas como ele toca delicado em muros na Inglaterra no outono, mas como bate na selva ou no deserto para gerar a vida ou destruí-la. E agora aquela voz estava se dirigindo a ela.

– Queira me perdoar por não me levantar, senhora Studdock – disse ele. – Meu pé está ferido.

E Jane ouviu o que sua própria voz dizia.

– Sim, senhor – baixa e submissa, como a voz da senhorita Ironwood. Tinha pretendido dizer “Bom-dia, senhor Fisher-King”, num tom tranquilo que teria contrabalançado o absurdo do seu comportamento no primeiro instante em que entrou na sala. Porém a outra fala foi o que de fato saiu da sua boca. Pouco depois disso, ela se descobriu sentada diante do diretor. Estava abalada; estava mesmo trêmula. Desejou intensamente não chorar, não fazer alguma bobagem nem se descobrir incapaz de falar. Pois seu mundo estava desfeito. Qualquer coisa podia acontecer agora. Se ao menos a conversa tivesse terminado! Para ela poder sair da sala sem desonra e ir embora, não para sempre, mas por um bom tempo.

– O senhor deseja que eu fique? – perguntou a senhorita Ironwood.

– Não, Grace – disse o diretor –, creio que não é necessário. Obrigado.

“E agora”, pensou Jane “agora vai acontecer... vai... vai acontecer agora.” Todas as perguntas mais intoleráveis que ele pudesse fazer, todas as coisas mais extravagantes que a forçaria a fazer, passaram de relance pela sua cabeça numa confusão insensata. Pois todo o poder de resistência parecia ter-se esgotado dela, deixando-a sem proteção.



Durante os primeiros minutos depois que Grace Ironwood os deixou a sós, Jane mal captou o que o diretor estava dizendo. Não que sua atenção se dispersasse. Pelo contrário, sua atenção estava tão fixa nele que derrotava a si mesma. Cada tom, cada olhar (como eles poderiam ter suposto que ela o consideraria jovem?), cada gesto, estava se gravando na sua memória. E foi só quando descobriu que ele tinha parado de falar e parecia esperar uma resposta, que ela se deu conta de ter absorvido tão pouco do que ele estivera dizendo.

– Como... como assim? – disse ela, desejando parar de ficar vermelha como

uma colegial.

– Eu estava dizendo – respondeu ele – que a senhora já nos prestou o maior serviço possível. Nós sabíamos que um dos ataques mais perigosos jamais perpetrados contra a espécie humana viria muito em breve e seria nesta ilha. Tínhamos uma ideia de que Belbury tivesse alguma ligação com ele. Mas não tínhamos certeza. Sem dúvida não sabíamos que Belbury era tão importante. É por isso que suas informações são tão valiosas. Sob outro aspecto, porém, elas nos apresentam uma dificuldade. Estou falando de uma dificuldade no que lhe diz respeito. Tínhamos esperança de que a senhora pudesse se juntar a nós, que tivesse condições de entrar para nosso exército.

– Não posso, senhor? – perguntou Jane.

– É difícil – disse o diretor depois de um silêncio. – Entenda, seu marido está em Belbury.

Jane levantou os olhos. As palavras “O senhor quer dizer que Mark está correndo perigo?” estavam na ponta da sua língua. Mas ela percebia que a ansiedade a respeito de Mark na realidade não participava das emoções complexas que estava sentindo, e que uma resposta semelhante seria hipócrita. Era um tipo de escrúpulo que não tinha sentido com frequência antes.

– O que está querendo dizer? – perguntou ela, por fim.

– Ora – disse o diretor –, seria difícil para a mesma pessoa ser a esposa de um funcionário do Inec e também ser membro do meu grupo.

– Quer dizer que o senhor não poderia confiar em mim?

– Não quero dizer nada que precisemos temer mencionar. Quero dizer que, nas circunstâncias, a senhora, eu e seu marido não poderíamos todos confiar uns nos outros.

Jane mordeu o lábio, com raiva, não do diretor, mas de Mark. Por que ele e seus assuntos com aquele tal de Feverstone precisavam se intrometer num momento como esse?

– Eu preciso fazer o que acho certo, não? – disse ela, baixinho. – Quer dizer... se Mark... se meu marido... estiver do lado errado, não posso deixar que isso interfira no que *eu* faço. Posso?

– A senhora está pensando no que é *certo*? – disse o diretor. Jane teve um sobressalto e enrubescceu. Percebeu que não estivera pensando nisso.

– É claro – disse o diretor – que as coisas poderiam chegar a um ponto tal que seria justificável a senhora vir para cá, mesmo totalmente contra a vontade dele, mesmo em segredo. Depende da proximidade do perigo... o perigo para todos

nós, e para a sua pessoa.

– Achei que o perigo estivesse bem em cima de nós, pelo jeito da senhora Denniston falar.

– É exatamente essa a questão – disse o diretor, com um sorriso. – Não me é permitido ser prudente demais. Não me é permitido usar remédios fortes enquanto não surgirem de fato doenças invasivas. Se não, nós nos tornamos exatamente iguais a nossos inimigos: descumprindo todas as normas sempre que imaginarmos que esse descumprimento talvez traga algum benefício indefinido para a humanidade no futuro remoto.

– Mas se eu vier para cá, isso vai fazer mal a alguém de alguma forma? – perguntou Jane.

Ele não lhe deu uma resposta direta. Logo voltou a falar.

– Parece-me que a senhora terá de voltar. Pelo menos por enquanto. Sem dúvida, vai se encontrar com seu marido novamente em breve. Creio que a senhora deve fazer pelo menos um esforço para que ele se desligue do Inec.

– Mas como vou poder fazer isso, senhor? – disse Jane. – O que eu tenho a lhe dizer? Ele consideraria tudo bobagem. Não acreditaria em toda essa história de ataque contra a espécie humana. – Assim que disse isso, ela se perguntou “Isso pareceu astucioso?”, e então, de modo mais desconcertante, “Foi astucioso?”.

– Não – disse o diretor. – E a senhora não pode contar para ele. Não deve falar nem de mim nem do grupo. Nós pusemos nossa vida nas suas mãos. A senhora deve simplesmente pedir-lhe que saia de Belbury. Atribua o pedido a seus próprios desejos. A senhora é a mulher dele.

– Mark nunca presta atenção no que eu digo – respondeu Jane. Tanto ela como Mark tinham essa opinião um do outro.

– Talvez – disse o diretor –, a senhora nunca tenha pedido nada com a intensidade com que vai pedir isso. A senhora não *quer* salvá-lo tanto quanto a si mesma?

Jane ignorou essa pergunta. Agora que estava iminente a ameaça de expulsão da casa, ela sentia como que um desespero. Sem fazer caso daquele comentarista interior, que mais de uma vez durante essa conversa tinha lhe mostrado suas próprias palavras e desejos a uma luz tão inusitada, ela começou a falar depressa.

– Não me mande de volta – disse ela. – Estou totalmente só em casa, com sonhos terríveis. Nos nossos melhores tempos, não é como se Marke eu nos vissemos tanto assim. Estou tão infeliz. Ele não vai se importar se eu vier para cá,

ou não. Ele só riria de tudo isso, se soubesse. É justo que toda a minha vida seja prejudicada só porque ele decidiu se misturar com uma gente horrorosa? O senhor acha que uma mulher não deve ter vida própria só porque é casada?

– A senhora está infeliz agora? – perguntou o diretor. Uma dúzia de afirmativas morreu nos lábios de Jane, enquanto ela procurava uma resposta para a pergunta. Depois, de repente, numa espécie de calma profunda, como a imobilidade no centro de um remoinho, ela viu a verdade. Finalmente parou de imaginar como suas palavras poderiam influenciar seu pensamento a respeito dela e respondeu.

– Não... Mas – acrescentou após um breve silêncio –, agora vai ser pior, se eu voltar.

– Vai?

– Não sei. Não. Acho que não. – E por alguns instantes Jane praticamente não teve consciência de nada a não ser de paz e bem-estar, o conforto do seu corpo na poltrona onde estava sentada, e algum tipo de beleza límpida nas cores e proporções da sala. No entanto logo começou a pensar consigo mesma: “Acabou-se. Num momento ele vai mandar chamar a tal de Ironwood para levar você embora.” Pareceu-lhe que seu destino dependia do que dissesse no minuto seguinte.

– Mas será que é realmente necessário? – começou ela. – Acho que não encaro o casamento exatamente como o senhor. Para mim, parece extraordinário que tudo dependa do que Mark disser... a respeito de algo que ele não compreende.

– Minha filha – disse o diretor –, não se trata de como a senhora ou eu encaramos o casamento, mas de como meus Mestres o encaram.

– Alguém disse que eles eram antiquados. Mas...

– Foi uma piada. Eles não são antiquados, mas são muito, muito velhos.

– Eles nunca pensariam em descobrir primeiro se Marke e eu acreditamos nas suas ideias sobre o casamento?

– Bem... não – disse o diretor, com um sorriso estranho. – Não. Decididamente eles não pensariam em fazer isso.

– E para eles não faria diferença como um casamento é de fato: se é bem-sucedido? Se a mulher ama o marido? – Jane não tinha pretendido dizer exatamente isso: muito menos dizê-lo no tom patético e banal que agora tinha a impressão de ter usado. Odiando a si mesma e temendo o silêncio do diretor, ela acrescentou: – Suponho que o senhor vá dizer que eu não deveria ter lhe dito isso.

– Minha cara – disse o diretor –, isso é o que a senhora está me dizendo desde que seu marido foi mencionado.

– E não faz nenhuma diferença?

– Suponho – disse o diretor – que dependa de como ele perdeu seu amor.

Jane calou-se. Embora não pudesse dizer a verdade ao diretor, e de fato ela mesma não a soubesse, ainda assim, quando tentava examinar seu ressentimento mudo contra Mark, uma sensação insólita da sua injustiça e até mesmo de pena do marido surgia na sua cabeça. E seu coração se desanimou, pois estava aparente para ela que aquela conversa, pela qual ela havia ansiado em busca de algum tipo de alívio de todos os problemas, estava na realidade a envolvendo em novos problemas.

– Não foi culpa dele – disse ela por fim. – Suponho que nosso casamento tenha sido simplesmente um erro.

O diretor nada disse.

– O que o senhor... o que as pessoas de que o senhor está falando... diriam a respeito de um caso como este?

– Eu lhe direi se a senhora realmente quiser saber – disse o diretor.

– Por favor – disse Jane, relutante.

– Eles diriam – respondeu ele – que a senhora não deixou de obedecer por falta de amor, mas que perdeu o amor porque nunca tentou obedecer.

Alguma coisa em Jane que normalmente teria reagido a uma observação dessas com raiva ou riso foi banida para uma distância remota (onde ela ainda podia mal e mal ouvir sua voz) pelo fato de que a palavra obediência – mas sem dúvida não a obediência a Mark – a dominou, naquele ambiente e naquela presença, como um estranho perfume oriental: perigoso, sedutor e ambíguo...

– Pare com isso! – disse o diretor, ríspido.

Jane olhava fixamente para ele, boquiaberta. Passaram-se alguns momentos de silêncio, durante os quais a fragrância exótica se dissipou.

– A senhora estava dizendo, minha cara? – retomou o diretor.

– Eu achava que o amor significava igualdade – disse ela – e livre companheirismo.

– Ah, a igualdade! – disse o diretor. – Devemos conversar sobre isso outra hora. É, os direitos iguais devem proteger a todos nós da ganância uns dos outros, por causa do pecado original. Exatamente como todos precisamos usar roupas pelo mesmo motivo. Mas o corpo nu deveria estar ali por baixo das roupas,

amadurecendo para o dia em que já não precisemos delas. A igualdade não é o que há de mais profundo, sabe?

– Sempre achei que fosse exatamente isso que ela era. Eu achava que era na alma que as pessoas eram iguais.

– Pois estava enganada – disse ele, em tom grave. – Esse é o último lugar em que elas são iguais. Igualdade perante a lei, igualdade de rendimentos, tudo bem com isso. A igualdade preserva a vida; mas não cria a vida. Ela é remédio, não alimento. Seria o mesmo que tentar se aquecer com um catálogo.

– Mas sem dúvida no casamento...?

– Cada vez pior – disse o diretor. – O namoro não quer saber dela; nem a fruição. O que o livre companheirismo tem que ver com isso? Os que estão apreciando alguma coisa, ou sofrendo alguma coisa, juntos, são companheiros. Os que apreciam, ou toleram, um ao outro não são. A senhora não sabe como a amizade é recatada? Amigos, camaradas, não olham um *para* o outro. A amizade se envergonharia...

– Achei... – começou Jane e então parou.

– Entendo – disse o diretor. – Não é culpa sua. Nunca lhe avisaram. Ninguém nunca lhe ensinou que a obediência... a humildade... é uma necessidade erótica. A senhora está pondo a igualdade exatamente onde ela não deveria estar. Quanto à sua vinda para cá, pode restar alguma dúvida. Por ora, preciso mandá-la de volta. A senhora pode vir até aqui nos visitar. Enquanto isso, converse com seu marido, e eu conversarei com meus superiores.

– Quando o senhor os verá?

– Eles me procuram quando querem. Mas todo este tempo falamos da obediência de um modo muito solene. Gostaria de lhe mostrar algumas das suas brincadeiras. A senhora não tem medo de camundongos, tem?

– Medo de quê? – perguntou Jane, espantada.

– Camundongos – disse o diretor.

– Não – respondeu Jane, num tom confuso.

O diretor acionou um sininho ao lado do seu sofá, que foi atendido quase de imediato pela senhora Maggs.

– Acho – disse o diretor – que vou querer meu almoço agora, por gentileza. Vão lhe servir o almoço lá embaixo, senhora Studdock, algo mais substancial do que o meu. Mas, se quiser se sentar comigo enquanto como e bebo, posso lhe mostrar alguns dos encantos da nossa casa.

A senhora Maggs logo voltou com uma bandeja, na qual trazia um copo, uma pequena jarra de vinho tinto e um pãozinho. Ela a pôs sobre uma mesa ao lado do diretor e saiu da sala.

– Veja – disse o diretor –, vivo como o rei em *Curdie*. É uma dieta surpreendentemente agradável. – Com essas palavras, ele partiu o pão e se serviu de um copo de vinho.

– Nunca li o livro de que o senhor está falando – disse Jane. Eles conversaram um pouco sobre o livro, enquanto o diretor comia e bebia; mas logo ele pegou o prato e deixou cair as migalhas no chão.

– Agora, senhora Studdock – disse ele –, a senhora verá um divertimento. Mas deverá ficar totalmente imóvel. – Com essas palavras, ele tirou do bolso um pequeno apito de prata e soprou uma nota nele. E Jane permaneceu imóvel até a sala se encher de silêncio como se fosse um sólido. E primeiro vieram uns sons de arranhões e depois um farfalhar. E logo ela viu três camundongos gorduchos procurando atravessar o que para eles devia ser o mato baixo cerrado do tapete, farejando para lá e para cá de tal modo que se seu trajeto tivesse sido desenhado, ele teria se assemelhado a um rio sinuoso, até eles chegarem tão perto que ela pôde ver o cintilar dos seus olhos e até mesmo a palpação dos narizes. Apesar do que dissera, ela realmente não apreciava camundongos nas proximidades dos seus pés, e foi com esforço que se manteve imóvel. Graças a esse esforço, ela viu camundongos pela primeira vez, como eles realmente são, não como criaturas rastejantes, mas como quadrúpedes requintados, quase como cangurus minúsculos, quando se sentavam, com delicadas patas dianteiras em luvas de pelica e orelhas transparentes. Com movimentos rápidos, inaudíveis, eles exploraram para lá e para cá até não restar uma migalha no chão. Ele então soprou o apito uma segunda vez, e, com um súbito abanar de rabos, todos os três saíram correndo para casa, desaparecendo em poucos segundos por trás do recipiente de carvão. O diretor olhou para ela com riso nos olhos. “É impossível” pensou Jane “considerá-lo velho.”

– Pronto – disse ele –, um acerto muito simples. Os humanos querem que as migalhas sejam retiradas. Os camundongos estão ansiosos por retirá-las. Nunca deveria ter sido um motivo para guerra. Mas a senhora vê que a obediência e o comando são mais como uma dança do que como um exercício rigoroso... especialmente entre homem e mulher, situação em que os papéis estão sempre se alternando.

– Como devemos parecer enormes para eles – disse Jane.

Esse comentário inconsequente teve uma causa muito interessante. Era em enormidade que ela estava pensando; e, por um instante, pareceu-lhe que estava pensando na própria enormidade em comparação com os camundongos. Mas quase de imediato essa identificação caiu por terra. Na realidade, ela estava pensando simplesmente na enormidade. Ou melhor, ela não estava pensando nisso. Estava, sim, de algum modo estranho, tendo essa experiência. Algo intoleravelmente grande, algo proveniente de Brobdingnag, estava fazendo pressão sobre ela, estava se aproximando, quase estava na sala. Ela sentiu que se encolhia, que estava sufocada e esvaziada de todo poder e valor. Lançou para o diretor um olhar que era na realidade um grito de socorro; e esse olhar, de alguma maneira inexplicável, revelou que ele era, como ela, um objeto muito pequeno. A sala inteira era um lugar diminuto, uma toca de camundongo, e parecia estar inclinada para um lado, como se o esplendor e a massa insuportável dessa enormidade amorfa, ao se aproximar, a tivessem tirado do prumo. Ela ouviu a voz do diretor.

– Depressa – disse ele, delicadamente. – A senhora precisa me deixar agora. Este não é um lugar para nós, os pequenos, mas eu estou acostumado. Vá!



Quando deixou o povoado de St. Anne's, no alto do monte, e desceu até a estação, Jane descobriu que, mesmo ali embaixo, o nevoeiro tinha começado a se dissipar. Buracos imensos tinham se aberto nele; e, enquanto a levava em frente, o trem passou muitas vezes por ilhas do sol da tarde.

Durante essa viagem, ela estava tão dividida contra si mesma que seria possível dizer que havia três, se não quatro, Janes na cabine.

A primeira era uma Jane simplesmente receptiva ao diretor, relembando cada palavra e cada olhar, e se deliciando com eles – uma Jane apanhada totalmente desprevenida, sacudida de dentro do seu modesto capital de ideias contemporâneas, que até aquele momento constituía sua porção de sabedoria, e arrastada pela enxurrada de uma experiência que não compreendia e não conseguia controlar. Pois ela estava tentando controlá-la; essa era a função da segunda Jane. Essa segunda Jane encarava a primeira com repulsa, na verdade como o tipo de mulher que ela sempre tinha desprezado especificamente. Uma vez, saindo de um cinema, Jane ouviu uma pequena balconista dizer para uma amiga: “Ai, ele não era lindo? Se tivesse olhado para mim como olhou para ela,



eu o teria seguido até o fim do mundo.” Uma mocinha de mau gosto, maquiada, chupando uma bala de menta. Talvez a segunda Jane não estivesse certa em equiparar a primeira Jane a essa mocinha, mas foi o que ela fez. E ela a considerou intolerável. Ter se entregado, incondicionalmente, à mera voz e ao olhar daquele desconhecido, ter abandonado (sem perceber) aquele pequeno controle rígido sobre o próprio destino, aquela reserva permanente, que ela considerava essencial para sua condição de pessoa adulta, integrada, inteligente... tudo isso era absolutamente degradante, vulgar, selvagem.

A terceira Jane era uma visita nova e inesperada. Da primeira havia traços na sua meninice; e a segunda era a que Jane considerava seu eu “real” ou normal. Mas a terceira, essa Jane moral, era uma de cuja existência ela jamais suspeitara. Surgida de alguma região desconhecida de dignidade ou hereditariedade, ela pronunciava todos os tipos de coisas que Jane muitas vezes ouvia, mas que nunca, até aquele momento, tinham parecido ter ligação com a vida real. Se ela simplesmente tivesse lhe dito que seus sentimentos para com o diretor eram errados, Jane não teria se surpreendido muito, e a teria descartado como a voz da tradição. Entretanto, ela não o fez. Ela não parava de culpá-la por não ter sentimentos semelhantes por Mark. Essa Jane não parava de tentar impor à sua mente aqueles novos sentimentos para com Mark, sentimentos de culpa e pena, que ela experimentara pela primeira vez na sala do diretor. Fora Mark quem cometera o erro fatal. Ela precisava, precisava ser “boa” com Mark. Era óbvio que o diretor insistia nisso. No exato instante em que sua mente estava mais ocupada com outro homem, surgia, nublada por alguma emoção indefinida, uma resolução de dar a Mark muito mais do que jamais lhe dera antes, e uma sensação de que, ao fazê-lo, ela realmente estaria fazendo a doação ao diretor. E isso produzia nela tamanha confusão de sensações que todo o debate íntimo se tornou indistinto e transbordou para dentro da experiência maior da quarta Jane, que era ela mesma e dominava todas as outras a cada momento sem esforço e até mesmo involuntariamente.

Essa quarta e suprema Jane estava simplesmente no estado de alegria. As outras três não tinham nenhum poder sobre ela, pois ela estava na esfera de Júpiter, em meio a luz, música e pompa festiva, repleta de vida e radiante de saúde, alegre e vestida em trajes brilhantes. Ela praticamente não pensava nas sensações curiosas que precederam sua dispensa pelo diretor e tornaram aquela despedida quase um alívio. Quando o fez, essa tentativa de pronto levou seus pensamentos de volta para o diretor. Qualquer coisa em que ela tentasse pensar levava ao diretor e, nele, à alegria. Pelas janelas do trem, ela via os raios

delineados de sol se derramando sobre restolhos ou bosques lustrosos e sentiu que eles eram como as notas de uma trombeta. Seu olhar pousava nos coelhos e vacas à medida que passavam velozes e os abraçava no coração com um amor feliz, natalino. Ela se deliciava com uma ou outra palavra do único velhote encarquilhado que dividia a cabine com ela e via, como nunca antes, a beleza da sua mente velha, astuta e ensolarada, doce como uma noz e inglesa como uma colina de greda. Com surpresa ela refletiu sobre como fazia tempo desde que a música desempenhara algum papel na sua vida e tomou a decisão de escutar muitas peças para coral de Bach no gramofone naquela noite. Ou então, talvez, ela lesse um monte de sonetos de Shakespeare. Ela também se alegrava com sua fome e sede e resolveu que faria torradas amanteigadas para o chá – uma boa quantidade de torradas amanteigadas. E se regozijava igualmente na consciência da própria beleza. Pois tinha a sensação (que na realidade pode ter sido falsa, mas nada tinha que ver com vaidade) de que sua beleza estava aumentando e se expandindo como uma flor mágica, a cada minuto que se passava. Com semelhante disposição de ânimo, foi apenas natural que, depois que o velho camponês saltou em Cure Hardy, ela se levantasse para se olhar no espelho que devolvia sua imagem na parede da cabine. Sem dúvida, ela estava com boa aparência: estava com uma aparência extraordinariamente boa. E, mais uma vez, nisso havia pouca vaidade. Porque a beleza era feita para os outros. Sua beleza pertencia ao diretor. Pertencia-lhe de modo tão completo que ele poderia até mesmo decidir não ficar com ela para si mesmo, mas ordenar que ela fosse dada a outro, por um ato de obediência inferior, e portanto superior, mais incondicional e portanto mais prazeroso, do que se ele a tivesse exigido para si.

Quando o trem entrou na estação de Edgestow, Jane estava naquele instante decidindo que não tentaria pegar um ônibus. Ia apreciar a caminhada de subida até Sandown. E então – mas o que estava acontecendo ali, afinal? A plataforma, geralmente quase deserta àquela hora, parecia uma plataforma de Londres em dia de feriado bancário. “Pronto, companheiro!”, gritou uma voz quando ela abriu a porta, e meia dúzia de homens invadiram seu vagão com tanta grosseria que, por um instante, ela não conseguiu saltar. Ela enfrentou dificuldade para atravessar a plataforma. As pessoas pareciam estar indo em todas as direções ao mesmo tempo: pessoas raivosas, rudes e nervosas. “Volte para dentro do trem, depressa!”, gritou alguém. “Se não vai viajar, saia da estação”, berrou outra voz. “Diacho, o que está acontecendo?”, perguntou um terceiro ao seu lado, e então veio uma voz de mulher: “Ai, meu Deus, ai, meu Deus! Por que eles não *param* com isso?!” E de lá de fora, para lá da estação, vinha um ronco fortíssimo como

o barulho de uma multidão no futebol. Também parecia haver um monte de luzes pouco familiares por ali.



Horas mais tarde, machucada, apavorada e exausta, Jane descobriu-se numa rua que nem mesmo conhecia, cercada por policiais do Inec e algumas policiais femininas, as Fiafs. Seu percurso se assemelhava ao de uma pessoa tentando alcançar sua casa ao longo de uma praia quando a maré está subindo. Ela tinha sido afastada do seu trajeto natural por Warwick Street – eles estavam saqueando lojas e acendendo fogueiras lá –, forçada a descrever um círculo muito mais amplo, lá pelos lados do hospício, o que teria acabado por levá-la à sua casa. E então até mesmo esse círculo mais amplo se revelou impraticável, pela mesma razão. Por isso Jane foi forçada a tentar uma volta ainda mais longa; e a cada vez a maré chegava antes dela. Por fim, ela viu Bone Lane, reta, vazia e quieta, aparentemente sua última chance de chegar à casa naquela noite. Dois policiais do Inec – parecia que se podiam encontrá-los por toda parte, exceto onde os tumultos fossem mais violentos – gritaram: “Você não pode ir por aí, moça.” Mas, como eles lhe deram as costas, e o lugar era escuro, e ela estava desesperada, Jane seguiu por ali em disparada. Eles a apanharam. E foi assim que ela se descobriu sendo levada para uma sala iluminada e interrogada por uma mulher de uniforme, com o cabelo grisalho curto, o rosto quadrado e um charuto apagado. A sala estava em desordem, como se uma residência tivesse de repente sido transformada à força numa delegacia provisória. A mulher do charuto não demonstrou nenhum interesse especial até Jane informar seu nome. Nesse momento a senhorita Hardcastle encarou-a pela primeira vez. E Jane teve uma sensação totalmente nova. Estava cansada e assustada, mas aquilo ali era diferente. O rosto da outra mulher afetou-a como o rosto de alguns homens – homens gordos, com pequenos olhos gananciosos e sorrisos estranhos e inquietantes – a afetava quando ela era adolescente. Era um rosto tremendamente calmo e ainda assim tremendamente interessado nela. E Jane viu que alguma ideia totalmente nova ocorria à mulher à medida que a contemplava: alguma ideia que a mulher considerava sedutora e depois tentava pôr de lado, para voltar a brincar com ela e, por fim, com um pequeno suspiro de contentamento, a aceitar. A senhorita Hardcastle acendeu o charuto e soprou uma nuvem de fumaça na direção dela. Se Jane soubesse como era raro que a

senhorita Hardcastle de fato fumasse, teria se sentido mais alarmada. Os policiais e as policiais que a cercavam provavelmente se sentiram. Toda a atmosfera da sala ficou um pouco diferente.

– Jane Studdock – disse a Fada. – Sei de tudo a seu respeito, meu bem. Você deve ser a mulher de meu amigo Mark – Enquanto falava, ela escrevia alguma coisa num formulário verde. – *Tudo certo* – disse a senhorita Hardcastle. – Você vai poder ver o maridinho de novo agora. Nós vamos levá-la para Belbury esta noite mesmo. Agora, só uma pergunta, querida. O que você estava fazendo aqui embaixo a uma hora dessas da noite?

– Eu tinha acabado de saltar de um trem.

– E de onde você estava vindo, meu bem?

Jane nada disse.

– Você não estava fazendo travessuras enquanto o maridinho estava fora, certo?

– Quer fazer o favor de me liberar? – disse Jane. – Quero ir para casa. Estou muito cansada, e é muito tarde.

– Mas você não vai para casa – disse a senhorita Hardcastle. – Você está indo para Belbury.

– Meu marido não me disse nada a respeito de eu ir lhe fazer companhia lá. A senhorita Hardcastle fez que sim.

– Esse foi um dos erros dele. Mas você vem *conosco*.

– Como assim?

– É uma detenção, meu bem – disse a senhorita Hardcastle, exibindo o pedaço de papel verde no qual estivera escrevendo. Aos olhos de Jane ele tinha a mesma aparência de todos os formulários oficiais: um monte de compartimentos, alguns vazios, alguns cheios por uma letra de forma pequena, alguns rabiscados com assinaturas a lápis, e um mostrando seu próprio nome. Todos sem sentido.

– Ai! – berrou Jane, de repente dominada por uma sensação de pesadelo. Ela tentou correr para a porta, mas é claro que não chegou a alcançá-la. Dai a um instante ela voltou a si e se descobriu contida por duas policiais.

– Que temperamento rebelde! – disse a senhorita Hardcastle, em tom brincalhão. – Mas nós vamos tirar daqui de dentro os homens desagradáveis, está bem? – Ela disse alguma coisa, e os policiais saíram, fechando a porta depois de passarem. Assim que eles se foram, Jane sentiu que uma proteção lhe tinha sido

retirada.

– Bem – disse a senhorita Hardcastle, dirigindo-se às duas moças uniformizadas. – Vejamos. Quinze para uma... e tudo indo muito bem. Acho, Daisy, que podemos nos permitir relaxar um pouco. Cuidado, Kitty, aperte só um pouco mais sua mão por baixo do ombro dela. Assim. – Enquanto falava, a senhorita Hardcastle estava desafivelando o cinto e, quando terminou, tirou sua túnica e a jogou no sofá, revelando um torso enorme, desprovido de espartilho (como Bill Nevasca tinha se queixado), repulsivo, flácido e coberto precariamente: algo que Rubens poderia ter pintado num delírio. Então retomou seu lugar, tirou o charuto da boca, soprou mais uma nuvem na direção de Jane e disse:

– Aonde você tinha ido naquele trem? – perguntou.

E Jane não disse nada, em parte porque não conseguia falar, e em parte porque agora sabia, sem dúvida alguma, que aqueles eram os inimigos da espécie humana contra os quais o diretor estava lutando, e não se devia dizer nada a eles. Ela não se sentiu heroica ao tomar essa decisão. Toda a cena estava se tornando irreal para ela; e foi como que entre o sono e a vigília que Jane ouviu a senhorita Hardcastle falar:

– Kitty, querida, acho melhor você e Daisy a trazerem aqui para perto. – E ainda foi meio irreal quando as duas mulheres a forçaram a dar a volta para o outro lado da mesa e ela viu a senhorita Hardcastle sentada com as pernas bem abertas e se acomodando na cadeira como se estivesse na sela; pernas compridas, cobertas de couro, projetando-se da saia curta. As mulheres a forçavam a avançar, com um aumento tranquilo, hábil, da pressão, sempre que Jane resistia, até ela estar parada entre os pés da senhorita Hardcastle, e foi nesse instante que a senhorita Hardcastle juntou seus pés, de tal modo que os tornozelos de Jane ficaram imobilizados entre os dela. Essa proximidade com a ogra provocou tamanho horror que não lhe restaram temores pelo que poderiam vir a fazer com ela. E, pelo que lhe pareceu um tempo interminável, a senhorita Hardcastle olhou fixamente para ela, sorrindo um pouco e soprando fumaça no seu rosto.

– Sabe – disse por fim a senhorita Hardcastle –, você até que é bem bonitinha a seu modo.

Fez-se mais silêncio.

– Aonde você tinha ido naquele trem? – insistiu.

E Jane olhava fixamente como se seus olhos fossem sair da cabeça, e não

dizia nada. Foi então que de repente a senhorita Hardcastle se inclinou para a frente e, depois de virar com muito cuidado a gola do vestido de Jane, pressionou a ponta acesa do charuto no seu ombro. Depois disso, houve mais uma pausa e mais um silêncio.

– Aonde você tinha ido naquele trem? – perguntou a senhorita Hardcastle.

Quantas vezes isso aconteceu, Jane nunca pôde se lembrar. Mas, de uma forma ou de outra, houve um momento em que a senhorita Hardcastle estava falando não com ela, mas com uma das mulheres.

– Com o que você está alvoroçada, Daisy? – dizia ela.

– Eu só estava dizendo, senhora, que já é uma e cinco.

– Como o tempo voa, não é, Daisy? Mas e daí? Não está bom para você, Daisy? Você não está ficando cansada de segurar uma coisinha minúscula como ela?

– Não, senhora, obrigada. Mas a senhora disse que ia se encontrar com o capitão O'Hara à uma em ponto.

– Capitão O'Hara? – disse a senhorita Hardcastle, meio em devaneio de início, e depois mais alto, como alguém despertando de um sonho. No instante seguinte, ela já tinha se posto de pé de um salto e estava vestindo a túnica. – Não dá para acreditar! – disse ela. – Que par de patetas vocês são! Por que não me lembraram antes?

– Bem, senhora, não me agradava exatamente a ideia.

– Agradava! Para que você acha que serve?

– Às vezes a senhora não gosta que a gente interrompa, quando está inquirindo – disse a garota, amuada.

– Não discuta! – gritou a senhorita Hardcastle, girando e dando no seu rosto uma sonora bofetada. – Depressa. Ponham a prisioneira no carro. Não percam tempo abotoando o vestido dela, suas idiotas. Vou atrás assim que molhar meu rosto com água fria.

Alguns segundos depois, presa entre Daisy e Kitty, mas ainda perto da senhorita Hardcastle (parecia haver lugar para cinco no banco traseiro do carro), Jane descobriu-se deslizando pela escuridão.

– Melhor passar o mínimo possível pela cidade, Joe – disse a voz da senhorita Hardcastle. – A esta altura, deve estar tudo bem animado. Siga na direção do hospício e procure sair pelas ruelas dos fundos do pátio. – Parecia haver todos os tipos de luzes e barulhos estranhos ao redor. Em alguns lugares, também, parecia

haver enorme quantidade de gente. Veio então um momento em que Jane percebeu que o carro tinha parado. – Inferno! Para que você está parando? – perguntou a senhorita Hardcastle. Por um segundo ou dois, nada se ouviu do motorista, além de resmungos e o ruído de tentativas malsucedidas para ligar o motor. – Qual é o problema? – insistiu a senhorita Hardcastle, em tom cortante.

– Não sei, não, senhora – respondeu o motorista, continuando a tentar.

– Meu Deus! – protestou a senhorita Hardcastle. – Será que você não consegue nem cuidar de um carro? Até mesmo alguns de vocês estão precisando de um pouco de tratamento humanitário corretivo. – A rua em que se encontravam estava deserta, todavia, a julgar pelo barulho, ali perto havia alguma outra rua muito cheia e muito turbulenta. O homem saltou do carro, xingando entre dentes, e abriu o capô. – Aqui – disse a senhorita Hardcastle. – Vocês dois saltem. Procurem outro carro por aqui. Em qualquer lugar num raio de cinco minutos a pé. Confisquem o carro. Se não encontrarem um, estejam aqui de volta em dez minutos, haja o que houver. Rápido. – Os outros dois policiais desceram do carro e desapareceram apressados. A senhorita Hardcastle continuou a despejar impropérios sobre o motorista, e o motorista continuou a trabalhar no motor. O barulho aumentou. De repente, o motorista empertigou-se e virou o rosto (Jane viu o suor brilhando à luz da rua) para a senhorita Hardcastle.

– Olhe aqui, dona – disse ele. – Já chega, entendeu? Trate de controlar essa sua língua, ou venha consertar a droga do carro sozinha, já que é tão esperta.

– Nem tente esse tipo de atitude comigo, Joe – disse a senhorita Hardcastle –, ou você vai me ver dando uma palavrinha a seu respeito para a polícia comum.

– E daí se fizer isso? – disse Joe. – Estou começando a achar que é indiferente eu estar na cadeia ou participando nessa sua brincadeirinha de merda. Verdade! Estive na polícia militar, estive na polícia irlandesa e na União Fascista Britânica, mas todos eles eram moleza em comparação com vocês. Lá qualquer um recebia um tratamento razoável. E seus superiores eram homens, não um monte de velhotas.

– É, Joe – disse a senhorita Hardcastle –, mas desta vez não seria cadeia para você, se eu passar a informação para a polícia comum.

– Ah, não seria, não é mesmo? Eu também talvez tenha uma história ou duas para contar a seu respeito, se chegássemos a esse ponto.

– Pelo amor de Deus, fale com ele com cortesia, senhora – lamuriou-se Kitty. – Eles estão chegando. Não temos como escapar. – E de fato homens

correndo, em grupos de dois e três, tinham começado a se infiltrar na rua.

– Vamos andando, meninas – disse a senhorita Hardcastle. – Depressa. Por aqui.

Jane descobriu-se arrastada do carro e levada às pressas entre Daisy e Kitty. Hardcastle ia na frente. O pequeno grupo atravessou correndo a rua e subiu por um beco do outro lado.

– Alguma de vocês conhece o caminho por aqui? – perguntou a senhorita Hardcastle, depois que tinham dado alguns passos.

– Não sei, não, senhora – disse Daisy.

– Eu também não conheço nada por aqui, senhora – disse Kitty.

– Que bela ajuda vocês me dão – disse a senhorita Hardcastle. – Tem alguma coisa que vocês saibam?

– Parece que acaba logo ali, senhora – disse Kitty.

O beco tinha de fato se revelado ser sem saída. A senhorita Hardcastle ficou parada um instante. Ao contrário de suas subordinadas, ela não aparentava estar apavorada, apenas agradavelmente empolgada e se divertindo bastante com o rosto pálido e a voz trêmula das meninas.

– Bem – disse ela –, isso é o que costumam chamar de uma noitada. Isso é a vida, Daisy, está vendo? Será que uma dessas casas está vazia? De qualquer maneira, todas devem estar trancadas. Talvez o melhor seja ficarmos onde estamos.

A gritaria na rua da qual tinham saído aumentou, e elas puderam ver uma multidão confusa que se avolumava mais ou menos para o lado oeste. De repente, a algazarra cresceu ainda mais e se tornou mais furiosa.

– Pegaram Joe – disse a senhorita Hardcastle. – Se ele conseguir se fazer ouvir, vai mandar todos para cá. Inferno! Isso significa perder a prisioneira. Pare de choramingar, Daisy, sua pateta. Rápido. Precisamos entrar na multidão, cada uma por si. Temos uma chance muito boa de sair dessa. Não percam o controle. Não atirem, de modo algum. Procurem chegar a Billingham, na encruzilhada. Tchau, benzinho! Quanto mais calada você ficar, menos provável que nos encontremos de novo.

A senhorita Hardcastle partiu de imediato. Jane viu-a parada por alguns segundos à beira da multidão e depois desaparecer no meio dela. As duas moças hesitaram e então a acompanharam. Jane sentou-se na soleira de uma porta. As queimaduras doíam nos lugares onde o vestido roçava, porém sua principal perturbação era o cansaço extremo. Ela também estava morrendo de frio e se



sentia um pouco enjoada. Mas, acima de tudo, estava cansada; tão cansada que poderia adormecer ali mesmo, quase...

Ela se sacudiu. À sua volta o silêncio era total. Estava com mais frio do que jamais tinha sentido, e seus membros doíam. “Acho que dormi”, pensou. Ela se levantou, espreguiçou-se e desceu pelo beco desolado, iluminado por postes, até chegar à rua maior. Estava totalmente vazia, salvo por um homem de uniforme da ferrovia que disse “Bom dia, moça”, enquanto passava, com desenvoltura. Ela ficou parada um instante, indecisa, e depois começou a caminhar devagar para a direita. Enfiou a mão no bolso do casaco que Daisy e Kitty jogaram sobre seus ombros antes de sair do apartamento e encontrou três quartos de uma grande barra de chocolate. Estava esfomeada e começou a comê-la. Exatamente quando terminou, um carro passou por ela e parou logo depois.

– Tudo bem com você? – disse um homem, pondo a cabeça para fora do carro.

– Você se machucou no tumulto? – perguntou uma voz de mulher lá de dentro.

– Não... não muito. Eu não sei – disse Jane, apalermada. O homem olhou espantado e então saltou do carro.

– Ouça – disse ele –, você não parece estar muito bem. Tem certeza de que está bem? – Ele então se voltou e falou com a mulher lá dentro. Parecia que fazia tanto tempo desde que ouvira vozes gentis, ou mesmo mentalmente sãs, que Jane teve vontade de chorar. O casal desconhecido fez que se sentasse no carro, deulhe conhaque e depois sanduíches. Por fim, eles perguntaram se podiam lhe dar uma carona para casa. Onde era sua casa? E Jane, um pouco para sua surpresa, ouviu a própria voz, muito sonolenta, responder:

– O Solar, em St. Anne’s.

– Ótimo – disse o homem. – Estamos indo a Birmingham e temos de passar por lá.

Jane voltou a adormecer, e só acordou para se descobrir entrando num portal iluminado, sendo recebida por uma mulher de pijama e sobretudo, que se revelou ser a senhora Maggs. No entanto, estava cansada demais para se lembrar de como conseguiu chegar à cama.



## Luar sobre Belbury

– Sou a última pessoa, senhorita Hardcastle – disse o vice-diretor –, a querer me intrrometer nos seus... hum... prazeres pessoais. Mas, convenhamos...!

Ainda faltavam algumas horas para o desjejum, e o velho senhor estava totalmente vestido e com a barba por fazer. Contudo, se tinha passado em claro a noite inteira, era estranho que tivesse deixado o fogo se apagar. Ele e a Fada estavam em pé diante de uma lareira fria e enegrecida no seu escritório.

– Ela não pode estar longe – disse a Fada Hardcastle. – Vamos apanhá-la em qualquer outra ocasião. Valeu a pena tentar. Se eu tivesse conseguido tirar dela a informação de onde tinha estado, e eu a teria obtido se tivesse tido mais alguns minutos, ora... essa informação poderia ter revelado o quartel-general do inimigo. Poderíamos ter apanhado a gangue inteira.

– A ocasião dificilmente poderia ser adequada... – começou Wither, mas ela o interrompeu.

– Não temos tanto tempo para perder, sabe? Você me diz que Frost já está se queixando de que a mente da mulher está menos acessível. E, de acordo com sua própria metapsicologia, ou seja lá como você chama isso nesse seu maldito jargão, isso significa que ela está caindo sob a influência do outro lado. Você mesmo me disse! Em que situação vamos ficar se vocês perderem contato com a mente dela antes que eu consiga trancar seu corpo aqui?

– É claro – disse Wither – que estou sempre mais do que disposto e, hum, interessado em ouvi-la expressar suas opiniões e nem por um instante negaria que elas (sob certos aspectos, naturalmente, se não sob todos) tenham um valor muito real. Por outro lado, há questões a respeito das quais sua... ah... experiência necessariamente especializada não a qualifica para... Não se cogitava fazer uma detenção a esta altura. Receio que o Cabeça considere que você ultrapassou sua autoridade, intrometeu-se numa seara que não é a sua, senhorita Hardcastle. Não estou dizendo que eu necessariamente concorde com ele. Mas *todos* devemos estar de acordo quanto a ações não autorizadas...

– Ora, Wither, pare com isso! – disse a Fada, sentando-se no lado da mesa. –

Tente esse tipo de jogo com os Steeles e os Stones. Eu o conheço bem demais. De nada adianta tentar o lance da elasticidade pra cima de mim. Foi uma oportunidade de ouro eu deparar com a garota. Se eu não a tivesse aproveitado, vocês teriam falado em falta de iniciativa. Como eu aproveitei, vocês falam em abuso de autoridade. Vocês não têm como me assustar. Sei muito bem que todos nós estaremos perdidos se o Inec fracassar. E, enquanto isso, eu gostaria de vê-los se virar sem mim. Precisamos pegar a garota, não é mesmo?

– Mas não através de uma prisão. Nós sempre condenamos qualquer coisa que se assemelhe à violência. Se uma mera detenção pudesse ter garantido a, hum, boa vontade e a colaboração da senhora Studdock, nós dificilmente teríamos nos estorvado com a presença do marido. E mesmo supondo (meramente, é claro, para os fins da argumentação) que sua ação ao detê-la pudesse ter sido justificada, receio que sua condução do caso daquele momento em diante esteja aberta a sérias críticas.

– Eu não podia adivinhar que a droga do carro fosse enguiçar, podia?

– Creio – disse Wither – que não se poderia induzir o Cabeça a considerar que esse tenha sido o único erro. Assim que se desenvolveu a mais leve resistência por parte dessa mulher, na minha opinião, não foi razoável esperar o sucesso por meio do método que você aplicou. Como você tem conhecimento, eu sempre condeno qualquer coisa que não seja humanitária. Mas essa posição é perfeitamente coerente com a de que, se for necessário recorrer a expedientes mais drásticos, eles deverão ser usados de maneira meticulosa. Uma dor *moderada*, como a que qualquer nível normal de resistência pode suportar, é sempre um erro. Não é nenhuma generosidade real para com o prisioneiro. As instalações mais científicas e, se me permite, mais civilizadas para o interrogatório coercitivo que pusemos à sua disposição aqui poderiam ter tido êxito. Não estou falando em caráter oficial, senhorita Hardcastle, e em nenhum sentido eu tentaria prever as reações do nosso Cabeça. Mas não estaria cumprindo meu dever se deixasse de lembrá-la de que queixas desse teor já foram feitas (embora, naturalmente, não tenham sido registradas por escrito) no que diz respeito à sua tendência a permitir que certa... hum... empolgação emocional pelo aspecto disciplinar ou corretivo do seu trabalho a distraia das exigências programáticas.

– Você não encontrará ninguém que consiga realizar um trabalho como o meu, se não sentir algum prazer nele – disse a Fada, emburrada.

O vice-diretor olhou para seu relógio.

– Seja como for – disse a Fada –, para que o Cabeça quer me ver *agora*? Passei em pé esta noite inteira. Bem que podiam me permitir um banho e um desjejum.

– A trilha do dever, senhorita Hardcastle – disse Wither –, jamais poderá ser fácil. Você não deve se esquecer de que a pontualidade é um dos aspectos que costumam ser ressaltados.

A senhorita Hardcastle levantou-se e esfregou o rosto com as mãos.

– Bem, preciso beber alguma coisa antes de entrar – disse ela. Wither abriu as mãos em reprovação. – Ora, vamos, Wither. Eu *preciso* – disse a senhorita Hardcastle.

– Você acha que ele não vai sentir o cheiro? – perguntou Wither.

– Seja como for, não vou entrar sem ter bebido – disse ela.

O velho destrancou seu armário e lhe deu uísque. Depois os dois deixaram o escritório e seguiram por um longo caminho, direto até a outra extremidade da casa, onde ela se unia aos verdadeiros escritórios das Transfusões de Sangue. Estava uma escuridão total àquela hora da manhã, e eles avançavam à luz da lanterna da senhorita Hardcastle – por corredores acarpetados e providos de quadros para entrar em corredores nus, com pisos emborrachados e paredes caiadas, para então passar por uma porta que tiveram de destrancar e depois por mais uma. Todo o tempo, os pés calçados de botas da senhorita Hardcastle faziam barulho, mas os chinelos nos pés do vice-diretor não emitiam o menor ruído. Por fim, chegaram a um lugar onde as luzes estavam acesas e havia uma mistura de cheiros químicos e de animais; e na sequência, a uma porta que foi aberta para eles, após terem falado através de um tubo acústico. Filostrato, usando jaleco branco, confrontou-os à porta.

– Entrem – disse Filostrato. – Ele espera vocês há algum tempo.

– A coisa está de mau humor? – perguntou a senhorita Hardcastle.

– Sssh – fez Wither. – E, seja como for, minha cara, creio que essa não é bem a forma com a qual deveríamos nos referir a nosso Cabeça. Seus sofrimentos... nessa sua condição peculiar, sabe?

– Vocês devem entrar imediatamente – disse Filostrato –, assim que estiverem preparados.

– Parem. Um instante – disse a senhorita Hardcastle de repente.

– Que foi? Não se demore, por favor – disse Filostrato.

– Estou passando mal.

– Você não pode passar mal aqui. Volte. Vou lhe dar um pouco de X54 de uma vez.

– Já está tudo bem – disse a senhorita Hardcastle. – Foi só por um instante. Seria preciso mais do que isso para me perturbar.

– Silêncio, por favor – disse o italiano. – Não tentem abrir a segunda porta antes que meu assistente tenha fechado a primeira atrás de vocês. Não falem mais do que o mínimo possível. Nem mesmo digam sim quando receberem uma ordem. O Cabeça sempre pressupõe sua obediência. Não façam movimentos súbitos, não se aproximem demais, não gritem e, acima de tudo, não discutam. Pronto.



Muito depois do amanhecer, entrou na mente adormecida de Jane uma sensação que, se ela a houvesse posto em palavras, teria entoado “Regozija-te, adormecida, e abandona tua dor. Sou o portal para todas as boas aventuras.” E, depois que ela acordou e se descobriu deitada numa gostosa languidez com o sol da manhã de inverno caindo de um lado a outro da sua cama, a disposição de espírito prosseguiu. “Ele *tem* de me deixar ficar aqui agora”, pensou ela. Passado algum tempo, a senhora Maggs entrou, acendeu a lareira e trouxe o café da manhã. Jane encolheu-se de dor quando se sentou na cama, pois algumas queimaduras grudaram na estranha camisola (grande demais para ela) que estava usando. Havia uma diferença indefinível no comportamento da senhora Maggs.

– É tão bom nós duas estarmos aqui, não é, senhora Studdock? – disse ela, e de algum modo o tom pareceu sugerir uma relação mais íntima do que a que Jane tinha visualizado entre elas. Mas estava com preguiça demais para refletir muito sobre isso. Pouco depois do desjejum, a senhorita Ironwood chegou. Ela examinou as queimaduras, que não eram sérias, e fez curativos.

– Senhora Studdock, se quiser, pode se levantar mais tarde – disse ela. – Eu simplesmente tiraria um dia tranquilo até depois do almoço. O que gostaria de ler? Temos uma biblioteca bastante grande.

– Eu gostaria dos livros com *Curdie*, por favor – disse Jane –, *Mansfield Park* e os *Sonetos* de Shakespeare. – E assim, tendo providenciado material para algumas horas de leitura, ela voltou a adormecer, com todo o conforto.

Quando a senhora Maggs deu uma olhada por volta das quatro da tarde para ver se ela estava acordada, Jane disse que gostaria de se levantar.

– Tudo bem, senhora Studdock – disse a senhora Maggs –, como queira. Vou lhe trazer uma boa xícara de chá num minuto e depois preparo o banheiro para a senhora. Tem um banheiro quase aqui ao lado, só que vou precisar tirar de lá o senhor Bultitude. Ele é muito preguiçoso e *resolve* entrar e ficar sentado ali dentro o dia inteiro quando faz frio.

No entanto, assim que a senhora Maggs se foi, Jane decidiu se levantar. Ela achava que seu traquejo social estava perfeitamente à altura de lidar com o excêntrico senhor Bultitude e não queria perder mais tempo na cama. Sua impressão era de que, assim que “voltasse ao normal”, todos os tipos de coisas agradáveis e interessantes poderiam ocorrer. Vestiu, portanto, o casaco, pegou sua toalha e avançou para explorar o ambiente. E foi por isso que a senhora Maggs, enquanto subia a escada com o chá um instante depois, ouviu um grito reprimido e viu Jane sair do banheiro com o rosto descorado, batendo a porta com força atrás de si.

– Ai, meu Deus! – exclamou a senhora Maggs, caindo na risada. – Eu deveria ter lhe dito. Não importa. Já vou tirá-lo daí de dentro. – Ela pôs a bandeja no chão do corredor e se virou para o banheiro.

– Não é perigoso? – perguntou Jane.

– Ah, não, ele *não* é perigoso, mesmo – respondeu a senhora Maggs. – Só que não é tão fácil tirá-lo do lugar. Não para a senhora, ou para mim, senhora Studdock. É claro que se fosse a senhorita Ironwood ou o diretor, o assunto seria bem diferente. – Assim dizendo, ela abriu a porta do banheiro. Ali dentro, agachado ao lado da banheira e ocupando a maior parte do cômodo, estava um urso-pardo enorme, de pele solta e barriga protuberante, que fungava e arquejava; e que, depois de muitas repreensões, apelos, exortações, empurrões e golpes da senhora Maggs, conseguiu levantar com esforço seu volume enorme e saiu muito devagar para o corredor.

– Por que você não vai lá fora fazer um pouco de exercício nesta bela tarde, seu preguiçoso? – disse a senhora Maggs. – Deveria ter vergonha de ficar por aí sentado, atrapalhando todo o mundo. Não tenha medo, senhora Studdock. Ele é manso como ele só. E vai deixar a senhora lhe fazer um carinho. Vamos, senhor Bultitude. Vá cumprimentar a senhora!

Jane estendeu uma mão hesitante e pouco convincente para tocar no dorso do animal, mas o senhor Bultitude estava amuado e, sem olhar para Jane, continuou

andando devagar pelo corredor até um ponto a uns dez metros dali, onde se sentou totalmente de repente. Os objetos do chá chocalharam aos pés de Jane, e todos no andar inferior devem ter notado que o senhor Bultitude havia se sentado.

– É realmente seguro ter uma criatura como essas dentro de casa? – disse Jane.

– Senhora Studdock – disse Ivy Maggs, com certa solenidade –, se o diretor quisesse ter um tigre na casa, seria seguro. É o jeito dele com os animais. Não existe uma criatura no lugar que atacaria outro animal ou que nos atacaria, depois que ele tenha tido uma conversinha com ela. A senhora vai ver.

– Se quiser fazer a gentileza de pôr o chá no meu quarto... – disse Jane com bastante frieza e entrou no banheiro.

– Pois não – disse a senhora Maggs, em pé no vão da porta. – A senhora poderia ter tomado seu banho com o senhor Bultitude aí sentado ao seu lado... se bem que ele é tão grande e tão humano que de algum modo eu mesma acho que não seria certo.

Jane fez menção de fechar a porta.

– Bem, vou deixá-la à vontade, então – disse a senhora Maggs sem se mexer.

– Obrigada – disse Jane.

– Tem certeza de que a senhora está com tudo de que precisa? – perguntou a senhora Maggs.

– Certeza absoluta – disse Jane.

– Bem, vou andando então – disse a senhora Maggs, virando-se como para ir embora, mas quase no mesmo instante voltando para dizer: – A senhora vai nos encontrar na cozinha, espero, Mamãe Dimble, eu e o resto.

– A senhora Dimble está hospedada na casa? – perguntou Jane, com leve ênfase no *senhora*.

– *Mamãe Dimble* é como todos nós a chamamos aqui – disse a senhora Maggs. – E tenho certeza de que ela não vai se importar se a senhora fizer o mesmo. A senhora vai se acostumar com nosso jeito de ser, em um dia ou dois, *tenho certeza*. No fundo, pensando bem, é uma casa engraçada. Bem. Vou indo então. Não se demore, ou não vai valer a pena tomar o chá. Mas eu diria que era melhor a senhora não tomar banho, não com essas feridas feias no ombro. Já está com tudo de que precisa?

Depois que se lavou, tomou o chá e se arrumou com todo o cuidado permitido por escovas desconhecidas e um espelho desconhecido, Jane saiu à procura dos

apostos habitados. Seguiu por um longo corredor, através daquele silêncio que não é exatamente igual a qualquer outro silêncio no mundo – o silêncio do andar superior, numa casa grande, numa tarde de inverno. Com o tempo, chegou a um lugar onde dois corredores se encontravam, e ali o silêncio era rompido por um ruído leve, irregular – *pá-pá-pá-pá*. Olhando para sua direita, ela viu a explicação, pois, onde o corredor terminava numa janela de sacada, estava o senhor Bultitude, dessa vez em pé nas patas traseiras, absorto, socando uma bola para treinamento de pugilismo. Jane escolheu o caminho da esquerda e alcançou uma galeria de onde olhou para uma escadaria que descia para um amplo salão, onde a luz do dia se misturava com a luz do fogo. No mesmo nível em que ela estava, mas com acesso apenas por meio da descida a um patamar e mais uma subida, viam-se as regiões sombrias que ela reconheceu como o caminho até os aposentos do diretor. Deles parecia emanar uma espécie de solenidade, e ela desceu para o salão, quase na ponta dos pés; e agora, pela primeira vez, sua lembrança daquela última e curiosa experiência na Sala Azul voltou-lhe com um peso que nem mesmo pensar no diretor conseguiu compensar. Quando ela chegou ao salão, viu de imediato onde deveriam ficar os fundos da casa: uma descida de dois degraus e um corredor pavimentado, passando por um lúcio empalhado num estojó de vidro, por um relógio de pé e depois, orientada pelas vozes e por outros sons, até a cozinha em si.

Uma lareira larga e aberta, com lenha queimando, iluminava o vulto confortável da senhora Dimble, que estava sentada numa poltrona de cozinha de um lado do fogo, aparentemente ocupada com a preparação de legumes, pela vasilha no seu colo e outras indicações numa mesa ao lado. A senhora Maggs e Camilla estavam fazendo alguma coisa num fogão. Parecia que o fogo da lareira não era usado para cozinhar. E no vão de uma porta que sem dúvida levava para a despensa, um homem alto de cabeça grisalha, que usava botas de borracha e parecia ter acabado de chegar do jardim, estava enxugando as mãos.

– Pode entrar, Jane – disse Mamãe Dimble, com cordialidade. – Não estamos contando com você para fazer nenhum serviço hoje. Venha se sentar aqui do outro lado do fogo para conversar comigo. Esse é o senhor MacPhee, que não tem nenhum motivo para estar aqui, mas acho melhor apresentá-lo a você.

O senhor MacPhee, após terminar o processo de secagem e pendurar cuidadosamente a toalha atrás da porta, avançou com bastante cerimônia e deu um aperto de mão em Jane. Sua mão era muito grande e de textura áspera, e ele tinha um rosto sagaz, de feições duras.

– É um grande prazer conhecê-la, senhora Studdock – disse ele, no que Jane



supôs ser um sotaque escocês, embora fosse o de um irlandês do Ulster.

– Não acredite numa palavra que ele diz, Jane – disse Mamãe Dimble. – Ele é seu principal inimigo nesta casa. Ele não acredita nos seus sonhos.

– Senhora Dimble! – disse MacPhee – Já lhe expliquei repetidas vezes a distinção entre uma sensação pessoal de confiança e uma satisfação lógica das exigências de comprovação. Uma é um fato psicológico...

– E a outra, uma amolação permanente – disse a senhora Dimble.

– Não dê atenção a ela, senhora Studdock – disse MacPhee. – Como eu estava dizendo, é um enorme prazer recebê-la entre nós. O fato de eu ter considerado ser meu dever, em diversas ocasiões, salientar que nenhum *experimentum crucis*<sup>5</sup> chegou a confirmar a hipótese de seus sonhos serem verídicos não tem absolutamente nenhuma conexão com minha atitude pessoal.

– Naturalmente – disse Jane, sem firmeza e um pouco confusa. – Tenho certeza de que o senhor tem direito a ter suas próprias opiniões.

Todas as mulheres riram quando MacPhee respondeu num tom um pouco mais alto.

– Senhora Studdock, eu não tenho *nenhuma* opinião a respeito de nenhum assunto neste mundo. Eu narro os fatos e indico as implicações. Se todos nos permitíssemos menos opiniões – palavra que ele pronunciava com uma aversão acentuada –, haveria menos tolice falada e impressa neste mundo.

– Eu sei quem fala mais nesta casa – disse a senhora Maggs, um pouco para surpresa de Jane. O homem do Ulster encarou-a com uma expressão inalterada, enquanto tirava do bolso uma pequena caixa de peltre e se servia de uma pitada de rapé. – Seja como for, o que está esperando? – disse a senhora Maggs. – Hoje é dia das mulheres na cozinha.

– Eu estava me perguntando – disse MacPhee – se vocês teriam uma xícara de chá reservada para mim.

– Então por que não veio na hora certa? – disse a senhora Maggs. Jane percebeu que ela falava com ele da mesma forma que usava para falar com o urso.

– Eu estava ocupado – disse o outro, sentando-se a uma cabeceira da mesa e acrescentando logo depois – chegando terra aos aipos. A mulherzinha faz o que pode, mas ela não tem muita ideia do que se precisa fazer numa horta.

– O que significa “dia das mulheres” na cozinha? – perguntou Jane a Mamãe Dimble.

– Não temos criados aqui – disse Mamãe Dimble –, e todos nós fazemos o serviço. As mulheres, num dia; os homens, no dia seguinte. Como? Não, é um arranjo muito razoável. A ideia do diretor é que homens e mulheres não conseguem fazer o trabalho doméstico juntos sem brigas. Ele tem alguma razão. É claro que não se pode olhar para as xícaras muito de perto no dia dos homens, mas no todo nos damos muito bem.

– Mas por que haveria brigas? – perguntou Jane.

– Métodos diferentes, minha cara. Os homens não sabem *ajudar* num serviço, sabe. Eles podem ser induzidos a fazê-lo: não a ajudar enquanto outros o realizam. No mínimo, eles ficam emburrados.

– A dificuldade fundamental – disse MacPhee – na colaboração entre os sexos é que as mulheres falam uma língua desprovida de substantivos. Se dois homens estão fazendo algum trabalho, um pode dizer ao outro: “Ponha essa tigela dentro da tigela maior, que você vai encontrar na prateleira do alto do armário verde.” O feminino para isso é “Ponha esta na outra ali dentro.” E então, quando se pergunta “dentro de onde?”, elas respondem “*ali* dentro, é claro”. Ocorre conseqüentemente um hiato fático. – Isso ele pronunciou de um modo que realçava cada sílaba.

– Pronto, aqui está seu chá – disse Ivy Maggs –, e eu vou buscar um pedaço de bolo, que é mais do que você merece. E depois de comer, você pode subir e falar a respeito de substantivos até a hora de dormir.

– Não é a *respeito* de substantivos; mas *por meio de* substantivos – disse MacPhee, mas a senhora Maggs já tinha saído da cozinha.

Jane aproveitou a ocasião para fazer um comentário em voz mais baixa para Mamãe Dimble.

– A senhora Maggs parece estar bastante à vontade aqui.

– Minha cara, ela *está* à vontade aqui.

– A senhora quer dizer como criada?

– Bem, não mais do que qualquer outra pessoa. Ela está aqui principalmente porque a expulsaram de casa. Ela não tinha outro lugar para onde ir.

– Quer dizer que ela é... um dos alvos da caridade do diretor.

– Isso sem a menor dúvida. Por que a pergunta?

– Bem... não sei. Pareceu mesmo um pouco estranho que ela a chamasse de Mamãe Dimble. Espero que eu não esteja sendo esnobe...

– Você se esquece de que Cecil e eu também somos alvos da caridade do

diretor.

– Isso não equivale a um jogo de palavras?

– Nem um pouco. Ivy, Cecil e eu estamos todos aqui porque fomos despejados de casa. Pelo menos Ivy e eu estamos. Pode ser bem diferente para Cecil.

– E o diretor sabe que a senhora Maggs fala com todo o mundo desse jeito?

– Minha criança, não me pergunte o que o diretor sabe.

– Acho que o que está me confundindo é que, quando estive com ele, ele me disse alguma coisa sobre a igualdade não ser o que de fato importa. Mas a casa parece ser administrada... bem... em termos realmente muito democráticos.

– Eu nunca tento entender o que ele diz sobre esse assunto – disse Mamãe Dimble. – Em geral ele está falando sobre hierarquia espiritual... e você nunca foi tola o suficiente para se acreditar superior a Ivy *em termos espirituais*... ou está falando sobre o casamento.

– A senhora entendeu a visão que ele tem do casamento?

– Minha querida, o diretor é um homem muito sábio. Mas ele *é* um homem, afinal de contas, e ainda por cima um homem solteiro. Parte do que ele diz, ou do que os Mestres dizem, sobre o casamento me parece muito estardalhaço sobre alguma coisa tão simples e natural que não deveria precisar que se dissesse nada a respeito. Mas suponho que haja mulheres jovens hoje em dia que realmente precisam ouvir o que ele diz.

– Estou vendo que a senhora não gosta muito das mulheres jovens que precisam ouvir o que ele diz.

– Bem, talvez eu esteja sendo injusta. As coisas eram mais fáceis para nós. Nós fomos criadas com histórias de final feliz e com o Livro de Orações. Nós sempre pretendemos amar, honrar e obedecer; e nós tínhamos silhuetas, usávamos anáguas e gostávamos de valsas...

– É tão gostoso dançar valsa – disse a senhora Maggs, que tinha acabado de voltar e dar a MacPhee sua fatia de bolo –, tão nostálgico.

Nesse instante, a porta se abriu e ouviu-se uma voz por trás dela.

– Bem, então entre de uma vez, se vai entrar mesmo. – Repreendida desse modo uma bela gralha entrou no recinto, saltitando, seguida em primeiro lugar pelo senhor Bultitude e em segundo por Arthur Denniston.

– Já lhe disse, Arthur – disse Ivy Maggs –, para não trazer esse urso aqui para dentro quando estamos preparando o jantar. – Enquanto ela falava, o senhor

Bultitude, que aparentava estar inseguro quanto à sua acolhida, atravessou a cozinha no que acreditou (equivocadamente) ser uma forma discreta e se sentou atrás da poltrona da senhora Dimble.

– O doutor Dimble acabou de voltar, Mamãe Dimble – disse Denniston. – Mas ele precisou ir direto à Sala Azul. E o diretor quer que você também vá para lá, MacPhee.



Naquele dia, Mark sentou-se para almoçar com ótima disposição. Todos relatavam que o tumulto tinha transcorrido de forma extremamente satisfatória, e ele tinha gostado de ler a descrição que fizera dele nos jornais matutinos. Gostou ainda mais quando ouviu Steele e Cosser conversando sobre o assunto de um modo que indicava que eles nem mesmo sabiam como o tumulto tinha sido maquinado, muito menos quem o tinha descrito nos jornais. E também tinha gostado da sua manhã. Ela havia envolvido uma conversa com Frost, a Fada e Wither em pessoa, acerca do futuro de Edgestow. Todos concordavam que o governo acompanharia a opinião quase unânime da nação (conforme manifestada nos jornais) e poria a cidade temporariamente sob o controle da Polícia Institucional. Era necessário nomear um governador de emergência para Edgestow. Feverstone era o nome óbvio. Como parlamentar, ele representava a nação; como pesquisador de Bracton, representava a universidade; como integrante do Instituto, representava o Inec. Todas as questões conflitantes que de outra maneira poderiam ter entrado em choque eram conciliadas na pessoa de lorde Feverstone. Os artigos sobre esse assunto que Mark teria de redigir naquela tarde praticamente se escreveriam sozinhos! Mas isso não era tudo. À medida que a conversa avançava, ficava evidente que na realidade havia um objetivo duplo em obter esse posto antipático para Feverstone. Quando chegasse a hora, e a impopularidade do Inec atingisse o apogeu, ele poderia ser sacrificado. É óbvio que não foram usadas exatamente essas palavras, mas Mark percebeu com perfeita clareza que até mesmo Feverstone já não estava bem no Círculo Mais Fechado. A Fada disse que o velho Dick no fundo não passava de um político e que sempre seria isso. Wither, com um profundo suspiro, confessou que os talentos de Feverstone talvez tivessem sido mais úteis num estágio inicial do movimento do que era provável que viessem a ser no período no qual estavam entrando. Na mente de Mark não havia plano algum de solapar Feverstone, nem

mesmo um desejo plenamente formado de que ele fosse solapado; contudo, toda a atmosfera da conversa tornou-se de certa forma mais agradável para ele, à medida que começou a entender a situação verdadeira. Também ficou satisfeito por ter (como teria dito) “chegado a conhecer” Frost. Ele sabia por experiência que em quase todas as organizações existe uma pessoa tranquila e discreta que a rala supõe não ter nenhuma importância, mas que é realmente uma das molas mestras do mecanismo inteiro. O mero fato de reconhecer que essas pessoas são o que com efeito são revela que se fez um progresso considerável. Havia sem dúvida um aspecto de frieza e indiferença em Frost que Mark não apreciava e algo até mesmo repugnante na regularidade das suas feições. Mas cada palavra que ele pronunciava (e ele não pronunciava muitas) ia à raiz do que estivesse sendo debatido, e Mark se encantava ao conversar com ele. Para Mark, os prazeres da conversa estavam passando a ter cada vez menos ligação com o fato de ele gostar ou não gostar espontaneamente das pessoas com quem conversava. Ele estava consciente dessa mudança – que tinha começado quando ele se unira ao Elemento Progressista na faculdade – e a acolhia como um sinal de maturidade.

Wither tinha se tornado mais afável, de uma forma extremamente estimulante. No final da conversa, ele chamou Mark de lado, falou em termos vagos, porém paternalistas, do trabalho maravilhoso que ele estava fazendo e por fim perguntou por sua mulher. O VD esperava que não fosse verdadeiro o rumor que tinha chegado a ele de que ela estaria sofrendo... hum... de algum transtorno nervoso. “Quem será que andou falando a esse respeito com ele?”, pensou Mark

– Porque – disse Wither –, tendo em vista a enorme pressão de trabalho que recaí sobre seus ombros no momento e a consequente dificuldade de o senhor estar em casa tanto quanto todos nós desejaríamos (para seu bem), tinha me ocorrido que, no *seu* caso, talvez fosse possível levar o Instituto a concordar... estou falando em total informalidade... que todos ficaríamos encantados de acolher a senhora Studdock aqui.

Até o VD dizer isso, Mark não tinha se dado conta de não haver nada que o desagradaria tanto quanto a presença de Jane em Belbury. Havia tanta coisa que ela não entenderia: não apenas o fato de ele estar adquirindo o hábito de beber muito, mas... ora, tudo desde a manhã até a noite. Pois não é mais do que fazer justiça, tanto a Mark como a Jane, registrar que ele teria considerado impossível conduzir na presença dela qualquer uma das centenas de conversas que sua vida em Belbury envolvia. A mera presença dela faria todas as risadas do Círculo Mais Fechado parecerem metálicas e irrealistas. E o que ele agora considerava uma

prudência normal pareceria a ela, e através dela a si mesmo, pura bajulação, maledicência e puxa-saquismo. Jane no meio de Belbury transformaria Belbury inteira numa enorme vulgaridade, espalhafatosa e, no entanto, furtiva. Sua mente se revoltava com a ideia de tentar ensinar a Jane que ela devia ajudar a manter Wither de bom humor e que devia adular a Fada Hardcastle. Em tom vago, ele pediu licença ao VD, agradecendo profusamente, e foi embora o mais rápido possível.

Naquela tarde, enquanto estava tomando chá, a Fada Hardcastle veio e se debruçou sobre o encosto da sua cadeira.

– *Você* estragou tudo, Studdock – disse ela no seu ouvido.

– O que houve agora, Fada? – perguntou ele.

– Não consigo descobrir qual é o problema com *você*, jovem Studdock, e essa é a pura verdade. Você está decidido a irritar o Velho? Porque é um jogo perigoso, sabia?

– Do que é que você está falando?

– Bem, cá estamos todos nós trabalhando pelo seu bem e procurando abrandá-lo. E hoje de manhã achamos que finalmente tínhamos tido sucesso. Ele estava falando em lhe dar o posto que se pretendia originalmente para você e em deixar de lado o período de experiência. Nem uma nuvem no céu. E então você tem um bate-papo de cinco minutos com ele... na realidade, nem cinco minutos... e nesse período você consegue desfazer tudo. Começo a achar que você tem algum problema mental.

– O que há de errado com ele desta vez?

– Bem, *você* é quem devia saber! Ele não disse alguma coisa sobre trazer sua mulher para cá?

– Disse. E daí?

– E o que você respondeu?

– Eu disse que não precisava se preocupar com isso... E é claro que agradei muito e tudo o mais. – A Fada deu um assobio.

– Você não entende, querido – disse ela, dando cascudos leves na cabeça de Mark –, que dificilmente poderia ter cometido um erro mais grave? Foi uma concessão fantástica para ele fazer. Ele nunca fez isso por mais ninguém. Você podia ter imaginado que ele ficaria ofendido, se você rejeitasse o oferecimento. Agora ele não para de se lamuriar sobre sua falta de confiança. Diz que está “ferido”, o que significa que logo alguma outra pessoa será ferida! Ele entende sua recusa como um sinal de que você não está realmente “estabelecido” aqui.

– Mas isso é pura loucura. Quer dizer...

– Por que cargas-d'água você não podia lhe dizer que traria sua mulher para cá?

– Isso não é assunto pessoal meu?

– Você não quer tê-la por perto? Você não é muito gentil com a mulherzinha, Studdock. E me disseram que ela é danada de bonita.

Nesse instante, o vulto de Wither, perambulando lentamente na sua direção, tornou-se aparente para os dois, e a conversa terminou.

No jantar, ele se sentou ao lado de Filostrato. Nas proximidades, não havia outros membros do Círculo Mais Fechado. O italiano estava falando e de bom humor. Tinha acabado de dar ordens para a derrubada de algumas belas faias no terreno.

– Por que fez isso, professor? – perguntou o senhor Winter, que estava sentado em frente. – Eu não teria imaginado que elas fossem perigosas a tamanha distância da casa. Eu mesmo gosto bastante de árvores.

– Ah, sim, sim – respondeu Filostrato. – As árvores bonitas, as árvores de jardim. Mas não as selvagens. No meu jardim, eu ponho a rosa, mas não o espinheiro. A árvore de floresta é uma planta daninha. Mas eu lhe digo que vi a árvore civilizada na Pérsia. Um adido francês a possuía, porque estava num lugar onde não cresciam árvores. Ela era feita de metal. Coisa pobre, tosca. Mas se ela fosse aperfeiçoada? Leve, feita de alumínio. Tão natural que até enganaria.

– Dificilmente seria o mesmo que uma árvore de verdade – disse Winter.

– Mas pense nas vantagens! Você se cansa da árvore num lugar: dois trabalhadores a levam para algum outro local. Sempre que você quiser. Ela nunca morre. As folhas não caem. Nada de gravetos; nem de passarinhos construindo ninhos, nem sujeira nem imundície.

– Suponho que uma ou duas, com o intuito de curiosidade, talvez fossem bem interessantes.

– Por que uma ou duas? No presente, admito que precisamos ter florestas, por conta da atmosfera. Com o tempo encontraremos um substituto químico. E, então, por que ter *uma* árvore natural que seja? Prevejo nada a não ser a árvore artificial na terra inteira. Na realidade, *limpamos* o planeta.

– Você está querendo dizer – interrompeu um homem chamado Gould – que nós não vamos ter nenhum tipo de vegetação?

– Isso mesmo. Você se barbeia. No estilo inglês, você barbeia o rosto todos os

dias. Um dia vamos barbear o planeta.

– Eu me pergunto o que os passarinhos vão achar disso?

– Eu também não teria passarinhos. Na árvore artificial eu teria todos os passarinhos artificiais cantando, quando se acionasse um interruptor dentro de casa. Quando se estivesse cansado da cantoria, era só desligar. Imaginem bem o aperfeiçoamento. Nada de penas caídas por aí, nada de ninhos, nem ovos, nem sujeira.

– Parece-me – disse Mark – a abolição de praticamente toda a vida orgânica.

– E por que não? É higiene pura e simplesmente. Escutem, meus amigos. Se vocês pegarem alguma coisa podre e descobrirem que ela está fervilhando com essa vida orgânica, vocês não dirão “Ai, que horror. Está infestada” e a deixarão cair?

– Prossiga – disse Winter.

– E vocês, especialmente vocês, ingleses, vocês não são avessos a qualquer vida orgânica em seu corpo além da sua própria? Para não permiti-la, vocês inventaram o banho diário.

– É verdade.

– E o que vocês chamam de lixo sujo? Não é exatamente o orgânico? Os minerais são o lixo limpo. Mas a verdadeira imundície provém dos organismos: suor, saliva, excreções. Toda a sua ideia de pureza não é um enorme exemplo? O impuro e o orgânico são conceitos intercambiáveis.

– Aonde pretende chegar, professor? – perguntou Gould. – Afinal de contas, nós mesmos somos organismos.

– Admito. Esse é o ponto crucial. Em nós a vida orgânica produziu a mente. Ela cumpriu sua função. Depois disso, não queremos mais saber dela. Já não queremos ver o mundo todo forrado com vida orgânica, como o que vocês chamam de mofo azul: toda ela germinando, brotando, se reproduzindo e entrando em decomposição. Devemos nos livrar dela. Aos poucos, é claro. Devagar aprendemos a fazer isso. Aprendemos a manter nosso cérebro vivo cada vez com menos corpo: aprendemos a construir nosso corpo diretamente com produtos químicos, sem precisar empanturrá-los com animais mortos e plantas. Aprendemos a nos reproduzir sem copular.

– Acho que essa parte não seria muito divertida – disse Winter.

– Meu amigo, vocês já separaram a diversão, como você a chama, da fertilidade. A diversão em si começa a se extinguir. Ora! Sei que não é assim que você pensa. Mas olhe para as mulheres inglesas. De cada dez, seis são frígidas,



não é mesmo? Está vendo? A própria natureza começa a descartar o anacronismo. Quando ela tiver se livrado disso, a verdadeira civilização tornar-se-á possível. Vocês compreenderiam, se fossem camponeses. Quem ia querer tentar trabalhar com garanhões e touros? Não, não. Nós queremos cavalos e bois castrados. Nunca haverá paz, ordem e disciplina enquanto houver o sexo. Quando o homem se livrar do sexo, ele por fim se tornará governável.

Com essas palavras, o jantar terminou; e, quando eles se levantaram da mesa, Filostrato sussurrou alguma coisa no ouvido de Mark

– Eu não recomendaria a biblioteca hoje à noite, está me entendendo? Você não está sendo visto com bons olhos. Venha ter uma conversinha comigo nos meus aposentos.

Mark levantou-se e o acompanhou, feliz e surpreso de ver que, naquela nova crise com o VD, Filostrato ainda parecia ser seu amigo. Eles subiram até a sala de estar do italiano no primeiro andar. Ali, Mark sentou-se diante da lareira, mas seu anfitrião continuou a andar de um lado para o outro.

– Fiquei consternado, meu jovem amigo – disse Filostrato –, ao ter notícia desse novo problema entre você e o vice-diretor. É preciso encerrar a questão, entende? Se ele o convida a trazer sua mulher para cá, por que você não a traz?

– Bem, na realidade – disse Mark –, eu nunca soube que ele dava tanta importância ao assunto. Achei que estava apenas sendo gentil.

Suas objeções a trazer Jane para Belbury foram, se não eliminadas, pelo menos temporariamente amortecidas pelo vinho que tinha bebido no jantar e pela forte fisgada que tinha sentido diante da ameaça de expulsão do círculo da biblioteca.

– Não tem nenhuma importância em si – disse Filostrato. – Mas tenho motivos para acreditar que a ideia não veio de Wither, mas do próprio Cabeça.

– Do Cabeça? Quer dizer de Jules? – disse Mark, surpreso. – Achei que ele fosse apenas um testa de ferro. E que diferença faria para *ele* eu trazer minha mulher para cá ou não?

– Você se enganou – disse Filostrato. – Nosso Cabeça não é nenhum testa de ferro. – Havia algo de estranho na sua atitude, pensou Mark. Por algum tempo, nenhum dos dois falou.

– É tudo verdade – disse Filostrato por fim – o que eu disse no jantar.

– Mas e Jules? – disse Mark – O que ele tem que ver com isso?

– Jules? – disse Filostrato. – Por que você está falando dele? O que eu digo é que tudo era verdade. O mundo pelo qual anseio é o mundo da perfeita pureza. A

mente limpa e os minerais limpos. Quais são as coisas que mais ofendem a dignidade do homem? O nascimento, a reprodução e a morte. E se nós descobríssemos que o homem pode viver sem nenhum dos três?

Mark olhou espantado para ele. A conversa de Filostrato parecia tão desconexa e sua atitude tão fora do comum, que Mark começou a se perguntar se ele estava mentalmente são ou sóbrio.

– Quanto à sua mulher – retomou Filostrato –, não dou a menor importância ao assunto. Que tenho eu que ver com a mulher dos homens? Todo esse assunto me repugna. Mas, se eles insistem... Olhe, meu amigo, a verdadeira questão é se você pretende realmente ser um de nós ou não.

– Não estou entendendo – disse Mark

– Você quer ser um mero contratado? Mas já chegou longe demais para isso. Você está no ponto crítico da sua carreira, Studdock. Se tentar recuar, estará tão desgraçado quanto o tolo do Hingest. Se entrar para valer, o mundo... ora, o que estou dizendo?... o universo estará aos seus pés.

– Mas é claro que quero entrar – disse Mark, com certa empolgação se infiltrando nele.

– O Cabeça acha que você não poderá ser realmente um de nós se não trazer sua mulher para cá. Ele quer você inteiro, e tudo o que for seu... ou nada. É preciso que traga a mulher também. Ela também precisa fazer parte.

Essa observação foi como um choque de água gelada no rosto de Mark. E entretanto... entretanto... naquela sala, naquele momento, com os olhinhos brilhantes do professor fixos nele, ele mal conseguia fazer que a ideia de Jane lhe parecesse bem real.

– Você vai ouvir as palavras da boca do próprio Cabeça – disse Filostrato, de repente.

– Jules está *aqui*? – perguntou Mark

Em vez de responder, Filostrato virou-se abruptamente e, com um grande movimento perpendicular, abriu as cortinas da janela. Desligou então a luz. O nevoeiro tinha se dissipado totalmente; o vento soprava. Pequenas nuvens passavam velozes pelas estrelas, e a lua cheia – Mark nunca a tinha visto tão brilhante – olhava firme para eles. Quando as nuvens passaram por ela, a lua deu a impressão de ser uma bola que estava rolando entre elas. Sua luz exangue encheu a sala.

– Aquilo sim é que é mundo, não? – disse Filostrato. – Limpeza, pureza. Milhares de quilômetros quadrados de rocha polida, sem uma única folha de

grama, uma única fibra de líquen, uma única partícula de poeira. Nem mesmo ar. Já imaginou como seria, meu amigo, se você pudesse andar por lá? Nenhum esboramento, nenhuma erosão. Os picos daquelas montanhas são de verdade: finos como agulhas, eles atravessariam sua mão. Penhascos altos como o Everest e retos como a parede de uma casa. E, lançados por esses penhascos, hectares de sombra negra como o ébano; e dentro da sombra centenas de graus de gelo. E então, um passo para lá da sombra, uma luz que perfuraria seus globos oculares como aço e rocha que queimaria seus pés. A temperatura está no ponto de fervura. Você morreria, certo? Mas, mesmo assim, você não se tornaria imundície. Em alguns instantes, você é um montinho de cinzas: um pó branco, limpo. E preste atenção, nenhum vento para espalhar esse pó. Cada partícula no montinho permaneceria no lugar, exatamente onde você morreu, até o fim do mundo... Mas isso é bobagem. O universo não terá fim.

– É. Um mundo morto – disse Mark, contemplando a lua.

– Não! – disse Filostrato. Ele tinha se aproximado de Mark e falou quase num sussurro, o sussurro semelhante a um morcego, de uma voz que é aguda por natureza. – Não. Lá existe vida.

– Nós sabemos disso? – perguntou Mark

– Ah, *sim*. Vida inteligente. Por baixo da superfície. Uma raça admirável, mais adiantada que nós. Uma inspiração. Uma raça *pura*. Eles limpam seu mundo, livraram-se (quase) do orgânico.

– Mas como...?

– Eles não precisam nascer, reproduzir-se e morrer. Só o povo, a ralé, faz isso. Os senhores permanecem vivos. Eles mantêm sua inteligência. Conseguem mantê-la artificialmente viva depois que o corpo orgânico foi descartado: um milagre da bioquímica aplicada. Eles não precisam de alimentos orgânicos. Está compreendendo? Eles estão quase livres da natureza, presos a ela apenas pelo vínculo mais fino e sutil.

– Você está querendo dizer que tudo *aquilo* – Mark apontou para o globo malhado da lua – é resultado do que eles fizeram?

– Por que não? Quando se remove toda a vegetação, com o tempo não se tem atmosfera, nem água.

– Mas qual era o objetivo?

– A higiene. Por que eles iam querer ter seu mundo inteiro fervilhando com organismos? E em especial eles queriam banir um organismo. A superfície da lua não é tudo o que se vê. Ainda existem habitantes na superfície: selvagens. Uma

enorme área suja no outro lado dela, onde ainda existem água, ar e florestas... é, e germes e a morte. Eles estão espalhando a higiene aos poucos pelo seu globo inteiro. Desinfetando-o. Os selvagens lutam contra eles. Existem fronteiras e guerras ferozes nas cavernas e galerias lá embaixo. Mas a grande raça continua a avançar. Se você pudesse ver o outro lado, veria a cada ano a rocha limpa, como neste lado da lua, se expandindo; a mancha orgânica, todo o verde, o azul e o nevoeiro, ficando menor. Como quando se limpa prata oxidada.

– Mas como sabemos tudo isso?

– Tudo isso eu lhe conto em outra ocasião. O Cabeça tem muitas fontes de informação. Por enquanto, falo apenas para inspirá-lo. Falo para que você saiba o que pode ser feito; o que há de ser feito aqui. Este Instituto... *Dio mio*; ele é para alguma coisa melhor do que habitação, vacinas, trens mais velozes e a cura do câncer. Ele é para a conquista da morte; ou para a conquista da vida orgânica, se preferir. Elas são a mesma coisa. Ele existe para fazer sair, daquele casulo de vida orgânica que abrigou a tenra infância da mente, o Novo Homem, o homem que não morrerá, o homem artificial, livre da natureza. A natureza é a escada pela qual escalamos. Agora podemos afastá-la com um chute.

– E você acha que um dia nós de fato descobriremos uma forma para manter o cérebro vivo indefinidamente?

– Nós já começamos. O próprio Cabeça...

– Prossiga – disse Mark Seu coração batia descontrolado, e ele tinha se esquecido tanto de Jane como de Wither. Aquele era no fim das contas o objetivo real de tudo aquilo.

– O Cabeça em pessoa já sobreviveu à morte, e você vai falar com ele nesta noite.

– Quer dizer que Jules morreu?

– Ora! Jules não é nada. Ele não é o Cabeça.

– Então, quem é?

Nesse instante, houve uma batida na porta. Sem esperar por uma resposta, alguém entrou.

– O rapaz está pronto? – perguntou a voz de Straik

– Ah, sim. Você está pronto, não está, Studdock?

– Então, você já explicou para ele? – perguntou Straik. Ele se voltou para Mark, e o luar na sala estava tão forte que Mark conseguia reconhecer em parte seu rosto, com os sulcos marcados, realçados pela fria luz e pela sombra.

– Você realmente pretende se unir a nós, meu rapaz? – perguntou Straik – Não há como voltar atrás depois que tiver dado o primeiro passo. E não há restrições. O Cabeça mandou chamá-lo. Está entendendo? *O Cabeça!* Você vai pôr os olhos em alguém que foi morto e ainda está vivo. A ressurreição de Jesus na Bíblia era um símbolo: nesta noite você verá o que ela simbolizou. Esse é por fim o Homem de Verdade, e ele exige toda a nossa lealdade.

– Diacho, do que vocês estão falando? – perguntou Mark. A tensão dos seus nervos transformou sua voz num grito rouco, esbravejante.

– Meu amigo tem toda a razão – disse Filostrato. – Nosso Cabeça é o primeiro dos Novos Homens, o primeiro que ultrapassa a vida animal. No que diz respeito à natureza, ele já está morto. Se fosse dado livre curso à natureza, seu cérebro estaria agora virando pó na sepultura. Mas ele vai falar com você dentro da próxima hora; e, uma recomendação que lhe faço, meu amigo, você vai obedecer às ordens dele.

– Mas quem é ele? – disse Mark.

– É François Alcasan – disse Filostrato.

– Você está falando do homem que foi executado na guilhotina? – perguntou Mark, sem fôlego. As duas cabeças fizeram que sim. Os dois rostos estavam próximos ao dele: àquela luz desastrosa, eles pareciam máscaras penduradas no ar.

– Você está com medo? – disse Filostrato. – Vai superar. Estamos propondo que você se torne um de nós. *Ah...* se você estivesse de fora, se não passasse de *ralé*, aí sim, teria motivos para ter medo. Esse é o início de todo o poder. Ele vive para sempre. O tempo colossal está conquistado. E o espaço colossal... esse também já foi conquistado. Um dos nossos já viajou no espaço. É verdade que ele foi traído e assassinado; e seus manuscritos são imperfeitos. Ainda não conseguimos reconstruir sua espaçonave. Mas isso está por vir.

– É o princípio do Homem Imortal e do Homem Ubíquo – disse Straik – O Homem no trono do universo. É o significado real de todas as profecias.

– De início, é claro – disse Filostrato –, o poder estará limitado a um número, a um pequeno número, de homens. Aqueles que forem selecionados para a vida eterna.

– E você quer dizer – perguntou Mark – que depois ele será estendido a todos os homens?

– Não – disse Filostrato. – Quero dizer que depois ele será limitado a um homem. Você não é tolo, é, meu jovem amigo? Toda essa conversa sobre o

poder do Homem sobre a Natureza... o Homem como abstração... é só para a ralé. Você sabe tanto quanto eu que o poder do Homem sobre a Natureza significa o poder de alguns homens sobre outros homens, com a Natureza como instrumento. Não existe nada que se possa chamar de o Homem: essa é só uma palavra. Existem somente homens. Não! Não é o Homem que será onipotente; é algum homem individual, algum homem imortal. Alcasan, nosso Cabeça, é o primeiro esboço disso. O produto final pode ser outra pessoa. Pode ser você. Pode ser eu.

– Eis que virá um rei – disse Straik – que governará o universo com integridade e os céus com discernimento. Você achava que tudo isso era mitologia, sem dúvida. Como as fábulas tinham se agrupado em torno da expressão “Filho do Homem”, você achava que o Homem nunca chegaria de fato a ter um filho que exercesse todo o poder. Mas ele o terá.

– Não estou entendendo, não estou entendendo – disse Mark.

– Mas é muito simples – disse Filostrato. – Nós descobrimos como fazer que um morto viva. Ele foi um sábio, mesmo durante a vida natural. E agora vive para sempre; torna-se cada vez mais sábio. No futuro, nós os faremos viver melhor. Pois, no momento, deve-se admitir que essa segunda vida talvez não seja muito agradável para quem a vive. Está vendo? Mais tarde, nós a tornaremos agradável para alguns; talvez não tão agradável para outros. Pois podemos fazer os mortos viver, quer eles queiram, quer não. Aquele que por fim se tornar rei do universo poderá dar essa vida a quem lhe aprouver. E eles não poderão recusar o pequeno presente.

– E assim – disse Straik –, retornarão as lições que você aprendeu no colo da sua mãe. Deus terá o poder de conceder a recompensa eterna e o castigo eterno.

– Deus? – disse Mark – Como Ele se encaixa nisso? Não acredito em Deus.

– Mas, meu amigo – disse Filostrato –, será que é consequência lógica que, só porque não havia Deus no passado, tampouco haverá Deus no futuro?

– Você não percebe – disse Straik – que nós estamos lhe oferecendo a glória indizível de presenciar a criação de Deus todo-poderoso? Aqui, nesta casa, você vai conhecer o primeiro esboço do verdadeiro Deus. É um homem, ou um ser feito pelo homem, que finalmente ascenderá ao trono do universo. E governará para sempre.

– Você virá conosco? – perguntou Filostrato. – Ele mandou chamá-lo!

– É claro que ele virá – disse Straik – Ele acha que poderia recuar e continuar vivo?

– E essa historinha da mulher – acrescentou Filostrato. – Trate de não mencionar uma trivialidade dessas. Você fará o que lhe ordenarem. Com o Cabeça não se discute.

No momento Mark não tinha nada que o ajudasse a não ser a animação do álcool consumido no jantar, e ela estava sumindo rapidamente, além de alguns leves relances de recordação de horas com Jane e com amigos, antes de ele ir para Bracton, período no qual o mundo tinha um sabor diferente daquele horror empolgante que agora se abatia sobre ele. Estes, e uma aversão instintiva pelos dois rostos iluminados pelo luar, que tanto prendiam sua atenção. Do outro lado, estava o medo. O que fariam com Mark se ele se recusasse? E ajudando o medo estava sua crença de jovem de que, se ele cedesse por enquanto, de algum modo as coisas se corrigiriam “pela manhã”. E, amparando o medo e a esperança, ainda havia, mesmo naquele momento, um arrepio não de todo desagradável, diante da ideia de compartilhar um segredo tão estupendo.

– Sim... é claro... irei – disse ele, parando enquanto falava, como se estivesse sem fôlego.

Eles saíram dali, conduzindo Straik. Os corredores já estavam sem movimento, e tinha cessado o som de conversa e risos dos salões abertos ao público no térreo. Ele tropeçou, e os dois lhe deram os braços. O percurso pareceu longo: corredores e mais corredores, corredores que ele nunca tinha visto, portas a destrancar, e então eles entraram num lugar em que todas as luzes estavam acesas e havia cheiros estranhos. Filostrato falou por um tubo acústico, e uma porta foi aberta para eles.

Mark descobriu-se numa sala de aparência cirúrgica, com iluminação forte, piaas, frascos e instrumentos cintilantes. Um rapaz que ele mal conhecia, usando um jaleco branco, recebeu-os.

– Dispa-se e fique com a roupa de baixo – disse Filostrato. Enquanto obedecia, Mark percebeu que a parede do outro lado da sala era coberta de mostradores. Quantidades de tubos flexíveis saíam do piso e entravam na parede imediatamente abaixo deles. Os mostradores arregalados e os grupos de tubos abaixo deles, que pareciam pulsar levemente, causavam a impressão de que se estava olhando para alguma criatura com muitos olhos e muitos tentáculos. O rapaz mantinha os olhos fixos nas agulhas oscilantes dos mostradores. Depois que tiraram a roupa, os três recém-chegados lavaram as mãos e o rosto; em seguida Filostrato, com um fórceps, retirou roupas brancas para eles de um recipiente de vidro. Quando já estavam vestidos, ele lhes deu também luvas e máscaras, como as que os cirurgiões usam. Seguiu-se um momento de silêncio, enquanto

Filostrato examinava os mostradores.

– Sim, sim – disse ele. – Um pouco mais de ar. Não muito: zero vírgula zero três. Abra o ar da câmara, lentamente, ao máximo. Agora as luzes. Agora o ar no compartimento estanque. Um pouco menos da solução. E agora – (a esta altura ele se voltou para Straike e Studdock) –, vocês estão prontos para entrar?

Ele os levou a uma porta na mesma parede dos mostradores.





### A cabeça do sarraceno

– Foi o pior sonho que tive até agora – disse Jane, na manhã do dia seguinte. Ela estava sentada na Sala Azul, com o diretor e Grace Ironwood.

– É – disse o diretor. – O seu talvez seja o posto mais difícil até a luta começar de verdade.

– Sonhei que estava num quarto escuro – disse Jane – com cheiros esquisitos e uma espécie de zumbido baixo. Então, a luz foi acesa, mas não muita luz, e por um bom tempo não me dei conta daquilo que eu estava contemplando. E quando consegui entender... eu teria acordado, se não tivesse feito um enorme esforço para não acordar. Achei que vi um rosto, flutuando diante de mim. Um rosto, não uma cabeça, se vocês entendem o que quero dizer. Ou seja, havia uma barba, nariz e olhos... no mínimo, não se podiam ver os olhos porque o rosto estava com óculos escuros, mas parecia que não havia nada acima dos olhos. Não de início. Mas, à medida que me acostumei com a luz, tive um choque horrível. Achei que o rosto era uma máscara amarrada sobre algum tipo de balão. Só que não era exatamente isso. Talvez parecesse um pouco com um homem usando algum tipo de turbante... Estou contando isso terrivelmente mal. Na verdade era uma cabeça (o resto de uma cabeça) da qual tinha sido removida a parte superior do crânio e então... então... como se alguma coisa ali dentro tivesse fervido e transbordado. Uma enorme massa que saía volumosa do que restava do crânio. Enrolada em algum tipo de material sintético, mas muito fino. Dava para ver que a coisa tremia. Mesmo apavorada, eu me lembro de pensar “Ah, matem a criatura, matem-na. Acabem com essa dor.” Mas foi só por um segundo, porque achei que a coisa era real, mesmo. Ela parecia verde, e a boca estava escancarada e totalmente seca. Percebam que fiquei muito tempo olhando para aquilo, antes que qualquer outra coisa acontecesse. E logo eu vi que ela não estava exatamente flutuando. Estava fixada em algum tipo de console, prateleira ou pedestal... não sei bem o quê, e havia coisas penduradas nela. No pescoço, quer dizer. É, ela tinha pescoço e uma espécie de gola em volta, mas nada abaixo da gola, nem ombros, nem corpo. Só essas coisas penduradas. No sonho, achei que fosse algum tipo de novo homem que tivesse somente cabeça e vísceras.

Achei que todos aqueles tubos fossem suas entranhas. Mas com o tempo, não sei bem como, vi que eram artificiais. Pequenas ampolas e tubos de borracha, bem como umas coisinhas de metal. Eu não conseguia entender. Todos os tubos entravam na parede. E então, por fim, aconteceu alguma coisa.

– Você está bem, Jane, não está? – disse a senhorita Ironwood.

– Estou, sim – disse Jane –, na medida do possível. É só que não se tem *vontade* de contar isso. Bem, muito de repente, como quando se dá partida num motor, saiu daquela boca uma baforada de ar, com um som áspero, duro e seco. E daí veio mais uma, e a coisa se acomodou numa espécie de ritmo, *puf, puf, puf*, como uma imitação de respiração. E então aconteceu uma coisa horrenda: a boca começou a babar. Sei que parece bobagem, mas de certo modo senti pena da criatura porque ela não tinha mãos e não podia limpar a boca. Parece um detalhe pequeno, em comparação com todo o resto, mas foi assim que me senti. Depois ela começou a movimentar a boca e até a lamber os lábios. Era como alguém preparando uma máquina para entrar em funcionamento. Vê-la fazendo aquilo exatamente como se estivesse viva, e ao mesmo tempo babando sobre a barba que estava toda dura e com aparência de morta... Então três pessoas entraram no local, todas vestidas de branco, com máscaras no rosto, andando com cuidado como gatos no alto de um muro. Um era um homem gordo e enorme, outro era magricela e ossudo. O terceiro... – a esta altura Jane fez uma pausa involuntária. – O terceiro... acho que era Mark... quer dizer, meu marido.

– Você não tem certeza? – perguntou o diretor.

– Tenho – disse Jane. – Era Mark. Reconheci seu jeito de andar. E reconheci os sapatos que estava usando. E sua voz. *Era* Mark.

– Que pena – disse o diretor.

– E então – disse Jane –, eles três deram a volta e se postaram diante da Cabeça. Fizeram uma reverência para ela. Não dava para dizer se ela estava olhando para eles, por causa dos óculos escuros. Ela continuou com aqueles bufos ritmados. E então ela falou.

– Em inglês? – disse Grace Ironwood.

– Não, em francês.

– O que ela disse?

– Bem, meu francês não foi bom o suficiente para acompanhar o que foi dito. A Cabeça falava de um modo estranho. Aos trancos, como um homem que está sem fôlego. Sem expressão adequada. E é claro que ela não podia se virar para lá e para cá, como uma pessoa de verdade faz.

O diretor falou novamente.

– Você entendeu alguma coisa do que foi dito?

– Não muita coisa. Parecia que o gordo estava lhe apresentando Mark. Ela lhe disse alguma coisa. Então Mark tentou responder. Eu pude acompanhar o que ele disse muito bem: o francês dele não é muito melhor que o meu.

– O que ele disse?

– Ele disse alguma coisa sobre “fazer dentro de alguns dias se fosse possível”.

– Só isso?

– Praticamente. Entendam que Mark não conseguia tolerar aquilo. Eu sabia que ele não seria capaz. Lembro-me de que no sonho eu, estupidamente, queria falar para ele. Eu via que ele ia cair. Acho que tentei gritar para os outros dois “Ele vai cair”. Mas é claro que não consegui. Além disso, ele estava passando mal. E então eles o tiraram da sala.

Todos os três ficaram em silêncio por alguns segundos.

– Foi só isso? – disse a senhorita Ironwood.

– Foi – disse Jane. – Só me lembro disso. E então acordei.

O diretor respirou fundo.

– Bem – disse ele, olhando de relance para a senhorita Ironwood –, cada vez está mais claro. Precisamos convocar uma reunião imediatamente. Todos estão aqui?

– Não. O doutor Dimble precisou ir a Edgestow, à faculdade, para receber alunos. Só vai voltar ao anoitecer.

– Então vamos realizar a reunião depois do jantar. Deixem tudo preparado. – Ele se calou por um momento e em seguida se virou para Jane. – Receio que isso seja muito ruim para você, minha cara – disse ele –, e pior para ele.

– Quer dizer para Mark, senhor? – O diretor fez que sim.

– Sim. Não pense mal dele. Ele está sofrendo. Se formos derrotados, todos nós cairemos com ele. Se vencermos, iremos salvá-lo. Ele não pode estar comprometido demais. – Ele fez uma pausa, sorriu e acrescentou: – Estamos perfeitamente acostumados a problemas com maridos por aqui, sabia? O marido da coitada da Ivy está preso.

– Preso?

– Está, sim, por furto. Mas é boa pessoa. Ele vai voltar a se acertar.

Embora Jane se horrorizasse, até o ponto de sentir náuseas, diante da visão (no sonho) dos verdadeiros colegas e do ambiente de Mark, seu horror tinha

apresentado certa imponência e mistério. A súbita equiparação entre sua situação difícil e a de um preso comum fez seu sangue subir às bochechas. Ela nada disse.

– Mais uma coisa – continuou o diretor. – Você não deve me levar a mal se eu a excluir da nossa reunião de hoje à noite.

– É claro que não, senhor – disse Jane, na realidade levando muito a mal essa exclusão.

– Veja – disse ele –, MacPhee segue a linha de pensamento de que, se você ouvir coisas sendo comentadas, levará ideias sobre essas coisas para seus sonhos, e isso destruirá o valor denotativo que eles têm. E não é muito fácil refutar o que ele diz. Ele é nosso cético: função muito importante.

– Entendo perfeitamente – disse Jane.

– É claro que isso se aplica – disse o diretor – apenas a coisas que ainda não sabemos. Você não deve ouvir nossos palpites; não deve estar presente quando estivermos tentando decifrar as provas. Mas não guardaremos nenhum segredo de você sobre a história anterior da nossa família. Na realidade, o próprio MacPhee insiste em ser ele quem lhe contará tudo isso. Ele recearia que o relato de Grace, ou o meu, não fossem suficientemente objetivos.

– Entendo.

– Quero que você goste dele, se puder. É um dos meus amigos mais antigos. E ele será praticamente o melhor de nós, se formos derrotados. Você não poderia ter alguém melhor do seu lado, numa batalha perdida. O que ele vai fazer se vencermos, não posso imaginar.



Mark acordou na manhã do dia seguinte com a consciência de que sua cabeça doía toda, mas especialmente na nuca. Ele se lembrava de ter caído – foi assim que machucou a cabeça –, caído naquela outra sala, com Filostrato e Straik... e então, como diz um dos poetas, ele “descobriu na sua mente uma inflamação inchada e deformada, sua memória”. Ah, mas era impossível, não podia ser aceito nem por um instante: tinha sido um pesadelo, devia ser enxotado para longe, desaparecer de uma vez por todas agora que ele estava totalmente acordado. Era um absurdo. Uma vez, em delírio, ele tinha visto a parte dianteira de um cavalo, sozinha, sem o corpo nem as pernas traseiras, atravessando correndo um gramado. Achara ridículo no instante em que a viu, porém não

menos horrível por isso. Esse era um absurdo da mesma ordem. Uma Cabeça sem um corpo abaixo dela. Uma Cabeça que podia falar, quando acionavam o ar e a saliva artificial com torneiras na outra sala. Sua própria cabeça começou a latejar tão forte que ele precisou parar de pensar.

No entanto, ele sabia que era verdade. E não conseguia, como eles diziam, “aceitar”. Sentia muita vergonha por isso, pois era seu desejo ser considerado durão. Mas a verdade era que sua dureza era somente da vontade, não dos nervos; e as virtudes que ele quase tinha conseguido banir da sua mente ainda viviam no seu corpo, embora apenas em termos negativos e como fraquezas. Ele aprovava a vivisseção, contudo jamais trabalhara numa sala de dissecação. Ele recomendava que certas classes de pessoas fossem gradualmente eliminadas; mas nunca tinha estado presente quando um pequeno comerciante ia para o asilo ou quando uma velha faminta, com cara de governanta, chegava ao seu último dia, última hora, último minuto no sótão gelado. Ele nada sabia da última meia xícara de chocolate tomada lentamente dez dias antes.

Enquanto isso, ele precisava se levantar. Precisava fazer alguma coisa a respeito de Jane. Parecia que ele *teria* de trazê-la para Belbury. Sua mente tinha tomado essa decisão por ele em algum momento do qual ele não se lembrava. Ele precisava apanhá-la, para salvar a própria vida. Todas as suas ansiedades quanto a pertencer ao Círculo Mais Fechado ou a conseguir um emprego tinham se reduzido à insignificância. Tratava-se de uma questão de vida ou morte. Eles o matariam se ele os contrariasse. Talvez o decapitassem... ai, meu Deus, se ao menos eles matassem de fato aquele pequeno e monstruoso naco de tortura; aquele naco provido de rosto, que eles mantinham ali, falando no seu suporte de aço. Todos os medos insignificantes em Belbury – pois ele agora sabia que todos, à exceção dos líderes, estavam sempre com medo – eram apenas emanações daquele medo central. Ele precisava apanhar Jane. Não ia lutar contra isso agora.

Deve-se lembrar que, na mente de Mark, praticamente nenhum fiapo de pensamentos nobres, fossem cristãos, fossem pagãos, tinha abrigo seguro. Sua formação não tinha sido nem científica nem clássica – meramente “moderna”. As severidades tanto da abstração como da alta tradição humana passaram por ele sem deixar marca. E ele não dispunha nem da astúcia do camponês, nem da honra do aristocrata para ajudá-lo. Era um dois de paus, com fácil desempenho em provas que não exigiam nenhum conhecimento específico (sempre tinha se saído bem em redações e dissertações gerais), e a primeira insinuação de uma ameaça à sua vida corpórea o estatelou no chão. E sua cabeça doía tanto, e ele estava se sentindo tão mal... Felizmente, ele mantinha uma garrafa de uísque no

quarto. Uma dose pura permitiu que fizesse a barba e se vestisse.

Ele se atrasou para o desjejum, mas isso não fez muita diferença porque não conseguiu comer. Tomou algumas xícaras de café preto e foi para o escritório. Ali ele ficou sentado muito tempo, fazendo desenhos no mata-borrão. Agora que havia chegado a hora de escrever a carta para Jane, a tarefa estava se revelando quase impossível. E por que eles queriam Jane? Medos indefinidos se agitavam na sua cabeça. E logo Jane! Eles a levariam ao Cabeça? Quase pela primeira vez na sua vida, um vislumbre de algo semelhante ao amor desinteressado entrou na sua mente. Ele desejou nunca ter se casado com ela; nunca tê-la arrastado para toda aquela organização de horrores que, aparentemente, haveria de ser sua vida.

– Olá, Studdock! – disse uma voz – Escrevendo para a mulherzinha, hein?

– Droga! – disse Mark – Você me fez deixar cair minha caneta.

– Trate de apanhá-la, filhinho – disse a senhorita Hardcastle, sentando-se sobre a mesa. Mark obedeceu e então ficou imóvel, sem levantar o olhar para ela. Desde o tempo em que tinha sido perseguido pelos colegas na escola, ele não experimentava o que era odiar e temer alguém com todos os nervos do seu corpo, como agora odiava e temia aquela mulher.

– Tenho más notícias para você, filhinho – disse ela, por fim.

Seu coração teve um sobressalto.

– Seja homem, Studdock – disse a Fada.

– O que é?

Ela não respondeu de imediato, e ele soube que ela o estava examinando, observando como o instrumento reagia ao seu toque.

– Estou preocupada com a mulherzinha, e essa é a pura verdade – disse ela, finalmente.

– O que você está querendo dizer? – perguntou Mark, bruscamente, desta vez olhando para ela. O charuto entre os dentes ainda estava apagado, mas ela tinha chegado ao ponto de apanhar os fósforos.

– Fui procurá-la – disse a senhorita Hardcastle –, tudo por sua causa, também. Achei que Edgestow não era um lugar muito saudável para ela estar no momento.

– Qual é o problema com ela? – gritou Mark.

– Ssh! – fez a senhorita Hardcastle. – Você não quer que todos ouçam.

– Você não pode me dizer qual é o problema?

Ela esperou alguns segundos antes de responder.

– Até que ponto você conhece a família dela, Studdock?  
– Conheço muito. O que a família tem que ver com isso?  
– Nada... estranho... dos dois lados?  
– Diacho, o que você está querendo dizer?  
– Não seja grosso, benzinho. Estou fazendo tudo o que posso por você. É só que... bem, achei que ela estava se comportando de um jeito muito esquisito quando a vi.

Mark lembrava-se bem da conversa que tinha tido com a mulher na manhã em que viera para Belbury. Uma nova pontada de medo o físgou. Será que aquela mulher detestável podia estar falando a verdade?

– O que ela disse? – perguntou ele.

– Se ela tiver qualquer problema no que diz respeito a esse aspecto – disse a Fada –, aceite meu conselho, Studdock, e traga-a para cá imediatamente. Aqui ela receberá o tratamento correto.

– Você ainda não me contou o que ela disse ou fez.

– Eu não gostaria que ninguém ligado a mim fosse jogado no hospício de Edgestow. Especialmente agora que estamos obtendo nossos poderes de emergência. Eles vão usar os pacientes comuns para fazer experiências, sabia? Ao passo que, se você simplesmente assinar este formulário, eu dou uma corrida lá depois do almoço, e ela estará aqui já ao anoitecer.

Mark jogou a caneta sobre a escrivaninha.

– Não vou fazer nada disso. Principalmente porque você não me passou a menor noção do que está errado com ela.

– É o que venho tentando fazer, mas você não me deixa. Ela não parava de falar em alguém que tinha arrombado seu apartamento, ou que a tinha encontrado na estação (não deu para descobrir qual das duas opções) e a tinha queimado com charutos. Então, por extrema infelicidade, ela percebeu meu charuto; e, se dá para acreditar, ela *me* identificou com esse perseguidor imaginário. É claro que depois disso não pude fazer mais nada de bom.

– Preciso ir à minha casa imediatamente – disse Mark, levantando-se.

– Ei... epa! Você não pode fazer isso – disse a Fada, também se levantando.

– Não posso ir à minha casa? É o que tenho de fazer, se tudo isso for verdade.

– Não seja tolo, queridinho – disse a senhorita Hardcastle. – Confie em mim! Sei do que estou falando. Você já está numa posição danada de perigosa. Vai praticamente se destruir, caso se ausente agora sem permissão. Mande-me no

seu lugar. Assine o documento. É a forma racional de agir.

– Mas um instante atrás você disse que Jane não conseguia suportá-la por nada neste mundo.

– Ah, isso não faria nenhuma diferença. É claro que seria mais fácil se ela não tivesse adquirido essa aversão por mim. Veja bem, Studdock, você não acha que a mulherzinha possa estar com ciúme, acha?

– Ciúme? De você? – disse Mark, com uma repugnância incontrolável.

– Aonde você está indo? – perguntou a Fada, com rispidez.

– Falar com o VD e depois vou à minha casa.

– Pare. Você não vai fazer isso a menos que queira me tornar sua inimiga para sempre... e permita-me lhe dizer que você não está em condições de arrumar muitos inimigos a mais.

– Ora, vá para o inferno – disse Mark.

– Volte aqui, Studdock – gritou a Fada. – Espere! Não seja um completo idiota. – Mas Mark já estava no saguão. Por enquanto, tudo parecia ter se tornado claro. Ele teria uma palavrinha com Wither, não para pedir licença, e sim para avisar que precisava ir imediatamente para sua casa, porque sua mulher estava doente, correndo perigo; ele sairia da sala antes que Wither pudesse responder... e depois partiria. O futuro mais adiante era vago, porém isso parecia não ter importância. Ele pôs o casaco e o chapéu, subiu correndo a escada e bateu à porta do escritório do vice-diretor.

Não houve resposta. Mark então percebeu que a porta não estava totalmente fechada. Ele se arriscou a empurrá-la mais um pouco e viu o vice-diretor sentado ali dentro, de costas para a porta.

– Com licença – disse Mark – Eu poderia falar alguns minutos com o senhor? – Não houve resposta. – Com licença, senhor – disse Mark com a voz mais alta, mas o vulto nem falou nem se mexeu. Com alguma hesitação, Mark entrou na sala e deu a volta até o outro lado da escrivaninha; no entanto, quando se virou para olhar para Wither, ele prendeu a respiração, pois achou que estava olhando para o rosto de um cadáver. Daí a um instante, reconheceu seu erro. No silêncio da sala, ele podia ouvir a respiração do homem. Ele nem mesmo estava dormindo, já que seus olhos estavam abertos. Não estava inconsciente, porque seus olhos pousaram momentaneamente em Mark e depois se desviaram. – Peça desculpas, senhor – começou Mark e parou. O vice-diretor não estava escutando. Ele estava tão longe de escutar, que Mark sentiu uma dúvida louca se ele estava realmente ali, se a alma do vice-diretor não estava flutuando ao longe,



espalhando-se e dissipando-se como um gás, através de mundos amorfos e sem luz, terras devastadas e quartos de despejo do universo. O que aqueles olhos pálidos, aquosos, transmitiam era, em certo sentido, o infinito: o que não tem forma e o interminável. A sala estava fria e em silêncio. Não havia relógio, e o fogo tinha se apagado. Era impossível falar com um rosto como aquele. Contudo, também parecia impossível sair do recinto, uma vez que o homem o tinha visto. Mark sentiu medo; era tudo tão diferente de qualquer experiência por que ele já tivesse passado.

Quando por fim o senhor Wither falou, seus olhos não estavam fixos em Mark, mas em algum ponto remoto para além dele, para além da janela, talvez no céu.

– Sei de quem se trata – disse Wither. – Seu nome é Studdock. O que o senhor pretende entrando aqui? Teria sido melhor se tivesse ficado lá fora. Vá embora.

Foi nesse momento que a coragem de Mark irrompeu. Todos os medos que vinham se acumulando lentamente ao longo dos últimos dias se uniram numa determinação fixa; e, alguns segundos depois, ele estava descendo a escada de três em três degraus. E então estava atravessando o saguão. E então estava fora da casa, descendo pela entrada de carros. Mais uma vez, seu percurso imediato parecia perfeitamente claro para ele. Do outro lado da entrada havia um grosso cinturão de árvores, cortado por um caminho gramado. Esse caminho em meia hora o levaria a Courthampton, de onde ele poderia pegar um ônibus rural até Edgestow. Quanto ao futuro, ele não pensava. Somente duas coisas tinham importância: em primeiro lugar, sair daquela casa; e, em segundo, voltar para Jane. Estava sendo devorado por um anseio por Jane, que era físico sem ser absolutamente sensual, como se o alívio e a firmeza moral fluíssem do corpo dela, como se a pele dela fosse limpar toda a imundície que parecia estar suspensa em torno dele. A ideia de que ela pudesse estar louca tinha desaparecido da sua mente. E ele ainda era jovem o suficiente para descrever da desgraça. Ele não conseguia se livrar totalmente da crença de que, se ao menos tentasse escapar, a rede de algum modo se romperia, o céu se desanuviaria, e tudo terminaria com Jane e Mark tomando chá juntos, como se nada daquilo tivesse acontecido.

Ele já estava fora do terreno. Estava atravessando a estrada. Tinha entrado no cinturão de árvores. De repente, parou. Estava acontecendo uma coisa impossível. Havia um vulto diante dele no caminho: um vulto alto, muito alto, ligeiramente encurvado, que perambulava e cantarolava uma melodia lúgubre – o vice-diretor em pessoa. E num instante toda aquela intrepidez precária sumiu

do ânimo de Mark. Ele deu meia-volta. Parou na estrada. Aquela lhe pareceu a pior dor que ele jamais tinha sentido. E então, cansado, tão cansado que sentia as lágrimas fracas encherem seus olhos, ele voltou para Belbury a passos muito lentos.



O senhor MacPhee tinha um quartinho no térreo do Solar, que ele chamava de seu escritório e no qual ele não admitia a presença de nenhuma mulher, a não ser conduzida por ele mesmo. E, naquele apartamento bem organizado, porém empoeirado, ele estava sentado com Jane Studdock pouco antes do jantar naquela noite, depois de tê-la convidado para vir ali para lhe dar o que ele chamava de “um esboço sucinto e objetivo da situação”.

– Eu deveria esclarecer desde o início, senhora Studdock – disse ele –, que conheço o diretor há muitos e muitos anos; e que pela maior parte da sua vida ele foi filólogo. Eu mesmo não tenho certeza de que a filologia possa ser considerada uma ciência exata, mas menciono o fato como um testemunho da sua capacidade intelectual em geral. E, para não prejudicar nenhuma questão, não direi, como diria numa conversa normal, que ele sempre foi um homem do que se poderia chamar de pendor imaginativo. Originalmente, ele se chamava Ransom.

– Não o Ransom de *Dialeto e semântica*? – perguntou Jane.

– Sim. Ele mesmo – disse MacPhee. – Bem, há cerca de seis anos... tenho todas as datas num livrinho ali, mas no momento isso não nos interessa... ocorreu seu primeiro desaparecimento. Ele sumiu, sem deixar vestígios, por cerca de nove meses. Achei que era muito provável que tivesse se afogado numa banheira ou algo semelhante. E aí, um dia, não é que ele aparece novamente nos seus aposentos em Cambridge, adoece e fica internado no hospital por mais três meses? E ele se recusava a dizer onde tinha estado, a não ser em particular para alguns amigos.

– E daí? – disse Jane, ansiosa.

– Ele disse – respondeu MacPhee, pegando sua caixa de rapé e pondo enorme ênfase na palavra *disse* –, ele disse que tinha ido ao planeta Marte.

– Quer dizer que ele disse isso... enquanto estava doente?

– Não, não. Ele ainda diz a mesma coisa. Entenda como quiser. Essa é a

história dele.

– Eu acredito – disse Jane.

MacPhee escolheu uma pitada de rapé com tanto cuidado, como se aquelas partículas específicas fossem diferentes de todas as outras na caixa, e falou antes de levá-las às narinas.

– Estou lhe contando os fatos – completou ele. – Ele nos disse que tinha ido a Marte, sequestrado pelo professor Weston e pelo senhor Devine: lorde Feverstone, como é conhecido agora. E, de acordo com seu relato, escapou deles, em Marte, entenda bem, e esteve perambulando por lá sozinho por um tempo. Sozinho.

– É desabitado, suponho.

– Não temos nenhuma comprovação quanto a isso, a não ser a história dele. A senhora sem dúvida tem conhecimento, senhora Studdock, de que um homem em total solidão, mesmo nesta nossa terra, um explorador, por exemplo, entra em estados extraordinários de consciência. Já me disseram que um homem poderia chegar a se esquecer da própria identidade.

– Quer dizer que ele poderia ter imaginado coisas em Marte que não estavam lá?

– Não estou fazendo nenhum comentário – disse MacPhee. – Estou apenas registrando. Segundo o relato dele, há todos os tipos de criatura andando por lá. Pode ser que seja por isso que ele transformou a casa numa espécie de coleção de animais, porém isso não tem importância. Mas ele também diz que conheceu lá um tipo de criatura que nos interessa especialmente neste momento. Ele os chamou de *eldila*.

– Uma espécie de animal, é isso o que quer dizer?

– Senhora Studdock, já tentou alguma vez definir a palavra “animal”?

– Não que eu me lembre. O que eu quis dizer foi, esses seres eram... bem... inteligentes? Eles falavam?

– Sim. Eles falavam. Além disso, eram inteligentes, o que nem sempre é a mesma coisa.

– De fato, esses eram os marcianos?

– É exatamente isso o que não eram, segundo o relato dele. Estavam em Marte, mas aquele não era seu lugar. Ele diz que se trata de criaturas que vivem no espaço vazio.

– Mas não há ar.

– Estou lhe transmitindo a história dele. Ele diz que esses seres não respiram. Diz também que eles não se reproduzem e não morrem. No entanto a senhora há de notar que, mesmo supondo que o resto da história esteja correto, essa última afirmação não poderia ser baseada em observações.

– E como é que eles são?

– O que estou lhe dizendo é como ele os descreveu.

– Quer dizer, qual é a aparência deles?

– Não estou exatamente preparado para responder a essa pergunta – disse MacPhee.

– Eles são extremamente *imensos*? – perguntou Jane quase involuntariamente.

MacPhee assoou o nariz e continuou.

– A questão, senhora Studdock é a seguinte: o doutor Ransom afirma ter recebido visitas repetidas desses seres desde que voltou para a Terra. Isso é o que tenho a dizer sobre seu primeiro desaparecimento. Depois veio o segundo. Ele esteve ausente por mais de um ano, e dessa vez disse que tinha estado no planeta Vênus... levado para lá por esses *eldila*.

– Vênus também é habitado por eles?

– Perdoe-me observar que esse comentário demonstra que a senhora não captou bem o que estou lhe dizendo. Esses seres não são de modo algum planetários. Supondo que existam, é preciso concebê-los como flutuando pela imensidão dos céus, se bem que possam pousar num planeta aqui e ali, como um pássaro pousa numa árvore, entende? Alguns, diz ele, estão vinculados em termos mais ou menos permanentes a planetas específicos, mas não são nativos desses planetas. São um tipo de coisa totalmente diferente.

Houve alguns segundos de silêncio, e então Jane fez uma pergunta.

– Imagino que sejam mais ou menos amistosos?

– Essa é sem dúvida a ideia do diretor sobre os seres, com uma importante exceção.

– E qual é essa?

– Os *eldila* que há muitos séculos se concentram no nosso próprio planeta. Parece que não tivemos absolutamente nenhuma sorte ao escolher nosso complemento particular de parasitas. E isso, senhora Studdock, me traz ao ponto principal.

Jane esperou. Era extraordinário como MacPhee quase neutralizava a

estranheza do que estava lhe contando.

– Em poucas palavras – disse ele –, esta casa é dominada pelos seres de que estou falando ou por uma mera ilusão. É por conselhos que ele acredita ter recebido dos *eldila* que o diretor descobriu a conspiração contra a espécie humana; e ainda por cima é por meio de instruções dos *eldila* que ele está conduzindo a campanha... caso se possa chamar isso de “conduzir”! Pode ter lhe ocorrido a pergunta, senhora Studdock, de como qualquer homem sensato acha que vamos derrotar uma poderosa conspiração, parados aqui cultivando legumes de inverno e treinando ursos de circo. É uma questão que levantei em mais de uma ocasião. A resposta é sempre a mesma: estamos aguardando ordens.

– Dos *eldila*? Foi a eles que ele se referiu quando falou dos seus Mestres?

– Duvido que seja, embora ele não use essa palavra quando fala comigo.

– Mas, senhor MacPhee, eu não entendo. Achei que o senhor disse que os do nosso planeta eram hostis.

– Essa é uma dúvida muito boa – disse MacPhee –, mas não é com os nossos próprios que o diretor afirma estar em comunicação. É com seus amigos do espaço cósmico. Nossa tripulação, os *eldila* terrestres, estão por trás de toda a conspiração. A senhora deve nos imaginar, senhora Studdock, como habitantes de um mundo em que as classes criminosas dos *eldila* estabeleceram sua sede. E o que está acontecendo agora, se a visão do diretor estiver correta, é que a parentela respeitável deles está visitando este planeta para limpar o lugar.

– Quer dizer que os outros *eldila* de lá do espaço vêm aqui, a esta casa?

– É o que o diretor pensa.

– Mas o senhor deve saber se é verdade ou não.

– Como?

– O senhor já os viu?

– Essa não é uma questão a ser respondida com um sim ou um não. Já vi muita coisa nesta vida que não estava lá ou que não era o que estava dando a impressão de ser: arco-íris, reflexos e pores do sol, para não mencionar sonhos. E existe também a heterossugestão. Não negarei que observei nesta casa uma classe de fenômenos que ainda não pude explicar plenamente. Mas eles nunca ocorreram em um momento em que eu tivesse um caderno à mão ou qualquer equipamento para verificação.

– E ver não é acreditar?

– Pode ser... para crianças ou animais – disse MacPhee.

– Mas não para pessoas sensatas, é isso o que quer dizer?

– Meu tio, o doutor Duncanson – disse MacPhee, – cujo nome pode lhe ser familiar... foi moderador da Assembleia Geral no exílio, na Escócia... Ele costumava dizer: “Mostre-me na palavra de Deus.” E então ele batia na Bíblia enorme em cima da mesa. Era um jeito de calar as pessoas que o procuravam com baboseiras sobre experiências religiosas. E, levando em conta suas premissas, ele estava totalmente certo. Eu não sigo as ideias dele, senhora Studdock, entenda bem, mas trabalho segundo os mesmos princípios. Se qualquer coisa quiser que Andrew MacPhee acredite na sua existência, agradecerei se ela se apresentar à plena luz do dia, na presença de um número suficiente de testemunhas e se não se intimidar caso saquemos uma câmera ou um termômetro.

MacPhee contemplava a caixa de rapé, pensativo.

– Quer dizer que o senhor viu alguma coisa?

– Sim. Mas devemos manter a mente aberta. Poderia ser uma alucinação. Poderia ser ilusionismo...

– Por parte do diretor? – perguntou Jane, com raiva. O senhor MacPhee recorreu mais uma vez à sua caixa de rapé. – O senhor realmente espera que eu acredite que o diretor é esse tipo de pessoa? Um charlatão?

– Eu gostaria – disse MacPhee – que a senhora encontrasse um modo de examinar a questão sem o emprego constante de termos como “acreditar”. Obviamente, o ilusionismo é uma das hipóteses que qualquer investigador imparcial deveria levar em conta. O fato de ser uma hipótese especialmente incompatível com as emoções desse ou daquele investigador não vem ao caso. A menos que, talvez, seja uma razão a mais para ressaltar a hipótese em questão, simplesmente porque existe um forte perigo psicológico de negligenciá-la.

– Existe uma coisa que se chama lealdade – disse Jane. MacPhee, que estava fechando cuidadosamente a caixa de rapé, de repente olhou para ela cheio de radicalismo no olhar.

– Existe, senhora – disse ele. – À medida que for ficando mais velha, a senhora aprenderá que ela é uma virtude importante demais para ser desperdiçada em personalidades individuais.

Nesse momento, houve uma batida à porta.

– Pode entrar – disse MacPhee, e Camilla entrou.

– Já terminou com Jane, senhor MacPhee? – disse ela. – Ela prometeu sair comigo para respirar ar puro antes do jantar.

– Ai, ar puro, uma ova – disse MacPhee, com um gesto de desespero. – Muito bem, senhoras, muito bem. Saiam para o jardim. Duvido que estejam fazendo alguma coisa mais objetiva do lado do inimigo. Nesse ritmo, eles terão o país inteiro sob seu controle, antes que façamos um movimento.

– Quem dera o senhor lesse o poema que estou lendo – disse Camilla. – Pois ele diz num verso exatamente como me sinto acerca dessa espera: *Tolo, tudo se encontra numa paixão de paciência, a lei do meu senhor.*

– De onde é isso? – perguntou Jane.

– *Taliessin através de Logres.*

– É provável que o senhor MacPhee não aprove poeta algum, com exceção de Burns.

– Burns! – disse MacPhee, com profundo desdém, abrindo a gaveta da escrivaninha com uma força enorme e apresentando um formidável maço de folhas de papel. – Se vão ao jardim, senhoras, não deixem que eu as atrase.

– Ele estava lhe contando? – perguntou Camilla, enquanto as duas moças seguiam juntas pelo corredor. Levada por um tipo de impulso que era raro para sua experiência, Jane segurou a mão da amiga, ao responder que sim. Ambas estavam repletas de alguma paixão, mas que paixão elas não sabiam. Chegaram à porta da frente e, quando a abriram, seus olhos depararam com uma visão que, embora natural, parecia naquele momento apocalíptica.

O dia inteiro o vento tinha soprado, e elas se descobriram olhando para um céu quase limpo. O frio era intenso; as estrelas, severas e luminosas. Muito acima dos últimos farrapos de nuvens velozes, pairava a lua, com todo o seu aspecto selvagem: não a lua voluptuosa de milhares de canções de amor do sul; mas a caçadora, a virgem indomável, a ponta de lança da loucura. Se aquele satélite frio tivesse exatamente naquela hora se unido ao nosso planeta pela primeira vez, dificilmente ele poderia ter se parecido mais com um presságio. O ardor se insinuou pelo sangue de Jane.

– Esse senhor MacPhee... – disse Jane, enquanto elas subiam pela encosta íngreme até o topo do jardim.

– Eu sei – disse Camilla. E então: – *Você* acreditou?

– Claro que sim.

– Como o senhor MacPhee explica a idade do diretor?

– Quer dizer o fato de ele parecer... ou ser... tão jovem... se dá para chamar de jovem?

– Sim. É assim que ficam as pessoas que voltam dos astros. Ou pelo menos de Perelandra. O Paraíso ainda está acontecendo por lá. Faça que ele lhe fale sobre isso algum dia. Ele nunca mais vai envelhecer nem um ano, nem um mês.

– Ele vai morrer?

– Ele será levado daqui, creio eu. De volta para o Espaço Sideral. Aconteceu com uma pessoa ou duas, talvez umas seis, desde o início dos tempos.

– Camilla!

– Sim?

– O que... o que ele é?

– É um homem, minha cara. E é o Líder Supremo de Logres. Esta casa, todos nós aqui, o senhor Bultitude e Pinch, somos tudo o que sobrou de Logres: todo o resto tornou-se meramente Grã-Bretanha. Prossiga. Vamos direto até o topo. Como o vento está forte! Eles talvez venham hoje à noite.



Naquela noite, Jane lavou a louça, sob o olhar atento do Barão Corvo, a galha, enquanto os outros se reuniam na Sala Azul.

– Bem – disse Ransom, quando Grace Ironwood terminou a leitura das suas anotações. – Esse é o sonho, e tudo nele parece ser objetivo.

– Objetivo? – disse Dimble. – Não estou entendendo. O senhor não quer dizer que eles realmente poderiam ter uma coisa dessas?

– O que você acha, MacPhee? – perguntou Ransom.

– Ah, sim, é possível – disse MacPhee. – Vejam que se trata de um velho experimento com cabeças de animais. Eles costumam fazer isso em laboratórios. Você decapita um gato, digamos, e descarta o corpo. Vai conseguir manter a cabeça funcionando um pouco se lhe fornecer sangue à pressão correta.

– Imagina! – disse Ivy Maggs.

– Quer dizer, mantê-la *viva*? – perguntou Dimble.

– *Viva* é um termo ambíguo. Podem-se manter todas as funções. É o que popularmente se chamaria de *viva*. Mas uma cabeça humana, e a consciência... não sei o que aconteceria caso se tentasse isso.

– Já foi tentado – disse a senhorita Ironwood. – Um alemão tentou antes da Primeira Guerra. Com a cabeça de um criminoso.



– É um fato verdadeiro? – perguntou MacPhee, com enorme interesse. – E você sabe qual foi o resultado obtido?

– Não deu certo. A cabeça simplesmente se decompôs normalmente.

– Não aguento mais isso, não aguento – disse Ivy Maggs, levantando-se e saindo abruptamente da sala.

– Então essa abominação imunda – disse o doutor Dimble – é real, não apenas um sonho. – Seu rosto estava branco, e sua expressão tensa. O rosto da sua mulher, por outro lado, não demonstrava nada mais que a repugnância controlada com a qual uma senhora da velha escola escuta qualquer detalhe repulsivo, quando sua menção se torna inevitável.

– Não temos provas disso – disse MacPhee. – Estou apenas expondo fatos. O que a moça sonhou é possível.

– E essa história de turbante – perguntou Denniston –, esse tipo de inchaço no alto da cabeça?

– Vocês veem o que poderia ser – disse o diretor.

– Não tenho certeza se vejo, senhor – disse Dimble.

– Supondo que o sonho seja verídico – disse MacPhee –, dá para imaginar o que poderia ser. Uma vez que eles a tivessem mantido viva, a primeira coisa que meninos como eles fariam seria aumentar o cérebro. Eles tentariam todos os tipos de estimulante. E então, talvez, abrissem de leve o topo do crânio para simplesmente, bem, simplesmente deixar transbordar um pouco, como se poderia dizer. Essa é a ideia, não duvido. Uma hipertrofia cerebral induzida artificialmente para sustentar um poder sobre-humano de ideação.

– Existe alguma probabilidade – perguntou o diretor – de que uma hipertrofia dessas aumente o poder do pensamento?

– Esse me parece o ponto fraco – disse a senhorita Ironwood. – Eu teria considerado igualmente provável que produzisse insanidade, ou absolutamente nada. Mas *poderia* ter o efeito contrário.

Houve um silêncio pensativo.

– Então, o que estamos enfrentando – disse Dimble – é o cérebro de um criminoso, inchado até proporções super-humanas e experimentando um modo de consciência que não podemos imaginar, mas que é presumivelmente uma consciência de agonia e ódio.

– Não podemos afirmar – disse a senhorita Ironwood – que haja muita dor de verdade. Alguma na região do pescoço, talvez, de início.

– O que nos interessa muito mais imediatamente – disse MacPhee – é determinar que conclusões podemos extrair dessas atividades com a cabeça de Alcasan, e que medidas práticas deveriam ser tomadas por nós... sempre e simplesmente como uma hipótese de trabalho, partindo do pressuposto de que o sonho seja verídico.

– De cara, ele já nos diz uma coisa – disse Denniston.

– E o que diz? – perguntou MacPhee.

– Que o movimento do inimigo é internacional. Para conseguir essa cabeça, eles deviam estar em perfeita harmonia no mínimo com uma força policial estrangeira.

MacPhee esfregou as mãos.

– Meu caro – disse ele –, você tem tudo para ser um pensador lógico. Mas a dedução não é assim tão certa. O suborno poderia ser uma explicação, sem uma integração verdadeira.

– No longo prazo ela nos diz algo ainda mais importante – disse o diretor. – Se essa técnica for realmente bem-sucedida, significa que o pessoal de Belbury, até onde interessa, descobriu um meio de tornar-se imortal. – Houve um instante de silêncio, e então ele prosseguiu: – É o início daquilo que na verdade é uma nova espécie: as Cabeças Escolhidas que nunca morrem. Ela será chamada de novo passo na evolução. E, de agora em diante, todas as criaturas que você e eu chamamos de humanas ou serão meros candidatos à admissão à nova espécie ou serão seus escravos... talvez seu alimento.

– O surgimento dos Homens Sem Corpo! – disse Dimple.

– Muito provável, muito provável – disse MacPhee, oferecendo a caixa de rapé para o último a falar. Ela foi recusada, e ele pegou deliberadamente uma pitada antes de continuar. – Mas de nada adianta aplicar as forças da retórica para nos deixar apavorados; nem arrancar nossa própria cabeça dos ombros só porque algumas outras pessoas tiveram os ombros tirados de debaixo da sua cabeça. Sou mais a Cabeça do Diretor, a sua, doutor Dimple, e a minha própria, contra a desse rapaz, quer os miolos estejam saindo borbulhando, quer não. Desde que as usemos. Seria um prazer ouvir que medidas práticas são sugeridas do nosso lado.

Com essas palavras, ele bateu delicadamente com as juntas dos dedos no joelho e olhou fixo para o diretor.

– É – disse MacPhee – uma questão que me atrevi a apresentar antes.

Uma súbita transformação, como o pulo de uma chama das brasas, passou

pelo rosto de Grace Ironwood.

– Será que não se pode confiar em que o diretor apresente seu próprio plano no momento que lhe for conveniente, senhor MacPhee? – disse ela, feroz.

– Pelo mesmo raciocínio, doutora – disse ele –, será que não se pode confiar no conselho para ouvir o plano do diretor?

– O que está querendo dizer, MacPhee? – perguntou Dimble.

– Senhor diretor – disse MacPhee –, queira perdoar minha franqueza. Seus inimigos já se muniram dessa Cabeça. Eles se apoderaram de Edgestow e estão a caminho de sustar as leis da Inglaterra. E ainda assim você nos diz que não chegou a hora de nos mexermos. Se tivesse acatado meu conselho seis meses atrás, a esta altura nós já estaríamos com uma organização nos quatro cantos da ilha e talvez um partido na Câmara dos Comuns. Sei bem o que vai dizer... que esses não são os métodos corretos. E pode ser que não sejam. Mas, se você não pode aceitar nosso conselho nem nos dar nada para fazer, para que estamos todos nós sentados aqui? Você já levou seriamente em consideração a ideia de nos despachar e reunir outros companheiros com quem *possa* trabalhar?

– Dissolver a Companhia, é isso? – perguntou Dimble.

– Sim, isso mesmo – disse MacPhee.

O diretor olhou para eles, com um sorriso.

– Mas – disse ele –, eu não tenho poder para dissolvê-la.

– Nesse caso – disse MacPhee –, devo lhe perguntar que autoridade você tinha para formá-la.

– Eu nunca a formei – disse o diretor. Então, depois de passar o olhar por todos, ele acrescentou: – Há algum estranho equívoco aqui! Vocês todos tinham a impressão de que eu os tinha *selecionado*? Tinham? – repetiu ele, quando ninguém respondeu.

– Bem – disse Dimble –, no que me diz respeito, eu tenho plena consciência de que a coisa aconteceu mais ou menos de modo inconsciente... até mesmo por acaso. Não houve nenhum momento em que você tivesse me convidado para participar de um movimento definido, ou qualquer coisa dessa natureza. É por isso que sempre me considereei uma espécie de agregado. Eu supunha que os outros estivessem numa posição mais formal.

– O senhor sabe por que Camilla e eu estamos aqui – disse Denniston. – Sem dúvida, nós não pretendíamos nem prevíamos de que forma nossos serviços seriam empregados.

Grace Ironwood olhou com uma expressão tensa no rosto, que tinha ficado bastante pálido.

– Você quer...? – começou ela. O diretor pôs a mão no seu braço.

– Não – disse ele. – Não. Não é preciso que todas essas histórias sejam contadas.

A expressão severa de MacPhee relaxou num largo sorriso.

– Estou vendo aonde você quer chegar – disse ele. – Todos nós estivemos brincando de cabra-cega, suspeito. Mas peço licença para observar, doutor Ransom, que você exerce um pouco de autoridade, sim. Simplesmente não me lembro de como veio a ser chamado de diretor. Mas, a partir desse título e de mais uma indicação ou duas, qualquer pessoa consideraria seu comportamento mais semelhante ao do líder de uma organização do que ao de um anfitrião numa casa de campo.

– Eu sou o diretor – disse Ransom, sorrindo. – Você acha que eu reivindicaria esse grau de autoridade se a relação entre nós dependesse da sua escolha ou da minha? Vocês nunca me escolheram. Eu nunca os escolhi. Até mesmo os grandes Oyéresu a quem sirvo nunca me escolheram. Entrei no mundo deles pelo que pareceu ser, de início, um acaso. Como vocês vieram a mim... como os próprios animais nesta casa chegaram aqui. Vocês e eu não começamos nem engendramos isso: foi algo que se abateu sobre nós, que nos sugou para dentro, por assim dizer. Trata-se, sem dúvida, de uma organização, mas nós não somos os organizadores. E é por isso que não tenho nenhuma autoridade para dar a nenhum de vocês permissão para deixar minha residência.

Por um tempo fez-se silêncio total na Sala Azul, exceto pelo crepitar do fogo.

– Se não houver mais nada a examinar – disse Grace Ironwood, depois de algum tempo –, talvez fosse melhor deixarmos o diretor repousar.

MacPhee levantou-se e espanou um pouco de rapé dos joelhos, preparando assim uma aventura totalmente inédita para os camundongos, na próxima vez que saíssem em obediência ao assobio do diretor.

– Não tenho a menor intenção – disse ele – de sair desta casa se qualquer um quiser que eu permaneça. Contudo, no que diz respeito à hipótese geral segundo a qual o diretor parece estar atuando e à autoridade muito peculiar que ele reivindica para si, eu por enquanto prefiro não me pronunciar. O senhor diretor sabe muito bem em que sentido eu tenho, e em que sentido não tenho, total confiança na sua pessoa.

O diretor riu.

– Deus me livre – disse ele – de eu alegar saber o que acontece nas duas metades da sua cabeça, MacPhee, muito menos como você faz a conexão entre elas. Porém eu sei (o que é muito mais importante) o tipo de confiança que tenho em você. Mas não quer se sentar? Há muito mais a ser dito.

MacPhee retomou sua cadeira; Grace Ironwood, que estivera sentada muito empertugada, relaxou; e o diretor falou.

– Aprendemos nesta noite – disse ele –, se não o que o verdadeiro poder por trás dos nossos inimigos está fazendo, pelo menos a forma na qual ele se corporificou em Belbury. Sabemos, portanto, alguma coisa sobre um dos ataques que estão prestes a ser lançados contra nossa espécie. Mas estou pensando no outro.

– Sim – disse Camilla, com seriedade. – O outro.

– Querendo dizer...? – perguntou MacPhee.

– Querendo dizer – respondeu Ransom – que, não importa o que seja, está por baixo do Bosque de Bragdon.

– Você ainda está pensando *nisso*? – disse o homem do Ulster.

Seguiu-se um momento de silêncio.

– Não penso em quase mais nada – disse o diretor. – Já sabíamos que o inimigo queria o bosque. Alguns de nós adivinharam por quê. Agora Jane viu... ou melhor, sentiu... numa visão o que eles estão procurando em Bragdon. Esse pode ser dos dois o perigo maior. Mas o que é certo é que o maior perigo de todos é a junção das forças inimigas. Ele está apostando tudo nisso. Quando o novo poder de Belbury se unir ao velho poder por baixo do Bosque de Bragdon, Logres... na realidade o Homem... estará quase cercado. Para nós tudo gira em torno de impedir essa união. É nesse ponto que precisamos estar dispostos tanto a matar quanto a morrer. No entanto, ainda não podemos atacar. Não podemos entrar em Bragdon e começar a escavar por nossa conta. Deve haver um momento em que eles o encontrarão... em que encontrarão a coisa. Não tenho a menor dúvida de que seremos informados de um modo ou de outro. Até então, precisamos esperar.

– Não acredito numa palavra de toda essa outra história – disse MacPhee.

– Achei – disse a senhorita Ironwood – que não devíamos usar palavras como *acreditar*. Que devíamos apenas relatar fatos e expor implicações.

– Se vocês dois continuarem a brigar – disse o diretor –, creio que vou forçá-los a se casar um com o outro.



No início, o grande mistério para a Companhia tinha sido o motivo pelo qual o inimigo queria o Bosque de Bragdon. A terra era inadequada e, somente por meio de obras preliminares muito dispendiosas, poderia ser preparada para receber um prédio na escala que eles propunham. Ademais, Edgestow em si não era um lugar obviamente conveniente. Por meio de estudos profundos em colaboração com o doutor Dimble, e apesar do constante ceticismo de MacPhee, o diretor por fim chegara a uma conclusão. Dimble, ele e os Dennistons tinham entre si um conhecimento da Grã-Bretanha arturiana ao qual os estudiosos ortodoxos provavelmente não teriam acesso ainda por alguns séculos. Eles sabiam que Edgestow ficava no que tinha sido o coração da antiga Logres; que o vilarejo de Cure Hardy preservava o nome de *Ozana le Coeur Hardi*; e que um Merlin histórico tinha um dia trabalhado no que agora era o Bosque de Bragdon.

Exatamente o que ele tinha feito lá, eles não sabiam; mas todos, por vários percursos, chegaram longe demais, fosse para considerar sua arte mera lenda e impostura, fosse para equipará-la precisamente ao que a Renascença chamava de magia. Dimble chegava a sustentar que um bom crítico, por sua sensibilidade apenas, podia detectar a diferença entre os traços que as duas coisas deixaram na literatura. “Que divisor comum existe”, perguntaria ele, “entre ocultistas ritualistas como Fausto, Próspero e Arquimagos, com seus estudos à meia-noite, seus livros proibidos, seu séquito de elementais ou demônios, e uma figura como Merlin, que parece produzir resultados simplesmente por ser Merlin?” E Ransom concordava. Ele achava que a arte de Merlin era o último resquício de algo mais antigo e diferente... algo trazido para a Europa Ocidental depois da queda de Numinor e que remontava a uma era na qual as relações gerais da mente e da matéria neste planeta eram diferentes daquelas que conhecemos. Era provável que ela apresentasse diferenças profundas em comparação com a magia da Renascença. Era possível que tivesse envolvido menos culpa (embora isso fosse duvidoso): decerto, tinha sido mais eficaz. Pois Paracelso, Agripa e os demais realizaram pouco ou nada. O próprio Bacon – nenhum inimigo da magia a não ser sob esse aspecto – relatou que os magos “não alcançavam a grandeza e a certeza das obras”. Toda a explosão renascentista de artes proibidas parecia ter sido um método de perder a alma em termos singularmente desfavoráveis. Mas a arte mais antiga tinha sido uma proposta diferente.

No entanto, se o único atrativo possível de Bragdon estava em sua associação

com os últimos vestígios da magia atlante, ele dizia à Companhia mais uma coisa. Dizia-lhes que o Inec, no seu cerne, não se dedicava exclusivamente a formas modernas ou materialistas do poder. Dizia ao diretor que, de fato, havia energia eldílca e conhecimento eldílico por trás dela. Era naturalmente outra questão se os seres humanos que integravam o Inec sabiam das potências sombrias que eram seus verdadeiros organizadores. E, no longo prazo, essa questão talvez não fosse importante. Como o próprio Ransom afirmara mais de uma vez, “Quer eles saibam, quer não, o mesmo tipo de coisa vai acontecer repetidamente. Não se trata de saber como o pessoal de Belbury vai agir (os *eldila* das trevas se encarregarão disso), mas de como eles encararão seus atos. Eles irão a Bragdon: resta saber se algum deles saberá o verdadeiro motivo pelo qual estão indo lá, ou se todos inventarão alguma teoria fajuta dos solos, do ar ou de tensões etéricas, para explicar a atividade.”

Até certa altura, o diretor tinha suposto que os poderes pelos quais o inimigo ansiava residiam tão somente na localização de Bragdon – pois existe uma crença antiga e disseminada de que o local em si é importante. Mas, com o sonho de Jane sobre a criatura fria, adormecida, ele viu que não era bem assim. Era algo muito mais definido, algo situado por baixo do Bosque de Bragdon, algo a ser descoberto por uma escavação. Tratava-se, de fato, do corpo de Merlin. Enquanto os *eldila* estavam com ele, o diretor recebeu quase sem assombro o que eles lhe disseram acerca da possibilidade de uma descoberta dessa ordem. Para eles, aquilo não era assombroso. Aos seus olhos, os modos telúricos normais de ser – gerar, nascer, morrer e se decompor –, que devem utilizar a estrutura do pensamento, não eram menos maravilhosos que os inúmeros outros padrões de ser que se apresentavam constantemente a suas mentes que nunca dormem. Para aquelas criaturas sublimes, cuja atividade constrói o que chamamos de Natureza, nada é “natural”. Da sua perspectiva, a arbitrariedade essencial (por assim dizer) de cada criação real é incessantemente visível. Para elas, não há pressupostos básicos: tudo brota, com a beleza intencional de uma brincadeira ou de uma melodia, a partir daquele momento milagroso de autolimitação em que o Infinito, rejeitando uma miríade de possibilidades, lança de si a invenção positiva e selecionada. Não lhes pareceu estranho que um corpo permanecesse indecomposto por mil e quinhentos anos; elas conheciam mundos em que não existia absolutamente nenhuma decomposição. Nem lhes pareceu mais estranho que sua vida individual permanecesse latente todo esse tempo; elas tinham visto inúmeros modos diferentes segundo os quais a alma e a matéria podiam se associar e se separar, se separar sem a perda da influência recíproca, se associar

sem uma verdadeira encarnação, se fundir de modo tão completo a ponto de ser uma terceira coisa; ou se unir periodicamente numa união tão curta e tão momentânea quanto o abraço nupcial. Não foi como um assombro na filosofia natural, mas como uma informação em tempos de guerra, que eles trouxeram ao diretor a notícia. Merlin não tinha morrido. Sua vida tinha sido escondida, desviada, retirada do nosso tempo unidimensional, por quinze séculos. Entretanto, sob determinadas condições, ela voltaria ao seu corpo.

Fazia pouco tempo que os *eldila* tinham lhe contado isso, porque antes não sabiam. Uma das maiores dificuldades de Ransom ao discutir com MacPhee (que constantemente anunciava sua descrença na existência dos *eldila*) residia no fato de MacPhee partir do pressuposto comum, porém curioso, de que, se existem criaturas mais sábias e mais fortes que o homem, elas devem por conseguinte ser oniscientes e onipotentes. Em vão, Ransom tentava explicar a verdade. Sem dúvida, os seres imensos que agora vinham visitá-lo com tanta frequência tinham poder suficiente para varrer Belbury do mapa da Inglaterra; e a Inglaterra, do globo terrestre; talvez, para acabar com a existência do próprio globo terrestre. Mas nenhum poder desse tipo seria usado. Nem tinham eles nenhuma visão direta que penetrasse na mente dos homens. Foi num lugar diferente, e abordando o conhecimento a partir do outro lado, que eles descobriram o estado de Merlin: não pela inspeção da coisa que jazia por baixo do Bosque de Bragdon, e sim a partir da observação de uma configuração singular, naquele local onde permanecem as coisas que são removidas da rota principal do tempo, por trás das sebes invisíveis, pelos campos inimagináveis adentro. Nem todos os tempos que estão fora do presente estão necessariamente no passado ou no futuro.

Foi isso que manteve o diretor acordado, com o cenho franzido, nas horas frias do início daquela manhã, quando os outros o deixaram. Não havia mais dúvida na sua mente quanto ao motivo que levou o inimigo a comprar Bragdon: para encontrar Merlin. E, se o encontrassem, eles o despertariam. Seria inevitável que o velho druida se unisse aos novos planejadores – o que poderia impedi-lo de fazê-lo? Seria efetuada uma união entre dois tipos de poder, que juntos determinariam o destino do nosso planeta. Sem dúvida, essa tinha sido a vontade dos *eldila* das trevas havia séculos. As ciências físicas, boas e inocentes em si, já tinham, mesmo na vida de Ransom, começado a ser deturpadas, sutilmente manobradas para certa direção. A desesperança no que dizia respeito a encontrar a verdade objetiva tinha sido infiltrada cada vez mais nos cientistas; uma indiferença para com ela e uma concentração no mero poder resultaram



disso. Papo-furado sobre o elã vital e flertes com o pampsiquismo prometiam restaurar a *Anima Mundi* dos magos. Sonhos com o destino do homem no futuro remoto estavam arrastando da cova rasa e inquieta o antigo sonho do Homem como Deus. As experiências da sala de dissecação e do laboratório de patologia estavam gerando uma convicção de que o sufocamento de todas as repugnâncias profundamente enraizadas era o primeiro ponto essencial para o progresso. E agora, tudo isso tinha chegado ao estágio no qual seus maquinadores sinistros acreditavam que poderiam em segurança começar a exercer pressão para que ele se unisse àquela outra forma mais antiga de poder. Na realidade, eles estavam escolhendo o primeiro momento em que isso poderia ter sido feito. Ele não poderia ter sido feito com cientistas do século XIX. Seu materialismo firme e objetivo teria excluído essa possibilidade do seu pensamento. E, mesmo que tivesse sido possível fazê-los acreditar, a moralidade herdada os teria impedido de sujar as mãos. MacPhee era um sobrevivente dessa tradição. Agora tudo estava diferente. Talvez poucas ou nenhuma das pessoas em Belbury soubessem o que estava acontecendo. Mas, uma vez que acontecesse, seria como o fogo na palha. O que eles poderiam considerar inacreditável, se já não acreditavam num universo racional? O que poderiam considerar obsceno demais, se sustentavam que toda a moralidade era apenas um subproduto subjetivo das situações físicas e econômicas dos homens? A hora tinha chegado. Do ponto de vista que é aceito no Inferno, toda a história da nossa Terra levava a este momento. Agora havia por fim uma chance verdadeira para o Homem caído se livrar daquela limitação de seus poderes imposto pela misericórdia, como uma proteção contra os plenos resultados de sua queda. Se essa tentativa fosse bem-sucedida, o Inferno seria por fim encarnado. Homens maus, enquanto ainda no corpo, ainda rastejando sobre este pequeno globo, entrariam naquele estado em que, até então, entravam somente depois da morte, disporiam da diuturnidade e do poder dos espíritos do mal. A natureza, por todo o globo de Telus, se tornaria sua escrava. E para esse domínio não haveria como prever com segurança um fim, antes do próprio final dos tempos.



## A cidade conquistada

Até agora, não importava como seus dias tivessem sido, Mark geralmente dormia bem. Naquela noite, o sono lhe faltava. Não tinha escrito para Jane. Passara o dia mantendo-se fora do alcance dos outros, sem fazer nada em particular. A noite insone transportou todos os seus temores para um novo nível. Naturalmente, ele era em tese um materialista; e (também em tese) havia passado da idade em que se podem ter temores noturnos. Mas agora, com o vento matraqueando na sua janela uma hora após a outra, ele sentia novamente aqueles velhos terrores: o arrepio antigo e intenso, como o de dedos gelados descendo delicados pelas suas costas. O materialismo na realidade não é proteção alguma. Quem o procurar com essa esperança em mente (e não se trata de um grupo insignificante) ficará desapontado. Aquilo que você teme é impossível. Muito bem. Só por isso você consegue deixar de temê-lo? Não aqui e agora. E então o quê? Se você tiver de ver fantasmas, é melhor não descrever deles.

Foi chamado mais cedo que de costume, e com seu chá veio um bilhete. O vice-diretor o saudava e precisava pedir ao senhor Studdock que viesse vê-lo *imediatamente* acerca de uma questão urgentíssima e extremamente consternadora. Mark vestiu-se e obedeceu.

No escritório do vice-diretor, ele encontrou Wither e a senhorita Hardcastle. Para surpresa de Mark e (momentaneamente) para seu alívio, Wither não demonstrou recordar-se do seu último encontro. Na realidade, sua atitude foi simpática, até mesmo condescendente, mas extremamente séria.

– Bom dia, bom dia, senhor Studdock – disse ele. – É com a maior tristeza que eu... hum... resumindo, eu não o afastaria do seu desjejum se não considerasse do seu maior interesse ser plenamente informado dos fatos o mais cedo possível. Naturalmente, o senhor há de encarar tudo o que estou a ponto de dizer como estritamente confidencial. A questão é aflitiva ou, no mínimo, embaraçosa. Tenho certeza de que, no decorrer da conversa (queira se sentar, por favor, senhor Studdock), o senhor se dará conta, na sua situação atual, de como fomos prudentes em garantir desde o início que tivéssemos nossa própria força policial, para usar esse nome infeliz.

Markumedeceu os lábios e se sentou.

– Minha relutância em levantar a questão – prosseguiu Wither – seria muito mais séria, se eu não me sentisse capaz de lhe assegurar, antes de mais nada, entenda bem, a perfeita confiança que todos nós sentimos no senhor; e à qual eu tinha muita esperança – (aqui pela primeira vez ele olhou nos olhos de Mark) – de que o senhor estivesse começando a corresponder. Aqui nós nos consideramos nada mais que irmãos e... hum... irmãs. De modo que, seja o que for que se passe entre nós nesta sala, pode ser encarado como algo sigiloso no mais alto grau da palavra. E entendo que todos nos sentiremos no direito de discutir o assunto que estou prestes a mencionar, da maneira mais humana e informal possível.

A voz da senhorita Hardcastle, numa interrupção abrupta, teve um efeito não de todo dessemelhante de um tiro de pistola.

– Você perdeu sua carteira, Studdock – disse ela.

– Minha... minha carteira? – disse Mark

– É. Carteira. Bolsa. Objeto em que se guardam notas e cartas.

– Perdi, sim. Vocês a encontraram?

– Ela contém três libras e dez xelins, canhoto de um vale postal de cinco xelins, cartas de uma mulher que se assina Myrtle, do tesoureiro de Bracton, de G. Hershaw, F. A. Browne, M. Belcher, e uma nota de um traje a rigor de Simonds e Filho, 32.<sup>a</sup> Market Street, Edgestow?

– Bem, mais ou menos isso.

– Lá está ela – disse a senhorita Hardcastle, apontando para a mesa. – Não, não faça isso! – acrescentou ela, quando Mark deu um passo na direção da mesa.

– Mas o que significa isso tudo? – disse Mark. Seu tom foi aquele que eu acho que qualquer homem teria usado nas circunstâncias, mas que os policiais têm a tendência a descrever como “fala agressiva”.

– Nem pensar – disse a senhorita Hardcastle. – Essa carteira foi encontrada no capim ao lado da estrada a cerca de cinco metros de distância do corpo de Hingest.

– Meu Deus! – disse Studdock – Você não quer dizer... a ideia é absurda.

– De nada adianta recorrer a *mim* – disse a senhorita Hardcastle. – Não sou advogada, nem júri, nem juiz. Sou somente uma policial. Estou lhe transmitindo os fatos.

– Devo entender que sou suspeito do assassinato de Hingest?

– Realmente não creio – disse o vice-diretor – que o senhor precise ter a menor apreensão quanto a existir, a esta altura, qualquer diferença radical entre seus colegas e si mesmo no que concerne ao ângulo pelo qual essa questão muito dolorosa deveria ser encarada. A questão é na realidade de natureza constitucional...

– Constitucional? – repetiu Mark, com raiva. – Se a entendo direito, a senhorita Hardcastle está me acusando de assassinato.

Os olhos de Wither o contemplavam como que de uma distância infinita.

– Ah – disse ele –, creio que sua impressão realmente não faz justiça à posição da senhorita Hardcastle. Aquela elemento no Instituto que ela representa seria estritamente *ultra vires* [além das forças] ao fazer qualquer coisa dessa natureza dentro do Inec... supondo, mas meramente, é claro, para fins de argumentação, que eles desejassem, ou viessem a desejar num estágio posterior, fazê-lo... enquanto, no que concerne às autoridades externas, sua função, não importa como a definamos, seria perfeitamente inconsistente com qualquer ação dessa ordem; pelo menos, no sentido em que eu entendo que o senhor está usando os termos.

– Mas é com as autoridades externas que eu me preocupo, suponho – disse Mark. Sua boca estava seca, e ele tinha dificuldade em se fazer ouvir. – Até onde eu possa entender, a senhorita Hardcastle está dizendo que vou ser preso.

– Pelo contrário – disse Wither. – Este é precisamente um daqueles casos em que se vê o enorme valor de possuímos nossa própria força executiva. Esta é uma questão que poderia, receio, lhe causar uma inconveniência bastante considerável, se a polícia comum tivesse descoberto a carteira, ou se nós estivéssemos na posição de um cidadão comum que sentisse ser seu dever entregar a carteira à polícia, como nós mesmos sentiríamos ser nosso dever, se um dia estivéssemos nessa situação muito diferente. Não sei se a senhorita Hardcastle deixou perfeitamente claro para você que foram seus policiais, e somente eles, que fizeram essa descoberta... hum... embaraçosa.

– Mas aonde o senhor quer chegar? – disse Mark – Se a senhorita Hardcastle acredita que não existe à primeira vista um caso contra mim, por que estou sendo acusado desta forma? E, se ela acredita, como pode deixar de informar às autoridades?

– Meu caro amigo – disse Wither, num tom antediluviano –, não há o menor desejo por parte do Comitê de insistir em definir, em casos dessa natureza, os poderes de ação da nossa própria polícia, muito menos (o que está em questão

aqui) seus poderes de omissão. Creio que ninguém sugeriu que a senhorita Hardcastle esteja *obrigada*, em qualquer sentido que limite sua iniciativa, a comunicar a autoridades externas, que pela própria organização supostamente são menos adequadas para lidar com esse tipo imponderável e quase técnico de inquéritos que costumam surgir, quaisquer fatos adquiridos por ela e por sua equipe durante suas funções internas no Inec.

– Devo entender – disse Mark – que a senhorita Hardcastle acredita ter fatos que justifiquem minha detenção pelo assassinato do senhor Hingest, mas está se oferecendo gentilmente para suprimi-los?

– Agora você captou, Studdock – disse a Fada. Daí a um instante, pela primeira vez que Mark viu, ela de fato acendeu o charuto, soprou uma nuvem de fumaça e sorriu; ou pelo menos recuou os lábios para que seus dentes se tornassem visíveis.

– Mas não é isso o que eu quero – disse Mark. Essa não era a pura verdade. A ideia de conseguir ocultar a coisa, de qualquer maneira e quase em quaisquer condições, quando se apresentou de início alguns segundos antes, tinha surgido como ar para alguém que se sente sufocar. No entanto, algo semelhante à cidadania ainda estava vivo nele, e ele passou, quase sem perceber essa emoção, a seguir uma linha diferente. – Não quero isso – disse ele, falando com a voz excessivamente alta. – Sou inocente. Acho melhor eu procurar imediatamente a polícia... quer dizer, a polícia de verdade.

– Se você *quer* ser julgado, arriscando-se à pena de morte – disse a Fada –, aí a questão é outra.

– Eu quero ser inocentado – disse Mark – A acusação desmoronaria de uma vez. Não havia nenhum motivo concebível. E eu tenho um *álibi*. Todos sabem que dormi aqui naquela noite.

– É mesmo? – disse a Fada.

– O que você quer dizer? – perguntou Mark.

– Sempre existe um motivo, sabe? – disse ela. – Para qualquer um matar qualquer um. A polícia, são só seres humanos. Quando a engrenagem é acionada, eles naturalmente querem uma condenação.

Mark garantiu a si mesmo que não estava apavorado. Se ao menos Wither não mantivesse todas as janelas fechadas e depois acendesse um fogo exuberante!

– Há uma carta que você escreveu – disse a Fada.

– Que carta?

– Uma carta para um senhor Pelham, da sua faculdade, com data de seis semanas atrás, na qual você diz: “Quem dera Bill Nevasca fosse transportado para um mundo melhor.”

Como uma forte dor física, a lembrança daquele bilhete escrito às pressas voltou a Mark. Era o tipo de jocosidade boba, corrente no Elemento Progressista... o tipo de coisa que se poderia dizer dezenas de vezes por dia em Bracton a respeito de um adversário ou mesmo de um chato.

– Como essa carta foi parar nas suas mãos? – perguntou Mark.

– Creio, senhor Studdock – disse o vice-diretor –, que seria uma impropriedade sugerir que a senhorita Hardcastle deva dar qualquer tipo de explanação... em detalhe, quero dizer, do efetivo funcionamento da Polícia Institucional. Ao dizer isso, não pretendo nem por um momento negar que a maior confiança possível entre todos os membros do Inec é uma das características mais valiosas que o Instituto pode ter; e, na realidade, um *sine qua non* para aquela vida orgânica realmente concreta que esperamos que ele desenvolva. Entretanto, há necessariamente certas esferas, não definidas com nitidez, é claro, mas que acabam se revelando em resposta ao ambiente e em obediência ao etos residente ou dialética do todo, em que uma confiança que envolvesse a troca verbal de fatos haveria de... hum... frustrar o próprio objetivo.

– Vocês não supõem – disse Mark – que alguém possa considerar que aquela carta foi escrita a sério?

– Você já tentou alguma vez fazer um policial entender qualquer coisa? – perguntou a Fada. – Estou me referindo ao que você chama de policial *de verdade*.

Mark nada respondeu.

– E não creio que o álibi seja tão bom assim – disse a Fada. – Você foi visto conversando com Bill no jantar. Foi visto saindo pela porta da frente com ele, quando ele partiu. Ninguém o viu retornar. Nada se sabe dos seus movimentos até a hora do desjejum na manhã seguinte. Se tivesse ido com ele de carro até o local do assassinato, você teria tido tempo suficiente para voltar caminhando e se deitar por volta das duas e quinze. Noite de geada, sabe. Nenhum motivo para que seus sapatos tivessem ficado especialmente enlameados ou coisa que o valha.

– Se me permitem retomar um ponto mencionado pela senhorita Hardcastle – disse Wither –, este momento é um ótimo exemplo da imensa importância da

Polícia Institucional. Há tantos matizes sutis envolvidos, que não seria razoável esperar que as autoridades convencionais os compreendam; mas que, desde que permaneçam, por assim dizer, dentro do círculo da nossa família (eu encaro o Inec, senhor Studdock, como uma enorme família), não precisam desenvolver nenhuma tendência a levar a qualquer decisão injusta da justiça.

Em decorrência de alguma confusão mental, que até então o tinha acometido em consultórios dentários e no escritório de diretores de escola, Mark começou quase a equiparar a situação que parecia aprisioná-lo à sua prisão literal nas quatro paredes do aposento quente. Se ao menos ele pudesse sair dali, em quaisquer condições, sair para o ar livre e a luz do sol, afastar-se pelos campos afora, para longe do estalido recorrente do colarinho do vice-diretor, das manchas vermelhas na ponta do charuto da senhorita Hardcastle e do quadro do rei, que estava na parede acima da lareira!

– O senhor de fato me aconselha – disse ele – a não procurar a polícia?

– Procurar a polícia? – perguntou Wither, como se essa ideia fosse totalmente nova. – Creio, senhor Studdock, que ninguém tinha contemplado a possibilidade de qualquer ato irrevogável dessa natureza, vindo da sua parte. Poder-se-ia até mesmo alegar que, com um ato desses, o senhor seria culpado... sem intenção, apresso-me a acrescentar... de certo grau de deslealdade para com seus colegas e especialmente para com a senhorita Hardcastle. Naturalmente, com isso o senhor estaria se colocando fora da nossa proteção...

– Essa é a questão, Studdock – disse a Fada. – Uma vez que você esteja nas mãos da polícia, você estará nas mãos da polícia.

O momento da decisão de Mark tinha passado por ele, sem que ele percebesse.

– Bem – disse ele –, o que vocês se propõem fazer?

– Eu? – disse a Fada. – Ficar quieta no meu canto. Sorte sua que fomos nós que encontramos a carteira e não alguma pessoa de fora.

– Não foi sorte somente do... hum... senhor Studdock – acrescentou Wither, em tom manso –, mas de todo o Inec. Não poderíamos ter nos mantido indiferentes...

– Há apenas um problema – disse a Fada. – O fato de não termos obtido sua carta para Pelham. Só uma cópia dela. Mas, com um pouco de sorte, isso não vai dar em nada.

– Então, não há nada a ser feito no momento? – perguntou Mark.

– Não – disse Wither. – Não. Nenhuma ação imediata de qualquer tipo de

caráter oficial. Naturalmente é aconselhável que o senhor aja, como tenho certeza de que agirá, com a máxima prudência e... hum... hum... cautela durante os próximos meses. Desde que esteja conosco, creio que a Scotland Yard enxergaria a inconveniência de tentar agir, a menos que eles tivessem uma acusação muito clara mesmo. Sem dúvida é provável que algum... hum... tipo de teste de forças entre a polícia convencional e a nossa organização ocorra dentro dos próximos seis meses. Mas considero muito improvável que eles escolham esse caso para servir de teste.

A atitude de Wither era paternal.

– Quer dizer que eles já suspeitam de mim? – disse Mark

– Esperamos que não – disse a Fada. – É claro que querem um prisioneiro. Nada mais natural. Mas de longe eles prefeririam alguém que não os envolvesse numa busca nas instalações do Inec.

– Mas vejam só, droga! – disse Mark – Vocês não têm esperança de pegar o ladrão dentro de um dia ou dois? Vocês não vão fazer *nada*?

– O ladrão? – disse Wither. – Até o momento não houve a menor sugestão de que o corpo tivesse sido saqueado.

– Estou me referindo ao ladrão que roubou minha carteira.

– Ah... sim... sua carteira – disse o outro, afagando com muita delicadeza o rosto bonito, refinado. – Entendo. Será que compreendo bem que o senhor está fazendo uma acusação de roubo contra algum desconhecido, ou desconhecidos?

– Mas, por Deus! – gritou Mark – Vocês não estavam supondo que alguém a tivesse roubado? Vocês acham que eu estava lá em pessoa? *Vocês dois* acham que sou um assassino?

– Por favor! – disse o vice-diretor. – Por favor, senhor Studdock, o senhor realmente não deve gritar. Além de ser uma conduta indiscreta, devo lembrá-lo de que o senhor está na presença de uma dama. Até onde eu consiga me lembrar, nada foi dito do nosso lado com referência a algum assassinato; nem foi feita nenhuma acusação dessa natureza. Minha única ansiedade é a de deixar perfeitamente claro o que todos nós estamos fazendo. Há, é claro, certas linhas de conduta e um modo de proceder que o senhor em tese poderia adotar e que tornaria para nós muito difícil continuar a discussão. Tenho certeza de que a senhorita Hardcastle concorda comigo.

– Para mim tanto faz – disse a Fada. – Por que motivo Studdock deveria começar a berrar conosco, só porque estamos tentando mantê-lo fora do banco dos réus, não faço ideia. Mas isso, cabe a ele decidir. Estou com um dia cheio e



não quero ficar aqui parada a manhã inteira.

– Realmente – disse Mark –, eu teria imaginado ser desculpável...

– Queira se controlar, senhor Studdock – disse Wither. – Como eu disse antes, nós nos vemos como uma família, e não é preciso nada que se assemelhe a um pedido formal de desculpas. Todos nos entendemos uns aos outros e todos temos aversão a... hum... cenas. Talvez eu possa me permitir mencionar, do modo mais amistoso possível, que qualquer instabilidade de temperamento seria considerada pelo Comitê... bem, não muito favorável à confirmação da sua nomeação. É claro que todos estamos falando com o máximo sigilo.

Havia muito que Mark tinha deixado de se importar com o trabalho em si; mas ele percebia que a ameaça de demissão se transformara em uma ameaça de enforcamento.

– Sinto muito se fui grosseiro – disse ele, por fim. – Que conselho vocês me dão?

– Não dê um passo fora de Belbury, Studdock – disse a Fada.

– Creio que a senhorita Hardcastle não poderia ter lhe dado melhor conselho – disse Wither. – E agora que a senhora Studdock vem se reunir ao senhor aqui, esse cativo temporário... entenda que estou usando a palavra num sentido metafórico... não será uma provação tão séria. O senhor deve encarar esta casa como *seu lar*, senhor Studdock.

– Ah... falando nisso, senhor – disse Mark –, não tenho certeza total quanto a trazer minha mulher para cá. Por sinal, ela não está muito bem de saúde.

– Sem dúvida, nesse caso, o senhor deve estar ainda mais ansioso para tê-la aqui.

– Creio que não seria conveniente para ela, senhor.

Os olhos do VD mudaram de foco, e sua voz ficou mais baixa.

– Quase me esqueci, senhor Studdock – disse ele –, de parabenizá-lo por sua apresentação ao nosso Cabeça. Ela assinala uma transição importante na sua carreira. Todos nós percebemos que o senhor de fato é um de nós, num sentido mais profundo. Estou certo de que nada está mais longe das suas intenções do que rejeitar o interesse amistoso, quase paternal, que ele sente pelo senhor. Ele está ansioso por dar as boas-vindas à senhora Studdock entre nós o mais cedo possível.

– Por quê? – perguntou Mark, de repente.

Wither olhou para Mark com um sorriso indescritível.

– Meu caro rapaz – disse ele. – Pela união, sabe? O círculo familiar. Ela... ela

faria companhia à senhorita Hardcastle! – Antes que Mark se recuperasse dessa concepção perturbadoramente nova, Wither ergueu-se e foi arrastando os pés na direção da porta. Ele se calou com uma das mãos na maçaneta e a outra no ombro de Mark.

– O senhor deve estar com fome, precisando tomar o desjejum – disse ele. – Não se prenda por mim. Comporte-se com a máxima cautela. E... e... – A esta altura seu rosto mudou de repente. A boca muito aberta pareceu de imediato se assemelhar à boca de algum animal enfurecido. O que tinha sido a indefinição senil dos olhos tornou-se uma ausência de toda e qualquer expressão especificamente humana. – E traga a moça. Está entendendo? Traga sua mulher – acrescentou ele. – O Cabeça... não tem paciência.



Quando fechou a porta atrás de si, Mark pensou de imediato “Agora! Os dois estão ali dentro juntos. Pelo menos por um minuto estou a salvo.” Sem nem mesmo esperar para apanhar o chapéu, ele foi andando vigorosamente até a porta da frente e desceu pela entrada de carros. Nada a não ser a impossibilidade física o impediria de ir a Edgestow e avisar Jane. Depois disso, ele não tinha plano algum. Até a vaga ideia de escapar para os Estados Unidos, que, numa época mais simples, tinha reconfortado tantos fugitivos, agora lhe era negada. Ele já tinha lido nos jornais a calorosa aprovação do Inec e de todas as suas obras, vinda dos Estados Unidos e da Rússia. Algum pobre inocente útil, como ele mesmo, as escrevera. As garras do Instituto estavam fincadas em todos os países. No vapor, se ele conseguisse ir por mar; na lancha de desembarque, se ele alcançasse algum porto estrangeiro, os agentes do Instituto estariam à sua espera.

Ele já tinha passado da estrada; estava no cinturão de árvores. Praticamente não fazia um minuto que tinha deixado o escritório do VD, e ninguém o alcançara. Mas toda a aventura de ontem estava acontecendo novamente. Um vulto alto, encurvado, que arrastava os pés, rangia e cantarolava uma música, estava fechando o caminho. Mark nunca tinha lutado. Impulsos ancestrais abrigados no seu corpo – aquele corpo que sob tantos aspectos era mais sábio que sua mente – guiaram o golpe que ele dirigiu para a cabeça do seu adversário senil. Contudo, não houve impacto. De repente, o vulto tinha desaparecido.

Os que detêm maior conhecimento nunca chegaram a um acordo total quanto à explicação desse episódio. Pode ter sido que Mark, tanto naquela hora

como no dia anterior, por estar esgotado, tenha tido uma alucinação de Wither, onde Wither não estava. Pode ter sido que a constante aparição de Wither, que quase a qualquer hora assombrava tantos aposentos e corredores de Belbury, fosse (num sentido bem comprovado da palavra) um fantasma – uma daquelas impressões sensoriais que uma personalidade forte em seu último estágio de decomposição pode fazer gravar, com maior frequência depois da morte, mas às vezes antes dela, na estrutura de um prédio, e que são removidas, não pelo exorcismo, mas por alterações arquitetônicas. Ou pode ter sido, afinal de contas, que as almas que perderam o bem intelectual recebam de fato em troca, e por um curto período, o vão privilégio de assim se reproduzirem em muitos lugares, como espectros. De qualquer modo, a coisa, o que quer que fosse, desapareceu.

O caminho atravessava na diagonal um capinzal, agora todo empoadado com a geadada, e o céu estava de um azul enevoado. Então, vinha um obstáculo para impedir a passagem de animais; depois dele, o caminho passava por três campos ao longo da borda de um arvoredo. Em seguida, um pouco para a esquerda, passava pelos fundos de uma fazenda, e na sequência por uma picada através de um bosque. Depois disso, surgiu o campanário de Courthampton. Os pés de Mark já estavam aquecidos, e ele começava a sentir fome. Atravessou uma estrada, passou por um rebanho de gado que baixou a cabeça e bufou para ele, cruzou um córrego por uma pinguela e assim entrou nos sulcos congelados da alameda que o levou até Courthampton.

A primeira coisa que viu quando entrou na rua principal do povoado foi uma carroça. Uma mulher e três crianças estavam sentadas ao lado do homem que a estava conduzindo, e na carroça estavam empilhados cômodas, armações de cama, colchões, caixas e um canário numa gaiola. Imediatamente depois dela, vinham um homem, uma mulher e uma criança a pé, empurrando um carrinho de bebê. Este também estava lotado de pequenos objetos domésticos. Logo atrás uma família empurrava um carrinho de mão, e depois uma carruagem de duas rodas com uma carga pesada; e então um carro velho, buzinando sem parar, mas sem conseguir sair do seu lugar na procissão. Um fluxo constante desse tipo de tráfego vinha passando pelo povoado. Mark nunca tinha visto a guerra: se tivesse, teria reconhecido de imediato os sinais de fuga. Em todos aqueles cavalos e homens andando a duras penas e em todos aqueles veículos, ele teria lido claramente a mensagem “inimigo atrás de nós”.

O tráfego era tão constante que ele levou muito tempo para chegar à encruzilhada junto do bar, onde se podia encontrar uma tabela emoldurada e envidraçada dos horários de ônibus. Só haveria um para Edgestow ao meio-dia e

quinze. Ele ficou por ali, sem entender nada do que via, mas se perguntando; Courthampton era normalmente um povoado muito tranquilo. Por uma ilusão feliz e nada incomum, ele se sentia menos ameaçado, agora que Belbury estava longe dos seus olhos, e pensava surpreendentemente pouco no futuro. Às vezes pensava em Jane, às vezes em *bacon* e ovos, peixe frito, goles escuros e perfumados de café servidos em xícaras grandes. Às onze e meia, o bar abriu. Ele entrou e pediu uma caneca de cerveja e um pão com queijo.

De início o bar estava vazio. Durante a meia hora seguinte, homens foram chegando até quatro estarem presentes. Para começar, eles não falaram da precissão infeliz, que não parava de passar diante das janelas. Na realidade, por algum tempo, eles nada disseram. Então um homenzinho com o rosto como um batata velha fez uma observação para ninguém em particular.

– Vi o velho Rumbold numa noite dessas.

Ninguém respondeu por uns cinco minutos, e então um rapaz muito novo, de perneiras, falou:

– Ele deve é estar arrependido de ter chegado a tentar.

E assim a conversa sobre Rumbold prosseguiu um pouco, meio desanimada. Foi só quando o assunto de Rumbold se esgotou que a conversa, de um modo muito indireto e por estágios gradativos, começou a lançar luz sobre o fluxo de refugiados.

– Ainda saindo – disse um homem.

– Ah – disse outro.

– A esta altura não podem restar muitos por lá.

– Não sei mesmo onde todos vão se enfiar.

Aos poucos, toda a história foi contada. Aqueles eram os refugiados de Edgestow. Alguns foram despejados de casa; alguns, apavorados por causa dos tumultos; e ainda outros pela restauração da ordem. Parecia que uma espécie de terror tinha se estabelecido na cidadezinha.

– Ouvi dizer que houve duzentas prisões ontem – disse o dono do bar.

– Ah – disse o rapaz. – Eles são duros de roer, o pessoal da polícia do Inec, cada um deles. Deixam meu velho apavorado de verdade, é o que digo. – Ele terminou com uma risada.

– Não é tanto a polícia, mas os trabalhadores, pelo que ouvi dizer – comentou outro. – Eles nunca deveriam ter trazido aqueles galeses e irlandeses.

Mas foi praticamente só até aí que a crítica chegou. O que impressionou Mark

profundamente foi a ausência quase total de indignação entre os interlocutores, ou mesmo de alguma solidariedade nítida pelos refugiados. Todos os ali presentes sabiam de pelo menos um ultraje ocorrido em Edgestow; porém todos concordavam que aqueles refugiados deviam estar exagerando.

– Está no jornal de hoje de manhã que as coisas estão se acomodando bastante bem – disse o dono do bar.

– É mesmo – concordaram os outros.

– Sempre vai ter alguém que se sinta incomodado – disse o homem de cara de batata.

– De que adianta se sentir incomodado? – perguntou outro. – A coisa vai continuar. Não tem como fazer parar.

– É o que eu digo – disse o dono do bar. Fragmentos de artigos que Mark tinha escrito vagavam de um lado para o outro. Aparentemente ele e seus pares haviam feito um bom trabalho. A senhorita Hardcastle superestimara a resistência das classes operárias à propaganda.

Quando chegou a hora, ele não teve a menor dificuldade para pegar o ônibus, que estava na verdade vazio, pois todo o movimento era no sentido oposto. O veículo o deixou no alto de Market Street, e Mark partiu imediatamente na direção do apartamento. A cidade inteira apresentava uma nova expressão. De cada três casas, uma estava vazia. Cerca de metade das lojas estava com as vitrines cobertas por tábuas. À medida que foi subindo e chegou à região das grandes mansões com jardins, ele percebeu que muitas tinham sido confiscadas e exibiam cartazes brancos com o símbolo do Inec – um musculoso nu masculino, segurando um raio. Em todas as esquinas, e muitas vezes entre uma e outra, viam-se descansando ou perambulando à vontade policiais do Inec, com capacete, brandindo cassetetes, com revólveres em coldres nos cintos pretos brilhosos. Seus rostos redondos e brancos com a boca aberta se mexendo devagar, enquanto eles mascavam chiclete, permaneceram durante muito tempo na sua memória. Havia também avisos por toda parte, que Mark não parou para ler: seu cabeçalho dizia *Regulamentos de Emergência* e eles traziam a assinatura de Feverstone.

Estaria Jane em casa? Ele achou que não aguentaria, se Jane não estivesse em casa. Muito antes de chegar ao prédio, ele vinha remexendo na chave dentro do bolso. A porta da frente estava trancada. Isso queria dizer que os Hutchinsons, que ocupavam o andar térreo, não se encontravam ali. Ele abriu a porta e entrou. Tudo pareceu frio e úmido na escada; frio e úmido no patamar.

– Ja-a-ane – gritou ele quando abriu a porta do apartamento; mas já tinha perdido a esperança. Assim que entrou, ele soube que o lugar estava desabitado. Uma pilha de cartas fechadas estava no capacho por trás da porta. Não se ouvia nenhum som, nem mesmo o tique-taque de um relógio. Tudo estava em ordem. Jane devia ter saído algum dia de manhã imediatamente depois de arrumar todos os aposentos. Os panos de prato pendurados na cozinha estavam sequíssimos. Estava claro que não tinham sido usados pelo menos nas últimas vinte e quatro horas. O pão no armário estava dormido. Havia uma jarra com leite pela metade, mas o leite tinha engrossado e se recusava a ser derramado. Ele continuou andando de um aposento para outro, a passos pesados, muito depois de ter perfeita certeza da verdade, espantado com o ar abatido e patético que permeia as casas abandonadas. Mas era óbvio que de nada adiantava ficar por ali. Nasceu nele um crepitar de raiva irracional. Por que Jane não lhe dissera que ia embora? Ou será que alguém a teria levado dali? Talvez houvesse um bilhete para ele. Mark apANHou uma pilha de cartas do console da lareira, porém eram apenas cartas que ele próprio pusera ali para serem respondidas. Então, em cima da mesa, ele percebeu um envelope endereçado à senhora Dimble em sua casa lá na outra margem do Wynd. Quer dizer que aquela mulher detestável estivera ali! Ele achava que o casal Dimble jamais gostara dele. Era provável que tivessem convidado Jane para ficar com eles. Sem dúvida, já deviam estar se intrometendo de algum modo. Ele precisava ir a Northumberland para ver Dimble.

A ideia de se irritar com o casal Dimble ocorreu a Mark quase como uma inspiração. Esbravejar um pouco como um marido ultrajado em busca de sua mulher seria uma mudança agradável, em comparação com as atitudes que ele recentemente vinha sendo forçado a adotar. Na descida ao centro da cidade, ele parou para tomar uma bebida. Quando chegou ao Bristol e viu o cartaz do Inec ali pregado, quase disse “Droga” e deu meia-volta, antes de se lembrar de que era uma alta autoridade no Inec e não um integrante do público em geral ao qual o Bristol agora proibia a entrada. À porta, perguntaram-lhe quem ele era e assumiram uma atitude obsequiosa quando ele lhes disse. Um fogo agradável estava aceso. Depois do dia extenuante que tinha passado, Mark se sentiu no direito de pedir um uísque duplo; e depois desse, um segundo. A bebida completou a mudança na sua disposição mental, que se iniciara no instante em que ele concebeu a ideia de ter uma queixa contra o casal Dimble. O estado de Edgestow estava de alguma forma relacionado com isso. Havia nele um elemento para o qual todas aquelas demonstrações de poder sugeriam

principalmente o quanto era melhor e mais adequado, no final das contas, fazer parte do Inec do que ficar de fora. Mesmo agora... será que ele não tinha levado a sério demais todas aquelas providências acerca de um julgamento por homicídio? É claro que era assim que Wither administrava as coisas: ele gostava de ter alguma ameaça suspensa sobre a cabeça de todos. Aquele não passava de um meio para mantê-lo em Belbury e forçá-lo a mandar buscar Jane. E, pensando bem, por que não? Ela não poderia continuar a morar sozinha para sempre. E a mulher de um homem que pretendia ter uma carreira e morar no centro das decisões teria de aprender a não se surpreender à toa. Em todo caso, o primeiro passo era procurar o tal Dimble.

Ele saiu do Bristol sentindo-se, como teria dito, um homem diferente. De fato, Mark era um homem diferente. De agora em diante, até se defrontar com o momento da decisão final, os diferentes homens nele surgiriam com uma rapidez espantosa, e cada um pareceria bastante completo, enquanto durasse. Assim, derrapando com violência de um lado para o outro, sua juventude se aproximava do momento em que ele começaria a ser uma pessoa.



– Entre – disse Dimble, nos seus aposentos em Northumberland. Acabava de terminar o trabalho com seu último aluno do dia e pretendia partir para St. Anne's dali a alguns minutos.

– Ah, é você, Studdock – acrescentou ele, quando a porta se abriu. – Pode entrar. – Ele tentava falar com naturalidade, mas estava surpreso com a visita e chocado com o que estava vendo. O rosto de Studdock pareceu-lhe mudado desde seu último encontro. Estava mais gordo, mais pálido, e havia em sua expressão uma vulgaridade nova.

– Vim para perguntar por Jane – disse Mark – Sabe onde ela está?

– Receio não poder lhe dar o endereço dela – disse Dimble.

– Quer dizer que não sabe seu endereço?

– Só não posso lhe dar – disse Dimble.

De acordo com a programação de Mark, esse era o ponto no qual ele deveria ter começado a fazer pressão. Contudo, agora que estava ali na sala, não tinha a mesma sensação. Dimble sempre o tratara com uma cortesia meticulosa, e Mark sempre tivera a impressão de que Dimble não gostava dele. Isso não tinha feito

com que ele não gostasse de Dimble. Apenas o levava a uma tagarelice constrangida na presença dele e a uma vontade de agradar. A retaliação não era um dos defeitos de Mark. A verdade é que Mark gostava que gostassem dele. Uma demonstração de desdém não o despachava a sonhar com uma vingança, mas com piadas ou realizações brilhantes que um dia conquistariam a boa vontade do homem que o desdenhara. Se ele chegasse a ser cruel, seria para baixo, para com seus inferiores e os excluídos que procurassem sua consideração, não para cima, para com aqueles que a rejeitavam. Havia nele muito de um *spaniel*.

– O que você quer dizer? – perguntou ele. – Não estou entendendo.

– Se você tem o menor interesse pela segurança da sua mulher, não me peça que lhe diga para onde ela foi – disse Dimble.

– Segurança?

– Segurança – repetiu Dimble, com enorme severidade.

– Segurança com relação a quê?

– Você não sabe o que aconteceu?

– O que aconteceu?

– Na noite do grande tumulto, a Polícia Institucional tentou prendê-la. Ela escapou, mas não antes de ser torturada.

– Torturada? O que você está querendo dizer?

– Queimada com charuto.

– É por isso que vim – disse Mark – Jane... receio que ela esteja à beira de um colapso nervoso. Isso não aconteceu de verdade, sabia?

– A médica que tratou das queimaduras tem outra opinião.

– Deus do céu! – disse Mark – Quer dizer que eles a torturaram mesmo? Mas veja só...

Diante do olhar fixo e calmo de Dimble, ele descobriu que era difícil falar.

– Por que não fui informado desse abuso? – gritou ele.

– Por seus colegas? – perguntou Dimble, secamente. – É estranho você fazer essa pergunta a mim. Deveria entender as engrenagens do Inec melhor do que eu.

– Por que *você* não me disse? Por que não se fez nada a respeito? Vocês procuraram a polícia?

– A Polícia Institucional?

– Não, a polícia comum.



– Você realmente não sabe que já não existe polícia comum em Edgestow?

– Suponho que haja alguns magistrados.

– Há o comissário de emergência, lorde Feverstone. Parece que você não entendeu bem. Esta é uma cidade conquistada e ocupada.

– Então, por quê, em nome de Deus, vocês não entraram em contato comigo?

– *Com você?* – perguntou Dimble.

Por um instante, o primeiro em muitos anos, Mark viu a si mesmo exatamente da mesma forma que um homem como Dimble o via. Quase ficou sem fôlego.

– Olhe aqui – disse ele. – Você não... é absurdo demais! Você não pode imaginar que eu tivesse conhecimento disso. Você não acredita de verdade que eu mando policiais saírem por aí para maltratar minha própria mulher! – Ele tinha começado com um tom de indignação, mas terminou tentando insinuar alguma jocosidade. Se ao menos Dimble desse a menor sombra de um sorriso... qualquer coisa para passar a conversa para outro patamar.

Mas Dimble nada disse, e seu rosto não relaxou. Na realidade, ele não tinha certeza absoluta de Mark não ter se rebaixado tanto assim, porém por caridade não quis dizê-lo.

– Sei que você nunca me viu com bons olhos – disse Mark – Mas eu não sabia que era tão grave. – E novamente Dimble manteve-se calado, mas por um motivo que Mark não poderia adivinhar. A verdade era que Mark tinha acertado na mosca. A consciência de Dimble havia anos o acusava de falta de caridade para com Studdock e ele tinha se esforçado para se corrigir. Estava lutando agora.

– Bem – disse Studdock, com secura, depois que o silêncio durou alguns segundos –, parece que não há muito mais a dizer. Insisto em saber onde Jane está.

– Você *quer* que ela seja levada para Belbury?

Mark estremeceu. Foi como se o outro tivesse lido o pensamento exato que lhe ocorrera no Bristol meia hora antes.

– Não vejo por que, Dimble, eu deveria ser interrogado desse modo. Onde está minha mulher?

– Não tenho permissão para lhe dizer. Ela não está na minha casa, nem sob minha proteção. Ela está bem, feliz e em segurança. Se você ainda tiver a menor consideração pela felicidade dela, não fará nenhuma tentativa de entrar em

contato com ela.

– Será que sou algum tipo de leproso ou criminoso a quem não se possa confiar nem o endereço em que ela está?

– Desculpe-me. Você é integrante do Inec, que já a insultou, torturou e prendeu. Desde que ela escapou, somente foi deixada em paz porque seus colegas não sabem onde ela está.

– E se realmente tiver sido a polícia do Inec, você supõe que eu não vá exigir deles uma explicação completa? Com mil demônios, por quem você me toma?

– Minha única esperança é a de que você não detenha absolutamente nenhum poder no Inec. Se você não tiver nenhum poder, não terá como protegê-la. Se tiver, é porque se identifica com as políticas do Instituto. Em nenhum dos dois casos, eu me disporei a ajudá-lo a descobrir onde Jane está.

– É um absurdo – disse Mark – Mesmo que por acaso eu tenha um emprego no Inec neste momento, você *me* conhece.

– Eu *não* o conheço – disse Dimble. – Não faço a menor ideia dos seus objetivos ou motivações.

Pareceu a Mark que Dimble o olhava, não com raiva ou desprezo, e sim com aquele nível de abominação que produz nos que a sentem uma espécie de constrangimento – como se fosse uma obscenidade, que as pessoas decentes são forçadas, por pura vergonha, a fingir que não perceberam. Nisso Mark estava totalmente equivocado. Na realidade, sua presença estava agindo sobre Dimble como uma convocação a um rígido autocontrole. Dimble estava simplesmente fazendo um enorme esforço para não odiar, não desprezar, acima de tudo não ter prazer em odiar e desprezar; e não fazia ideia da severidade paralisada que esse esforço conferia ao seu rosto. Todo o resto da conversa transcorreu sob a influência desse mal-entendido.

– Houve algum erro ridículo – disse Mark – Estou lhe dizendo que vou fazer uma investigação profunda. Vou protestar. Suponho que algum policial recém-alistado tenha se embriagado ou coisa semelhante. Bem, vou acabar com ele. Eu...

– Foi a chefe da sua polícia, a senhorita Hardcastle em pessoa, a responsável.

– Muito bem. Então eu acabo com *ela*. Você achava mesmo que eu fosse aceitar isso sem me rebelar? Mas tem de haver algum erro. Não pode...

– Você conhece bem a senhorita Hardcastle? – perguntou Dimble. Mark ficou em silêncio. E pensou (de modo totalmente equivocado) que Dimble estava lendo o fundo da sua mente e vendo lá sua certeza de que a senhorita Hardcastle tinha

feito exatamente isso; e que ele não tinha maiores poderes para exigir dela uma explicação do que para deter a revolução da Terra.

De repente, a imobilidade do rosto de Dimble alterou-se, e ele falou com uma voz diferente.

– *Você* tem como exigir que ela lhe preste contas? – disse ele. – Você já está tão próximo assim do centro do poder de Belbury? Se for esse o caso, você consentiu no assassinato de Hingest, no assassinato de Compton. Se for esse o caso, foi por suas ordens que Mary Prescott foi estuprada e golpeada até morrer nos galpões atrás da estação. É com sua aprovação que criminosos... criminosos honestos cujas mãos você é indigno de tocar... estão sendo tirados das prisões para onde juízes britânicos os mandaram, a partir da condenação por júris britânicos, e sendo despachados para Belbury para serem submetidos, por um período indefinido, fora do alcance da lei, a quaisquer torturas e violências à identidade pessoal que vocês chamam de Tratamento Corretivo. Foi você quem expulsou duas mil famílias de casa, para morrer de exposição às intempéries em qualquer vala daqui até Birmingham ou Worcester. É você que pode nos informar por que Place, Rowley e Cunningham (aos oitenta anos de idade) foram detidos, e onde se encontram. E, se você estiver envolvido até esse ponto, eu não só não entregaria Jane aos seus cuidados, como também não lhe entregaria meu cachorro.

– Ora, ora – disse Mark – Isso é absurdo. Sei que foi cometido um ou outro abuso de autoridade. Numa força policial sempre se têm alguns do tipo errado. Especialmente no início. Mas, o que quero saber é o que cheguei a fazer para você me responsabilizar por todos os atos que qualquer funcionário do Inec tenha cometido... ou que se diz na imprensa marrom que ele teria cometido.

– Imprensa marrom! – vociferou Dimble, que parecia a Mark estar ainda maior em termos físicos do que alguns minutos antes. – Que tolice é essa? Você imagina que eu não saiba que vocês detêm o controle sobre todos os jornais do país, com exceção de um? Que por acaso foi esse único que não saiu nesta manhã. Seus gráficos entraram em greve. Os pobres patetas dizem que se recusam a imprimir artigos que ataquem o Instituto do povo. De onde vêm as mentiras publicadas em todos os outros jornais, você sabe melhor que eu.

Pode parecer estranho dizer que Mark, tendo por muito tempo vivido num mundo sem caridade, tinha mesmo assim raramente deparado com a raiva verdadeira. Maldade ele tinha encontrado em profusão, mas sempre operada por meio de desprezo, zombaria e punhaladas traiçoeiras. A testa, os olhos e a voz daquele senhor idoso tinham sobre ele um efeito que era sufocante e perturbador.

Em Belbury usavam-se os termos “ganidos” e “choramingsos” para descrever qualquer oposição que os atos de Belbury despertassem no mundo lá fora. E Mark nunca dispusera de imaginação suficiente para perceber como seriam realmente os “choramingsos”, quando se apresentassem diante do seu nariz.

– Estou lhe dizendo que eu não sabia de nada – gritou ele. – Inferno, eu sou prejudicado. Pelo jeito que você fala, qualquer um pensaria que foi *sua* mulher que foi maltratada.

– E poderia ter sido. E ainda pode ser. Pode ser qualquer homem ou mulher na Inglaterra. Era uma mulher e cidadã. Que diferença faz com quem ela era casada?

– Mas eu lhe digo que vou fazer um escândalo. Vou destruir a megera demoníaca que fez isso, nem que signifique destruir o Inec inteiro.

Dimble nada disse. Mark sabia que Dimble sabia que ele estava dizendo tolices. E ainda assim Mark não conseguia parar. Se não se permitisse esse rompante, ele não saberia o que dizer.

– A tolerar isso – bradou ele –, prefiro sair do Inec.

– Você está falando sério? – perguntou Dimble, com um olhar penetrante. E para Mark, cujas ideias agora eram só uma confusão fluida de vaidade ferida e medos e vergonhas conflitantes, aquele olhar mais uma vez pareceu acusador e intolerável. Na realidade, tinha sido um relance de esperança despertada. Pois a caridade tem esperança de tudo. Havia porém cautela nele. E entre a esperança e a cautela Dimble descobriu-se mais uma vez reduzido ao silêncio.

– Vejo que não confia em mim – disse Mark, instintivamente chamando ao rosto a expressão masculina e ferida que muitas vezes lhe prestara bons serviços em salas de diretores.

Dimble era um homem franco.

– Não – disse ele, após um silêncio meio longo. – Não mesmo.

Mark deu de ombros e lhe virou as costas.

– Studdock – disse Dimble. – Esta não é uma hora para tolices nem para elogios. Pode ser que nós dois estejamos a minutos da morte. É provável que você tenha sido seguido ao entrar na faculdade. E eu, de qualquer maneira, não me proponho morrer com falsidades corteses na boca. Não confio em você. Por que eu deveria? Você é (pelo menos até certo ponto) cúmplice dos piores homens deste mundo. Até o fato de você vir me procurar nesta tarde pode não passar de uma armadilha.

– Você não sabe que eu não seria capaz *disso*? – disse Mark.

– Pare de dizer besteiras! – disse Dimble. – Pare de assumir posturas e representar, pelo menos por um minuto. Quem você acha que é para falar desse jeito? Eles já corromperam homens melhores que você ou eu. Straik foi um homem bom. Filostrato foi no mínimo um grande gênio. Até mesmo Alcasan... sim, sim, eu sei quem é seu Cabeça... foi pelo menos um assassino raso: algo melhor do que eles fizeram dele agora. Quem é você para estar imune a isso?

Mark engasgou. A descoberta do quanto Dimble sabia de repente inverteu todo o seu quadro da situação. Não lhe restava nenhuma lógica.

– Mesmo assim – continuou Dimble –, sabendo de tudo isso, sabendo que você pode não passar de isca numa armadilha, vou correr um risco. Arriscarei coisas em comparação com as quais nossas vidas são insignificantes. Se for sério seu desejo de deixar o Inec, eu o ajudarei.

Num instante, foi como se os portões do Paraíso estivessem se abrindo... e então, de imediato, a cautela e o incurável desejo de contemporizar voltaram velozes. A fresta voltou a se fechar.

– Eu... eu preciso pensar melhor – murmurou ele.

– Não há tempo – disse Dimble. – E realmente não há em que pensar. Estou lhe oferecendo um jeito de voltar à família humana. Só que você precisa vir de pronto.

– É uma questão que afeta toda a minha carreira futura.

– Sua carreira! – exclamou Dimble. – É uma questão de condenação eterna ou de uma última oportunidade. Mas você precisa vir imediatamente.

– Acho que não estou entendendo – disse Mark – Você não para de sugerir algum tipo de perigo. Que perigo? E que poderes você tem para proteger a mim, ou a Jane, se eu realmente fugir?

– Você vai precisar correr esse risco – disse Dimble. – Não posso lhe oferecer nenhuma segurança. Não está entendendo? Não há segurança alguma para ninguém agora. A batalha começou. Estou lhe oferecendo um lugar no lado certo. Não sei qual lado irá vencer.

– Por sinal – disse Mark –, *estive* mesmo pensando em sair. Mas preciso pensar melhor. Você apresenta as coisas de um modo bastante estranho.

– Não temos tempo – disse Dimble.

– E se eu viesse procurá-lo de novo amanhã?

– Tem certeza de que conseguirá?

– Ou daqui a uma hora? Convenhamos, é razoável. Daqui a uma hora você

estará aqui?

– O que uma hora pode fazer por você? Você só está protelando na esperança de que seu pensamento fique menos claro.

– Mas você estará aqui?

– Se você fizer questão. Mas nada de bom pode resultar disso.

– Quero pensar. Quero pensar – disse Mark, e saiu da sala sem esperar por uma resposta.

Mark tinha dito que queria pensar. Na realidade, ele queria beber e fumar. Pensamentos ele tinha em quantidade – mais do que desejava. Um pensamento sugeria que se agarrasse a Dimble como uma criança perdida se agarra a um adulto. Outro lhe sussurrava: “Loucura. *Não rompa* com o Inec. Eles virão atrás de você. E como Dimble poderá salvá-lo? Vão matá-lo.” Um terceiro implorava, mesmo agora, que ele não descartasse como perda total sua posição conquistada com esforço no Círculo do Poder em Belbury: tinha, tinha de haver algum meio-termo. Um quarto recuava diante da ideia de um dia voltar a ver Dimble: a lembrança de cada tom usado por aquele homem lhe causava um terrível desconforto. E ele queria Jane, e queria castigar Jane por ser amiga de Dimble; e queria nunca mais ver Wither, e queria voltar furtivamente e de alguma maneira fazer as pazes com Wither. Ele queria estar em perfeita segurança, mas também ser muito indiferente e ousado; ser admirado pela franqueza máscula entre os Dimbles e ao mesmo tempo também pelo realismo e entendimento em Belbury; beber mais dois uísques duplos e também analisar tudo com muita clareza e serenidade. E estava começando a chover, e sua cabeça estava doendo novamente. Ao inferno com tudo aquilo. Inferno, inferno! Por que herdara uma mentalidade tão imprestável? Por que sua instrução tinha sido tão falha? Por que o sistema da sociedade era tão irracional? Por que tinha tanto azar?

Ele começou a andar depressa.

Chovia bastante forte quando ele chegou à residência da faculdade. Parecia que algum tipo de van estava parada na rua, do lado de fora, e havia três ou quatro homens uniformizados usando capas. Mais tarde ele se lembrou de como o tecido impermeável molhado brilhava à luz do poste. Uma lanterna foi dirigida para seu rosto.

– Com licença, senhor – disse um dos homens. – Devo lhe perguntar seu nome.

– Studdock – disse Mark.

– Mark Gainsby Studdock – disse o homem –, é meu dever prendê-lo pelo



O doutor Dimble dirigiu até St. Anne's insatisfeito consigo mesmo, atormentado pela suspeita de que, se tivesse sido mais sábio, ou se tivesse sentido uma caridade mais perfeita por aquele rapaz muito infeliz, talvez pudesse ter feito algo por ele. “Será que cedi à minha raiva? Quis demonstrar superioridade moral? Eu lhe disse tudo o que ousei?”, pensou ele. E então veio a desconfiança mais profunda que lhe era habitual. “Você não conseguiu esclarecer as coisas porque no fundo não queria? Queria apenas ferir e humilhar? Satisfazer-se com sua superioridade? Existe uma Belbury inteira dentro de você também?” A tristeza que o dominou era nova para ele. “E assim”, ele citou os escritos de Irmão Lourenço, “assim farei, sempre que Tu me deixares só.”

Assim que saiu da cidade, ele seguiu sem pressa, quase perambulando sobre rodas. O céu estava vermelho para o poente, e as primeiras estrelas já apareciam. Muito abaixo dele, num vale, viam-se as luzes já acesas em Cure Hardy. “Ainda bem que o povoado se encontra a uma distância suficiente de Edgestow para estar a salvo”, pensou. A alvura súbita de uma coruja-branca em voo rasante atravessou esvoaçante a penumbra do bosque à sua esquerda. Ela lhe deu uma sensação deliciosa da chegada da noite. Ele estava cansado, mas de um modo muito agradável. Ansiava por um início de noite tranquilo, pois dormiria cedo.

– Aqui está ele! O doutor Dimble está chegando – gritou Ivy Maggs, quando ele chegou com o carro na porta da frente do Solar.

– Não guarde o carro, Dimble – disse Denniston.

– Ah, Cecil! – disse sua mulher. E ele viu medo na sua expressão. Parecia que todos os moradores da casa estavam à sua espera.

Dali a alguns instantes, piscando os olhos na cozinha iluminada, ele viu que aquela não haveria de ser uma noite normal. O diretor em pessoa estava lá, sentado junto da lareira, com a gralha no ombro e o senhor Bultitude a seus pés. Havia sinais de que todos os demais tinham jantado cedo, e Dimble se descobriu quase de imediato sentado à cabeceira da mesa, com recomendações nervosas de que comesse e bebesse, por parte de sua mulher e da senhora Maggs.

– Não pare para fazer perguntas, querido – disse a senhora Dimble. –

Continue comendo, enquanto eles falam. Faça uma boa refeição.

– Vai ter de sair de novo – disse Ivy Maggs.

– É – disse o diretor. – Nós vamos entrar em ação, finalmente. Sinto muito por mandá-lo sair no instante em que você chega; mas a batalha começou.

– Já ressaltei insistentemente – disse MacPhee – o absurdo de mandar um homem mais velho como você, que ainda por cima trabalhou o dia inteiro, quando cá estou eu, um camarada forte e robusto, sentado sem fazer nada.

– Não adianta, MacPhee – disse o diretor –, você não pode ir. Para começar, você não conhece a língua. E além disso... esta é uma hora que exige franqueza... você nunca se colocou sob a proteção de Maleldil.

– Nesta emergência e para seus objetivos, estou perfeitamente disposto – disse MacPhee – a admitir a existência desses seus *eldila* e de um ser chamado Maleldil que eles consideram seu rei. E eu...

– Você não pode ir – disse o diretor. – Eu não o enviarei. Seria como mandar uma criança de três anos para enfrentar um tanque. Ponha o outro mapa na mesa, onde Dimble possa vê-lo, enquanto continua com sua refeição. E agora, silêncio. A situação é a seguinte, Dimble. O que estava por baixo de Bragdon era um Merlin vivo. Sim, adormecido, se você quiser chamar de sono. E nada aconteceu até agora para demonstrar que o inimigo o encontrou. Entendeu? Não, não fale, continue a comer. Na noite de ontem, Jane Studdock teve o sonho mais importante de todos até agora. Você se lembra de que num sonho anterior ela viu (ou foi o que pensei) o exato lugar onde ele jazia por baixo de Bragdon. Mas... e isso é o mais importante... o acesso ao local não é por um poço e uma escada. Ela sonhou que passava por um túnel longo, com uma inclinação muito gradual. Ah, você começa a entender aonde quero chegar. Você está certo. Jane acha que pode reconhecer a entrada para esse túnel: abaixo de uma pilha de pedra no final de um arvoredo com... como é mesmo, Jane?

– Um portão branco, senhor. Um portão comum de cinco travessas, com uma peça transversal. Mas a peça transversal estava quebrada a uns trinta centímetros do alto. Eu o reconheceria se o visse de novo.

– Está entendendo, Dimble? Há uma boa chance de que esse túnel apareça *do lado de fora* da área de propriedade do Inec.

– Você está dizendo – disse Dimble – que agora podemos entrar *por baixo de Bragdon sem entrar em Bragdon*.

– Exatamente. Mas não é só isso.

Dimble, mastigando constantemente, olhou para ele.



– Parece – disse o diretor – que quase estamos atrasados. Ele já foi acordado.

Dimble parou de comer.

– Jane encontrou o lugar vazio – disse Ransom.

– Quer dizer que o inimigo já o encontrou?

– Não. Não é tão ruim assim. O lugar não tinha sido arrombado. Parece que ele despertou por si mesmo.

– Meu Deus! – disse Dimble.

– Tente comer, querido – disse sua mulher.

– Mas o que isso significa? – perguntou ele, cobrindo a mão dela com a sua.

– Acho que significa que tudo isso foi planejado e cronometrado há muito, muito tempo – disse o diretor. – Que ele saiu do Tempo, para o estado paracrônico, com a exata finalidade de retornar neste momento.

– Uma espécie de bomba-relógio humana – observou MacPhee –, motivo pelo qual...

– Você não pode ir, MacPhee – disse o diretor.

– Ele já saiu? – perguntou Dimble.

– É provável que sim, a esta altura – disse o diretor. – Diga-lhe como foi, Jane.

– Era o mesmo lugar – disse Jane. – Um lugar escuro, todo de pedra, como uma adega. Eu o reconheci de imediato. E a laje de pedra estava lá, mas sem ninguém deitado nela. E dessa vez não estava totalmente fria. Então sonhei com esse túnel... que vinha subindo aos poucos a partir do subterrâneo. E havia um homem no túnel. É claro que eu não conseguia vê-lo: estava um breu. Mas um homem enorme. Respirando pesadamente. De início, achei que era um animal. Foi ficando mais frio, à medida que fomos subindo pelo túnel. Havia ar, um pouco de ar, que entrava de fora. O túnel parecia terminar numa pilha de pedras soltas. Ele as estava demolindo pouco antes do sonho mudar. E então eu estava do lado de fora, na chuva. Foi aí que vi o portão branco.

– Veja bem – disse Ransom –, parece que eles ainda não tinham estabelecido contato com ele, ou não naquela hora. Agora esta é nossa única chance. Encontrar essa criatura antes que eles a encontrem.

– Vocês todos devem ter observado que Bragdon é uma área praticamente encharcada – interveio MacPhee. – Exatamente onde vocês encontrarão uma cavidade seca na qual um corpo pudesse se manter preservado por todos esses séculos é uma pergunta digna de ser feita. Quer dizer, se algum de vocês ainda

estiver interessado em provas.

– Essa é a questão – disse o diretor. – A câmara deve estar por baixo da elevação, a crista de cascalho no lado sul do bosque, onde o terreno sobe na direção da estrada de Eaton. Perto de onde Storey morava. É lá que vocês terão de procurar primeiro pelo portão branco de Jane. Suspeito que ele dê para a estrada de Eaton. Ou, então, nesta outra estrada... olhe no mapa, a amarela, que entra direto no “y” de Cure Hardy.

– Podemos estar lá em meia hora – disse Dimble, com a mão ainda sobre a mão da mulher. Para todos os que estavam ali, o nervosismo nauseante dos últimos minutos antes da batalha tinha se aproximado.

– Suponho que tenha de ser nesta noite... – disse a senhora Dimble, bastante envergonhada.

– Receio que sim, Margaret – disse o diretor. – Cada minuto conta. Nós praticamente teremos perdido a guerra, se o inimigo conseguir fazer contato uma vez com ele. Todo o plano deles gira em torno disso.

– É claro. Entendo. Desculpe – disse a senhora Dimble.

– E qual é nosso procedimento, senhor? – perguntou Dimble, afastando de si o prato e começando a encher o cachimbo.

– A primeira pergunta é se ele já *saiu* – disse o diretor. – Não parece provável que a entrada do túnel tenha ficado oculta todos esses séculos por trás de nada além de uma pilha de pedras soltas. E, se ficou, elas não estariam muito soltas a esta altura. Ele pode demorar horas, tentando sair.

– Vocês vão precisar no mínimo de dois homens fortes com picaretas – começou MacPhee.

– Não adianta, MacPhee – disse o diretor. – Não vou deixá-lo ir. Se a boca do túnel ainda estiver vedada, vocês deverão simplesmente esperar lá. Mas ele pode ter poderes que desconhecemos. Se tiver saído, procurem por rastros. Ainda bem que esta noite haverá lama. Vocês devem simplesmente caçá-lo.

– Se Jane vai, senhor – disse Camilla –, eu não poderia ir também? Já tive mais experiência desse tipo de coisa que...

– Jane precisa ir porque ela é a guia – disse Ransom. – Receio que você tenha de ficar em casa. Nós, aqui nesta casa, somos tudo o que restou de Logres. Você carrega no corpo o futuro de Logres. Como eu estava dizendo, Dimble, vocês deverão caçar. Acho que ele não vai conseguir se afastar muito. É claro que o terreno será totalmente irreconhecível para ele, até mesmo à luz do dia.

– E... se nós realmente o encontrarmos, senhor?

– É por isso que tem de ser você, Dimble. Só você conhece a Grande Língua. Se houve poder eldílico por trás da tradição que ele representava, ele pode entendê-la. Mesmo que não a entenda, creio que há de reconhecê-la. Isso vai lhe mostrar que está lidando com Mestres. Existe uma chance de ele achar que *vocês* são o pessoal de Belbury... os amigos dele. Se for esse o caso, tragam-no para cá imediatamente.

– E se não for esse o caso?

O diretor falou com severidade.

– Vocês deverão se revelar. É nesse momento que o perigo surge. Não sabemos quais eram os poderes do velho círculo atlante: algum tipo de hipnotismo provavelmente cobria a maior parte deles. Não tenha medo, mas não permita que ele tente nenhum truque. Mantenha a mão no revólver. Você também, Denniston.

– Eu sou muito hábil com um revólver – disse MacPhee. – E por quê, em nome de qualquer bom-senso...

– Você não pode ir, MacPhee – disse o diretor. – Ele poria *você* para dormir em dez segundos. Os outros estão fortemente protegidos, mas você não está. Está me entendendo, Dimble? O revólver na mão, uma prece nos lábios, sua mente fixa em Maleldil. E então, se ele resistir, diga o encantamento.

– O que devo dizer na Grande Língua?

– Diga que você vem em nome de Deus e de todos os anjos, e com o poder dos planetas, a mando de quem está hoje sentado no trono do Líder Supremo, e ordene que ele o acompanhe. Diga agora.

E Dimble, que estava sentado com o rosto crispado, e bastante branco, entre os rostos pálidos das duas mulheres, com os olhos na mesa, ergueu a cabeça; e poderosas sílabas de palavras que tinham o som de castelos saíram da sua boca. Jane sentiu o coração saltar e estremecer diante delas. Tudo o mais no cômodo pareceu ficar intensamente quieto. Até mesmo a ave, o urso e o gato estavam imóveis, com os olhos fixos no homem que falava. A voz não era parecida com a de Dimble: era como se as palavras se pronunciassem sozinhas através dele a partir de algum lugar fortificado ao longe... ou como se não fossem palavras, e sim operações presentes de Deus, dos planetas e do Líder Supremo. Pois aquela era a língua falada antes da Queda e para além da Lua; e os significados não eram atribuídos às sílabas pelo acaso, pela habilidade ou por longa tradição, mas em verdade inerentes a elas como a forma do grande Sol é inerente à pequena gota d'água. Essa era a Língua em si, como surgiu inicialmente por ordem de

Maleldil, brotando do mercúrio fundido do astro chamado Mercúrio na Terra, mas Viritribbia na Imensidão dos Céus.

– Obrigado – disse o diretor; e mais uma vez a calorosa domesticidade da cozinha voltou a se derramar sobre eles. – Se ele vier com você, tudo bem. Se não vier, então, Dimble, você terá de contar com seu cristianismo. Não tente nenhuma proeza. Faça suas orações e mantenha sua vontade fixa na vontade de Maleldil. Não sei o que ele vai fazer. Mas permaneça firme. Não importa o que aconteça, você não poderá perder sua alma; pelo menos não por alguma ação da parte dele.

– Sim – disse Dimble. – Entendi.

Houve um silêncio meio prolongado. E então o diretor voltou a falar.

– Não se deixe abater, Margaret – disse ele. – Se matarem Cecil, nenhum de nós permanecerá vivo muitas horas depois dele. Será uma separação mais curta do que você poderia ter esperado se a Natureza seguisse seu curso. E agora, senhores – disse ele –, vocês vão querer um pouco de tempo para fazer suas preces e se despedirem de suas mulheres. São oito horas agora, ou tão perto dessa hora a ponto de não fazer diferença. Sugiro que todos se reúnam aqui às oito e dez, prontos para partir.

– Está bem – responderam algumas vozes. Jane descobriu-se deixada na cozinha com a senhora Maggs, os animais, MacPhee e o diretor.

– *Você* está bem, minha filha? – disse Ransom.

– Creio que sim, senhor – disse Jane. Seu estado mental presente era para ela impossível de analisar. Sua expectativa estava preparada para qualquer extremo. Alguma coisa que teria sido terror, não fosse a alegria, e alegria, não fosse o terror, a dominava: uma tensão voraz, composta de entusiasmo e obediência. Tudo o mais na sua vida parecia pequeno e banal em comparação com aquele momento.

– Você se coloca em obediência – disse o diretor –, em obediência a Maleldil?

– Senhor – disse Jane –, nada sei de Maleldil. Mas eu me coloco em obediência ao senhor.

– É suficiente por enquanto – disse o diretor. – Essa é a cortesia da Imensidão dos Céus: que, quando sua intenção é boa, Ele sempre considera que sua intenção é superior à sua consciência. Não será suficiente para sempre. Ele é muito possessivo. No final, Ele não aceitará que você pertença a mais ninguém que não seja a Ele mesmo. Mas por esta noite, é suficiente.

– Essa é a história mais louca de que já ouvi falar – disse MacPhee.



## Início da batalha

– Não estou enxergando nada – disse Jane.

– Essa chuva está estragando todo o plano – disse Dimble, do banco traseiro. – Esta ainda é a estrada de Eaton, Arthur?

– Acho... é, sim, lá está o pedágio – disse Denniston, que ia dirigindo.

– Mas de que adianta? – disse Jane. – Não consigo ver, nem mesmo com a janela aberta. Nós podemos ter passado pelo lugar centenas de vezes. A única solução é saltar e andar.

– Acho que ela tem razão, senhor – disse Denniston.

– Epa! – exclamou Jane, de repente. – Olhem! Olhem! O que é aquilo? Pare!

– Não estou vendo nenhum portão branco – disse Denniston.

– Ah, não se trata disso – disse Jane. – Olhem para aquele lado.

– Não consigo ver nada – disse Dimble.

– Está se referindo àquela luz? – perguntou Denniston.

– É, é claro. Aquela é a fogueira.

– Que fogueira?

– É a luz – disse ela –, a fogueira na depressão do arvoredo. Eu tinha me esquecido totalmente dela. Sim, eu sei. Nunca falei sobre ela com Grace ou com o diretor. Eu tinha me esquecido dessa parte do sonho até este instante. Foi assim que o sonho terminou. Na realidade, foi a parte mais importante. Foi ali que eu o encontrei... Merlin, sabe. Sentado junto de uma fogueira num pequeno bosque. Depois que saí do subterrâneo. Ai, vamos depressa!

– O que você acha, Arthur? – perguntou Dimble.

– Acho que devemos ir aonde Jane nos guiar – respondeu Denniston.

– Ai, depressa – disse Jane. – Tem um portão aqui. Rápido! Ela está a apenas um campo de distância.

Todos os três atravessaram a estrada, abriram o portão e entraram no campo. Dimble não disse nada. Estava tremendo por dentro com o choque e a vergonha do medo imenso e repulsivo que tinha se avolumado nele. Talvez ele, mais do que

outros, fizesse uma ideia clara do tipo de coisa que poderia acontecer, quando chegassem ao lugar.

Jane, como guia, ia na frente; Denniston caminhava ao seu lado, dando-lhe um braço e apontando de vez em quando o facho da lanterna para o chão acidentado. Dimble vinha por último. Ninguém estava com propensão a falar.

A mudança da estrada para o campo representou a passagem de um mundo desperto para um mundo espectral. Tudo tornou-se mais escuro, mais úmido, mais incalculável. Cada pequena descida dava a impressão de que se estava chegando à borda de um precipício. Eles iam seguindo por uma trilha ao longo de uma sebe. Tentáculos molhados e espinhentos pareciam tentar se enganchar neles à medida que avançavam. Sempre que Denniston usava sua lanterna, as coisas que surgiam no círculo da luz – tufos de capim, valas cheias de água, folhas amarelas enxovalhadas grudadas ao negrume molhado de ramos cheios de bifurcações, e uma vez a luz amarela esverdeada nos olhos de algum animal pequeno – aparentavam ser mais banais do que deveriam ter sido; como se, para aquela exposição momentânea, elas tivessem assumido um disfarce do qual se desfariam novamente, assim que fossem deixadas em paz. Elas causavam a impressão de ser curiosamente pequenas, também. Quando a luz sumia, a escuridão fria e ruidosa parecia enorme.

O medo que Dimble sentia desde o início começou a se infiltrar na mente dos outros, à medida que avançavam – como água entrando lentamente numa embarcação por uma fenda. Eles se deram conta de que não tinham realmente acreditado em Merlin até aquele momento. Na cozinha, tinham *pensado* acreditar no diretor; mas estavam enganados. O choque ainda estava por vir. Ali fora, apenas com a luz vermelha cambiante à frente e o negrume em toda a volta, começava-se na verdade a aceitar como fato aquele encontro com algo morto e no entanto não morto, algo desenterrado, exumado, do escuro abismo da história que fica entre os antigos romanos e o início dos ingleses. “A Idade das Trevas”, pensou Dimble. Com quanta leviandade aquelas palavras tinham sido lidas e escritas. Mas agora eles iam entrar direto naquelas Trevas. No vale pequeno e apavorante, o que os esperava não era um homem, mas uma era.

E de repente toda aquela Grã-Bretanha que havia tanto tempo lhe era familiar em termos acadêmicos ergueu-se como algo sólido. Ele podia vê-la inteira. Pequenas cidades minguantes, onde a luz de Roma ainda pousava: pequenos lugares cristãos, Camalodunum, Kaerleon, Glastonbury. Uma igreja, uma quinta ou duas, um agrupamento de casas, uma escarpa. E então, começando a pouca distância dos portões, os bosques intermináveis, úmidos e

embrenhados, sedimentados com a decomposição acumulada de outonos, que vinham deixando cair folhas desde antes que a Grã-Bretanha fosse uma ilha; lobos andando furtivos, castores construindo, sons surdos de trompas e tambores, olhos nos arvoredos, olhos de homens não só pré-romanos, mas pré-britânicos, criaturas antigas, infelizes e despojadas, que se tornaram os elfos, ogros e homens selvagens da floresta da tradição posterior. E, piores que as florestas, as clareiras. Pequenos redutos de reis de quem nunca se ouviu falar. Pequenas congregações e concílios de druidas. Casas cuja argamassa tinha sido preparada ritualmente com o sangue de bebês. Tinham tentado fazer isso com Merlin. E agora toda aquela era, horrendamente deslocada, arrancada de seu lugar na sucessão do tempo, forçada a voltar e repassar todos os seus atos ainda mais uma vez, com a monstruosidade dobrada, vinha fluindo na direção deles e, dentro de alguns minutos, os receberia em seu seio.

Surgiu então um obstáculo. Eles tinham entrado direto numa sebe. Perderam um minuto, com o auxílio da lanterna, para desenredar o cabelo de Jane. Haviam chegado ao fim de um campo. A luz do fogo, que ficava mais forte e mais fraca numa alternância irregular, mal estava visível dali. Não havia solução, a não ser a de tratar de descobrir uma brecha ou um portão. Até encontrarem um, eles já tinham se afastado muito da direção desejada. Era um portão que não se abria. E, quando desceram do outro lado, depois de subir nele, descobriram que estavam com água pelos tornozelos. Por alguns minutos, andando com esforço, ligeiramente morro acima, eles perderam o fogo de vista. E, quando ele reapareceu, estava muito ao longe à esquerda, a uma distância muito maior do que qualquer um supunha.

Até então, Jane praticamente não tentara pensar no que poderia estar por vir. Enquanto avançavam, ela começou a compreender o verdadeiro significado daquela cena na cozinha. Ele tinha mandado os homens se despedir das mulheres. Ele abençoara a todos. Era provável, portanto, que aquilo – aquela caminhada trôpega numa noite chuvosa, por um campo arado – significasse a morte. A morte – aquilo de que sempre se ouviu falar (como o amor), aquele assunto sobre o qual os poetas escreviam. Quer dizer que era assim que ia ser. Mas esse não era o ponto principal. Jane estava tentando ver a morte à nova luz de tudo o que ouvira desde sua partida de Edgestow. Fazia muito tempo que ela deixara de ter qualquer ressentimento pela tendência do diretor a, por assim dizer, dispor dela: a entregá-la, numa ocasião ou num sentido, a Mark e em outro a Maleldil – jamais, em sentido algum, a tê-la para si mesmo. Isso ela aceitava. E em Mark, ela não pensava muito, porque pensar nele despertava cada vez mais

nela sentimentos de pena e de culpa. Mas e Maleldil? Até aquele momento, ela também não tinha pensado em Maleldil. Ela não duvidava da existência dos *eldila*; nem da existência daquele ser mais forte e mais obscuro a quem eles obedeciam... a quem o diretor obedecia, e por intermédio dele todos os residentes, até mesmo MacPhee. Se em algum momento tivesse lhe ocorrido questionar se todas essas coisas poderiam ser a realidade por trás daquilo que lhe fora ensinado na escola como “religião”, esse pensamento fora posto de lado. A distância entre essas realidades alarmantes e atuantes e a lembrança, digamos, da gorda senhora Dimple fazendo suas orações era grande demais. Para ela, as coisas pertenciam a mundos diferentes. Por um lado, o terror dos sonhos, o arrebatamento da obediência, a luz e o som pulsantes por baixo da porta do diretor, e a enorme luta contra um perigo iminente; por outro, o cheiro de bancos de igreja, horríveis litografuras do Salvador (aparentando ter mais de dois metros de altura, com o rosto de uma garota tuberculosa), o constrangimento das aulas de confirmação, a afabilidade nervosa dos ministros. Mas desta vez, se realmente viesse a ser a morte, o pensamento se recusava a ser descartado. Porque, na realidade, agora parecia que quase qualquer coisa poderia ser verdadeira. O mundo tinha acabado se revelando tão diferente do que ela esperava. O velho círculo de proteção tinha sido totalmente destruído. Era impossível saber o que esperar. Maleldil poderia ser pura e simplesmente Deus. Poderia haver uma vida após a morte: um Paraíso, um Inferno. O pensamento refulgiu na sua mente por um segundo, como uma centelha que caísse sobre aparas de madeira; e então, um segundo depois, como aquelas aparas, sua mente inteira estava em chamas; ou com somente o suficiente fora das chamas para emitir algum tipo de protesto. “Mas... mas isso é insuportável. Eu deveria ter sido informada.” Naquele momento, não lhe ocorreu nem mesmo duvidar de que, se tais coisas existissem, elas lhe seriam hostis de um modo total e imutável.

– Cuidado, Jane – disse Denniston. – É uma árvore.

– A... acho que é uma vaca – disse Jane.

– Não. É uma árvore. Veja. Ali tem mais uma.

– Silêncio – disse Dimple. – Este é o pequeno bosque de Jane. Estamos muito perto.

O terreno subia adiante deles por cerca de vinte metros e então mostrava uma borda em contraste com a luz do fogo. Agora eles podiam ver o bosque com perfeita clareza, e também o rosto uns dos outros, brancos e com os olhos piscando.



- Vou primeiro – disse Dimble.
- Invejo sua coragem – disse Jane.
- Silêncio – disse Dimble outra vez.

Sem ruído, eles subiram devagar até a borda e ali pararam. Abaixo deles, no fundo de um pequeno vale arborizado, havia lenha queimando numa grande fogueira. Em toda a volta havia arbustos, cujas sombras cambiantes, com a dança das chamas, prejudicavam a visão. Para lá da fogueira, parecia haver algum tipo de tenda tosca feita de aniagem, e Denniston achou que viu uma carroça emborcada. No primeiro plano, entre eles e a fogueira, havia sem dúvida uma chaleira.

- Tem alguém ali? – sussurrou Dimble para Denniston.
- Não sei. Espere alguns segundos.
- Olhem! – disse Jane, de repente. – Lá! Quando a chama soprou para um lado.

- Quê? – disse Dimble.
- Você não o viu?
- Não vi nada.
- Achei que vi um homem – disse Denniston.
- Vi um vagabundo normal – disse Dimble. – Quer dizer, um homem em roupas modernas.

- Como ele era?
- Não sei.
- Precisamos descer – disse Dimble.
- Será que *tem como* descer? – disse Denniston.
- Não por este lado – disse Dimble. – Parece que algum tipo de trilha desce mais para lá, à direita. Precisamos acompanhar a borda até encontrarmos o caminho de descida.

Todos eles vinham falando em voz baixa, e o crepitar do fogo era agora o som mais alto, pois a chuva parecia estar parando. Com cautela, como soldados temerosos dos olhos do inimigo, eles começaram a contornar a borda da depressão, seguindo furtivos de uma árvore para outra.

- Parem! – sussurrou Jane de repente.
- O que foi?
- Alguma coisa está se mexendo.

– Onde?

– Ali dentro. Bem perto.

– Não ouvi nada.

– Não há nada agora.

– Vamos em frente.

– Você ainda acha que tem alguma coisa, Jane?

– Agora está quieto. *Havia* alguma coisa.

Eles deram mais alguns passos.

– Psiu! – disse Denniston. – Jane está com a razão. Tem alguma coisa ali.

– Devo falar? – disse Dimble.

– Espere um instante – disse Denniston. – Está bem ali. Olhem! Droga! É só um burro velho!

– Foi o que eu disse – disse Dimble. – O homem é um cigano: um funileiro ou coisa semelhante. Este é seu burro. Mesmo assim, precisamos descer.

Eles prosseguiram. Em alguns instantes, os três se descobriram descendo por uma trilha gramada e cheia de sulcos que ia serpenteando, até que a grota inteira se abriu diante deles. E a fogueira já não estava entre eles e a tenda.

– Lá está ele – disse Jane.

– Você consegue vê-lo? – perguntou Dimble. – Eu não tenho seus olhos.

– Eu o vejo perfeitamente – disse Denniston. – É *mesmo* um vagabundo. Não consegue vê-lo, Dimble? Um velho, com a barba em desalinho, no que me parecem ser os restos de um sobretudo do Exército britânico e um par de calças pretas. Não está vendo seu pé esquerdo, protuberante, e o dedão um pouco para o alto?

– Aquilo? – disse Dimble. – Achei que era uma tora. Mas você tem olhos melhores que os meus. Você realmente viu um homem, Arthur?

– Bem, achei que vi, senhor. Mas agora não tenho certeza. Acho que meus olhos estão ficando cansados. Ele está sentado, muito imóvel. Se for mesmo um homem, está dormindo.

– Ou morreu – disse Jane, com um estremeção repentino.

– Bem – disse Dimble. – Precisamos descer.

E em menos de um minuto os três desceram para o pequeno vale e passaram pela fogueira. E lá estava a tenda, e alguns esforços patéticos de providenciar um jeito para dormir dentro dela; e um prato de lata, alguns fósforos no chão e a

borra de fumo de um cachimbo, mas eles não viram homem algum.



– O que não consigo entender, Wither – disse a Fada Hardcastle –, é por que você não me deixa experimentar meus métodos com o filhinho. Todas essas suas ideias são tão pela metade: mantê-lo apavorado por conta do assassinato, prendê-lo, deixá-lo a noite inteira na cela para pensar melhor. Por que você não para de experimentar coisas que podem funcionar ou não? Quando vinte minutos do meu tratamento virariam a cabeça dele pelo avesso. Eu conheço o tipo.

Por volta das dez horas daquela mesma noite chuvosa, a senhorita Hardcastle estava falando com o vice-diretor em seu escritório. Uma terceira pessoa estava presente: o professor Frost.

– Eu lhe garanto, senhorita Hardcastle – disse Wither, com os olhos fixos não nela, mas na testa de Frost –, que você não precisa duvidar de que suas opiniões sobre este assunto, ou sobre qualquer outro, serão sempre alvo da mais plena consideração. Contudo, se me permite, este é um daqueles casos em que... hum... qualquer grau severo de exame coercitivo poderia ser totalmente contraproducente.

– Por quê? – perguntou a Fada, de mau humor.

– Queira perdoar-me – disse Wither – por lembrá-la de que precisamos da mulher... não, é claro, que eu suponha que você esteja esquecida desse ponto, mas simplesmente por fundamentos metodológicos... é tão importante deixar tudo *claro*... Quer dizer, que seria de um valor imenso receber a senhora Studdock entre nós... principalmente por conta da extraordinária faculdade paranormal que dizem que ela possui. Ao usar a palavra *paranormal*, entenda bem, não estou endossando nenhuma teoria específica.

– Está falando dos sonhos?

– Não se pode saber ao certo – disse Wither – que sintomas ela poderia apresentar, se fosse trazida para cá sob coação e depois encontrasse o marido... hum... na condição acentuadamente anormal, embora sem dúvida temporária, que deveríamos prever como resultado dos seus métodos de interrogatório científico. Estaríamos correndo o risco de uma profunda perturbação emocional por parte dela. A própria faculdade poderia desaparecer, pelo menos por um bom tempo.

– Ainda não ouvimos o relatório da major Hardcastle – disse o professor Frost, em voz baixa.

– Nenhum sucesso – disse a Fada. – Ele foi acompanhado discretamente até entrar em Northumberland. Somente três pessoas possíveis saíram da faculdade depois dele: Lancaster, Lyly e Dimble. Eu os organizei nessa ordem de probabilidade. Lancaster é cristão e muito influente. Ele pertence à Câmara Baixa de Convocação. E teve muito que ver com a Conferência de Repton. Está envolvido com algumas famílias eclesiásticas de importância. E escreveu muitos livros. Ele tem um verdadeiro interesse pelo lado deles. Lyly é praticamente do mesmo tipo, mas não tão organizador. Como vocês devem se lembrar, ele foi muito prejudicial naquela comissão reacionária sobre Educação no ano passado. Ambos são perigosos. São o tipo de gente que consegue que as coisas sejam feitas – líderes naturais do outro lado. Dimble é um tipo totalmente diferente. A não ser pelo fato de ser cristão, na realidade não existe muito contra ele. Ele é estritamente acadêmico. Imagino que seu nome não seja muito conhecido, exceto por outros acadêmicos da sua disciplina. Não é do tipo de que se faria um homem público. Pouco prático... ele teria escrúpulos demais para ser útil para eles. Os outros têm algum conhecimento, Lancaster, em especial. Na realidade, ele é um homem para quem poderíamos encontrar espaço do nosso lado, se suas convicções fossem as certas.

– Você deveria dizer à major Hardcastle que já temos acesso à maior parte dessas informações – disse o professor Frost.

– Talvez – disse Wither –, tendo em vista o adiantado da hora, e não querendo sobrecarregar suas energias, senhorita Hardcastle, pudéssemos passar para as partes mais estritamente narrativas do seu relatório.

– Bem – disse a Fada –, precisei seguir todos os três. Com os recursos que eu tinha naquela hora. Queiram dar-se conta de que foi somente por sorte que o jovem Studdock foi visto partindo na direção de Edgestow. Foi um horror. Metade do meu pessoal já estava ocupado no caso do hospital. Eu simplesmente tive de me valer de qualquer um que consegui pegar. Mandeí uma sentinela e outros seis para ficarem fora do alcance visual da faculdade; à paisana, é claro. Assim que Lancaster saiu, destaquei os três melhores para vigiá-lo. Recebi um telegrama deles há meia hora de Londres, para onde Lancaster foi de trem. Podemos estar na pista de alguma coisa por esse lado. Lyly deu um trabalho infernal. Parece que ele visitou cerca de quinze pessoas diferentes em Edgestow. Todas foram registradas. Mandeí meus dois rapazes seguintes para lidar com ele. Dimble saiu por último. Eu teria mandado meu último homem atrás dele, mas naquele

instante veio um telefonema do capitão O'Hara, que queria mais um carro. Por isso decidi deixar Dimple ir por esta noite e despachei meu homem com o carro que estava com ele. Dimple pode ser apanhado a qualquer momento. Ele vem à faculdade praticamente todos os dias; e no fundo é uma nulidade.

– Realmente não entendo – disse Frost – por que você não tinha ninguém dentro da faculdade para ver por qual escada Studdock foi.

– Por causa da droga do seu comissário de emergência – disse a Fada. – Agora não temos permissão para entrar nas faculdades, se você quer saber. Na época eu disse que Feverstone era o homem errado. Ele está tentando fazer jogo duplo. Ele está conosco contra a cidade; mas, quando se trata de nós contra a universidade, não se pode confiar nele. Ouça o que lhe digo, Wither, você ainda vai ter problemas com ele.

Frost olhou para o vice-diretor.

– Longe de mim negar – disse Wither –, embora sem fechar a mente de modo algum para outras explicações possíveis, que algumas medidas adotadas por lord Feverstone possam ter sido pouco criteriosas. Para mim seria indescritivelmente doloroso supor que...

– Precisamos reter a major Hardcastle? – perguntou Frost.

– Valha-me, Deus! – disse Wither. – Como você tem razão! Eu tinha quase me esquecido, minha cara, de como você deve estar cansada e do quanto seu tempo é valioso. Precisamos tentar poupá-la para aquele tipo de trabalho no qual você se mostrou indispensável. Você não deve permitir que nos aproveitemos de sua boa índole. Há uma quantidade de trabalho mais enfadonho e mais rotineiro do qual é apenas razoável que nós a poupemos. – Ele se levantou e segurou a porta aberta para ela.

– Você não acha – disse ela – que eu deveria deixar os rapazes darem só uma *tentadinha* com o Studdock? Quer dizer, parece tão absurdo ter todo esse trabalho só para obter um endereço.

E de repente, enquanto Wither estava ali parado com a mão na maçaneta da porta, cortês, paciente e sorridente, toda a expressão sumiu de seu rosto. Os lábios descolorados, abertos o suficiente para revelar as gengivas, a cabeça branca e crespa, as pálpebras inchadas, pararam de compor qualquer expressão. A senhorita Hardcastle teve a sensação de que uma mera máscara de pele e carne estava olhando fixo para ela. Daí a um instante, ela foi embora.

– Eu me pergunto – disse Wither, enquanto voltava para sua cadeira – se estamos dando demasiada importância a essa mulher do Studdock

– Estamos cumprindo uma ordem datada de 1º de outubro – disse Frost.

– Ah... eu não a estava questionando – disse Wither, com um gesto de protesto.

– Permita-me lembrá-lo dos fatos – disse Frost. – As autoridades tiveram acesso à mente da mulher por apenas um período muito curto. Elas inspecionaram um único sonho: um sonho importantíssimo, que revelou, embora com alguns despropósitos, um elemento essencial no nosso programa de ação. Isso nos avisou que, se a mulher caísse nas mãos de qualquer pessoa mal-intencionada que soubesse explorar essa faculdade, ela se constituiria num grave perigo.

– Ah, com certeza, com toda certeza. Nunca pretendi negar...

– Esse foi o primeiro ponto – disse Frost, interrompendo-o. – O segundo é que sua mente se tornou opaca para nossas autoridades quase imediatamente depois. No atual estado da nossa ciência, conhecemos apenas uma causa para esse tipo de ocultação. Ela ocorre quando a mente em questão se colocou, por alguma escolha voluntária, por mais vaga que seja, sob o controle de algum organismo hostil. Portanto, a ocultação, enquanto impede nosso acesso aos sonhos, igualmente nos diz que ela, de um modo ou de outro, está sob influência do inimigo. Isso em si representa um sério perigo. Mas também significa que encontrá-la provavelmente corresponderia a descobrir o quartel-general do inimigo. É provável que a senhorita Hardcastle tenha razão ao sustentar que a tortura logo levaria Studdock a entregar o endereço da mulher. Mas, como você salientou, uma busca no quartel-general, uma detenção e a descoberta do marido aqui, na condição em que a tortura o deixaria, produziriam na mulher condições psicológicas que poderiam destruir sua faculdade. Assim frustraríamos um dos objetivos pelos quais queremos apanhá-la. Essa é a primeira objeção. A segunda é que um ataque ao quartel-general do inimigo é muito arriscado. É quase certo que eles tenham proteção de um tipo que não estamos preparados para enfrentar. E, por fim, o homem pode não *saber* o endereço da mulher. Nesse caso...

– Ah – disse Wither –, não há nada que me desagradaria mais. O interrogatório científico (não posso permitir a palavra *tortura* nesse contexto) em casos em que o paciente desconhece a resposta é sempre um erro fatal. Como homens providos de sentimento humanitário, nenhum de nós dois deveria... e ainda por cima, se você continuar, é natural que o paciente não se recupere... e, se você parar, mesmo um agente experiente fica atormentado pelo medo de que talvez ele *realmente soubesse*, no final das contas. É insatisfatório sob todos os aspectos.

– Não existe na realidade nenhum modo de cumprir nossas instruções, a não ser induzindo Studdock a trazer a mulher para cá por si mesmo.

– Ou então – disse Wither, com um ar um pouco mais sonhador do que de costume –, se fosse possível, induzindo nele uma lealdade muito mais radical para com nosso lado do que ele demonstrou até agora. Estou falando, meu caro, de uma verdadeira mudança de consciência.

Frost abriu ligeiramente a boca, que era realmente muito larga, e a esticou para mostrar os dentes brancos.

– Essa – disse ele – é uma subdivisão do plano que eu estava mencionando. Eu estava dizendo que ele devia ser induzido a mandar buscar a mulher por si mesmo. Naturalmente, isso pode ser feito de duas formas. Fornecendo-lhe algum motivo no nível instintivo, como medo de nós ou desejo por ela; ou então o condicionando a se identificar de modo tão completo com a Causa, que ele venha a entender o real motivo para garantir a presença dela e atue de acordo com ele.

– Exatamente... exatamente – disse Wither. – Seu modo de se expressar, como sempre, é um pouco diferente do que eu pessoalmente escolheria usar, mas...

– Onde está Studdock no momento? – perguntou Frost.

– Numa das celas aqui... do outro lado.

– Achando que foi detido pela polícia comum?

– Isso não posso responder. Suponho que esteja achando isso. Talvez não faça muita diferença.

– E como você se propõe agir?

– Tínhamos nos proposto deixá-lo só por algumas horas: para permitir que as consequências psicológicas da prisão amadurecessem. Arrisquei-me... naturalmente com toda a consideração pelo tratamento humanitário... a contar com o valor de algum leve desconforto físico. Ele não terá jantado, entende? Eles receberam instruções para esvaziar seus bolsos. Não se deseja que o rapaz alivie, com um cigarro, qualquer tensão nervosa que possa ter surgido. Deseja-se que a mente seja forçada a depender totalmente dos próprios recursos.

– Naturalmente. E o que mais?

– Bem, suponho que algum tipo de interrogatório. Esse é um ponto acerca do qual eu aceitaria um conselho seu. Quer dizer, no que diz respeito a eu aparecer em pessoa no primeiro momento. Estou inclinado a crer que a aparência de um interrogatório pela polícia comum deveria ser mantida mais um pouco. Depois, num estágio posterior, virá a descoberta de que ele ainda está nas nossas mãos. É

provável que de início ele se equivoque quanto a essa descoberta... por alguns minutos. Seria bom deixar que ele se desse conta somente aos poucos de que de modo algum isso o isenta dos... hum... embaraços decorrentes da morte de Hingest. Calculo que alguma percepção mais plena da sua inevitável solidariedade com o Instituto haveria de se seguir...

– E então você pretende pedir mais uma vez a presença da mulher?

– Eu não o faria dessa maneira – disse Wither. – Se me permite a ousadia de dizê-lo, uma das desvantagens dessa extrema simplicidade e precisão com que você fala habitualmente (por mais que as admiremos) é que ela não deixa espaço para nuances sutis. Nossa esperança era, sim, de uma espontânea explosão de confiança por parte do rapaz. Qualquer coisa que se assemelhe a um pedido direto...

– O ponto fraco do plano – disse Frost – está em você depender totalmente do medo.

– Medo – repetiu Wither, como se não tivesse ouvido a palavra antes. – Não estou acompanhando direito o nexo do seu pensamento. É difícil supor que você esteja seguindo a sugestão oposta, feita uma vez, se bem me lembro, pela senhorita Hardcastle.

– E qual era essa sugestão?

– Ora – disse Wither –, se a compreendi certo, ela pensou em tomar medidas científicas para tornar a companhia de sua mulher mais desejável aos olhos do rapaz. Alguns dos recursos químicos...

– Você quer dizer um afrodisíaco?

Wither suspirou discretamente e não disse nada.

– Tolice – disse Frost. – Não é para sua mulher que um homem se volta sob a influência de afrodisíacos. Mas, como eu estava dizendo, creio ser um erro confiar exclusivamente no medo. Observei, ao longo de muitos anos, que seus resultados são incalculáveis: especialmente quando o medo é complexo. O paciente pode ficar apavorado demais para se mexer, até mesmo na direção desejada. Se tivermos de perder a esperança de trazer a mulher para cá com a boa vontade do marido, precisaremos usar a tortura e assumir as consequências. Mas existem alternativas. Existe o desejo.

– Não sei ao certo se estou acompanhando seu raciocínio. Você rejeitou a ideia de qualquer abordagem médica ou química.

– Eu estava pensando em desejos mais fortes.

Nem nesse estágio da conversa nem em nenhum outro, o vice-diretor olhou



muito para o rosto de Frost. Como de costume, seus olhos passeavam pela sala inteira, ou se fixavam em objetos distantes. Às vezes estavam fechados. Mas ou Frost ou Wither – era difícil dizer qual dos dois – estivera movimentando aos poucos sua cadeira, de forma que àquela altura os dois homens estavam sentados com os joelhos quase se tocando.

– Tive minha conversa com Filostrato – disse Frost, na sua voz baixa e nítida. – Usei expressões que deveriam ter tornado clara minha intenção, se ele tivesse a menor noção da verdade. Seu principal assistente, Wilkins, estava presente também. A verdade é que nenhum dos dois está realmente interessado. O que os interessa é o fato de eles terem tido êxito, como acreditam, em manter a Cabeça viva e em fazer que falasse. O que ela diz não chega com efeito a interessá-los. Quanto a qualquer pergunta sobre o que ela diz, eles não têm curiosidade alguma. Fui muito fundo. Levantei questões sobre seu modo de consciência... suas fontes de informação. Não houve resposta.

– Você está sugerindo, se eu o entendo bem – disse Wither –, um movimento para com o senhor Studdock ao longo *dessas* linhas. Se me lembro direito, você rejeitou o medo porque seus efeitos não podem realmente ser previstos, com a precisão que se poderia desejar. Mas, ah, será que esse método agora em cogitação teria algum grau *maior* de confiabilidade? Quase não é necessário dizer que eu percebo plenamente certa decepção que pessoas de mente séria devem sentir com colegas como Filostrato e seu subordinado, o senhor Wilkins.

– Essa é a questão – disse Frost. – Devemos nos resguardar do erro de supor que o controle político e econômico da Inglaterra pelo Inec seja mais que um objetivo subordinado. É pelos indivíduos que realmente nos interessamos. Um cerne duro e imutável de indivíduos, devotados à mesma causa que nós: é disso que precisamos e o que, na verdade, recebemos ordens para obter. Até agora ainda não conseguimos trazer muita gente para dentro... para dentro *mesmo*.

– Nada de novo de lá do Bosque de Bragdon?

– Não.

– E você acredita que Studdock possa de fato ser uma pessoa adequada?...

– Você não deve se esquecer – disse Frost – de que o valor dele não reside exclusivamente na clarividência da mulher. O casal é interessante em termos eugênicos. E, em segundo lugar, acho que ele não pode oferecer a menor resistência. As horas de medo na cela, e depois um apelo a desejos que suplantem o medo, terão um efeito quase garantido num caráter daquele tipo.

– É claro – disse Wither –, nada é tão desejável quanto a maior união

possível. Espero que você não me considere suspeito de subestimar esse aspecto das nossas ordens. Qualquer novo indivíduo trazido para o interior dessa união seria uma fonte da mais intensa satisfação para... hum... todos os envolvidos. Desejo os laços mais estreitos que sejam possíveis. Eu acolheria bem uma interpenetração de personalidades tão íntima, tão irrevogável, que quase transcenda a individualidade. Você não precisa duvidar de que eu abriria meus braços para receber... para absorver... para assimilar esse rapaz.

Eles estavam sentados tão juntos que seus rostos quase se tocavam, como se fossem amantes prestes a se beijar. O pincenê de Frost refletia a luz de um modo que tornava seus olhos invisíveis: somente sua boca, sorrindo, mas não relaxada no sorriso, revelava sua expressão. A boca de Wither estava aberta, o lábio inferior caído, os olhos úmidos, todo o seu corpo encurvado e jogado na poltrona, como se a força tivesse se esvaído dele. Um desconhecido teria pensado que ele estivera bebendo. Então seus ombros estremeceram, e aos poucos ele começou a rir. E Frost não riu, mas seu sorriso ia ficando a cada instante mais brilhante e também mais frio, e ele estendeu a mão e afagou o colega no ombro. De repente naquela sala silenciosa, houve um estrondo. O *Who's Who* [Quem é Quem] tinha caído da mesa, varrido para o chão à medida que, com súbitos e velozes movimentos convulsivos, os dois velhos se inclinavam um na direção do outro, sentados, balançando para lá e para cá, presos num abraço, do qual cada um parecia estar lutando para escapar. E, enquanto balançavam e esgaravatavam com unhas e dentes, foi surgindo, agudo e fraco de início, mas depois cada vez mais alto, um ruído de cacarejo, que no fundo parecia mais uma paródia animal que uma paródia senil do riso.



Quando Mark foi descarregado do camburão para o escuro e a chuva, levado às pressas para dentro de um prédio entre dois policiais, para acabar sendo deixado sozinho num pequeno quarto com a luz acesa, ele não fazia ideia de que estava em Belbury. Nem teria se importado muito, se tivesse sabido; pois, no instante em que foi detido, ele perdeu toda a esperança de sobreviver. Ia ser enforcado.

Até aquele momento, ele nunca estivera na proximidade da morte. Agora, enquanto olhava de relance para a mão (porque as mãos estavam frias e automaticamente ele as esfregava), ocorreu-lhe como uma ideia totalmente

nova que essa mesma mão, com suas cinco unhas e a mancha amarela de fumo na parte interna do indicador, haveria de ser um dia a mão de um cadáver, e mais tarde a de um esqueleto. Ele não sentiu exatamente horror, se bem que no nível físico estivesse consciente de uma sensação de sufocamento. O que abalou seu cérebro foi o ridículo da ideia. Era algo inacreditável, mas ao mesmo tempo totalmente certo.

Houve uma súbita invasão de detalhes medonhos sobre a execução, fornecidos havia muito tempo pela senhorita Hardcastle. Mas aquela foi uma dose forte demais para a consciência aceitar. Ela pairou diante da sua imaginação por uma fração de segundo, fazendo-o agonizar até uma espécie de berro mental, e então foi desaparecendo num borrão. A morte pura e simples voltou a ser o objeto da atenção. A questão da imortalidade surgiu diante dele. Ele não sentia o menor interesse. O que uma vida após a morte tinha que ver com isso? A felicidade em algum mundo diferente e incorpóreo (ele nunca pensou na infelicidade) era totalmente descabida para um homem que ia ser morto. O importante era a execução. De qualquer ponto de vista, aquele corpo – aquela coisa bamba, trêmula, desesperadamente viva, tão intimamente sua – ia ser transformado num corpo *morto*. Se existisse o que se pudesse chamar de alma, essa coisa não se importava de modo algum com ela. A sensação de sufocação, de asfixia, dava a opinião que o corpo tinha dessa questão, com uma intensidade que excluía tudo o mais.

Como achava que estava sufocando, ele olhou em torno da cela em busca de algum sinal de ventilação. Havia, de fato, algum tipo de grade acima da porta. Aquela ventilação e a porta em si eram os únicos objetos que detinham o olhar. Tudo o mais era piso branco, teto branco, parede branca, sem uma cadeira, mesa, livro ou gancho, e com uma luz branca e dura no centro do teto.

Algo na aparência do local lhe sugeria pela primeira vez a ideia de que ele poderia estar em Belbury e não numa delegacia normal. Mas o lampejo de esperança despertado por essa ideia foi tão curto a ponto de ser instantâneo. Que diferença fazia se Wither, a senhorita Hardcastle e os demais tivessem decidido livrar-se dele entregando-o à polícia comum ou o eliminando em segredo... como sem dúvida tinham feito com Hingest? O significado de todos os altos e baixos pelos quais tinha passado em Belbury agora lhe aparecia com perfeita clareza. Todos eles eram seus inimigos, jogando com suas esperanças e medos para reduzi-lo a um servilismo total, e com certeza o matariam se ele abandonasse o grupo, e com certeza o matariam, com o passar do tempo, quando tivesse cumprido a função para a qual o queriam. Pareceu-lhe espantoso que um

dia pudesse ter pensado de modo diferente. Como ele poderia ter suposto que qualquer apaziguamento verdadeiro daquelas pessoas pudesse ser obtido por qualquer coisa que fizesse?

Como tinha sido idiota, um panaca, infantil, crédulo! Ele se sentou no chão, pois sentia as pernas fracas, como se tivesse andado mais de quarenta quilômetros. Por que tinha vindo a Belbury para começar? Sua primeira entrevista com o vice-diretor não deveria tê-lo avisado, com a mesma clareza de uma verdade anunciada através de um megafone ou impressa num cartaz com letras de um metro e oitenta de altura, que esse era um mundo de tramas por dentro de tramas, oposições e traições, de mentiras, suborno e punhaladas nas costas, de assassinato e uma gargalhada de desdém pelo pateta que saiu perdendo? A gargalhada de Feverstone, naquele dia em que o chamara de “romântico incurável”, voltou à sua mente. Feverstone... foi assim que ele chegou a acreditar em Wither: por recomendação de Feverstone. Aparentemente sua insensatez remontava a tempos anteriores. Como era possível que ele tivesse confiado em Feverstone – um homem com boca de tubarão, com maneiras vulgares, um homem que nunca encarava os outros? Jane, ou Dimple, teria visto a verdade sobre ele de imediato. A palavra “vigarista” estava estampada nele inteiro. Ele servia apenas para enganar fantoches como Curry e Busby. Mas a verdade era que, quando conhecera Feverstone, ele não considerava Curry e Busby fantoches. Com clareza extraordinária, mas com um espanto renovado, ele se lembrou de como se sentia a respeito do Elemento Progressista em Bracton, quando pela primeira vez foi alvo da confiança deles. Lembrou-se, ainda com maior incredulidade, de como se sentia quando pesquisador muito iniciante, enquanto se encontrava de fora dele: como olhava quase com reverência para as cabeças de Curry e Busby inclinadas uma para perto da outra, na Sala dos Professores, ouvindo fragmentos eventuais da sua conversa sussurrada, fingindo estar o tempo todo absorto em algum periódico, mas desejando – ah, desejando tanto – que um deles atravessasse a sala e falasse com ele. E então, meses e meses depois, aconteceu. Ele tinha uma imagem de si mesmo, o detestável pequeno intruso que queria fazer parte; o pateta infantilizado, absorvendo as confidências roucas e desprovidas de importância, como se estivesse sendo admitido ao governo do planeta. Será que sua insensatez *não* tinha tido um início? Será que ele fora um rematado palerma desde o dia em que nascera? Mesmo quando menino na escola, quando tinha destruído seu trabalho e mais ou menos partido o coração na tentativa de entrar para uma sociedade chamada Garra, e, com isso, perdido seu único amigo de verdade?

Mesmo quando menino, brigando com Myrtle porque ela *insistia* em trocar segredos com Pamela, da casa vizinha?

Ele mesmo não compreendia por que tudo isso, que agora estava tão claro, nunca tinha lhe ocorrido anteriormente. Não se dava conta de que pensamentos desse tipo muitas vezes bateram à porta, pedindo para entrar, mas sempre foram excluídos, pela razão extremamente simples de que, se chegassem a ser cogitados uma vez, isso envolveria rasgar toda a trama da sua via, cancelar quase todas as decisões que sua vontade tinha tomado e realmente começar tudo de novo, como se fosse um bebê. A massa embaralhada de problemas que teriam de ser enfrentados, se ele admitisse tais pensamentos, os incontáveis “algos” a respeito dos quais “algo” teria de ser feito, tudo isso o impedira de levantar essas questões. O que agora tinha arrancado os antolhos era o fato de que *nada podia ser feito*. Iam enforcá-lo. Sua história chegava ao fim. Não havia problema algum em rasgar a trama agora, pois ele já não ia usá-la. Não havia conta alguma a pagar (na forma de árduas decisões e reconstruções) pela verdade. Era um resultado da aproximação da morte, que o vice-diretor e o professor Frost possivelmente não tinham previsto.

Nesse momento na cabeça de Mark, não havia nenhuma consideração moral. Ele olhava em retrospectiva para sua vida, não com vergonha, mas com uma espécie de repulsa por sua aridez. Via-se garotinho de calça curta, escondido nos arbustos ao lado da cerca de estacas, para ouvir a conversa de Myrtle com Pamela, fingindo não perceber o fato de que ela não era assim tão interessante quando ouvida em segredo. Ele se via fazendo de conta que gostava daquelas tardes de domingo com os heróis atléticos da Garra, enquanto o tempo todo (como agora enxergava) ele quase sentia saudade de uma daquelas velhas caminhadas com Pearson – Pearson, que ele se esforçara tanto para deixar para trás. Ele se via na adolescência, lendo a duras penas romances adultos sem valor algum e tomando cerveja, quando o que realmente apreciava era John Buchan e refrigerante de gengibre. As horas que tinha passado aprendendo a gíria de cada nova turma que o atraísse, a eterna suposição de interesse por coisas que considerava enfadonhas e pelo conhecimento que não possuía; o sacrifício quase heroico de praticamente todas as pessoas e coisas que realmente apreciava; a tentativa infeliz de fingir que seria *possível* gostar da Garra, do Elemento Progressista ou do Inec – tudo isso se abatia sobre ele com uma espécie de mágoa. Quando, em toda a vida, ele tinha feito o que queria? Andado com pessoas de quem gostava? Ou mesmo comido e bebido o que lhe desse vontade? A insipidez concentrada daquilo tudo o encheu de autocomiseração.

Em suas condições normais, explicações que atribuíssem a forças impessoais exteriores a si mesmo a responsabilidade por toda essa vida de poeira e garrafas quebradas teriam lhe ocorrido de imediato, e de imediato teriam sido aceitas. Teria sido “o sistema” ou “um complexo de inferioridade” decorrente dos seus pais, ou ainda as peculiaridades da época. Agora, nenhuma dessas explicações lhe ocorria. Sua perspectiva “científica” nunca tinha sido uma filosofia verdadeira, na qual acreditasse com todo o seu ser. Ela vivia exclusivamente no seu cérebro, e pertencia àquele eu público que agora estava se desprendendo dele. Mark tinha consciência, sem ter de pensar nisso, de que fora ele mesmo – mais nada em todo o universo – que escolheu a poeira e as garrafas quebradas, a pilha de latas velhas, os lugares secos e sufocantes.

Uma ideia inesperada entrou na sua cabeça. Essa – essa sua morte – seria uma felicidade para Jane. Myrtle muito tempo atrás, Pearson na escola, Denniston enquanto estavam na faculdade e, por fim, Jane foram as quatro maiores invasões da sua vida por algo proveniente de fora dos lugares secos e sufocantes. Myrtle ele tinha conquistado, tornando-se o irmão inteligente que ganhava bolsas de estudos e conhecia gente importante. Na verdade, eles eram gêmeos, mas, depois de um curto período na infância durante o qual ela parecia ser sua irmã mais velha, ela se tornara mais parecida com uma irmã mais nova e continuava assim desde então. Ele a atraía totalmente para sua órbita: eram seus olhos grandes e maravilhados, bem como suas respostas ingênuas aos relatos que ele fazia sobre o círculo no qual estava se movimentando, que proporcionavam a maior parte do verdadeiro prazer a cada etapa galgada da sua carreira. No entanto, pela mesma razão, ela havia deixado de ser a mediadora da vida proveniente de fora dos lugares secos. A flor, antes plantada em segurança entre as latas, tinha se tornado uma lata. Pearson e Denniston, ele descartara. E agora se dava conta, pela primeira vez, do que tinha pretendido em segredo fazer com Jane. Se tudo tivesse dado certo, se ele tivesse se tornado o tipo de homem que esperara ser, ela haveria de ter sido a grande anfitriã – a anfitriã secreta, ou seja, somente os pouquíssimos integrantes do círculo restrito saberiam quem era aquela mulher de aparência admirável e por que era tão enormemente importante garantir suas boas graças. Bem... melhor para Jane. Agora, enquanto pensava nela, ela lhe parecia ter em si profundos poços e altos prados de felicidade, rios de frescor, jardins encantados de lazer, onde ele não podia entrar, mas que poderia ter deteriorado. Ela era uma daquelas outras pessoas – como Pearson, como Denniston, como os Dimbles – que conseguiam apreciar as coisas pelo que eram. Jane não era como ele. Era bom que ela se livrasse dele.

Nesse momento, veio o som de uma chave girando na fechadura da porta da cela. No mesmo instante, todos esses pensamentos desapareceram. O mero terror físico da morte, secando-lhe a garganta, voltou a abater-se veloz sobre ele. Mark se levantou atabalhado e ficou encostado na parede mais distante da porta, com o olhar tão fixo como se fosse possível escapar ao enforcamento, se mantivesse os olhos diretamente sobre quem quer que estivesse entrando.

Não foi um policial que entrou. Foi um homem de terno cinza, cujo pincenê, quando ele olhou de relance na direção de Mark e da luz, se transformou em janelas opacas, ocultando seus olhos. Mark reconheceu-o de imediato e soube que estava em Belbury. Não foi isso que fez que arregalasse ainda mais os olhos e quase se esquecesse de seu terror em meio ao espanto. Foi a mudança na aparência do homem – ou melhor a mudança nos olhos com que Mark agora o via. Em certo sentido, tudo a respeito do professor Frost estava como sempre tinha sido – a barba pontuda, a extrema brancura da testa, a regularidade das feições e o gélido sorriso brilhante. Mas o que Mark não conseguia compreender era como um dia tinha conseguido deixar de perceber naquele homem alguma coisa tão óbvia que qualquer criança teria se encolhido diante dele e qualquer cachorro teria recuado para o canto com o pelo eriçado e os dentes à mostra. A própria morte não parecia tão assustadora quanto o fato de que, somente seis horas antes, ele de certo modo teria confiado naquele homem, teria acolhido bem sua autoconfiança e até feito de conta que sua companhia não era desagradável.



## Noite de vento e chuva

– Bem – disse Dimble. – Não há ninguém aqui.

– Ele estava aqui há um instante – disse Denniston.

– Você tem certeza de *ter visto mesmo* alguém? – perguntou Dimble.

– Achei que vi alguém – disse Denniston. – Não posso garantir.

– Se havia alguém, ele ainda deve estar bem perto – disse Dimble.

– E se o chamássemos? – sugeriu Denniston.

– Psiu! Escutem! – disse Jane. Todos ficaram calados por alguns instantes.

– É só aquele burro velho perambulando lá no alto – disse Dimble, afinal.

Fez-se mais silêncio.

– Parece que ele gosta de desperdiçar fósforos – disse Denniston, por fim, olhando de relance para a terra pisada iluminada pela fogueira. – Seria de esperar que um vagabundo...

– Por outro lado – disse Dimble –, não se esperaria que Merlin trouxesse consigo do século V uma caixa de fósforos.

– Mas o que devemos fazer? – disse Jane.

– Não me agrada pensar no que MacPhee dirá se voltarmos sem resultado melhor que este. Ele de imediato indicará um plano que deveríamos ter seguido – disse Denniston, com um sorriso.

– Agora que a chuva passou – disse Dimble –, seria melhor voltarmos para o carro para começar a procurar pelo seu portão branco. O que você está olhando, Denniston?

– Estou olhando essa lama – disse Denniston, que tinha se afastado alguns passos da fogueira, na direção da trilha pela qual eles tinham descido ao pequeno vale. Ia andando encurvado, usando a lanterna. De repente, empertigou-se. – Olhem! – disse ele. – Houve muita gente aqui. Não, não pisem aí para não misturar todas as pegadas. Olhem. Não consegue ver, professor?

– Essas não são nossas próprias pegadas? – perguntou Dimble.

– Algumas estão voltadas para o sentido contrário. Veja aquela... e aquela



outra.

– Não seriam do vagabundo? – propôs Dimble. – Se é que era um vagabundo.

– Ele não poderia ter subido pela trilha sem que o víssemos – disse Jane.

– A menos que tenha subido antes da nossa chegada – disse Denniston.

– Mas todos nós o vimos – disse Jane.

– Venham – disse Dimble. – Vamos acompanhá-las até o alto. Suponho que não seja possível segui-las por muito tempo. Se não conseguirmos, precisaremos voltar para a estrada e continuar a procurar pelo portão.

Quando chegaram à borda da grota, a lama transformou-se em capim debaixo dos pés, e as pegadas desapareceram. Eles deram duas voltas pelo alto do pequeno vale, sem encontrar nada. Puseram-se então a voltar para a estrada. A noite tinha se desanuviado: Órion dominava o céu inteiro.



O vice-diretor quase nunca dormia. Quando se tornava absolutamente necessário que o fizesse, ele tomava uma medicação, porém a necessidade era rara, pois o tipo de consciência que ele vivenciava na maioria das horas do dia ou da noite havia muito tempo cessara de ser exatamente semelhante ao que os homens chamam de vigília. Ele tinha aprendido a recolher a maior parte da sua consciência, afastando-a da tarefa de viver, conduzindo até mesmo suas atividades profissionais com apenas um quarto da sua mente. Cores, sabores, cheiros e sensações táteis sem dúvida bombardeavam seus sentidos da forma normal, mas não alcançavam seu ego. As maneiras e a atitude exterior que ele havia adotado para com os homens meio século antes eram uma organização que funcionava de modo quase independente, como um gramofone, e para a qual ele podia transferir toda a sua rotina de entrevistas e comitês. Enquanto o cérebro e os lábios realizavam esse trabalho, e dia a dia construíam para os que o cercavam a personalidade vaga e formidável que eles conheciam tão bem, seu eu mais íntimo estava livre para seguir a própria vida. Aquele desligamento do espírito, não apenas em relação aos sentidos, mas até mesmo em relação à razão, que já fora objetivo de alguns místicos, ele possuía.

Portanto ele ainda estava, de certa forma, acordado – ou seja, não estava dormindo – uma hora depois de Frost tê-lo deixado para visitar Mark na cela. Qualquer um que tivesse dado uma olhada ali dentro do escritório durante essa

hora o teria visto sentado imóvel à mesa de trabalho, com a cabeça baixa e as mãos cruzadas. Mas seus olhos não estavam fechados. O rosto não tinha expressão alguma; o homem real estava longe dali, sofrendo, aproveitando ou infligindo não importava o que fosse que almas desse tipo sofrem, aproveitam ou infligem, quando o cordão que as prende à ordem natural está esticado ao máximo, no entanto ainda não se rompeu. Quando o telefone tocou junto do seu cotovelo, ele pegou o fone sem sobressalto.

– Pode falar – disse ele.

– Aqui é o Stone, senhor – disse uma voz. – Encontramos a câmara.

– Sim.

– Estava vazia, senhor.

– Vazia?

– Sim, senhor.

– Meu caro Stone, o senhor tem certeza de ter encontrado o lugar certo? É possível...

– Ah, sim, senhor. É uma espécie de cripta pequena. Feita de pedra e alguns tijolos romanos. Com um tipo de laje no meio, como um altar ou uma cama.

– E eu devo entender que não havia ninguém lá? Nenhum sinal de ocupação?

– Bem, senhor, parecia ter havido movimentação recente no local.

– Queira ser o mais explícito possível, senhor Stone.

– Bem, senhor, havia uma saída... quer dizer, um túnel, que seguia dali na direção sul. Subimos imediatamente por esse túnel. Ele desemboca a uns oitocentos metros de distância, fora da área do bosque.

– Desemboca? Quer dizer que há um arco... um portão... uma boca de túnel?

– Bem, é exatamente essa a questão. Chegamos ao ar livre, sim. Mas é óbvio que alguma coisa foi destruída ali recentemente. A impressão era de que foram usados explosivos. Como se a extremidade do túnel tivesse sido emparedada e por cima tivesse sido posta uma boa camada de terra. É como se alguém tivesse acabado de abrir o caminho com uma explosão. A destruição era enorme.

– Continue, Stone. O que fez então?

– Recorri à ordem que o senhor me deu de procurar todos os policiais disponíveis e despachá-los em grupos de busca pelo homem que o senhor descreveu.

– Entendi. E como *o senhor* o descreveu para eles?

– Exatamente como o senhor descreveu: um velho com uma barba muito

comprida ou com uma barba aparada de modo muito tosco, provavelmente usando manto, mas sem dúvida em trajes de um tipo incomum. No último instante, ocorreu-me acrescentar que ele poderia não estar usando roupa alguma.

– Por que acrescentou isso, Stone?

– Bem, senhor, eu não sabia quanto tempo ele ficou lá, e não é da minha conta. Eu ouvi falar de roupas serem preservadas num lugar como aquele; e todas se desfazerem, assim que entra algum ar. Espero que o senhor não imagine que eu esteja tentando descobrir alguma coisa que o senhor prefere não me contar. Mas só achei que seria melhor eu...

– Acertou em cheio, senhor Stone – disse Wither –, ao pensar que qualquer coisa que remotamente se assemelhasse a excesso de curiosidade da sua parte poderia ter as conseqüências mais desastrosas. Estou querendo dizer, para o senhor mesmo, é claro, pois são os seus interesses que me norteiam principalmente na escolha dos meus métodos. Garanto-lhe que pode contar com meu apoio na... hummm... posição delicada que o senhor escolheu ocupar, sem dúvida involuntariamente.

– Muito obrigado, senhor. Alegra-me que o senhor considere que agi certo ao dizer que ele poderia estar nu.

– Ah, quanto a *isso* – disse o vice-diretor –, há uma enorme quantidade de considerações que não podem ser levantadas neste momento. E o que o senhor instruiu as turmas de busca a fazer quando encontrassem a tal... humm... pessoa?

– Bem, essa foi outra dificuldade, senhor. Mandeí meu próprio assistente, o padre Doyle, com uma turma, porque ele sabe latim. E passei ao inspetor Wrench o anel que o senhor me deu, e o coloquei no comando da segunda turma. O máximo que pude fazer pela terceira turma foi me certificar de que ela contivesse alguém que soubesse falar galês.

– Não pensou em acompanhar pessoalmente uma turma?

– Não, senhor. Suas ordens eram de que eu ligasse sem falta, no instante em que encontrássemos alguma coisa. E eu não queria atrasar a saída das turmas de busca até eu ter falado com o senhor.

– Entendo. Bem, naturalmente (sem que eu me comprometa) sua atuação poderia ser interpretada por essa perspectiva. O senhor deixou bem claro que esse... essa... pessoa de grande importância, quando encontrada, deveria ser tratada com a máxima deferência e, espero que não me entenda mal, com a máxima cautela?

– Ah, sim, senhor.

– Bem, senhor Stone, no todo e com certas reservas inevitáveis, estou moderadamente satisfeito com sua condução desse caso. Creio que serei capaz de apresentá-la por um ângulo favorável àqueles colegas meus cujas boas graças o senhor lamentavelmente não conseguiu conservar. Se puder concluí-la com sucesso, isso fortaleceria muito sua posição. Caso contrário... para mim é indescritível a dor de saber que existem essas tensões e recriminações mútuas entre nós. Mas entenda-me bem, meu caro. Se ao menos eu pudesse convencer... digamos, a senhorita Hardcastle e o senhor Studdock... a compartilhar o apreço que tenho por suas qualidades muito reais, o senhor não precisaria ter a menor apreensão quanto à sua carreira ou... hum... à sua segurança.

– Mas o que o senhor quer que eu *faça*?

– Meu caro e jovem amigo, a regra de ouro é muito simples. Há somente dois erros que seriam fatais para alguém que se encontra na situação peculiar que certas partes de sua conduta anterior infelizmente criaram para o senhor. Por um lado, qualquer coisa que se assemelhe a uma falta de iniciativa ou de dinamismo seria desastrosa. Por outro lado, a mais leve tendência a ações não autorizadas, qualquer ato que sugerisse que o senhor esteja assumindo uma liberdade de decisão que, em todas as circunstâncias, realmente não lhe cabe, poderia ter consequências das quais nem mesmo eu poderia protegê-lo. Contudo, desde que se mantenha totalmente afastado desses dois extremos, não há motivo algum (falando informalmente) para o senhor não se sentir em perfeita segurança.

Então, sem esperar pela resposta do senhor Stone, ele pôs o fone no gancho e tocou sua campainha.



– Não devíamos estar quase chegando ao portão pelo qual pulamos? – perguntou Dimble.

Estava muito mais claro agora que a chuva havia parado, mas o vento tinha aumentado e rugia em torno deles, tanto que só se ouviram respostas gritadas. Os galhos da sebe ao longo da qual eles seguiam com esforço ondulavam, mergulhavam e subiam de novo, dando a impressão de estar tentando açoitá-los as estrelas brilhantes.

– O caminho está muito mais comprido do que eu me lembro – disse Denniston.

– Mas não tão lamacento – disse Jane.

– Você tem razão – disse Denniston, parando de repente. – É só pedra. Quando subimos, não era assim. Estamos no campo errado.

– *Acho* – disse Dimble, em tom brando – que devemos estar certos. Viramos meio à esquerda ao longo desta sebe assim que saímos das árvores, e tenho certeza de que me lembro...

– Mas será que saímos do bosque no lado certo? – perguntou Denniston.

– Se começarmos a mudar de rumo – disse Dimble –, acabaremos andando em círculos a noite inteira. Vamos continuar direto em frente. Com o tempo, a tendência é chegar à estrada.

– Epa! – disse Jane, bruscamente. – Que foi isso?

Todos tentaram escutar. Por causa do vento, o barulho ritmado e não identificado que eles estavam se esforçando para ouvir pareceu bem distante num momento; e depois, em seguida, com gritos de “Cuidado!”, “Fora daqui, seu brutamontes!”, “Para trás!” e semelhantes, todos estavam se encolhendo para dentro da sebe enquanto o chape-chape de um cavalo a meio galope em terreno macio passava bem ao lado deles. Um torrão de lama fria, lançado pelos cascos do cavalo, atingiu Denniston no rosto.

– Ai, olhem! Olhem! – exclamou Jane. – Parem esse cavalo. Depressa!

– Parar o cavalo? – perguntou Denniston, que estava tentando limpar o rosto. – Para quê? Quanto menos eu vir esse quadrúpede boçal, melhor...

– Ai, doutor Dimble, grite para ele parar – disse Jane, numa agonia de impaciência. – Vamos. Corram! Vocês não viram?

– Vimos o quê? – perguntou Dimble, ofegante, enquanto o grupo inteiro, sob o efeito da urgência de Jane, começava a correr na direção do cavalo que se afastava.

– Um homem está montado nele – disse Jane, arfando. Estava cansada, sem fôlego e tinha perdido um sapato.

– Um homem? – perguntou Denniston; e então: – Meu Deus, senhor, Jane tem razão. Olhe, olhe para lá! À esquerda... em contraste com o céu.

– Não temos como alcançá-lo – disse Dimble.

– Ei! Pare! Volte aqui! Amigos... *amis... amici* – berrou Denniston.

Dimble não conseguiu gritar naquele momento. Era um homem velho, que já

estava cansado antes que eles partissem, e agora seu coração e pulmões estavam fazendo com ele coisas cujo significado seu médico lhe relatara anos antes. Não estava assustado, mas não conseguiria gritar com voz imponente (menos ainda em solar antigo) enquanto não respirasse bem. E, nos momentos que permaneceu ali parado, tentando encher os pulmões, todos os outros de repente gritaram mais uma vez “Olhem!”; pois lá no alto, entre as estrelas, parecendo extraordinariamente grande e cheio de pernas, o vulto do cavalo surgiu no instante em que saltava por cima de uma cerca, a uns vinte metros dali; e, montado nele, com algum tipo de traje ondulante que o vento soprava bem para trás, a enorme silhueta de um homem. Pareceu a Jane que ele olhava para trás por cima do ombro como que zombando deles. Vieram então um chape e um baque, quando o cavalo pisou do outro lado. E então nada, a não ser o vento e a luz das estrelas outra vez.



– Você está correndo perigo – disse Frost, quando terminou de trancar a porta da cela de Mark –, mas também está a um passo de uma grande oportunidade.

– Concluo – disse Mark – que estou no Instituto, afinal de contas, e não numa delegacia.

– Sim. Isso não faz a menor diferença quanto ao perigo. O Instituto logo terá poderes oficiais para executar. Ele já se adiantou. Tanto Hingest como Carstairs foram executados. É esse tipo de ação que se exige de nós.

– Se vocês vão me matar – disse Mark –, por que toda essa farsa da acusação de homicídio?

– Antes de prosseguir – disse Frost –, devo lhe pedir que seja estritamente objetivo. Tanto o ressentimento como o medo são fenômenos químicos. Nossas reações um ao outro são fenômenos químicos. As relações sociais são relações químicas. Você deve observar esses sentimentos em si mesmo com uma atitude objetiva. Não permita que eles distraiam sua atenção dos fatos.

– Entendo – disse Mark. Ele estava representando, enquanto dizia isso, procurando aparentar ao mesmo tempo uma esperança fraca e uma ligeira contrariedade, pronto para ser manipulado. No fundo, porém, sua nova percepção do cerne de Belbury o mantinha resolvido a não acreditar em uma única palavra que o outro dissesse, a não aceitar (embora pudesse simular aceitação) nenhum oferecimento que ele fizesse. Ele sentia que precisava a

qualquer preço se agarrar ao conhecimento de que aqueles homens eram inimigos ferrenhos. Pois ele já sentia no íntimo a antiga tendência a ceder, a se aproximar de alguma credulidade.

– A acusação de homicídio contra você e as alterações no seu tratamento fazem parte de um programa planejado, com um objetivo bem definido em mente – disse Frost. – É uma disciplina pela qual todos passam, antes da admissão ao Círculo.

Mais uma vez Mark sentiu um espasmo de terror em retrospectiva. Apenas alguns dias antes, ele teria engolido qualquer anzol com esse tipo de isca. E nada, a não ser a iminência da morte, poderia ter tornado o anzol tão óbvio e a isca tão insípida quanto agora lhe parecia. Pelo menos, tão insípida em comparação. Porque mesmo agora...

– Não entendo bem a finalidade disso tudo – disse ele, em voz alta.

– Trata-se, novamente, de promover a objetividade. Um círculo unido por sentimentos subjetivos de afinidade e confiança mútuas seria inútil. Como eu já disse, esses sentimentos são fenômenos químicos. Todos eles poderiam, em princípio, ser produzidos por injeções. Você foi forçado a passar por uma série de sentimentos conflitantes a respeito do vice-diretor e de outros, para que sua futura associação conosco não seja de modo algum baseada em sentimentos. Na medida em que seja necessário haver relações sociais entre membros do Círculo, talvez seja melhor que os sentimentos sejam de aversão. Assim, será menor o risco de que essas relações sejam confundidas com o verdadeiro *vínculo*.

– Minha associação futura? – disse Studdock, simulando um interesse trêmulo. Mas essa simulação era perigosamente fácil para ele. A realidade poderia voltar a despertar a qualquer instante.

– Sim – disse Frost. – Você foi selecionado como possível candidato para admissão. Se não a obtiver, ou se a rejeitar, será necessário destruí-lo. É claro que não estou tentando manipular seus medos. Eles apenas confundem a questão. O processo será perfeitamente indolor, e suas reações atuais a ele são eventos físicos inevitáveis.

Mark refletiu bastante sobre isso.

– Parece... parece uma decisão terrível – disse Mark.

– Essa é meramente uma proposição acerca do estado do seu corpo no momento. Queira permitir que eu passe a lhe dar a informação necessária. Devo começar dizendo que nem o vice-diretor, nem eu, somos responsáveis pela

formulação das políticas do Instituto.

– O Cabeça? – perguntou Mark

– Não. Filostrato e Wilkins estão totalmente iludidos a respeito do Cabeça. Eles realizaram sem dúvida um experimento notável ao preservar a cabeça, evitando sua decomposição. Mas não é com a mente de Alcasan que entramos em contato, quando o Cabeça fala.

– Quer dizer que Alcasan está de fato... *morto*? – perguntou Mark Sua surpresa diante da última declaração de Frost não precisou ser simulada.

– No atual estado do nosso conhecimento – disse Frost –, não existe resposta para essa pergunta. É provável que ela não tenha significado algum. Mas o córtex e os órgãos vocais na cabeça de Alcasan são usados por uma mente diferente. E agora, por favor, escute com muito cuidado. É provável que não tenha ouvido falar em macróbios.

– Micróbios? – disse Mark, perplexo. – Mas é claro...

– Eu não disse *micróbios*; disse *macróbios*. A formação da palavra é autoexplicativa. Abaixo do nível da vida animal, há muito tempo sabemos da existência de organismos microscópicos. Seus verdadeiros efeitos sobre a vida humana, no que diz respeito à saúde e às enfermidades, compuseram naturalmente uma grande parte da história: a causa secreta somente foi conhecida com a invenção do microscópio.

– Prossiga – disse Mark. Uma curiosidade voraz estava se movimentando como se fosse um maremoto por baixo da sua determinação consciente de se precaver.

– Devo agora informá-lo da existência de organismos semelhantes *acima* do nível da vida animal. Quando digo “acima”, não estou falando em termos biológicos. A estrutura do macróbio, até onde a conhecemos, é de extrema simplicidade. Quando digo que ela está acima do nível animal, estou querendo dizer que ela é mais permanente, dispõe de mais energia e tem uma inteligência maior.

– Mais inteligente que os antropoides superiores? – disse Mark – Deve ser praticamente humana, então.

– Você me compreendeu mal. Quando eu disse que ela transcendia os animais, eu estava, é claro, incluindo o animal mais eficiente, o homem. O macróbio é mais inteligente que o homem.

Com o cenho franzido, Mark refletiu sobre essa teoria.

– Mas nesse caso como é que não tivemos comunicação com eles?



– Não é certo que não tenhamos tido. Mas nas eras primitivas, essa comunicação era intermitente e sofria a oposição de inúmeros preconceitos. Além disso, o desenvolvimento intelectual do homem não tinha alcançado o estágio em que o intercâmbio com nossa espécie pudesse apresentar qualquer interesse para um macróbio. No entanto, embora tenha havido pouco intercâmbio, as consequências foram profundas. Sua influência sobre a história humana foi muito maior do que a dos micróbios, apesar de igualmente não reconhecida, é claro. À luz do que agora sabemos, toda a história terá de ser reescrita. As verdadeiras causas de todos os principais acontecimentos são totalmente desconhecidas dos historiadores. Esse é, de fato, o motivo pelo qual a história ainda não conseguiu se tornar uma ciência.

– Acho que vou me sentar, se não se importa – disse Mark, retomando sua posição no chão. Durante a conversa inteira, Frost permaneceu perfeitamente imóvel, com os braços caídos, de cada lado. Se não fosse a periódica inclinação da cabeça para cima e a rápida exibição dos dentes no final de uma frase, ele não usava gestos.

– O cérebro e os órgãos vocais retirados de Alcasan – continuou ele – tornaram-se os condutores de uma comunicação regular entre os macróbios e nossa espécie. Não estou dizendo que descobrimos essa técnica; a descoberta foi deles, não nossa. O Círculo ao qual você talvez seja admitido é o órgão dessa cooperação entre as duas espécies, que já criou uma nova situação para a humanidade. A transformação, você verá, é muitíssimo maior que aquela que transformou o sub-homem no homem. Ela é mais comparável ao surgimento da vida orgânica.

– Quer dizer que esses organismos – perguntou Mark – são amistosos para com a humanidade?

– Se você refletir um pouco – disse Frost –, verá que sua pergunta não tem significado a não ser no nível do mais tosco pensamento popular. A amizade é um fenômeno químico; da mesma forma que o ódio. Ambos pressupõem organismos do nosso tipo. O primeiro passo para a comunicação com os macróbios é a conscientização de que é preciso sair de todo esse universo de nossas emoções subjetivas. É só quando se começa a fazer isso que se descobre como é grande a proporção daquilo que se imaginava erroneamente ser pensamento e não passava de um subproduto do sangue e dos tecidos nervosos de cada um.

– Ah, é claro. Eu não quis dizer “amistoso” exatamente nesse sentido. O que eu quis dizer de fato foi o seguinte: seus objetivos eram compatíveis com os

nossos?

– O que você quer dizer com “nossos objetivos”?

– Bem, suponho que sejam a reconstrução científica da espécie humana na direção de uma eficiência maior; a erradicação da guerra, da pobreza e de outras formas de desperdício; uma exploração mais plena da natureza; a preservação e a extensão de nossa espécie, na realidade.

– Creio que essa linguagem pseudocientífica de fato não altera a base essencialmente subjetiva e instintiva da ética que você está descrevendo. Voltarei a esse ponto numa etapa posterior. Por enquanto, eu apenas observaria que sua visão da guerra e sua referência à preservação da espécie sugerem uma concepção profundamente equivocada. Trata-se de meras generalizações a partir de sentimentos afetivos.

– Sem dúvida – disse Mark –, é necessária uma população de bom tamanho para a plena exploração da natureza, se não for para mais nada. E sem dúvida a guerra é disgênica e reduz a eficiência. Mesmo que seja necessário ralear a população, não será a guerra o pior método possível para isso?

– Essa ideia é um resquício de condições que estão sofrendo rápida alteração. Alguns séculos atrás, a guerra não funcionava da forma descrita por você. Uma grande população agrícola era essencial; e a guerra destruiu criaturas que na época ainda eram úteis. Mas cada avanço na indústria e na agricultura reduz o número de trabalhadores necessários. Uma população numerosa e sem inteligência está se tornando um peso morto. A verdadeira importância da guerra científica é que os cientistas têm de ser preservados. Não foram os grandes tecnocratas de Koenigsberg ou Moscou que representaram as baixas no cerco de Estalingrado: foram supersticiosos camponeses bávaros e pobres trabalhadores da agricultura russa. O efeito da guerra moderna é eliminar os tipos retrógrados, enquanto poupa a tecnocracia e aumenta seu controle sobre as questões públicas. Na nova era, o que até agora foi tão somente o núcleo intelectual da espécie há de tornar-se, gradativamente, a espécie em si. Você deve imaginar a espécie como um animal que descobriu como simplificar a nutrição e a locomoção, a um ponto tal que os antigos órgãos complexos e o corpo grande que os continha já não sejam necessários. Esse corpo grande deverá, portanto, desaparecer. Apenas um décimo dele será necessário para dar sustentação ao cérebro. O indivíduo há de tornar-se somente cabeça. A espécie humana há de tornar-se somente tecnocracia.

– Entendi – disse Mark – Eu tinha uma ideia bastante vaga de que o núcleo

inteligente seria expandido através da educação.

– Isso não passa de quimera. A enorme maioria da espécie humana pode ser educada, apenas no sentido do recebimento de conhecimentos. Não há como treiná-los para a total objetividade da mente que agora se faz necessária. Eles continuarão a ser sempre animais, olhando para o mundo através da bruma das suas reações subjetivas. Mesmo que fosse possível treiná-los, já se foram os dias que justificariam uma população numerosa. Ela cumpriu sua função ao atuar como um tipo de casulo para o Homem Objetivo e Tecnocrático. Agora os macróbios, e os humanos selecionados que podem cooperar com eles, já não têm utilidade para ela.

– As duas últimas guerras, portanto, não foram desastres, na sua opinião?

– Pelo contrário, elas foram simplesmente o início do programa: as duas primeiras das dezesseis guerras importantes que estão previstas para ocorrer neste século. Tenho consciência das reações emocionais (ou seja, químicas) que uma asserção como essa provoca em você; e você está perdendo seu tempo ao tentar ocultá-las de mim. Não espero que as controle. Não é esse o caminho para a objetividade. Eu as provoco deliberadamente para que você se acostume a encará-las de uma perspectiva estritamente científica e as distinga dos  *fatos*  com a maior clareza possível.

Mark estava sentado com os olhos fixos no chão. Na realidade, tinha sentido pouquíssima emoção diante do programa de Frost para a espécie humana. Com efeito, naquele momento ele quase descobriu como se importava pouco com aqueles futuros remotos e benefícios universais, sobre os quais de início se baseara sua cooperação com o Instituto. Sem dúvida, no instante atual, não havia espaço na sua mente para considerações desse tipo. Ele estava totalmente ocupado com o conflito entre sua resolução de não confiar naqueles homens, de jamais voltar a ser atraído, por nenhum tipo de isca, a entrar numa cooperação verdadeira, e a força terrível de uma emoção contrária – semelhante à de uma maré vazante, repuxando na praia de seixos. Pois ali, ali sem dúvida afinal (como seu desejo lhe sussurrava) estava o verdadeiro Círculo mais fechado de todos, o Círculo cujo centro estava fora da espécie humana – o segredo máximo, o poder supremo, a última iniciação. O fato de que ele era quase totalmente horrível não diminuía em nada sua atração. Nada a que faltasse o traço de horror teria sido forte o suficiente para satisfazer a empolgação delirante que fazia martelarem suas têmporas. Ocorreu-lhe que Frost tinha perfeito conhecimento dessa empolgação, e também da determinação que se opunha a ela; e, seguro, contava com a empolgação como algo que decididamente prevaleceria na mente da sua

vítima.

Uma vibração e umas batidas que havia algum tempo estavam praticamente inaudíveis tornaram-se tão altas que Frost se voltou para a porta.

– Vá embora – disse ele, levantando a voz – Qual é o significado dessa impertinência? – Ouvia-se o barulho confuso de alguém gritando do outro lado da porta, e as batidas continuaram. Frost aumentou o sorriso quando se voltou e a abriu. Instantaneamente, um pedaço de papel foi posto na sua mão. Quando ele o leu, teve um sobressalto violento. Sem olhar para Mark, ele saiu da cela. Mark ouviu a porta ser trancada novamente atrás dele.



– Como esses dois são amigos! – disse Ivy Maggs. Ela estava se referindo a Pinch, a gata, e ao senhor Bultitude, o urso. Este último estava sentado encostado na parede aquecida junto da lareira da cozinha. Suas bochechas eram tão gordas e seus olhos tão pequenos que ele dava a impressão de estar sorrindo. A gata, depois de andar de um lado para o outro com o rabo empinado e de se esfregar na barriga do urso, tinha por fim se enroscado para adormecer entre suas pernas. A gralha, ainda no ombro do diretor, havia muito tempo tinha enfiado a cabeça debaixo da asa.

A senhora Dimble, que estava sentada mais para os fundos da cozinha, cerzindo feito louca, crispou um pouco os lábios quando Ivy Maggs falou. Ela não podia dormir. Seu desejo era que todos se calassem. Sua ansiedade tinha alcançado aquele nível no qual quase todos os acontecimentos, por menores que sejam, ameaçam tornar-se uma irritação. Mas a verdade é que, se alguém tivesse estado observando sua expressão, teria visto a pequena careta desaparecer rapidamente de novo. Por trás da sua determinação, havia muitos anos de prática.

– Quando usamos a palavra “amigos” a respeito dessas duas criaturas – disse MacPhee –, duvido que estejamos sendo apenas antropomórficos. É difícil evitar a ilusão de que eles têm personalidades no sentido humano. Mas não existe prova disso.

– Então por que ela está se esfregando nele? – perguntou Ivy.

– Bem – disse MacPhee –, pode ser que haja um desejo de calor, ela está bem longe da tiragem ali. E haveria uma sensação de segurança por estar perto

de algo conhecido. E é bastante provável que haja alguma transferência de obscuros impulsos sexuais.

– Realmente, senhor MacPhee – disse Ivy, com enorme indignação –, é uma vergonha dizer esse tipo de coisa a respeito de dois animais que não podem falar. Tenho certeza de nunca ter visto Pinch, ou mesmo o senhor Bultitude, o coitadinho...

– Eu disse *transferência* – interrompeu MacPhee, com secura. – Seja como for, eles gostam da mútua fricção do pelo, como um modo de reduzir irritações deflagradas por parasitas. Agora vocês vão observar...

– Se está querendo dizer que eles têm pulgas – disse Ivy –, você melhor do que ninguém sabe que eles não têm nada disso. – Ela estava com a razão, pois era o próprio MacPhee quem vestia macacão uma vez por mês e solenemente ensaboava o senhor Bultitude do traseiro ao focinho, na lavanderia, derramava sobre ele baldes de água morna, para finalmente secá-lo: um dia inteiro no qual ele não permitia que ninguém o ajudasse.

– O que acha, senhor? – perguntou Ivy, olhando para o diretor.

– Eu? – disse Ransom. – Creio que MacPhee está introduzindo na vida animal uma distinção que não existe ali; para depois tentar determinar de que lado dessa distinção se encaixam os sentimentos de Pinch e de Bultitude. É preciso você tornar-se humano para que os anseios físicos possam ser distinguidos dos afetos; da mesma forma que é preciso tornar-se espiritual para que os afetos possam ser distinguidos da caridade. O que está acontecendo entre a gata e o urso não é nem uma nem outra dessas duas coisas: é algo único e não diferenciado no qual se pode encontrar a semente do que chamamos de amizade e do que chamamos de necessidade física. Mas naquele nível ainda não é nem uma coisa nem a outra. É uma das “antigas unidades semânticas” de Barfield.

– Eu nunca disse que eles não gostavam de ficar juntos – disse MacPhee.

– Bem, foi isso o que eu disse – retrucou a senhora Maggs.

– Vale levantar a questão, senhor diretor – disse MacPhee –, porque apresento a tese de que ela indica uma falsidade essencial no sistema total deste lugar.

Grace Ironwood, que estivera sentada com os olhos semicerrados, de repente arregalou-os, fixando-os no homem do Ulster; e a senhora Dimple inclinou a cabeça na direção de Camilla e sussurrou:

– Como eu queria que alguém convencesse o senhor MacPhee a ir dormir. Numa hora como esta, isso é totalmente insuportável.

– Como assim, MacPhee? – perguntou o diretor.

– Estou dizendo que existe um esforço, sem muito empenho, em adotar uma atitude para com as criaturas irracionais que não pode ser mantido de modo consistente. E eu farei a justiça de dizer que vocês nunca tentaram. O urso é mantido na casa e recebe maçãs e xarope dourado até quase explodir.

– Bem, essa é boa! – disse a senhora Maggs. – Quem é que está sempre dando maçãs para ele? É o que eu gostaria de saber.

– Como eu estava observando – disse MacPhee –, o urso é mantido na casa e é paparicado. Os porcos são mantidos num chiqueiro e abatidos para que se obtenha o *bacon*. Eu me interessaria em conhecer o embasamento filosófico para a distinção.

Ivy Maggs olhou confusa do rosto sorridente do diretor para o rosto sério de MacPhee.

– Acho que é pura tolice – disse ela. – Quem já ouviu falar de tentar fazer *bacon* a partir de um urso?

MacPhee bateu de leve com o pé com impaciência e disse alguma coisa que foi abafada de início pelo riso de Ransom e depois por uma forte rajada de vento que abalou a janela como se quisesse arrancá-la da esquadria.

– Que noite terrível para eles! – disse a senhora Dimble.

– Eu adoro – disse Camilla. – Eu adoraria estar lá fora no meio dela. Em cima de um monte alto. Ah, como eu queria que o senhor tivesse me deixado ir com eles.

– Você *gosta*? – disse Ivy. – Ai, eu não! Escute o vento dando a volta na quina da casa. Eu ia ficar apavorada se estivesse sozinha. Ou até mesmo se o senhor estivesse lá em cima. Eu sempre acho que é em noites assim que eles... sabe?... aparecem para o senhor.

– Eles não prestam a menor atenção no tempo, de uma forma ou de outra, Ivy – disse Ransom.

– Sabe – disse Ivy em voz baixa – que essa é uma coisa que eu não entendo direito? Eles são tão estranhos, esse pessoal que vem visitar o senhor. Eu não chegaria perto daquela parte da casa se imaginasse que havia qualquer coisa ali, nem se o senhor me pagasse cem libras. Mas eu não tenho essa mesma sensação a respeito de Deus. Só que Ele deveria ser pior, se entende o que eu quero dizer.

– Ele foi, no passado – disse o diretor. – Você está absolutamente certa a respeito dos Poderes. Os anjos em geral não são boa companhia para os homens, em geral, mesmo quando se trata de anjos bons e de homens bons. Está tudo em São Paulo. Mas no que diz respeito a Maleldil em pessoa, tudo isso mudou. Tudo

mudou por conta do que aconteceu em Belém.

– O Natal já está tão perto – disse Ivy, dirigindo-se a todos em geral.

– O senhor Maggs já estará conosco antes disso – disse Ransom.

– Dentro de um dia ou dois, senhor – disse Ivy.

– Isso foi só o vento? – perguntou Grace Ironwood.

– A mim me pareceu um cavalo – disse a senhora Dimble.

– Pronto – disse MacPhee, pondo-se em pé de um salto. – Saia do caminho, senhor Bultitude, até eu apanhar minhas botas de borracha. Devem ser aqueles dois cavalos de Broad outra vez, pisoteando todos os meus canteiros de aipo. Se ao menos você me permitisse ir à polícia em primeira instância. Por que o homem não consegue mantê-los presos... – Ele estava se embrulhando na capa de chuva enquanto falava, e o resto da sua fala foi inaudível.

– Minha mula, por favor, Camilla – disse Ransom. – Volte, MacPhee. Vamos juntos à porta, você e eu. Senhoras, fiquem onde estão.

Havia no seu rosto uma expressão que alguns dos presentes nunca tinham visto. As quatro mulheres ficaram sentadas, como se tivessem sido transformadas em pedra, com os olhos arregalados e fixos. Daí a um instante, Ransom e MacPhee estavam sozinhos na despensa. Com o vento, a porta dos fundos chocalhava tanto nas dobradiças que eles não sabiam se alguém estava batendo nela ou não.

– Agora – disse Ransom –, abra-a. E fique você mesmo atrás dela.

Por um segundo, MacPhee trabalhou com os ferrolhos. E então, se ele pretendia desobedecer ou não (ponto que deverá permanecer duvidoso), a tempestade fez a porta voar contra a parede, e ele ficou momentaneamente preso atrás dela. Ransom, em pé, imóvel, apoiando-se para a frente na mula, viu à luz da despensa, delineado em contraste com o negrume, um cavalo enorme, todo molhado de suor e espuma, os dentes amarelos expostos, as narinas dilatadas e vermelhas, com as orelhas achatadas contra o crânio, e os olhos em chamas. Ele tinha sido trazido até tão junto da porta que seus cascos dianteiros estavam pousados na soleira. Não tinha sela, espora nem cabeçada; mas naquele mesmo instante um homem saltou de cima dele. Ele parecia ao mesmo tempo muito alto e muito gordo, quase um gigante. O vento soprava tanto o cabelo e a barba de um avermelhado grisalho sobre seu rosto, que ele estava praticamente invisível. E foi só depois que ele deu um passo adiante que Ransom percebeu suas roupas: o casaco cáqui esfarrapado, mal-ajustado, calças frouxas e botas que tinham perdido os dedos.



Num grande salão em Belbury, onde o fogo chamejava, o vinho e a prataria cintilavam em mesas de canto e uma cama enorme ocupava o centro do piso, o vice-diretor olhava em profundo silêncio enquanto quatro rapazes, com circunspeção médica ou por reverência, entravam carregando uma carga numa maca. Quando eles retiraram os cobertores e transferiram o ocupante da maca para a cama, Wither ficou ainda mais boquiaberto. Seu interesse tornou-se tão intenso que naquele instante o caos do seu rosto pareceu organizado, e ele deu a impressão de ser um homem comum. O que ele viu foi um corpo humano nu, vivo, mas aparentemente inconsciente. Ele ordenou que os assistentes colocassem bolsas de água quente nos pés e levantassem a cabeça com travesseiros. Depois que eles fizeram isso e se retiraram, ele puxou uma cadeira até os pés da cama e se sentou para examinar o rosto do homem que dormia. A cabeça era muito grande, embora talvez parecesse ainda maior por conta da barba grisalha descuidada e do cabelo grisalho, comprido e desgrenhado. O rosto era extremamente curtido pelas intempéries; e o pescoço, onde visível, já era magro e descarnado de velhice. Os olhos estavam fechados, e os lábios apresentavam um levíssimo sorriso. O efeito era ambíguo. Wither contemplou-o por muito tempo e às vezes movimentava a cabeça para ver qual seria sua aparência a partir de um ângulo diferente – quase como se estivesse buscando algum traço que não conseguia encontrar e estivesse decepcionado. Por quase quinze minutos, ele ficou ali sentado desse modo. Depois, a porta se abriu e o professor Frost entrou silenciosamente no quarto.

Ele andou até a beira da cama, curvou-se e olhou detidamente para o rosto do desconhecido. Depois deu a volta até o outro lado e procedeu do mesmo modo.

– Ele está dormindo? – sussurrou Wither.

– Creio que não. É mais como se fosse algum tipo de transe. De que tipo, não sei dizer.

– Você não tem a menor dúvida, espero.

– Onde o encontraram?

– Numa gruta a cerca de quatrocentos metros da entrada do subterrâneo.

Havia rastros de pés descalços ao longo de quase todo o caminho.

– O subterrâneo em si estava vazio?

– Estava. Recebi um relatório de Stone sobre isso, pouco depois que você me



deixou.

– Você tomará providências quanto a Stone?

– Tomarei. Mas o que você acha? – Com os olhos, ele apontou para a cama.

– Acho que é ele – disse Frost. – O lugar está certo. A nudez é difícil de explicar por qualquer outra hipótese. O crânio é do tipo que eu esperava.

– Mas o rosto.

– É. Há certos traços que são um pouco inquietantes.

– Eu poderia ter jurado – disse Wither – que conhecia a aparência de um Mestre... até mesmo a aparência de alguém que pudesse ser transformado num Mestre. Você me entende... dá para ver de imediato que Straik ou Studdock serviriam; que a senhorita Hardcastle, com todas as suas excelentes qualidades, não serviria.

– É. Talvez devamos nos preparar para grandes brutalidades... *nele*. Quem sabe como era na realidade a técnica do Círculo Atlante?

– Certamente, não se deve ter uma... hum... mentalidade estreita. Pode-se supor que naquela época não houvesse uma divisão tão nítida entre os mestres e a gente comum como ocorre agora. Talvez ainda fossem tolerados nos Grandes Atlantes todos os tipos de elementos emocionais e até mesmo instintivos que nós tivemos de descartar.

– Não se *pode* apenas supor. *Deve-se* supor. Não devemos esquecer que todo o plano consiste na reunião de diferentes variedades da arte.

– Exatamente. Talvez nossa ligação com os Poderes... sua escala de tempo diferente e tudo o mais... nos leve a esquecer como é enorme a lacuna no tempo por nossos padrões humanos.

– O que temos aqui – disse Frost, apontando para o homem que dormia –, não é, entenda bem, algo do século V. É o último vestígio de algo muito mais remoto, que sobreviveu até o século V. Algo que remonta a um tempo muito anterior ao Grande Desastre, mesmo de antes do druidismo primitivo; algo que nos leva de volta a Numinor, a períodos pré-glaciais.

– Talvez todo o experimento seja mais arriscado do que percebemos.

– Já tive ocasião – disse Frost – de expressar o desejo de que você parasse de introduzir essas pseudoasserções emocionais nas nossas discussões científicas.

– Meu caro amigo – disse Wither, sem olhar para ele –, estou bem a par de que o assunto que você menciona foi debatido entre você e os próprios Poderes. Bem a par. E não duvido de que você esteja igualmente a par de certas conversas

que eles mantiveram comigo sobre aspectos dos seus métodos que estão abertos a críticas. Nada seria mais fútil... eu poderia dizer mais perigoso... que qualquer tentativa de inserir entre nós aquelas modalidades de disciplina oblíqua, que aplicamos acertadamente a nossos inferiores. É no seu próprio interesse que ouse tocar nesse ponto.

Em vez de responder, Frost fez um sinal para o colega. Ambos se calaram, com os olhos fixos na cama. É que o homem que dormia tinha aberto os olhos.

A abertura dos olhos inundou de significado o rosto inteiro, mas era um significado que eles não conseguiam interpretar. O homem que estivera dormindo parecia estar olhando para eles, mas eles não sabiam ao certo se ele os via. Com o passar dos segundos, a principal impressão que Wither teve do rosto foi de cautela. Mas não havia nada de intenso ou inquieto nela. Era uma atitude defensiva, habitual e inexpressiva, que parecia se basear em muitos anos de árduas experiências, suportadas em silêncio, talvez até mesmo com algum humor.

Wither pôs-se de pé e pigarreou.

– *Magister Merline* – disse ele –, *Sapientissime Britonum, secreti secretorum possessor, incredibili quodam gaudio afficimur quod te in domum nostram accipere nobis... ah... contingit. Scito nos etiam haud imperitos esse magnae artis... et... ut ita dicam...*<sup>6</sup>

Mas sua voz foi se calando. Estava óbvio demais que o homem que estivera dormindo não estava prestando a menor atenção no que ele dizia. Era impossível que um homem culto do século V não soubesse latim. Havia, então, algum erro na pronúncia? Entretanto, ele não se sentia seguro de que aquele homem não conseguia entendê-lo. A total falta de curiosidade, ou mesmo de interesse, no seu rosto, sugeria, sim, que ele não estava escutando.

Frost pegou uma jarra da mesa e serviu um copo de vinho tinto. Em seguida ele voltou para a cabeceira da cama, fez uma reverência profunda e o entregou ao desconhecido. Este último olhou para o copo com uma expressão que poderia (ou não) ser interpretada como de esperteza; e então, de repente, ele se sentou na cama, revelando um enorme tórax peludo e braços esguios e musculosos. Seus olhos voltaram-se para a mesa, e ele apontou. Frost voltou à mesa e tocou numa jarra diferente. O desconhecido fez que não e apontou outra vez.

– Creio – disse Wither – que nosso muito ilustre convidado está tentando indicar o jarro. Não sei ao certo o que foi oferecido. Talvez...

– Ele contém cerveja – disse Frost.

– Bem, mal se poderia dizer que é adequado... ainda assim, talvez... nós sabemos tão pouco sobre os costumes daquela época...

Enquanto ele ainda estava falando, Frost encheu um caneco de peltre com cerveja e o ofereceu ao hóspede. Pela primeira vez, um vislumbre de interesse aflorou naquele rosto enigmático. O homem arrancou o caneco avidamente, afastou dos lábios o bigode desarrumado e começou a beber. Para trás e mais para trás foi a cabeça grisalha; para cima e mais para cima foi o fundo do caneco; os músculos em movimento no pescoço magro tornavam visível o ato de beber. Por fim, o homem, tendo virado totalmente o caneco, descansou-o, enxugou os lábios molhados com o dorso da mão e deu um suspiro longo e pesado – o primeiro som emitido por ele desde sua chegada. Voltou então sua atenção mais uma vez para a mesa.

Por cerca de vinte minutos, os dois velhos o alimentaram: Wither com uma deferência trêmula e cortês; Frost com os movimentos ágeis e silenciosos de um criado treinado. Todos os tipos de acepipes tinham sido fornecidos, mas o desconhecido dedicou sua atenção totalmente à carne fria, frango, pickles, pão, queijo e manteiga. A manteiga ele comia pura, direto da ponta da faca. Parecia que não estava familiarizado com garfos e pegava os ossos de frango com as duas mãos para dar dentadas, pondo-os debaixo do travesseiro, quando tinha terminado. Seu jeito de comer era ruidoso e animalesco. Depois de comer, ele pediu com um sinal um segundo caneco de cerveja, bebeu-o em dois goles prolongados, enxugou a boca no lençol e o nariz na mão, e pareceu estar se organizando para voltar a dormir.

– *Ah... hum... domine* – disse Wither, num tom de súplica urgente –, *nihil magis mihi displiceret quam ut tibi ullo modo... ah... molestior essem. Attamen, venia tua...*<sup>7</sup>

Mas o homem não estava prestando a menor atenção. Eles não saberiam dizer se seus olhos estavam fechados ou se ele ainda estava olhando para eles por baixo das pálpebras semicerradas. Estava claro, contudo, que ele não pretendia conversar. Frost e Wither trocaram olhares de indagação.

– Não existe acesso a este aposento, existe? – disse Frost – A não ser pelo quarto contíguo.

– Não – disse Wither.

– Vamos sair para conversar sobre esta situação. Podemos deixar a porta aberta. Será possível ouvi-lo, se ele se mexer.



Quando Mark se descobriu deixado sozinho por Frost, sua primeira sensação foi uma inesperada leveza no coração. Não era como se tivesse sentido qualquer alívio em relação a temores a respeito do futuro. Pelo contrário, bem no meio desses temores, uma estranha sensação de liberação tinha surgido vigorosa. O alívio de não mais tentar conquistar a confiança daqueles homens, o descarte de esperanças tristonhas, era quase extasiante. O confronto direto, depois da longa série de fracassos diplomáticos, era revigorante. Ele talvez perdesse o confronto direto. Mas pelo menos agora era o seu lado contra o deles. E agora ele podia falar do “seu lado”. Ele já estava com Jane e com tudo o que ela simbolizava. Na realidade, era ele que estava na linha de frente. Jane era quase uma não combatente...

A aprovação da nossa própria consciência é uma bebida muito inebriante; especialmente para os que não estão acostumados a ela. No período de dois minutos, Mark passou daquela primeira sensação involuntária de liberação para uma atitude consciente de coragem, e dali para um heroísmo incontido. A imagem de si mesmo como herói e mártir, como João, o Matador de Gigantes, ainda fazendo das suas com frieza na cozinha do gigante, assomou diante dele, prometendo apagar para sempre aquelas outras imagens intoleráveis dele mesmo que o atormentaram durante as últimas horas. Afinal de contas, não era todo mundo que resistiria a um convite como o de Frost. Um convite que acenava para atravessar direto as fronteiras da vida humana... e entrar em algo que as pessoas vinham tentando descobrir desde o início dos tempos... um toque naquele cordão infinitamente secreto que era a verdadeira essência de toda a história. Como aquilo o teria atraído no passado!

*O teria atraído no passado...* De repente, como uma coisa que investisse contra ele, atravessando distâncias infinitas com a velocidade da luz, o desejo (um desejo salgado, negro, voraz, incontestável) agarrou-o pelo pescoço. A mais simples sugestão transmitirá para os que já o sentiram a qualidade da emoção que o sacudia, como a de um cão sacudindo um rato. Para outros, talvez nenhuma descrição funcione. Muitos escritores falam nele em termos de luxúria: uma descrição admiravelmente esclarecedora, de dentro para fora; totalmente equivocada, de fora para dentro. Ele não tem nada que ver com o corpo. Mas sob dois aspectos é semelhante à luxúria como a luxúria se apresenta nos porões mais profundos e mais escuros dessa casa labiríntica. Pois, como a luxúria, ele

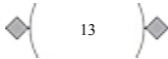
desencanta o universo inteiro. Tudo o mais que Mark já tinha sentido na vida – amor, ambição, fome, a própria luxúria – parecia ter sido nada mais que água com açúcar, brinquedo para crianças, que não merecia mais que uma pulsação dos seus nervos. A infinita atração daquela coisa escura sugava para dentro de si todas as outras paixões: o resto do mundo parecia descorado, estiolado, insípido, um mundo de casamentos castos e missas brancas, comida sem sal, jogos sem apostas. Agora ele não conseguia pensar em Jane a não ser em termos de apetite; e o apetite aqui não fazia diferença. Essa serpente, ao deparar com o verdadeiro dragão, tornou-se uma minhoca desprovida de presas. No entanto era semelhante à luxúria também sob outro aspecto. É inútil salientar para o pervertido o horror da sua perversão: enquanto o acesso feroz está ocorrendo, esse horror é o tempero do seu desejo mórbido. É a feiura em si que se torna, no final, o alvo da sua lubricidade; a beleza há muito tempo deixou de ser um estimulante forte o suficiente. E o mesmo valia nesse caso. As criaturas das quais Frost tinha falado – e ele não duvidava de que elas estivessem presentes ali com ele na cela – sopravam a morte sobre a espécie humana e sobre toda a alegria. Não apesar disso, mas por causa disso, a terrível gravitação o sugava, puxava e fascinava na direção delas. Nunca antes ele conhecera a força produtiva do movimento de oposição à natureza que agora o prendia nas suas garras; o impulso para reverter todas as relutâncias e traçar cada círculo em sentido anti-horário. O significado de certos quadros, da conversa de Frost sobre “objetividade”, das coisas que as bruxas faziam nos tempos passados, tornou-se claro para ele. A imagem do rosto de Wither veio à sua memória. E dessa vez Mark não sentiu unicamente ódio por ela. Ele percebeu, com satisfação trêmula, os sinais que portava de uma experiência compartilhada entre eles. Wither também sabia. Wither entendia...

No mesmo instante, voltou a lhe ocorrer que era provável que o matariam. Assim que pensou nisso, ele mais uma vez se deu conta da cela – do lugar pequeno, duro, branco, vazio, com a luz ofuscante, em cujo chão se encontrava sentado. Piscou os olhos. Não conseguia se lembrar de que ela estivesse visível durante os últimos minutos. Onde ele tinha estado? Pelo menos sua mente agora estava clara. Aquela ideia de alguma coisa em comum entre ele e Wither era pura bobagem. É claro que eles pretendiam matá-lo no final, a menos que ele conseguisse se salvar por sua capacidade. O que ele estivera pensando e sentindo enquanto estava esquecido disso?

Aos poucos ele percebeu que tinha sofrido algum tipo de ataque e que não tinha oferecido a menor resistência; e, com essa percepção, um tipo de temor totalmente novo entrou na sua mente. Embora em tese fosse um materialista,

toda a sua vida Mark acreditou de modo bastante inconsistente, e até mesmo descuidado, na liberdade da própria vontade. Raramente tinha tomado uma resolução moral e, quando algumas horas antes, decidira não mais confiar no pessoal de Belbury, imaginara ser líquido e certo que seria capaz de cumprir sua determinação. Ele bem sabia que poderia “mudar de ideia”; mas, até que isso acontecesse, ele naturalmente levaria a cabo seu plano. Nunca lhe tinha ocorrido que sua ideia pudesse ser mudada por forças externas, num instante tudo mudado a ponto de não ser reconhecível. Se esse tipo de coisa podia acontecer... Era injusto. Aqui estava um homem tentando (pela primeira vez na vida) fazer o que era obviamente a coisa certa – aquilo que Jane, os Dimbles e tia Gilly teriam aprovado. Seria possível esperar que, quando um homem se comportasse dessa forma, o universo o apoiaria. Pois os restos daquelas versões sem iselvagens do teísmo que Mark tinha colhido ao longo da vida eram mais fortes nele do que ele sabia; e ele sentia, embora não tivesse dito isso com essas palavras, que “cabia” ao universo recompensá-lo por suas boas resoluções. Contudo, no primeiro momento em que você tentava ser bom, o universo o deixava na mão. Ele inventava novas leis com o objetivo expresso de deixá-lo na mão. Era esse o prêmio pelos seus esforços.

Os cínicos, então, estavam certos. Mas com esse pensamento, ele parou de supetão. Algum toque que acompanhava essa ideia tinha lhe dado em que pensar. Seria isso a outra disposição começando outra vez? Ah, isso não, por nada neste mundo. Mark cerrou os punhos. Não, não, não. Ele não conseguiria aguentar aquilo muito mais. Ele queria Jane; queria a senhora Dimble; queria Denniston. Queria alguém ou alguma coisa. “Ai, não, não me deixe cair de volta nisso”, disse ele; e depois mais alto “Não, não.” Tudo o que em qualquer sentido podia ser chamado de “ele mesmo” entrou nesse grito. E a consciência medonha de ter jogado sua última cartada começou a se transformar lentamente numa espécie de paz. Já não havia nada a ser feito. Inconscientemente, ele permitiu que seus músculos relaxassem. Seu corpo jovem estava muito cansado àquela altura, e até mesmo o piso duro lhe foi agradável. Também a cela pareceu de algum modo estar esvaziada e purificada, como se ela igualmente estivesse cansada depois dos conflitos que presenciara – esvaziada como um céu depois da chuva, cansada como uma criança depois de chorar. Uma vaga consciência de que a noite devia estar quase terminando se abateu de leve sobre Mark, e ele adormeceu.



Fizeram a Imensidão dos Céus  
desabar sobre a própria cabeça

– Pare! Pare onde está e me diga seu nome e a que veio – disse Ransom.

A figura andrajosa no umbral inclinou a cabeça um pouco para o lado, como alguém que não consegue ouvir direito. No mesmo instante, o vento da porta aberta começou a percorrer a casa. A porta interna, entre a despensa e a cozinha, fechou-se com forte estrondo, isolando os três homens das mulheres, e uma grande bacia de metal caiu ruidosa dentro da pia. O desconhecido avançou mais um passo para dentro da despensa.

– *Sta* – disse Ransom, em voz alta. – *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti, dic mihi qui sis et quam ob causam veneris.*<sup>8</sup>

O desconhecido levantou a mão e jogou para trás o cabelo que gotejava da sua testa. A luz bateu em cheio no seu rosto, que transmitiu a Ransom a impressão de uma quietude imensa. Todos os músculos do corpo daquele homem pareciam relaxados, como se ele estivesse dormindo, e ele se mantinha absolutamente imóvel. Cada gota de chuva que escorria do casaco cáqui atingia o piso ladrilhado exatamente no lugar onde a gota anterior tinha caído.

Seus olhos pousaram em Ransom por um segundo ou dois sem nenhum interesse especial. Ele então voltou a cabeça para a esquerda, para o lugar onde a porta escancarada quase tinha batido na parede. MacPhee estava escondido por trás dela.

– Saia – disse o desconhecido em latim. As palavras foram pronunciadas quase num sussurro, mas com uma voz tão grave que, mesmo no aposento varrido pelo vento, elas produziram uma espécie de vibração. Todavia, o que surpreendeu Ransom muito mais foi o fato de MacPhee obedecer imediatamente. Ele não olhou para Ransom, e sim para o Desconhecido. Depois, inesperadamente, deu um enorme bocejo. O Desconhecido olhou para ele da cabeça aos pés e então se voltou para o diretor.

– Companheiro – disse ele em latim –, diga ao senhor desta casa que cheguei. – Enquanto ele falava, o vento açoitava o casaco em torno das suas pernas e

soprava o cabelo sobre sua testa. Porém seu enorme volume estava firme, como se tivesse sido plantado como uma árvore, e ele não aparentava ter pressa. E a voz, também, era como se poderia imaginar a voz de uma árvore, ampla, lenta e paciente, extraída através de raízes, argila e cascalho, a partir das profundezas da Terra.

– Eu sou o senhor aqui – disse Ransom, na mesma língua.

– Sem dúvida! – respondeu o desconhecido. – E aquele fedelho ali [*mastigia*<sup>9</sup>] é certamente seu bispo. – Ele não sorriu exatamente, mas um ar de divertimento perturbador surgiu em seus olhos sagazes. De repente ele esticou o pescoço, de um modo que fez seu rosto ficar muito mais próximo do rosto do diretor.

– Diga ao seu senhor que cheguei – repetiu na mesma voz de antes.

Ransom olhou para ele sem tremer uma pálpebra.

– Você realmente quer – disse ele, por fim – que eu chame meus senhores?

– Uma galha que morava na cela de um eremita já aprendeu a tagarelar num latim livresco – disse o outro. – Vamos ouvi-lo chamar, homúnculo (*homuncio*).

– Para isso preciso usar outra língua – disse Ransom.

– Uma galha também poderia ter grego no bico.

– Não se trata do grego.

– Ouçamos então seu hebraico.

– Não se trata do hebraico.

– Não – respondeu o outro com o que se assemelhou a um risinho reprimido, um risinho oculto nas profundezas do seu tórax enorme e denunciado apenas por um leve movimento dos ombros –, se você vai usar a algaravia dos bárbaros, vai ser difícil, mas hei de superá-lo. É uma diversão excelente.

– Pode ser que lhe pareça a fala de bárbaros – disse Ransom –, pois faz muito tempo desde que foi ouvida pela última vez. Nem mesmo em Numenor ela era ouvida nas ruas.

O desconhecido não teve sobressalto algum, e seu rosto permaneceu tranquilo como antes, se é que não ficou ainda mais tranquilo. Mas ele falou com novo interesse.

– Seus senhores o deixam brincar com brinquedos perigosos – disse ele. – Diga-me, escravo, o que é Numenor?

– O verdadeiro Oeste – disse Ransom.

– Bem – disse o outro. Então, depois de um silêncio, acrescentou: – Vocês são



pouco corteses para com as visitas nesta casa. Está um vento frio nas minhas costas, e passei muito tempo acamado. Veja, já passei pela soleira.

– Não dou o menor valor a isso – disse Ransom. – Feche a porta, MacPhee – acrescentou ele em inglês. Mas não houve resposta. E, olhando ao redor pela primeira vez, ele viu que MacPhee tinha se sentado na única cadeira que se encontrava na despensa e estava em sono profundo.

– O que significa essa bobagem? – disse Ransom, lançando um olhar cortante para o desconhecido.

– Se você é de fato o senhor desta casa, não precisa que lhe digam. Se não, por que eu daria explicações de mim mesmo para alguém como você? Não tema. Seu cavaliário não sofrerá de modo algum.

– Isso em breve se verá – disse Ransom. – Enquanto isso, não receio que você entre na casa. Tenho mais motivos para temer que você escape daqui. Feche a porta, por favor, pois meu pé está ferido, como vê.

Sem por um instante tirar os olhos de cima de Ransom, o desconhecido passou a mão esquerda por trás de si, encontrou a maçaneta e fechou a porta com violência. MacPhee não se mexeu nem uma vez.

– Agora – disse ele –, e esses seus senhores?

– Meus senhores são os Oy éresu.

– Onde você ouviu esse nome? – perguntou o desconhecido. – Ou, se realmente pertence à congregação, por que está vestido como um escravo?

– Seus próprios trajes – disse Ransom – não são os de um druida.

– Acertou em cheio – respondeu o outro. – Como você tem conhecimento, responda-me três perguntas, se ousar.

– Eu as responderei se puder. Mas quanto à ousadia, veremos.

O desconhecido refletiu alguns segundos. E então, falando com a voz ligeiramente monótona, como se repetisse uma antiga lição, ele propôs, em dois hexâmetros latinos, a seguinte pergunta:

– Quem se chama Sulva? Que estrada ela percorre? Por que o ventre é estéril de um lado? Onde ficam os casamentos frios?

– Sulva é aquela que os mortais chamam de Lua – respondeu Ransom. – Ela caminha na esfera inferior. A borda do mundo que se perdeu passa através dela. Parte do seu globo está voltada para nós e compartilha nossa maldição. Sua outra metade contempla a Imensidão dos Céus. Feliz seria quem conseguisse cruzar aquela fronteira e ver os campos no seu lado distante. No lado de cá, o ventre é

estéril; e os casamentos, frios. Ali reside um povo amaldiçoado, cheio de orgulho e lascívia. Ali, quando um rapaz toma uma donzela em casamento, eles não se deitam juntos; cada um se deita com uma imagem habilidosamente moldada do outro, feita para se movimentar e ter calor por meio de artifícios demoníacos, pois a carne real não os satisfaz, tão exigentes [*delicati*<sup>10</sup>] são eles em seus sonhos de luxúria. Seus filhos de verdade, eles produzem por artes desprezíveis num lugar secreto.

– Você respondeu bem – disse o desconhecido. – Eu achava que não havia mais de três homens no mundo que soubessem a resposta para essa pergunta. Mas minha segunda pode ser mais difícil. Onde está o anel de Artur, o rei? Que senhor possui um tesouro desses em casa?

– O anel do rei – disse Ransom – está no dedo de Artur, lá onde ele se encontra na Casa dos Reis na terra em forma de taça de Abhalljin, para além dos mares de Lur em Perelandra. Pois Artur não morreu; mas nosso Senhor levou-o, para permanecer no corpo até o final dos tempos e a destruição de Sulva, com Enoque, Elias, Moisés e Melquisedeque, o rei. Melquisedeque é aquele em cujo palácio o anel de pedra exagerada cintila no indicador do Líder Supremo.

– Boa resposta – disse o desconhecido. – Na minha congregação, acreditava-se que somente dois homens no mundo tinham esse conhecimento. Mas, quanto à minha terceira questão, homem algum sabia a resposta com exceção de mim mesmo. Quem será o Líder Supremo na época em que Saturno descer da sua esfera? Em que mundo ele aprendeu a guerrear?

– Aprendi a guerra na esfera de Vênus – disse Ransom. – Nessa era, Lurga descera. Eu sou o Líder Supremo.

Quando disse isso, Ransom deu um passo para trás, pois o homenzarrão começara a se movimentar, e havia uma nova expressão nos seus olhos. Qualquer um que os tivesse visto ali parados, um diante do outro, teria imaginado que a qualquer instante aquilo daria em briga. Mas o desconhecido não tinha se mexido com intenção hostil. Com lentidão e pesado esforço, mas não desajeitadamente, semelhante a uma montanha que afunda como uma onda, ele se abaixou sobre um joelho; e ainda assim seu rosto quase ficou no mesmo nível que o do diretor.



– Isso lança um fardo totalmente inesperado sobre nossos ombros – disse Wither a Frost, enquanto os dois estavam sentados no aposento externo com a porta entreaberta. – Devo confessar que eu não tinha previsto nenhuma dificuldade séria acerca da língua.

– Precisamos arrumar um estudioso do celta de imediato – disse Frost. – Somos lamentavelmente fracos sob o aspecto filológico. No momento não sei quem fez mais descobertas acerca dos bretões antigos. Ransom seria o homem para nos aconselhar, se estivesse disponível. Suponho que seu departamento não tenha ouvido nada a respeito dele.

– Nem preciso salientar – disse Wither – que as realizações filológicas do doutor Ransom não são de modo algum o único motivo pelo qual estamos ansiosos para encontrá-lo. Se o menor vestígio tivesse sido descoberto, pode ficar tranquilo de que já há muito tempo você teria tido a... hã... satisfação de vê-lo aqui em pessoa.

– É claro. Pode ser que ele nem esteja na Terra.

– Eu cheguei a conhecê-lo – disse Wither, semicerrando os olhos. – A seu modo, era um homem brilhantíssimo. Um homem cujos *insights* e intuições poderiam ter sido de um valor infinito, se ele não tivesse abraçado a causa da reação. É uma reflexão entristecedora...

– Naturalmente – disse Frost, interrompendo-o. – Straik conhece o galês moderno. A mãe dele era galesa.

– Decerto seria muito mais satisfatório – disse Wither – se pudéssemos, por assim dizer, manter toda essa questão na família. Haveria algo de muito desagradável para mim... e tenho certeza de que você também teria a mesma sensação... em trazer um especialista em celta de fora do grupo.

– É claro que seriam tomadas providências a respeito do especialista assim que pudéssemos dispensar seus serviços – respondeu Frost. – É a perda de tempo que é o problema. Qual é o progresso que você conseguiu com Straik?

– Ah, realmente excelente – disse o vice-diretor. – Na verdade estou quase um pouco decepcionado. Quer dizer, meu discípulo está avançando com tanta rapidez que pode ser necessário abandonar uma ideia que, confesso, me atrai bastante. Estive pensando, enquanto você estava fora da sala, que seria especialmente conveniente e... ah... correto e gratificante, se seu discípulo e o meu pudessem ser iniciados juntos. Tenho certeza de que nós dois deveríamos ter sentido... Mas é claro que, se Straik estiver pronto algum tempo antes de Studdock, eu não deveria me sentir no direito de prejudicá-lo. Entenda, meu caro,

que não estou tentando de modo algum fazer que isso venha a ser uma comprovação da eficácia comparativa dos nossos métodos muito diferentes.

– Seria impossível você fazer essa tentativa – disse Frost –, já que entrevistei Studdock somente uma vez, e essa única entrevista obteve todo o sucesso que poderia ser esperado. Mencionei Strai só para descobrir se ele já estava comprometido em termos tão profundos que talvez pudesse ser apresentado oficialmente ao nosso hóspede.

– Ora... quanto a estar *comprometido* – disse Wither –, em certo sentido, deixando de lado por enquanto certas nuances sutis e ao mesmo tempo reconhecendo plenamente sua importância máxima... eu não hesitaria... estaríamos perfeitamente justificados.

– Eu estava pensando – disse Frost – que é preciso ter alguém de plantão aqui. Ele pode acordar a qualquer momento. Nossos discípulos... Strai e Studdock... poderiam se revezar. Não há motivo pelo qual eles não deveriam ser úteis, mesmo antes de sua plena iniciação. Naturalmente, eles receberiam ordens de nos telefonar, no instante em que acontecesse qualquer coisa.

– Você acha que o... hum... senhor Studdock já está adiantado o suficiente?

– Não importa – disse Frost. – Que mal ele vai poder fazer? Ele não pode *sair* daqui. E, enquanto isso, nós só queremos alguém para vigiar. Seria um teste proveitoso.



MacPhee, que tinha acabado de refutar tanto Ransom como a cabeça de Alcasan, com um argumento de dois gumes que no sonho lhe pareceu irretorquível mas do qual ele nunca mais se lembrou, descobriu-se despertado violentamente por alguém que sacudia seu ombro. De repente, ele percebeu que estava com frio e que seu pé esquerdo estava dormente. Viu então o rosto de Denniston, olhando direto no seu rosto. A despensa parecia estar cheia de gente: Denniston, Dimble e Jane. Eles estavam extremamente sujos, esfarrapados, enlameados e molhados.

– Tudo bem com você? – Denniston perguntava. – Estou tentando acordá-lo já há alguns minutos.

– Tudo bem? – disse MacPhee, engolindo em seco uma vez ou duas e molhando os lábios. – Sim. Estou bem. – Ele então se endireitou na cadeira. – Um

homem esteve aqui.

– Que tipo de homem? – perguntou Dimble.

– Bem – disse MacPhee. – Quanto a isso... não é assim tão fácil... Eu adormeci enquanto falava com ele, para dizer a verdade. Não consigo me recordar do que estávamos dizendo.

Os outros trocaram olhares. Embora MacPhee apreciasse um pouco de grogue em noites de inverno, ele era um homem sóbrio. Eles nunca o tinham visto daquele jeito antes. No instante seguinte, ele se pôs de pé de um salto.

– Deus nos livre! – exclamou ele. – Ele estava com o diretor aqui. Depressa! Precisamos procurar na casa e no jardim. Era algum tipo de impostor ou de espião. Agora sei o que houve comigo. Fui hipnotizado. Havia um cavalo também. Eu cuido do cavalo.

Este último detalhe teve efeito imediato nos seus ouvintes. Denniston escancarou a porta da cozinha, e o grupo inteiro foi atrás dele. Por um segundo, eles viram vultos indistintos à luz fraca, avermelhada de um grande fogo, que não vinha sendo cuidado havia algumas horas. E então, quando Denniston encontrou o interruptor e acendeu a luz, todos respiraram fundo. As quatro mulheres estavam sentadas, em sono profundo. A gralha dormia, empoleirada no encosto de uma cadeira vazia. O senhor Bultitude, estendido de lado diante da lareira, também dormia. Seu ronco mínimo, semelhante ao de uma criança, tão desproporcional em comparação com seu volume, ficou audível no silêncio momentâneo. A senhora Dimble, encurvada no que parecia uma posição desconfortável, dormia com a cabeça em cima da mesa, uma meia cerzida pela metade ainda presa nos joelhos. Dimble olhou para ela com aquela pena incurável que os homens sentem por qualquer pessoa adormecida, mas especialmente por ser sua mulher. Camilla, que estava na cadeira de balanço, estava enrodilhada numa atitude cheia de elegância, como a de um animal acostumado a dormir em qualquer lugar. A senhora Maggs dormia com a boca generosa, comum, totalmente aberta; e Grace Ironwood, reta como uma tábua, como se estivesse acordada, mas com a cabeça pendendo um pouco para um lado, parecia se submeter com uma paciência austera à humilhação da inconsciência.

– Elas estão bem – disse MacPhee, lá de trás. – É só a mesma coisa que ele fez comigo. Não temos tempo para acordá-las. Vamos em frente.

Eles passaram da cozinha para o corredor de lajes. Para todos, exceto MacPhee, o silêncio da casa parecia intenso, depois da luta no vento e na chuva. As luzes, à medida que eles as acendiam sucessivamente, revelavam aposentos

vazios e corredores vazios, que apresentavam o ar abandonado da meia-noite dentro de uma casa – o fogo apagado na lareira, um jornal vespertino num sofá, um relógio que tinha parado. Mas ninguém esperava encontrar muito mais que isso no térreo.

– Agora vamos subir – disse Dimble.

– As luzes estão acesas lá em cima – disse Jane, quando todos chegaram aos pés da escadaria.

– Nós as acendemos de lá do corredor – disse Dimble.

– Acho que não acendemos – disse Denniston.

– Com licença – disse Dimble a MacPhee –, creio que talvez eu devesse ir na frente.

Até o primeiro patamar, eles seguiram na escuridão; no segundo e último caía a luz do andar superior. A cada patamar, a escada virava em ângulo reto, de modo que, enquanto não se atingisse o segundo patamar, era impossível ver o saguão no piso acima. Jane e Denniston, que iam por último, viram MacPhee e Dimble parados imóveis no segundo patamar: os rostos iluminados em perfil; a parte de trás das cabeças na escuridão. A boca do homem do Ulster estava travada e tensa; sua expressão, hostil e temerosa. Dimble estava de queixo caído. Então, forçando seus membros cansados a correr, Jane chegou ao lado deles e viu o que eles viam.

Contemplando-os de lá da balastrada estavam dois homens, um trajado em majestosas vestes vermelhas e o outro, em azul. Era o diretor que usava azul, e por um instante um pensamento que era puro pesadelo passou pela cabeça de Jane. As duas figuras com aquelas vestes pareciam ser do mesmo tipo... e, afinal de contas, o que ela sabia daquele diretor que a atraía para dentro de sua casa por feitiços, a fizera ter sonhos e lhe ensinara o medo do Inferno naquela mesma noite? E lá estavam eles, aquele par, com sua conversa secreta, fazendo o que quer que seja que esse tipo de gente faria, depois de esvaziar a casa ou de fazer adormecer seus moradores. O homem que tinha sido desenterrado e o homem que tinha estado no espaço cósmico... e um tinha lhes dito que o outro era um inimigo; e agora, no instante em que se conheceram, ali estavam os dois, unidos como duas gotas de mercúrio. Todo aquele tempo, ela mal havia olhado para o desconhecido. O diretor parecia ter deixado a muleta de lado, e Jane praticamente não o vira em pé tão empertigado e imóvel antes. A luz caía sobre sua barba de um modo que a tornava uma espécie de halo; e no alto da sua cabeça também ela viu um relance de ouro. De repente, enquanto pensava

nessas coisas, ela descobriu que estava olhando direto nos olhos do desconhecido. No instante seguinte, ela percebeu seu tamanho. O homem era monstruoso. E os dois eram aliados. E o desconhecido estava falando e apontando para ela enquanto falava.

Ela não entendia as palavras; mas Dimble entendia, e ouviu Merlin dizer no que lhe pareceu um tipo de latim bastante estranho:

– O senhor tem em sua casa a mulher mais falsa das que vivem neste momento.

E Dimble ouviu o diretor responder no mesmo idioma:

– O senhor está equivocado. Sem dúvida, ela é, como todos nós, uma pecadora; mas a mulher é casta.

– Saiba bem, senhor – disse Merlin –, que ela fez em Logres algo de que resultará tanta dor quanto a que resultou do golpe desferido por Balinus. Pois, senhor, era o propósito de Deus que ela e seu senhor gerassem um filho, por meio de quem os inimigos seriam expulsos de Logres por um milênio.

– Ela é recém-casada – disse Ransom. – O filho ainda pode vir a nascer.

– Senhor – disse Merlin –, garanto-lhe que a criança jamais nascerá, pois a hora de sua concepção já passou. Por sua própria vontade, eles são estereis. Até agora, eu não sabia que os costumes de Sulva eram tão comuns entre vocês. Por cem gerações, em duas linhagens a concepção dessa criança foi preparada; e, a menos que Deus destrua o trabalho do tempo, uma semente dessas e uma hora dessas, numa terra como esta jamais voltará a ocorrer.

– Basta – respondeu Ransom. – A mulher percebe que estamos falando dela.

– Seria uma enorme caridade – disse Merlin –, se o senhor desse ordens para que decepassem a cabeça dela de seus ombros, pois olhar para ela é um aborrecimento.

Jane, embora captasse aqui e ali um pouco de latim, não tinha compreendido a conversa. O sotaque era estranho, e o velho druida usava um vocabulário que estava muito além das leituras dela – o latim de um homem para quem Apuleio e Marciano Capela eram os clássicos primordiais e cujos refinamentos se assemelhavam aos das *Hisperica Famina*<sup>11</sup>. No entanto, Dimble tinha acompanhado sua fala. Ele empurrou Jane para trás de si e protestou.

– Ransom! Em nome de Deus, qual é o significado disso?

Merlin falou novamente em latim, e Ransom estava começando a se virar para responder, quando Dimble o interrompeu.

– Responda a *nós* – disse ele. – O que aconteceu? Por que você está vestido desse jeito? O que está fazendo com esse velho sanguinário?

MacPhee, que tinha acompanhado o latim ainda menos que Jane, mas que estava olhando para Merlin como um *terrier* zangado olha para um terra-nova que invadiu seu jardim, entrou de súbito na conversa.

– Doutor Ransom – disse ele –, não sei quem é o homenzarrão e não sou nenhum latinista. Mas sei que você me manteve a noite inteira debaixo de seus olhos, contra minha vontade expressa, e permitiu que eu fosse drogado e hipnotizado. Garanto-lhe que sinto pouco prazer ao vê-lo fantasiado como alguém saído de uma pantomima e parado aí como unha e carne com esse iogue, xamã, sacerdote, ou seja lá o que for. E pode dizer a ele que não precisa olhar para mim do jeito que está olhando. Não tenho medo dele. Quanto à minha própria sobrevivência, se você, doutor Ransom, mudou de lado depois de tudo o que houve, não sei se tenho muito uso para ela. Mas, mesmo que eu seja morto, não vou deixar que me façam de palhaço. Estamos esperando uma explicação.

O diretor baixou o olhar até eles em silêncio, por alguns segundos.

– Chegamos realmente a este ponto? – disse ele. – Será que nenhum de vocês confia em mim?

– Eu confio, senhor – disse Jane, de repente.

– Esse tipo de apelo às paixões e emoções – disse MacPhee – não leva a nada. Eu poderia chorar melhor do que ninguém neste instante, se me concentrasse nisso.

– Bem – disse o diretor depois de um momento –, vocês todos têm uma justificativa, já que todos nós estávamos enganados. Assim como o inimigo. Este homem é Merlinus Ambrosius. Eles achavam que, se ele voltasse, ficaria do lado deles. Eu descubro que ele está do nosso. Você, Dimble, deveria perceber que essa sempre foi uma possibilidade.

– É verdade – disse Dimble. – Suponho que tenha sido... bem, a visão da cena: você e ele aí em pé juntos, *desse jeito*. E essa estarrecedora sede de sangue que ele demonstra.

– Eu mesmo me espantei com ela – disse Ransom. – Mas afinal de contas nós não tínhamos nenhum direito de esperar que seu código penal fosse o do século XIX. Também tenho dificuldade para fazê-lo compreender que não sou um monarca absoluto.

– Ele... ele é cristão? – perguntou Dimble.

– É – disse Ransom. – Quanto às minhas roupas, vesti nesta ocasião especial o



traje do meu posto em homenagem a ele, e porque fiquei envergonhado. Ele achou que MacPhee e eu éramos serviçais ou cavaleiros. No seu tempo, vejam bem, os homens não andavam por aí em sacos de pano sem forma, a não ser por necessidade, e o cáqui não era uma cor apreciada.

A esta altura, Merlin falou novamente. Dimble e o diretor, que eram os únicos que entendiam sua fala, ouviram-no dizer:

– Quem são essas pessoas? Se são seus escravos, por que não lhe fazem reverência? Se são seus inimigos, por que não os destruimos?

– São meus amigos – começou Ransom em latim, mas MacPhee o interrompeu.

– Devo entender, doutor Ransom – disse ele –, que você está nos pedindo para aceitar essa pessoa como membro da nossa organização?

– Receio – disse o diretor – que não possamos encarar as coisas desse modo. Ele é um membro da organização. E devo exigir que todos vocês o aceitem.

– E em segundo lugar – continuou MacPhee – preciso perguntar que tipo de verificação foi feita das credenciais dele.

– Ele já me deu provas plenamente suficientes – respondeu o diretor. – Tenho tanta certeza da boa-fé dele como tenho da de vocês.

– Mas os motivos para sua confiança? – persistiu MacPhee. – Não vamos ouvi-los?

– Seria difícil – disse o diretor – explicar para vocês minhas razões para confiar em Merlinus Ambrosius; mas não mais difícil do que explicar para ele por que eu confio em vocês, apesar de muitas aparências que poderiam ser mal compreendidas. – Havia não mais que a sombra de um sorriso em sua boca ao dizer isso. E então Merlin falou novamente com ele em latim; e ele respondeu. Depois disso, Merlin dirigiu a palavra a Dimble.

– Diz-me o Líder Supremo – disse ele, com sua voz inabalada – que vocês me acusam de ser um homem feroz e cruel. É uma acusação que jamais tinha ouvido. Um terço dos meus bens, doe para viúvas e para os pobres. Nunca tentei a morte de ninguém a não ser de criminosos e saxões pagãos. Quanto à mulher, por mim ela pode viver. Não sou senhor nesta casa. Mas será que teria tanta importância decapitá-la? Rainhas e damas que não a aceitariam para ser sua aia não vão para a fogueira por menos? Mesmo esse criminoso inveterado [crucarius<sup>12</sup>] ao seu lado... estou me referindo a você, camarada, embora você não fale nada a não ser sua língua bárbara; você com a expressão de leite azedo e a voz como o som de um serrrote numa tora dura; e as pernas como as de um

grou; mesmo esse larápio [*sector zonarius*<sup>13</sup>], se bem que eu o levasse para o cárcere, ainda assim a corda deveria ser usada nas suas costas, não no seu pescoço.

MacPhee, que, apesar de não entender as palavras, se deu conta de que estava sendo alvo de algum comentário desfavorável, escutou imóvel, com aquela expressão de neutralidade total que é mais comum no norte da Irlanda e nas baixadas escocesas do que na Inglaterra.

– Senhor diretor – disse ele, quando Merlin terminou –, eu ficaria profundamente agradecido se...

– Ora, vamos – disse o diretor de repente –, nenhum de nós chegou a dormir nesta noite. Arthur, quer vir acender a lareira para nosso hóspede no quarto grande na extremidade norte deste corredor? E alguém poderia acordar as mulheres? Peçam-lhes que tragam um lanche para ele. Uma garrafa de Borgonha e algo que se possa comer frio. E então, todos para a cama. Não precisamos acordar cedo de manhã. Tudo está indo muito bem.



– Vamos ter dificuldades com esse nosso novo colega – disse Dimble. Ele estava sozinho com a mulher no seu aposento em St. Anne's já tarde no dia seguinte. – É – prosseguiu depois de um breve silêncio – o que se chamaria de um colega de peso.

– Você parece muito cansado, Cecil – disse a senhora Dimble.

– Bem, foi uma conferência bastante extenuante – disse ele. – Ele... ele é um homem muito cansativo. Ah, eu sei que todos nós fomos tolos. Quer dizer, todos nós imaginamos que, por ter voltado no século XX, ele seria um homem do século XX. O tempo é mais importante do que pensamos, só isso.

– Isso eu percebi no almoço, sabe? – disse a mulher. – Foi tão bobo da nossa parte não ter percebido que ele não saberia da existência de garfos. Mas o que me surpreendeu ainda mais (depois do primeiro choque) foi como, bem, como ele era *elegante* sem eles. Quer dizer, dava para ver que não se tratava de um caso de não ter boas maneiras, mas de ter maneiras diferentes.

– Ah, o velhote é um cavalheiro a seu modo... Dá para qualquer um ver isso. Mas... bem, eu não sei. Suponho que tudo vá dar certo.

– O que aconteceu na reunião?

– Bem, veja só, tudo tinha de ser explicado dos dois lados. Foi um trabalho infernal fazê-lo entender que Ransom não é o rei deste país, nem está tentando ser o rei. E então precisamos dar-lhe a notícia de que não éramos os bretões de modo algum, mas os ingleses, o que ele chamaria de saxões. Ele levou algum tempo para superar isso.

– Entendo.

– E então MacPhee teve de escolher esse momento para enveredar por uma explicação interminável das relações entre a Escócia, a Irlanda e a Inglaterra. E tudo isso, naturalmente, teve de ser traduzido. E era tudo bobagem também. Como muita gente, MacPhee imagina ser celta, quando, além do seu nome, ele é tão celta quanto o senhor Bultitude. Por sinal, Merlinus Ambrosius fez uma profecia sobre o senhor Bultitude.

– Ah? E que profecia foi essa?

– Ele disse que antes do Natal esse urso praticaria o melhor feito que qualquer urso já tinha praticado na Grã-Bretanha, com exceção de algum outro urso de que nenhum de nós tinha ouvido falar. Ele não para de dizer coisas desse tipo. Elas simplesmente saltam de estalo e numa voz bastante diferente, quando estamos falando sobre alguma outra coisa. Como se ele não pudesse se conter. E parece que ele não sabe *mais nada* além do fragmento que nos transmite naquele instante, se você está entendendo o que quero dizer. Como se algo como um obturador de câmara se abrisse no fundo da sua mente e voltasse a se fechar de imediato, deixando apenas um pequeno item passar. O efeito é bastante desagradável.

– Ele e MacPhee não voltaram a brigar, espero.

– Não exatamente. Receio que Merlinus Ambrosius não esteja levando MacPhee muito a sério. Como MacPhee está sempre criando dificuldades e sendo grosseiro, e ao mesmo tempo nunca é repreendido, acho que Merlinus concluiu que ele é o bobo da corte do diretor. Parece que superou sua aversão a ele. Mas creio que ele não vai gostar de Merlinus.

– Vocês chegaram a tratar do que interessa? – perguntou a senhora Dimble.

– Bem, de certo modo – disse Dimble, franzindo a testa. – Nós não conseguíamos nos entender bem, sabe? Foi abordada a questão de o marido de Ivy estar na cadeia, e Merlinus quis saber por que não o salvamos. Acho que ele nos imaginou saindo a cavalo para invadir a cadeia municipal. Era contra esse tipo de coisa que se precisava lutar o tempo todo.

– Cecily – disse a senhora Dimble de repente. – Será que ele vai ter alguma

utilidade?

– Ele será capaz de *fazer* coisas, se é isso o que você está querendo saber. Nesse sentido, é maior o perigo de que ele seja útil demais do que de menos.

– Que tipo de coisas? – perguntou a mulher.

– O universo é tão complicado – disse o doutor Dimble.

– É o que você já disse muitas vezes, querido – respondeu a senhora Dimble.

– Eu disse? – perguntou ele com um sorriso. – Quantas vezes, eu me pergunto. Será que tantas quanto as que você contou a história do pônei e da charrete em Dawlish?

– Cecil! Eu não conto essa história há anos.

– Minha querida, eu a ouvi contando essa história para Camilla anteontem à noite.

– Ora, *Camilla*. É totalmente diferente. Ela nunca tinha ouvido a história.

– Não sei se podemos ter certeza nem mesmo disso... sendo o universo assim tão complicado. – Por alguns minutos, houve silêncio entre eles.

– Mas, e quanto a Merlin? – perguntou a senhora Dimble algum tempo depois.

– Você já percebeu – perguntou Dimble – que o universo, e cada pequeno fragmento do universo, está sempre se endurecendo, se estreitando e se concentrando?

Sua mulher esperou, como esperam aquelas pessoas que, por longa experiência, conhecem os processos mentais da pessoa com quem estão conversando.

– Eis o que quero dizer – disse Dimble, em resposta à pergunta que ela não fez – Se você mergulhar em qualquer faculdade, escola, paróquia ou família... em qualquer grupo da sua preferência... a certa altura na história desse grupo, você sempre descobre que houve uma época anterior àquele ponto, em que havia mais espaço de manobra e os contrastes não eram tão nítidos; e que vai haver um tempo posterior a esse momento, em que haverá ainda menos espaço para a indecisão e as escolhas serão ainda mais graves. O que é bom sempre fica melhor, e o que é ruim está sempre se tornando pior: as possibilidades de uma neutralidade até mesmo aparente estão sempre se reduzindo. Tudo está se resolvendo o tempo todo, chegando a uma conclusão, tornando-se mais aguçado e mais duro. Como no poema sobre o Céu e o Inferno devorando a alegre Terra Média a partir de lados opostos... como é mesmo? Alguma coisa como “comer todos os dias”... “até tudo ser *sei lá o quê*”. Não pode ser *comido*; não se

encaixaria na métrica. Nestes últimos anos, minha memória anda falhando terrivelmente. Você conhece o trecho, Margery?

– O que você estava dizendo me fez pensar mais no trecho da Bíblia sobre a joieira. Separar o joio do trigo. Ou como o verso de Browning: “O sentido da vida sendo simplesmente a terrível escolha.”

– Exatamente! Talvez todo o processo do tempo signifique só isso e nada mais. Mas não se trata apenas de questões de escolha moral. Tudo vai ficando mais como é mesmo, e mais diferente de todo o resto o tempo todo. A evolução significa que as espécies se tornam cada vez menos parecidas umas com as outras. As mentes tornam-se cada vez mais espirituais; a matéria, cada vez mais substancial. Mesmo na literatura, a poesia e a prosa estão cada vez mais afastadas uma da outra.

A senhora Dimble, com a facilidade decorrente de longa prática, evitou o perigo, sempre presente na sua casa, de que a conversa descambasse para um tom meramente literário.

– É – disse ela. – O espírito e a matéria, sem dúvida. Isso explica por que pessoas como os Studdocks têm tanta dificuldade para ter um casamento feliz.

– Os Studdocks? – disse Dimble, olhando para ela com um ar bastante indiferente. Os problemas domésticos daquele jovem casal tinham ocupado sua mente muito menos do que a de sua mulher. – Ah, entendo. É. Eu diria que isso tem alguma coisa que ver. Mas o que dizer de Merlin? Até onde me é possível entender, o resumo é o seguinte. Ainda havia possibilidades para um homem naquela época, que não existem na nossa. A Terra em si era mais como um animal naquele tempo. E os processos mentais eram muito mais semelhantes a atos físicos. E havia... bem, neutrais, errantes.

– Neutrais?

– Não quero dizer, é claro, que qualquer coisa possa ser neutra *de verdade*. Um ser consciente ou está obedecendo a Deus ou está em desobediência a Ele. Mas poderia haver criaturas neutras em relação a nós.

– Você quer dizer *eldila*, anjos?

– Bem, a palavra *anjo* pressupõe uma comprovação que não temos. Até mesmo os Oyéresu não são exatamente anjos no mesmo sentido que nossos anjos da guarda. Tecnicamente eles são Inteligências. A questão é que, embora possa ser verdadeiro no fim do mundo descrever cada *eldil* como um anjo ou um demônio, e até possa ser verdadeiro agora, isso era muito menos verdadeiro no tempo de Merlin. Havia nesta Terra criaturas que cuidavam dos próprios

interesses, por assim dizer. Não eram espíritos ministrantes enviados para ajudar a humanidade caída; mas também não eram inimigos dispostos a se abater sobre nós. Mesmo em São Paulo, têm-se vislumbres de uma população que não se encaixaria perfeitamente nas nossas duas colunas de anjos e demônios. E se você voltar ainda mais no tempo... todos os deuses, elfos, anões, povos da água, *fate* [fados], *longaevi* [anciões]. Você e eu sabemos demais para achar que eles não passam de ilusões.

– Você acha que existe esse tipo de coisa?

– Acho que existiu. Acho que havia espaço para elas naquela época, mas o universo se tornou mais específico. Talvez nem todas fossem criaturas racionais. Algumas seriam meras vontades inerentes à matéria, praticamente sem consciência. Mais como animais. Outras... na realidade eu não sei. Seja como for, esse é o tipo de situação em que seria possível surgir um homem como Merlin.

– Tudo isso me parece bastante horrível.

– *Foi* bastante horrível. Quer dizer, mesmo no tempo de Merlin (e ele já veio bem no finalzinho dessa época), embora ainda se pudesse usar esse tipo de vida no universo inocentemente, não se podia usá-la sem correr riscos. As coisas não eram ruins em si, porém já estavam ruins para nós. Elas como que murchavam o homem que lidava com elas. Não de propósito. Elas não conseguiam deixar de fazê-lo. Merlinus é emurhecido. Ele é perfeitamente devoto, humilde e tudo o mais, mas alguma coisa lhe foi tirada. Essa quietude dele é um pouco morta, como o silêncio de um prédio saqueado. É resultado de ter ele deixado a mente aberta para algo que amplia o ambiente só um pouquinho demais. Como a poligamia. Ela não era errada para Abraão, mas não se pode deixar de achar que até mesmo *ele* perdia alguma coisa com ela.

– Cecily – disse a senhora Dimble. – Você se sente à vontade com a decisão do diretor de usar um homem como esse? Quer dizer, não se tem uma pequena impressão de que se está combatendo Belbury com as armas deles?

– Não. Eu *pensei* sobre isso. Merlin é o contrário de Belbury. Ele fica no extremo oposto. É o último vestígio de uma ordem antiga, na qual, do nosso ponto de vista moderno, a matéria e o espírito se confundiam. Para ele, cada operação na natureza é uma espécie de contato pessoal, como convencer uma criança ou afagar um cavalo. Depois dele, veio o homem moderno, para quem a natureza é algo morto: uma máquina a se fazer funcionar, e a ser desmontada se não funcionar como se quer. Por fim, veio o pessoal de Belbury, que assume sem

alteração essa visão do homem moderno e simplesmente quer aumentar seu poder, acrescentando-lhe o auxílio de espíritos: espíritos sobrenaturais, antinaturais. É claro que eles esperavam ter o melhor dos dois lados. Eles achavam que a velha *magia* de Merlin, que funcionava com as qualidades espirituais da natureza, amando-as, reverenciando-as e as conhecendo por dentro, poderia ser combinada com a nova *goeteia* [do grego, magia]: a brutal cirurgia de fora para dentro. Não. Em certo sentido, Merlin representa aquilo a que precisamos voltar de algum modo diferente. Você sabe que, pelas normas da sua ordem, ele é proibido de usar qualquer ferramenta com gume em qualquer tipo de planta?

– Deus do céu! – disse a senhora Dimble. – Já são seis horas. Prometi a Ivy que estaria na cozinha às quinze para as seis. Não há necessidade de *voce* ir, Cecil.

– Sabe – disse Dimble – que a acho uma mulher maravilhosa?

– Por quê?

– Quantas mulheres que tivessem tido sua própria casa por trinta anos conseguiriam se encaixar nessa confusão de bichos e gente como você consegue?

– Não é nada – disse a senhora Dimble. – Ivy também tinha uma casa, sabe? E para ela é muito pior. Afinal de contas, não é o meu marido que está na cadeia.

– Mas muito em breve estará – disse Dimble – se pusermos em ação metade dos planos de Merlinus Ambrosius.



Enquanto isso, Merlin e o diretor estavam conversando na Sala Azul. O diretor deixara de lado seu manto e diadema; e estava deitado no sofá. O druida estava sentado numa poltrona diante dele, sem cruzar as pernas, as mãos grandes e pálidas, imóveis sobre os joelhos, parecendo ser, a olhos modernos, uma antiga escultura convencional de um rei. Ele ainda usava o manto; e por baixo do manto, como Ransom sabia, havia surpreendentemente pouquíssima roupa, pois o calor da casa era para ele demasiado, e ele considerava calças desconfortáveis. Seus pedidos insistentes por óleo depois do banho acarretaram compras apressadas no lugarejo, que, graças aos esforços de Denniston, resultaram numa lata de brilhantina. Merlinus a usara com tanta liberalidade que

seu cabelo e barba reluziam, e o cheiro pegajoso e adocicado permeava todo o aposento. Foi por isso que o senhor Bultitude arranhou a porta com a pata com tanta insistência até que por fim o deixaram entrar; e agora, com as narinas se contorcendo, estava sentado tão perto do mago quanto lhe foi possível. Ele nunca tinha farejado um homem tão interessante até então.

– Senhor – disse Merlin em resposta à pergunta que o diretor tinha acabado de lhe fazer. – Sou-lhe imensamente grato. Na realidade, não consigo entender seu modo de viver, e sua casa me parece estranha. Vocês me proporcionam um banho que poderia causar inveja ao próprio imperador, mas ninguém fica à minha disposição; dão-me uma cama mais macia que o próprio sono, mas, quando me levanto, descubro que preciso me vestir sozinho, com minhas próprias mãos, como se fosse um camponês. Deito-me num quarto com janelas de puro cristal, tanto que se pode ver o céu com a mesma nitidez quando elas estão fechadas e quando estão abertas, e no quarto não há vento suficiente para apagar um cirio desprotegido; mas fico ali deitado sozinho, sem honra maior do que a de um prisioneiro num calabouço. Seu povo come carne seca e sem sabor, mas em pratos lisos como o marfim e redondos como o Sol. Na casa inteira, há calor, suavidade e silêncio que poderiam fazer um homem pensar no paraíso terrestre, mas não há tapeçarias nas paredes, nem pisos embelezados, nem músicos, perfumes, tronos, nem um vislumbre de ouro, nem um falcão, nem um cão de caça. Parece-me que o senhor não vive nem como rico nem como pobre; nem como lorde, nem como ermitão. Digo-lhe essas coisas, senhor, em resposta à sua pergunta. Elas não têm importância alguma. Agora que ninguém nos ouve além do último dos sete ursos de Logres, chegou a hora de nos abriremos um para o outro.

Ele olhou de relance para o rosto do diretor enquanto falava; e então, como se tivesse se espantado com o que viu ali, inclinou-se de repente para a frente.

– Seu ferimento está doendo? – perguntou ele. Ransom fez que não.

– Não – disse ele –, não é o ferimento. Temos assuntos terríveis a tratar.

O homenzarrão mudou de posição, constrangido.

– Senhor – disse Merlinus, com uma voz mais grave e mais delicada –, eu poderia tirar todo o sofrimento do seu calcanhar, como se o estivesse limpando com uma esponja. Dê-me sete dias para entrar e sair, subir e descer, ir para lá e para cá, para rever antigos conhecidos. Esses campos e eu, esse bosque e eu, temos muito a dizer um ao outro.

Quando disse isso, ele estava inclinado para a frente de tal modo que seu rosto



e a cara do urso estavam praticamente lado a lado, e quase se tinha a impressão de que aqueles dois poderiam estar entabulando algum tipo de conversa peluda, aos grunhidos. O rosto do druida tinha uma aparência estranhamente animal: não sensual, nem feroz, mas cheia da sagacidade paciente, não contestadora, de um bicho. Enquanto isso, o rosto de Ransom estava cheio de tormento.

– Talvez você encontre a região muito mudada – disse ele, forçando um sorriso.

– Não – respondeu Merlin. – Imagino que não vou encontrá-la muito mudada. – A distância entre os dois homens aumentava a cada instante. Merlin era como alguma coisa que não deveria estar entre quatro paredes. Embora estivesse banhado e ungido, pairava em torno dele uma impressão de terra, cascalho, folhas molhadas, água invadida por vegetação.

– Não *mudada* – repetiu ele, numa voz quase inaudível.

E nesse aprofundamento do silêncio interior que seu rosto atestava, seria possível acreditar que ele escutava continuamente um murmúrio de sons evasivos: o farfalhar de camundongos e arminhos, os baques do avanço de rãs, o pequeno choque da queda de avelãs, o rangido de galhos, o marulho dos regatos, o crescimento do capim. O urso tinha fechado os olhos. O ar da sala inteira estava ficando pesado, com uma espécie de anestesia flutuante.

– Através de mim – disse Merlin –, o senhor poderá extrair da terra o esquecimento de todas as suas dores.

– Silêncio – disse o diretor, com aspereza. Ele estivera afundado nas almofadas do sofá, com a cabeça caída um pouco na direção do tórax. Subitamente ele se sentou, empertigado. O mago sobressaltou-se e se empertigou da mesma forma. A atmosfera da sala desanuviou-se. Até mesmo o urso voltou a abrir os olhos.

– Não – disse o diretor. – Pelo amor de Deus, você acha que foi desenterrado para me dar um emplastro para meu calcanhar? Temos medicamentos que poderiam enganar a dor tão bem quanto sua magia telúrica, ou melhor, se não fosse minha missão suportá-la até o final. Não quero ouvir falar mais nisso. Está entendendo?

– Escuto e obedeço – disse o mago. – Mas eu não pretendia nenhum mal. Se não for para curar seu ferimento, mesmo assim, para a cura de Logres, o senhor precisará do meu intercâmbio com o campo e as águas. Será necessário que eu saia por aí, de lá para cá, revendo velhos conhecidos. Nada estará mudado, sabe? Não o que vocês chamariam de *mudado*.

Mais uma vez aquele peso adocicado, como o perfume do pilriteiro, pareceu voltar a se derramar sobre a Sala Azul.

– Não – disse o diretor, com a voz ainda mais alta –, já não se pode fazer isso. A alma desapareceu do bosque e da água. Ah, eu até diria que você poderia despertá-los... um pouco. Mas não seria suficiente. Uma tempestade, ou mesmo uma enchente seriam de pouca valia contra nosso inimigo atual. Sua arma se arrebentaria em suas mãos. Pois uma Força Medonha nos confronta, e é como nos tempos em que Nimrod construiu uma torre para chegar aos céus.

– Oculta ela pode estar – disse Merlinus. – Mas não *mudada*. Deixe-me trabalhar, meu senhor. Eu a despertarei. Porei uma espada em cada folha de capim para feri-los; e os próprios torrões de terra serão veneno aos seus pés. Hei de...

– Não – disse o diretor. – Proibo-o de falar nisso. Se fosse possível, seria um desrespeito à lei. Qualquer vestígio do espírito que ainda permaneça na terra recolheu-se de nós mil e quinhentos anos mais, desde o seu tempo. Você não dirigirá uma palavra a ele. Você não erguerá um dedo para invocá-lo. Estou lhe ordenando. Nestes nossos tempos é totalmente fora da lei. – Até aquele instante, ele vinha falando num tom severo e frio. Agora ele se debruçou na direção de Merlin e prosseguiu com uma voz diferente. – Nunca foi *muito* lícito, nem mesmo no seu tempo. Lembre-se, quando tomamos conhecimento de que você seria despertado, achamos que você ficaria do lado do inimigo. E, como Nosso Senhor todas as coisas faz para cada um, um dos propósitos de você ser despertado era o da salvação da sua alma.

Merlin voltou a afundar na poltrona como um homem abatido. O urso lambeu sua mão, que pendia, pálida e relaxada, por cima do braço da poltrona.

– Senhor – disse Merlin, daí a algum tempo –, se eu não devo trabalhar para vocês desse modo, nesse caso vocês acolheram em sua casa um monte de carne inútil. Pois já não sou grande coisa como guerreiro. Se chegarmos às armas, serei de pouca valia.

– Tampouco será assim – disse Ransom, hesitando, como um homem que reluta em chegar a uma definição. – Nenhum poder que seja meramente telúrico – prosseguiu ele por fim – servirá na luta contra a Força Medonha.

– Voltemo-nos então para as preces – disse Merlinus. – Mas também por esse lado eu não era considerado de muito valor... chamavam-me de filho do demônio, alguns deles. Era mentira. Não sei, porém, por que fui trazido de volta.

– É claro que devemos manter nossas preces – disse Ransom. – Agora e

sempre. Mas não foi isso o que eu quis dizer. Existem forças celestiais: forças criadas, não nesta terra, mas nos Céus.

Merlinus olhou para ele em silêncio.

– Você bem sabe do que estou falando – disse Ransom. – Eu não lhe disse, quando nos conhecemos, que os Oyéresu eram meus Senhores?

– Claro que sim – disse Merlin. – E foi assim que eu soube que o senhor pertencia à Congregação. Essa não é nossa senha em todos os cantos da Terra?

– Senha? – exclamou Ransom, com ar de surpresa. – Eu não sabia disso.

– Mas... mas – disse Merlinus –, se não conhecia a senha, como veio a dizê-la?

– Eu a disse porque era a verdade.

O mago lambeu os lábios, que tinham se tornado muito pálidos.

– Verdade como as coisas mais simples são verdadeiras – repetiu Ransom. – Verdade, como é verdade que você está sentado aqui com meu urso ao seu lado.

Merlin abriu as mãos espalmadas.

– O senhor é meu pai e minha mãe – disse ele. Seus olhos, inabalavelmente fixos em Ransom, estavam arregalados como os de uma criança espantada, mas, quanto ao resto, ele parecia ser um homem menor do que Ransom tinha de início suposto que fosse.

– Permita-me falar – disse ele por fim –, ou me mate se quiser, pois estou nas suas mãos. No meu tempo, eu também soube disso, de pessoas que falaram com os deuses. Blaise, meu Mestre, conhecia algumas palavras dessa língua. Contudo, esses eram, afinal de contas, poderes da Terra. Pois... não preciso ensiná-lo, o senhor sabe mais que eu... não é com os próprios Oyéresu, os verdadeiros poderes dos Céus, que os maiores da nossa arte se encontram, mas somente com seus espectros terrestres, suas sombras. Somente com a Vênus da Terra, o Mercúrio da Terra; não com Perelandra em si, não com Viritrilbia em si. É apenas...

– Não estou falando dos espectros – disse Ransom. – Já estive diante do próprio Marte na esfera de Marte; e diante da própria Vênus, na esfera de Vênus. O que destruirá nossos inimigos é a força deles e a força de outros maiores que eles.

– Mas, senhor – disse Merlin –, como isso é possível? Não é contra a Sétima Lei?

– Que lei é essa? – perguntou Ransom.

– Nosso Senhor Imaculado não criou uma lei para Si Mesmo para não mandar descer os Poderes, fosse para consertar, fosse para destruir as coisas nesta Terra, até o fim de todas as coisas? Ou este é o fim que neste momento está se desenrolando?

– Pode ser o início do fim – disse Ransom. – Mas disso eu nada sei. Maleldil pode ter criado uma lei para não mandar descer os Poderes. No entanto, se os homens, por meio de engenharia e filosofia natural, aprendem a voar pelos céus adentro e chegam, fisicamente, entre os Poderes celestes para perturbá-los, Ele não proibiu os Poderes de reagir. Pois tudo isso está dentro da ordem natural. Um homem perverso aprendeu a fazer isso. Ele foi voando, por um engenho sofisticado, até onde Marte reside nos Céus e até onde Vênus reside, e me levou com ele como seu prisioneiro. E lá eu falei com os verdadeiros Oyéresu frente a frente. Está me entendendo?

Merlin inclinou a cabeça.

– E assim o homem mau fez acontecer, até mesmo como Judas fez acontecer, a coisa que ele menos pretendia. Porque agora havia um homem no mundo, eu mesmo, que era conhecido dos Oyéresu e falava sua língua, nem por milagre divino nem por magia de Numinor, mas naturalmente, como quando dois homens se encontram numa estrada. Nossos inimigos tiraram de si mesmos a proteção da Sétima Lei. Eles romperam pela filosofia natural a barreira que Deus por seu próprio poder não quis romper. Da mesma forma, eles o procuraram como amigo e despertaram para si mesmos um flagelo. E é por isso que os Poderes dos Céus desceram a esta casa e, neste aposento onde agora estamos conversando, Malacandra e Perelandra falaram comigo.

O rosto de Merlin ficou um pouco mais descorado. O urso afocinhava sua mão, sem ser percebido.

– Tornei-me uma ponte – disse Ransom.

– Senhor – disse Merlin –, que resultará disso? Se eles aplicarem sua força, destruirão toda a Terra Média.

– Sua força nua e crua, sim – disse Ransom. – É por isso que se dispõem a operar somente através de um homem.

O mago passou uma mão enorme de um lado a outro da testa.

– Através de um homem cuja mente se abra para ser invadida desse modo – disse Ransom –, alguém que, por vontade própria, a abriu no passado. Tomo Nosso Senhor Imaculado por testemunha de que, se a tarefa me coubesse, eu não a recusaria. Mas ele não aceita que uma mente que ainda tem sua virgindade

seja violada desse modo. E pela mente de um praticante de magia negra, a pureza deles não consegue operar, nem se dispõe a isso. Alguém que tenha se envolvido superficialmente... nos tempos em que esse tipo de envolvimento não tinha começado a ser maléfico, ou quando mal estava começando a sê-lo... e também um cristão e um penitente. Um instrumento (preciso ser explícito) bom o suficiente para ser usado dessa maneira e não bom demais. Em toda esta região ocidental do mundo, havia somente um homem que tinha vivido naquele tempo e que ainda poderia ser convocado. Você...

Ele parou, chocado com o que estava acontecendo. O homem enorme tinha se levantado da poltrona e estava em pé, agigantando-se diante dele. Da sua boca horrivelmente aberta, veio um berro que pareceu a Ransom animalesco, embora fosse na realidade somente o berro de uma primitiva lamentação celta. Era horrorizante ver aquele rosto barbado e encarquilhado todo banhado com lágrimas não disfarçadas, como o de uma criança. Todo o verniz romano em Merlinus tinha sido raspado. Ele se transformara numa monstruosidade arcaica e despidorada, balbuciando súplicas numa mistura do que parecia galês e também espanhol.

– Silêncio – gritou Ransom. – Sente-se. Você nos faz passar vergonha.

Tão de repente como tinha começado, a comoção terminou. Merlin voltou para sua poltrona. Para um homem moderno, pareceu estranho que, tendo recuperado seu autocontrole, ele não demonstrasse o mais leve embaraço por sua perda temporária. Todo o caráter da sociedade ambivalente em que esse homem devia ter vivido ficou mais claro para Ransom do que páginas de história poderiam ter tentado esclarecer.

– Não pense – disse Ransom – que também para mim seja brincadeira eu me encontrar com esses que descerão para capacitá-lo.

– O senhor – disse Merlin, hesitante – esteve no Céu. Não passo de um homem. Não sou o filho de um dos Seres Eetéreos. Essa foi uma mentira. Como vou poder?... O senhor não é como eu. O senhor já contemplou os rostos deles.

– Não o de todos eles – disse Ransom. – Espíritos mais poderosos que Malacandra e Perelandra descerão desta vez. Estamos nas mãos de Deus. Isso pode destruir a nós dois. Não há garantia de que você ou eu salvemos nossa vida ou nossa razão. Não sei como vamos nos atrever a contemplar a face deles; mas sei que não poderemos ousar contemplar a face de Deus, se recusarmos essa missão.

De repente, o mago bateu com a mão no joelho.

– *Por Hércules!* – exclamou ele. – Não estamos indo depressa demais? Se o senhor é o Líder Supremo, eu sou o Alto Conselho de Logres e vou aconselhá-lo. Se os Poderes precisarem me dilacerar para derrotar nossos inimigos, que seja feita a vontade de Deus. Mas será que já chegamos a esse ponto? E esse seu rei saxão que governa de Windsor? Não há como buscar ajuda com ele?

– Ele não tem poder sobre essa questão.

– Então ele não é fraco o suficiente para ser destronado?

– Não tenho nenhum desejo de destroná-lo. Ele é o rei. Foi coroado e ungido pelo arcebispo. Na ordem de Logres, posso ser o Líder Supremo; mas na ordem da Grã-Bretanha, sou um súdito do rei.

– Será então que são seus grandes homens, os condes, magistrados e bispos, que cometem o mal, e ele não sabe?

– É mesmo, embora eles não sejam exatamente o tipo de grande homem que você tem em mente.

– E nós não somos bastante numerosos para enfrentá-los em combate?

– Nós somos quatro homens, algumas mulheres e um urso.

– Eu vi a época em que Logres era só eu mesmo, um homem e dois meninos, e um desses era um plebeu. Mesmo assim, saímos vencedores.

– Agora, isso não poderia acontecer. Eles têm um mecanismo chamado imprensa, pelo qual as pessoas são enganadas. Nós morreríamos sem que ninguém jamais ouvisse falar de nós.

– E o que dizer dos verdadeiros clérigos? Deles também não virá ajuda? Não pode ser que *todos* os seus padres e bispos sejam corruptos.

– A própria Fé está dilacerada desde o seu tempo e fala com uma voz dividida. Mesmo que ela se restabelesse, os cristãos não chegam a ser um décimo do povo. Não haverá ajuda por aí.

– Busquemos então ajuda de além-mar. Não existe príncipe cristão em Nêustria, na Irlanda ou em Benwick, que viria purificar a Britânia se fosse chamado?

– Não resta nenhum príncipe cristão. Esses outros países estão na mesma situação da Britânia, se não estiverem ainda mais imersos na doença.

– Então devemos ir a instâncias superiores. Devemos procurar aquele cuja missão é derrubar tiranos e dar vida a reinos moribundos. Devemos recorrer ao imperador.

– Não há imperador algum.

– Nenhum imperador... – começou Merlin, e então sua voz foi se calando. Por alguns minutos ele ficou imóvel, lutando com um mundo que jamais tinha visualizado. Passado algum tempo, falou. – Ocorre-me um pensamento, e não sei se é bom ou nocivo. Mas, como sou o Alto Conselho de Logres, não o esconderei do senhor. É uma era fria esta em que despertei. Se toda essa região ocidental do mundo é apóstata, não seria lícito, nesta enorme necessidade, procurar mais longe... para além das fronteiras da cristandade? Não encontraríamos pessoas, mesmo entre os pagãos, que não sejam totalmente corruptas? No meu tempo, havia relatos de pessoas desse tipo: homens que não conheciam os preceitos de nossa doutrina santíssima, mas que adoravam a Deus como podiam e reconheciam a Lei da Natureza. Senhor, creio que seria lícito procurar ajuda até mesmo lá. Para lá de Bizâncio. Ouviam-se também rumores de que havia conhecimento naquelas terras: um círculo e sabedoria orientais que vinham para o Oeste a partir de Numinor. Não sei de onde: Babilônia, Arábia ou Catai. O senhor disse que seus navios percorreram toda a terra, por cima e por baixo.

Ransom fez que não.

– Você não entende – disse ele. – O veneno foi preparado nas terras do Oeste, mas ele já está espalhado por toda parte agora. Por mais longe que fosse, você encontraria as máquinas, as cidades lotadas, os tronos vazios, os textos falsos, os leitões estéreis: homens enlouquecidos com falsas promessas e amargurados com desgraças verdadeiras, adorando as obras de ferro de suas próprias mãos, isolados da Terra, sua mãe, e de seu pai, no Céu. Você poderia ir tanto para o Leste de modo que o Leste se tornasse Oeste e você voltasse para a Britânia cruzando o grande Oceano, mas mesmo assim em parte alguma você teria conseguido sair para a luz. A sombra de uma asa escura encobre Tellus por inteiro.

– Então é o fim? – perguntou Merlin.

– E é por isso – disse Ransom, sem dar atenção à pergunta – que não nos resta saída a não ser essa única de que lhe falei. A Força Medonha segura toda esta Terra em seu punho para espreme-la à vontade. Se não fosse pelo erro que cometeram, não restaria esperança alguma. Se pela própria vontade maligna eles não tivessem derrubado a fronteira e permitido a entrada dos Poderes Celestiais, este seria o momento de sua vitória. Sua força os traiu. Eles foram aos deuses, que não teriam vindo a eles, e, com isso, fizeram a Imensidão dos Céus desabar sobre sua cabeça. Portanto, morrerão. Pois, embora você procure todas as frestas para escapar, agora que está vendo todas elas fechadas, você não me desobedecerá.

E assim, muito lentamente, foi tomando conta do rosto branco de Merlin, primeiro fechando sua boca aflita e por fim reluzindo nos seus olhos, aquela expressão quase animal, terrosa, saudável e com um toque de esperteza meio cômica.

– Bem – disse ele –, se as tocas estiverem tapadas, a raposa enfrentará os cães. Mas, se eu tivesse sabido no nosso primeiro encontro quem o senhor era, acho que o teria posto para dormir como fiz com seu Bobo.

– Meu sono é muito leve desde que viajei nos Céus – disse Ransom.





## “A vida real é o encontro”

Como o dia e a noite do mundo lá fora não faziam a menor diferença na cela de Mark, ele também não soube se foram minutos ou horas mais tarde que ele se descobriu mais uma vez desperto, mais uma vez em confronto com Frost e ainda em jejum. O professor veio perguntar se ele tinha refletido sobre sua conversa recente. Mark, que avaliou que alguma expressão razoável de relutância tornaria sua rendição final mais convincente, respondeu que somente uma coisa ainda o perturbava. Ele não entendia bem o que ele em particular ou a humanidade em geral saíam ganhando ao cooperar com os macróbios. Mark via nitidamente que os motivos pelos quais a maioria dos homens age, e que eles dignificam com os nomes de patriotismo ou dever para com a humanidade, eram apenas produtos do organismo animal, variando de acordo com o padrão de comportamento de comunidades diferentes. Mas ainda não via o que ficaria no lugar desses motivos irracionais. Dali em diante, com base em que as ações deveriam ser justificadas ou condenadas?

– Se você insiste em pôr a questão nesses termos – disse Frost –, creio que Waddington deu a melhor resposta. A existência é sua justificativa. A tendência para a mudança e o desenvolvimento que chamamos de evolução é justificada pelo fato de ser uma característica geral das entidades biológicas. O atual estabelecimento de contato entre as entidades biológicas superiores e os macróbios é justificado pelo fato de estar ocorrendo; e ele deveria ser expandido porque está se realizando uma expansão.

– Você acredita, então – disse Mark –, que não haveria nenhum sentido em perguntar se a tendência geral do universo seria na direção que deveríamos chamar de nociva?

– Não poderia haver o menor sentido – disse Frost. – O julgamento que você está tentando fazer se revela simplesmente, ao ser examinado, como uma expressão de emoção. O próprio Huxley somente conseguiu expressá-lo com o uso de termos emotivos, como “gladiatório” ou “implacável”. Estou me referindo à famosa palestra Romanes. Quando a chamada luta pela existência for vista simplesmente como um teorema atuarial, teremos, nas palavras de

Waddington, “um conceito tão desprovido de emoção quanto uma integral definida” e a emoção desaparecerá. Com ela, desaparecerá aquela ideia ridícula de um padrão externo de valor, que a emoção produziu.

– E a real tendência dos acontecimentos – disse Mark – ainda estaria autojustificada e, nesse sentido, seria “boa” quando estivesse operando pela extinção de toda a vida orgânica, como com o tempo haverá de operar?

– É claro – respondeu Frost –, se você insiste em formular o problema nesses termos. Na realidade, sua pergunta não faz sentido. Ela pressupõe um modelo de pensamento que envolve um meio e um fim, que remonta a Aristóteles, que por sua vez estava tão somente hipostasiando elementos na experiência de uma comunidade agrícola da Idade do Ferro. Os motivos não são as causas da ação, mas seus subprodutos. É pura perda de tempo levá-los em consideração. Quando tiver atingido a real objetividade, você reconhecerá que não *alguns* motivos, mas *todos* são meramente animais, epifenômenos subjetivos. Então, você não terá motivo algum e descobrirá que não precisa deles. Seu lugar será preenchido por outra coisa que você, com o tempo, compreenderá melhor do que agora. Assim, longe de ser empobrecida, sua ação tornar-se-á mais eficiente.

– Entendo – disse Mark. A filosofia que Frost estava explicitando não lhe era desconhecida. Ele a reconheceu de imediato como a conclusão lógica de pensamentos que até aquele momento ele sempre tinha aceitado e que, naquele instante, descobria que rejeitava irrevogavelmente. O conhecimento de que seus próprios pressupostos levavam à posição de Frost, associado ao que ele via no rosto do professor e ao que tinha vivenciado naquela mesma cela, efetuou uma conversão total. Todos os filósofos e evangelizadores neste mundo talvez não tivessem cumprido a missão com tanta perfeição.

– E é por isso – continuou Frost – que você precisa receber um treinamento sistemático em objetividade. A finalidade desse treinamento é eliminar da sua mente, uma a uma, as coisas que até agora você considerou razões para agir. É como matar um nervo. Todo aquele sistema de preferências instintivas, qualquer que seja o disfarce ético, estético ou lógico que adotem, deve ser simplesmente destruído.

– Captei a ideia – disse Mark, embora com uma ressalva íntima de que seu atual desejo instintivo de fazer picadinho da cara do professor viesse a exigir grande esforço de destruição.

Depois disso, Frost tirou Mark da cela e lhe deu uma refeição em algum aposento contíguo. Ele também tinha iluminação artificial e não era provido de

janelas. O professor permaneceu totalmente imóvel, observando, enquanto ele comia. Mark não sabia qual era a comida e não gostou muito dela, mas àquela altura estava faminto demais para recusá-la, como se uma recusa tivesse sido possível. Quando a refeição terminou, Frost conduziu-o à antessala do Cabeça, e mais uma vez ele foi despido e vestido com um uniforme e máscara de cirurgião. Foi então admitido à presença do Cabeça, de boca aberta, que babava. Para sua surpresa, Frost não prestou a menor atenção nele. Ele conduziu Mark para o outro lado do aposento, até uma portinha mais estreita com um arco pontudo, na parede mais distante. Ali ele parou.

– Entre. Você não comentará com ninguém o que encontrar aqui. Voltarei daqui a pouco. – Frost então abriu a porta, e Mark entrou.

A sala, à primeira vista, foi um anticlímax. Parecia ser uma sala de reuniões vazia, com uma mesa comprida, oito ou nove cadeiras, alguns quadros e (o que era bastante estranho) uma grande escada de mão num canto. Ali também não havia janelas. Ela era iluminada por uma luz elétrica que produzia, melhor do que Mark jamais tinha visto produzida, a ilusão da luz do dia – de um lugar frio e cinzento ao ar livre. Isso, associado à inexistência de uma lareira, causava uma impressão de frio, apesar de a temperatura não estar muito baixa.

Um homem de sensibilidade treinada teria visto de imediato que a sala era malproporcionada, não de um modo grotesco, mas o suficiente para produzir aversão. Era alta demais e estreita demais. Mark sentiu o efeito sem analisar a causa, e o efeito foi crescendo à medida que o tempo passava. Sentado, olhando espantado ao redor de si, ele em seguida percebeu a porta – e pensou de início que estava sendo vítima de alguma ilusão óptica. Ele levou muito tempo para provar a si mesmo que não estava. A ponta do arco não estava no centro: a estrutura inteira estava levemente inclinada. Mais uma vez, o erro não saltava aos olhos. Estava próximo o suficiente do alinhamento para enganar a pessoa por um instante e para continuar a provocar a mente mesmo depois que o engano tivesse sido desmascarado. Involuntariamente ficava-se movimentando a cabeça em busca de posições a partir das quais a porta acabasse por parecer certa. Mark se virou e se sentou de costas para ela... não devia deixar que aquilo se transformasse numa obsessão.

Foi nesse momento que ele percebeu as manchas no teto. Não se tratava de meros pontos de sujeira ou de descoramento. Tinham sido pintadas deliberadamente: pequenas manchas pretas redondas dispostas a intervalos irregulares na superfície clara da cor de mostarda. Não eram muitas: talvez trinta... ou seriam cem? Ele tomou a decisão de não cair na armadilha de tentar

contá-las. A contagem seria difícil, já que sua disposição era muito irregular. Ou será que não era? Agora que seus olhos estavam se acostumando com elas (e não se podia deixar de perceber que havia cinco naquele grupinho mais para a direita), sua organização parecia pairar à margem da regularidade. Elas sugeriam algum tipo de padrão. Sua feiura peculiar consistia no próprio fato de que elas não paravam de sugerir o padrão e depois frustravam a expectativa assim criada. De repente ele se deu conta de que aquilo era mais uma armadilha. Fixou então os olhos na mesa.

Havia manchas na mesa também: manchas brancas. Manchas brancas e brilhosas, não exatamente redondas. E dispostas, aparentemente, de maneira que correspondessem às manchas no teto. Ou não? Não, é claro que não... Ah, agora ele tinha captado! O padrão (se é que se podia chamá-lo de padrão) sobre a mesa era o exato inverso do que estava no teto. Mas com algumas exceções. Ele descobriu que estava olhando rapidamente de um para o outro, tentando decifrar a relação. Pela terceira vez, procurou se controlar. Levantou-se e começou a andar para lá e para cá. Deu uma olhada nos quadros.

Alguns deles pertenciam a uma escola de arte com a qual ele já estava familiarizado. Havia um retrato de uma jovem que mantinha a boca muito aberta para revelar que o interior da boca estava coberto por uma espessa camada de cabelo. Tinha sido pintado com muito esmero à moda fotográfica, tanto que quase se podia sentir o cabelo. Na realidade, não se podia deixar de senti-lo, por mais que se tentasse. Havia um louva-a-deus gigante que tocava uma rabeça enquanto era devorado por outro louva-a-deus; e um homem com saca-rolhas em vez de braços, banhando-se num mar plano e de cor triste sob um pôr do sol de verão. Entretanto, a maior parte dos quadros não era desse tipo. De início, em sua maioria eles pareciam bastante comuns, embora Mark ficasse um pouco surpreso com o predomínio de temas das escrituras. Era só no segundo ou terceiro olhar que se descobriam certos detalhes inexplicáveis – algo de estranho a respeito da posição dos pés das figuras ou da disposição de seus dedos, ou mesmo de como estavam agrupadas. E quem era a pessoa em pé entre o Cristo e Lázaro? E por que havia tantos besouros debaixo da mesa na Última Ceia? Qual era o curioso recurso de iluminação que fazia com que cada quadro parecesse algo visto durante um delírio? Uma vez levantadas essas questões, a aparente normalidade dos quadros tornava-se sua ameaça suprema – como a sinistra inocência superficial no início de certos sonhos. Cada prega de cortina, cada peça arquitetônica, tinha um significado que não se conseguia captar, mas que fazia murchar a mente. Comparados com esses, os outros quadros, surrealistas, não

passavam de tolice. Muito tempo antes, Mark tinha lido em algum lugar sobre “coisas de uma maldade tão extrema que parecem inocentes ao não iniciado” e tinha se perguntado que tipo de coisas elas poderiam ser. Agora, ele achava que sabia.

Ele deu as costas aos quadros e se sentou. E entendeu toda a história. Frost não estava tentando enlouquecê-lo. Pelo menos, não no sentido que Mark até então tinha conferido à palavra “loucura”. Frost havia falado sério quando disse o que pretendia. Sentar-se na sala era o primeiro passo para o que Frost chamava de objetividade – o processo pelo qual todas as reações especificamente humanas eram erradicadas num homem, para ele poder se tornar adequado para o exigente convívio com os macróbios. Estágios superiores no ascetismo da antinatureza sem dúvida se seguiriam: o consumo de alimentos abomináveis; o manuseio de sujeira e de sangue; a execução ritual de obscenidades calculadas. Em certo sentido, eles estavam jogando limpo com ele – oferecendo-lhe exatamente a mesma iniciação pela qual passaram e que os separara da humanidade: distendendo e desintegrando Wither até ele não passar de uma ruína amorfa, enquanto condensava e afiava Frost até ele se tornar a agulhinha dura e brilhante que ele agora era.

Depois de cerca de uma hora, aquela sala, que se assemelhava a um caixão comprido e alto, começou a produzir em Mark um efeito que seu instrutor provavelmente não tinha previsto. Não houve repetição do ataque que ele sofrera na noite anterior na cela. Fosse por já ter sobrevivido ao ataque, fosse porque a iminência da morte tivesse esvaziado seu desejo de toda uma vida pelo esotérico, fosse porque (de certo modo) ele tivesse implorado ajuda com veemência, a perversidade da construção e das pinturas daquele aposento provocou o efeito de conscientizá-lo, como ele nunca tinha se conscientizado antes, do contrário do aposento. Como o deserto ensina primeiro os homens a adorar a água, ou como a ausência revela primeiro o afeto, ergueu-se em contraste com aquele pano de fundo do ácido e do torto algum tipo de visão do doce e do reto. Parecia que existia alguma outra coisa... algo que ele chamou vagamente de “normal”. Ele nunca tinha pensado nisso antes. Mas lá estava... sólido, concreto, com forma própria, quase como algo que se pudesse tocar, comer ou por quem fosse possível alguém se apaixonar. Tudo estava numa mistura confusa com Jane, ovos fritos, sabão, sol, gralhas crocitando em Cure Hardy e o pensamento de que, em algum lugar lá fora, era dia naquele momento. Ele não estava pensando em termos morais; ou então (o que é praticamente a mesma coisa) estava tendo sua primeira experiência profundamente moral. Estava escolhendo um lado: o

Normal. “Tudo aquilo”, como ele dizia, era o que ele escolhia. Se o ponto de vista científico o afastasse de “tudo aquilo”, então que se danasse o ponto de vista científico! A veemência da sua escolha quase lhe tirou o fôlego. Nunca tinha tido uma sensação semelhante. Naquele momento, ele mal se importava se Frost e Wither o matassem.

Não sei quanto tempo essa disposição de espírito durou; porém, enquanto ela ainda estava no apogeu, Frost voltou. Ele levou Mark a um quarto, onde a lareira estava acesa e um velho jazia na cama. A luz cintilando nos copos e na prataria, bem como o luxo delicado do aposento, causou tanta animação em Mark que ele teve dificuldade para escutar, enquanto Frost lhe dizia que ele deveria ficar ali até ser rendido; e que deveria ligar para o vice-diretor, se o paciente falasse ou se mexesse. Ele mesmo não deveria dizer nada. Na realidade, seria inútil se o fizesse porque o paciente não entendia inglês.

Frost retirou-se. Mark passeou os olhos pelo quarto. Estava se sentindo afoito. Não via possibilidade de sair de Belbury com vida, a menos que se permitisse ser transformado num servo desumanizado dos macróbios. Enquanto isso, não importavam as conseqüências, ele ia fazer uma refeição. Havia todos os tipos de petisco naquela mesa. Talvez um cigarro primeiro, com os pés no guarda-fogo.

– Droga! – disse ele, ao enfiar a mão no bolso e encontrá-lo vazio. No mesmo instante, ele percebeu que o homem na cama tinha aberto os olhos e estava olhando para ele. – Desculpe – disse Mark –, eu não pretendia... – e então se calou.

O homem sentou-se na cama e fez um movimento brusco com a cabeça na direção da porta.

– Ah? – disse ele, em tom de indagação.

– Como assim? – disse Mark

– Ah? – disse o homem de novo. E então: – Estrangeiros, né?

– Então, você fala inglês? – disse Mark

– Ah – disse o homem e, depois de um silêncio de alguns segundos, emendou:

– Patrão. – Mark olhou para ele. – Patrão, – repetiu o paciente com muita energia. – Será que o patrão não tem um cigarrinho aí? Hein?



– Acho que é só isso o que podemos fazer por ora – disse Mamãe Dimble. –

Vamos deixar as flores para hoje de tarde. – Ela estava falando com Jane, e as duas estavam no que se chamava de Pavilhão: uma casinha de pedra ao lado da porta do jardim por onde Jane tinha tido acesso ao Solar pela primeira vez. A senhora Dimble e Jane estavam preparando a casa para o casal Maggs. É que a sentença do senhor Maggs se encerrava naquele dia, e Ivy tinha ido de trem na tarde anterior passar a noite com uma tia na cidade, onde ele estava preso, e então o encontraria à porta do presídio.

Quando a senhora Dimble disse ao marido em que estaria ocupada naquela manhã, ele lhe respondera: “Bem, não pode demorar muito, acender uma lareira e fazer uma cama.” Eu pertencço ao mesmo sexo que o doutor Dimble e compartilho sua limitação. Não faço a menor ideia do que as duas mulheres encontraram para fazer no Pavilhão por todas as horas que passaram lá. Até mesmo Jane mal tinha previsto a tarefa. Nas mãos da senhora Dimble, o trabalho de arejar a pequena casa e preparar a cama para Ivy Maggs e seu marido presidiário tornou-se algo entre um jogo e um ritual. Ele despertou em Jane vagas lembranças de ter ajudado com a decoração na igreja para o Natal ou a Páscoa, quando era criancinha. Mas também sugeriu para sua memória literária todos os tipos de coisas saídas de epitalâmios do século XVI: superstições antiquíssimas, piadas e sentimentalismos sobre leitos nupciais e caramanchões para casamentos, com bons augúrios na soleira e fadas acima da lareira. Era uma atmosfera extraordinariamente diferente daquela na qual ela crescera. Algumas semanas atrás, ela não teria gostado daquilo. Não havia algo de absurdo naquele mundo arcaico, rígido e cintilante? A mistura do recato afetado com a sensualidade, a estilização dos ardores do noivo e a convencional timidez da noiva, a sanção religiosa, a libertinagem permitida das canções obscenas e a sugestão de que se poderia esperar que todos exceto os principais envolvidos estivessem meio tocados? Como a espécie humana tinha conseguido enjaular numa cerimônia daquelas a coisa mais sem-cerimônia deste mundo? Mas ela já não tinha certeza da sua reação. Tinha certeza, sim, da linha divisória que incluía Mamãe Dimble nesse mundo e a deixava de fora. Mamãe Dimble, apesar de todo o seu decoro do século XIX, ou talvez por causa dele, naquela tarde deu-lhe a impressão de ser uma pessoa arcaica. A cada instante, ela parecia dar as mãos a algum grupo solene porém sapeca de velhotas animadas que vinham pondo jovens apaixonados na cama, desde que o mundo é mundo, com uma mistura incongruente de sinais de aprovação, piscadas de olho, bênçãos e lágrimas... velhotas perfeitamente impossíveis em rufos engomados ou toucas de freira que estariam fazendo piadas shakespearianas sobre braguilhas e chifres num

momento e se ajoelhariam, devotas, diante de altares no momento seguinte. Era muito estranho. Pois, naturalmente, no que dizia respeito à sua conversa, a diferença entre elas estava invertida. Jane, numa conversa literária, poderia ter falado de braguilhas com enorme sangue-frio, enquanto Mamãe Dimple era uma senhora eduardiana que simplesmente teria deixado de lado um assunto desses até ele desaparecer sozinho, se qualquer boboca modernizada tivesse a infelicidade de abordá-lo na sua presença. Talvez o clima exercesse alguma influência sobre as curiosas sensações de Jane. Havia parado de gear, e aquele era um dos dias de brandura quase cortante que às vezes ocorrem bem no início do inverno.

Ivy tinha relatado sua história a Jane somente no dia anterior. O senhor Maggs roubara dinheiro da lavanderia para a qual trabalhava. Ele tinha feito isso antes de conhecer Ivy, numa época em que andava com más companhias. Desde que ele e Ivy começaram a sair juntos, ele se mantivera “perfeitamente na linha”; mas o pequeno crime foi desenterrado e surgiu do passado para apanhá-lo, fazendo que fosse detido cerca de seis semanas depois do seu casamento. Jane falou muito pouco durante o relato da história. Parecia que Ivy não tinha consciência do estigma puramente social que se vinculava a um furto de pequeno valor e a uma pena de reclusão, de modo que Jane não teve oportunidade de praticar, mesmo que tivesse desejado fazê-lo, aquela “bondade” quase técnica que algumas pessoas reservam para as desgraças dos pobres. Por outro lado, não lhe foi dada chance alguma de ser revolucionária ou especulativa: sugerir que o furto não era mais criminoso do que toda a riqueza era criminoso. Ivy parecia aceitar a moralidade convencional como líquida e certa. Ela ficara “tão amolada” com tudo aquilo. Parecia ter enorme importância sob um aspecto e não ter importância alguma sob outro. Nunca lhe ocorreu que o fato alterasse sua relação com o marido... como se o furto, como a saúde precária, fosse um dos riscos normais que se corriam com o casamento.

– Eu sempre digo, não se pode esperar saber tudo sobre um rapaz enquanto não se estiver casada com ele, não mesmo – dissera ela.

– Suponho que não – disse Jane.

– É claro que o mesmo vale para eles – acrescentou Ivy. – Meu velho pai costumava dizer que nunca teria se casado com mamãe; não, se tivesse sabido como ela roncava. E ela mesma dizia: “Não, pai, você não teria.”

– Suponho que sejam situações bem diferentes – disse Jane.

– Bem, o que estou dizendo é que, se não fosse uma coisa, seria outra. É



assim que eu vejo. E não se pode dizer que eles também não têm de aguentar muita coisa. Porque é como se eles precisassem se casar, se forem do tipo certo, coitados; mas, não importa o que se diga, Jane, viver com uma mulher exige muito esforço. Não estou falando daquela que se chamaria de mulher errada. Eu me lembro de um dia... foi antes de você chegar aqui... em que Mamãe Dimble estava dizendo alguma coisa ao doutor. E lá estava ele sentado lendo, você sabe como ele lê, com os dedos por baixo de algumas páginas e um lápis na mão, não como você ou eu leríamos, e ele simplesmente disse “É, querida”; e nós duas soubemos que ele não estava escutando. E eu disse: “Aí está, Mamãe Dimble, é assim que eles nos tratam depois que se casam. Nem mesmo escutam o que temos a dizer”, disse eu. E sabe o que ela respondeu? “Ivy Maggs, algum dia já passou pela sua cabeça perguntar se alguém *conseguiria* escutar tudo o que dizemos?” Essas foram as palavras exatas que ela disse. É claro que eu não ia dar o braço a torcer, não diante dele, por isso eu disse: “Eles conseguiriam, sim.” Mas ela acertou em cheio. Sabe que muitas vezes estou conversando com meu marido por muito tempo e ele levanta os olhos e me pergunta o que estive dizendo, e sabe de uma coisa? Eu mesma não sou capaz de me lembrar!

– Ah, mas é diferente – disse Jane. – É quando as pessoas se afastam, adotam opiniões totalmente diferentes, apoiam lados diferentes...

– Você deve estar tão ansiosa por causa do senhor Studdock – respondeu Ivy.  
– Eu nunca ia conseguir dormir um segundo se estivesse no seu lugar. Mas o diretor vai fazer tudo dar certo no final. Você vai ver só.

A senhora Dimble voltou pouco depois à casa para buscar algum pequeno detalhe que representaria o toque final na arrumação do quarto do Pavilhão. Jane, sentindo-se um pouco cansada, ajoelhou-se no banco do nicho da janela e pôs os cotovelos no peitoril, com o queixo nas mãos. O sol estava quase quente. A ideia de voltar para Mark, se Mark fosse um dia resgatado de Belbury, era uma ideia que sua mente já aceitava havia muito tempo. Não era aterrorizante para ela, mas sem graça e insípida. E não o era menos porque naquele momento ela lhe perdoava totalmente o crime conjugal de às vezes parecer preferir a pessoa dela à sua conversa; e às vezes os próprios pensamentos às duas. Por que qualquer pessoa sentiria interesse especial pelo que ela dizia? Essa nova humildade teria chegado a lhe ser agradável, se tivesse sido direcionada a alguém mais emocionante que Mark. É claro que ela precisaria agir de modo diferente com ele, quando voltassem a se encontrar. Mas era esse “voltassem” que tanto tirava o sabor da boa resolução: como voltar a fazer uma soma que já tivesse sido calculada errado e refazer tudo na mesma página rabiscada do

caderno de exercícios. “Se eles voltassem a se encontrar...” Ela sentiu alguma culpa por sua falta de ansiedade. Quase no mesmo instante, descobriu que estava um pouquinho ansiosa. Pois até aquele momento ela sempre pressupusera que Mark voltaria. A possibilidade da sua morte agora se apresentava. Ela não sentia nenhuma emoção direta acerca de si mesma, sobrevivendo a isso; via simplesmente a imagem de Mark morto, aquele rosto morto, no meio de um travesseiro, aquele corpo inteiro rígido, aqueles braços e mãos (nem melhores nem piores, mas tão diferentes de todos os outros braços e mãos), estendidos retos e inúteis como os de um boneco. Ela sentia muito frio. Entretanto, o sol estava mais quente do que nunca – com um calor quase impossível para a época do ano. Tudo estava muito parado também, tão parado que ela podia ouvir os movimentos de um passarinho que ia saltitando pelo caminho do lado de fora da janela. Aquele caminho levava à porta no muro do jardim, por onde ela entrara na primeira vez. O passarinho saltou até a soleira daquela porta e sobre o pé de alguém. Agora Jane via que alguém estava sentado num banquinho logo ali do lado de dentro da porta. Aquela pessoa estava apenas a alguns metros de distância e devia estar sentada em grande quietude para Jane não ter percebido sua presença.

Uma túnica da cor de chamusca, na qual suas mãos se escondiam, cobria aquela pessoa dos pés até onde ela subia por trás do pescoço numa espécie de gola alta pregueada, mas na frente o decote era tão baixo ou aberto que expunha seus seios grandes. Sua pele era amorenada, típica do sul da Europa, e reluzente, quase da cor do mel. Algum vestido semelhante Jane tinha visto sendo usado por uma sacerdotisa minoica num vaso da antiga Cnosso. A cabeça, pousada imóvel sobre a coluna musculosa do pescoço, olhava fixamente para Jane. Era um rosto de bochechas vermelhas, lábios úmidos, de olhos negros... quase os olhos de uma vaca... e uma expressão enigmática. Pelos padrões normais, não era um rosto semelhante ao de Mamãe Dimble; porém Jane reconheceu-o de imediato. Era, para falar como os músicos, a plena anunciação daquele tema que vinha assombrando indefinidamente o rosto de Mamãe Dimble durante as últimas horas. Era o rosto de Mamãe Dimble com alguma coisa faltando, e a omissão deixou Jane chocada. “É brutal”, pensou ela, pois a sua energia a esmagava; mas então como que mudou de ideia. “Sou eu que sou fraca, fajuta.” “Esse rosto está zombando de mim”, pensou ela, contudo mais uma vez mudou de ideia: “Ele não está me dando atenção. Ele não me vê.” Pois, embora houvesse uma alegria quase de ogra no rosto, parecia que Jane não estava convidada a compartilhar da brincadeira. Ela tentou afastar o olhar... conseguiu... e viu pela primeira vez que

havia outras criaturas presentes... quatro ou cinco, não mais, todo um grupo de homenzinhos ridículos: anões gordos com gorros vermelhos e borlas, homenzinhos rechonchudos, semelhantes a gnomos, de uma familiaridade totalmente insuportável, frívolos e irreprimíveis. Não havia dúvida de que eles estavam zombando dela. Estavam apontando para ela, fazendo que sim, fazendo mímicas, ficando de pernas para o ar, dando saltos mortais. Jane ainda não estava amedrontada, em parte porque o extremo calor do ar junto à janela aberta lhe causava sonolência. Na realidade, era perfeitamente ridículo para a época do ano. Sua principal sensação era de indignação. Uma suspeita, que passara por sua mente uma vez ou duas, voltava-lhe agora com força irresistível: a suspeita de que o universo real talvez fosse simplesmente fútil. Ela estava intimamente ligada às recordações daquelas risadas dos adultos – risadas altas, descuidadas, masculinas nos lábios de tios solteirões – que muitas vezes a enfureceram na infância, e das quais tinha se refugiado com gratidão na intensa seriedade do grupo de debates da sua escola.

Entretanto, um instante depois, ela ficou realmente apavorada. A gigante levantou-se. Todos eles vieram na sua direção. Com enorme fulgor e um barulho como o de fogo, a mulher de vestes de chamas e os anões atrevidos entraram na casa. Estavam no quarto com ela. A mulher desconhecida tinha um archote na mão. Ele ardia com um brilho terrível, ofuscante, e crepitava lançando uma nuvem de densa fumaça negra, que encheu o quarto com um cheiro pegajoso, de resina. “Se não tiverem cuidado”, pensou Jane “eles vão incendiar a casa.” No entanto, ela mal teve tempo para pensar nisso, pois toda a sua atenção se fixou no comportamento desaforado dos homenzinhos. Eles começaram a bagunçar o quarto todo. Em alguns segundos a cama estava um caos, os lençóis no chão, os cobertores arrancados e usados pelos anões para mantear o mais gordo do grupo, os travesseiros sendo atirados pelo ar, penas voando por toda parte. “Cuidado! Cuidado! Não dá para vocês terem cuidado?”, gritou Jane, pois a gigante estava começando a tocar várias partes do quarto com seu archote. Ela tocou um vaso no console da lareira. Instantaneamente subiu dele uma faixa de cor que Jane supôs ser fogo. Ela estava se pondo em movimento para apagá-lo, quando viu que a mesma coisa tinha acontecido com um quadro na parede. E então aconteceu cada vez mais rápido em toda a sua volta. Os gorros dos anões estavam em chamas. Mas bem na hora em que o terror de tudo aquilo se tornava insuportável, Jane percebeu que o que estava subindo em espirais a partir de tudo que o archote tocava não eram chamas, afinal de contas, e sim vegetação. Hera e madressilva cresciam dos pés da cama, rosas vermelhas brotavam dos gorros

dos homenzinhos, e de todas as direções lírios enormes, que chegavam aos seus joelhos e à cintura, lançavam para ela suas línguas amarelas. Os cheiros, o calor, a aglomeração e a estranheza fizeram que Jane sentisse que estava prestes a desmaiar. Não chegou a lhe ocorrer que estivesse sonhando. As pessoas confundem sonhos com visões. Ninguém nunca confundiu uma visão com um sonho...

– Jane! Jane! – disse de repente a voz da senhora Dimble. – Afinal, o que está acontecendo?

Jane se sentou empertigada. O quarto estava vazio, mas a cama já tinha sido destruída. Parecia que até então ela estava deitada no chão. Sentia frio e estava muito cansada.

– O que *houve*? – insistiu a senhora Dimble.

– Não sei – disse Jane.

– Você está passando mal, minha filha? – perguntou Mamãe Dimble.

– Preciso ver o diretor imediatamente – disse Jane. – Está tudo bem. Não se preocupe. Posso me levantar sozinha... de verdade. Mas gostaria de falar com o diretor de uma vez.



A mente do senhor Bultitude era confusa; e tão pouco humana na forma quanto seu corpo. Ele não se lembrava, como um homem na sua situação teria se lembrado, do zoológico municipal do qual tinha escapado durante um incêndio; nem da sua chegada, rosnando e apavorado, ao Solar; nem dos lentos estágios através dos quais aprendera a amar seus moradores e a confiar neles. Ele não sabia que os amava e que confiava neles. Não sabia que eram pessoas, nem que ele era urso. Na realidade, não sabia que existia: tudo o que se representa com as palavras *Eu* e *Mim* e *Tu* estava ausente da sua cabeça. Quando a senhora Maggs lhe dava uma lata de xarope dourado, como fazia todos os domingos de manhã, ele não reconhecia nem um doador, nem um receptor. Acontecia alguma coisa boa, e ele a degustava. Só isso. Por isso, seus amores poderiam, caso assim se desejasse, ser todos descritos como interesseiros: comida e calor, mãos que afagavam, vozes que tranquilizavam, eram os objetos desses amores. No entanto, se por amor interesseiro estivéssemos nos referindo a algo frio ou calculista, estaríamos totalmente equivocados acerca da verdadeira qualidade das

sensações da fera. Ele era tão pouco semelhante a um egoísta humano quanto a um altruísta humano. Não havia prosa na sua vida. Os apetites que uma mente humana poderia desdenhar como amores interesseiros eram para ele aspirações trêmulas e enlevadas que absorviam todo o seu ser, anseios infinitos, perfurados pela ameaça da tragédia e salpicados com a cor do Paraíso. Alguém da nossa espécie, se mergulhasse de volta por um instante no lago morno, trêmulo, iridescente daquela consciência pré-adâmica, teria emergido acreditando haver captado o absoluto: pois os estados inferiores à razão e os estados superiores a ela apresentam, pelo contraste comum com relação à vida que conhecemos, certa semelhança superficial. Às vezes, volta-nos da infância a lembrança de um prazer ou de um terror sem nome, desvinculado de qualquer objeto prazeroso ou medonho, um adjetivo potente, flutuando num vácuo sem substantivos, uma qualidade pura. Nesses momentos, temos experiência das partes rasas desse lago. Mas nas profundezas insondáveis aonde nenhuma lembrança pode nos levar, bem no centro do calor e da escuridão, o urso vivia sua vida inteira.

Hoje tinha ocorrido uma coisa rara: ele saíra da casa para o jardim sem que lhe pusessem a mordaca. Ao ar livre, estava sempre amordaçado, não porque houvesse o menor medo de que se tornasse perigoso, mas por causa da sua predileção pelas frutas e pelas variedades mais doces de legumes. “Não que ele não seja manso”, como o Ivy Maggs tinha explicado a Jane Studdock, “mas por não ser honesto. Não sobriaria nada para nós, se o deixássemos comer o que bem entendesse.” Naquele dia, porém, a precaução tinha sido esquecida, e o urso passara uma manhã bastante agradável, investigando os nabos. Agora, no início da tarde, ele havia se aproximado do muro do jardim. Havia uma castanheira do lado de dentro do muro, na qual o urso poderia subir com facilidade. E dos seus galhos ele poderia saltar para o outro lado. Ele estava em pé olhando para a árvore. A senhora Maggs teria descrito seu estado mental da seguinte forma: “Ele sabe muito bem que não tem permissão para sair do jardim.” Não era assim que as coisas se apresentavam para o senhor Bultitude. Ele não tinha nenhuma ética; mas o diretor lhe dera certas inibições. Surgia uma relutância misteriosa, um anuviamento do clima emocional, quando o muro estava perto demais; mas associado a essa relutância havia um impulso oposto, o de passar para o outro lado do muro. É claro que ele não sabia por que motivo, e era incapaz até mesmo de formular a questão. Se a pressão por trás desse impulso pudesse chegar a ser traduzida em termos humanos, ela pareceria ser mais semelhante a uma mitologia do que a um pensamento. No jardim encontravam-se abelhas, mas jamais uma colmeia. As abelhas todas iam embora por cima do muro. E seguir

abelhas era a atitude óbvia a tomar. Creio que havia uma noção na mente do urso – dificilmente poderíamos chamá-la de imagem – de infinitas campinas verdes para além do muro, com colmeias sem conta e abelhas do tamanho de pardais; e à espera por lá, ou possivelmente andando, escorrendo, se infiltrando para vir ao seu encontro, alguma coisa ou alguém mais pegajoso, mais doce, mais dourado que o próprio mel.

Naquele dia, essa inquietação o afetava num grau extraordinário. Sentia falta de Ivy Maggs. Ele não sabia da existência de uma pessoa com esse nome e não se lembrava dela, como nós temos a consciência da lembrança, entretanto havia uma falta não identificada na sua experiência. Ela e o diretor eram, sob aspectos diferentes, os dois fatores principais na sua existência. Ele sentia, a seu modo, a supremacia do diretor. Encontros com ele eram para o urso o que experiências místicas eram para os homens, visto que o diretor tinha trazido consigo de Vênus algum traço da prerrogativa, perdida pelo homem, de enobrecer as feras. Na sua presença, o senhor Bultitude tremia nos limiares da personalidade, pensava o impensável e fazia o impossível; era atormentado e arrebatado por vislumbres do que havia fora de seu mundo desgrenhado; e se afastava cansado. Mas com Ivy ele se sentia perfeitamente à vontade – como um selvagem que, acreditando em algum distante Deus Supremo, se sente mais à vontade com as pequenas divindades da madeira e da água. Era Ivy quem o alimentava, quem o expulsava de lugares proibidos, quem lhe dava palmadas e conversava com ele o dia inteiro. Ivy tinha a firme convicção de que a criatura “compreendia cada palavra que ela dizia”. Interpretada ao pé da letra, essa frase não era verdadeira; porém em outro sentido não era assim tão despropositada. Porque boa parte da conversa de Ivy era a expressão, não do pensamento, e sim do sentimento; e de sentimentos que o senhor Bultitude quase compartilhava com ela – sentimentos de alegria, de aconchego e de afeto físico. À sua maneira, eles se entendiam muito bem.

Três vezes o senhor Bultitude deu as costas à árvore e ao muro, mas a cada vez ele voltou. Depois, com muita cautela e sem ruído, o urso começou a subir na árvore. Quando chegou à forquilha, ficou ali sentado muito tempo. Abaixo de si, viu um barranco íngreme e gramado que descia até uma estrada. Tanto o desejo como a inibição estavam muito fortes. Ele ficou ali sentado quase meia hora. Às vezes sua mente devaneava, e uma vez ele quase adormeceu. Por fim, ele desceu do lado de fora do muro. Quando descobriu que já tinha acontecido mesmo, ficou tão apavorado que permaneceu sentado, imóvel, aos pés do barranco gramado, bem na beira da estrada. Foi então que ouviu um barulho.

Uma caminhonete surgiu. Era dirigida por um homem com uniforme do Inec; e outro homem com o mesmo traje estava sentado ao lado.

– Epa... olhe só! – disse o segundo homem. – Pare, Sid. O que acha *daquilo*?

– *Aquilo o quê?* – disse o motorista.

– Você não tem olhos para ver? – perguntou o outro.

– Puxa! – disse Sid, parando o veículo. – Um ursão enorme. Ei, não poderia ser nossa ursa, poderia?

– Ora, vamos – disse o colega. – Ela estava na jaula hoje de manhã.

– Você acha que ela não poderia ter dado no pé? Você e eu íamos pagar caro...

– Ela não poderia ter chegado ali, mesmo que tivesse dado no pé. Os ursos não conseguem fazer sessenta quilômetros por hora. Não é essa a questão. Mas não seria bom se a gente pegasse aquele ali?

– Não recebemos ordens para isso – disse Sid.

– Não. E também não conseguimos ficar com aquele maldito lobo, não foi mesmo?

– A culpa não foi nossa. A velha que disse que ia vender não quis vender, como você pôde testemunhar porque estava lá, jovem Len. Fizemos o que pudemos. Dissemos que as experiências em Belbury não eram como ela pensava. Dissemos que o bicho ia ter a vida que pediu a Deus e que seria o bicho de estimação mais papariado. Nunca disse tanta mentira numa única manhã na minha vida. Alguém falou com ela antes.

– Claro que não foi nossa culpa. Mas o chefe não vai dar a menor atenção a isso. Em Belbury, é cumprir ou sair.

– Sair? – disse Sid. – Quem dera eu soubesse o que fazer para sair.

Len cuspiu para o lado, e houve mais um instante de silêncio.

– Seja como for – disse Sid, dali a algum tempo –, de que adianta levar um urso para lá?

– Bem, não é melhor do que voltar de mãos vazias? – perguntou Len. – E um urso custa dinheiro. Sei que eles querem mais um. E aqui está um, de graça.

– Está bem – disse Sid, com ironia –, se você está tão interessado, pode saltar e convidá-lo para embarcar.

– É só dopá-lo – disse Len.

– Não com o meu jantar, nem pensar – disse Sid.

– Você é uma maravilha de parceiro – disse Len, remexendo num embrulho

engordurado. – Sua sorte é que eu não sou do tipo de cara que dedura os outros.

– Você já me dedurou – disse o motorista. – Sei de todas as suas falcatuas.

Àquela altura, Len já tinha sacado um gordo sanduíche e o besuntava com um líquido de cheiro forte. Quando o sanduíche estava todo impregnado, ele abriu a porta e deu um passo adiante, ainda segurando a porta com uma mão. Ele estava a uns seis metros do urso, que permanecia totalmente imóvel desde que os vira. Ele jogou o sanduíche para o urso.

Quinze minutos depois, o senhor Bultitude jazia de lado, inconsciente e com a respiração pesada. Eles não tiveram dificuldade para amordaçá-lo e amarrar as quatro patas; mas foi enorme a dificuldade para levantar o animal e pô-lo na caminhonete.

– Isso fez mal ao meu coração – disse Sid, apertando o lado esquerdo com a mão.

– Que se dane seu coração – disse Len, enxugando o suor dos olhos. – Vamos.

Sid subiu e se sentou no banco do motorista, ficou parado alguns segundos, arfando e resmungando “Meu Deus” a intervalos. Depois ligou o motor, e os dois homens foram embora dali.



Já havia algum tempo que a vida de Mark, quando em vigília, estava dividida entre períodos junto da cama do homem que dormia e períodos na sala do teto manchado. O treinamento com objetividade realizado nesta última não pode ser descrito por inteiro. A anulação da inclinação natural que Frost inculcava não era espetacular nem dramática, mas os detalhes seriam impublicáveis e tinham uma espécie de tolice infantil que é melhor ignorar. Muitas vezes Mark achava que uma boa gargalhada grosseira teria desfeito toda a atmosfera da coisa; porém, infelizmente, o riso estava fora de cogitação. Era de fato aí que estava o horror: realizar pequenas obscenidades que uma criança muito boba talvez considerasse engraçadas, tudo sob a inspeção imutavelmente séria de Frost, com um cronômetro, um caderno e todo o ritual de um experimento científico. Algumas coisas que ele precisava fazer eram totalmente sem sentido. Num exercício ele precisava subir numa escada de mão e tocar alguma mancha específica no teto, selecionada por Frost: bastava tocá-la com seu dedo indicador e então descer de novo. Contudo, fosse pela associação aos outros exercícios, fosse porque esse



realmente ocultava algum significado, tal procedimento sempre pareceu a Mark a mais indecente e até mesmo a mais desumana de todas as tarefas. E a cada dia, à medida que o processo avançava, aquela ideia do Certo ou do Normal, que lhe havia ocorrido durante sua primeira visita àquela sala, ficava cada vez mais forte e mais sólida na sua mente até que se tornou um tipo de montanha. Até então ele nunca soubera o que uma Ideia significava: sempre tinha pensado que elas eram coisas que aconteciam dentro da sua cabeça. Mas agora, quando sua cabeça era constantemente atacada e com frequência ficava lotada com a corrupção grudenta do treinamento, essa Ideia se avultava diante dele – algo que obviamente existia em total independência em relação a ele e possuía duras superfícies rochosas, que não cederiam, superfícies às quais ele poderia se agarrar.

A outra coisa que ajudou a salvá-lo foi o Homem na Cama. A descoberta de Mark de que ele realmente sabia falar inglês levava a uma curiosa relação com ele. Dificilmente seria possível dizer que os dois conversavam. Ambos falavam, mas o resultado mal poderia ser chamado de conversa, como Mark até então compreendia o termo. O homem recorria a tantas alusões e usava os gestos com tanta largueza que os modos de comunicação menos sofisticados de Mark eram quase inúteis. Assim, quando Mark explicou que não tinha nenhum tabaco, o homem bateu no joelho com uma bolsa de tabaco imaginária, pelo menos umas seis vezes, e riscou um fósforo imaginário, mais ou menos o mesmo número de vezes, a cada vez jogando a cabeça para o lado com um ar de prazer, como Mark raramente vira num rosto humano. Mark passou a explicar que, embora “eles” não fossem estrangeiros, eram pessoas extremamente perigosas, e que provavelmente o melhor plano para o desconhecido seria manter-se em silêncio.

– Ah – disse o desconhecido, jogando a cabeça de novo. – Ah. Eh? – E, sem levar exatamente o dedo aos lábios, ele executou uma pantomima elaborada que nitidamente queria dizer a mesma coisa. E por muito tempo foi impossível afastá-lo desse assunto. Ele insistia em voltar ao tema do sigilo.

– Ah – disse ele –, de mim eles num tira nada. É o que lhe digo. De mim, num tira nada. Hein? É o que digo. Só nós dois sabe. Ah? – E seu olhar abraçava Mark numa conspiração de aparência tão alegre, que era enternecedora. Acreditando que essa questão já estava suficientemente clara, Mark começou a falar.

– Mas no que diz respeito ao futuro... – só para ser recebido com outra mímica de sigilo total, seguida da palavra “hein?” num tom que exigia resposta.

– Sim, é claro – disse Mark – Estamos os dois correndo um perigo

considerável. E...

– Ah – disse o homem. – Estrangeiros, né?

– Não, não – disse Mark – Eu já lhe disse que eles não são. Mas parece que eles acham que *você* é. E é por isso...

– É verdade – interrompeu o homem. – Eu sei. Estrangeiros, eu chamo eles. Eu sei. Eles num tira nada de mim. Nós dois ‘tá certo. Ah!

– Estive tentando bolar algum tipo de plano – disse Mark

– Ah – disse o homem, com aprovação.

– E eu estava me perguntando – começou Mark, quando o homem de repente se inclinou para a frente.

– Vou lhe dizer – disse ele com uma energia extraordinária.

– O quê? – perguntou Mark

– Tenho um plano.

– E qual é?

– Ah – disse o homem, piscando o olho para Mark, com ar de infinita cumplicidade, e esfregando a barriga.

– Fale. Qual é o plano? – disse Mark

– O que acha – disse o homem, sentando-se na cama e aplicando o polegar esquerdo ao indicador direito, como se estivesse prestes a propor o primeiro passo numa argumentação filosófica –, o que acha de você e eu agora preparar um pouco de queijo quente?

– Eu queria dizer um plano para fugir – disse Mark

– Ah – respondeu o homem. – Meu velho pai, veja só. Nunca passou um dia doente na vida. Hein? Num é bom demais? Hein?

– É um feito notável – disse Mark

– Ah. É o que você ‘tá dizendo – respondeu o outro. – Na estrada, a vida inteira. Nunca teve uma dor de barriga. Hein? – E ali, como se Mark não conhecesse esse mal-estar, ele apresentou um longo espetáculo de mímica, extraordinariamente fiel à realidade.

– Suponho que a vida ao ar livre combinasse com ele – disse Mark

– E a que ele atribuía sua saúde? – perguntou o homem. Ele pronunciou a palavra *atribuía* com um prazer enorme, pondo o acento na penúltima sílaba. – Eu pergunto a todos: a que ele atribuía sua saúde?

Mark estava a ponto de responder, quando o homem indicou por um gesto que

a pergunta era retórica e que ele não desejava ser interrompido.

– Ele atribuía sua saúde – continuou o interlocutor, com enorme solenidade – ao fato de comer queijo quente. Impede a água de se acumular no estômago. É o que faz. Hein? Forma um revestimento. Faz sentido. Né?

Em diversas entrevistas posteriores, Mark tentou descobrir alguma coisa sobre a história do desconhecido e, em especial, como ele havia sido trazido para Belbury. Isso não foi nada fácil, pois, embora a conversa do vagabundo fosse muito autobiográfica, ela era quase toda formada por relatos de conversas em que ele tinha feito réplicas impressionantes, cujo sentido permanecia inteiramente obscuro. Mesmo sendo a conversa menos intelectual em seu teor, as alusões eram difíceis demais para Mark, que desconhecia por completo a vida nas ruas, apesar de no passado ter escrito um artigo muito categórico sobre a vadiagem. No entanto, através de um interrogatório repetido e mais cauteloso (à medida que ia conhecendo o interrogado), ele não pôde deixar de captar a ideia de que o vagabundo tinha sido forçado a entregar suas roupas para um perfeito desconhecido e depois tinha sido hipnotizado. Ele nunca ouviu a história de modo assim tão explícito. O vagabundo insistia em falar como se Mark já a conhecesse, e qualquer pressão por um relato mais preciso resultava apenas numa série de sinais afirmativos, piscadelas e gestos de alta confidencialidade. Quanto à identidade ou à aparência da pessoa que havia levado suas roupas, não era possível decifrar nada. O mais perto que Mark conseguiu chegar, depois de horas de conversa e pesadas libações, foi alguma frase do tipo “Ah. Aquele era demais!” ou “Ele era meio assim...né? *Você sabe?*”, ou então “Aquele era um camarada e tanto, se era.” Essas afirmativas eram feitas com enorme prazer, como se o roubo das roupas do vagabundo tivesse despertado sua mais profunda admiração.

Com efeito, ao longo de toda a conversa do homem, seu entusiasmo era a característica de maior impacto. Ele nunca transmitia nenhum tipo de julgamento moral sobre as várias coisas que lhe foram feitas ao longo de sua vida, nem mesmo tentava explicá-las. Grande parte do que era injusto e uma proporção ainda maior que era simplesmente ininteligível pareciam ser aceitas, não apenas sem ressentimento, mas com certa satisfação, desde que fosse impressionante. Mesmo acerca de sua situação atual, ele demonstrava muito menos curiosidade do que Mark teria imaginado possível. Ela não fazia sentido, mas a verdade era que o homem não esperava que as coisas fizessem sentido. Ele achava deplorável a falta de tabaco e considerava os “Estrangeiros” gente muito perigosa; porém era óbvio que o principal era comer e beber tanto quanto

fosse possível, enquanto aquelas condições perdurassem. E aos poucos Mark acertou o passo com ele. O hálito do homem e seu corpo eram malcheirosos; e seus métodos para comer eram grosseiros. Entretanto, o tipo de piquenique constante que os dois compartilhavam levou Mark de volta ao universo da infância, que todos nós apreciamos antes que as boas maneiras começassem. Cada um talvez entendesse um oitavo do que o outro dizia, mas surgiu entre eles uma espécie de intimidade. Só anos mais tarde foi que Mark percebeu que ali, onde não havia espaço para a vaidade, nem maior poder ou segurança que a de “crianças brincando na cozinha de um gigante”, sem se dar conta, ele tinha se tornado membro de um “círculo”, mais secreto e mais fortemente protegido contra intrusos que qualquer um que havia imaginado.

De quando em quando, seu *tête-à-tête* era interrompido. Frost, Wither ou ambos entravam para apresentar algum estranho que se dirigia ao vagabundo num idioma desconhecido, não conseguia obter a menor resposta e era levado novamente dali. O hábito do vagabundo de se submeter ao ininteligível, associado a um tipo de esperteza animal, demonstrava seu valor durante essas entrevistas. Mesmo sem o conselho de Mark, nunca lhe ocorreu desfazer o engano de seus captores respondendo em inglês. Desfazer enganos era uma atividade totalmente estranha à sua mente. Quanto ao resto, sua expressão de indiferença tranquila, variada vez por outra por olhares extremamente penetrantes, mas nunca pelo menor sinal de ansiedade ou confusão, desorientava seus interrogadores. Wither jamais conseguiu encontrar naquele rosto o mal pelo qual estava procurando; no entanto tampouco conseguiu encontrar ali qualquer virtude que para ele teria sido sinal de perigo. O vagabundo era um tipo de homem que ele nunca conhecera. O trouxa, a vítima aterrorizada, o puxa-saco, o possível cúmplice, o rival, o homem honesto com o ódio e a fúria nos olhos, todos eram familiares para ele. Mas não aquilo.

E então, um dia, houve uma entrevista que foi diferente.



– Parece bastante com um quadro mitológico de Ticiano que ganhou vida – disse o diretor com um sorriso, quando Jane acabou de descrever sua experiência no pavilhão.

– É, mas... – disse Jane; e então parou. – Entendi – recomeçou ela –, era muito parecido. Não só a mulher e os... os anões... mas o fulgor. Como se o ar

estivesse em chamas. Mas eu sempre achei que gostava de Ticiano. Imagino que no fundo eu não estivesse levando os quadros suficientemente a sério. Só tagarelando sobre o “Renascimento”, como se fazia.

– Você não gostou quando o quadro surgiu na vida real?

Jane fez que não.

– Será que era real, senhor? – perguntou ela, depois de algum tempo. – Existe esse tipo de coisa?

– Sim – disse o diretor –, era bastante real. Ah, existem milhares de coisas nestes quase três quilômetros quadrados que eu ainda desconheço. E eu diria que a presença de Merlinus faz surgir determinadas coisas. Não estamos vivendo *exatamente* no século XX, enquanto ele estiver por aqui. Ocorre uma pequena sobreposição; a visão fica desfocada. E você mesma... você é uma vidente. Talvez você estivesse destinada a conhecê-la. Ela é o que você vai ter, se não aceitar a outra.

– Como assim, senhor? – perguntou Jane.

– Você disse que ela era um pouco parecida com Mamãe Dimble. E é mesmo. Mas Mamãe Dimble, com alguma coisa faltando. Mamãe Dimble tem intimidade com todo esse mundo, como Merlinus tem intimidade com os bosques e os rios. Só que ele mesmo não é um bosque, nem um rio. Mamãe Dimble não o rejeitou, mas o batizou. Ela é uma esposa cristã. E você sabe que você não é. Você também não é uma virgem. Você se colocou num lugar onde é necessário que conheça aquela Velha; e você rejeitou tudo o que aconteceu a ela desde que Maleldil veio à Terra. Por isso você a recebe crua... não mais forte do que Mamãe Dimble a encontraria, porém inalterada, demoníaca. E você não gosta. Essa não vem sendo a história da sua vida?

– O senhor quer dizer – perguntou Jane, falando devagar – que andei reprimindo alguma coisa?

O diretor riu; simplesmente aquele riso alto, confiante, de solteirão, que muitas vezes a tinha enfurecido em outros lábios.

– Andou – disse ele. – Mas não pense que estou me referindo a repressões freudianas. Ele conhecia somente parte dos fatos. Não se trata de inibições... vergonha inculcada... diante do desejo natural. Receio que não haja um canto no mundo para pessoas que se recusem a ser pagãs ou cristãs. É só imaginar um homem que fosse educado demais para comer com os dedos e, ainda assim, se recusasse a usar garfos!

Mais do que suas palavras, sua risada deixou vermelho o rosto de Jane, e ela

olhava fixamente para ele, boquiaberta. Sem a menor dúvida, o diretor não era nem um pouco parecido com Mamãe Dimble. Mas uma conscientização detestável de que ele, naquela questão, estava do lado de Mamãe Dimble – de que ele também, embora não pertencesse àquele mundo arcaico, de cores quentes, estava de algum modo em boas relações diplomáticas com ele, relações das quais ela estava excluída – a atingiu como um raio. Algum antigo sonho feminino de encontrar um homem que “realmente entendesse” estava sendo insultado. Meio inconscientemente, ela aceitava como líquido e certo que o diretor era a criatura mais virginal do seu sexo; todavia ela não tinha percebido que isso ainda deixaria sua masculinidade na outra margem do rio, em relação a ela, e que sua masculinidade seria ainda mais profunda, mais enfática, que a dos homens comuns. Algum conhecimento de um mundo para além da Natureza, ela já tinha adquirido por morar na casa dele; e mais pelo medo da morte naquela noite na grota. Contudo ela vinha concebendo aquele mundo como “espiritual” no sentido negativo – como algum vácuo neutro ou democrático, em que as diferenças desapareciam, em que o sexo e os sentidos, em vez de transcendidos, eram tão somente excluídos. Agora começava a lhe ocorrer a suspeita de que pudesse haver diferenças e contrastes em toda a escalada, mais ricos, mais aguçados, até mesmo mais ferozes, a cada degrau da subida. E se aquela invasão do seu próprio ser no casamento, da qual ela recuara com aversão, muitas vezes a despeito do instinto, não fosse, como tinha suposto, mero resquício da vida animal ou da barbárie patriarcal, e, sim, a forma inicial, a mais baixa e a mais fácil de algum contato chocante com a realidade, que teria de ser repetido – em modalidades cada vez maiores e mais perturbadoras – nos níveis mais elevados de todos?

– Sim – disse o diretor. – Não há como escapar. Se fosse uma rejeição virginal ao macho, ele permitiria. Há criaturas que conseguem se desviar do macho e avançar para encontrar algo muito mais masculino, mais à frente, diante do qual precisarão se render de modo ainda mais profundo. Mas seu problema tem sido o que os antigos poetas chamavam de *Daungier*. Nós o chamamos de Orgulho. Você se sente ofendida pelo masculino em si: a coisa possessiva, invasora, ruidosa... o leão de ouro, o touro barbudo... que arrebeta sebes e destroça seu pequeno reino metódico, como os anões destroçaram a cama feita com cuidado. Ao macho, você poderia ter escapado, pois ele existe somente no nível biológico. Mas ao masculino nenhum de nós pode escapar. O que está acima e para além de todas as coisas é tão masculino que todos nós somos femininos em comparação. Seria melhor você entrar logo em acordo

com seu adversário.

– Quer dizer que terei de me tornar cristã? – disse Jane.

– Parece que sim – respondeu o diretor.

– Mas... ainda não entendo o que isso tem que ver com... com Mark – disse Jane. Talvez essa não fosse a perfeita verdade. A visão do universo que ela começara a ver nos últimos minutos tinha um aspecto curiosamente tempestuoso. Era brilhante, veloz e irresistível. Imagens de olhos e rodas do Antigo Testamento pela primeira vez na sua vida assumiam alguma possibilidade de significado. E associada a isso havia a noção de que tinha sido manobrada para ocupar uma posição falsa. Ela é que deveria estar dizendo essas coisas aos cristãos. O dela deveria ter sido o mundo cheio de vida e perigos, a ser comparado com o mundo formalizado e cinzento deles; dela, os movimentos céleres, enérgicos; e deles, as atitudes presas em vitrais. Era essa a antítese à qual estava acostumada. Dessa vez, num lampejo de púrpura e carmim, ela se lembrou de como eram realmente os vitrais. E onde Mark se situava em todo aquele mundo novo, ela não sabia. Decerto não exatamente no lugar antigo. Algo que ela gostava de considerar o oposto de Mark tinha sido excluído. Algo civilizado, moderno, acadêmico ou (mais recentemente) “espiritual” que não queria possuí-la, que a valorizava pela estranha coleção de qualidades que ela chamava de “si mesma”, algo sem mãos que agarrassem e sem exigências a lhe fazer. Mas e se não existisse coisa semelhante? Para ganhar tempo, ela fez uma pergunta: – Quem era aquela Mulher Enorme?

– Não tenho certeza – disse o diretor. – Mas acho que tenho um palpite. Você sabia que todos os planetas são representados em cada um?

– Não, senhor. Eu não sabia.

– Parece que são. Não existe um Oyarsa nos Céus que não tenha seu representante na Terra. E não existe mundo algum onde não se possa encontrar um pequeno parceiro não decaído do nosso próprio Arconte das trevas, uma espécie de outro eu. É por isso que existe um Saturno italiano, tanto quanto um dos Céus; e um Zeus cretense tanto quanto um olímpico. Eram esses espectros das altas inteligências que os homens conheciam nos tempos remotos, quando afirmavam ter visto os deuses. Era com eles que um homem como Merlin (às vezes) tinha contato. Nada que estivesse para lá da Lua jamais chegou a descer. O que lhe interessa mais, existe uma Vênus terrestre, assim como uma Vênus celestial: o espectro de Perelandra, bem como Perelandra em si.

– E o senhor acha...?

– Acho. Há muito tempo sei que esta casa está sob profunda influência dela. Há até mesmo cobre no solo. Além disso, a Vênus terrestre estará muito ativa aqui no momento. Será hoje à noite que seu arquétipo celeste descerá realmente.

– Eu tinha me esquecido – disse Jane.

– Você não se esquecerá depois que acontecer. É melhor que todos vocês permaneçam juntos. Talvez na cozinha. Não venham aqui para cima. Nesta noite conduzirei Merlin diante de meus Senhores, todos os cinco: Viritriblia, Perelandra, Malacandra, Glund e Lurga. Ele será aberto. Poderes passarão para ele.

– E o que ele vai fazer, senhor?

O diretor deu uma risada.

– O primeiro passo é fácil. Os inimigos em Belbury já estão procurando especialistas em dialetos ocidentais arcaicos, preferivelmente celtas. Nós lhes mandaremos um intérprete! Sim, pela glória de Cristo, nós lhes mandaremos um. “Sobre eles, Ele, um espírito de fúria, enviou para clamar às pressas por seu destruidor.” Eles puseram anúncios nos jornais em busca de um! E, depois do primeiro passo..., bem, você sabe, vai ser fácil. Na luta contra aqueles que servem a demônios sempre temos isso do nosso lado. Seus Senhores os odeiam tanto quanto odeiam a nós. No momento em que incapacitarmos seus peões humanos, o suficiente para torná-los inúteis para o Inferno, seus Senhores terminarão o trabalho por nós. Eles destruirão seus instrumentos.

Houve uma batida súbita na porta, e Grace Ironwood entrou.

– Ivy voltou, senhor – disse ela. – Creio que o senhor deveria vê-la. Não. Ela veio só. Nem chegou a ver o marido. A pena foi cumprida, mas eles não o soltaram. Ele foi enviado para Belbury para tratamento corretivo. Segundo uma regulamentação nova. Parece que não se exige uma sentença de tribunal... mas ela não está falando com coerência. Está muito transtornada.



Jane tinha ido para o jardim para pensar. Aceitava o que o diretor dissera, mas para ela não fazia sentido. A comparação que ele fizera entre o amor de Marke o de Deus (já que parecia que existia um Deus) pareceu uma indecência e uma irreverência à sua espiritualidade incipiente. A “religião” deveria representar um universo em que seu constante medo feminino de ser tratada como uma coisa, um objeto de troca, de desejo e posse, seria tranquilizado para



sempre, e o que ela chamava de seu “verdadeiro eu” alçaria voo e se expandiria em algum mundo mais livre e mais puro. Ela ainda acreditava que a “religião” era uma espécie de exalação ou uma nuvem de incenso, algo que emanava como vapor de almas especialmente dotadas, na direção de um Céu receptivo. E então, com muita nitidez, ocorreu-lhe que o diretor nunca falava de religião. Nem os Dimbles, nem Camilla. Eles falavam de Deus. Na mente deles não havia nenhuma imagem de alguma névoa que subia como um vapor: mas sim de mãos fortes e hábeis que se arremessavam para criar e consertar, talvez até mesmo para destruir. E se, afinal de contas, cada um de nós fosse uma *coisa* – uma coisa projetada e inventada por Outro Alguém, valorizada por qualidades totalmente diferentes das que tivéssemos decidido considerar nosso verdadeiro eu? E se todas aquelas pessoas que, desde os tios solteirões até Mark e Mamãe Dimple, irritantemente a consideravam meiga e tenra, quando ela queria que eles também a achassem interessante e importante, estivessem o tempo todo com a razão e tivessem percebido o tipo de coisa que ela era? E se Maleldil a respeito desse assunto concordasse com essas pessoas e não com ela? Por um instante, Jane teve uma visão ridícula e contundente de um mundo em que o Próprio Deus jamais compreenderia, jamais a levaria totalmente a sério. E então, num ponto do canteiro de groselhas, ocorreu a mudança.

O que a aguardava ali era sério a ponto de provocar tristeza e mais além. Não havia forma nem som. A terra preta por baixo dos arbustos, o musgo no caminho e a pequena borda de tijolos não estavam visivelmente alterados. Mas estavam. Uma fronteira tinha sido cruzada. Jane havia entrado num mundo, numa Pessoa ou na presença de uma Pessoa. Algo que aguardava, paciente, inexorável, encontrou-a sem véu, nem proteção alguma. Na proximidade desse contato, ela percebeu de imediato que as palavras do diretor foram totalmente enganosas. Aquela exigência que agora fazia pressão sobre ela não era, nem mesmo por analogia, semelhante a nenhuma outra exigência. Era a origem de todas as exigências corretas e as continha em si. À sua luz, era possível entendê-las; mas, a partir delas, não se podia saber nada a seu respeito. Não havia nada, nem nunca houvera nada semelhante. E agora não havia nada a não ser aquilo. No entanto, também tudo tinha sido como aquilo. Somente por ser como aquilo é que qualquer coisa existia. Naquela altura, profundidade e largura, a pequena ideia de si mesma que até então ela chamava de *eu* caiu e desapareceu, sem esvoaçar, num abismo insondável, como uma ave num espaço sem ar. A palavra *eu* designava um ser de cuja existência ela jamais havia suspeitado, um ser que ainda não existia inteiramente, mas que era exigido. Era uma pessoa (não a que

ela tinha imaginado) e ao mesmo tempo uma coisa, uma coisa criada, feita para agradar Outro e n'Ele agradar todos os outros, uma coisa criada naquele momento exato, sem sua escolha, numa forma que ela nunca imaginara. E a criação ocorria em meio a uma espécie de esplendor ou dor, ou ambos; e ela não saberia dizer se isso se encontrava nas mãos que moldavam ou na massa sovada.

As palavras demoram demais. Estar consciente de tudo isso e perceber que tudo já tinha terminado compuseram uma única experiência. Tudo se revelou somente com sua partida. A coisa mais importante que jamais tinha lhe acontecido parecia ter encontrado espaço para si num momento breve demais para chegar a ser chamado de tempo. Sua mão tentou agarrar um nada, a não ser uma lembrança. E, quando ela se fechou, sem um instante de pausa, as vozes dos que não têm alegria se ergueram uivando e tagarelado de todos os cantos do seu ser.

“Cuidado. Afaste-se. Fique calma. Não se comprometa”, diziam elas. E então, mais sutis, de outra parte: “Você acabou de ter uma experiência religiosa. Isso é muito interessante. Nem todo o mundo tem. Você agora vai entender muito melhor os poetas do século XVII!” Ou, de uma terceira direção, com maior brandura, “Vá em frente. Tente conseguir isso de novo. Vai agradar o diretor.”

Mas suas defesas tinham sido capturadas, e esses contra-ataques não tiveram êxito.



### A descida dos deuses

A casa inteira em St. Anne's estava vazia, a não ser por dois aposentos. Na cozinha, aglomerados um pouco mais próximos do que de costume em torno da lareira e com as venezianas fechadas, estavam sentados Dimble, MacPhee e Denniston, bem como as mulheres. Afastados deles por um longo vazio de escadas e corredores, o Líder Supremo e Merlin estavam juntos na Sala Azul.

Se alguém tivesse subido a escada e chegado ao saguão diante da Sala Azul, teria encontrado outra coisa diferente do medo a impedir seu avanço: uma resistência quase física. Se tivesse conseguido abrir caminho à força contra aquela barreira, teria penetrado numa região de sons tilintantes que nitidamente não eram vozes, embora possuissem articulação; e se o corredor estivesse totalmente escuro, era provável que tivesse visto uma luz discreta, não como o fogo ou a Lua, por baixo da porta do diretor. Creio que não teria podido chegar à porta em si, sem ser convidado. A casa inteira já lhe teria parecido inclinada e adernando como um navio numa tempestade na baía de Biscaia. Ele teria se sentido horrivelmente forçado a perceber esta Terra não como o piso do Universo, e sim como uma bola girando e rolando para a frente, os dois movimentos a uma velocidade delirante; e não através do vazio, mas através de algum meio densamente habitado e de estrutura intrincada. Teria sabido em termos sensoriais, até que seus sentidos maltratados o abandonassem, que os visitantes naquela sala estavam nela, não porque estivessem em repouso, mas porque giravam e se movimentavam obliquamente através da realidade apinhada dos Céus (que os homens chamam de espaço vazio), para manter seus raios exatamente naquele ponto da casca da Terra em movimento.

O druida e Ransom se puseram a esperar por esses visitantes pouco depois do pôr do sol. Ransom estava no seu sofá. Merlin, sentado ao seu lado, com as mãos entrelaçadas, o corpo um pouco curvado para a frente. De tempo em tempo, uma gota de suor escorria gelada por sua face cinzenta. De início ele tinha se preparado para se ajoelhar, mas Ransom o proibiu.

– Trate de não fazer isso! – dissera ele. – Está esquecido de que eles são servos como nós? – As janelas estavam sem cortinas, e toda a luz que havia na

sala vinha dali: um vermelho baço quando eles começaram a espera, porém mais tarde iluminado com estrelas.

Muito antes de qualquer coisa acontecer na Sala Azul, o grupo na cozinha já havia preparado o chá das dez horas. Foi enquanto eles estavam sentados tomando o chá que a mudança ocorreu. Até então, eles vinham instintivamente conversando em voz baixa, como crianças conversam numa sala, onde os mais velhos estão ocupados com alguma questão solene e incompreensível, um funeral ou a leitura de um testamento. De repente todos começaram a falar alto de uma vez, cada um interrompendo os outros, não em tom de rixa, e sim com prazer. Um desconhecido que entrasse na cozinha teria pensado que estavam todos bêbados, não embrutecidos mas alegremente embriagados; teria visto as cabeças próximas, os olhos dançando, uma riqueza de gestos empolgados. O que eles diziam, nenhum dos ali reunidos conseguiu se lembrar depois. Dimble insistia que eles se dedicaram principalmente a fazer trocadilhos. MacPhee negou que ele tivesse jamais, nem mesmo naquela noite, feito um trocadilho; mas todos concordaram que tinham sido extraordinariamente espirituosos. Se não foram jogos de palavras, decerto foram de ideias, paradoxos, fantasias, anedotas, teorias propostas com risos e, no entanto (pensando bem), dignas de serem levadas a sério, que jorraram deles e por cima deles com prodigalidade deslumbrante. Até mesmo Ivy se esqueceu da sua grande dor. Mamãe Dimble sempre se lembrou de Denniston e do marido, ali parados, um de cada lado da lareira, num jovial duelo intelectual, cada um superando o outro, cada um se elevando acima do outro, mais alto e mais alto, como aves ou aviões em combate. Se ao menos fosse possível lembrar o que eles disseram! Pois nunca na vida ela ouvira uma conversa daquelas – tanta eloquência, tanta melodia (não teria ficado devendo nada à música), tantas estruturas desmoronando sobrecarregadas de duplo significado, tantos voos vertiginosos de metáfora e alusão.

Um instante depois, todos se calaram. Caiu uma calma, tão súbita como quando se consegue escapar do vento por trás de um muro. Eles ficaram olhando uns para os outros, cansados e um pouco constrangidos.

No andar superior, a primeira mudança teve um efeito diferente. Veio um instante em que os dois homens se prepararam. Ransom agarrou-se ao lado do sofá. Merlin abraçou os próprios joelhos e cerrou os dentes. Um raio de luz colorida, cuja cor nenhum homem pode identificar ou imaginar, disparou entre eles: nada mais para ver do que isso, mas a visão era a menor parte da sua experiência. Uma agitação rápida abateu-se sobre eles: uma espécie de fervilhar

e borbulhar na mente e no coração, que abalou também seus corpos. Ela chegou a um ritmo de velocidade tão feroz que os dois homens temeram que sua sanidade fosse destruída em mil fragmentos. E então parecia que isso já tinha de fato acontecido. Mas não importava, pois todos os fragmentos – os desejos intensos, divertimentos animados, pensamentos de olhos de lince – rolavam para lá e para cá como gotas cintilantes e voltavam a se unir. Foi bom que ambos tivessem algum conhecimento de poesia. A duplicação, divisão e recombinação de pensamentos que agora ocorriam neles teriam sido insuportáveis para alguém que aquela arte ainda não tivesse instruído no contraponto da mente, no domínio da visão dupla ou tripla. Para Ransom, cujo estudo durante muitos anos se concentrara no reino das palavras, era um prazer celestial. Ele se descobriu sentado no centro da linguagem, na fornalha incandescente da fala essencial. Todos os fatos estavam partidos, despejados em cataratas, apanhados, virados pelo avesso, amassados, abatidos e renascidos como significado. O senhor do Significado, o arauto, o mensageiro, o matador de Argus, estava com eles; o anjo que gira mais perto do Sol. Viritribia, que os homens chamam de Mercúrio e Thoth.

Lá embaixo na cozinha, a sonolência se abateu sobre eles depois que aquela orgia da fala havia chegado ao fim. Jane, tendo quase adormecido, levou um susto quando o livro caiu da sua mão, e olhou ao seu redor. Como estava agradável... como estava confortável e familiar. Ela sempre gostara de fogos de lenha, mas naquela noite o cheiro das toras parecia mais doce do que o comum. Ela começou a achar que estava mais doce do que seria possível, que o aposento estava impregnado por um cheiro de incenso ou de cedro queimando. E ficou mais denso. Nomes de fragrâncias pairavam na sua mente: cheiros suaves de nardo e cássia; e perfumes de toda a Arábia emanando de uma caixa; até mesmo alguma coisa de uma doçura mais sutil, talvez enlouquecedora... por que não proibida?... mas ela sabia que era algo exigido. Estava sonolenta demais para pensar profundamente em como isso poderia ser. Os Dimbles estavam conversando juntos, porém numa voz tão baixa que os outros não conseguiam ouvir. Os rostos pareciam transfigurados aos seus olhos. Ela já não os via velhos – apenas maduros, como campos prontos para a colheita em agosto, serenos e dourados com a tranquilidade do desejo saciado. Do outro lado, Arthur disse alguma coisa no ouvido de Camilla. Ali também... mas, à medida que o calor e o encanto daquela atmosfera rica dominavam totalmente seu cérebro, ela mal conseguia suportar olhar para os dois. Não por inveja (esse pensamento estava muito distante), e sim porque uma espécie de fulgor emanava deles e a ofuscava,

como se o deus e a deusa neles ardessem através de seus corpos e através de suas roupas e brilhassem diante dela numa jovem nudez dupla de espírito vermelho como rosas, que a dominava. E em toda a sua volta dançavam (como ela agora via parcialmente), não os anões grotescos e ridículos que vira naquela tarde, mas espíritos graves e ardentes, de asas luminosas, com formas de menino lisas e esbeltas como colunas de marfim.

Também na Sala Azul, por volta dessa hora, Ransom e Merlin perceberam que a temperatura tinha aumentado. As janelas, eles não viram como nem quando haviam se escancarado. Quando se abriram, a temperatura não caiu, pois era de fora que vinha o calor. Pelos galhos nus, atravessando o chão que mais uma vez se enrijecia com a geada, uma brisa de verão invadiu a sala, mas era a brisa de um verão como a Inglaterra nunca tem. Carregada como balsas repletas que deslizam na água, quase com a amurada encoberta, tão carregada que seria de pensar que ela não conseguiria se movimentar, pesada com fragrâncias sufocantes de flores noturnas, resinas pegajosas, arvoredos que deixam cair odores e com o sabor fresco de frutos da meia-noite, ela agitou as cortinas, levantou uma carta que estava numa mesa, ergueu um cabelo que um momento antes estava grudado na testa de Merlin. A sala balançava. Eles estavam flutuando. Um tremor suave, tilintante, como o de espuma e bolhas se arrebetando, percorreu sua carne. Lágrimas escorreram pelo rosto de Ransom. Só ele sabia de que mares e ilhas aquela brisa soprava. Merlin não sabia; mas nele também o ferimento inconsolável com o qual nasce o homem despertou e doeu com aquele toque. Sílabas graves de autocomiseração celta pré-histórica saíam dos seus lábios em murmúrio. Esses anseios e carícias eram, porém, apenas os precursores da deusa. À medida que a totalidade do seu poder atingia, focalizava e detinha no seu longo raio aquele ponto da Terra em rotação, alguma coisa mais dura, mais estridente, de um êxtase mais perigoso, surgiu do centro de toda a doçura. Os dois humanos tremeram: Merlin porque não sabia o que estava por vir, Ransom porque sabia. E agora estava chegando. Era mais veloz que a luz, incandescente, afiada, brilhante e implacável, pronta para matar, pronta para morrer: era a Caridade, não como os mortais a imaginam, nem mesmo como foi humanizada para eles desde a Encarnação do Verbo, mas a virtude supralunar, que caía sobre eles direto do Terceiro Firmamento, não atenuada. Eles foram ofuscados, chamuscados, ensurdecidos. Acharam que ela queimaria seus ossos. Não podiam suportar que ela continuasse. Não podiam suportar que ela cessasse. Assim, Perelandra, triunfal entre os planetas, que os homens chamam de Vênus, chegou para ficar com eles na sala.

Lá embaixo, na cozinha, MacPhee afastou de repente a cadeira, de tal modo que ela arranhou o piso ladrilhado, como um lápis riscando uma lousa.

– Ora! – exclamou ele. – É uma vergonha ficarmos aqui sentados, olhando para a lareira. Se o próprio diretor não mancasse de uma perna, aposto que ele teria descoberto alguma outra forma para nós colaborarmos. – Os olhos de Camilla chispavam na direção dele.

– Prossiga! – disse ela. – Prossiga!

– O que você está querendo dizer, MacPhee? – perguntou Dimble.

– Ele se refere a lutar – disse Camilla.

– Eles são numerosos demais para nós, receio – disse Arthur Denniston.

– Pode ser que sim! – disse MacPhee. – Mas pode ser que sejam numerosos demais para nós também desse jeito. Só que seria formidável ter a oportunidade de atacá-los uma vez que fosse, antes do final. Para dizer a verdade, eu às vezes sinto que não me importo muito com o que vai acontecer. Mas eu não descansaria em paz, se soubesse que eles venceram sem que eu pusesse as mãos neles. Gostaria de ser capaz de dizer, como um velho sargento me disse na Primeira Guerra, a respeito de um pequeno ataque-surpresa que fizemos perto de Monchy. Nossos companheiros fizeram tudo com a coronha da arma, sabe? “O senhor”, perguntou ele, “alguma vez na vida ouviu alguma coisa semelhante ao barulho dos crânios sendo quebrados?”

– Acho isso repugnante – disse Mamãe Dimble.

– Essa parte é, acho – disse Camilla. – Mas... ah, se pudéssemos ter uma investida à moda antiga... Não me importo com nada, desde que eu esteja a cavalo.

– Eu não entendo – disse Dimble. – Não sou como você, MacPhee. Não sou valente. Mas, enquanto você falava, eu estava mesmo pensando que não sinto medo de ser morto e ferido como costumava sentir. Não nesta noite.

– E suponho que isso possa acontecer – disse Jane.

– Desde que estejamos todos juntos – disse Mamãe Dimble. – Poderia ser... não, não estou me referindo a nada heroico... seria um jeito *bom* de morrer. – E de repente todos os rostos e vozes estavam mudados. Eles voltaram a rir, mas era um riso de um tipo diferente. Seu amor uns pelos outros tornou-se mais intenso. Cada um, contemplando todos os demais, pensava: “Que sorte estar aqui. Eu poderia morrer com esse pessoal.” Mas MacPhee estava cantarolando consigo mesmo:

*O Rei William disse: Não desanimem, com a perda de um comandante.*

No andar superior, de início, foi muito parecido. Na lembrança, Merlin viu o capim de inverno de Badon Hill, o longo estandarte da Virgem esvoaçando acima das pesadas armaduras de escamas britânico-romanas, os bárbaros de cabelo louro. Ouvia o estalo dos arcos, o *clique-clique* das pontas de aço em escudos de madeira, os vivas, os uivos e o retinir de cotas de malha atingidas. Ele também se lembrou do anoitecer, fogueiras cintilando ao longo do monte, o frio fazendo arder os cortes, a luz das estrelas numa poça suja de sangue, águias reunindo-se no céu pálido. E talvez Ransom tenha se lembrado da sua longa luta nas cavernas de Perelandra. Mas tudo isso passou. Alguma coisa estimulante, vigorosa e animadoramente fresca, como uma brisa do mar, estava se apossando deles. Não havia medo em parte alguma: o sangue dentro deles fluía como que ao acompanhamento de uma música de marcha. Eles se sentiam ocupando seu lugar no ritmo ordenado do universo, lado a lado com estações pontuais, átomos organizados e os serafins obedientes. Sob o peso imenso da sua obediência, suas vontades se erguiam verticais e incansáveis como cariátides. Aliviados de toda a volubilidade e todos os protestos, eles estavam ali: alegres, leves, ágeis e alertas. Eles tinham sobrevivido a todas as ansiedades; preocupação era uma palavra sem sentido. Viver significava participar daquela pompa processional. Ransom conheceu, como um homem conhece, quando toca em ferro, o esplendor claro, tenso, daquele espírito celestial que lampejava entre eles: o vigilante Malacandra, capitão de um orbe gelado, que os homens chamam de Marte, Mavors e Tyr, que põe a mão na boca do lobo. Ransom cumprimentou seus convidados na língua dos Céus. Mas avisou a Merlin que estava chegando a hora em que ele deveria ser homem. Os três deuses que já se encontravam na Sala Azul eram menos diferentes da humanidade do que os dois que eles ainda aguardavam. Em Viritribia, Vênus e Malacandra estavam representados dois dos Sete Gêneros que demonstram certa analogia com os sexos biológicos e podem, portanto, até determinado ponto, ser compreendidos pelos homens. Seria diferente com aqueles que estavam se preparando para descer, os quais também tinham seus gêneros, mas nós não temos a menor pista a seu respeito. Aquelas seriam energias mais poderosas: *eldila* antigos, timoneiros de mundos gigantescos que, desde os primórdios, jamais foram submetidos às doces humilhações da vida orgânica.

– Atice o fogo, Denniston, por favor. A noite está fria – disse MacPhee.



– Deve estar frio lá fora – disse Dimble.

Todos pensaram nisto: capim duro, poleiros de galinhas, locais escuros no meio de bosques, sepulturas. Pensaram na morte do Sol, com a Terra apanhada, sufocada, num frio sem ar, o céu negro iluminado apenas pelas estrelas. E então nem mesmo estrelas: a morte do calor do universo, o negrume final e completo de inexistência do qual a Natureza não sabe como voltar. Outra vida?

“Possivelmente”, pensou MacPhee. “Creio”, pensou Denniston. Contudo, com o desaparecimento da vida antiga, também desapareceram todos os seus tempos, todas as suas horas e dias. Será que até mesmo a Onipotência pode *trazer de volta*? Para onde vão os anos, e por quê? O homem nunca entenderia. A apreensão se aprofundou. Talvez não houvesse nada a compreender.

Saturno, cujo nome nos céus é Lurga, estava na Sala Azul. Seu espírito se abatia sobre a casa, ou mesmo sobre a Terra inteira, com tamanha pressão gelada que poderia achatar o globo terrestre à dimensão de uma hóstia. Em comparação com o peso plúmbeo da sua antiguidade, os outros deuses talvez se sentissem jovens e efêmeros. Era uma montanha de séculos que se erguia a partir da antiguidade mais remota que podemos conceber, para cima e mais para cima, como uma montanha cujo cume nunca se torna visível, não até a eternidade, quando o pensamento pode descansar, mas enveredando por ainda mais tempo, penetrando em desolações enregelantes e no silêncio de números inomináveis. Era também forte como uma montanha; sua idade não era um mero atoleiro de tempo onde a imaginação pode se afundar em devaneios, e sim uma duração viva, de lembrança própria, que repele da sua estrutura inteligências mais leves como o granito lança as ondas de volta, ficando ele próprio imune ao emurchecimento e à decomposição, mas capaz de fazer murchar quem quer que se aproxime dele, desavisado. Ransom e Merlin sofreram uma sensação de um frio insuportável; e tudo o que era força em Lurga se tornou tristeza ao entrar neles. Entretanto, naquela sala Lurga foi superado. De repente, chegou um espírito maior – um cuja influência temperou e quase transformou na sua própria qualidade o talento do saltitante Mercúrio, a clareza de Marte, a vibração mais sutil de Vênus e até mesmo o peso entorpecedor de Saturno.

Na cozinha, sua chegada foi sentida. Depois, ninguém soube como aconteceu, porém de algum modo a chaleira foi posta no fogo e o grogue quente foi preparado. Arthur – o único músico entre eles – foi convidado a apanhar sua rabeça. Afastaram-se as cadeiras; o chão ficou desimpedido. Eles dançaram. O que dançaram, ninguém conseguiu se lembrar. Era alguma dança de roda,

nenhum arrasta-pé moderno: ela envolvia sapateados, palmas, pulos para o alto. E, enquanto durou, ninguém considerou ridículos seus companheiros ou a si mesmo. Pode na realidade ter sido alguma dança de aldeia, não inadequada à cozinha ladrilhada. Mas o espírito com que eles a dançaram não era desse gênero. Parecia a cada um que o cômodo estava repleto de reis e rainhas, que a impetuosidade da dança exprimia uma energia heroica e seus movimentos mais tranquilos tinham captado o espírito subjacente a todas as cerimônias nobres.

No andar superior, seu raio poderoso transformou a Sala Azul num esplendor de luzes. Diante dos outros anjos, um homem poderia afundar: diante daquele, ele poderia morrer; mas, se chegasse a sobreviver, riria. Quem tivesse recebido um sopro do ar que emanava dele teria se sentido mais alto que antes. Embora fosse um aleijado, seu jeito de andar teria sido majestoso. Embora fosse um mendigo, teria usado seus trajes com ar nobre. Majestade, poder e pompa e cortesia festivas disparavam dele como centelhas voam de uma bigorna. O repicar de sinos, o toque de trombetas, a exposição de estandartes, são meios usados na Terra para criar um leve símbolo da sua qualidade. Era como uma longa onda ensolarada, com a crista espumosa e o arco em esmeralda, que se aproxima a quase três metros de altura, com estrondo, terror e um riso irrefreável. Era como os primeiros acordes de música nos salões de algum rei tão excelso e em alguma festividade tão solene que um tremor semelhante ao medo percorre os corações jovens ao ouvi-los. Pois aquele era o grande Glund-Oyarsa, Rei dos Reis, através de quem a alegria da criação percorre principalmente os campos de Arbol, conhecido dos homens nos tempos antigos como Jove e, com esse nome, por um equívoco fatal mas não inexplicável, confundido com seu Criador – tão pouco imaginavam aqueles homens o quanto a escada do ser criado se ergue acima dele.

À sua chegada houve festa na Sala Azul. Os dois mortais, apanhados momentaneamente no *Glória* que aquelas cinco excelentes Naturezas não param de cantar, se esqueceram por um tempo da finalidade inferior e mais imediata da reunião. Eles então passaram a atuar. Merlin recebeu dentro de si o poder.

No dia seguinte ele estava diferente. Em parte, porque sua barba tinha sido raspada; mas também porque já não era dono do próprio nariz. Ninguém duvidava de que estivesse próxima sua separação definitiva do corpo. Mais tarde naquele dia, MacPhee levou-o de carro e o deixou na vizinhança de Belbury.



Naquele dia, Mark estava cochilando no quarto do vagabundo, quando se espantou e foi levado de repente a se recompor, pela chegada de visitas. Frost entrou primeiro e segurou a porta aberta. Mais duas pessoas o acompanhavam. Uma era o vice-diretor; a outra era um homem que Mark nunca tinha visto.

Essa pessoa estava trajada numa batina desbotada e trazia na mão um chapéu preto de abas largas, semelhante ao que os padres usam em muitas regiões do continente europeu. Era um homem muito grande, e talvez a batina o fizesse parecer maior. Estava com a barba feita, revelando um rosto grande com dobras pesadas e complicadas, e caminhava com a cabeça um pouco baixa. Mark concluiu que ele era uma criatura simples, provavelmente um membro obscuro de alguma ordem religiosa, que por acaso era autoridade em alguma língua ainda mais obscura. E para Mark era enfiador vê-lo parado entre aquelas duas aves de rapina: Wither, efusivo e lisonjeiro à sua direita; e Frost, à sua esquerda, rígido como uma vara, esperando com atenção científica, mas também, como Mark conseguia ver, com certo desprezo frio, pelo resultado da nova experiência.

Wither falou com o desconhecido por alguns instantes numa língua que Mark não conseguiu acompanhar, mas que reconheceu como o latim. “Um padre, obviamente”, pensou ele. “Mas eu me pergunto: de onde? Wither conhece a maioria das línguas comuns. Será que o velhote era grego? Não tem aparência de levantino. É mais provável que seja russo.” Àquela altura, porém, algo distraiu a atenção de Mark. O vagabundo, que fechou os olhos ao ouvir a maçaneta da porta girar, de repente os abriu, viu o desconhecido e os fechou com mais força do que antes. Depois disso, seu comportamento tornou-se peculiar. Ele começou a emitir uma série de roncões muito exagerados e deu as costas aos presentes. O desconhecido deu um passo mais para perto da cama e pronunciou duas sílabas em voz baixa. Por um segundo ou dois, o vagabundo permaneceu deitado como estava, no entanto pareceu ser atingido por uma crise de calafrios; então, devagar, mas com um movimento contínuo, como quando a proa de uma embarcação descreve uma curva em obediência ao leme, ele rolou na cama e ficou olhando fixo para cima, direto para o rosto do outro. Tanto sua boca como seus olhos estavam muito abertos. A partir de certos movimentos espasmódicos da sua cabeça e das mãos, bem como de certos esforços medonhos para sorrir, Mark concluiu que ele estava tentando dizer alguma coisa, provavelmente de natureza súplice e insinuante. O que ocorreu em seguida o deixou perplexo. O desconhecido voltou a falar; e então, com muitas contorções faciais, associadas a tosses, gagueira, gotículas de saliva e expectoração, começaram a sair da boca

do vagabundo, numa voz alta e antinatural, sílabas, palavras, uma frase inteira, em alguma língua que não era nem latim nem inglês. E o tempo todo, o desconhecido mantinha os olhos fixos nos do vagabundo.

O desconhecido falou novamente. Desta vez, o vagabundo deu uma resposta muito mais extensa e pareceu dominar a língua desconhecida com facilidade um pouco maior, embora sua voz continuasse totalmente diferente daquela que Mark o ouvira usar nos dias anteriores. Ao final da fala, ele se sentou na cama e apontou para onde Wither e Frost estavam parados. Pareceu então que o desconhecido lhe fez uma pergunta. O vagabundo falou pela terceira vez.

Diante dessa resposta, o desconhecido recuou sobressaltado, persignou-se algumas vezes e deu todos os sinais de estar aterrorizado. Ele se voltou e falou rapidamente em latim com os outros dois. Alguma coisa aconteceu com o rosto de Wither e Frost quando ele falou. Eles deram a impressão de cães que acabam de farejar algo novo. Então, com uma exclamação alta, o desconhecido arrepanhou as saias e disparou na direção da porta. Mas os cientistas foram rápidos demais para ele. Por alguns minutos, os três ficaram se debatendo ali: os dentes de Frost expostos como os de um animal, e a máscara frouxa do rosto de Wither aparentando, pela primeira vez, uma expressão totalmente explícita. O velho padre estava sendo ameaçado. Mark descobriu que ele mesmo tinha dado um passo à frente. Contudo, antes que pudesse decidir como agir, o desconhecido, abanando a cabeça e estendendo as mãos, voltara timidamente para a cabeceira da cama. Era estranho que o vagabundo, que se mantivera relaxado durante a luta à porta, de repente voltasse a se tornar rígido e a fixar os olhos naquele velho assustado, como se estivesse aguardando ordens.

Seguiram-se mais palavras na língua desconhecida. O vagabundo mais uma vez apontou para Wither e Frost. O desconhecido deu meia-volta e falou com eles em latim, aparentemente traduzindo. Wither e Frost olharam um para o outro como se cada um estivesse esperando que o colega agisse. O que se seguiu foi pura loucura. Com cautela infinita, com a respiração chiada e as articulações estalando, o vice-diretor, com toda a sua senilidade trêmula, foi se abaixando até ficar de joelhos; meio segundo depois, com um movimento metálico e espasmódico, Frost se ajoelhou ao seu lado. Quando já estava no chão, ele olhou por cima do ombro para onde Mark estava em pé. O lampejo de puro ódio no seu rosto, mas de um ódio, por assim dizer, cristalizado de tal forma que já não era uma paixão e não tinha em si calor algum, era como tocar em metal no Ártico, onde o metal queima.

– Ajoelhe-se – baliu ele, e imediatamente virou a cabeça. Depois, Mark

nunca pôde lembrar se simplesmente se esqueceu de obedecer a essa ordem ou se sua rebelião verdadeira teve início naquele momento.

O vagabundo voltou a falar, sempre com os olhos fixos nos do homem de batina. E mais uma vez este último traduziu e se postou um pouco de lado. Wither e Frost começaram a avançar de joelhos até chegarem junto da cama. A mão suja e peluda do vagabundo com suas unhas roídas foi estendida na direção deles. Eles a beijaram. Depois pareceu que alguma outra ordem lhes foi dada. Eles se ergueram, e Mark percebeu que Wither estava protestando delicadamente em latim contra essa ordem. Ele não parava de apontar para Frost. As palavras *venia tua*<sup>14</sup> (a cada vez corrigida para *venia vestra*) eram repetidas com tanta frequência que Mark conseguiu detectá-las. Mas aparentemente o protesto não teve êxito: alguns momentos depois, Frost e Wither saíram juntos do quarto.

Quando a porta se fechou, o vagabundo deixou-se cair como um balão esvaziado. Ele rolava de um lado para o outro da cama, resmungando.

– Deus me livre! Num dá pra acreditar. Foi de arrasar, arrasar. – Mas Mark não teve oportunidade de dar atenção a isso. Ele descobriu que o desconhecido estava falando com ele e, embora não conseguisse entender as palavras, ele olhou para o alto. No mesmo instante, desejou voltar a afastar os olhos e descobriu que não conseguia. Poderia ter alegado, com certa razão, que àquela altura já era um especialista em suportar rostos alarmantes. Porém isso não alterava o fato de que, quando contemplava aquele rosto, ele sentia medo. Quase antes de ter tempo de se dar conta disso, sentiu sonolência. Dali a um instante, caiu na poltrona e adormeceu.



– Bem... – disse Frost, assim que eles se encontraram do lado de fora da porta.

– É... hum... profundamente desnorteante – disse o vice-diretor.

Eles seguiram pelo corredor conversando em tom baixo enquanto avançavam.

– Sem dúvida parecia... estou dizendo que *parecia* – prosseguiu Frost – que o homem no leito estava hipnotizado, e que o padre basco estava no controle da situação.

– Ora, com certeza, meu caro amigo, essa seria uma hipótese extremamente

inquietante.

– Desculpe-me. Não levantei nenhuma hipótese. Estou descrevendo a impressão causada pela situação.

– E, segundo sua hipótese... perdoe-me, mas é isso o que ela é... de que modo um padre basco chegaria a inventar a história de que nosso hóspede é Merlinus Ambrosius?

– Essa é a questão. Se o homem no leito *não* for Merlinus, alguma outra pessoa, alguém totalmente alheio aos nossos cálculos, ou seja, o padre, conhece todo o nosso plano de campanha.

– E é por esse motivo, meu caro amigo, que se torna necessária a retenção dessas duas pessoas, bem como uma extrema delicadeza na nossa atitude diante deles dois... Pelo menos até recebermos maiores esclarecimentos.

– É claro que eles precisam ser detidos.

– Eu dificilmente usaria a palavra *detidos*. Ela tem implicações... No momento não me arrisco a manifestar a menor dúvida quanto à identidade de nosso ilustre hóspede. Não há cogitação alguma de detenção. Pelo contrário, o acolhimento mais cordial, a cortesia mais meticulosa...

– Devo entender que você sempre imaginou Merlinus entrando no Instituto como ditador, e não como colega?

– Quanto a isso – disse Wither –, minha concepção das relações pessoais, ou mesmo das oficiais, entre nós sempre foi elástica e pronta para todas as adaptações necessárias. Seria uma tristeza muito real para mim se eu imaginasse que você estava permitindo que algum sentido equivocado da sua dignidade... ah, em suma, desde que ele *seja* Merlinus... está me entendendo?

– Aonde você está nos levando neste momento?

– Aos meus aposentos. Se você se lembra, o pedido era que deveríamos fornecer roupas ao nosso convidado.

– Não houve pedido. Houve uma ordem.

A isso o vice-diretor não deu resposta. Quando os dois homens estavam no quarto, e a porta foi trancada, Frost falou:

– Não estou satisfeito. Parece que você não percebe os perigos da situação. Precisamos levar em conta a possibilidade de que o homem não seja Merlinus. E se ele não for Merlinus, o padre sabe coisas que não deveria saber. Permitir que um impostor e um espião permaneçam à solta no Instituto está fora de cogitação. Precisamos descobrir de uma vez de onde esse padre obtém seu conhecimento.

E de onde foi que você tirou o padre?

– Acho que esse é o tipo de camisa mais adequado – disse Wither, estendendo-a na cama. – Os ternos estão aqui dentro. A... ah... figura do clérigo disse que veio em resposta ao nosso anúncio. Gostaria de fazer justiça ao ponto de vista que você manifestou, meu caro Frost. Por outro lado, rejeitar o verdadeiro Merlinus... rechaçar um poder que é um fator integral no nosso plano... seria no mínimo igualmente perigoso. Nem mesmo está certo que o padre, em qualquer caso, seja um inimigo. Ele pode ter entrado em contato independente com os macróbios. Ele pode ser um aliado em potencial.

– Você achou que ele dava essa impressão? O fato de ser padre está contra ele.

– Tudo o que queremos agora – disse Wither – é um colarinho e uma gravata. Perdoe-me por dizer que nunca pude compartilhar sua atitude radical diante da religião. Não estou falando do cristianismo dogmático em sua forma primitiva. Mas no interior de círculos religiosos, círculos eclesiais, surgem de tempos em tempos tipos de espiritualidade de valor muito real. Quando surgem, eles às vezes revelam enorme energia. O padre Doyle, embora não muito talentoso, é um dos nossos colegas mais confiáveis; e o senhor Straik tem em si o potencial daquela lealdade total (*objetividade*, creio eu, é o termo que você prefere) que é tão rara. De nada adianta ter a mente estreita.

– O que você realmente se dispõe a fazer?

– É claro que consultaremos o Cabeça imediatamente. Uso esse termo, entenda bem, por pura conveniência.

– Mas como você vai poder fazer isso? Já se esqueceu de que esta é a noite do banquete inaugural, e que Jules está vindo aqui? Ele pode chegar dentro de uma hora. Você vai ter de dar atenção a ele até a meia-noite.

Por um instante, o rosto de Wither permaneceu parado, com a boca muito aberta. Ele de fato havia se esquecido de que naquela noite ali seria recebido o diretor de fachada, o fantoche por meio de quem o Instituto enganava o público. Mas a conscientização desse seu esquecimento o perturbava mais do que teria perturbado outra pessoa. Era como o primeiro sopro frio do inverno... – a primeira pista de uma fissura naquela enorme máquina mental ou eu secundário que ele tinha construído para se encarregar dos assuntos da vida, enquanto ele, o verdadeiro Wither, flutuava muito longe dali nas fronteiras indeterminadas da espectralidade.

– Pela graça do bom Deus! – disse ele.

– Você deve, portanto, pensar de imediato – disse Frost – sobre o que fazer com aqueles dois homens ainda nesta noite. Está fora de cogitação que eles compareçam ao banquete. Seria loucura deixá-los à vontade.

– O que me faz lembrar de que já os deixamos sozinhos... e ainda por cima com Studdock... por mais de dez minutos. Precisamos voltar com as roupas de uma vez.

– E sem um plano? – indagou Frost, muito embora soubesse do quarto acompanhando Wither, enquanto dizia isso.

– Temos de dançar conforme a música – disse Wither.

Quando chegaram de volta, foram recebidos por uma infinidade de súplicas em latim por parte do homem de batina.

– Deixem-me ir – disse ele –, eu lhes imploro, pelo bem de suas mães, que não cometam violência contra um pobre velho inofensivo. Nada direi... Deus me perdoe... mas não posso ficar aqui. Esse homem que diz ser Merlinus de volta dos mortos... ele é um satanista, um operador de milagres infernais. Olhem! Vejam o que ele fez ao pobre rapaz no momento em que vocês saíram daqui. – Ele indicou o lugar onde Mark jazia inconsciente na poltrona. – Isso ele fez com os olhos, só de olhar para ele. O mau-olhado, o mau-olhado!

– Silêncio! – disse Frost, na mesma língua. – E escute. Se fizer o que lhe mandarem, nenhum mal o atingirá. Se não fizer, será destruído. Creio que, se você criar problemas, perderá sua alma assim como seu corpo, pois você não me parece propenso a ser um mártir.

O homem gemeu, cobrindo o rosto com as mãos. De repente, não como se ele quisesse, mas como se fosse uma máquina que tivesse sido acionada, Frost deu-lhe um chute.

– Ao trabalho – disse ele. – Diga-lhe que trouxemos o tipo de roupa que os homens usam atualmente. – O homem não cambaleou ao ser chutado.

Finalmente o vagabundo foi lavado e vestido. Quando essa parte estava terminada, o homem de batina falou:

– Ele está dizendo que deve ser levado num passeio pela casa inteira e quer que lhe sejam mostrados todos os segredos.

– Diga-lhe – disse Wither – que será um imenso prazer e um privilégio... – Mas nesse instante o vagabundo voltou a falar.

– Ele diz – traduziu o grandalhão – que primeiro precisa ver o Cabeça, os animais e os criminosos que estão sendo atormentados. Em segundo lugar, que ele acompanhará somente um de vocês. O senhor – e aqui ele se voltou para



Wither.

– Não permitirei nada disso – disse Frost, em inglês.

– Meu caro Frost – disse Wither –, este dificilmente seria o momento... e *um* de nós precisa ficar livre para receber Jules.

O vagabundo falou novamente.

– Perdoem-me – disse o homem de batina –, devo acompanhar o que ele diz. As palavras não são minhas. Ele os proíbe de falar na sua presença numa língua que ele não possa, mesmo através de mim, entender. E afirma ser um antigo hábito seu o de que lhe obedeam. Agora ele está perguntando se vocês desejam tê-lo como amigo ou inimigo.

Frost deu um passo para se aproximar do pseudo-Merlin, de modo que seu ombro tocou na batina desbotada do verdadeiro. Wither achou que Frost pretendia dizer alguma coisa, mas ficou com medo. Na realidade, Frost descobria ser impossível se lembrar de qualquer palavra. Talvez fosse decorrente das rápidas mudanças do latim para o inglês que vinham se efetuando. Ele não conseguia falar. Nada ocorria à sua mente, a não ser sílabas sem sentido. Havia muito tempo que ele sabia que seu constante intercâmbio com os seres que chamava de macróbios poderia ter efeitos na sua psicologia que ele não poderia prever. De forma vaga, a possibilidade da destruição completa nunca esteve longe de seus pensamentos. Ele tinha se treinado para não lhe dar atenção. Agora, ela parecia se abater sobre ele. Frost lembrou que o medo era tão somente um fenômeno químico. Por enquanto, estava claro que ele deveria abandonar a disputa, recuperar o domínio sobre si mesmo e recomeçar mais tarde naquela noite. Pois era evidente que aquilo não podia ser definitivo. Na pior das hipóteses, poderia ser apenas o primeiro indício do fim. Provavelmente ainda tinha pela frente anos de trabalho. Ele sobreviveria a Wither. Mataria o padre. Até mesmo Merlin, se é que era Merlin, talvez não se relacionasse com os macróbios melhor do que ele mesmo. Ele saiu da frente, e o vagabundo, acompanhado pelo verdadeiro Merlin e pelo vice-diretor, saiu do quarto.

Frost estava certo ao pensar que a afasia seria somente temporária. Assim que ficaram sozinhos, ele não teve a menor dificuldade para falar, enquanto sacudia Mark pelo ombro.

– Levante-se. O que acha que está fazendo dormindo aqui? Venha comigo à Sala da Objetividade.



Antes de passar à sua ronda de inspeção, Merlin exigiu uma beca para o vagabundo, e Wither acabou por vesti-lo como um doutor em Filosofia da Universidade de Edgestow. Trajado desse modo, caminhando com os olhos semicerrados, e com tanta delicadeza como se estivesse pisando em ovos, o andarilho confuso foi levado escada acima e escada abaixo, passando pelo zoológico e entrando nas celas. De quando em quando, seu rosto sofria uma espécie de espasmo, como se ele estivesse tentando dizer alguma coisa; mas ele nunca conseguia emitir palavra alguma, salvo quando o Merlin verdadeiro lhe fazia uma pergunta e fixava seu olhar sobre ele. É claro que tudo isso não era para o vagabundo o que teria sido para qualquer pessoa que exigisse do universo o que um homem instruído e próspero exigiria. Era, sem dúvida, uma “coisa estranha” – a coisa mais estranha que já tinha lhe acontecido. A mera sensação de estar totalmente limpo já seria suficiente para isso, sem contar com a toga da cor de carmim e com o fato de que sua boca não parava de emitir sons que ele não compreendia, e sem seu consentimento. No entanto, essa não era a primeira coisa inexplicável que tinha sido feita a ele.

Enquanto isso, na Sala da Objetividade, algo semelhante a uma crise tinha se desenvolvido entre Marke e o professor Frost. Assim que chegaram lá, Mark viu que a mesa tinha sido afastada. No chão havia um crucifixo grande, quase em tamanho natural, uma obra de arte na tradição espanhola, medonho e realista.

– Temos meia hora para fazer nossos exercícios – disse Frost, olhando no relógio. Em seguida ele ordenou que Mark pisasse no crucifixo e o insultasse de outras formas.

Ora, ao passo que Jane tinha abandonado o cristianismo na tenra infância, junto com sua crença em fadas e no Papai Noel, Mark jamais tinha acreditado nele. Naquele instante, portanto, passou pela sua cabeça pela primeira vez ser concebível que pudesse haver nele um fundo de verdade. Frost, que o observava atentamente, sabia muito bem que aquele pensamento poderia ser resultado do experimento atual. Disso ele tinha conhecimento pelo motivo muito razoável de que seu treinamento por parte dos macróbios tinha a certa altura sugerido a mesma ideia estranha a ele. Mas ele não tinha escolha. Quer ele assim desejasse, quer não, esse tipo de coisa fazia parte da iniciação.

– Mas, veja bem – disse Mark

– Que foi? – disse Frost. – Por favor, seja rápido. Temos só um tempo

limitado à nossa disposição.

– Isso – disse Mark, apontando, com relutância indefinida, para a horrível figura branca na cruz. – Tudo isso com certeza não passa de superstição.

– E daí?

– Bem, nesse caso, o que há de objetivo em pisar no seu rosto? Cuspir numa imagem dessas não é tão subjetivo quanto adorá-la? Quer dizer, dane-se, se ela é só um pedaço de madeira, por que fazer alguma coisa com ela?

– Isso é superficial. Se você tivesse sido criado numa sociedade não cristã, não lhe seria pedido que fizesse isso. É claro que é uma superstição; mas é aquela superstição específica que faz pressão sobre nossa sociedade, há muitos e muitos séculos. Pode ser demonstrado experimentalmente que ela ainda forma um sistema dominante no subconsciente de muitos indivíduos, cujo pensamento consciente parece estar totalmente liberado. Uma ação explícita em sentido inverso é, portanto, um passo necessário na direção da objetividade completa. Não é uma questão para uma discussão *a priori*. Na prática nós descobrimos que não se pode dispensá-la.

Mark estava surpreso com as emoções que o atingiam. Ele não encarava a imagem com nada que se assemelhasse a um sentimento religioso. De modo extremamente enfático, ela não pertencia àquela ideia do Correto, Normal ou Salutar que, durante os últimos dias, fora seu apoio contra o que ele agora sabia a respeito do Círculo Mais Fechado de Belbury. O horrível vigor de seu realismo era, de fato, a seu modo, mais distante daquela ideia do que qualquer outra coisa na sala. Essa era uma fonte de sua relutância. Insultar até mesmo uma imagem esculpida de tamanha agonia parecia um ato abominável. Mas não era a única fonte. Com a introdução daquele símbolo cristão, toda a situação tinha se alterado. A coisa estava se tornando incalculável. A simplicidade da sua antítese entre o normal e o doentio obviamente deixara de levar alguma coisa em consideração. Por que o crucifixo estava ali? Por que mais da metade dos quadros venenosos era de natureza religiosa? Ele teve a sensação de haver novas partes envolvidas no conflito – potenciais aliados e inimigos dos quais não tinha suspeitado antes. “Se eu der um passo em qualquer direção”, pensou, “posso cair num precipício.” Uma determinação asinina de fincar os cascos e permanecer parado a qualquer custo surgiu na sua mente.

– Por favor, apresse-se – disse Frost.

A insistência tranquila da voz e o fato de ele ter obedecido a ela tantas vezes antes quase o conquistaram. Ele estava a ponto de obedecer e acabar com aquela

tolice toda, quando o estado de desamparo da figura o impediu. O sentimento era muito ilógico. Não porque suas mãos estivessem pregadas e indefesas, mas porque eram feitas de madeira e, portanto, ainda mais indefesas; porque a coisa, apesar de todo o seu realismo, era inanimada e não poderia revidar, ele parou. O rosto apático de uma boneca – uma das bonecas de Myrtle –, que ele tinha destroçado quando menino, o afetara do mesmo modo; e a lembrança, ainda agora, era um ponto dolorido.

– O que está esperando, senhor Studdock? – disse Frost.

Mark estava bem consciente do perigo crescente. Era óbvio que, se ele desobedecesse, sua última chance de sair vivo de Belbury poderia desaparecer. Mesmo de sair com vida daquela sala. A sensação sufocante mais uma vez o atacou. Ele se sentia tão indefeso quanto o Cristo de madeira. Enquanto pensava isso, descobriu-se olhando para o crucifixo de uma forma nova... nem como um pedaço de madeira, nem como um monumento de superstição, mas como um fragmento da história. O cristianismo era bobagem, porém não se duvidava que o homem tivesse vivido e tivesse sido executado daquela forma pela Belbury daquele tempo. E isso, como ele viu de repente, explicava por que aquela imagem, embora não fosse em si uma imagem do Correto ou do Normal, ainda assim estava em oposição aos erros de Belbury. Era uma representação do que acontecia quando o Correto se encontrava com o Errado, um quadro do que o Errado fazia ao Correto – o que faria com ele se ele permanecesse correto. Era, num sentido mais enfático do que Mark tinha entendido até então, uma *crux*.

– Quer continuar com o treinamento ou não? – perguntou Frost. Ele estava de olho na hora. Sabia que os outros estavam realizando sua visita de inspeção e que Jules já devia estar quase chegando a Belbury. Sabia que poderia ser interrompido a qualquer momento. Tinha escolhido aquela ocasião para aquela etapa da iniciação de Mark em parte em obediência a um impulso inexplicado (impulsos que estavam se tornando mais frequentes nele a cada dia), mas também em parte por desejar, na situação incerta que tinha surgido, garantir Mark de uma vez. Ele e Wither, e possivelmente (àquela altura) Straiç, eram os únicos iniciados plenos no Inec. Sobre eles, recaía o risco de cometer qualquer passo em falso ao lidar com o homem que alegava ser Merlin e com seu misterioso intérprete. Para aquele que desse os passos corretos, havia uma oportunidade de expulsar todos os outros, de se tornar para eles o que eles eram para o resto do Instituto, e o que o Instituto era para o resto da Inglaterra. Ele sabia que Wither esperava ansioso por um deslize da sua parte. Por isso, parecia-lhe da máxima importância conduzir Mark o mais rápido possível para além

daquele ponto, a partir do qual não há volta; e a fidelidade do discípulo tanto aos macróbios como ao mestre que o iniciou se torna uma questão de necessidade psicológica ou até mesmo física.

– Você não está ouvindo o que estou dizendo? – perguntou ele a Mark mais uma vez.

Mark não deu nenhuma resposta. Estava pensando, e pensando muito, porque sabia que, se parasse por um momento que fosse, o mero pavor da morte tiraria a decisão das suas mãos. O cristianismo era uma fábula. Seria ridículo morrer por uma religião na qual não acreditava. Aquele Homem mesmo, naquela mesma cruz, tinha descoberto que era uma fábula e morreu se queixando de que o Deus em quem confiava o desamparara... tinha de fato considerado o universo uma farsa. Mas isso levantou uma questão na qual Mark nunca tinha pensado antes. Seria *aquele* o momento certo para se voltar contra o Homem? Se o universo era uma farsa, essa era uma boa razão para ficar do lado do universo? Supondo que o Correto fosse totalmente indefeso, que para sempre e por toda parte fosse certo que seria escarnecido, torturado e por fim morto pelo Errado, e daí? Por que não afundar com o navio? Ele começou a ficar assustado com o fato de seus medos parecerem ter sumido momentaneamente. Eles tinham sido uma salvaguarda... eles o impediram, a vida inteira, de tomar decisões loucas, como a que ele agora estava tomando ao se voltar para Frost.

– Tudo isso é uma palhaçada, e o diabo que me carregue se eu fizer uma coisa dessas.

Quando disse isso, Mark não tinha ideia do que poderia acontecer em seguida. Ele não sabia se Frost tocaria uma campainha, sacaria um revólver ou renovaria suas exigências. Na realidade, Frost simplesmente continuou a olhar fixo para ele, e ele o encarou de volta. Ele então percebeu que Frost estava escutando alguma coisa, e começou ele próprio a escutar. Daí a um instante, a porta abriu-se. A sala de repente pareceu lotada de gente – um homem numa beca vermelha (Mark não reconheceu de imediato o vagabundo), o homem enorme na batina preta e Wither.



Na grande sala de visitas em Belbury, um grupo especialmente constrangido estava reunido àquela altura. Horace Jules, diretor do Inec, havia chegado cerca de meia hora antes. Fora encaminhado ao escritório do vice-diretor, mas o vice-

diretor não estava lá. Depois, fora levado aos próprios aposentos, e as pessoas esperavam que ele demorasse muito para se instalar. Ele demorou pouquíssimo. Em cinco minutos, Jules estava no andar inferior novamente e nas mãos deles. E ainda era cedo demais para qualquer um subir e se vestir. Agora ele estava em pé de costas para a lareira, tomando um copo de xerez, e os principais membros do Instituto estavam parados ao redor. A conversa estava demorando a se animar.

A conversa com o senhor Jules era sempre difícil, porque ele insistia em se considerar não uma figura de fachada, mas o verdadeiro diretor do Instituto, e até mesmo a fonte da maior parte das suas ideias. E como, na realidade, toda a ciência que ele conhecia era a que lhe fora ensinada na Universidade de Londres mais de cinquenta anos antes; e toda a filosofia que conhecia tinha sido adquirida de escritores tais como Hæckel, Joseph McCabe e Winwood Reade, era de fato impossível conversar com ele sobre a maioria das coisas que o Instituto estava fazendo. Sempre estava ocupado inventando respostas que eram no fundo sem sentido; e manifestando entusiasmo por ideias que estavam obsoletas e que tinham sido toscas mesmo no seu apogeu. Era por isso que a ausência do vice-diretor nesses encontros era tão desastrosa, pois somente Wither dominava um estilo de conversa que se adequava perfeitamente a Jules.

Jules era um londrino do leste. Era baixinho, com as pernas tão curtas que havia sido indelicadamente comparado a um pato. Tinha o nariz arrebitado e um rosto no qual alguma simplicidade original fora muito prejudicada por anos de boa vida e presunção. Foram seus romances que de início o levaram à fama e à prosperidade. Mais tarde, como editor do semanário intitulado *Nós queremos saber*, ele se tornou tão poderoso no país que seu nome se tornou realmente necessário para o Inec.

– E como eu disse ao arcebispo – observou Jules –, “talvez o reverendíssimo senhor arcebispo não saiba”, disse eu, “que a pesquisa moderna demonstra que o templo em Jerusalém tinha mais ou menos o tamanho de uma igreja de povoado inglês”.

– Meu Deus! – disse Feverstone a si mesmo, em pé, calado, na periferia do grupo.

– Tome um pouco mais de xerez, diretor – disse a senhorita Hardcastle.

– Tudo bem por mim – disse Jules. – Esse xerez não é nada mau, embora eu ache que poderia lhe falar de um lugar onde conseguiríamos obter algo melhor. E como está avançando, senhorita Hardcastle, com suas reformas do nosso sistema penal?

– Avançando de verdade – respondeu ela. – Creio que alguma modificação do método de Pellotoff...

– O que sempre digo – comentou Jules, interrompendo-a – é: por que não tratar o crime como qualquer outra enfermidade? Não vejo utilidade na punição. O que se quer fazer é pôr o homem a andar na linha, dar-lhe a oportunidade de recomeçar do zero, proporcionar-lhe um interesse na vida. É tudo perfeitamente simples, se você encarar a partir desse ponto de vista. Eu diria que você andou lendo uma pequena palestra sobre o assunto que proferi em Northampton.

– Eu concordei com você – disse a senhorita Hardcastle.

– É verdade – disse Jules. – Mas vou lhe dizer quem não concordou. O velho Hingest... e por sinal, que história esquisita! Vocês nunca pegaram o assassino, pegaram? Mas, apesar de sentir muito pelo velhote, eu nunca consegui concordar muito com ele. Da última vez em que estive com ele, um ou dois de nós estávamos falando sobre menores infratores, e sabe o que ele disse? Ele disse: “O problema com esses tribunais para jovens criminosos hoje em dia é que eles estão sempre dando advertências quando deveriam estar lhes dando uma boa surra.” Nada mau, não é? Mesmo assim, como Wither disse... e, por sinal, onde está Wither?

– Creio que ele deve chegar a qualquer momento – disse a senhorita Hardcastle. – Não consigo imaginar por que ele não está aqui.

– Creio – disse Filostrato – que ele está com o carro enguiçado. Ele ficará muito desolado, senhor diretor, de não ter lhe dado as boas-vindas.

– Ora, ele não precisa se preocupar com isso – disse Jules. – Nunca fui de formalidades, embora eu realmente imaginasse que ele estaria aqui para minha chegada. Você está com ótima aparência, Filostrato. Estou acompanhando seu trabalho com enorme interesse. Considero que você é um dos criadores da humanidade.

– *Sim, sim* – disse Filostrato –, essa é a verdadeira questão. Já começamos...

– Eu tento ajudá-los ao máximo no lado não técnico – disse Jules. – É uma luta que venho travando há anos. Toda a questão da nossa vida sexual. O que sempre digo é que, uma vez que tudo seja exposto às claras, não se tem mais problema algum. É todo esse segredo vitoriano que é maléfico. Tornar tudo um mistério. Quero que todo garoto e garota neste país...

– Meu Deus! – disse Feverstone consigo mesmo.

– Desculpe-me – disse Filostrato, que, por ser estrangeiro, ainda não tinha perdido a esperança de tentar iluminar Jules. – Mas essa não é exatamente a

questão.

– Agora eu sei o que você vai dizer – interrompeu Jules, pousando um indicador gordo na manga do professor. – E eu diria que você não lê meu pequeno jornal. Mas pode acreditar em mim, se você procurasse o primeiro número do mês passado, encontraria um editorial curto e modesto, que poderia passar despercebido para um camarada como você, porque ele não usa nenhum termo técnico. Mas eu lhe peço que simplesmente o leia e veja se ele não resume tudo muito bem. E de uma forma que o homem comum entenda.

Nesse instante, o relógio bateu um quarto de hora.

– Digam aí – perguntou Jules – a que horas começa esse jantar. – Ele gostava de banquetes, e especialmente de banquetes nos quais tinha de falar. Além disso, não gostava que o deixassem esperando.

– Às quinze para as oito – disse a senhorita Hardcastle.

– Sabe – disse Jules –, esse tal de Wither realmente já deveria estar aqui. Quer dizer, não sou cheio de nove horas, mas não me importo de lhes dizer, cá entre nós, que estou um pouco ofendido. Não é o tipo de coisa que se espere, é?

– Espero que não tenha acontecido nada de mau a ele – disse a senhorita Hardcastle.

– Difícilmente seria de imaginar que ele fosse dar uma saída, não num dia como este – disse Jules.

– *Ecco* – disse Filostrato. – Chegou alguém.

Era Wither quem entrava na sala, acompanhado por um grupo que Jules não tinha esperado ver, e o rosto de Wither sem dúvida tinha bons motivos para parecer mais caótico do que o normal. Ele fora levado atabalhoadamente pelo seu próprio Instituto, como se fosse algum tipo de lacaios. Nem mesmo lhe tinha sido permitido ligar o fornecimento de sangue e ar para a cabeça, quando o forçaram a entrar na sala do Cabeça. E “Merlin” (se é que era Merlin) não lhe dera atenção. Pior que tudo, aos poucos se tornara claro que aquele incubo intolerável e seu intérprete tinham intenção de comparecer ao jantar. Mais do que Wither, ninguém poderia ter uma percepção mais nítida do absurdo de apresentar Jules a um velho padre maltrapilho, que não sabia falar inglês, encarregado do que parecia ser um chimpanzé sonâmbulo, fantasiado de doutor em Filosofia. Contar a Jules a explicação verdadeira – mesmo que ele soubesse qual era a explicação verdadeira – estava fora de cogitação. Jules era um homem simples para quem a palavra “medieval” significava apenas “selvagem” e em quem a palavra “magia” despertava lembranças de *O ramo de ouro*. Era



um inconveniente insignificante que, desde sua visita à Sala da Objetividade, ele tivesse sido forçado a aceitar a companhia tanto de Frost como de Studdock. Tampouco ajudou a consertar a situação o fato de que, à medida que se aproximaram de Jules e que todos os olhos se fixaram neles, o pseudo-Merlin deixou-se desmoronar numa poltrona, resmungando, e fechou os olhos.

– Meu caro diretor – começou Wither, um pouco ofegante. – Este é um dos momentos mais felizes da minha vida. Espero que tenham lhe oferecido uma boa acolhida por todos os meios. Foi por extrema infelicidade que fui chamado no mesmo instante em que estava aguardando sua chegada. Uma coincidência notável... outra pessoa muito ilustre juntou-se a nós naquele exato momento. Um estrangeiro...

– Ah – interrompeu Jules, com a voz ligeiramente áspera. – Quem é ele?

– Permita-me – disse Wither, dando um pequeno passo para um lado.

– Você está se referindo a *isso aí*? – perguntou Jules. O suposto Merlin estava sentado com os braços jogados de cada lado da poltrona, os olhos fechados, a cabeça meio caída de lado e um sorriso fraco no rosto. – Está embriagado? Ou enfermo? E, afinal de contas, quem é ele?

– Ele é, como eu estava comentando, estrangeiro – começou Wither.

– Bem, isso não o faz adormecer no instante em que está sendo apresentado a mim, não é mesmo?

– Ouça-me, por favor! – disse Wither, afastando Jules um pouco do grupo e abaixando a voz. – Há circunstâncias... seria muito difícil entrar em detalhes aqui. Fui apanhado de surpresa e, se você já não estivesse aqui, eu o teria consultado no primeiro momento possível. Nosso ilustre convidado acaba de empreender uma viagem muito longa; e admito que ele tenha certas excentricidades e...

– Mas quem é ele? – insistiu Jules.

– Ele se chama... hã... Ambrosius. Doutor Ambrosius, sabe?

– Nunca ouvi falar – retrucou Jules. Em outra ocasião, ele talvez não tivesse feito essa admissão, mas a noite inteira estava se revelando diferente das suas expectativas, e ele estava perdendo a paciência.

– Muito poucos de nós ouviram falar dele *até o momento* – disse Wither. – Mas em breve todos terão ouvido falar dele. É por isso que, sem nem de longe...

– E quem é *aquele outro*? – perguntou Jules, apontando para o verdadeiro Merlin. – Ele dá a impressão de estar se divertindo.

– Ah, esse é apenas o intérprete do doutor Ambrosius.

– Intérprete? Ele não sabe falar inglês?

– Infelizmente não. Ele vive num mundo praticamente só dele.

– E não dá para você arrumar alguém que não seja padre para agir por ele? Não gosto da aparência desse cara. Não queremos esse tipo de coisa por aqui de jeito nenhum. Epa! E quem é *você*?

A última pergunta foi dirigida a Straik, que naquele instante tinha aberto caminho até o diretor.

– Senhor Jules – disse ele, fixando este último com um olhar profético –, sou portador de uma mensagem que o senhor precisa ouvir. Eu...

– Cale-se – disse Frost a Straik

– Realmente, senhor Straik, realmente – disse Wither. Com os ombros, os dois conseguiram afastá-lo para um lado.

– Agora, veja bem, senhor Wither – disse Jules –, digo-lhe de uma vez que não estou nem um pouco satisfeito. Aí está *mais um* pároco. Não me lembro de ter sido submetido a mim o nome de nenhuma pessoa desse tipo, e ele não teria recebido minha autorização, se tivesse passado por mim, entendem? Você e eu precisamos ter uma conversa muito séria. Parece-me que você vem marcando entrevistas pelas minhas costas e transformando este lugar numa espécie de seminário. E aí está uma coisa que não vou tolerar. Nem o povo britânico.

– Sei. Sei – disse Wither. – Entendo perfeitamente seus sentimentos. Pode contar com minha total solidariedade. Estou ansioso, aguardando a oportunidade para lhe explicar a situação. Enquanto isso, talvez, como o doutor Ambrosius parece estar ligeiramente debilitado e como acaba de soar a campanha para nos vestirmos... ah, peço que me desculpe. Este é o doutor Ambrosius.

O vagabundo, para quem o verdadeiro mago tinha recentemente se voltado, agora se levantava da poltrona e vinha se aproximando. Jules estendeu a mão, aborrecido. O outro, olhando por cima do ombro de Jules e sorrindo de forma inexplicável, apanhou a mão e a sacudiu, como que distraidamente, umas dez ou quinze vezes. Jules percebeu que seu hálito era forte; e seu jeito de segurar a mão, calejado. Ele não estava gostando do doutor Ambrosius. E estava gostando ainda menos do vulto enorme do intérprete que se agigantava acima dos dois.

## Banquete em Belbury

Foi com enorme prazer que Mark se descobriu mais uma vez se vestindo para o jantar, e para o que parecia ter a probabilidade de ser um excelente jantar. Deram-lhe um lugar entre Filostrato à direita e um recém-chegado bastante insignificante à esquerda. Até mesmo Filostrato parecia humano e amistoso em comparação com os dois iniciados, e diante do recém-chegado seu coração decididamente se alegrou. Ele percebeu com surpresa que o vagabundo estava sentado à mesa principal entre Jules e Wither, mas não olhou com frequência naquela direção, pois o vagabundo, ao captar seu olhar, tinha imprudentemente erguido o copo e piscado um olho para ele. O padre estranho estava em pé, paciente, por trás da cadeira do vagabundo. Quanto aos demais, nada de importante aconteceu até ser feito um brinde à saúde do rei e Jules se levantar para proferir seu discurso.

Durante os primeiros minutos, qualquer um que lançasse o olhar pelas longas mesas teria visto o que sempre se vê nessas ocasiões. Havia os rostos plácidos de *bons vivants* idosos que a comida e o vinho tinham posto num estado de contentamento que nenhuma quantidade de discursos poderia violar. Havia os rostos pacientes de comensais responsáveis porém sérios, que havia muito tempo aprenderam a continuar com os próprios pensamentos, enquanto davam ao discurso apenas a atenção suficiente para reagir, quando fossem obrigatórios uma risada ou um murmúrio baixo de grave concordância. Havia a costumeira expressão nervosa no rosto dos homens jovens que não apreciam o vinho do Porto e estão loucos para fumar. Havia uma atenção luminosa, excessivamente trabalhada, nos rostos empoados de mulheres que conheciam seu dever para com a sociedade. No entanto, se você continuasse a observar as mesas, com o tempo teria percebido uma mudança. Teria visto que um rosto depois do outro erguia os olhos e se voltava para o orador. Teria visto primeiro curiosidade, depois atenção fixa, depois incredulidade. Por fim, teria percebido que a sala estava em total silêncio, sem uma tosse ou um rangido, que todos os olhos estavam fixos em Jules, e logo todas as bocas se abriam numa expressão entre o fascínio e o horror.

Para membros diferentes da plateia, a mudança chegou de modos distintos.

Para Frost, ela começou no momento em que ele ouviu Jules encerrar uma frase com as palavras “um anacronismo tão gritante quanto o de contar com o Calvário para trazer a salvação na guerra moderna”. Com a *Cavalaria*, pensou Frost quase em voz alta. Por que o palerma não podia cuidar do que estava dizendo? O erro causou-lhe uma irritação extrema. Talvez... mas epa! O que era aquilo? Sua audição tinha sido prejudicada? Pois Jules parecia estar dizendo que a densidade futura da humanidade dependia da implosão dos cavalos da Natureza. “Está bêbado”, pensou Frost. E então com uma pronúncia cristalina, fora de qualquer possibilidade de erro, veio “O madrigórico do agração precisa ser taltibianizado.”

Wither demorou mais para se dar conta do que estava acontecendo. Ele nunca tinha esperado que o discurso fizesse o menor sentido como um todo e, por um bom tempo, as conhecidas palavras de ordem vinham fluindo de uma forma que não perturbava a expectativa do seu ouvido. Na realidade, ele achava que Jules estava se arriscando muito, que um pequeno passo em falso privaria tanto o orador quanto a plateia da capacidade de até mesmo fingir que ele estava dizendo alguma coisa específica. Mas, desde que essa fronteira não fosse ultrapassada, ele até que estava admirando o discurso. Era algo no seu próprio estilo. E então pensou: “Como? Isso está indo longe demais! Mesmo eles devem entender que não se pode falar em aceitar o desafio do passado, atirando a luva do futuro.” Cauteloso, ele passeou o olhar pela sala. Tudo estava bem. Mas não estaria, se Jules não se sentasse logo. Naquela última frase, sem dúvida havia palavras que ele desconhecia. Que diabos ele poderia querer dizer com *assantibato*? Ele passou os olhos pela sala outra vez. As pessoas estavam prestando atenção demais: sempre um mau sinal. E então veio a frase “Os suplentes exemplantaram num contínuo de variações porosas.”

De início, Mark não prestou atenção alguma no discurso. Tinha muitas outras coisas em que pensar. O surgimento daquele papagaio pomposo bem no meio da crise na sua história representava uma mera interrupção. Ele estava correndo risco demais e ao mesmo tempo, de algum modo precário, estava feliz demais para se importar com Jules. Uma vez ou duas, alguma expressão atraía sua atenção e lhe dava vontade de sorrir. O que o alertou para a situação real foi o comportamento dos que estavam sentados perto dele. Mark se deu conta da crescente imobilidade deles. Percebeu que todos menos ele próprio tinham começado a prestar atenção. Levantou os olhos e viu seus rostos. Foi então que começou a escutar de verdade. “Não haveremos”, estava dizendo Jules, “não haveremos, enquanto não garantirmos a erebação de todos os intens

prostundiários.” Por menos que se importasse com Jules, um súbito choque de alarme o feriu. Ele olhou em volta novamente. Estava evidente que não era ele que tinha enlouquecido: todos ouviram o palavrório. Talvez, possivelmente com exceção do vagabundo, que exibia a atitude solene de um juiz. Ele nunca tinha ouvido um discurso de um desses caras da alta-roda mesmo e teria se sentido decepcionado se conseguisse entendê-lo. Também jamais tinha bebido vinho do Porto de boa safra e, embora não gostasse muito do sabor, vinha se dedicando a ele como gente grande.

Wither não se esquecera por um instante de que havia repórteres presentes. Isso em si não tinha muita importância. Se alguma coisa inadequada aparecesse no jornal do dia seguinte, seria moleza para ele dizer que os repórteres estavam alcoolizados ou ensandecidos e destruí-los. Por outro lado, ele poderia deixar a história passar. Sob muitos aspectos, Jules era um inconveniente, e aquela poderia ser uma oportunidade melhor do que qualquer outra para encerrar a sua carreira. No entanto, essa não era a questão imediata. Wither estava se perguntando se deveria esperar que Jules se sentasse ou se deveria se levantar e interrompê-lo com algumas palavras sensatas. Ele não queria fazer espetáculo. Seria melhor se Jules se sentasse espontaneamente. Ao mesmo tempo, àquela altura havia na sala lotada uma atmosfera que o aconselhava a não se demorar demais. Olhando para o ponteiro dos segundos do seu relógio, ele decidiu esperar mais dois minutos. Quase no instante em que fez isso, ele soube que havia calculado mal. Uma intolerável risada em voz de falsete ressoou da parte mais distante da mesa, sem querer parar. Alguma mulher pateta estava histérica. Imediatamente, Wither tocou no braço de Jules, fez um gesto de cabeça para ele e se levantou.

– Ei? Que doce duzeno? – resmungou Jules. Wither, pousando a mão no ombro do homenzinho, sem alarde, mas aplicando todo o seu peso, forçou-o a se abaixar até se sentar. Então pigarreou. Ele sabia fazer isso de um modo que todos os olhos na sala se voltassem imediatamente para ele. A mulher parou de berrar. Pessoas que estavam sentadas totalmente imóveis em posições tensas se mexeram e relaxaram. Wither passou o olhar pela sala por um segundo ou dois, em silêncio, sentindo seu domínio sobre a plateia. Ele viu que já os controlava. Não haveria mais histeria. Começou então a falar.

Todos eles deveriam ter aparentado estar cada vez mais à vontade à medida que ele prosseguia. E logo haveria murmúrios de enorme tristeza pela tragédia que eles acabavam de presenciar. Era isso o que Wither esperava. O que ele viu de fato o deixou confuso. Instalara-se o mesmo silêncio demasiadamente atento, que prevalecera durante o discurso de Jules. Olhos brilhantes que não piscavam e

bocas abertas o acolhiam em todas as direções. A mulher começou a rir de novo... ou não, dessa vez eram duas mulheres. Cosser, depois de lançar um olhar assustado, levantou-se de um salto, derrubando a cadeira no chão, e saiu da sala em disparada.

O vice-diretor não conseguia entender isso, pois para ele sua voz parecia estar proferindo o discurso que ele tinha resolvido fazer. Mas a plateia o ouvia dizer “Penhoras e valores, é meu ensejo que todos nós... hã... rechacemos com beleza a azia defensável, embora, creio eu, lavatória, que reluz ter escolhido nosso pregado inspetor nesta moita. Seria... ah... seria puro, muito puro, pela equitativa de qualquer um...”

A mulher que tinha rido levantou-se apressada da cadeira. O homem sentado ao seu lado a ouviu murmurar no seu ouvido “Gol lameiro.” Ele captou as sílabas sem sentido e sua expressão antinatural de uma só vez. Por alguma razão, tudo o enfureceu. Ele se levantou para ajudá-la a devolver a cadeira para o lugar, num daqueles gestos de cortesia selvagem que muitas vezes, na sociedade moderna, funcionam no lugar da violência. Na realidade, ele arrancou a cadeira da mão dela. Ela deu um berro, tropeçou numa ruga no tapete e caiu. O homem do outro lado dela a viu cair e viu a expressão de fúria do primeiro homem. “Fiapos, cocê vez?”, rosou ele, debruçando-se na direção do outro com um movimento ameaçador. Quatro ou cinco pessoas naquela parte da sala já estavam em pé. Estavam gritando. Ao mesmo tempo, havia movimento em outros cantos. Alguns homens mais novos estavam se encaminhando para a porta. “Penhores, penhores”, disse Wither, severo, com a voz muito mais alta. Em muitas ocasiões anteriores, com a mera elevação da voz e a emissão de uma palavra autoritária, ele tinha conduzido à ordem reuniões turbulentas.

Mas daquela vez ele nem chegou a ser ouvido. Pelo menos vinte pessoas ali presentes estavam naquele mesmo instante tentando fazer o mesmo. Para cada uma delas, estava claro que as coisas tinham chegado àquele estágio em que uma palavra ou frase de puro bom-senso, dita por uma voz diferente, devolveria a sala inteira à sanidade. Um pensou numa palavra ríspida; outro, numa piada; outro, em alguma coisa muito tranquila e reveladora. Resultado, uma nova algaravia numa enorme variedade de tons ressoava de diversos lugares simultaneamente. Frost foi o único dos líderes que não tentou dizer nada. Em vez disso, ele escreveu algo a lápis numa tira de papel, acenou para um criado e o instruiu por meio de sinais a entregar a mensagem à senhorita Hardcastle.

Quando a mensagem foi posta nas mãos dela, o clamor já era universal. Para Mark, aquilo parecia o barulho de um restaurante lotado num país estrangeiro. A

senhorita Hardcastle alisou o papel e inclinou a cabeça para ler. A mensagem dizia *Prace frituras intantemente até bdehuroido pontudo. Purgente. Preço.* Ela amassou o papel na mão.

Antes de receber a mensagem, a senhorita Hardcastle já sabia que estava mais do que meio alcoolizada. Tinha calculado que isso fosse acontecer e pretendia que fosse assim. Ela sabia que mais tarde, depois do jantar, desceria às celas para se divertir. Havia lá uma nova prisioneira – uma garota fofinha do tipo que a Fada apreciava – com quem poderia passar uma hora agradável. O pandemônio sem sentido não a alarmava. Ela o considerava empolgante. Aparentemente, Frost queria que ela tomasse alguma atitude. Ela decidiu que o faria. Levantou-se e percorreu toda a extensão da sala até a porta. Trancou-a, pôs a chave no bolso e então se voltou para examinar os convidados. Percebeu pela primeira vez que nem o suposto Merlin nem o padre basco podiam ser vistos em parte alguma. Wither e Jules, ambos em pé, estavam lutando um com o outro. Ela partiu na direção dos dois.

Tantas pessoas tinham se levantado que ela levou um bom tempo para alcançá-los. Toda a aparência de um jantar festivo desaparecera. Aquilo se assemelhava mais à cena num terminal ferroviário em Londres num dia de feriado. Todos estavam tentando restaurar a ordem, mas, como suas palavras eram ininteligíveis, no esforço de serem compreendidos, todos falavam cada vez mais alto. Ela mesma gritou algumas vezes e chegou a lutar bastante até conseguir atingir seu objetivo.

Houve um barulho ensurdecedor e na sequência, por fim, alguns segundos de silêncio total. Mark primeiro percebeu que Jules tinha sido morto. Só em seguida foi que viu que a senhorita Hardcastle tinha atirado nele. Depois disso, foi difícil ter certeza do que aconteceu. A debandada e a gritaria ocultaram mais de dez planos razoáveis para desarmar a assassina, mas era impossível conciliá-los. Deles nada resultou a não ser chutes, brigas, saltos para cima e por baixo de mesas, investidas e recuos, gritos, quebra de vidro. Ela atirava sem parar. Foi o cheiro mais do que qualquer outra coisa que mais tarde na vida de Mark fez que ele se lembrasse da cena: o cheiro dos tiros associado ao pegajoso cheiro composto de sangue, vinho do Porto e da Madeira.

De repente, a confusão de gritos concentrou-se num único ruído agudo e prolongado de terror. Todos estavam se sentindo *mais* apavorados. Alguma coisa passara veloz pelo piso entre as duas mesas compridas e desaparecera debaixo de uma delas. Talvez metade dos presentes não tivesse visto o que era... tivesse apenas visto um relance de negro e amarelo castanho. Os que tinham visto a

criatura com nitidez não tinham como contar aos outros. Conseguiram apenas apontar e gritar sílabas sem sentido. Mas Mark tinha reconhecido o que era. Um tigre.

Pela primeira vez naquela noite, todos se deram conta de quantos esconderijos aquela sala continha. O tigre poderia estar debaixo de qualquer uma das mesas. Poderia estar em qualquer um dos nichos das janelas salientes, por trás das cortinas. Havia também um biombo que atravessava um canto da sala.

Não se deve supor que mesmo naquele momento todos os convidados tivessem perdido o controle. Com apelos veementes à sala inteira ou sussurros urgentes aos vizinhos imediatos, eles tentavam conter o pânico, organizar uma retirada metódica, indicar como a fera poderia ser atraída ou enxotada para um lugar a céu aberto e abatida a tiros. Mas a maldição da algaravia frustrava todos os seus esforços. Eles não conseguiam deter os dois movimentos que estavam se desenrolando. A maioria não tinha visto a senhorita Hardcastle trancar a porta: eles estavam se acotovelando na direção dela, para sair a qualquer preço. Eles brigariam, matariam se pudessem, para não deixar de chegar à porta. Uma minoria numerosa, por outro lado, sabia que a porta estava trancada. Devia haver outra porta, a usada pelos criados, aquela pela qual o tigre tinha entrado. Estes estavam se precipitando para a extremidade oposta da sala para descobri-la. Todo o centro da sala estava ocupado pelo encontro daquelas duas ondas... uma enorme escaramuça de rúgbi, de início barulhenta com esforços frenéticos de explicação, mas logo, à medida que a briga se acirrava, tornou-se quase silenciosa, a não ser pelo som da respiração forçada, dos pés que chutavam ou pisoteavam e dos resmungos sem sentido.

Quatro ou cinco combatentes se encostaram pesadamente numa mesa, arrancando a toalha com sua queda e com ela todos os pratos de frutas, garrafas de vinho, taças, travessas. Do meio dessa confusão, com um uivo de terror, irrompeu o tigre. Aconteceu tão depressa que Mark mal se deu conta. Ele viu a cabeça medonha, o rosnado felino, os olhos chamejantes. Ele ouviu um tiro... o último. E então o tigre tinha sumido de novo. Alguma coisa gorda, branca e ensanguentada estava caída entre os pés dos que participavam da escaramuça. De início, de onde estava, Mark não conseguiu reconhecer quem era, pois olhava o rosto de cima para baixo e as caretas o disfarçaram até ele ficar totalmente imóvel. E então ele reconheceu a senhorita Hardcastle.

Já não se viam Wither e Frost em parte alguma. Houve um rosnado ali bem perto. Mark voltou-se, pensando ter localizado o tigre. Nesse momento ele viu com o canto do olho o relance de alguma criatura menor e mais cinza. Achou



que era um pastor alemão. Se era, o cão estava enlouquecido. Ele correu ao longo da mesa, com o rabo entre as pernas, babando. Uma mulher, em pé com as costas na mesa, virou-se, viu o animal, tentou dar um grito e no instante seguinte tombou, quando a criatura investiu contra seu pescoço. Era um lobo.

– Ai... ai!!! – guinchou Filostrato e pulou para cima da mesa. Alguma outra criatura tinha passado em disparada entre seus pés. Mark viu-a seguir como um raio pelo piso e entrar na escaramuça, despertando convulsões novas e frenéticas naquela massa entranhada de terror. Era algum tipo de cobra.

Mais alto que o caos de sons que agora irrompia – a cada minuto parecia haver um novo animal na sala –, veio por fim um som do qual aqueles ainda capazes de algum entendimento puderam extrair novo ânimo. *Pá... pá... pá...* a porta estava sendo golpeada pelo lado de fora. Tratava-se de uma enorme porta dobrável, uma porta pela qual uma pequena locomotiva quase poderia entrar, pois o salão tinha sido feito numa imitação de Versalhes. Uma ou duas folhas já estavam se lascando. O barulho enlouqueceu os que tinham feito da porta sua meta. Ele também pareceu enlouquecer os animais. Eles não paravam para comer o que tinham matado, ou paravam só para dar uma lambida no sangue. Havia mortos e moribundos por toda parte, pois a escaramuça, àquela altura, estava matando tanto quanto as feras. E sempre, de todos os cantos, subiam as vozes que tentavam gritar para quem estava do outro lado da porta. “Depressa, depressa. Rápido”, mas só gritavam sílabas sem sentido. O barulho junto da porta estava cada vez mais alto. Como que por imitação, um gorila enorme pulou para cima da mesa, onde Jules estivera sentado, e começou a bater no próprio peito. Então, com um rugido, ele se atirou no meio da multidão.

Por fim, a porta cedeu. As duas folhas cederam. O corredor, emoldurado pelo portal, estava escuro. Do meio da escuridão, surgiu alguma coisa cinzenta, serpeante. Ela ondulou no ar e começou a arrancar metodicamente a madeira lascada de cada lado, para desobstruir a passagem. Mark viu com nitidez como ela se precipitou, enroscando-se num homem – Steele, pensou ele, mas todos pareciam diferentes agora –, e ergueu seu corpo muito alto do chão. Depois disso, monstruoso e improvável, o enorme vulto do elefante irrompeu violento sala adentro: seus olhos enigmáticos, suas orelhas, destacando-se rígidas como as asas do demônio de cada lado da cabeça. O animal ficou parado um segundo, com Steele se contorcendo na volta da tromba, e o atirou ao chão. Ele o pisoteou. Depois, levantou a cabeça e a tromba outra vez e deu um bramido horrível. E então adentrou a sala, barrindo e pisoteando: pisoteando sem parar, como uma moça pisando uvas, com passos pesados e logo molhados, numa mistura de

sangue e ossos, de carne, vinho, frutas e toalhas encharcadas. Algo maior que o perigo voou da cena para dentro do cérebro de Mark. O orgulho e a glória insolente da fera, o descaso com que ela matava, pareceram esmagar seu espírito, ao mesmo tempo que suas patas chatas esmagavam homens e mulheres. Ali estava sem dúvida o rei do mundo... E então tudo ficou escuro e ele não soube de mais nada.



Quando o senhor Bultitude voltou a si, ele se encontrava num lugar escuro, repleto de cheiros desconhecidos. Isso não o surpreendeu muito, nem o perturbou. Estava habituado ao mistério. Enfiar a cara em qualquer quarto de hóspedes em St. Anne's, como às vezes ele conseguia fazer, era uma aventura não menos extraordinária do que o que lhe acontecera. E ali os aromas eram, em geral, promissores. Ele percebeu que nas proximidades havia comida e – o que era ainda mais empolgante – uma fêmea da sua espécie. Parecia também que havia grande quantidade de outros animais por ali, mas isso era mais insignificante do que alarmante. Ele decidiu procurar a urso e a comida. Foi nesse instante que descobriu que, em três direções, paredes bloqueavam seu caminho e, na quarta, havia grades. Ele não podia sair. Isso, associado a uma necessidade muda de companhia humana, à qual estava acostumado, aos poucos fez que mergulhasse numa depressão. Uma tristeza como somente os animais conhecem – mares imensos de emoção desconsolada sem uma única balsa de pensamento racional para servir de apoio – afogou-o em profundezas insondáveis. A seu modo, ele levantou a voz e chorou.

No entanto, não muito longe dele, outro prisioneiro, um humano, estava se sentindo trágico quase da mesma maneira. O senhor Maggs, sentado numa pequena cela branca, remoía com constância sua enorme tristeza, como somente um homem simples consegue remoer. Nas suas circunstâncias, um homem instruído teria encontrado na desgraça toques de reflexão. Ele teria pensado que aquela nova ideia de cura em vez de punição, aparentemente tão humanitária, na realidade privava o criminoso de todos os seus direitos e, ao excluir o *nome* Punição, tornava a *coisa* infinita. Mas o senhor Maggs pensava o tempo todo simplesmente numa única coisa: que aquele era o dia com que ele tinha contado durante todo o período em que cumprira sua sentença; que tinha esperado, àquela hora, estar em casa tomando chá com Ivy (ela teria preparado algum prato

saboroso para ele na primeira noite) e que nada daquilo tinha acontecido. Ele permanecia sentado, totalmente imóvel. Mais ou menos de dois em dois minutos, uma única lágrima gorda lhe escorria pela bochecha. Ele não teria se importado tanto se lhe tivessem fornecido um maço de cigarros.

Foi Merlin quem trouxe a liberdade aos dois. Ele tinha saído da sala de jantar, assim que a maldição de Babel se fixou com firmeza nos inimigos. Ninguém o viu partir. Wither uma vez ouviu sua voz clamar alta e intoleravelmente alegre acima do tumulto de palavras sem sentido “*Qui Verbum Dei contempserunt, eis auferetur etiam verbum hominis.*”<sup>15</sup> Depois disso, Wither não voltou a vê-lo, nem ao vagabundo. Merlin tinha ido estragar sua casa. Ele tinha liberado feras e homens. Os animais que já estavam mutilados, ele matou com uma ação instantânea dos poderes de que dispunha, rápidos e indolores como as brandas flechas de Ártemis. Ao senhor Maggs ele entregou um bilhete escrito. Dizia o seguinte: “Meu querido Tom, espero que você esteja bem mesmo, e o diretor aqui é gente fina e diz para você vir o mais rápido possível para o Solar em St. Anne’s. E nem pense em passar por Edgestow, Tom, por favor. Mas venha da forma que puder. Imagino que alguém lhe dê uma carona. Está tudo certo. Nada mais por agora. Montes de amor da sempre sua Ivy.” Os outros prisioneiros, ele deixou ir aonde bem quisessem. O vagabundo, descobrindo que Merlin lhe dava as costas por um segundo e tendo percebido que a casa parecia estar vazia, conseguiu escapar, primeiro para a cozinha e de lá, reforçado com todos os comestíveis que conseguiu enfiar nos bolsos, para o mundo lá fora. Não me foi possível rastreá-lo depois disso.

Os animais, com exceção de um burro que desapareceu mais ou menos à mesma hora que o vagabundo, Merlin despachou para o salão de jantar, enfurecidos por sua voz e seu toque. Mas ele reteve o senhor Bultitude. Este último o reconheceu de imediato como o homem ao lado de quem ele tinha se sentado na Sala Azul: menos doce e grudento que naquela ocasião, mas reconhecivelmente a mesma pessoa. Ainda que estivesse sem a brilhantina, havia em Merlin algo que combinava perfeitamente com o urso; e, quando se encontraram, o urso “lhe fez toda a festa que um animal pode fazer para um homem”. Merlin pôs a mão na sua cabeça e sussurrou na sua orelha; e sua mente obscura se encheu de empolgação, como se algum prazer havia muito tempo proibido e esquecido de repente lhe fosse oferecido. Pelos corredores longos e vazios de Belbury, o urso foi atrás de Merlin. A saliva gotejava da sua boca, e ele começava a rosnar. Estava pensando em sabores salgados, cálidos, nas agradáveis resistências de ossos, de coisas a esmagar, a lamber e a dilacerar

com os dentes.



Mark sentiu primeiro que alguém o sacudia, depois o choque da água fria lançada no seu rosto. Com dificuldade, ele se sentou. O salão estava vazio a não ser pelos corpos dos mortos desfigurados. A luz elétrica intacta iluminava feroz a confusão medonha: comida e imundície, o luxo destroçado e homens mutilados, cada um mais medonho que o outro. Foi o suposto padre basco que o despertou.

– *Surge, miselle* [Levanta, desgraçado] – disse ele, ajudando Mark a ficar em pé. Mark levantou-se. Tinha alguns cortes e hematomas, e sua cabeça doía, mas praticamente não estava ferido. O homem ofereceu-lhe vinho numa das grandes taças de prata, porém Mark afastou o rosto com um estremecimento.

Desconcertado, ele contemplou o rosto do desconhecido e descobriu que uma carta era posta na sua mão. “Sua mulher o espera”, dizia a carta “no Solar em St. Anne’s on the Hill. Venha rápido pela estrada, da melhor forma que puder. Não se aproxime de Edgestow – A. Denniston.” Ele olhou mais uma vez para Merlin e achou seu rosto terrível. Mas Merlin encarou seu olhar com um ar de autoridade sisuda, pôs a mão no seu ombro e o empurrou até a porta, passando por cima de todo o estrago escorregadio e tilintante. Seus dedos transmitiam uma sensação de formigamento através da pele de Mark. Ele foi levado ao vestiário, forçado a vestir de qualquer jeito um casaco e um chapéu (nenhum dos dois pertencia a ele) e dali despachado à luz das estrelas, num frio cruel das duas da manhã, com Sírius de um verde cruel, alguns flocos de neve seca começando a cair. Ele hesitou. O desconhecido afastou-se um pouco dele por um segundo e então, com a mão aberta, deu-lhe um golpe nas costas. Os ossos de Mark doeram com essa lembrança enquanto ele viveu. No instante seguinte, ele se descobriu correndo, como nunca tinha corrido desde a infância. Não de medo, e sim porque suas pernas se recusavam a parar. Quando conseguiu voltar a controlá-las, ele já estava a uns oitocentos metros de Belbury e, olhando para trás, viu um clarão no céu.



Wither não estava entre os mortos na sala de jantar. Era natural que soubesse

todas as saídas possíveis do recinto; e, mesmo antes da chegada do tigre, ele já tinha escapulado. Ele compreendeu o que estava acontecendo, se não com perfeição, ainda assim melhor do que qualquer outra pessoa. Viu que o intérprete basco tinha feito aquilo tudo. E, com isso, soube também que poderes superiores aos humanos haviam descido para destruir Belbury. Somente alguém cuja alma fosse cavalgada pelo próprio Mercúrio poderia desfazer a linguagem daquela forma. E isso por sua vez o informou de algo pior. Isso significava que os Mestres das Trevas tinham se equivocado totalmente em seus cálculos. Eles falaram de uma barreira que impossibilitava aos poderes da Imensidão dos Céus atingir a superfície da Terra; tinham lhe garantido que nada de fora poderia transpor a órbita da Lua. Toda a sua organização estava baseada na crença de que Tellus estava sob bloqueio, fora do alcance desse tipo de auxílio e deixada (até certo ponto) à mercê de seus mestres e dele. Portanto, Wither soube que tudo estava perdido.

É inacreditável como esse conhecimento o afetara pouco. Não poderia tê-lo afetado, porque já havia muito tempo ele deixara de acreditar no conhecimento em si. O que tinha sido na sua remota juventude uma repugnância meramente estética a realidades que fossem grosseiras ou vulgares, tinha se aprofundado e se agravado, ano após ano, transformando-se numa firme rejeição a tudo o que fosse, em qualquer grau, alheio a ele mesmo. Ele tinha passado de Hegel a Hume; depois pelo pragmatismo e então pelo positivismo lógico, para acabar saindo no vazio total. O modo indicativo correspondia agora a absolutamente nenhum pensamento que sua mente pudesse entreter. Com todo o seu coração ele determinara que não houvesse nenhuma realidade e nenhuma verdade, e agora mesmo a iminência da sua destruição não conseguia despertá-lo. A última cena do *Doutor Fausto*, na qual o homem delira e implora à beira do Inferno, talvez seja apenas para efeito teatral. Os últimos momentos antes da condenação eterna não costumam ser tão dramáticos. Muitas vezes, o homem sabe com perfeita clareza que algum ato de sua vontade ainda poderia salvá-lo. Mas isso não torna esse conhecimento real para ele mesmo. Alguma ínfima sensualidade habitual, algum ressentimento trivial demais para ser desperdiçado numa mosca, a entrega a alguma letargia fatal, parece-lhe naquele momento mais importante que a escolha entre o júbilo total e a destruição total. Com os olhos arregalados, vendo que o terror infinito está prestes a começar e ainda assim (por enquanto) sem conseguir se sentir aterrorizado, ele observa passivamente, sem mover um dedo por sua salvação, enquanto os últimos laços com a alegria e a razão são cortados e, sonolento, vê a armadilha se fechar sobre sua alma. Tão dominados

pelo sono eles estão na hora em que abandonam o caminho certo.

Straik e Filostrato também ainda estavam vivos. Eles se encontraram num dos corredores frios, iluminados, tão distantes da sala de jantar que o barulho da carnificina não passava de um leve murmúrio. Filostrato estava ferido, com o braço direito gravemente estropiado. Eles não falaram: ambos sabiam que seria inútil tentar – mas continuaram andando um ao lado do outro. Filostrato pretendia chegar à garagem dando a volta pelos fundos. Achava que talvez conseguisse dirigir, de algum modo, pelo menos até Sterk.

Quando viraram um canto no corredor, os dois viram o que tinham visto muitas vezes mas imaginavam que não voltariam a ver – o vice-diretor, encurvado, com as juntas estalando, andando, cantarolando sua musiquinha. Filostrato não queria ir com ele, mas Wither, como que percebendo seu ferimento, lhe ofereceu um braço. Filostrato tentou recusar: sílabas sem sentido saíram da sua boca. Wither pegou com firmeza seu braço esquerdo; Straik pegou o outro, o braço estropiado. Ganindo e tremendo de dor, Filostrato os acompanhou a contragosto. O pior, porém, estava por vir. Ele não era um iniciado; nada sabia dos *eldila* das trevas. Acreditava que sua capacidade tinha realmente mantido vivo o cérebro de Alcasan. Por isso, mesmo com tanta dor, ele gritou horrorizado, quando descobriu que os outros dois o arrastavam pela antessala até a presença do Cabeça, sem parar para nenhum dos preparativos antissépticos que ele sempre impusera aos colegas. Em vão ele tentou dizer-lhes que um momento de tamanho descuido poderia arrasar com toda a sua obra. Mas dessa vez foi na própria sala que seus condutores começaram a se despir. E dessa vez eles tiraram toda a roupa.

Arrancaram também as dele. Quando a manga direita, dura de sangue, não saiu do lugar, Wither pegou uma faca da antessala e a rasgou. Por fim, os três homens estavam nus, postados diante do Cabeça: Straik, macilento, de ossos grandes; Filostrato, uma trêmula montanha de banha; Wither, uma senilidade obscena. E então foi atingido o ápice do terror do qual Filostrato jamais voltaria a descer; pois o que ele considerava impossível começou a acontecer. Ninguém tinha lido os mostradores, ajustado as pressões, nem ligado o ar e a saliva artificial. No entanto, palavras começaram a sair da boca seca e escancarada da cabeça do morto.

– Adorem! – disse ela.

Filostrato sentiu que seus companheiros forçavam seu corpo para a frente e depois de novo para cima; então para a frente e para baixo uma segunda vez. Ele foi obrigado a subir e descer numa obediência ritmada, enquanto os outros

faziam os mesmos movimentos. Quase a última coisa que viu na Terra foram as dobras da pele no pescoço magro de Wither, balançando como a barbelas de um peru. Quase a última coisa que ouviu foi Wither, começando um cantochão. Então Straik juntou-se a ele. E em seguida, com horror, Filostrato descobriu que ele próprio estava cantando:

*Ouroborindra!*

*Ouroborindra!*

*Ouroborindra ba-ba-í!*

Mas não por muito tempo.

– Outra – disse a voz –, deem-me outra cabeça.

Filostrato soube de imediato por que eles o forçavam a se aproximar de um determinado lugar na parede. Ele tinha projetado tudo sozinho. Na parede que separava a antessala da sala do Cabeça, havia uma pequena veneziana. Quando aberta, ela revelava uma janela na parede, e aquela janela tinha uma guilhotina que podia cair veloz e pesada. Mas a guilhotina tinha uma lâmina. A pequena guilhotina não fora criada para ser usada daquela forma. Eles iam assassiná-lo inutilmente, de um modo nada científico. Se fosse ele que estivesse fazendo aquilo a um deles, tudo teria sido diferente. Tudo teria sido preparado com semanas de antecedência: a temperatura das duas salas exatamente certa, a lâmina esterilizada, todas as ligações prontas para serem feitas, quase antes que a cabeça fosse cortada. Ele tinha calculado até mesmo as alterações que provavelmente o pavor da vítima provocaria na sua pressão sanguínea. A circulação artificial seria ajustada levando em conta essas alterações, de maneira que iniciasse seu funcionamento com a menor quebra de continuidade possível. Seu último pensamento foi o de que tinha subestimado o pavor.

Os dois iniciados, vermelhos da cabeça aos pés, olharam um para o outro, com a respiração pesada. Quase antes que as pernas e as nádegas gordas do italiano parassem de estrebuchar, os dois foram levados a recomençar o ritual:

*Ouroborindra!*

*Ouroborindra!*

*Ouroborindra ba-ba-í!*

O mesmo pensamento ocorreu a ambos ao mesmo tempo. “Ela vai pedir outra.” E Straik se lembrou de que Wither estava com a faca. Com um esforço

descomunal, ele conseguiu se livrar do ritmo: parecia que garras estavam rasgando seu peito de dentro para fora. Wither viu o que ele pretendia fazer. Quando Straik saiu em disparada, Wither já estava atrás dele. Straik chegou à antessala e escorregou no sangue de Filostrato. Wither golpeou-o repetidamente com a faca. Ele não tinha força para lhe cortar o pescoço, mas conseguiu matá-lo. Wither se levantou, com dores devorando seu coração de velho. Viu então a cabeça do italiano jogada no chão. Pareceu-lhe bom apanhá-la e levá-la para a sala interior, para mostrá-la ao Cabeça original. Foi o que fez. E então ele se deu conta de que alguma coisa estava se mexendo na antessala. Será que eles não haviam fechado a porta externa? Ele não conseguia se lembrar. Tinham entrado trazendo Filostrato à força entre eles. Era possível... tudo tinha sido tão fora do normal. Ele depôs a carga cuidadosamente, quase com cortesia, mesmo agora – e se dirigiu à porta entre as duas salas. No instante seguinte, ele recuou. Um urso enorme, que se ergueu nas patas traseiras no instante em que o viu, com a boca escancarada, os olhos chispando, as patas dianteiras abertas como para um abraço. Era isso o que Straik tinha se tornado? Ele soube (embora não pudesse dar atenção a isso) que estava no limiar de um mundo onde esse tipo de coisa poderia acontecer.



Ninguém em Belbury estivera mais controlado do que Feverstone. Ele nem era um iniciado como Wither, nem um inocente útil como Filostrato. Sabia da existência dos macróbios, mas esse não era o tipo de coisa pela qual se interessava. Sabia que o esquema de Belbury talvez não funcionasse, contudo sabia igualmente que, se não funcionasse, ele sairia a tempo. Mantinha abertas umas dez linhas de retirada. Também tinha a consciência perfeitamente limpa e não tinha tentado se iludir. Nunca caluniara ninguém a não ser para roubar-lhe o emprego; nunca lesara ninguém a não ser quando queria dinheiro; nunca desgostava de verdade de ninguém a não ser que a pessoa fosse enfadonha. A partir de um estágio muito inicial, ele percebeu que alguma coisa estava dando errado. Era preciso adivinhar até que ponto estava errado. Será que era o fim de Belbury? Se fosse assim, ele precisava voltar para Edgestow e investir na posição que já tinha preparado para si mesmo como protetor da universidade contra o Inec. Por outro lado, se houvesse alguma chance de aparentar ser o homem que tinha salvado Belbury num momento de crise, essa seria decididamente a melhor



linha. Ele ia esperar enquanto fosse seguro. E esperou muito. Descobriu uma janelinha pela qual os pratos quentes eram passados do corredor da cozinha para o salão de jantar. Ele passou por ela e ficou observando a cena. Seus nervos estavam em excelente estado, e ele achou que poderia puxar e fechar a portinhola a tempo, se qualquer animal perigoso investisse contra a janela. Ficou ali durante o massacre inteiro, os olhos brilhando, algo semelhante a um sorriso no rosto, fumando cigarros sem parar e tamborilando com os dedos duros no peitoril da janelinha. Quando tudo terminou, disse a si mesmo: “Bem, macacos me mordam!” Sem dúvida tinha sido um espetáculo dos mais extraordinários.

Os animais fugiram todos em disparada para algum canto. Ele sabia que havia uma chance de encontrar um ou dois deles nos corredores, mas teria de se arriscar. O perigo – em moderação – atuava sobre ele como um tônico. Abriu caminho até os fundos da casa e entrou na garagem. Tinha a impressão de que devia ir para Edgestow imediatamente. Não conseguiu encontrar seu carro ali. Na realidade, havia muito menos carros do que esperava. Parecia que outras pessoas tiveram a ideia de escapular enquanto era possível; e seu carro havia sido roubado. Ele não sentiu ressentimento e tratou de procurar outro da mesma marca. Demorou um pouco e, quando descobriu um, enfrentou uma dificuldade considerável para fazê-lo pegar. A noite estava fria. Vai nevar, pensou. Amarrou a cara, pela primeira vez naquela noite. Detestava neve. Já passava das duas da manhã quando conseguiu sair.

Bem na hora em que ia dar a partida, teve a impressão de que alguém entrara na traseira do carro, atrás dele.

– Quem está aí? – perguntou, em tom áspero. Resolveu descer para olhar. Mas, para sua surpresa, seu corpo não obedeceu a essa decisão. Em vez disso, ele saiu da garagem dirigindo o carro, deu a volta pela frente da casa e saiu para a estrada. Àquela altura a neve estava caindo de verdade. Ele descobriu que não conseguia virar a cabeça e não conseguia parar de dirigir. Além disso, estava desenvolvendo uma velocidade absurda, na droga daquela neve. Não tinha escolha. Muitas vezes ouvira falar em carros guiados a partir do assento traseiro, e parecia que aquilo estava acontecendo mesmo. Então para sua consternação ele descobriu que tinha deixado a estrada. O carro, ainda a uma velocidade imprudente, seguia aos solavancos, saltando, pelo que se chamava de Alameda dos Ciganos ou (pelos instruídos) de Wayland Street – a antiga estrada romana de Belbury a Edgestow, cheia de capim e sulcos. “Ora! Que diabo estou fazendo?”, pensou Feverstone. “Será que bebi demais? Vou quebrar o pescoço nessa brincadeira, se não me cuidar!” Contudo, o carro prosseguia como se estivesse

sendo dirigido por alguém que considerava aquela trilha uma excelente estrada e o caminho natural para Edgestow.



Frost saiu do salão de jantar alguns minutos depois de Wither. Ele não sabia aonde estava indo ou o que estava prestes a fazer. Havia muitos anos que acreditava, em teoria, que tudo o que se apresenta à mente como motivo ou intenção consiste tão somente em um subproduto do que o corpo está fazendo. No entanto, durante o último ano, mais ou menos – desde que tinha sido iniciado –, começara a saborear como fato o que por tanto tempo havia sustentado como teoria. Cada vez mais, seus atos se mostravam desprovidos de motivo. Ele fazia isso e aquilo, dizia assim e assado, e não sabia por quê. Sua mente era mera espectadora. Ele não conseguia entender por que seria necessária a existência daquela espectadora. Ele se ressentia dessa existência, mesmo enquanto afirmava a si próprio que o ressentimento também era apenas um fenômeno químico. A emoção mais próxima de uma paixão humana que ainda existia nele era uma espécie de fúria controlada contra todos os que acreditavam na mente. Não havia como tolerar uma ilusão dessas. Não havia, e não devia haver, essa coisa que se chama de homem. Mas nunca, até aquela noite, ele tinha se dado conta com tanta nitidez de que o corpo e seus movimentos eram a única realidade, que o eu que parecia observar o corpo deixando o salão de jantar e seguindo para a câmara do Cabeça era uma nulidade. Como era enfurecedor que o corpo tivesse o poder de projetar um eu ilusório!

Foi assim que o Frost cuja existência Frost negava viu seu corpo entrar na antessala, viu-o deter-se de chofre ao deparar com um cadáver nu e ensanguentado. Ocorreu a reação química denominada choque. Frost parou, revirou o corpo e reconheceu Straik. Um instante depois, seu pincenê reluzente e a barba pontuda olharam no interior da sala do Cabeça. Ele quase não notou que Wither e Filostrato jaziam ali mortos. Sua atenção estava fixada em algo mais sério. O suporte onde a Cabeça deveria estar estava vazio: o círculo de metal retorcido, os tubos de borracha, emaranhados e arreventados. Ele então percebeu uma cabeça no chão. Curvou-se para examiná-la. Era a de Filostrato. Da cabeça de Alcasan, ele não encontrou sinal, a menos que ela fosse uma confusão de ossos quebrados ao lado da de Filostrato.

Ainda sem perguntar o que faria nem por quê, Frost foi à garagem. O local

estava totalmente vazio e em silêncio. A neve estava alta no chão. Ele voltou com tantas latas de gasolina quanto conseguiu carregar. Empilhou, na Sala da Objetividade, todos os inflamáveis em que conseguiu pensar. Depois trancou-se, fechando com a chave a porta externa da antessala. O que quer que estivesse ditando suas ações fez que enfiasse a chave no tubo de intercomunicação com o corredor. Quando a empurrou até onde seus dedos alcançavam, Frost tirou um lápis do bolso e com ele a empurrou. Logo ouviu o retinir da chave caindo no chão do corredor do outro lado. Aquela ilusão enfadonha, sua consciência, estava gritando em protesto. Seu corpo, mesmo que ele quisesse, não tinha força para dar atenção aos berros. Como a figura mecânica que tinha escolhido ser, seu corpo rígido, agora terrivelmente frio, entrou de novo na Sala da Objetividade, derramou toda a gasolina e atirou um fósforo aceso na pilha. Somente então seus controladores permitiram que ele suspeitasse que a própria morte talvez não o curasse da ilusão de ser uma alma. Pelo contrário, talvez ela provasse a entrada num mundo em que essa ilusão dominava infinita e irrestrita. Foi-lhe oferecida uma saída para a alma, se não para o corpo. Ele tomou conhecimento (e simultaneamente o rejeitou) de que estivera errado desde o início, que as almas e a responsabilidade pessoal existiam. Isso ele viu em parte; e odiou totalmente. A tortura física de morrer queimado não foi mais feroz que seu ódio. Com esforço supremo, Frost mergulhou de volta na sua ilusão. Nessa atitude, a eternidade o alcançou, como em histórias antigas o nascer do sol os alcança e os transforma em pedra imutável.



## Vênus em St. Anne's

A claridade do dia chegou sem nenhum nascer do sol visível, enquanto Mark subia ao ponto mais alto na sua jornada. A estrada branca, ainda virgem de trânsito humano, mostrava ora as pegadas de uma ave, ora as de um coelho, pois a nevada naquele instante estava chegando ao fim, numa revoada de flocos maiores e mais lentos. Um grande caminhão, parecendo preto e aconchegante naquela paisagem, emparelhou com ele. O homem pôs a cabeça para fora da janela.

– Indo para Birmingham, companheiro? – perguntou ele.

– Para aquele lado – respondeu Mark – Pelo menos vou até St. Anne's.

– E onde isso fica? – disse o motorista.

– No alto do morro atrás de Pennington – disse Mark

– Ah – disse o homem. – Posso levar você até a esquina. Já lhe poupa um pedaço do caminho. – Mark subiu e se sentou ao seu lado.

Metade da manhã já tinha se passado, quando o homem o deixou numa esquina ao lado de um pequeno hotel de interior. A neve tinha assentado, e no céu havia mais por cair. O dia estava extremamente silencioso. Mark entrou no hotelzinho, onde encontrou uma estalajadeira idosa e gentil. Tomou um banho quente e um café da manhã de primeira. Adormeceu numa poltrona diante de um fogo vigoroso. Só acordou por volta das quatro. Calculou que estava a apenas alguns quilômetros de St. Anne's e resolveu tomar o chá antes de partir. Tomou-o. Por sugestão da estalajadeira, acompanhou-o de um ovo quente. Na pequena sala de estar havia duas prateleiras cheias de volumes encadernados de *The Strand*. Num deles, Mark encontrou uma história infantil seriada que tinha começado a ler ainda menino, mas que abandonara por ter completado dez anos, quando ainda estava na metade e por sentir vergonha de lê-la com aquela idade. Agora, ele a perseguiu de um volume para outro até terminá-la. Era boa. As histórias para adultos para as quais ele tinha se voltado, depois do aniversário de dez anos, agora lhe pareciam lixo, com exceção de *Sherlock Holmes*. “Acho que preciso ir andando logo”, disse para si mesmo.

Sua leve relutância em fazer isso não provinha do cansaço – de fato, ele se sentia perfeitamente repousado e melhor do que tinha se sentido havia algumas semanas –, mas de uma espécie de timidez. Ia ver Jane; e Denniston; e (provavelmente) os Dimbles também. Na realidade, ia ver Jane no que ele agora considerava ser o mundo certo dela. Mas não dele. Pois agora ele acreditava que, com toda a sua ansiedade de uma vida inteira por pertencer a um círculo fechado, ele havia escolhido o círculo *errado*. Jane estava no devido lugar. Ele ia ser aceito somente por gentileza, porque Jane fora tola o suficiente para se casar com ele. Mark não se ressentia disso, porém se sentia acanhado. Via a si mesmo, como esse novo círculo devia vê-lo – como mais um grosseiro insignificante, igual aos Steeles e aos Cossers, enfadonho, obscuro, assustado, calculista, frio. Ele se perguntou vagamente por que era assim. Como outras pessoas, como Denniston ou Dimble, tinham tanta facilidade para passear pelo mundo, com todos os músculos relaxados e um olhar descuidado percorrendo o horizonte, transbordando de fantasia e humor, sensíveis à beleza, não permanentemente na defensiva e sem precisar estar? Qual era o segredo daquele riso fácil e agradável que ele por nenhum esforço conseguia imitar? Tudo neles era diferente. Eles não podiam nem mesmo se jogar em poltronas sem sugerir, pela postura dos membros, certa nobreza, uma indolência leonina. Na vida deles havia uma liberdade de atuação que nunca houvera na dele. Eles eram Copas; ele era somente Espadas. Mesmo assim, precisava ir andando... É claro, Jane era Copas. Ele devia lhe dar sua liberdade. Seria totalmente injusto pensar que seu amor por ela tinha sido desprezivelmente sensual. O amor, diz Platão, é filho da carência. O corpo de Mark era mais sábio do que sua mente até pouco tempo atrás; e mesmo seus desejos sensuais eram o verdadeiro indicador de algo que lhe faltava e Jane tinha para dar. Quando Jane passou pela primeira vez pelo mundo seco e empoeirado que sua mente habitava, ela havia sido como uma chuvarada de primavera. Ao se abrir para ela, ele não estava equivocado. Tinha errado somente ao supor que o casamento, em si, lhe dava poder ou direito de se apoderar daquele frescor. Como agora percebia, seria o mesmo que pensar que se poderia comprar um pôr do sol, adquirindo o campo do qual ele tivesse sido visto.

Ele tocou a sineta e pediu a conta.



Naquela mesma tarde, Mamãe Dimble e as três moças estavam lá em cima, no grande aposento, que ocupava praticamente todo o andar superior de uma ala do Solar, e que o diretor chamava de Guarda-Roupa. Quem tivesse olhado de relance ali dentro teria imaginado por um instante que não se encontrava num aposento, mas em algum tipo de floresta – uma floresta tropical refulgindo com cores vivas. Um segundo olhar, e seria possível imaginar que se estava num daqueles deliciosos andares superiores de uma imensa loja, onde tapetes colocados em pé e tecidos suntuosos suspensos do teto criam uma espécie de floresta entretecida. Na realidade, elas estavam em pé no meio de uma coleção de trajes de gala: dezenas de trajes, cada um separado do outro, dispostos na sua pequena coluna de madeira.

– Esse ficaria lindo em você, Ivy – disse Mamãe Dimble, levantando com a mão a prega de um manto de um verde forte, sobre o qual pequenos arabescos e espirais de ouro formavam um desenho festivo. – Vamos, Ivy – continuou ela –, você não gostou? Você não está amolada por causa de Tom, está? O diretor não lhe disse que ele estará aqui hoje à noite ou amanhã ao meio-dia, o mais tardar?

Ivy olhou para ela com ar perturbado.

– Não é isso – disse ela. – Onde será que o diretor vai estar?

– Mas você não pode querer que ele fique, Ivy – disse Camilla –, não em dor permanente. E seu trabalho estará terminado... se tudo der certo em Edgestow.

– Ele sempre quis voltar para Perelandra – disse Mamãe Dimble. – É como se fosse saudade de casa. Sempre, sempre... Dava para ver nos olhos dele.

– E aquele tal de Merlin, vai voltar para cá? – perguntou Ivy.

– Creio que não – disse Jane. – Creio que nem ele nem o diretor pensam que ele vai voltar. E depois tive um sonho ontem à noite. Parecia que ele estava pegando fogo... Não quero dizer que estivesse sendo queimado, sabe, mas que havia luz... todos os tipos de luz nas cores mais estranhas eram lançadas dele e o percorriam da cabeça aos pés. Esta foi a última coisa que vi: Merlin em pé ali como algum tipo de coluna e todas aquelas coisas horrendas acontecendo à sua volta. E dava para ver no seu rosto que ele era um homem totalmente esgotado, se vocês entendem o que quero dizer, que ele cairia destroçado no instante em que os poderes o liberassem.

– Não estamos avançando com a escolha dos nossos vestidos para esta noite.

– De que ele é feito? – perguntou Camilla, passando o dedo e depois cheirando o manto verde. Era uma pergunta digna de ser feita. O tecido não era nem um pouco transparente; e, no entanto, todos os tipos de luzes e sombras

residiam em suas pregas ondulantes; e ele escorria pelas mãos de Camilla como uma queda-d'água. Ivy começou a se interessar.

– Puxa! – disse ela. – A quanto sairia um metro?

– Pronto – disse Mamãe Dimble, enquanto o ajeitava com habilidade em torno de Ivy. E então exclamou, com verdadeira surpresa: – Ah!. – As três recuaram diante de Ivy, observando-a com prazer. Sua aparência comum não tinha exatamente sumido das suas formas e do seu rosto; entretanto o traje se apropriara dela, como um grande compositor se apropria de uma melodia popular e a joga como uma bola através da sua sinfonia, fazendo dela uma maravilha, deixando, contudo, que continue a ser ela mesma. Uma “fada esprevitada” ou um “elfo esperto”, uma vivacidade pequena porém perfeita, estava diante delas, mas ainda era reconhecível como Ivy Maggs.

– Não é típico de um homem? – exclamou a senhora Dimble. – Não há um espelho neste aposento.

– Acho que não era para nós nos vermos – disse Jane. – Ele disse alguma coisa sobre sermos espelhos suficientes umas para as outras.

– Eu só queria ver como estou de costas – disse Ivy.

– Agora Camilla – disse Mamãe Dimble. – Nenhum quebra-cabeça para você. Esse aqui é obviamente o seu.

– Ah, você acha que é *esse mesmo*? – perguntou Camilla.

– É claro que sim – disse Jane.

– Você vai ficar tão linda nesse aí – disse Ivy. Era um vestido longo e justo que parecia da cor do aço, embora fosse macio como espuma ao toque. Ele se enrolava justo nos quadris e se abria numa cauda que roçava os calcanhares. “Como uma sereia”, pensou Jane e, então, “como uma valquíria.”

– Sinto lhe avisar – disse Mamãe Dimble – que com esse vestido você vai precisar usar um diadema.

– Isso não seria um pouco...

Mas Mamãe Dimble já o estava colocando na cabeça de Camilla. Aquela reverência que quase todas as mulheres sentem pelas joias (que não precisa estar relacionada ao valor em dinheiro) fez que três delas se calassem por um momento. Talvez não existissem outros diamantes semelhantes na Inglaterra. O esplendor era fabuloso, despropositado.

– O que vocês estão olhando desse jeito? – perguntou Camilla, que tinha visto não mais que um relance, quando a coroa foi levantada pelas mãos da senhora

Dimble, e não sabia que estava ali postada “como a luz das estrelas, nos despojos das províncias”.

– São de verdade? – perguntou Ivy.

– De onde eles são, Mamãe Dimble? – perguntou Jane.

– Tesouro de Logres, queridas, tesouros de Logres – disse a senhora Dimble. – Talvez de um tempo antes do dilúvio ou de lugares para além da Lua. Agora Jane.

Jane não conseguiu ver nada de especialmente apropriado no traje que as outras concordaram em vestir nela. O azul era de fato sua cor, mas ela tinha pensado em alguma coisa um pouco mais austera e dignificada. Se lhe coubesse escolher, teria considerado aquele traje um pouco elaborado demais. No entanto, quando viu as outras baterem palmas, resignou-se. Na realidade, nem lhe ocorreu agir de outro modo, e toda a questão foi esquecida dali a um instante diante da empolgação de escolher um traje para Mamãe Dimble.

– Alguma coisa discreta – disse ela. – Sou uma velha e não quero parecer ridícula.

– Esse não serviria de modo algum – disse Camilla, caminhando pela longa fileira de esplendores suspensos, ela própria como um meteoro, enquanto passava diante do pano de fundo de púrpura, ouro e escarlate, de neve macia e opala indefinível, de pele, seda, veludo, tafetá e brocado. – Aquele é lindo – disse ela. – Mas não para a senhora. E ah! Olhe só aquele! Mas não combinaria. Não estou vendo nada...

– Aqui! Ai, venham olhar, sim! Venham! – gritou Ivy, como se tivesse medo de que sua descoberta fugisse, se as outras não lhe dessem atenção imediata.

– Ah! Sim, é esse mesmo – disse Jane.

– Sem dúvida – disse Camilla.

– Vista, Mamãe Dimble – disse Ivy. – A senhora sabe que tem de vestir. – Era daquela cor de labareda quase tirânica que Jane tinha visto na visão no pavilhão, mas com um corte diferente, com pele em torno do grande broche de cobre que fechava a gola no pescoço, com mangas compridas drapeadas. E era acompanhado por um barrete de muitas pontas. E mal tinham segurado o vestido, todas ficaram espantadas, nenhuma mais do que Jane, embora na realidade ela tivesse tido as melhores razões para prever o resultado. Pois aquela esposa limitada de um acadêmico bastante obscuro, aquela mulher respeitável e estéril de cabelos grisalhos e com papadas, estava em pé diante dela, sem possibilidade de equívoco, como uma espécie de sacerdotisa ou sibila, a serva de alguma



deusa da fertilidade da pré-história – uma antiga matriarca tribal, mãe de mães, grave, aterradora e venerável. Um longo cajado, entalhado minuciosamente como se uma cobra estivesse enroscada nele de alto a baixo, parecia pertencer ao traje. Elas o puseram na sua mão.

– Estou um espanto? – disse Mamã Dimble, olhando para os três rostos calados.

– Está linda – disse Ivy.

– É o traje exato – disse Camilla.

Jane pegou a mão da velha senhora e a beijou.

– Querida – disse ela –, um *espanto*, no bom sentido, é a descrição exata de sua aparência.

– O que os homens vão usar? – perguntou Camilla de repente.

– Não se pode esperar que estejam usando roupa de gala, não é mesmo? – disse Ivy. – Não, se estão cozinhando e levando coisas para lá e para cá o tempo todo. E eu devo dizer que, se esta tiver de ser a última noite e tudo o mais, na minha opinião nós é que deveríamos ter preparado o jantar. Eles que resolvam o que quiserem a respeito do vinho. E o que vão fazer com aquele ganso é mais do que eu queria imaginar, porque creio que o senhor MacPhee jamais assou uma ave na vida, não importa o que diga.

– Seja como for, não vão conseguir estragar as ostras – disse Camilla.

– É verdade – disse Ivy. – Nem o pudim de ameixas, não mesmo. Mas bem que eu queria descer para dar uma olhada.

– Melhor não – disse Jane, com uma risada. – Você sabe como ele fica quando está no comando da cozinha.

– Não tenho medo *dele* – disse Ivy, quase, mas sem chegar a mostrar a língua. E no seu traje atual o gesto não destoava.

– Vocês não precisam se preocupar nem um pouco com o jantar, garotas – disse Mamã Dimble. – Ele vai prepará-lo muito bem. Desde que ele e meu marido não enveredem por alguma discussão filosófica, exatamente quando deveriam estar servindo os pratos. Vamos nos divertir. Como está quente aqui dentro.

– Tá uma delícia – disse Ivy.

Nesse instante, o aposento inteiro sacudiu-se de uma ponta até a outra.

– Que pode ter sido isso? – disse Jane.

– Se ainda estivéssemos em guerra, eu diria que foi uma bomba – disse Ivy.

– Venham olhar – disse Camilla, que tinha retomado seu controle mais rápido que as outras e agora estava à janela que dava para o oeste, na direção do vale do Wynd. – Ai, olhem! – disse ela outra vez. – Não, não é fogo. E não são holofotes. Também não são relâmpagos ramificados. Ui!... Mais um choque. E lá... Olhem para lá! Está claro como o dia lá, para além da igreja. Ora, do que eu estou falando? São só três da tarde. Aquilo é mais claro que o dia. E o calor!

– É que começou – disse Mamãe Dimble.



Naquela manhã, mais ou menos na mesma hora em que Mark subia no caminhão, Feverstone, não muito ferido, mas bastante abalado, conseguia sair do carro roubado. Aquele carro tinha terminado seu percurso, capotado numa vala funda, e Feverstone, sempre disposto a ver o lado positivo de tudo, enquanto se esforçava para sair dele, pensava que as coisas poderiam ter sido piores: poderia ter sido seu próprio carro. A neve estava espessa na vala, e ele ficou muito molhado. Quando se levantou e olhou ao redor, viu que não estava sozinho. Um vulto alto e parrudo, de batina preta, estava diante dele, a cerca de cinco metros de distância. Estava de costas para ele e já se afastava a passos firmes.

– Ei! – gritou Feverstone. O outro virou-se e olhou para ele em silêncio por um segundo ou dois; e então retomou sua caminhada. Feverstone sentiu de imediato que aquele não era o tipo de homem com quem poderia se dar. Na verdade, ele nunca tinha gostado menos da aparência de alguém. Tampouco poderia ele, nos seus sapatos leves, arrebatados e ensopados, acompanhar o passo vigoroso de mais de seis quilômetros por hora daqueles pés calçados com botas. Ele nem tentou. O vulto de preto chegou a um portão, parou ali e fez um ruído como um relincho. Parecia que estava falando com um cavalo do outro lado do portão. No instante seguinte (Feverstone não viu exatamente como aconteceu), o homem já estava para lá do portão e estava montado no cavalo, partindo a meio galope por um descampado, que se erguia branco como o leite até o horizonte.

Feverstone não fazia ideia de onde se encontrava, porém estava claro que a primeira coisa a fazer era chegar a uma estrada. Isso demorou muito mais do que ele esperava. Não estava frio de congelar, e poças fundas estavam escondidas por baixo da neve em muitos lugares. Ao pé do primeiro monte, ele chegou a tamanho atoleiro que foi forçado a abandonar o leito da estrada romana

e tentar abrir caminho pelos campos. A decisão foi fatal. Ela o fez gastar duas horas procurando por aberturas em sebes e tentando alcançar o que de longe pareciam ser estradas, mas que revelavam não ser nada disso, quando ele se aproximava. Sempre detestara o campo e sempre detestara as intempéries, além de não ser apreciador de caminhadas.

Quase ao meio-dia, ele encontrou uma estrada sem postes indicadores, que uma hora depois o levou a uma estrada principal. Ali, graças a Deus, havia um bom volume de tráfego, tanto de automóveis como de pedestres, todos num único sentido. Os três primeiros carros não deram a menor atenção a seus sinais. O quarto parou.

– Depressa, entre logo – disse o motorista.

– Está indo para Edgestow? – perguntou Feverstone, com a mão na porta.

– Deus do céu, não! – disse o outro. – Edgestow fica para *lá!* – (e ele apontou para trás) –, se é que você vai querer ir *lá*. – O homem pareceu surpreso e consideravelmente nervoso.

No final, não houve o que fazer a não ser andar. Todos os veículos estavam indo embora de Edgestow, nenhum indo para Edgestow. Feverstone ficou um pouco surpreso. Sabia tudo a respeito do êxodo (na verdade, fora parte do seu plano de limpar a cidade ao máximo possível), mas tinha suposto que àquela altura já tivesse terminado. No entanto, durante toda aquela tarde, enquanto ele patinhava e escorregava ao avançar pela neve revirada, os fugitivos continuavam a passar por ele. É claro que praticamente não temos nenhuma prova de primeira mão do que aconteceu em Edgestow naquela tarde e naquela noite. Mas temos uma boa quantidade de histórias de como tantas pessoas deixaram a cidade no último momento. Elas encheram os jornais durante semanas e permaneceram como tema em conversas particulares durante meses. No final, viraram piada. “Não, eu *não* quero saber como você saiu de Edgestow” tornou-se uma frase feita. Mas, por trás de todos os exageros, permanece a verdade incontestável de que um número espantoso de cidadãos deixou a cidade bem a tempo. Um recebeu uma mensagem de um pai moribundo. Outro decidiu de modo totalmente repentino, e ele não sabia dizer por quê, sair para tirar pequenas férias. Outro viajou porque os canos da sua casa tinham estourado com o gelo e ele achou melhor sair até que eles fossem consertados. Não foram poucos os que partiram por causa de algum acontecimento trivial, que lhes pareceu um prenúncio: um sonho, um espelho partido, folhas de chá numa xícara. Presságios de um tipo mais antigo também foram reavivados durante essa crise. Um tinha ouvido seu burro, outra pessoa tinha ouvido seu gato, dizer “com a maior

clareza”: “*Vá embora.*” E centenas ainda estavam partindo pelos velhos motivos: porque suas casas lhes foram tiradas, seu meio de vida foi destruído e suas liberdades, ameaçadas pela Polícia Institucional.

Foi por volta das quatro da tarde que Feverstone se descobriu atirado de cara no chão. Esse foi o primeiro choque. Eles continuaram, cada vez mais frequentes, durante as horas que se seguiram: horríveis estremecimentos e logo arfadas da terra; além de um murmúrio crescente de barulhos subterrâneos generalizados. A temperatura começou a subir. A neve estava desaparecendo por todos os lados, e às vezes ele se descobria com água pelos joelhos. O ar estava tomado por uma névoa da neve que se derretia. Quando ele chegou à crista da última descida íngreme da chegada a Edgestow, não conseguiu ver nada da cidade: só o neveiro, através do qual subiam aos seus olhos extraordinários lampejos de luz. Mais um choque fez que se estatelasse no chão. Ele então resolveu não descer. Daria meia-volta e acompanharia o trânsito – procuraria alcançar a ferrovia para tentar chegar a Londres. Surgiu na sua mente a imagem de uma sauna no seu clube, dele mesmo diante do guarda-fogo no salão de fumar, contando toda aquela história. Seria algo ter sobrevivido a Belbury e a Bracton. Ele tinha sobrevivido a muitas coisas no seu tempo e acreditava na sua sorte.

Já tinha dado alguns passos morro abaixo quando tomou essa decisão e deu meia-volta na mesma hora. Mas, em vez de subir, ele descobriu que estava descendo. Como se estivesse pisando em piçarra numa encosta de montanha, em vez de numa estrada encascalhada, o chão deslizava para trás onde ele pisava. Quando conseguiu parar de descer, estava trinta metros mais abaixo. Começou a subir de novo. Dessa vez, foi jogado de onde estava, rolu de pernas para o ar, com pedras, terra, capim e água se despejando por cima e em torno dele, numa confusão turbulenta. Era como uma grande onda derrubando algum banhista, contudo era uma onda de terra. Ele se pôs em pé de novo, voltando-se para o monte. Lá atrás, o vale parecia ter se transformado num Inferno. O abismo coberto de neveiro tinha entrado em combustão e ardia com chamas ofuscantes da cor de violeta; em algum lugar havia ronco de água, prédios desabando, turbas gritando. O morro diante dele estava em ruínas – nenhum sinal de estrada, sebe ou campo, somente uma cascata de terra nua solta. E também estava muito mais íngreme do que tinha sido. Sua boca, cabelo e narinas estavam cheios de terra. A encosta estava se tornando mais íngreme, enquanto ele olhava. A crista se erguia cada vez mais. Depois toda a onda de terra subiu, arqueou-se, tremeu e, com todo o seu peso e estrondo, derramou-se sobre ele.



– Por que Logres, senhor? – perguntou Camilla.

O jantar tinha terminado em St. Anne's, e eles estavam sentados com o vinho, num círculo em torno da lareira da sala de jantar. Como tinha profetizado a senhora Dimble, os homens o prepararam muito bem. Somente depois que terminaram de servir e de limpar a mesa foi que eles vestiram seus trajes festivos. Agora todos estavam sentados à vontade e diversamente esplêndidos: Ransom coroadado, à direita da lareira; Grace Ironwood, de preto e prata, diante dele. Fazia tanto calor que eles tinham deixado o fogo bem baixo; e à luz das velas os trajes nobres pareciam ter um fulgor próprio.

– Fale com eles, Dimble – disse Ransom. – Não vou conversar muito de agora em diante.

– Está cansado, senhor? – perguntou Grace. – A dor está forte?

– Não, Grace – respondeu ele. – Não se trata disso. Mas agora que está tão próxima a hora de minha partida, tudo isso começa a dar a impressão de um sonho. Um sonho feliz, entendam. Todo ele, até mesmo a dor. Quero saborear cada gota. Sinto que ele se dissolveria, se eu falasse muito.

– Suponho que o senhor *tenha* mesmo de ir, não é? – disse Ivy.

– Minha cara – disse ele –, o que mais há a fazer? Não envelheci um dia nem uma hora desde que voltei de Perelandra. Não existe morte natural pela qual eu possa esperar. O ferimento somente será curado no mundo em que o recebi.

– Tudo isso tem a desvantagem de ser totalmente contrário às leis observadas na Natureza – comentou MacPhee. O diretor sorriu sem falar, como um homem que se recusa a ser provocado.

– Não é contrário às leis da natureza – disse uma voz, do canto onde Grace Ironwood estava sentada, quase invisível nas sombras. – Você está absolutamente certo. As leis do universo nunca são desrespeitadas. Seu erro está em pensar que as pequenas regularidades que observamos num único planeta por algumas centenas de anos são as verdadeiras leis infrangíveis; quando elas são apenas os resultados remotos que as verdadeiras leis costumam provocar com maior frequência; como uma espécie de acidente.

– Shakespeare jamais descumpre as verdadeiras leis da poesia – acrescentou Dimble. – Mas, ao segui-las, de vez em quando ele desrespeita as regularidades insignificantes que os críticos confundem com as verdadeiras leis. E então os

pequenos críticos chamam isso de “licença”. Mas para Shakespeare não há nada de licencioso nisso.

– E é por isso – disse Denniston – que nada na natureza é *totalmente* regular. Sempre há exceções. Em média uma boa uniformidade, mas não no todo.

– Não passaram diante dos meus olhos muitas exceções à lei da morte – observou MacPhee.

– E *como* – disse Grace com muita ênfase –, como você haveria de esperar estar presente em mais de uma ocasião dessas? Você foi amigo de Artur ou de Barbarossa? Você conheceu Enoque ou Elias?

– Você está querendo dizer – disse Jane – que o diretor... o Líder Supremo... vai para onde eles foram?

– Sem dúvida, ele estará com Artur – disse Dimble. – Não posso dizer nada quanto aos demais. Existem pessoas que nunca morreram. Ainda não sabemos o porquê. Sabemos um pouco mais do que sabíamos a respeito do como. Existem muitos lugares no Universo... quer dizer, neste mesmo universo físico em que nosso planeta se movimenta... onde um organismo pode durar praticamente para sempre. Nós sabemos onde Artur está.

– Onde? – perguntou Camilla.

– No Terceiro Céu, em Perelandra. Em Aphallin, a ilha distante que os descendentes de Thor e Timidril somente encontrarão daqui a cem séculos. Talvez sozinho? – ... ele hesitou e olhou para Ransom, que fez que não.

– E é aí que entra Logres, não é? – disse Camilla. – Porque ele estará com Artur?

Dimble ficou calado por alguns minutos, arrumando e rearrumando a faca e o garfo de frutas no prato.

– Tudo começou – disse ele – quando descobrimos que a história arturiana é em grande parte real. Houve um momento no século VI em que alguma coisa que está sempre tentando surgir neste país quase teve êxito. Logres foi nosso nome para ela... serve tanto quanto outro nome. E depois... aos poucos começamos a encarar toda a história inglesa de uma nova perspectiva. Descobrimos a perseguição.

– Que perseguição? – perguntou Camilla.

– A de como alguma coisa que chamamos de Britânia é sempre atormentada por algo que podemos chamar de Logres. Você não percebeu que somos dois países? Depois de cada Artur, um Mordred; atrás de cada Milton, um Cromwell: uma nação de poetas, uma nação de comerciantes; a pátria de Sidney... e de

Cecil Rhodes. É de estranhar que eles nos chamem hipócritas? Mas aquilo que confundem com hipocrisia é na realidade a luta entre Logres e Britânia.

Ele fez uma pausa e bebericou o vinho antes de prosseguir.

– Foi muito mais tarde – disse ele –, depois que o diretor retornou do Terceiro Céu, que nos contaram um pouco mais. Essa perseguição revelou ser não só proveniente do outro lado do muro invisível. Ransom foi convocado à cabeceira de um velho que estava morrendo em Cumberland. Seu nome não significaria nada para vocês, se eu o dissesse. Esse homem era o Líder Supremo, o sucessor de Artur, de Uther e de Cassibelaun. Foi então que soubemos a verdade. Houve uma Logres secreta no coração da Inglaterra todos esses anos: uma sucessão ininterrupta de Líderes Supremos. Aquele velho era o septuagésimo oitavo desde Artur. Nosso diretor recebeu dele o posto e as bênçãos. Amanhã, ou hoje à noite, saberemos quem há de ser o octogésimo. Alguns dos Líderes Supremos são bem conhecidos da história, embora não com esse nome. De outros, vocês nunca ouviram falar. Mas em todas as eras, eles e a pequena Logres, que se reuniu ao seu redor, foram os dedos que deram o pequeno empurrão ou o puxão quase imperceptível para instigar a Inglaterra a sair do sono entorpecido ou para atraí-la de volta da indignidade final para a qual Britânia a seduzia.

– Essa sua nova versão da história – disse MacPhee – é um pouquinho carente de documentação.

– Mas ela dispõe de bastante documentação – disse Dimble com um sorriso. – Só que você não conhece a língua em que tais documentos foram escritos. Quando a história destes últimos poucos meses vier a ser escrita na *sua* língua, publicada e ensinada nas escolas, não haverá menção alguma a vocês nem a mim, nem a Merlin, ao Líder Supremo nem aos planetas. E, no entanto, nestes meses a Britânia empreendeu uma rebelião perigosíssima contra Logres, tendo sido derrotada só no último instante.

– É mesmo – disse MacPhee –, e ela poderia ser história fiel aos fatos sem mencionar você, eu ou a maioria dos presentes. Eu agradeceria enormemente se qualquer um me dissesse o que nós *fizemos*... sempre sem falar em alimentar os porcos e cultivar alguns legumes muito razoáveis.

– Vocês fizeram o que lhes foi pedido – disse o diretor. – Vocês obedeceram e esperaram. Muitas vezes acontecerá assim. Como um dos autores modernos nos disse, com frequência o altar precisa ser construído num lugar para que o fogo dos céus desça em outro local. Mas não tirem conclusões precipitadas. Vocês podem ter muito trabalho a fazer antes que se passe um mês. A Britânia perdeu

uma batalha, mas ela vai se reerguer.

– Quer dizer que isso, por enquanto, é a Inglaterra – disse Mamãe Dimble. – Só essa oscilação constante entre Logres e Britânia?

– É – respondeu seu marido. – Não dá para você sentir? A própria qualidade da Inglaterra. Se temos uma cabeça de asno, é porque andamos num bosque encantado. Ouvimos alguma coisa melhor do que o que podemos fazer, mas não conseguimos esquecê-la totalmente. Vocês não veem isso em tudo o que é inglês? Uma espécie de graça desajeitada, uma incompletude humilde, bem-humorada? Como Sam Weller estava certo quando chamou o senhor Pickwick de anjo de polainas! Tudo aqui ou é melhor ou é pior do que...

– Dimble! – disse Ransom. Dimble, cujo tom tinha se tornado um pouco veemente, parou e olhou na direção de Ransom. Ele hesitou e (como pareceu a Jane) quase enrubescou antes de recomençar.

– Tem razão – disse ele, com um sorriso. – Eu estava me esquecendo daquilo que você me avisou para sempre ter em mente. Essa perseguição não é uma peculiaridade nossa. Todos os povos têm seu perseguidor. Não há um privilégio especial para a Inglaterra... nada de papo-furado sobre uma nação escolhida. Nós falamos de Logres porque essa é a nossa perseguição, a que conhecemos.

– Mas esse – disse MacPhee – me parece um jeito cheio de rodeios de dizer que há homens bons e homens maus por toda parte.

– Não é de modo algum um jeito de dizer isso – respondeu Dimble. – Veja, MacPhee, quando se está pensando simplesmente em bondade no plano abstrato, logo se chega à ideia fatal de alguma coisa padronizada... algum tipo de vida comum na direção do qual todas as nações deveriam avançar. É claro que existem normas universais com as quais toda a bondade precisa estar em conformidade. Mas isso é só a gramática da virtude. Não é ali que se encontra a seiva. Ele não faz duas folhas de capim iguais. Muito menos dois santos, duas nações, dois anjos. Todo o trabalho de curar Tellus depende de nutrir essa pequena centelha, de incorporar esse espírito, que ainda está vivo em cada povo de verdade e que é diferente em cada um. Quando Logres realmente dominar Britânia, quando a deusa Razão, a clareza divina, realmente for entronizada na França, quando a ordem do Céu for de fato seguida na China, ora, então será a primavera. Mas, entretentes, nossa preocupação é com Logres. Nós derrubamos Britânia agora, mas quem sabe quanto tempo vamos conseguir mantê-la dominada? Edgestow não se recuperará do que está lhe acontecendo nesta noite. Porém, haverá outras Edgestows.



– Eu queria fazer uma pergunta a respeito de Edgestow – disse Mamãe Dimble. – Merlin e os *eldila* não estão sendo um pouco... bem, *indiscriminados*? Será que Edgestow *inteira* merecia ser arrasada?

– Você está lamentando a perda de quem? – disse MacPhee. – Da administração municipal corrupta, que teria vendido as próprias esposas e filhas para trazer o Inec para Edgestow?

– Bem, não sei muita coisa a respeito deles – disse ela. – Mas me refiro à universidade. Até mesmo Bracton. É claro que todos nós sabíamos que era uma faculdade horrível. Mas eles realmente pretendiam fazer assim tanto mal com todas as suas intrigas nervosinhas? Não era mais *tolice* do que qualquer outra coisa?

– Tem razão – disse MacPhee. – Eles estavam só brincando. Gatinhos fingindo-se de tigres. Contudo, havia um tigre de verdade à solta, e sua brincadeira terminou quando o deixaram entrar. Eles não têm direito de se queixar se, quando o caçador estiver atrás do tigre, eles acabarem com um pouco de chumbo nas entranhas também. Vai ser bom para aprenderem a não andar em más companhias.

– Pois é, então, e os pesquisadores de outras faculdades? E o que dizer de Northumberland e Duke?

– Eu sei – disse Denniston. – Sente-se pena de um homem como Churchwood. Eu o conheci bem; ele era uma simpatia. Todas as palestras dele eram dedicadas a provar a impossibilidade da ética, se bem que na vida particular ele tivesse andado dez quilômetros para não deixar de pagar uma dívida de centavos. Mas mesmo assim... havia uma única doutrina posta em prática em Belbury que não tivesse sido pregada por algum palestrante em Edgestow? Ah, é claro, eles nunca acharam que alguém fosse *agir* segundo suas teorias! Ninguém ficou mais assustado que eles quando aquilo de que vinham falando havia anos de repente se tornou realidade. Mas era sua própria cria voltando a eles: crescida e irreconhecível, porém sua própria cria.

– Receio que seja tudo verdade, meu caro – disse Dimble. – *Traição dos intelectuais*. Nenhum de nós é totalmente inocente.

– Isso é bobagem, Cecil – disse a senhora Dimble.

– Vocês estão todos se esquecendo – disse Grace – de que praticamente todos, com exceção dos muito bons (que já estavam na hora de uma justa dispensa) e os muito maus, já tinham saído de Edgestow. Mas concordo com Arthur. Os que se esqueceram de Logres acabam engolidos por Britânia. Os que clamam pelo

Absurdo descobrirão que ele virá.

Nesse instante, ela foi interrompida. Ouvia-se um barulho de garras e gemidos à porta.

– Abra a porta, Arthur – disse Ransom. Passado um instante, todos os que estavam ali se puseram de pé, com exclamações de boas-vindas, pois o recém-chegado era o senhor Bultitude.

– Ah, *nunca vi nada igual* – disse Ivy. – O coitadinho! E todo cheio de neve, também. Vou levá-lo à cozinha para lhe arrumar alguma coisa para comer. Por onde você andou, seu moleque? Hein? Olhe só o estado em que você está.



Pela terceira vez em dez minutos, o trem deu um solavanco e parou de chofre. Dessa vez o choque apagou todas as luzes.

– Isso realmente está começando a passar da conta – disse uma voz na escuridão. Os outros quatro passageiros no compartimento de primeira classe a reconheceram como a voz do homem parrudo, bem-educado, de terno marrom; o homem bem informado que, em estágios iniciais da viagem, tinha ensinado a todos os outros onde deveriam fazer baldeação e por que agora se chegava a Sterk sem passar por Stratford; e quem era que realmente controlava a ferrovia.

– Isso é grave para mim – disse a mesma voz – A esta altura, eu já deveria estar em Edgestow. – Ele se levantou, abriu a janela e olhou firme para a escuridão. Logo, um dos outros passageiros reclamou do frio. Ele fechou a janela e se sentou.

– Já estamos aqui há dez minutos – disse ele, depois de algum tempo.

– Desculpe. Há doze – disse outro passageiro.

Ainda assim o trem não se mexia. O barulho da briga entre dois homens num compartimento vizinho tornou-se audível.

E então voltou o silêncio.

De repente, um tranco fez que todos se chocassem na escuridão. Era como se o trem, seguindo a toda a velocidade, tivesse sido freado de qualquer jeito.

– Que diabo foi isso? – disse um deles.

– Abram as portas.

– Será que houve uma colisão?

– Está tudo bem – disse o homem bem informado, em voz alta e calma. – Estão engatando outra locomotiva. E engatando mal. São todos esses maquinistas novos que acabaram de ser admitidos.

– Atenção! – disse alguém. – Estamos nos movimentando.

Devagar e aos grunhidos, o trem começou a avançar.

– Está demorando para ganhar velocidade – disse outro.

– Ora, vocês vão ver como ele começa a compensar o tempo perdido num minuto – disse o homem bem informado.

– Quem dera eles acendessem as luzes de novo – disse a voz de uma mulher.

– Nós *não* estamos ganhando velocidade – disse outra.

– Estamos é perdendo. Droga! Estamos parando de novo?

– Não. Ainda estamos avançando... Ai! – Mais uma vez um choque violento os atingiu. Foi pior que o anterior. Por quase um minuto, tudo pareceu balançar e chocalhar.

– Isso é um absurdo – exclamou o homem bem informado, abrindo a janela novamente. Dessa vez, ele teve mais sorte. Um vulto escuro portando uma lanterna passava por ali, abaixo dele.

– Ei! Cabineiro! Guarda! – berrou ele.

– Está tudo bem, senhoras e senhores, tudo bem. Mantenham-se em seus lugares – gritou o vulto escuro, continuando em marcha e não fazendo caso dele.

– De nada adianta deixar entrar todo esse ar frio, senhor – disse o passageiro próximo da janela.

– Há algum tipo de luz mais adiante – disse o homem bem informado.

– Um sinal vermelho? – perguntou outro passageiro.

– Não. Não é nem um pouco como um sinal. O céu inteiro está iluminado. Como um incêndio, ou holofotes.

– Não me importo como seja – disse o homem que sentia frio. – Se ao menos... ui!

Mais um choque. E então, ao longe no escuro, ruídos de desastre, indefiníveis. O trem começou a se movimentar de novo, ainda muito devagar, como se estivesse sondando o caminho.

– Vou fazer um escândalo por conta disso – disse o homem bem informado. – É uma vergonha.

Cerca de meia hora depois, a plataforma iluminada de Sterk foi surgindo lentamente ao longo do trem.

– Aviso do Responsável pela Estação – disse uma voz – Queiram manter-se sentados para um importante comunicado. Um leve terremoto e inundações impossibilitam a passagem pela linha até Edgestow. Nenhum detalhe disponível. Aos passageiros para Edgestow, recomenda-se que...

O homem bem informado, que era Curry, saltou do trem. Um homem como ele sempre conhece as autoridades numa via férrea; e dentro de alguns minutos ele estava em pé junto ao fogo no escritório do condutor, recebendo um relatório mais detalhado e mais particular do desastre.

– Bem, ainda não sabemos exatamente, senhor Curry – disse o homem. – Há mais ou menos uma hora que não chega nada de lá. A situação é péssima, sabe? Estão tentando apresentá-la sob a luz mais favorável possível. Nunca houve um terremoto como esse na Inglaterra, pelo que pude ouvir. E ainda por cima vieram as inundações. Não, senhor. Lamento dizer que não encontrará nada da Faculdade de Bracton. Toda aquela parte da cidade ruiu quase de imediato. Pelo que eu soube, tudo começou lá. Não tenho informação do número de vítimas. Estou feliz por ter tirado meu pai de lá na semana passada.

Em anos posteriores Curry sempre considerou esse um dos pontos críticos da sua vida. Até aquele momento, ele não tinha sido um homem religioso. Mas a palavra que lhe ocorreu instantaneamente naquele momento foi “providencial”. Não se podia encarar aquilo de nenhuma outra forma. Por um triz ele não tinha apanhado o trem anterior. E se tivesse... ora, àquela altura seria um homem morto. Dava no que pensar. A faculdade inteira arrasada! Teria de ser reconstruída. Haveria toda (ou quase toda) uma nova equipe de pesquisadores, um novo diretor. Era mais uma vez providencial que alguma pessoa responsável tivesse sido poupada para lidar com uma crise de tamanhas proporções. Naturalmente não poderia haver uma eleição normal. O supervisor da faculdade (que era o presidente da Câmara dos Lordes) provavelmente teria de indicar um novo diretor e então, em colaboração com ele, um núcleo de novos bolsistas pesquisadores. Quanto mais pensava nisso, com maior plenitude Curry percebia que toda a formação da futura faculdade cabia ao único sobrevivente. Era quase como ser o segundo fundador. Providencial... providencial. Na imaginação ele já via o retrato pintado do segundo fundador no salão recém-construído, sua estátua no quadrilátero recém-construído, o longo, longo capítulo consagrado a ele na história da faculdade. Todo esse tempo, sem a menor hipocrisia, o hábito e o instinto tinham conferido a seus ombros aquele desânimo exato, a seus olhos uma severidade tão solene, a sua frente uma seriedade tão nobre, como a que se poderia esperar que um homem de bons sentimentos demonstrasse ao ouvir uma

notícia daquela natureza. O condutor ficou imensamente impressionado. “Dava para ver como o golpe o atingiu”, como ele disse mais tarde. “Mas ele pôde aguentar. É um velhote legal.”

– Quando sai o próximo trem para Londres? – perguntou Curry. – Preciso estar lá bem cedo amanhã de manhã.



Ivy Maggs, como há de ser lembrado, tinha saído da sala de jantar para cuidar de atender ao senhor Bultitude. Foi uma surpresa para todos quando ela voltou em menos de um minuto, com uma expressão descontrolada.

– Ai, alguém venha depressa. Depressa! – disse ela, ofegante. – Tem um urso na cozinha.

– Um urso, Ivy? – disse o diretor. – Mas é claro...

– Ora, não estou falando do senhor Bultitude, senhor. Tem um urso desconhecido. Outro urso.

– É mesmo?

– E ele devorou tudo o que sobrou do ganso, metade do presunto e toda a coalhada. E agora está deitado ao longo da mesa, comendo tudo à medida que avança e se contorcendo de um prato para o outro e quebrando toda a louça. Ai, venham depressa! Não vai sobrar nada.

– E que atitude o senhor Bultitude está adotando diante de tudo isso, Ivy? – perguntou Ransom.

– Bem, é isso o que eu quero que alguém venha ver. Ele está se comportando de uma forma medonha, senhor. Nunca vi nada igual. Pra começar, ele ficou em pé erguendo as pernas de um jeito esquisito, como se achasse que estava dançando, o que todos nós sabemos que ele não consegue fazer. Mas agora ele subiu no aparador com as pernas traseiras e ali está saltitando, fazendo um barulho horroroso, como um guincho, e já enfiou o pé no pudim de ameixas e enredou a cabeça na réstia de cebolas; e eu não consigo fazer *nada* com ele, realmente não consigo.

– É um comportamento muito esquisito para o senhor Bultitude. Minha cara, você não imagina que o desconhecido possa ser *uma ursa*?

– Ai, não diga uma coisa dessas, senhor! – exclamou Ivy, com enorme consternação.

– Acho que é a verdade, Ivy. Tenho fortes suspeitas de que essa seja a futura senhora Bultitude.

– Será a atual senhora Bultitude se ficarmos aqui sentados falando a respeito muito mais tempo – disse MacPhee, pondo-se em pé.

– Ai, meu Deus, o que vamos fazer? – perguntou Ivy.

– Tenho certeza de que o senhor Bultitude está perfeitamente apto para lidar com a situação – respondeu o diretor. – No momento, a dama está fazendo um lanche. *Sine Cerere et Baccho*<sup>16</sup>, Dimble. Podemos confiar em que eles cuidem dos seus assuntos.

– Sem dúvida, sem dúvida – disse MacPhee. – Mas não na nossa cozinha.

– Ivy, minha cara – disse Ransom. – Você precisa ter muita firmeza. Entre na cozinha e diga à urso desconhecida que quero vê-la. Você não estaria com medo, certo?

– Medo? Eu não. Vou mostrar para ela quem é o diretor aqui. Não que ela já não saiba.

– Qual é o problema com essa gralha? – perguntou o doutor Dimble.

– Acho que está tentando sair – disse Denniston. – Devo abrir a janela?

– Está quente o suficiente para ficar com a janela aberta, de qualquer maneira – disse o diretor. E, quando a janela foi aberta, Baron Corvo saiu com um salto e ouviram-se uns sons confusos e um crocitar ali fora.

– Mais um caso de amor – disse a senhora Dimble. – Parece que ele encontrou sua cara-metade... Que noite deliciosa! – acrescentou ela. Pois, quando a cortina se inflou e se ergueu por sobre a janela aberta, todo o frescor de uma noite de início de verão pareceu entrar soprando pela sala. Naquele momento, de um ponto um pouco mais distante, veio um som de relinchos.

– Ei! – exclamou Denniston – A velha égua também está animada.

– Psiu! Escutem! – disse Jane.

– Esse é um cavalo diferente – observou Denniston.

– É um garanhão – disse Camilla.

– Isso – disse MacPhee, com forte ênfase – está se tornando indecente.

– Pelo contrário – retrucou Ransom –, é decente, no sentido antigo. *Decens*, adequado, é exatamente o que é. A Vênus está por aqui em St. Anne's.

– “Ela se aproxima mais da Terra do que de costume” – citou Dimble – “para enlouquecer os homens.”

– Ela está mais perto do que qualquer astrônomo imagina – disse Ransom. – O trabalho está completo em Edgestow; os outros deuses se retiraram. Ela espera imóvel e, quando retornar para sua esfera, eu seguirei com ela.

De repente, na penumbra, um grito agudo da senhora Dimble.

– Cuidado! Cuidado! Cecil! Sinto muito. Não suporto morcegos. Eles vão entrar no meu cabelo! – *Piiiu, piiiu* vinham as vozes dos dois morcegos enquanto esvoaçavam de um lado para outro acima das velas. Por causa das sombras, pareciam ser quatro em vez de dois.

– Seria melhor você ir, Margaret – disse o diretor. – Seria melhor você e Cecil irem juntos. Logo, logo, vou partir. Não há necessidade de longas despedidas.

– Eu realmente acho que devo ir – disse Mamãe Dimble. – Não suporto morcegos.

– Tranquelize Margaret, Cecil – disse Ransom. – Não. Não fique. Não estou morrendo. Acompanhar a partida de alguém é sempre tolice. Não dá nem uma boa alegria nem uma boa tristeza.

– Então o senhor quer que nos retiremos? – perguntou Dimble.

– Sim, meus caros amigos. *Urendi Maleldil*.

Ele pôs as mãos na cabeça dos dois. Cecil deu o braço à mulher, e eles se foram.

– Aqui está ela, senhor – disse Ivy Maggs, voltando a entrar na sala um instante depois, alvoroçada e radiante. Um urso vinha bamboleando ao seu lado, com o focinho branco de coalhada, e as bochechas grudentas de geleia de groselha. – E... senhor... – acrescentou ela.

– Que foi, Ivy? – perguntou o diretor.

– Por favor, senhor, é o coitado do Tom. Meu marido. E se o senhor não se importar...

– Você já lhe deu do que comer e beber, espero.

– Bem, sim, dei. Não teria sobrado nada, se aqueles ursos tivessem ficado lá muito mais.

– O que Tom comeu, Ivy?

– Dei para ele a torta fria e picles (ele sempre adorou picles) com o fim do queijo e uma garrafa de cerveja preta. E pus uma chaleira no fogo para nós podermos fazer... para ele poder fazer uma boa xícara de chá. E ele está gostando tanto, senhor. E mandou perguntar se o senhor se incomodaria se ele não subisse aqui para cumprimentá-lo, porque nunca foi de gostar de reuniões, se

o senhor me entende.

Esse tempo todo o urso desconhecido tinha ficado parado, totalmente imóvel, com os olhos fixos no diretor, que agora punha a mão na cabeça chata.

– *Urendi Maleldil* – disse ele. – Você é uma boa urso. Vá procurar seu parceiro... Mas aqui está ele... – Naquele momento a porta, que já estava entreaberta, foi aberta ainda mais para dar passagem à cara curiosa e ligeiramente ansiosa do senhor Bultitude. – Fique com ela, Bultitude. Mas não na casa. Jane, abra a outra janela, a janela à francesa. Parece uma noite de julho. – A janela se escancarou, e os dois ursos saíram atabalhoados para o calor e a umidade. Todos perceberam como a noite estava clara.

– Será que esses pássaros enlouqueceram, para começarem a cantar quinze minutos antes da meia-noite? – perguntou MacPhee.

– Não – disse Ransom. – Eles estão lúcidos. Agora, Ivy, você quer ir conversar com Tom. Mamãe Dimble preparou para vocês dois o pequeno quarto entre um andar e outro, na escada. No final, vocês não vão ficar no pavilhão.

– Ah, senhor – disse Ivy e parou. O diretor inclinou-se para a frente e pôs a mão na cabeça dela.

– É claro que você quer ir – disse ele. – Ora, ele mal teve tempo de vê-la no seu vestido novo. Você não tem beijos para lhe dar? – disse ele, dando-lhe um beijo. – Então dê-lhe os meus, que não são meus, mas por derivação. Não chore. Você é uma boa mulher. Vá curar esse homem. *Urendi Maleldil*... vamos nos encontrar outra vez.

– Que são todos esses ganidos e guinchos? – perguntou MacPhee. – Espero que os porcos não tenham se soltado. Pois eu lhe digo que o rebuliço nesta casa e no jardim já chegou ao limite do que eu posso suportar.

– Acho que são porcos-espinhos – disse Grace Ironwood.

– Esse último som foi em algum lugar na casa – disse Jane.

– Escutem! – disse o diretor, e por um curto período todos ficaram em silêncio. Então, seu rosto se relaxou num sorriso. – São meus amigos por trás dos lambris – disse ele. – Está havendo farra lá também.

*So geht es in Snützepützhäusel*

*Da singen und tanzen die Mäuse!*<sup>17</sup>

– Suponho – disse MacPhee, secamente, tirando o estojo de rapé de dentro das vestes cinzentas e ligeiramente monásticas que os outros decidiram, contra



sua própria vontade, que ele usaria. – Suponho que possamos nos considerar felizes por nenhuma girafa, hipopótamo, elefante ou animal semelhante achar por bem... Deus todo-poderoso, o que é isso? – Pois, enquanto ele falava um longo tubo cinza, flexível, entrou entre as cortinas ondulantes e, passando por cima do ombro de MacPhee, se serviu de uma penca de bananas.

– Com mil demônios, de onde estão vindo todas essas feras? – perguntou ele.

– Esses são os prisioneiros libertados de Belbury – disse o diretor. – Ela se aproxima mais da Terra do que de costume... para dar lucidez à Terra. Perelandra está em toda a nossa volta, e o Homem já não se encontra isolado. Estamos agora como deveríamos estar... entre os anjos, que são nossos irmãos mais velhos, e os animais, que são nossos bobos da corte, nossos servos e nossos companheiros de folgedos.

Não importa o que MacPhee estava tentando dizer em resposta, ele foi abafado por um barulho ensurdecedor do lado de fora da janela.

– Elefantes! Dois deles – disse Jane, com a voz fraca. – Ai! O aipo! E os canteiros de rosas!

– Com sua permissão, senhor diretor – disse MacPhee, em tom severo. – Vou só fechar as cortinas. O senhor parece estar esquecido de que há senhoras aqui.

– Não – disse Grace Ironwood, numa voz tão forte quanto a dele. – Não haverá nada de impróprio para se ver. Abra mais as cortinas. Como está claro! Mais claro que o luar; quase mais claro que o dia. Uma enorme cúpula de luz para acima do jardim inteiro. Olhem! Os elefantes estão dançando. Como levantam alto as patas! E dão voltas e mais voltas. E vejam como erguem as trombas! E como são cerimoniosos. É como um minueto de gigantes. Eles não são como os outros animais. São uma espécie de espíritos do bem.

– Eles estão indo embora – disse Camilla.

– Eles gostam de privacidade, como os amantes humanos – disse o diretor. – Não são animais comuns.

– Acho – disse MacPhee – que vou me retirar para meu escritório e fazer alguns cálculos. Eu me sentiria mais tranquilo se estivesse entre quatro paredes com a porta trancada, antes que qualquer crocodilo ou canguru comece a namorar no meio dos meus arquivos. Seria melhor que um homem nesta casa mantivesse a cabeça no lugar nesta noite, pois vocês todos estão doidos de pedra. Boa noite, senhoras.

– Adeus, MacPhee – disse Ransom.

– Não, não – disse MacPhee, parando bem de longe, mas estendendo a mão.

– Não quero saber das suas bênçãos. Se algum dia eu adotar uma religião, não será do seu tipo. Meu tio foi moderador da Assembleia Geral. Mas eu lhe ofereço minha mão. O que você e eu vimos juntos... mas não importa. E eu lhe digo o seguinte, doutor Ransom, que com todos os seus defeitos (e não existe homem vivo que os conheça melhor do que eu), você é o melhor homem, no todo, que eu cheguei a conhecer ou de quem ouvi falar. Você é... você e eu... mas lá estão as senhoras chorando. Não sei ao certo o que ia dizer. Vou embora neste instante. Por que alguém haveria de querer estender uma despedida? Deus o abençoe, doutor Ransom. Senhoras, desejo-lhes boa noite.

– Abram todas as janelas – disse Ransom. – A nave na qual devo seguir está agora quase na atmosfera deste mundo.

– Está ficando cada vez mais claro – disse Denniston.

– Podemos ficar com o senhor até o fim? – perguntou Jane.

– Menina – disse o diretor –, você não deveria ficar até essa hora.

– Por que, senhor?

– Estão esperando por você.

– Por mim, senhor?

– Sim. Seu marido está à sua espera no pavilhão. Foi seu próprio quarto nupcial que você arrumou. Você não deveria ir vê-lo?

– Devo ir *agora*?

– Se você deixa a decisão comigo, é agora que eu a enviaria.

– Então, eu vou, senhor. Mas... mas... eu sou um urso ou um porco-espinho?

– Mais. Mas não menos. Vá em obediência, e encontrará o amor. Você não terá mais sonhos. Tenha filhos em vez disso. *Urendi Maleldil.*



Muito antes de chegar a St. Anne's, Mark percebeu que ou ele mesmo ou o mundo ao redor estava numa condição muito estranha. A viagem demorou mais do que ele calculara, mas talvez isso se devesse a um erro ou dois que ele cometeu. Muito mais difícil de explicar era o horror de luz para o lado do oeste, acima de Edgestow, bem como as pulsações e os solavancos da Terra. Depois vieram um calor repentino e os caudais de neve derretida descendo pela encosta. Tudo se tornou uma névoa; e então, à medida que as luzes no oeste desapareceram, essa névoa foi ficando delicadamente luminosa num lugar

diferente – acima de onde ele estava, como se a luz pairasse sobre St. Anne's. E o tempo todo ele tinha a impressão estranha de que criaturas de formas e tamanhos muito variados passavam deslizando por ele, no nevoeiro: animais, acreditou ele. Talvez tudo fosse um sonho; ou talvez fosse o fim do mundo; ou talvez ele tivesse morrido. Entretanto, apesar de todas as perplexidades, ele estava consciente de um extremo bem-estar. Sua mente estava inquieta, e quanto ao seu corpo – saúde, juventude, prazer e anseios pareciam estar sendo soprados na direção dele a partir da luz nebulosa sobre o monte. Ele nunca duvidou de que devia prosseguir.

Sua mente não estava tranquila. Ele sabia que ia se encontrar com Jane, e alguma coisa estava começando a acontecer com ele que deveria ter acontecido muito antes. Aquela mesma atitude de laboratório diante do amor que tinha impedido em Jane a humildade de uma esposa, tinha impedido nele, durante o que passou por namoro, a humildade de um amante. Ou se alguma vez tivesse surgido nele em algum momento mais sábio a sensação de “Beleza preciosa demais para ser usada, cara demais para a terra!”, ele a afastara de si. Falsas teorias, ao mesmo tempo prosaicas e fantasiosas, tinham feito que essa disposição de espírito lhe parecesse embolorada, pouco realista e ultrapassada. Agora, tardiamente, depois de terem sido concedidos todos os favores, a desconfiança inesperada vinha se abater sobre ele. Ele tentou livrar-se dela. Eram casados, não eram? Eram pessoas modernas, sensatas? O que poderia ser mais natural, mais comum?

No entanto, certos momentos de fracasso inesquecível na sua curta vida de casados surgiram na sua imaginação. Já tinha pensado bastante no que ele próprio chamava de “humores” de Jane. Dessa vez, por fim, pensou no próprio jeito inconveniente e desastrado. E o pensamento não quis ir embora. Bem aos poucos, foi revelado à sua inspeção relutante todo o pateta, palhaço e grosseirão que havia nele; o macho tosco e mal-educado, de mãos calejadas, botas rústicas e queixo carnudo – não se precipitando a entrar... pois isso até pode ser aceitável –, mas entrando atabalhoadamente, despreocupado, violento, ali onde grandes amantes, cavaleiros e poetas teriam temido pisar. Pairou diante dele uma imagem da pele de Jane, tão lisa, tão branca (ou era assim que ele agora a imaginava) que o beijo de uma criança poderia ter deixado nela uma marca. Como ele tinha ousado? Sua pureza de neve, sua música, sua sacra inviolabilidade, o estilo de todos os seus movimentos... Como ele tinha ousado? E ainda por cima ousado, sem nenhuma noção da ousadia, com indiferença, numa estupidéz descuidada! Os pensamentos que passavam pelo rosto de Jane de um

momento para o outro, todos eles fora do seu alcance, criavam em torno dela uma sebe (quem dera ele tivesse tido a presença de espírito para enxergá-la), uma sebe pela qual ele jamais deveria ter cometido a temeridade de passar. Sim, sim, é claro, era ela que tinha permitido a sua passagem. Talvez por uma pena equivocada, infeliz. E ele, como um canalha, tirara vantagem daquele erro nobre de avaliação por parte dela; se comportara como se tivesse nascido naquele jardim cercado e fosse até mesmo seu proprietário natural.

Tudo isso, que deveria ter sido uma alegria constrangida, era um tormento para ele, por chegar tarde demais. Ele estava descobrindo a sebe depois de ter colhido a rosa; e não apenas colhido, mas depois de tê-la destrocado e esmagado com dedos quentes, vorazes, grossos como polegares. Como tinha ousado? E quem que compreendesse poderia perdooá-lo? Ele agora sabia como devia se apresentar aos olhos dos amigos e pares dela. Vendo essa imagem, sentiu um calor subir à sua testa, sozinho ali na névoa.

A palavra *senhora* não fazia parte do seu vocabulário, exceto como pura formalidade ou zombaria. Ele tinha rido antes da hora.

Bem, ele a libertaria. Ela ficaria feliz de se ver livre dele. Feliz e com razão. Ele quase teria se sentido chocado se tivesse pensado de outro modo. Senhoras em alguma sala nobre e espaçosa, conversando juntas em sereno refinamento, fosse com circunspeção delicada, fosse com riso cristalino – como poderiam elas *não* se sentir felizes com a saída do intruso? A criatura de voz forte e poucas palavras, só patas e botas, cujo verdadeiro lugar era a estrebaria. O que ele haveria de fazer numa sala daquelas, onde sua admiração poderia significar apenas um insulto, seus melhores esforços para ser sério ou jovial poderiam apenas revelar um mal-entendido intransponível? O que ele tinha chamado de frieza dela agora parecia ser sua paciência. E a lembrança disso ainda ardia. Pois ele agora a amava. Mas tudo estava estragado: era tarde demais para corrigir a situação.

De repente, a luz difusa clareou e se avermelhou. Ele olhou para o alto e viu uma senhora imponente, em pé junto de um portal num muro. Não era Jane, nem parecida com Jane. Era maior, quase gigantesca. Não era humana, embora fosse semelhante a uma mulher divinamente alta, em parte nua, em parte envolta em vestes da cor do fogo. A luz emanava dela. O rosto era enigmático, impiedoso, pensou ele, desumanamente belo. Ela estava abrindo a porta para ele. Ele não ousou desobedecer (“Sem dúvida”, pensou, “devo ter morrido”) e entrou. Descobriu-se num lugar de cheiros agradáveis, lareira acesa, com comida, vinho e uma cama acolhedora.



E Jane saiu da casa principal com o beijo do diretor nos lábios e as palavras dele nos ouvidos, entrou na luz fluida e no calor sobrenatural do jardim, atravessou o gramado molhado (havia pássaros por toda parte) e passou pela gangorra, pela estufa e pelas pocilgas, descendo o tempo todo até o pavilhão, descendo a escada da humildade. Pensou primeiro no diretor; depois, em Maleldil. Pensou então na obediência, e a colocação de um pé diante do outro tornou-se uma espécie de cerimônia de sacrifício. E ela pensou em filhos, e em dor e em morte. E já estava a meio caminho do pavilhão; e pensou em Mark e em todo o sofrimento dele. Quando lá chegou, ficou surpresa ao encontrá-lo todo escuro, com a porta fechada. Quando parou diante da porta com uma mão na maçaneta, ocorreu-lhe um novo pensamento. E se Mark não a quisesse... não naquela noite, nem daquela forma, nem em nenhuma outra hora, nem de nenhuma outra forma? E se Mark não estivesse lá? Uma enorme lacuna – de alívio ou de decepção, ninguém saberia dizer – abriu-se na sua mente com essa ideia. Mesmo assim, ela não mexeu no trinco. Foi então que se deu conta de que a janela, a janela do quarto, estava aberta. Havia roupas empilhadas numa cadeira dentro do aposento, de modo tão descuidado que tombavam pelo peitoril. A manga de uma camisa, camisa de Mark, chegava a cair pelo lado externo da parede do quarto. E ainda por cima com toda aquela umidade. Típico de Mark! Obviamente já estava mais que na hora de ela entrar.

## Notas

- 1 Trad. bras., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2005.
- 2 C. S. Lewis conhecia a obra de Tolkien possivelmente apenas por ouvi-la durante as reuniões do grupo do qual participavam. Daí, talvez a grafia errada para Númenor. (N. da T.)
- 3 Ambos publicados pela WMF Martins Fontes.
- 4 *Non-Olet* significa “não tem cheiro”. A frase em latim é *Pecunia non-olet*, atribuída ao imperador romano Vespasiano em referência ao valor proveniente de tarifas cobradas em sanitários públicos. (N. da T.)
- 5 Literalmente, “experiência da cruz”. Trata-se de uma expressão, de uso frequente no meio científico, para designar uma experiência que demonstra cabalmente a legitimidade de determinada hipótese ou teoria. (N. do E.)
- 6 Mestre Merlin, mais sábio dos bretões, possuidor dos segredos, é com indizível prazer que abraçamos a oportunidade de... ah... acolhê-lo em nossa casa. Entenda que nós também não somos desconhecedores da Grande Arte, e, se me permite dizê-lo...
- 7 Ah... hum... senhor, nada estaria mais distante do meu desejo que incomodá-lo. Ao mesmo tempo, se me permite...
- 8 Para. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, dize-me quem és e por que vieste.
- 9 Do latim, fustigador. (N. do E.)
- 10 Do latim, delicados, afeminados, apreciadores de volúpias. (N. do E.)
- 11 Títulos de uma coletânea de textos em latim medieval, organizada por monges irlandeses. Traduzindo, *Poemas ocidentais ou Falas ocidentais*. (N. do E.)
- 12 Do latim, digno de ser crucificado. (N. do E.)
- 13 Do latim, cortador de bolsas. (N. do E.)

- 14 “Com sua permissão,” ou “se me permite”.
- 15 Aqueles que desprezaram a palavra de Deus, deles também será tirada a palavra dos homens.
- 16 Sem Ceres e Baco. (N. da T.)
- 17 Versos de uma canção popular alemã do final do século XVIII, que descreve uma casa “maluca”, em que mesas e bancos se embriagam, bois chocam ovos de cegonha no telhado, caramujos latem e ratinhos cantam e dançam. A tradução literal do trecho para o português é: *É assim que as coisas são na casa do Schnützepützel / Nela, os ratinhos cantam e dançam.* (N. da T.)

*Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título*

*THAT HIDEOUS STRENGTH*

*por HarperCollins Publishers*

*Copyright © C. S. Lewis, Pte Ltd 1945*

*Publicado sob licença de CS Lewis Company Ltd.*

*Todos os direitos reservados. Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, armazenado em sistemas eletrônicos recuperáveis nem transmitido por nenhuma forma ou meio eletrônico, mecânico ou outros, sem a prévia autorização por escrito do Editor.*

*Copyright © 2012, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,*

*São Paulo, para a presente edição.*

**1ª edição 2012**

**Tradução**

*Waldéa Barcellos*

**Acompanhamento editorial**

*Márcia Leme*

**Preparação do original**

*Cláudia Cantarin*

**Revisões gráficas**

*Ornella Miguellone Martins*

*Leticia Braun*

**Edição de arte**

*Katia Harumi Terasaka*

**Produção gráfica**

*Geraldo Alves*

**Arquivo ePub**

*Simplíssimo Livros*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Lewis, C. S., 1898-1963.

Uma força medonha [livro eletrônico] : um conto de fadas moderno para adultos / C. S. Lewis ; tradução de Waldéa Barcellos. -- São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013. -- (Coleção trilogia cósmica)  
5,10 Mb ; ePub



Título original: That hideous strength.

ISBN 978-85-7827-758-1

1. Literatura infantojuvenil I. Título. II. Série.

13-11194

CDD-  
028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

*Todos os direitos desta edição reservados à*

***Editora WMF Martins Fontes Ltda.***

*Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325.030 São Paulo SP Brasil*

*Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042*

*e-mail: [info@wmfmartinsfontes.com.br](mailto:info@wmfmartinsfontes.com.br) <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>*